

Katherine Neville

O ENIGMA DO



Rain

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O thriller épico de Katherine Neville, que inaugurou um gênero e fascinou leitores durante vinte anos, agora sai pela Rocco. Para ler de um fôlego só até o xeque-mate.

O ENIGMA DO OITO

1790 No auge da Revolução Francesa, a abadessa de Montglane entrega a duas ingênuas noviças uma missão: proteger o lendário xadrez de Carlos Magno. O tabuleiro, que permaneceu escondido durante séculos na abadia, esconde uma fórmula alquímica milenar de grande poder. Para evitar que o segredo caia em mãos erradas, as jovens Mireille e Valentine entregam a vida à tarefa de espalhar as preciosas peças pelo mundo. 1972. A especialista em informática Cat Velis é enviada à Argélia a trabalho, mas o destino, traçado nas linhas de sua mão, a envolve misteriosamente na busca pelas peças do antigo jogo. Tal como as noviças dois séculos antes, ela terá de enfrentar tentações, adversários com jogadas inesperadas, conspirações, mistérios e assassinatos — tudo para ganhar a partida e decifrar o código da imortalidade. Cruzando eventos históricos e três continentes, O enigma do oito é uma intrincada trama de personagens apaixonantes, que se movem, dissimuladas e surpreendentes, como peões num tabuleiro. Napoleão, Robespierre, mercadores judeus, mestres russos do xadrez e cientistas modernos estão interligados neste romance de suspense e magia, no qual cada reviravolta é uma jogada de mestre.

O ENIGMA DO OITO

Katherine Neville

Tradução de Elizabeth e Djalmir Mello
Título original THE EIGHT

Esta é uma obra de ficção. Nomes, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia.

Copyright 1988 by Katherine Neville Todos os direitos reservados.

Agradecimentos são feitos à Harcourt Brace Jovanovich, Inc., pela autorização de reproduzir excerto de "The Wasteland" proveniente de Collected Poems 1909-1962y de T. S. Eliot. Copyright 1936 by Harcourt Brace Jovanovich, Inc., copyright © 1963, 1964 by T. S. Eliot. Direitos mundiais da língua inglesa, excluindo Estados Unidos, administrados pela Faber and Faber Ltd. Reproduzido com a autorização da Harcourt Brace Jovanovich, Inc., e Faber and Faber Ltd.

Poema de Jorge Luis Borges, na página 635, extraído de O Fazedor, tradução de Josely Vianna Baptista, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 66-69.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA. Av. Presidente Wilson, 231 — 8o andar 20030-021 - Rio de Janeiro - RJ Tel.: (21) 3525-2000-Fax: (21) 3525-2001 rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

Printed in Brazil/impreso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

N43e Neville, Katherine, 1945—

O enigma do oito / Katherine Neville; tradução de Elizabeth e Djalmir Mello. — Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Tradução de: The eight ISBN 978-85-325-2431-7

1. Ficção norte-americana. I. Mello, Elizabeth. II. Mello, Djalmir. III. Título.

09-1705 CDD-813

CDU-821.111(73)-3

Xadrez é vida.
- BOBBY FISCHER

A vida é uma espécie de xadrez. - Benjamin Franklin

A DEFESA

As personagens tendem a ser contra a missão ou a favor dela. Se a ajudam, são idealizadas como bravas e puras; se a atrapalham, são caracterizadas simplesmente como vilanescas ou covardes.

Disso resulta que toda personagem típica [...] tende ao confronto com seu oposto em termos morais, como as peças pretas e brancas no jogo de xadrez.

- NORTHROP FRYE,
Anatomia da crítica

ABADIA DE MONTGLANE FRANÇA, PRIMAVERA DE 1790

Um grupo de freiras vinha pela estrada, com seus capelos engomados parecendo flutuar em torno das cabeças como asas de alguma ave marinha. Quando atravessaram o grande portão de pedra da cidade, galinhas e gansos fugiram apressadamente, batendo as asas e tropeçando nas poças lodosas.

Todas as manhãs, as freiras atravessavam o nevoeiro escuro que recobria o vale, caminhando, em pares silenciosos, na direção do chamado grave do sino que dobrava na montanha.

Aquela foi a chamada Le Printemps Sanglant — "A Primavera de Sangue". As cerejeiras floresceram mais cedo em 1790, muito antes que a neve dos picos mais altos se derretesse. Seus frágeis ramos vergaram-se ao peso das flores vermelhas e encharcadas. Houve quem visse no fenômeno um bom presságio, um símbolo de renascimento, depois do longo e rigoroso inverno. Mas, em seguida, as chuvas frias congelaram as flores nas árvores, deixando todo o vale coberto de manchas vermelhas entremeadas pelo marrom da geada, qual feridas cobertas de sangue coagulado. E isso foi interpretado como augúrio de algo bem diferente.

Muito acima do vale, a abadia de Montglane se projetava como uma enorme extensão rochosa, bem no alto da montanha. A construção, semelhante a uma fortaleza, atravessara quase mil anos sem receber nenhuma interferência externa. Suas paredes consistiam de seis ou sete camadas. À medida que as pedras cediam à erosão, ao longo dos séculos, paredes novas eram sobrepostas às anteriores, pilastra sobre pilastra. Em decorrência disso, tornou-se uma ameaçadora mistura arquitetônica, contribuindo para os boatos que corriam sobre o lugar. A abadia era a mais antiga construção

religiosa ainda em pé em toda a França e, diziam, guardava em si uma maldição antiquíssima, que logo seria reativada.

Quando o som rouco do sino ecoou pelo vale, as freiras pararam o trabalho; cada uma largou seu ancinho ou sua enxada e dirigiu-se, através das fileiras compridas e simétricas de cerejeiras, para a estradinha íngreme que levava à abadia.

No final da procissão, duas noviças — as jovens Mireille e Valentine — iam de braços dados, escolhendo o caminho com as botinas enlameadas. Constituíam um estranho complemento para a fila disciplinada das freiras. A alta e ruiva Mireille, de pernas longas e ombros largos, mais parecia uma saudável camponesa. Usava um avental pesado, de açougueiro, sobre o hábito. Cachos ruivos lhe escapavam do capelo. A seu lado, Valentine parecia frágil, embora tivesse quase a mesma altura. Ondas de seu cabelo, quase branco de tão loiro, lhe escorriam pelos ombros e acentuavam a palidez da pele semitransparente. O capelo fora guardado no bolso do hábito e ela andava junto a Mireille de forma relutante, chapinhando com as botinas na lama.

As duas moças, as mais jovens ocupantes da abadia, eram primas por parte de mãe e haviam se tornado órfãs bem cedo, graças à terrível peste que flagelara a França. O velho conde de Remy, avô de Valentine, confiara as duas à Igreja, deixando, ao morrer, a considerável renda de suas propriedades para lhes garantir o futuro.

As circunstâncias em que haviam crescido geraram uma forte ligação entre as duas jovens, que agora esbanjavam a alegria farta e irreprimível da idade. A abadessa já ouvira inúmeras reclamações, de freiras mais idosas, sobre o comportamento das primas, inadequado para a vida do claustro, mas compreendia que era melhor vigiar e disciplinar o espírito da juventude do que tentar sufocá-lo.

Além disso, a abadessa nutria pelas primas órfãs uma especial simpatia — um sentimento tão raro em sua personalidade quanto em sua posição. As freiras mais antigas ficariam surpresas se pudessem descobrir que a própria abadessa tivera, na juventude,

uma amiga íntima e querida — uma amiga de quem muitos anos e muitos milhares de quilômetros a mantinham agora separada.

Durante a subida íngreme, Mireille, tentando aprisionar sob o capelo alguns cachos rebeldes de cabelo ruivo, alertava a prima:

— Se você se atrasar de novo, a madre reverendíssima vai nos dar outra penitência.

Valentine livrou-se de seu braço e entregou-se a um alegre rodopio. — A Terra está transpirando primavera! — gritou, e quase caiu no precipício traiçoeiro que ladeava a trilha.

Mireille teve de sustentá-la para evitar a queda.

— Por que temos de ficar trancadas naquela abadia abafada quando tudo aqui fora transborda de vida?

— Porque somos freiras — respondeu Mireille, com os lábios cerrados, concentrada em equilibrar a outra e fazê-la apressar o passo. — E nosso dever é orar pela humanidade.

Mas o nevoeiro que subia do vale trazia em si uma fragrância tão densa, saturando o ar com o aroma das flores de cerejeiras, que Mireille precisou de esforço para ignorar os efeitos que aquilo causava em seu próprio corpo.

— Ainda não somos freiras, graças a Deus — retrucou Valentine. — Somos apenas noviças, até que façamos os votos. Ainda não é tarde demais para um resgate. Ouvi as freiras mais velhas cochichando que há soldados espalhados por toda a França, saqueando os mosteiros e arrebanhando os padres, mandando-os todos para Paris. Quem sabe se alguns soldados não vão aparecer por aqui e me mandar para Paris, também? Eles me levarão à ópera, toda noite, e beberão champanhe em meu sapato...

— Os soldados nem sempre são gentis e encantadores como você pensa. Afinal, a profissão deles é matar as pessoas, e não levá-las à ópera.

— Mas não é só isso que eles fazem.

A voz de Valentine baixou para um cochicho misterioso. Já haviam chegado ao topo da montanha, onde a estradinha se tornava plana e bem mais larga, pavimentada com pedras lisas e regulares, parecidas com as amplas ruas das cidades grandes. Em ambos os lados, enormes ciprestes, erguendo-se muito acima do mar de

cerejeiras, pareciam imponentes e ameaçadores e, como o próprio prédio da abadia, estranhamente fora de lugar.

— Ouvi dizer que fazem coisas horríveis com as freiras! — continuou a jovem. — Se um soldado encontra uma freira num lugar deserto, num bosque, por exemplo, ele logo tira uma coisa de dentro das calças, enfia essa coisa dentro da freira e fica pondo e tirando. Quando termina, a freira tem um bebê!

— Que blasfêmia! — gritou Mireille, afastando-se da prima e tentando esconder o sorriso que teimava em lhe aflorar aos lábios. — Acho que você é atrevida demais para ser freira.

— Mas é isso mesmo o que eu vivo dizendo! Preferiria mil vezes ser noiva de um soldado a ser noiva de Cristo.

Ao se aproximarem da abadia, passaram pelas fileiras duplas de ciprestes, dispostas em forma de cruz, que pareciam se fechar sobre elas, adensando ainda mais a névoa. Atravessaram o portão e o grande pátio, e mesmo quando chegaram à alta porta de madeira, o sino agourento continuava batendo, como se anunciasse a morte. As primas pararam para raspar a lama das botinas, fizeram um rápido sinal da cruz e entraram no prédio. Nenhuma das duas olhou para cima, onde se via a inscrição, em rústicas letras francas, que decorava o pórtico de pedra. Ambas sabiam o que estava escrito ali, como se as palavras tivessem sido gravadas em seus corações:

Maldito seja Aquele que puser ao Chão estas Paredes. Só a Mão de Deus pode ameaçar o Rei.

Sob a inscrição, havia um nome em grandes letras maiúsculas: CAROLUS MAGNUS. Pois fora este rei o arquiteto do prédio e o criador da maldição lançada sobre quem viesse a destruí-lo: Carlos Magno, o maior líder do Império Franco, conhecido — como Charlemagne — em toda a França.

As paredes internas da abadia eram escuras, frias e úmidas de musgo. Já do sacrário se ouviam as vozes sussurradas das freiras em prece e os ruídos breves das contas dos rosários em movimento, marcando o número de ave-marias, salve-rainhas e pais-nossos. Valentine e Mireille atravessaram rapidamente a capela, quando a última freira a entrar já fazia a genuflexão, e seguiram na direção dos sussurros, até a pequena porta atrás do altar. Ali ficava a sala da

madre reverendíssima. Uma freira velha as apressou. As primas trocaram olhares ao passar por ela.

Parecia-lhes estranho serem convocadas à sala da abadessa daquela forma. Poucas freiras já haviam estado ali, e quase sempre por questões disciplinares. Valentine, sempre infringindo alguma regra de disciplina, conhecia bem o lugar. Mas o sino tocara para convocar todas as freiras. Seria possível que a madre as quisesse em sua sala ao mesmo tempo?

Quando entraram no aposento amplo, de teto baixo, Valentine e Mireille puderam ver que era verdade: estavam ali mais de cinquenta freiras. Sentadas nos duros bancos de madeira, arrumados em fileiras, de frente para a escrivaninha da abadessa. Algumas delas cochichavam. Todas estranhavam a situação. Os rostos que se voltaram quando as duas noviças entraram refletiam medo. As primas sentaram-se no último banco e Valentine agarrou a mão de Mireille.

— O que terá acontecido?

— Não parece nada de bom — respondeu Mireille, também num sussurro. — A madre reverendíssima parece preocupada. E há duas mulheres que nunca vi antes, lá na frente, com ela.

Atrás da pesada escrivaninha de cerejeira, a abadessa, de pele ressecada e enrugada como pergaminho, impunha a todas o poder que emanava de sua imponente função. Tinha sempre um ar intemporal, uma postura sugestiva de quem já fizera as pazes com a própria alma muito tempo antes. Mas, naquele dia, parecia ainda mais séria do que as freiras eram capazes de lembrar.

As duas estranhas, mulheres jovens, corpulentas, de mãos avantajadas, estavam em pé a seu lado, como anjos da guarda. Uma delas tinha pele clara, cabelos escuros e olhos luminosos; a outra lembrava Mireille, pela coloração leitosa, o cabelo só um pouco mais acastanhado. Embora tivessem ambas a aparência de freiras, vestiam, em lugar de hábitos, roupas comuns de viagem.

A abadessa esperou que todas se acomodassem e que a porta fosse fechada. Com a sala totalmente silenciosa, começou a falar, naquela voz que sempre fazia Valentine pensar em folhas secas sendo amassadas:

— Durante quase mil anos, a Congregação de Montglane esteve aqui nesta montanha — disse ela, juntando as mãos em frente ao busto. — Aqui cumprimos nossas obrigações para com a humanidade e servimos a Deus. Embora segregadas do mundo, chegam até nós os ruídos de suas inquietudes. Em nosso retiro, ouvimos notícias ruins de acontecimentos recentes que podem alterar a situação de segurança que desfrutamos. As duas mulheres que estão a meu lado são as portadoras dessas notícias. Apresento-lhes a irmã Alexandrine de Forbin — inclinou a cabeça para a morena — e a irmã Marie-Charlotte de Corday, que juntas dirigem a Abaye-aux-Dames de Caen, nas províncias do Norte. Elas atravessaram, disfarçadas, toda a França. Uma viagem árdua, para nos trazer um aviso. Peço, portanto, que prestem atenção ao que elas têm a dizer. E da maior importância para todas nós.

A abadessa sentou-se. A mulher que fora apresentada como Alexandrine de Forbin limpou a garganta com um pigarro e começou a falar, tão baixo que as freiras tiveram de se esforçar para ouvi-la. Mas as palavras foram bastante claras:

— Irmãs em Deus, a história que tenho para contar não é própria para quem tem o coração fraco. Há muitas de nós que buscaram Cristo na esperança de salvar a humanidade. Outras vieram à procura de um refúgio, de um lugar para escapar do mundo. E existem, ainda, as que vieram contra a vontade, sem terem sentido nenhuma vocação ou chamado.

Focalizou os olhos luminosos na direção de Valentine, que enrubesceu até a raiz dos cabelos.

— Seja qual for o propósito de cada uma de vocês, ele terá de ser mudado a partir de hoje - continuou. — Em nossa jornada, irmã Charlotte e eu percorremos toda a extensão da França, atravessando Paris e todas as aldeias do caminho. O que constatamos não foi apenas fome e miséria. Vimos badernas nas ruas, com pessoas tentando obter pão por meio de saques. Deparamos com massacres, com mulheres carregando pelas ruas cabeças decepadas e espetadas em varas. Estão acontecendo estupros e coisas ainda piores. Crianças são assassinadas, há gente sendo torturada nas ruas, trucidada por multidões furiosas...

As freiras já não conseguiam se manter quietas. Vozes alarmadas erguera-se quando Alexandrine tentou continuar o sangrento relato. Mireille achou estranho que uma mulher de Deus fosse capaz de contar tais coisas sem ao menos empalidecer. Na verdade, a narradora não alterara uma só vez o tom calmo e manso da voz nem gaguejara ou hesitara. A jovem procurou os olhos de Valentine, que estavam arregalados de fascínio. Alexandrine de Forbin teve de fazer uma pausa, esperando por silêncio, para prosseguir:

— Estamos em abril. Em outubro passado, o rei e a rainha foram tirados de Versalhes por uma multidão furiosa e obrigados a voltar para as Tulherias, em Paris, onde estão detidos. O rei viu-se forçado a assinar um documento, a Declaração dos Direitos do Homem, em que é proclamada a igualdade de todos os seres humanos. O governo está, de fato, nas mãos da Assembleia Geral; o rei não tem mais nenhum poder, não pode interferir em nada. Nosso país já está além da Revolução. Vivemos num estado de anarquia. Para piorar as coisas, a Assembleia descobriu que não há ouro nos cofres do Tesouro. O rei levou o Estado à bancarrota. Acredita-se, em Paris, que ele não deve chegar ao final do ano com vida.

Um estremecimento percorreu as fileiras de religiosas. Um murmúrio agitado, de choque, encheu a sala. Mireille apertou com carinho a mão de Valentine, as duas de olhos presos em Alexandrine. Nenhuma daquelas mulheres jamais ouvira conceitos como aqueles expressos em voz alta. Tortura, anarquia, regicídio. Como podia ser possível?

A abadessa bateu a mão espalmada sobre a escrivaninha para restabelecer a ordem. As freiras silenciaram. Alexandrine sentou-se, e foi a vez de irmã Charlotte erguer-se. Com voz alta e forte, ela narrou:

— Existe na Assembleia um homem extremamente mau. Tem sede de poder, embora se diga pertencente ao clero. E o bispo de Autun. Na Igreja de Roma, acreditam que ele seja a reencarnação do Demônio. Há quem diga que nasceu com um casco fendido no lugar do pé: a marca do Diabo. Dizem também que bebe o sangue de criancinhas para se manter jovem; que celebra a missa negra. Em outubro, esse homem apresentou à Assembleia um projeto que

permite ao Estado confiscar todas as propriedades da Igreja. No dia 2 de novembro, o projeto foi defendido pelo grande estadista Mirabeau perante a Assembleia, que o aprovou. Em 13 de fevereiro, teve início o confisco. Todos os religiosos que tentaram resistir foram encarcerados. E, no dia 16 de fevereiro, o bispo de Autun foi eleito presidente da Assembleia. Nada mais pode detê-lo.

As freiras entraram em estado de agitação; as vozes se elevaram em exclamações e protestos. Mas Charlotte continuou, sobrepujando o tumulto:

— Muito antes da aprovação da Lei do Confisco, o bispo de Autun já investigara a localização dos tesouros da Igreja em toda a França. Embora a lei tenha especificado os padres como primeiras vítimas, e que as freiras deveriam ser poupadas, sabemos que o bispo tem um interesse especial pela abadia de Montglane. Foi nesta área que ele concentrou a maior parte de suas investigações. Por isso, corremos para cá com a notícia: o tesouro de Montglane não poderá jamais cair nas mãos dele.

A abadessa levantou-se e pousou a mão sobre o ombro forte de Charlotte Corday. Abarcou com o olhar as fileiras de freiras de hábitos negros, com os capelos agitados qual bando de gaivotas sobre o mar, e sorriu. Eram seu rebanho, as ovelhas que ela pastoreara por tanto tempo e que talvez nunca mais revisse, depois da revelação que faria.

— Agora vocês sabem tanto quanto eu a respeito da situação. Há meses eu conhecia nossa sina, mas não quis alarmá-las antes de escolher o rumo a seguir. Na viagem que fizeram a meu pedido, nossas irmãs de Caen confirmaram meus piores temores.

As freiras se mantiveram caladas, como em um velório. Só a voz da abadessa se fazia ouvir, no silêncio absoluto:

- Sou uma mulher velha, que pode ser chamada pelo Senhor antes mesmo do que imaginam. Os votos que fiz quando entrei para o serviço deste convento não foram apenas os dirigidos a Cristo. Há quase quarenta anos, quando me tornei abadessa de Montglane, jurei também manter um segredo, preservá-lo com a própria vida, se necessário. Chegou o momento de cumprir a jura. Mas, para isso, terei de repartir uma fração do segredo com vocês todas, em troca

de um juramento de silêncio. Minha história é longa, e peço paciência se a conto devagar. Quando terminar, vocês entenderão por que cada uma de nós deverá fazer o que tem de ser feito.

Interrompeu-se para tomar um gole de água de um cálice de prata, e depois continuou:

— Hoje é o dia 4 de abril ao Anno Domini de 1790. Minha história começa em outro 4 de abril, há muitos, muitos anos. Ela me foi contada por minha antecessora, como foi contada a cada nova abadessa desde que esta abadia começou a existir. Agora, preciso contá-la a vocês...

O RELATO DA ABADESSA

No dia 4 de abril do ano de 782, um maravilhoso festival comemorou, no Palácio Oriental de Aachen, o quadragésimo aniversário do grande rei Carlos Magno. Toda a nobreza do Império foi convidada. Palmas importadas e grinaldas coloridas cobriam o grandioso paço central, com sua cúpula de mosaicos e suas escadas e varandas circulares, enfileiradas até o teto. Harpas e alaúdes eram tocados nos grandes salões, sob lanternas de ouro e de prata. Os cortesãos, vestidos de roxo, escarlate e ouro, andavam por um reino de fadas, entre malabaristas, comediantes e marionetes. Ursos selvagens, leões e girafas, além de gaiolas com pombos, haviam sido trazidos para os pátios. Semanas antes do aniversário do rei, tudo já era alegria.

O clímax do festival, no entanto, coincidiu com o aniversário. Na manhã daquele dia, o rei chegou ao pátio principal, acompanhado de seus dezoito filhos, sua rainha e seus cortesãos favoritos. Muito alto, Carlos Magno tinha a elegância esbelta e graciosa do nadador e do cavaleiro. Sua pele era acobreada; o cabelo e o bigode refletiam o dourado do sol. Cada detalhe de sua aparência denotava o guerreiro e o regente do maior reino do mundo. Vestia uma túnica simples, de lã, sob um manto justo de peles de marta, e trazia à cintura sua indefectível espada. Percorreu toda a corte, cumprimentando um por um todos os súditos e convidando-os a se servirem das delícias colocadas em mesas de tábuas grossas, que vergavam ao peso das iguarias.

O rei preparara uma atração especial para aquele dia. Mestre da estratégia das batalhas tinha especial preferência pelo jogo da guerra ou jogo dos reis, a que hoje chamamos de "xadrez". No quadragésimo aniversário, Carlos Magno se propunha a enfrentar o melhor jogador de todo o reino, o soldado do Exército ocidental conhecido como Garin, o Franco.

Garin foi admitido no pátio ao som das trombetas. Acrobatas fizeram piruetas a sua frente, moças cobriram seu caminho com palmas e pétalas de rosas. Garin, um jovem esguio e pálido, de rosto grave e olhos acinzentados, ajoelhou-se quando o rei se ergueu para recebê-lo.

Oito servos negros, em uniformes mouros, trouxeram nos ombros o tabuleiro e as peças. Aqueles homens, bem como o xadrez que transportavam, foram um presente de Ibn-al-Arabi, o governador muçulmano de Barcelona, em retribuição à ajuda que recebera de Carlos Magno na luta contra os bascos dos Pireneus, quatro anos antes. Durante uma batalha memorável, na retirada através do passo de Roncesvalles, na Navarra, perdera a vida o guerreiro Hruoland, tão querido do rei, imortalizado na Canção de Rolando. Em resultado da infeliz associação, o rei nunca jogara com aquele xadrez e nunca o exibira a seu povo.

Toda a corte se maravilhou quando o magnífico tabuleiro foi armado sobre uma mesa no pátio. Apesar de feito por artesãos árabes, o conjunto guardava ainda traços de suas origens hindu e persa. Havia quem acreditasse que o jogo dos reis já era conhecido na Índia quatrocentos anos antes do nascimento de Cristo e fora trazido para a Arábia, através da Pérsia, durante o domínio árabe sobre aquele país, no ano de 640.

O tabuleiro, inteiramente confeccionado em ouro e prata, formava um quadrado de mais de um metro de lado. As peças, de metais preciosos filigranados, tinham incrustações de rubis, safiras, diamantes e esmeraldas, pedras não lapidadas, mas caprichosamente polidas, algumas tão grandes quanto ovos de codornas. Rebrilhando no pátio, pareciam ter uma luz própria, interior, capaz de hipnotizar quem olhasse para elas.

A peça Shah (o Rei atual) media quinze centímetros de altura e reproduzia a figura de um homem coroado cavalgando um elefante. Ferz (a Rainha ou Dama de hoje) reproduzia uma mulher sentada em um palanquim coberto, rendilhado de pedras preciosas. Os Bispos eram elefantes com selas coruscantes de gemas; os Cavalos, selvagens garanhões árabes. As Torres — ou Rukjikh, palavra árabe que designa "carruagens" — equivaliam a grandes camelos com

selas semelhantes a cadeiras; e os Peões, a humildes soldados de infantaria, de sete centímetros de altura, com olhos formados por pequenas pedras preciosas, como as que decoravam os punhos de suas espadas.

Carlos Magno e Garin aproximaram-se do tabuleiro. De repente, o rei ergueu o braço e falou, de uma forma que confundiu e apavorou todos os cortesãos, que o conheciam bem:

— Proponho uma aposta!

Sua voz soou estranha. Carlos Magno não gostava de apostas. Os cortesãos se entreolharam, inquietos. O rei prosseguiu:

— Se meu soldado Garin vencer o jogo, dou-lhe toda porção de meu reino que vai de Aachen até os Pireneus bascos e mais a mão de minha filha mais velha. Se perder, será decapitado neste mesmo pátio onde estamos, antes do amanhecer.

Houve uma verdadeira comoção na corte. Todos sabiam que o rei amava tanto suas filhas que lhes pedira que não se casassem enquanto ele vivesse.

Seu melhor amigo, o duque de Burgundy, tomou-lhe o braço e afastou-o para um canto.

— Que aposta é essa, Majestade? Mais parece coisa de um bárbaro embriagado!

Carlos Magno sentou-se à mesa, aparentemente em transe.

O duque não sabia o que pensar. O próprio Garin mostrava-se confuso. Voltou o olhar para o duque e, sem uma palavra, sentou-se à frente do rei, aceitando a aposta. As cores foram sorteadas e, porque o destino assim determinou, couberam a Garin as brancas e, com elas, o direito ao primeiro movimento.

O jogo teve início.

Talvez devido à tensão daquele momento, pareceu a todos os presentes que os dois jogadores movimentavam suas peças com uma determinação obstinada, que transcendia um mero jogo. Era como se uma terceira mão, invisível, dirigisse os movimentos. As vezes, chegava a parecer que as peças se posicionavam por conta própria. Os jogadores estavam silenciosos e pálidos, os cortesãos moviam-se ao redor da mesa como fantasmas.

Depois de cerca de uma hora, o duque de Burgundy observou que o rei agia de forma ainda mais estranha. Tinha o cenho franzido e parecia desatento, distraído. Garin mostrava uma atitude irrequieta, antinatural, com movimentos rápidos e descoordenados. Gotas de suor frio cobriam sua testa. Os olhos dos oponentes estavam presos ao tabuleiro, como se nenhum dos dois fosse capaz de desviar a atenção.

De repente, Carlos Magno deu um grito e levantou-se de um pulo, desequilibrando o tabuleiro e derrubando todas as peças. Os cortesãos recuaram, abrindo um círculo. O rei, acometido de um terrível acesso de raiva, puxava os próprios cabelos e dava murros no peito, como um animal feroz. Garin e o duque de Burgundy tentaram se aproximar dele, mas Carlos empurrou-os com violência. Foram necessários seis nobres para subjugá-lo. Finalmente, conseguiram dominá-lo. O rei olhou em volta, abismado, como se acabasse de despertar de um sono profundo.

Abaixando-se para pegar no chão uma das peças e oferecê-la ao rei, Garin fez uma sugestão:

— Talvez seja melhor desistirmos do jogo, Majestade. As peças saíram todas de suas posições e não sou capaz de me lembrar de um só dos movimentos que fiz. Sire, tenho medo dessas peças mouras. Acho que estão possuídas por uma força maligna, que levou Vossa Majestade a fazer uma aposta contra minha própria vida.

Carlos Magno, descansando numa cadeira, levou a mão à testa, sem responder.

— Garin — disse o duque de Burgundy, falando de maneira cuidadosa —, você sabe que o rei não dá crédito a superstições como esta. Ele as considera coisas de pagãos e bárbaros... Já proibiu a necromancia e as adivinhações na corte...

O rei o interrompeu, com a voz fraca de quem estivesse totalmente exausto:

— Como posso trazer a iluminação cristã para a Europa, se os soldados de minhas próprias tropas acreditam em bruxarias?

— Essa mágica tem sido praticada na Arábia e em todo o Oriente desde o início dos tempos, Majestade — respondeu Garin. — Não acredito nela, nem a compreendo. — O soldado inclinou o corpo

para poder olhar no fundo dos olhos de seu rei. - Mas Vossa Majestade também a sentiu — asseverou.

— Eu me deixei consumir pelas chamas da raiva — admitiu Carlos. — Não consegui me controlar. Senti o que se sente na madrugada das batalhas, quando as tropas avançam para o encontro fatal. Não sei explicar melhor o que aconteceu.

— Todas as coisas entre o Céu e a Terra têm uma razão de ser.

A voz veio de alguém postado atrás de Garin: um dos mouros, um dos oito que haviam transportado o xadrez até ali. O rei fez sinal com a cabeça para que ele prosseguisse.

— Em Watar, nossa terra de origem, houve um povo antiquíssimo, os beduínos ou "habitantes do deserto". Eles consideravam a aposta de sangue o mais sagrado de todos os confrontos. Acreditavam que somente ela seria capaz de remover o Habb, a mancha negra no coração humano, que o arcanjo Gabriel retirou do peito de Maomé. Vossa Alteza acabou de fazer uma aposta de sangue sobre o tabuleiro. Apostou a vida de um homem, o que constitui a forma mais elevada de justiça. Maomé disse que "o Reino tolera Kufr, a infidelidade contra o Islã, mas o Reino não tolera Zulm, a injustiça".

— Uma aposta de sangue é sempre uma aposta maligna! — exclamou Carlos Magno.

Garin e o duque encararam-no surpresos: não fora ele próprio quem propusera tal aposta, cerca de uma hora antes?

— Não — insistiu o mouro, teimosamente. — É pela aposta de sangue que se pode atingir Ghutah, o oásis terrestre que é o próprio paraíso. Quando se faz tal aposta sobre o tabuleiro de Shatranj, é Shatranj quem decide e executa o Sar!

— Shatranj é o nome que os mouros dão ao jogo dos reis, Majestade — esclareceu Garin.

— E o que quer dizer Sar? - quis saber Carlos Magno, erguendo-se finalmente da cadeira e olhando a todos de cima, como uma torre sobre a planície.

— Significa "vingança" — respondeu o mouro, sem nenhuma expressão.

Em seguida, fez uma reverência e se afastou.

— Vamos jogar de novo — disse o rei. — Desta vez, não haverá apostas. Vamos jogar pelo prazer do jogo, de um simples jogo. Não há nenhum significado nessas superstições idiotas, criadas por bárbaros e por espíritos infantis.

Os cortesãos rearmaram as peças sobre o tabuleiro. Ouviram murmúrios de alívio em todo o pátio. Carlos tomou o braço do duque de Burgundy e o afastou.

— É mesmo verdade que fiz tal aposta? - perguntou, ao se distanciarem.

O duque olhou-o espantado:

- Sim, Majestade! Não se lembra?

- Não.

O rei pareceu triste.

Carlos Magno e Garin sentaram-se de novo em frente ao tabuleiro e iniciaram outra partida. Depois de extraordinária batalha, Garin saiu vitorioso. O rei lhe concedeu, como prêmio, a propriedade de Montglane, nos Baixos Pireneus, além do título de Garin de Montglane. Tão entusiasmado ficou Carlos Magno com o magistral conhecimento de xadrez de seu guerreiro, que lhe ofereceu ainda a construção de uma fortaleza, para a proteção das terras que acabara de ganhar. E, anos depois, o rei enviou para Garin, como presente especial, o magnífico tabuleiro e as peças com que haviam disputado a célebre partida. Dali em diante, o conjunto passou a ser conhecido como o "Xadrez de Montglane".

— É esta a história da abadia de Montglane — concluiu a abadessa, e olhou outra vez para sua silenciosa congregação de freiras. — Muito tempo depois, já doente, à beira da morte, Garin de Montglane doou para a Igreja suas propriedades, inclusive a fortaleza que se transformou nesta nossa abadia e o famoso Xadrez de Montglane.

Fez uma longa pausa, como se não estivesse certa do que dizer a seguir. Finalmente, prosseguiu:

— Mas Garin sempre acreditou que havia uma terrível maldição ligada ao Xadrez. Muito antes de recebê-lo do rei, já ouvira rumores a respeito dos males a ele associados. Dizem que Charlot, o Pequeno Carlos, sobrinho do próprio Carlos Magno, foi assassinado

durante uma partida disputada sobre aquele tabuleiro. Há muitas histórias de violência e derramamento de sangue, e até mesmo de guerras, em que o Xadrez aparece. Os oito mouros que o haviam transportado de Barcelona para as mãos de Carlos Magno imploraram a permissão do rei para acompanharem o Xadrez até Montglane, o que lhes foi concedido. Logo Garin descobriu que, dentro de sua fortaleza, se realizavam misteriosas cerimônias noturnas, rituais estranhos de que os mouros participavam. E acabou passando a temer o presente que recebera, como se se tratasse de um instrumento do Demônio.

Ordenou que o Xadrez fosse enterrado dentro da fortaleza e pediu a Carlos Magno que inscrevesse na muralha uma maldição, para evitar que o tabuleiro e as peças caíssem em outras mãos. O rei procedeu como se tudo não passasse de uma grande comédia, mas aquiesceu ao desejo de Garin. Foi assim que nasceu a inscrição que temos até hoje em nosso pórtico.

A abadessa calou-se, parecendo fraca e pálida, e procurou a cadeira. Alexandrine levantou-se e ajudou-a a sentar-se.

— E o que aconteceu com o Xadrez de Montglane, madre reverendíssima? — quis saber uma freira idosa, sentada na primeira fila.

— Já lhes disse que nossas vidas correrão grande perigo se permanecermos na abadia — respondeu a abadessa, após um sorriso. — Já lhes disse que os soldados franceses saíram a campo para confiscar os tesouros da Igreja, que estão fazendo isso neste exato momento. Já lhes disse que um tesouro de imenso valor e, talvez, de igual imensidade maligna foi enterrado entre as paredes desta abadia. Então, acho que não as surpreenderei muito se lhes revelar que o segredo que jurei guardar no coração, quando assumi a direção de nossa casa, foi o segredo do Xadrez de Montglane. Ele continua oculto entre as paredes e o chão desta sala em que estamos, e só eu sei a localização exata de cada peça e do tabuleiro. É nossa missão, minhas filhas, remover tais instrumentos do mal, espalhá-los ao máximo, de forma que o conjunto nunca mais seja reunido e nem chegue às mãos de quem busque o poder. Porque o Xadrez contém uma força que transcende as leis da natureza e a

compreensão do homem. Mas, ainda que tivéssemos o tempo necessário para destruí-lo ou inutilizá-lo, eu não faria nada disso. Algo dotado de tamanha força talvez também possa ser usado como instrumento do Bem. Por isso jurei não só guardar o Xadrez de Montglane como também protegê-lo. Um dia, quando as circunstâncias históricas se modificarem, talvez possamos reunir de novo todo o conjunto e revelar seu mistério sombrio.

Embora a abadessa conhecesse a localização exata de cada peça, foram necessárias quase duas semanas de trabalho de todas as freiras para que as peças e o tabuleiro fossem exumados, limpos e polidos. Quatro freiras tiveram de unir seus esforços para erguer do chão o tabuleiro. Depois de limpo, puderam ver que ele apresentava símbolos estranhos, entalhados ou incrustados em todas as casas. Cada peça tinha também, em sua base, um símbolo semelhante àqueles. Havia ainda uma capa de pano, guardada em uma grande caixa de metal de frestas seladas com uma espécie de cera, sem dúvida para evitar a entrada da umidade. A capa era de veludo, de um azul profundo, e ricamente bordada com fios de ouro e pedras preciosas, uma aparente reprodução dos símbolos do zodíaco. No centro, duas figuras semelhantes a serpentes entrelaçavam-se de modo a formar um 8. A abadessa acreditava que a capa servira para cobrir e proteger o Xadrez de Montglane durante o transporte.

Quando o trabalho chegava ao fim, a abadessa mandou que as freiras se preparassem para viajar. Avisou que daria a cada uma, em conversa reservada, as instruções a respeito de seu destino, de modo que nenhuma delas ficaria sabendo a localização das demais. Isso, segundo ela, reduziria os riscos para todas. Como havia mais freiras que peças, somente ela própria ficaria sabendo quais partiriam conduzindo partes do Xadrez de Montglane.

Quando chegou a vez de Valentine e Mireille, as primas encontraram a abadessa sentada à escrivaninha e foram convidadas a sentar-se, também na frente dela. Sobre o tampo estava o brilhante Xadrez de Montglane, parcialmente coberto pelo veludo azul bordado. A abadessa parou de escrever e encarou as jovens. As duas estavam de mãos dadas, numa espera ansiosa. Valentine não conseguiu se conter:

— Madre reverendíssima, quero que a senhora saiba, agora que vou partir que sentirei muita saudade, e também que compreendo que fui um verdadeiro transtorno. Gostaria de ter sido uma freira melhor e de não ter dado tanto trabalho.

— Valentine — disse a abadessa, sorrindo ao perceber que Mireille dava cotoveladas nas costelas da prima, para que ela se calasse —, o que você quer mesmo dizer? Que está com medo de ser separada de sua prima? E esta a razão das desculpas atrasadas?

Valentine encarou-a espantada, sem entender como a outra poderia ter lido tão corretamente seus pensamentos.

— Eu não ficaria tão preocupada — continuou a abadessa, entregando a Mireille uma folha de papel. — Aí estão o nome e o endereço da pessoa que se responsabilizará por vocês. O que está abaixo são as instruções que preparei para a viagem.

— Juntas! — gritou Valentine, quase sem conseguir continuar sentada. — Oh, madre reverendíssima! A senhora satisfez meu mais profundo desejo!

— Se eu não mandasse as duas juntas, não tenho a menor dúvida de que você, sozinha, destruiria todos os planos que fiz com tanto cuidado para encontrar um jeito de se juntar a sua prima — comentou a abadessa, rindo. — Além disso, tenho outras razões para mantê-las unidas. Ouçam com atenção: cada freira desta abadia terá seu futuro assegurado. Aquelas cujas famílias as aceitaram serão mandadas de volta a suas casas. Em alguns casos, consegui localizar parentes remotos ou pessoas amigas para recebê-las. As que chegaram aqui trazendo dotes receberão os mesmos valores que trouxeram, para que tenham recursos suficientes. Aquelas que não têm posses serão enviadas para abadias de minha confiança em outros países. Todas as minhas filhas terão recursos garantidos para a viagem. Quero que façam a jornada com conforto. — Juntou as mãos à frente do busto e continuou: — Mas você é afortunada de muitas maneiras, Valentine. Seu avô lhe deixou uma renda generosa, que estou designando para sua prima Mireille também. E mais: embora não tenha família, você tem um padrinho, que aceitou a tutela de ambas. Tenho comigo um documento em

que ele se compromete a aceitar tal responsabilidade. E isso me leva à segunda parte do que tenho a dizer, um assunto dos mais graves.

Mireille olhou para a prima, quando a abadessa falou no padrinho. Então, voltando os olhos para a folha de papel, viu um nome — "M. Jacques Louis David, pintor" — seguido de um endereço em Paris. Nunca soubera que Valentine tinha um padrinho.

— Imagino — prosseguiu a abadessa — que, quando correr a notícia de que fechei a abadia, várias pessoas ficarão contrariadíssimas. Muitas de nós correremos perigo, principalmente com gente como o bispo de Autun, que vai querer saber o que retiramos daqui e levamos conosco. Entendam bem: não será possível apagar completamente nossos rastros. Algumas freiras podem vir a ser encontradas, e terão de fugir. Por isso, selecionei oito de nós. Cada uma dessas oito freiras não só levará uma peça do Xadrez como também servirá de ponto de apoio. Quem estiver fugindo poderá deixar com ela sua peça ou pelo menos instruções para encontrá-la. Você vai ser uma das oito, Valentine.

— Eu?! — A jovem engoliu em seco, como se sua garganta estivesse cheia de pó. - Mas eu não sei... Eu não sou...

— Você está tentando dizer que não é propriamente um pilar de responsabilidade — completou a abadessa, sorrindo contra a vontade. — Sei bem disso. Tanto assim, que conto com sua prima, mais madura, para me ajudar com esse problema. — Voltou-se para Mireille, que concordou com um gesto de cabeça. — Escolhi as oito não pelas qualidades pessoais, mas pela localização estratégica. Seu padrinho, Monsieur David, mora em Paris, o coração deste tabuleiro de Xadrez que é a França. Artista famoso, ele tem o respeito e a amizade da nobreza, mas também integra a Assembléia, e muitos julgam-no ardoroso revolucionário. Acredito que sua posição lhe permita proteger vocês duas, caso se faça necessário. E, para motivá-lo ainda mais, fiz-lhe um substancial pagamento pela tutela. — Olhou bem para os olhos das moças. — Isso não é somente um pedido, Valentine. Suas irmãs podem correr perigo e você vai estar numa posição em que poderá ajudá-las. Dei seu nome e endereço para algumas que já partiram. Vá para Paris e faça o que estou mandando. Você está com quinze anos, idade suficiente para saber

que há coisas mais importantes na vida do que a satisfação dos desejos imediatos.

— A abadessa falara em tom severo e duro, mas, como sempre acontecia ao encarar Valentine, sua expressão se amaciou: - Além de tudo, Paris não é um lugar tão ruim para se cumprir tal missão.

— Não, reverendíssima. — A moça sorriu de volta. — Há a ópera, no mínimo, e talvez eu seja convidada para festas... E as mulheres, ouvi dizer, usam roupas lindas... — Mireille tornou a cutucá-la nas costelas, e ela disfarçou o entusiasmo: - Quero dizer, agradeço humildemente à madre reverendíssima por honrar com sua confiança esta devota servidora.

A abadessa explodiu em uma risada tão alegre quanto inesperada.

— Está muito bem, Valentine. Vocês podem arrumar as malas. Partirão amanhã, ao alvorecer. Não se atrasem. - Levantou-se e entregou duas das pesadas peças do Xadrez às noviças.

Valentine e Mireille beijaram o anel da abadessa e, com um cuidado infinito, carregaram as raridades na direção da porta da sala. Um instante antes de saírem, no entanto, Mireille voltou-se e falou, pela primeira vez desde que entrara:

— Se a senhora me permite a pergunta, madre reverendíssima, para onde vai? Gostaríamos de pensar na senhora e lhe desejar boa sorte, onde estiver.

— Vou fazer a viagem com que venho sonhando há mais de quarenta anos. Tenho uma amiga que não vejo desde a mais tenra infância. Naquela época... Querem saber? Valentine às vezes me recorda muito essa amiga de infância... Lembro-me dela vibrante, cheia de vida...

Quando a abadessa se interrompeu, ocorreu a Mireille que, se fosse possível usar tal imagem em relação a pessoa tão grave e austera, diria que ela parecia muito saudosa.

— Sua amiga vive na França, madre reverendíssima?

— Não. Ela mora na Rússia.

Na manhã seguinte, à primeira e ainda acinzentada luz do dia, duas mulheres em roupas comuns de viagem deixaram a abadia em uma carroça carregada de feno. Os cavalos que a tracionavam

atravessaram o portão imponente e mergulharam na estradinha, rumo às entranhas escuras da montanha. O nevoeiro estava começando a cair e ocultou-as em suas sombras.

Estavam ambas assustadas, mas, ao se protegerem do frio com as capas grossas, sentiram-se gratas por estarem retornando ao mundo que haviam abandonado tanto tempo antes, em missão divina.

Não foi apenas Deus que presenciou a saída silenciosa em direção ao fundo do escuro vale. No alto de um pico coberto de neve, um cavaleiro solitário, montado em um animal de cor clara, seguiu-as com o olhar até que desaparecessem em meio à névoa densa. Em seguida, manobrou a montaria em completo silêncio e desapareceu.

PEÃO NA QUARTA CASA DA DAMA

As aberturas com o Peão da Rainha — aquelas que começam com P4D — são aberturas "cautelosas". Isso significa que o confronto tático entre as duas forças oponentes se desenvolverá de forma bastante lenta. Há espaço para muitas e variadas manobras e demora até ocorrer o feroz corpo a corpo com o inimigo. O xadrez posicional se torna a essência, em tais casos.

- FRED REINFELD

Manual completo das aberturas do xadrez

A Morte fala: - Havia um comerciante em Bagdá que mandou seu servo comprar provisões no mercado, e daí a pouco o servo voltou, pálido e trêmulo, e disse: "Senhor, agora mesmo, quando estava no mercado, fui empurrado por uma mulher, no meio da multidão, e quando me volvei vi que fora a Morte que me empurrara. Ela olhou-me e fez um gesto ameaçador: por isso, empreste-me seu cavalo e sairei desta cidade, para escapar a meu destino. Irei para Samarra, e aí a Morte não me encontrará." O comerciante emprestou-lhe seu cavalo, o servo montou nele, enterrou-lhe as esporas nos flancos e partiu tão velozmente quanto o cavalo podia galopar. Então o comerciante foi ao mercado e viu-me, de pé, entre a multidão; aproximou-se de mim e disse: "Por que fizeste um gesto ameaçador a meu servo quando o viste pela manhã?" "Não foi um gesto ameaçador", respondi, "foi apenas um sobressalto de surpresa. Fiquei assombrada de o ver aqui em Bagdá, pois eu tinha um encontro marcado com ele para esta noite em Samarra."

- WILLIAM SOMERSET MAUGHAM

Sheppey (apud John O'Hara em Encontro em Samarra)

NOVA YORK

DEZEMBRO DE 1972

Eu estava em uma enrascada. Uma enrascada das boas. Começou na véspera de Ano-Novo. Eu tinha uma consulta marcada com uma vidente. Mas, como aquele sujeito do Encontro em Samarra, tentei evitar o destino faltando ao compromisso. Não queria quiromante alguma sondando meu futuro. Já tinha problemas suficientes no aqui e agora. No último dia de 1972, minha vida já se transformara em uma bagunça completa. E eu estava com apenas vinte e três anos!

Em vez de ir para Samarra, decidi me refugiar no Centro de Processamento de Dados, no alto do edifício da Pan Am, em Manhattan. Era bem mais perto do que Samarra e, às dez da noite do dia 31 de dezembro, tão fora do mundo e tão isolado quanto um pico distante.

Sentia-me como se estivesse mesmo no alto de uma montanha. A neve dançava do lado de fora das janelas que davam para a Park Avenue; os cristais, grandes e graciosos, pareciam suspensos em uma substância gelatinosa. Era como estar dentro de um daqueles pesos de papéis que contêm, no interior do vidro, uma rosa perfeita ou a reprodução de uma aldeiazinha suíça. Mas o que havia mesmo dentro das paredes de vidro do CPD da Pan Am eram vários hectares do mais moderno e sofisticado hardware, brilhantes unidades de computadores que murmuravam uma cantiga suave, enquanto controlavam rotas de aviões e emissão de passagens em todos os cantos do mundo. Era um lugar sossegado, bom para se concentrar e pensar.

E eu tinha muito em que pensar. Três anos antes, viera para Nova York, a fim de trabalhar na 3M, uma das maiores fabricantes de computadores do mundo. Na época, a Pan Am se tornara cliente minha (por isso, a empresa ainda permitia que eu usasse seu CPD). Só que agora eu mudara de emprego, o que bem poderia ter sido o

maior erro de minha vida. Passara a ter a honra, um tanto duvidosa, de ser a primeira mulher admitida como executiva pela venerável empresa de consultoria contábil Fulbright, Cone, Kane & Uphan. E ninguém gostava muito de meu jeito, naquela firma.

"Consultoria contábil", uma expressão pretensiosa para designar "auditoria". A Fulbright, Cone, Kane & Uphan era uma das oito maiores empresas do ramo em todo o mundo, parte de uma confraria apelidada, com toda a justiça, de "as Oito Grandes".

As Oito Grandes prestavam seus odiados serviços para a maioria das grandes empresas. Eram extremamente respeitadas - desde que se entenda, por esse eufemismo, que mantinham seus clientes presos pelos respectivos sacos. Se uma das Oito Grandes sugerisse, durante uma auditoria, que o cliente gastasse meio milhão de dólares na melhora de seus sistemas financeiros, ele não seria tolo de ignorar a sugestão (ou de ignorar que sua consultoria estava pronta a lhe fornecer todas as melhoras requeridas... por determinado preço, claro). Essas coisas eram tacitamente compreendidas e aceitas no mundo das altas finanças. Havia muito dinheiro a se ganhar em consultoria contábil. Mesmo um executivo em começo de carreira conseguia uma renda anual superior a cem mil dólares.

Nem todo mundo sabe que o ramo é exclusivamente reservado aos profissionais do sexo masculino, mas as pessoas da Fulbright, Cone, Kane & Uphan tinham plena consciência disso, o que me deixava em uma espécie de sinuca permanente. Na qualidade de primeira mulher a ocupar ali dentro uma posição mais alta do que a das secretárias, eu era tratada como propriedade e excentricidade da casa — algo potencialmente perigoso, que tinha de ser vigiado com atenção e discernimento.

A primeira mulher a fazer qualquer coisa nunca encontra facilidades. Seja você a primeira astronauta ou a primeira funcionária de lavanderia chinesa nos Estados Unidos, terá de aprender a aceitar piadinhas, insinuações, cantadas e olhares compridos na direção de suas pernas. Além disso, você deve se preparar para trabalhar mais do que os outros e receber um salário menor.

Eu já aprendera a fazer uma expressão divertida quando me apresentavam como "Senhorita Velis, nossa especialista feminina nesse campo de atividades". Com tal anúncio, as pessoas deviam me ver como uma ginecologista. Na verdade, eu era uma profissional de processamento de dados, a melhor em indústria de transportes de toda Nova York. Foi por isso que me contrataram. Quando fui entrevistada pelos sócios, vi distintamente suas pupilas se dilatarem com cifrões, em meio ao branco um tanto sanguinolento dos olhos. Não estavam encarando uma mulher, mas um curriculum vitae ambulante, transbordando de certificados de compra de ações de primeiríssima linha. Eu era jovem e ingênua o bastante para me deixar impressionar, inocente o bastante para entregar meus clientes à sanha daquelas mandíbulas de tubarões. Eu era tudo o que eles procuravam em uma mulher. Mas a lua de mel não durou muito.

Poucos dias antes do Natal, eu terminava uma avaliação de equipamentos que determinaria a compra de hardware por um cliente, uma empresa de despachos de bom tamanho, quando um dos sócios, Jock Uphan, entrou em minha sala, sem aviso prévio.

Alto, magro e com mais de sessenta anos, Jock fazia o possível para parecer jovem. Jogava tênis com frequência, usava ternos elegantes e tingia o cabelo. Quando andava, parecia apoiar-se na parte frontal dos pés, como se estivesse correndo rumo à rede, para uma cortada.

— Velis — começou ele, em voz alta, jovial e imperativa —, andei pensando nesse estudo que você está fazendo. Passei um bom tempo em dúvida, mas agora acho que descobri o que me incomoda.

Era daquela maneira sutil que costumava sugerir que não adiantava discutir. Já brincara de advogado do diabo de ambos os lados do problema e o lado vencedor fora o dele.

— Estou quase acabando, senhor Uphan. O prazo do cliente termina amanhã. Espero que o senhor não queira nenhuma mudança substancial.

— Não, nada muito importante — asseverou com voz suave, o tom que usava para largar suas bombas. — Percebi que as impressoras serão mais críticas para nosso cliente do que as

unidades de disco. Só quero que você mude os critérios de seleção de acordo com isso.

Um bom exemplo do que era chamado, no jargão do ramo, de "pequena arrumaçõzinha". Ilegal, naturalmente. Seis fornecedores de equipamentos tinham submetido orçamentos selados, confidenciais, ao cliente, mais de um mês antes. Essas propostas haviam se baseado em critérios de seleção que nós, auditores imparciais, estabelecêramos. E o que havíamos especificado era que o cliente precisava de unidades de disco de grande capacidade. Um dos proponentes apresentara o melhor orçamento. Se resolvêssemos, naquele instante, depois da entrega das propostas, que a prioridade passava para as impressoras, o vencedor da concorrência seria outro. E eu era perfeitamente capaz de adivinhar quem: o fornecedor que convidara Jock para almoçar naquele mesmo dia.

Claro que algo valioso lhe fora passado por baixo da mesa, durante o almoço; talvez a promessa de um futuro negócio vantajoso para nossa empresa, ou um iate ou um carro esporte para Jock. Fosse o que fosse, eu não estava disposta a fazer parte do arranjo.

— Sinto muito, senhor, mas é tarde demais para mudar o critério sem a aprovação do cliente. Podemos lhe telefonar e dizer que gostaríamos de solicitar um orçamento suplementar de cada fornecedor. Só que isso atrasaria todo o negócio, e nosso cliente quer uma definição antes do Ano-Novo.

— Não, nada disso será necessário, Velis. Não foi por acaso, nem por deixar de levar em conta minhas intuições, que me tornei um dos sócios da empresa. Já agi muitas vezes em favor dos clientes sem que eles ao menos ficassem sabendo, e já economizei milhões para eles em um piscar de olhos. É aquele instinto de sobrevivência primitivo, que a gente sente na barriga, e que já foi responsável pela colocação de nossa empresa no alto da lista das Oito Grandes, tantas e tantas vezes.

Lançou em minha direção um sorriso cheio de covinhas na bochecha e no queixo. As probabilidades de que Jock Uphan tivesse algum dia feito qualquer coisa em proveito de um cliente sem

apregoar seus méritos e assumir totalmente o crédito de tal ação eram tantas quanto as do proverbial camelo passar pelo buraco de uma agulha.

— No entanto, senhor Uphan, temos, perante o cliente, a responsabilidade moral de avaliar e julgar com justiça as propostas seladas. Afinal, somos uma firma de auditoria.

As covinhas de Jock desapareceram como se ele as tivesse engolido.

— Você não está querendo dizer que se recusa a seguir minha sugestão, está?

— Se é apenas uma sugestão, e não uma ordem, prefiro não segui-la.

— E se eu dissesse que é uma ordem? — Jock fez um trejeito meio canalha. — Como sócio da empresa, eu...

— Se fosse uma ordem, eu desistiria do projeto e lhe pediria que o passasse para outro empregado qualquer, senhor Uphan. E guardaria cópias de meus trabalhos, para o caso de, no futuro, haver alguma investigação.

Jock entendeu o que eu quis dizer. As consultorias contábeis nunca sofriam auditorias. Só uma instituição tinha poder para questionar sua atuação: o governo federal, quando havia suspeita de práticas fraudulentas ou ilegais.

— Muito bem. Não vou mais interromper seu trabalho, Velis. Já vi que terei de tomar sozinho essa decisão. — Voltou-se rapidamente e sumiu de minha sala.

Meu gerente, Lisle Holmgren, um sujeito loiro e atarracado, entrou na sala no começo da manhã seguinte. Agitado, tinha o cabelo ralo despenteado e o laço da gravata torto.

— Catherine, que diabo você fez com Jock Uphan? - quis saber, antes mesmo de um "bom-dia". — O homem está uma fera! Telefonou para mim de madrugada. Mal tive tempo de fazer a barba! Ele disse que você precisa de uma camisa de força, que ficou maluca de vez. Não quer que seja exposta a nenhum cliente, de hoje em diante. Disse que você não está pronta para jogar no primeiro time, que ainda tem de fazer estágio no jardim de infância...

Lisle centrara sua vida na empresa. Sua ambiciosa esposa media o sucesso pelo valor das mensalidades pagas ao clube de campo. Lisle talvez até discordasse de algumas coisas, mas seguia religiosamente a linha demarcada.

— Acho que perdi a cabeça ontem... — respondi, em tom de sarcasmo. — Recusei-me a derrubar um orçamento. Disse a ele que, se quisesse, poderia transferir o projeto para outra pessoa...

Lisle afundou em uma cadeira perto da minha e ficou em silêncio por algum tempo. Depois, disse:

— Catherine, há muitas coisas em nosso trabalho que podem parecer antiéticas para alguém de sua idade. Mas não são necessariamente o que você acha que são...

— Esta é.

— Eu lhe dou minha palavra de honra: se Jock Uphan lhe pediu para fazer algo com que você não concorda, ele tem suas razões.

— Se tem! Garanto que ele deve ter uns trinta ou quarenta mil dólares de boas razões — retruquei, dando-lhe as costas, e me debrucei sobre a papelada.

— Você está cortando os próprios pulsos, sabia? Não se faz uma coisa dessas com um sujeito como Jock Uphan! Você acha que ele vai ficar quietinho no canto do ringue? Que vai se fingir de morto como um cachorrinho bem-comportado? Se eu fosse você, iria agora à sala dele, pedir desculpas. Diga que vai fazer o que ele quiser, puxe o saco dele! Se não fizer isso, posso garantir: adeus, carreira!

— Ele não seria louco de me demitir por eu me recusar a fazer uma coisa ilegal.

— Não! Quem falou em demissão? Na posição dele, é fácil fazer com que você se arrependa de um dia ter entrado nesta empresa! Você é quem vai pedir demissão! Eu gosto de você, Catherine, acho que você é uma boa moça. Já lhe dei minha opinião. Agora... escreva seu próprio epitáfio!

Tudo isso acontecera havia uma semana. Não pedi desculpas a Jock, mas também não contei nada sobre o incidente a qualquer pessoa. Mandeí meu laudo para o cliente um dia antes do Natal, dentro do prazo. O proponente favorito de Jock não ganhou a concorrência. Daí por diante, tudo pareceu muito calmo e tranquilo

nos escritórios da venerável empresa Fulbright, Cone, Kane & Uphan. Pelo menos até a manhã daquela véspera de Ano-Novo.

Foram necessários exatamente sete dias para que os sócios decidissem o tipo de tortura a que eu deveria ser submetida. No dia 31, de manhã cedo, Lisle entrou em meu escritório com as "boas" notícias:

— Pelo menos você não vai poder dizer que eu não avisei! O problema das mulheres é este: nunca ouvem a voz da razão!

A descarga da privada do "escritório" vizinho ao meu foi acionada. Tive de esperar pelo fim do barulho. Um indício premonitório de meu futuro?

— Você sabe como se chama o raciocínio posterior aos fatos? — perguntei. — Chama-se "racionalização".

— No lugar para onde você vai, não lhe faltará tempo para racionalizar. Os sócios reuniram-se hoje cedo, em volta do café, biscoitos e geleias, para decidir seu destino. Ficaram em dúvida entre Calcutá e Argel. Espero que você fique feliz ao saber que a Argélia ganhou. E pode me agradecer: o voto de Minerva foi o meu.

— Mas do que você está falando? — perguntei, sentindo uma espécie de mão fria me apertando a boca do estômago. — Onde diabos fica Argel? E o que eu tenho com essa cidade?

— Argel é a capital da Argélia, um país socialista no Norte da África, membro assumido e confirmado do Terceiro Mundo. É melhor você ler isto aqui. — Jogou um livro enorme sobre a minha mesa.

— Tão logo seu visto seja aprovado, o que deve levar uns três meses, você vai conhecer Argel bem de perto, e por muito tempo. Sua próxima tarefa será lá.

— Então, há uma tarefa? Não se trata de um exílio incondicional?

— Não. Na verdade, vamos iniciar um projeto lá. Nossa empresa aceita missões em lugares bem exóticos. Este é um trabalhinho de um ano, para uma espécie de clube social e recreativo do Terceiro Mundo, que se reúne de vez em quando para discutir o preço da gasolina. Acho que se chama "ORGAS", ou coisa assim... Espere um instante, já lhe digo o nome certo. — Tirou alguns papéis do bolso do paletó: -Ah! Aqui está! Chama-se "OPEP".

— Nunca ouvi falar.

Em dezembro de 1972, pouca gente sabia da existência da OPEP, ainda que os ouvidos de todos logo fossem ficar bem familiarizados com a sigla da Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

— Nem eu — admitiu Lisle. — Foi por isso que os sócios acharam que era um lugar perfeito para você. O que eles querem é enterrar você, Velis. Exatamente como eu previ.

A descarga do vizinho tornou a ser disparada. Ao mesmo tempo, todos os meus sonhos iam para o fundo da privada. Lisle continuou:

— Recebemos um telegrama da filial de Paris, há algumas semanas, perguntando se tínhamos algum especialista em processamento de dados com conhecimento do ramo de petróleo, gás natural, usinas termelétricas. Receberiam qualquer pessoa que recomendássemos e nos pagariam uma comissão bem gorda. Nenhum consultor experiente se dispôs a ir. A indústria da energia não é das mais propensas ao crescimento. Todos acharam que a missão constituía um beco sem saída. Estávamos para mandar um telegrama dizendo que não tínhamos ninguém adequado quando seu nome veio à baila.

Não podiam me obrigar a aceitar, claro. A escravidão terminou com a Guerra de Secessão. Queriam me forçar a pedir demissão. Só que eu não jogaria a toalha no ringue com tanta facilidade.

— E o que tenho de fazer para aqueles rapagões do Terceiro Mundo? — perguntei, com a voz mais doce que consegui. - Não entendo nada de petróleo. A respeito de gases naturais, só conheço o que ouço aí do toalete vizinho.

— Você vai trabalhar na Consolidated Edison até chegar a hora da viagem - respondeu Lisle, já de saída. — Aquele pessoal queima tudo que passa flutuando pelo rio, na termelétrica perto do East River. Em dois ou três meses, você se transformará em catedrática em conversão de energia. — Saiu rindo e dando adeus, mas tornou a pôr a cabeça no vão da porta, para completar: — Animo, Velis! Poderia ter dado Calcutá!

E então, ali estava eu, no CPD da Pan Am, sozinha no meio da noite, estudando um país do qual eu nunca ouvira falar, que ficava em um continente do qual eu nada sabia, para me especializar em um campo de conhecimento que não me interessava. Além disso,

devia me preparar para viver entre um povo que não falava minha língua e que, provavelmente, achava que lugar de mulher é no harém. Bom, pelo menos tem muito em comum com os sócios da Fulbright Cone, pensei. Em todos os aspectos.

Continuei sem dar o braço a torcer. Levara apenas três anos para me especializar no ramo de transportes. Aprender sobre energia parecia até mais fácil. Era só fazer buracos no chão que o petróleo saía... E daí? Qual a dificuldade? Mas talvez fosse duro, se todos os livros que tinha para ler fossem tão estimulantes quanto o que estava aberto a minha frente:

Em 1950, o cru árabe leve estava cotado a dois dólares o barril.

Em 1972, a cotação continua exatamente a mesma. Isto faz com que o cru árabe leve se constitua em uma das raras matérias-primas importantes do mundo completamente imunes aos efeitos da inflação durante tal período. O que explica tal fenômeno é o rigoroso controle a que este produto de importância vital foi submetido pelos governos do mundo.

Fascinante!... Mas o que me parecia muito mais fascinante era o que o livro não explicava. Na verdade, uma coisa que nenhum dos livros que li naquela noite tentava explicar.

O "cru árabe leve" parecia ser um tipo de petróleo. Era, de fato, o tipo mais valioso e procurado de todos. Seu preço se mantivera constante por mais de vinte anos por uma razão bem simples: o controle não cabia aos compradores ou aos proprietários do solo de onde era extraído — quem determinava o preço eram os distribuidores, os infames intermediários. E sempre fora assim. ^{^=a^} Havia oito grandes empresas de petróleo no mundo: cinco ameri—

36 canas, uma britânica, outra holandesa e a restante francesa. Uns cinquenta anos antes, os responsáveis por essas companhias decidiram, durante uma caçada de perdizes na Escócia, dividir a distribuição mundial do petróleo entre eles, de forma a evitar que cada um incomodasse os demais. Poucos meses mais tarde, tornaram a se reunir em Ostend, na Bélgica, desta vez com um sujeito chamado Calouste Gulbenkian, que chegou com um lápis vermelho no bolso. Usou-o para traçar o que mais tarde veio a ser

chamado de "a Fina Linha Vermelha", demarcando no mapa uma grande porção do mundo, que continha o antigo Império Otomano, sem o Iraque e a Turquia, e uma bela fatia do Golfo Pérsico. Os cavalheiros, em seguida, dividiram a região e começaram a perfurar buracos. O petróleo jorrou aos borbotões no Barein. A corrida começou.

A lei da oferta e da procura torna-se um tanto discutível quando o maior consumidor de um produto qualquer detém o controle do suprimento. De acordo com os gráficos a minha frente, os Estados Unidos vinham sendo havia muito tempo os maiores consumidores de petróleo do mundo. E as oito empresas, a maioria das quais americana, controlavam o suprimento. Faziam isso de um modo simples: assinavam contratos para a prospecção e a produção do petróleo, em termos que lhes garantiam a maioria das ações dos empreendimentos, e depois o transportavam e distribuía, garantindo um lucro adicional.

E lá estava eu, sozinha em frente de uma pilha de livros da biblioteca de assuntos técnicos e comerciais da Pan Am, a única biblioteca de Nova York a funcionar a noite toda em plena véspera do Ano-Novo. Olhei para a neve que continuava caindo do lado de fora, atravessando os fachos de luz das luminárias em toda a extensão da Park Avenue. E comecei a pensar.

A idéia que passou a dar voltas e mais voltas em minha mente foi a mesma que, nos meses seguintes, preocuparia cabeças muito mais ilustres, tiraria o sono de chefes de Estado e tornaria mais ricos alguns presidentes de companhias petrolíferas. Uma idéia que precipitaria conflitos armados, derramamento de sangue e crises econômicas, levando as grandes potências à beira da terceira guerra mundial. Mas, naquele fim de ano, não me pareceu ter um conteúdo tão revolucionário.

Foi uma idéia simples: e se de repente o controle da produção do petróleo mudasse de mãos? A resposta a tal pergunta, tão simples quanto eloquente, se tornaria clara para o restante do mundo em menos de um ano. Era o encontro marcado em Samarra.

UM MOVIMENTO DISCRETO

Posicional: referente a movimento, manobra ou estilo de jogo que considera mais os aspectos estratégicos que os táticos. Assim, um movimento posicional tende a ser também um movimento discreto.

Movimento discreto: aquele que não ameaça nem toma qualquer peça, que parece não envolver nenhum ataque direto. [...] Tal movimento parece dar às pretas a maior liberdade de ação possível.

- EDWARD R. BRACE Dicionário ilustrado de xadrez

A campainha de um telefone tocava, em algum lugar. Levantei a cabeça e dei uma olhada em volta. Levei algum tempo para lembrar que estava no CPD da Pan Am. Ainda era véspera do Ano-Novo: o relógio da parede dos fundos marcava onze e meia da noite. Continuava nevando. Eu dormira mais de uma hora! Tentei entender por que ninguém atendia ao telefone.

Tornei a examinar o salão com o olhar. O chão falso parecia não ter fim, cobrindo quilômetros de cabos coaxiais que mergulhavam como minhocas gigantes nas entranhas do edifício. Nenhum movimento, nenhum som. O lugar assemelhava-se a um necrotério.

Foi então que me lembrei de ter dito aos operadores que podiam descansar um pouco, pois eu tomaria conta do CPD. Mas dissera aquilo horas antes... Nesse instante, enquanto me levantava e cambaleava na direção da mesa telefônica, me ocorreu que o pedido feito fora meio estranho:

— Tudo bem se a gente se fechar um pouco no cofre de fitas para acabar com umas carreirinhas?

Eu estava tão distraída que concordara pensando em carreiras de crochê!

Cheguei à mesa de controle, onde ficavam os consoles que comandavam as unidades daquele andar, os dispositivos de segurança e o PABX. Completei a ligação, verificando, ao mesmo

tempo, que a unidade de fitas estava com a lâmpada vermelha acesa, o que significava que terminara a leitura e precisava ser reabastecida. Apertei a campainha do cofre, para chamar o operador, e peguei o telefone, tonta de sono, esfregando os olhos.

— Pan Am, boa-noite — atendi.

— Estão vendo? — disse a voz maléfica do outro lado, com aquele sotaque inconfundível da classe alta britânica. — Não disse que ela estava trabalhando? Ela está sempre trabalhando! — Finalmente, deixou de lado as pessoas que deviam estar com ele e resolveu se dirigir a mim: — Cat, querida, você se atrasou muito! Estamos todos aqui, a sua espera. Já passa das onze. Será que você não sabe que dia é hoje?

— Não posso ir, Llewellyn — respondi, esticando as pernas e os braços para me livrar da dormência. — Tenho um trabalho a fazer. Eu sei que prometi, mas...

— Nem "mas" nem meio "mas", querida! Na véspera de Ano-Novo, temos de descobrir o que o destino nos reserva. Todos nós já estivemos com a vidente e foi ótimo! Agora é sua vez. Harry está aqui, me empurrando. Quer falar com você.

Dei um gemido e tornei a apertar a campainha, para chamar o operador. Onde diabos estavam todos eles, afinal? E por que três marmanjos se trancariam em um cofre, fazendo sapatinhos de crochê na véspera de Ano-Novo?

— Querida! — berrou Harry, naquele vozeirão de barítono que sempre me forçava a afastar o fone do ouvido. Ele fora meu cliente, quando trabalhei na 3M, e continuamos amigos após o término do projeto. Ele me adotou, por assim dizer, como parte da família, e vivia me convidando para eventos sociais, meio contra a vontade de Blanche, sua esposa, e do cunhado Llewellyn. Mas o que realmente queria de mim era que me tornasse amiga de sua filha, Lily, que tinha mais ou menos minha idade. Podia esperar sentado...

— Querida, espero que você me perdoe a liberdade que tomei: acabei de despachar Saul para buscá-la, com o carro — continuou Harry.

— Você não deveria... Por que não me consultou antes de mandá-lo sair com essa neve toda?

— Porque você teria dito que não. Além disso, Saul gosta de dirigir. É o trabalho de todo motorista, não é? Eu pago por esse serviço; assim, ele não tem do que reclamar. E, seja como for, esse favor você está me devendo.

— Não lhe devo favor nenhum, Harry. Não vamos esquecer quem ajudou quem.

Dois anos antes, eu organizara um sistema de transportes para ele. Sua empresa se transformara, em resultado, na maior peleteria de Nova York e acabara se tornando a maior de todo o hemisfério norte. A Harry's, "Qualidade e Economia", era capaz de entregar, em qualquer lugar, um capote de pele feito sob medida, vinte e quatro horas após o pedido. Tornei a apertar o botão da campainha, com raiva;

a luz vermelha continuava brilhando a minha frente. Onde diabos teriam se metido os operadores?

— Escute Harry — insisti, impaciente. — Nem sei como você me descobriu aqui... Vim para cá a fim de ficar sozinha. Não quero discutir agora, pois estou com um problema...

— Seu problema é trabalhar demais, ficar sozinha demais.

— O problema é minha empresa. Resolveram me transferir para um projeto novo, e não sei nada a respeito dele. Querem me despachar para o estrangeiro. Preciso de tempo para pensar, para entender o que vem acontecendo.

— Eu não disse? Você nunca devia ter confiado naqueles antissemitas. Auditores luteranos\ Onde já se viu tal coisa? Está bem, está bem! Sei que me casei com uma góia, mas ela não toma parte de minha contabilidade... Faça o favor: vista o casaco e desça. Seja uma moça bem-comportada. Venha tomar um drinque comigo e contar mexericos. Além do mais, essa vidente é incrível! Parece que já trabalha aqui há anos, mas eu nunca ouvi falar dela. Caso contrário, já teria demitido meu corretor e contratado a tal mulher.

— Você não está falando sério — retruquei, com voz ainda irritada, incrédula.

— Estou! Algum dia já menti para você? Escute: ela sabia que você viria hoje! A primeira coisa que fez, quando chegou a nossa

mesa, foi perguntar por nossa "amiga que trabalha com computadores"! Você acredita?

— Não. Não acredito. Onde vocês estão?

— Pois pode crer! A tal senhora insistiu que você tinha de vir. Chegou a me dizer que seu destino e o meu, de algum modo, se interligam. E não foi só! Ela sabia que Lily também tinha marcado um encontro conosco!

— E Lily não apareceu?

Era um alívio ouvir aquilo, mas, mesmo assim, fiquei indignada por ela deixar o pai sozinho na noite de Ano-Novo, sabendo quanto aquilo o machucaria.

— Filhas, filhas... O que se pode fazer com elas? Preciso de um pouco de apoio moral, querida. Do jeito que as coisas vão, meu cunhado acabará sendo a alma da festa!

— Tudo bem. Estou indo.

— Maravilha! Eu sabia que viria. E só descer que o Saul vai trazer você. E vou lhe dar um abraço, quando chegar.

Desliguei ainda mais deprimida do que antes. Aquilo era justamente o que eu não precisava: passar a noite ouvindo as bobagens de Harry e de sua enfadonha família... Mas Harry, pelo menos, sempre conseguia me fazer rir. Talvez fosse até bom, para desviar minha mente dos problemas de verdade.

Atravessei o CPD e abri de repente a porta do cofre. Os operadores estavam todos lá, partilhando um tubinho de pó branco e uma bandeja com carreirinhas da mesma substância. Carreiras de cocaína, e não crochê, naturalmente. Com expressão de criança apanhada fazendo arte, um deles me ofereceu a bandeja.

— Estou indo embora — avisei. — Será que algum de vocês ainda consegue enfiar uma fita na unidade 63, ou é melhor fechar a Pan Am até o ano que vem?

Deixei-os tentando sair do cofre, peguei a bolsa e o casaco e saí na direção do elevador.

Uma enorme limusine preta estava à espera, no portão. Atravessando o saguão, reconheci Saul no banco da frente. Ele se levantou de um salto e veio abrir a porta para mim.

Homem de rosto duro, cortado por rugas profundas que iam de perto das orelhas até o queixo, Saul dificilmente seria confundido com outra pessoa. Com bem mais de um metro e oitenta, tinha quase a altura do próprio Harry, mas não a mesma gordura. Quando juntos, os dois pareciam reflexos em espelhos côncavo e convexo de parques de diversão. O uniforme de Saul estava polvilhado de flocos de neve. Deu-me o braço, para evitar que eu escorregasse.

— Não conseguiu se livrar, não é? — perguntou, sorrindo, quando me acomodei no banco de trás.

— E difícil dizer "não" para ele...

— Acho que Harry não entende o significado de uma negativa. Onde esse cerimonial místico está acontecendo?

— No Fifth Avenue Hotel.

Saul bateu a porta e encaminhou-se para o volante. Engatou a primeira e saímos deslizando pela neve, cada vez mais alta.

Na noite de 31 de dezembro, as principais vias de Nova York ficam quase tão congestionadas quanto durante o dia. Táxis e limusines cruzam as avenidas e pedestres erram pelas calçadas à procura de bares e casas noturnas. Serpentinhas e confetes cobrem as ruas. Parece que há uma histeria generalizada no ar.

Aquela véspera de Ano-Novo seguia a regra geral. Quase atropelamos uns bêbados que pareciam tentar acertar os para-lamas do carro com os copos. Uma garrafa vazia de champanhe cruzou o ar e bateu na capota.

— Não vai ser fácil — comentei.

— Estou acostumado - respondeu Saul. - Todo ano tenho de sair com o senhor Rad e sua família, nesta noite. É sempre a mesma coisa. Eu deveria cobrar adicional de periculosidade.

— Há quanto tempo você está trabalhando para Harry? - perguntei, quando passávamos pela Quinta Avenida, com seus edifícios iluminados e as fachadas já não tão brilhantes das lojas.

— Vinte e cinco anos. Quando comecei, Lily não tinha nascido. Aliás, o senhor Rad nem se casara, ainda...

— Você deve gostar de trabalhar para ele.

— É um emprego como outro qualquer. — Fez uma pausa e acrescentou: — Respeito o senhor Rad. Ele e eu já passamos por

maus bocados, sempre juntos. Houve ocasiões em que ele não tinha dinheiro para pagar meu salário, mas pagava, de qualquer jeito, mesmo sabendo que ia ficar completamente "duro" na semana seguinte. Sempre gostou de ser dono de uma limusine. Segundo ele, um motorista dá um toque de classe. — Parou em um sinal vermelho e tentou virar o rosto por cima do ombro, para me ver. — Quer saber de uma coisa? Naquela época, entregávamos as peles com a limusine! Fomos a primeira peleteria de Nova York a fazer isso. — Havia uma ponta de orgulho em sua voz. - Hoje em dia, o que mais faço é levar a senhora Rad e o irmão dela às compras, quando o senhor Rad não precisa do carro. E levar Lily às competições.

Ficamos em silêncio até chegarmos à parte de baixo da Quinta Avenida.

— Pelo que entendi, Lily não foi ao encontro dele, hoje.

— Não — confirmou Saul.

— Foi por isso que larguei o que estava fazendo. O que será tão importante que ela não possa interromper para passar o réveillon com o pai?

— Você sabe o que ela está fazendo — respondeu Saul, ao parar o carro na porta do Fifth Avenue Hotel. - A mesma coisa de sempre: jogando xadrez.

Tive a impressão de que ele estava magoado.

O hotel ficava no lado oeste da Quinta Avenida, poucos quarteirões acima do Washington Square Park. De lá, eu podia ver as árvores cobertas de neve grossa como creme, formando pequenos cones semelhantes a chapéus de duendes em volta do arco maciço que demarcava a entrada de Greenwich Village.

Em 1972, o bar do hotel ainda não fora redecorado. Como muitos outros bares noturnos de Nova York, reproduzia com tal perfeição uma estalagem campestre da época dos Tudor que os frequentadores sentiam que seria mais próprio amarrar os cavalos à entrada, em vez de descer de uma limusine. Vidros lavrados e vitrais coloridos ornamentavam pesadamente as janelas amplas, de frente para a rua. Um fogo alto e barulhento, na enorme lareira de pedra,

iluminava os rostos dos que estavam no salão e projetava uma luz avermelhada e brilhante que se refletia na neve da calçada e da rua.

Harry conseguira uma mesa redonda de carvalho, perto das janelas. Ainda dentro do carro, eu o vi acenando, inclinando o corpo contra a janela, deixando o vidro embaçado com a respiração. Llewellyn e Blanche, mais atrás, sentados à mesa, cochichavam bem próximos um do outro, loiros como um par de anjos de Botticelli. A cena lembrava um cartão postal.

Saul me ajudou a sair do carro. A lareira acesa, o bar superlotado de gente com roupas elegantes a se mover à luz do fogo. Nada daquilo parecia real. Fiquei um instante na calçada, olhando a neve que brilhava ao cair, enquanto Saul ia estacionar o carro. Logo Harry saiu correndo em minha direção, preocupado, como se eu fosse derreter como a neve.

- Querida! — gritou, dando-me um abraço de urso que quase me quebrou as costelas.

Ele era gigantesco. Tinha mais de um metro e noventa e, sendo gentil, eu poderia dizer que pesava um pouco mais do que o razoável para aquela altura. Seu corpo formava uma imponente montanha de carne, com olheiras tristonhas e bochechas caídas que lhe davam a aparência inconfundível de um são-Bernardo. Envergava um dinner -jacket enxadrezado, vermelho, verde e preto, que o faria parecer ainda maior, se fosse possível.

— Estou tão feliz por você ter vindo!

Tomou meu braço e me impulsionou para dentro, pela pesada porta dupla, na direção de Llewellyn e Blanche.

— Cat, minha cara! — Llewellyn levantou-se para me dar um beijo no rosto. — Blanche e eu já estávamos quase apostando que você não viria mais! Não é, queridíssima? — Sempre chamava a irmã de "queridíssima", o tratamento que o jovem Lorde Fauntleroy dispensava a sua mãe. — E sério, Cat: arrancar você daquele computador é como tirar Heathcliff de junto do leito de morte da proverbial Cathy! Juro que muitas vezes já me perguntei o que você e Harry fariam se não tivessem de trabalhar todos os dias.

— Olá, querida — disse Blanche, fazendo sinal para que eu me sentasse e oferecendo a bochecha de porcelana fria para um beijo.

— Você está linda, como sempre. Sente-se, por favor. O que você quer que Harry traga do bar?

— Eu vou trazer um Egnog para ela — antecipou-se Harry, debruçado sobre todos nós como uma árvore de Natal de tecido escocês. - O Egnog daqui é uma delícia. Você vai tomar um e depois pode escolher o que quiser.

Ele partiu em direção ao balcão, com a cabeça acima de todos, como uma torre, e Llewellyn comentou:

— Harry nos disse que você está indo para a Europa...

Sentou-se a meu lado e esticou-se todo, para que Blanche lhe passasse o copo que já começara. Usavam roupas combinadas, ela com um vestido de noite verde-escuro, que realçava a pele muito branca, ele com um paletó de veludo também verde e black-tie. Embora já tivessem passado dos quarenta, ambos exibiam um ar extremamente jovial. Mas, sob as fachadas brilhantes, cheias de verniz, não era difícil identificar a natureza de cães com pedigree preparados para uma exibição: a tolice e a decadência da raça apareciam por trás dos cuidados com a aparência.

— África — corrigi. — Vou para Argel, de castigo. Argel é uma cidade que fica na Argélia...

— Eu sei onde fica — interrompeu Llewellyn, trocando um olhar significativo com Blanche. — Que coincidência extraordinária, não é, queridíssima?

— Se eu fosse você, não mencionaria isso para Harry — disse ela, brincando com o colar duplo de pérolas absolutamente perfeitas. — Ele tem um antagonismo permanente contra os árabes. Você deveria ouvi-lo resmungar a respeito deles...

— Você vai detestar — continuou Llewellyn. — É um lugar horrroso. Pobreza, sujeira, baratas... E cuscuz, um prato horrível feito de massa cozida ao vapor c carneiro, pesado de gordura.

— Vocês já estiveram lá? — perguntei encantada ao ouvir suas animadoras opiniões sobre o local de meu iminente exílio.

— Eu, não, Deus me livre! Mas estou justamente à procura de alguém que possa ir até lá por mim. Não diga uma só palavra a respeito disso, querida, mas acho que afinal encontrei um bom

cliente. Você já deve ter percebido que, às vezes, sou forçado a depender um pouco de Harry, no que diz respeito às finanças...

Ninguém conhecia melhor do que eu o grau daquela dependência. Mesmo se Harry não passasse o tempo todo reclamando daquilo, como aliás fazia, bastava uma visita ao antiquário de Llewellyn, na Madison Avenue, para se ter uma idéia. Os vendedores pulavam no pescoço de qualquer um que entrasse na loja! Não eram como os dos antiquários bem-sucedidos de Nova York, que, na maioria, só recebem clientes com hora marcada e com dignidade — não como se os compradores em potencial tivessem caído em uma emboscada.

— Mas — continuou Llewellyn — descobri um colecionador de peças raras. Se conseguir encontrar e adquirir uma coisa que ele vem procurando há muito tempo, eu faço minha independência.

— E o que ele quer está na Argélia? - perguntei, olhando para Blanche, que bebericava o champanhe, parecendo alheia à conversa. — Se eu for mesmo, será só daqui a uns três meses, quando me derem o passaporte visado. E, além disso, por que você mesmo não viaja até lá?

— Não é assim tão simples... Meu contato lá é um antiquário, também. Ele sabe onde está a encomenda, mas não a tem. A pessoa que a possui vive em total reclusão. A tarefa vai exigir um pouco de esforço e muito tempo. Ficaria bem mais fácil para alguém que residisse lá, entende?

— Por que você não lhe mostra a figura? — perguntou Blanche, em voz baixa.

Llewellyn concordou com um gesto de cabeça e tirou do bolso do paletó uma gravura colorida, dobrada, aparentemente arrancada de um livro. Esticou-a sobre a mesa, a minha frente. Vi que se tratava de uma escultura, talvez de marfim ou de madeira clara, representando um homem sentado em uma espécie de urna sobre o dorso de um elefante. Atrás do animal, ajudando a equilibrar o assento, vários pequenos soldados seguiam a pé. Ao redor da base, homens um pouco maiores, montados a cavalo, brandiam armas medievais. Era uma peça magnífica e visivelmente muito antiga.

— O que você acha? — quis saber Llewellyn. — Notável, não é? Não entendi bem o que significava, mas meu corpo se arrepiou.

Olhei para as janelas, tentando detectar alguma corrente de ar.

— Vocês não estão com frio? — perguntei.

Blanche continuava com os olhos presos em mim, tentando ver minha reação. Llewellyn fez que não com a cabeça e continuou:

— Trata-se da cópia árabe de um marfim indiano. Esta peça da foto está na Bibliothèque Nationale, de Paris. Se fizer escala na Europa, dê uma olhada nela. Mas acredito que a peça indiana de que foi copiada seja, por sua vez, cópia de outra peça, ainda muito mais antiga, que nunca foi encontrada. Chama-se "o Rei de Carlos Magno".

— Carlos Magno? Pensei que fosse Aníbal quem montava em elefantes...

— Não! Não é o rei Carlos Magno. É o Rei de um jogo de xadrez que parece ter pertencido a Carlos Magno. Esta é a foto de uma cópia da cópia. A peça original é lendária. Não conheço ninguém que a tenha visto.

— Então, como sabe que ela existe?

— Existe - disse ele. - O jogo inteiro é descrito em A lenda de Carlos Magno. Meu cliente tem várias dessas peças e quer completar a coleção. Está disposto a pagar um bom dinheiro pelas outras. Mas insiste no anonimato. Tudo isso é altamente confidencial, querida. Tenho razões para acreditar que as peças originais são de ouro de vinte e quatro quilates, com incrustações de pedras preciosas raras.

Olhei-o, incrédula, sem saber se entendera direito. E, de repente, compreendi o que ele estava me propondo.

— Llewellyn, há leis que tratam de pessoas que retiram ouro e pedras preciosas de um país, sem falar em objetos raros, de grande valor histórico. Você ficou louco ou está querendo me ver no fundo de algum calabouço árabe?

— Ah! Aí está o Harry - disse Blanche, com calma, pondo-se de pé como se para esticar as pernas compridas.

Llewellyn rapidamente fez com que a fotografia desaparecesse em um bolso.

— Não diga uma só palavra sobre isso a meu cunhado - sussurrou. — Vamos conversar um pouco mais, antes de sua viagem. Seu eventual interesse pode valer muito dinheiro para nós dois.

Sacudi a cabeça e me levantei também, no momento em que Harry chegava à mesa.

— Ora vejam! Harry trouxe Egnog para todos nós! Quanta gentileza... — disse Llewellyn. E acrescentou, abaixando a cabeça até quase encostar o rosto no meu, num cochicho: — Odeio Egnog! Lavagem de porco, uma droga de bebida!

Recebeu a bandeja das mãos do cunhado e ajudou a distribuir os drinques.

— Querido — chamou-o Blanche, de olhos postos no relógio de pulso pesado de pedras preciosas.

— Agora que Harry já voltou e estamos todos juntos, por que você não vai buscar a vidente? Faltam quinze minutos para a meia-noite, e Cat tem de conhecer seu destino antes da virada do ano.

Llewellyn concordou com a cabeça e afastou-se, aliviado pela chance de se livrar do Egnog. Harry olhou-o, desconfiado.

— Sabe de uma coisa? — perguntou a Blanche. — Estamos casados há vinte e cinco anos e durante todo esse tempo eu não havia descoberto quem joga Egnog nas plantas, em nossas festas de Natal.

— Hum, está ótimo — disse eu, pois estava mesmo: cremoso, grosso, com um delicioso gostinho de bebida alcoólica.

— Este seu irmão... — continuou Harry. — Eu a sustentá-lo e ele a jogar meus Egnog nas plantas! A única coisa boa que Llewellyn já fez na vida foi encontrar a vidente.

— Na verdade, foi Lily quem a recomendou - disse Blanche. — Só Deus sabe como ela descobriu uma quiromante trabalhando no Fifth Avenue Hotel! Talvez tenha havido alguma competição de xadrez por aqui — acrescentou, amarga. — Parece que os torneios se realizam em toda a parte, hoje em dia.

Harry começou a resmungar uma cantilena sem fim a respeito de Lily e do jogo de xadrez, e Blanche limitou-se a preencher as pausas

com comentários mal-humorados. Cada um parecia culpar o outro por ter gerado, como filha única, a aberração chamada Lily.

Lily não gostava de xadrez, simplesmente. Na verdade, parecia incapaz de pensar em outra coisa. Não demonstrava o menor interesse por negócios ou pelo casamento - martírio dobrado para Harry. Blanche e Llewellyn abominavam as pessoas e os lugares "pouco sofisticados" que a moça frequentava. Para ser franca, eu mesma achava difícil aturar a arrogância obsessiva que o jogo parecia inculcar em Lily. Todo o significado da vida, para ela, parecia se resumir a empurrar um monte de pecinhas de madeira sobre um tabuleiro. Portanto, eu dava alguma razão a seus pais.

— Deixe-me contar o que a vidente afirmou a respeito de Lily - disse Harry, ignorando um comentário qualquer de Blanche. — Disse que uma jovem que nem pertence à família terá um papel importante em minha vida.

— Harry adorou como você logo verá — comentou Blanche, sorrindo.

— Ela disse que, no jogo da vida, os Peões são essenciais e que um Peão, às vezes, altera o curso do destino, se outra mulher ajudá-lo. Acho que ela estava se referindo a você...

— O que ela disse foi: "os Peões são a alma do xadrez" — corrigiu Blanche. - É uma citação, acho eu...

— Como é que você conseguiu se lembrar?

— Llewellyn tomou nota para mim, neste guardanapo de papel.

- Mostrou-o e leu, em voz alta: - "No Jogo da Vida, os Peões são a alma do xadrez. E até um humilde Peão é capaz de assumir uma identidade diferente. Uma pessoa de que gostas mudará a maré. A mulher que a levará à encruzilhada cortará todos os laços e precipitará o fim que está previsto."

Blanche tornou a guardar o papel e tomou um gole de champanhe, sem olhar para nós.

— Viu só?! — exclamou Harry, alegremente. — Interpretei isso como uma forma de dizer que você, de algum jeito, vai conseguir o milagre, vai fazer Lily largar o xadrez por algum tempo, viver uma vida de gente normal...

— Se eu fosse você, não deixaria de respirar só por causa disso...

— alertou Blanche, parecendo outra vez amarga, fria.

Foi então que Llewellyn chegou, trazendo a vidente. Harry levantou-se e recuou um pouco, para abrir um lugar a meu lado. A impressão que tive foi de que eles estavam fazendo alguma brincadeira comigo, pois a mulher me pareceu bizarra, uma verdadeira peça de museu. Encurvada, com um penteado arredondado que lembrava uma peruca, fixou os olhos nos meus, através das lentes dos óculos com formato de asas de morcego, recobertos de lantejoulas ou coisa assim e atados ao pescoço por uma longa corrente feita de elásticos coloridos. Usava uma suéter cor-de-rosa, cheia de margaridas bordadas com linha creme brilhante, calça verde mal cortada, de um tamanho impróprio para ela, e tênis (do tipo que se usa para jogar boliche) rosa-shocking com a palavra "Mismy" alinhavada na frente, em cima. Carregava uma prancheta, que consultava de vez em quando, como se estivesse realmente jogando boliche e registrando seus pontos. Ainda por cima, mascava goma, sabor tutti frutti. Cada vez que falava, eu sentia o cheiro.

— E esta a tua amiga? — perguntou, com uma voz estridente e anasalada. Harry fez que sim e lhe deu algum dinheiro, que ela prendeu na prancheta, ao mesmo tempo que anotava qualquer coisa. Em seguida, sentou-se a meu lado e olhou-me dentro dos olhos.

— Querida — alertou Harry, que se alojara do outro lado da mesa —, apenas faça sinais com a cabeça, se você estiver de acordo com o que ela disser. Comentários podem perturbar a vidente...

— E quem lê a sorte sou eu — afirmou ela, rispidamente, sem tirar os olhos dos meus, continuando a me estudar.

Passou muito tempo assim, como se não estivesse com pressa nenhuma em fazer profecias. Depois de algum tempo, todos começaram a ficar inquietos.

— Você não tem de olhar para a palma de minha mão? — perguntei.

— Você não pode falar! — gritaram em coro Harry e Llewellyn.

— Silêncio! - comandou a vidente, irritada. — Este caso é difícil. Estou tentando me concentrar.

Disso não resta dúvida, pensei. Não tirara os olhos dos meus um só instante, desde que chegara. Olhei para o relógio de Harry: 23h53. A vidente continuava imóvel. Parecia ter se transformado em pedra.

No salão, as pessoas iam ficando cada vez mais agitadas, com a aproximação da passagem do ano. As vozes se tornavam mais altas e roucas, as garrafas de champanhe eram agitadas nos baldes de gelo, havia gente sacudindo reco-recos, pondo na cabeça chapéus de palhaço, espalhando confete e serpentina. As tensões do ano que agonizava iam se preparando para a explosão, como se uma caixa surpresa cheia de serpentes de molas estivesse prestes a ser aberta. Fui forçada a me lembrar das razões que sempre me faziam evitar as festas de Ano-No-vo. A vidente continuava imóvel, de olhos fixos em mim, completamente alheia ao ambiente.

Desviei o olhar. Harry e Llewellyn, inclinados para a frente, quase prendiam a respiração. Blanche, sentada confortavelmente, com as costas descansando contra o espaldar da cadeira, estudava o perfil da vidente. Quando tornei a olhar para a mulher, percebi que ela não se movera nem um milímetro. Parecia em transe, enxergando através de mim. Finalmente, devagar, seus olhos começaram a focalizar os meus. Senti outra vez o arrepio gelado que experimentara pouco antes.

— Não debes falar - sussurrou ela.

Levei um segundo para perceber que seus lábios haviam se mexido, que fora ela quem dissera aquilo. Harry se inclinou ainda mais, para tentar ouvi-la. Llewellyn fez o mesmo.

— Corres grande perigo. Sinto a ameaça em volta de mim, vindo de todas as direções. Sinto-a neste exato momento.

— Perigo? — repetiu Harry, em tom sério.

Naquele instante, chegou a garçonete, com um balde e uma garrafa de champanhe. Harry fez um gesto irritado, mandando que ela deixasse tudo sobre a mesa e fosse embora.

— A que se refere? Trata-se de alguma brincadeira? — perguntou ele à vidente.

A mulher abaixou os olhos para a prancheta e começou a tamborilar com o lápis sobre ela, como se não soubesse bem se

devia prosseguir. Fiquei meio irritada. Que idéia era aquela? A charlatã de parque de diversões estaria querendo me assustar? De repente, ela tornou a me encarar. Deve ter percebido a raiva em meu rosto, pois assumiu logo um ar profissional:

— Tu és destra; portanto, tua mão esquerda descreve o destino com que nasceste. A direita indica a direção em que estás indo. Vou ler primeiro a esquerda.

Por estranho que pareça, quando ela começou a examinar minha mão, em silêncio, tive a espantosa sensação de que ela estava realmente vendo alguma coisa. Os dedos frágeis e tortos que seguravam minha mão pareciam feitos de gelo.

— Ah, ah! — continuou, com a voz ainda mais estranha. — Mão extraordinária a tua, minha jovem!

Continuou olhando, em silêncio, com os olhos arregalados parecendo cada vez maiores por trás dos óculos espalhafatosos.

A prancheta escorregou de seu colo, mas ninguém fez nada para pegá-la do chão. Uma energia represada crescia em volta da mesa; ninguém se mostrava disposto a dizer nada. Todos tinham os olhos fixos em mim, enquanto o barulho da festa ao redor de nós continuava aumentando.

Quando a quiromante pegou minha mão com as suas, meu braço começou a doer. Tentei puxá-lo, mas a mulher o agarrava com uma força invencível. Aquilo me provocou uma raiva irracional. Já estava começando também a sentir um pouco de náusea devido à mistura do Egnog com aquele cheiro de goma de mascar. Com a outra mão, arranquei seus dedos à força. Ia começar a falar quando ela me interrompeu, com voz macia, completamente diferente da que usara para emitir os gritinhos estridentes de antes:

— Escuta...

Percebi que não era americana, mas não fui capaz de identificar o sotaque. E, embora a postura encurvada e o cabelo quase branco me tivessem levado a pensar que era velhíssima, percebi naquele instante que era muito mais alta do que parecera e que sua pele era lisa, praticamente sem rugas. Ia começar as profecias, mas Harry levantou o corpanzil da cadeira e exclamou:

— Isso está ficando melodramático demais para meu gosto.

— Colocou uma das mãos sobre o ombro da quiromante e tirou mais dinheiro do bolso, oferecendo-o a ela: — Vamos parar por aqui, está bem?

A vidente ignorou-o e inclinou-se ainda mais para mim.

— Vim aqui para te trazer um aviso — sussurrou. — Onde quer que vás, nunca deixes de olhar por cima dos ombros, de vigiar as costas. Não confies em ninguém. Suspeites de todos. Pois as linhas de tua mão revelam... que é a mão escolhida.

— Escolhida por quem?

Tornou a pegar minha mão e, delicadamente, acompanhou com um dedo as linhas da palma. Manteve os olhos fechados, como se lesse em braile. Em um sussurro, falou como alguém que se esforça para lembrar algo antigo, talvez um poema lido muito tempo antes:

— Justamente como no tabuleiro se misturam as do xadrez, até como se tudo soubessem, as linhas desta mão, discretas, mostram, noutra nível, a chave das verdadeiras finais. O Jogo, metáfora da vida, real visão... Última lembrança esta, tantas vezes entendida tarde demais: batalha infinda! Recorda-te: no quarto dia do quarto mês, evitarás atacar. Eterna luta entre pretas e brancas, quase iguais! Continua a tua busca por trinta e três e três. Vai sempre mais fechado estar o secreto portão.

Fiquei em silêncio, quando ela terminou. Harry, em pé, tinha as mãos nos bolsos. Eu não entendera nada do que ela dissera, mas me sentia estranha. Tive a impressão de já ter estado ali antes, naquele mesmo lugar, ouvindo as mesmas palavras. Mas descartei o sentimento como mero caso de déjà vu.

— Não tenho a menor idéia do que você quer dizer com isso — dissolhe, em voz alta.

— Não entendes? — Mostrou um sorrisinho esquisito, quase cúmplice. — Mas vais entender. O quarto dia do quarto mês... Isso não te diz nada?

— Diz, mas...

Levou um dedo aos lábios e sacudiu a cabeça, em uma negativa enérgica:

— Pois não o reveles a ninguém. Logo vais entender o resto. Pois a tua é a mão escolhida, a mão do Destino. Já foi escrito: "No

quarto dia do quarto mês, chegará o Oito."

— O que você quer dizer com isso? — gritou Llewellyn, assustado. Debruçou-se sobre a mesa e tentou agarrar o braço da vidente,

que se livrou dele sem dificuldade. Exatamente naquele instante, o salão do bar ficou às escuras. O som de maracas e apitos encheu o espaço. Ouvi estouros de champanhe sendo abertos e, quase como um coro, inúmeras vozes desejando feliz Ano-Novo. Na rua, fogos de artifício começaram a explodir. Contra a chama já bruxuleante da lareira, silhuetas de pessoas em festa se recortavam como negros espíritos saídos do poema de Dante. Gritos ecoavam na escuridão.

Quando as luzes se acenderam de novo, a quiromante sumira. Olhamos uns para os outros, fixamos os olhos no vazio que ela estivera preenchendo um momento antes. Harry riu e abaixou-se para beijar meu rosto.

— Feliz Ano-Novo, querida! — desejou-me, com um abraço apertado. — Sinto muito pela profecia confusa que você acabou ganhando... Acho que minha idéia foi um fracasso! Desculpe.

Blanche e Llewellyn estavam do outro lado da mesa, com os rostos próximos, cochichando.

— Ei, vocês dois! Que tal bebermos um pouco deste champanhe cujo preço quase me arruinou? — convidou Harry.

— Você também deve estar precisando de um pouco, Cat.

Llewellyn levantou-se e veio me dar um beijo:

— Cat, querida! Harry tem razão. Você parece que viu um fantasma!

De fato, eu não me sentia muito bem. Atribuí o mal-estar à tensão daquela última semana e ao cansaço. Já era bem tarde.

— Que velhinha horrorosa! — continuou Llewellyn. - Todas aquelas bobagens sobre perigo... Mas o que ela disse parece que fez sentido para você... Ou será que foi só minha imaginação?

— Infelizmente, acho que foi... Tabuleiros de xadrez, números... O que é o Oito? Oito o quê? Não entendi absolutamente nada!

Harry entregou-me uma taça de champanhe.

— Bem, não importa — disse Blanche, passando-me por cima da mesa um guardanapo de papel com algo escrito. - Llew anotou o que ela disse. — Aqui está. Talvez mais tarde isso lhe traga alguma lembrança. Mas eu espero que não... Pareceu tudo tão deprimente!

— Ah, deixem disso! — sugeriu Llewellyn. — Não passou de um pouco de diversão. Sinto muito se foi algo estranho. Ela fez menção ao xadrez, não foi? "Evitarás atacar... Eterna luta entre pretas e brancas..." Que coisa sinistra! Sabe de onde vem a expressão "xeque-mate", Cat? Do persa Shahmat. Significa "morte ao Rei". Juntando isso ao perigo que ela afirmou que você corre... Tem certeza de que não faz nenhum sentido? - Ele pareceu um pouco insistente demais.

— Chega! - exclamou Harry. - Bobagem minha achar que ela se referia a você, quando falou sobre Lily. É claro que tudo isso não passa de charlatanice. Esqueça ou vai acabar tendo pesadelos.

— Lily não é a única pessoa que conheço que joga xadrez — respondi. - Tenho um amigo que chegou a participar de competições...

— E mesmo? — Llewellyn pareceu outra vez um tanto ansioso. — Alguém que eu conheça?

Sacudi a cabeça. Blanche ia dizer alguma coisa, mas Harry lhe passou uma taça. Ela sorriu e bebericou o champanhe.

— Chega, chega — repetiu Harry. — Vamos brindar ao Ano-Novo, seja lá o que for que ele nos reserve.

Levamos mais ou menos meia hora para terminar o champanhe. Finalmente, vestimos os casacos e nos instalamos na limusine, que apareceu milagrosamente na porta na hora certa. Harry mandou que Saul primeiro me deixasse em casa, perto de East River. Quando chegamos, Harry desceu e me deu outro abraço de urso:

— Espero que você tenha um Ano-Novo maravilhoso. Quem sabe se você não conseguirá fazer alguma coisa para ajudar aquela minha filha impossível? Na verdade, tenho certeza de que fará. Deve estar escrito nas estrelas.

— Acho que vou ver estrelas daqui a pouco, se não for dormir logo. — Tentei disfarçar um bocejo. — Obrigada pelo Egnog e pelo champanhe.

Dei um apertão carinhoso em sua mão, e ele ficou me olhando atravessar o saguão escuro.

O porteiro dormia com o corpo acomodado em uma cadeira de costas retas, bem junto à porta. Nem se mexeu quando atravessei a portaria e fui até o elevador. O edifício inteiro parecia escuro e silencioso como um túmulo.

Apertei o botão do andar e a porta do elevador se fechou. Enquanto subia, tirei do bloco o guardanapo de papel e li de novo. Continuei não entendendo nada e tornei a guardá-lo. Já tinha problemas concretos em número suficiente para não me preocupar com os imaginários. Mas, quando a porta se abriu, já no hall de meu andar, comecei a me perguntar como a vidente teria adivinhado que eu nascera em um 4 de abril.

FIANCHETTO

Os Aufins [Bispos] são prelados com chifres. Movimentam-se e tomam pedras na diagonal porque é sempre de maneira oblíqua que todo bispo faz mau uso de sua posição, devido à cupidez.

- INOCÊNCIO III (papa de 1198 a 1216)
Quaendam Moralitas de Scaccario

PARIS

VERÃO DE 1791

Jacques-Louis David gritou merdel, atirando ao chão o pincel artesanal de pelos de marta, em um frenesi de frustração, e se erguendo de um salto. — Já disse que vocês não podem se mexer! O tecido saiu completamente do lugar! Todo o meu trabalho está perdido.

Olhou furioso para Valentine e Mireille, que posavam em um estrado alto, no outro lado do estúdio. As moças estavam seminuas, já que as envolvia apenas um transparente tecido branco, cuidadosamente arrumado de forma a reproduzir, com um laço sob o busto, a moda da Grécia Antiga, muito popular em Paris naquela época.

David mordeu o próprio polegar. O cabelo escuro, completamente despenteado, se projetava em todas as direções; os olhos negros fuzilavam. Pó de lápis de carvão maculava seu foulard listrado de amarelo e azul, passado duas vezes em volta do pescoço e atado em um nó irregular. As lapelas largas e bordadas do paletó verde de veludo estavam tortas.

— Vou ter de arrumar tudo de novo! — reclamou. As duas moças ficaram caladas, vermelhas de acanhamento, com os olhos presos à porta aberta atrás do pintor.

David olhou irritado por cima do ombro. O que viu foi um jovem alto, de corpo benfeito, tão extraordinariamente bonito que chegava a parecer angelical. O cabelo loiro e farto ondeava, preso à nuca por uma fita. A batina púrpura caía como se fizesse parte das formas atléticas. Os olhos, de um azul intenso e perturbador, estavam pousados calmamente nos do pintor, encimando um sorriso divertido.

— Espero não estar interrompendo nada — disse, com um olhar na direção do estrado, onde Valentine e Mireille, duas corças prontas para a fuga, continuavam posando. 61

A voz do recém-chegado tinha a segurança macia da classe alta, de quem sabe que sua presença sempre será recebida com mais entusiasmo que o causado por qualquer coisa que interrompa.

— Ah! E só você, Maurice? — David continuava irritado. — Quem o deixou entrar? Já avisei aos criados que não quero ser interrompido quando estou trabalhando.

— Espero que você não costume receber assim seus convidados para o almoço. — O jovem continuava sorrindo. — Além disso, esta não é bem a idéia que faço de trabalho. Ou melhor, talvez seja o tipo de trabalho a que eu me entregaria de corpo e alma, sem hesitar...

Tornou a olhar para as duas jovens, banhadas pela luz que a janela, voltada para o norte, deixava entrar. Era fácil ver os corpos trêmulos através do tecido.

— Você já andou se entregando demais a trabalhos desse tipo, pelo que sei. — David pegou outro pincel no pote ao lado do cavalete. — Mas me faça um favor. Vá até lá e ajeite aquele pano para mim, por obséquio. Eu digo daqui de baixo, como tem de ficar. A luz da manhã já está quase terminando. Mais meia hora e paro para almoçarmos.

— O que você está pintando?

Quando o jovem se dirigiu ao estrado, Valentine e Mireille viram que ele coxeava um pouco, discretamente. Andar lhe parecia penoso.

— Quero desenvolver uma idéia antiga, baseada num trabalho de Poussin, O rapto das sabinas.

— Rapto? Que idéia adorável! — retrucou Maurice, olhando para as moças. — O que você quer que eu arrume? Elas me parecem ótimas do jeito que estão.

Valentine estava em pé sobre o estrado, com um joelho projetado para a frente e os braços estendidos à altura do ombro. Mireille, de joelhos a seu lado, também tinha os braços à frente do corpo, em um gesto de convite. O cabelo acobreado lhe caía sobre os ombros, mal encobrindo o busto.

— Tire essa cabeleira ruiva da frente — respondeu David, fazendo no ar, com o pincel, o gesto correspondente. — Não! Foi demais. Deixe coberto o seio esquerdo, e o direito, exposto.

Completamente. Afinal, elas tentam seduzir soldados em plena batalha, e não fundar um convento.

Maurice obedeceu, mas suas mãos tremeram ao afastar os cabelos e ajeitar o tecido. — Saia da frente! Saia da frente, pelo amor de Deus! Preciso ver! O pintor sou eu!

Maurice se afastou um pouco, com um sorriso vago. Nunca antes vira jovens tão lindas. Tentou adivinhar de onde David as trouxera. Sabia que as damas da sociedade parisiense quase faziam fila à porta do estúdio, na esperança de serem retratadas pelo famoso pincel como *femmes fatales* gregas. Mas aquelas duas pareciam frescas demais, ainda preservadas da decadente sofisticação da nobreza parisiense.

E ele conhecia bem o assunto. Já acariciara os seios e as coxas de mais mulheres da sociedade que qualquer outro homem. Entre suas inúmeras amantes se incluíam a duquesa de Luynes, a duquesa de Fitz-James, a viscondessa de Lavai, a princesa de Vaudemont... Era como um clube de portas sempre abertas a novas sócias. Já lhe fora atribuída a cínica declaração de que "Paris é uma cidade onde é mais fácil tomar posse de uma mulher do que de uma diocese".

Maurice aparentava uns dez anos menos do que seus trinta e sete. E, nos dois decênios anteriores, não tivera escrúpulos de tirar vantagem dessa aparência. Muitas mulheres passaram por suas mãos, durante todo aquele tempo, e todas lhe deram prazer e vantagens políticas. As amantes haviam feito por ele tanto na cama quanto nos salões. Maurice assumira a direção da diocese por si próprio, mas sabia que as mulheres lhe abririam as portas das sinecuras políticas que ambicionava e logo conquistaria.

As mulheres controlavam a França, como ele sabia melhor do que ninguém.

Embora a lei não permitisse que uma mulher assumisse o trono francês, elas obtinham o poder por outros meios e selecionavam os candidatos ao mando de acordo com critérios muito particulares.

— Agora ajeite o tecido em volta de Valentine — gritou David impaciente. — Você vai ter de subir no estrado. Os degraus ficam na parte de trás.

Maurice subiu com dificuldade e posicionou-se às costas das moças.

— Então seu nome é Valentine? — sussurrou-lhe ao ouvido. — Você é adorável demais para um nome tão masculino.

— E o senhor é assanhado demais — respondeu ela, com malícia na voz — para um homem que está vestido com a batina púrpura de um bispo!

— Parem de cochichar! — gritou David. — Dê um jeito nesse pano, Maurice! A luz já está indo embora. Ah, esqueci das apresentações. Maurice, esta é minha sobrinha Valentine. A outra é Mireille, prima dela.

— Sobrinha? — Maurice largou o pano, como se estivesse em chamas.

— Modo de dizer. Sou tutor dela. Seu pai, um de meus melhores amigos, faleceu há muitos anos. Era o conde de Remy. Sua família se dava com ele, não é?

Maurice continuou a olhá-lo com uma expressão de espanto, enquanto David prosseguia com as formalidades:

— Valentine, esse cavalheiro que está ajeitando seu manto é uma figura muito famosa em toda a França. Já presidiu a Assembléia Nacional. Seu nome é Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, bispo de Autun.

Mireille deu um salto, de boca aberta, tentando cobrir os seios com o tecido. Valentine soltou um grito estridente, que doeu nos tímpanos de Maurice.

— O bispo de Autun! — gritou Valentine, recuando horrorizada.

— O demônio com o casco fendido!

As duas moças saltaram do estrado e saíram correndo, descalças, envoltas no pano transparente. Maurice sorriu, sem jeito, e comentou com David:

— Não é bem este o efeito que costumo causar no sexo frágil...

— Parece que sua reputação o antecedeu — retrucou o pintor.

Sentado na pequena sala de jantar ao lado do estúdio, David observava a Rue de Bac, pela janela. A sua frente, de costas para a rua, Maurice estava sentado em uma das cadeiras forradas de cetim listrado de branco e vermelho que circundavam a mesa de mogno;

sua expressão mostrava-se carregada. Sobre a mesa, posta para quatro, havia cestas de frutas, candelabros de bronze e lindos pratos decorados com motivos de pássaros e flores.

— Quem poderia esperar tal reação? — comentou David, descascando uma laranja. — Peço-lhe desculpas. Já estive lá em cima com elas. Pelo menos concordaram em se vestir e descer para o almoço...

— Como você virou o guardião dessas duas beldades? — Maurice rodou o copo de vinho entre os dedos e, depois, tomou um gole.

— Acho que são demais para um homem só. E, em seu caso, são quase um desperdício!

David lançou-lhe uma olhada, antes de responder:

— O pior é que você está certo. Não sei como proceder com elas. Já revirei Paris pelo avesso à procura de uma governanta para dar continuidade à educação das duas. Sinto-me completamente perdido desde que minha mulher partiu para Bruxelas, há alguns meses.

— A viagem dela teve algo a ver com a chegada das "sobrinhas"?

— quis saber Maurice, sorrindo e olhando o vinho contra a luz.

— Claro que não - respondeu David, deprimido. - Minha esposa e toda a sua família são monarquistas ferrenhos. Não concordam com minha participação na Assembléia. Acham que um pintor burguês como eu, que sempre teve o apoio da monarquia, não tem o direito de aderir abertamente à Revolução. Desde a tomada da Bastilha, meu casamento anda mal. Minha mulher exige que eu renuncie ao mandato na Assembléia e pare de pintar temas políticos. Diz que só volta para mim se eu fizer isso.

— Mas, meu amigo, quando você exibiu O juramento dos Horários, em Roma, multidões acorreram a seu estúdio na Piazza dei Po-polo, para jogar flores à frente da obra! Foi a primeira obra-prima da República! Você é o pintor predileto do regime!

— Sei disso. Quem não sabe é minha mulher. — David suspirou.

— Levou as crianças para Bruxelas e queria levar as moças também. Mas o acordo que fiz com a abadessa exige que eu as mantenha em Paris, e recebi um pagamento substancial quando o assinei. Além disso, meu lugar é aqui.

— Abadessa? Suas pupilas são freiras? — Maurice quase soltou uma gargalhada. - Que loucura deliciosa! Dar duas jovens lindas, noivas de Cristo, aos cuidados de um homem de quarenta e três anos, que nem parente é... O que essa abadessa tem na cabeça?

— Não são freiras. Ainda não fizeram os votos. O que não é o seu caso! E, pelo que entendi, foi a abadessa quem as avisou de que você é o Diabo encarnado.

— Até admito que minha vida não tem sido das mais exemplares. Mas nem por isso deixa de me surpreender que uma abadessa provinciana ande falando dela. Sempre tentei ser discreto.

— Se você chama de "discreto" o ato de encher toda a França de filhos ilegítimos, enquanto finge que é padre e sai por aí dando extremas-unções, eu gostaria de saber o que você considera "devasso".

— Nunca quis ser padre — disse Maurice, com voz um tanto amarga. — Mas temos de cumprir o destino que nos foi imposto. No dia em que puder tirar para sempre esta batina, vou me sentir realmente limpo pela primeira vez na vida.

Nesse instante, Valentine e Mireille chegaram à sala, com roupas iguais — os trajes de viagem cinzentos que a abadessa lhes dera. Mas as cabeleiras coloridas negavam a monotonia da cor única. Os dois homens se levantaram. David puxou as cadeiras para que as moças se sentassem.

— Vocês estão atrasadas mais de quinze minutos — repreendeu.

- Espero que tenham resolvido se comportar bem, agora. Sejam corteses com o monsenhor. Seja lá o que for que tenham ouvido a respeito dele, não chega nem perto da verdade. Ele é muito pior. Mas é nosso convidado, da mesma forma.

— Já lhes disseram que sou um vampiro? — perguntou Talleyrand, educadamente. — Que bebo o sangue das criancinhas?

— Já, monsenhor — respondeu Valentine. — E também que tem um casco fendido. Como o senhor capenga ao andar, deve ser verdade.

— Valentine! — Foi a vez de Mireille repreendê-la. — Que falta de educação!

David cobriu o rosto com as mãos.

— Não há problema algum - replicou Talleyrand. - Vou explicar tudo. — Serviu de vinho os copos das moças e prosseguiu:

— Quando eu ainda era criança de colo, minha família me deixava nas mãos de uma babá, uma camponesa ignorante. Um dia, ela me deixou sobre uma cômoda. Caí e quebrei o pé. Ela ficou com medo de contar a meus pais, e a fratura se consolidou de maneira errada. Como minha mãe nunca se preocupou comigo o suficiente para me olhar, continuei crescendo com o pé deformado, até que era tarde demais para consertá-lo. E isso foi tudo. Não há nada de misterioso na história.

— E o senhor sente dor? — quis saber Mireille.

— Não. Não no pé. — Sorriu de forma amarga. — Só doeram as consequências. Perdi meus direitos de primogênito por causa disso. Minha mãe logo se apressou a ter mais dois filhos, passando meus direitos para meu irmão Archimbaud e, em seguida, para Boson. Ela não podia permitir que o antiquíssimo título de Talleyrand-Périgord coubesse a um aleijado. A última vez que a vi foi em Autun, onde ela protestava contra minha investidura na diocese. Embora ela própria tivesse me forçado a me tornar padre, esperava que eu ficasse enterrado num canto qualquer, em total obscuridade. Insistiu que eu não possuía estofo religioso suficiente para me tornar bispo. Claro que tinha toda a razão.

— Que horror! — exclamou Valentine, com sinceridade na voz. — Se estivesse lá, eu a teria chamado de "bruxa velha", por fazer tal coisa!

David, ainda em silêncio, tirou o rosto de entre as mãos, ergueu-o para o teto e tocou a campainha, para que o almoço fosse servido.

— Você teria feito isso? — A voz de Maurice mostrou-se suave, cheia de gentileza. — Nesse caso, lamento que você não tenha estado presente. Confesso que sempre quis fazer isso.

Quando o criado terminou de servir e se retirou, Valentine tornou a falar:

— Agora que nos contou sua história, monsenhor, já não parece tão maligno quanto nos haviam feito crer. Confesso até que acho o senhor muito bonito.

Mireille lançou-lhe um olhar furioso. David abriu um sorriso largo.

— Talvez Mireille e eu devêssemos agradecer ao senhor por ter fechado a abadia, monsenhor. Se não fosse por isso, estaríamos ainda em Montglane, presas, loucas para conhecermos a vida de Paris, com que tanto sonhamos...

Maurice abaixou os talheres e cravou os olhos nela.

— Abadia de Montglane? Na parte oeste dos Pireneus? Foi de lá que vocês vieram? Mas por que não ficaram lá? Por que saíram?

A expressão tensa e a ansiedade na voz fizeram Valentine compreender que cometera um erro enorme. Talleyrand, apesar da beleza e da cortesia, continuava sendo o bispo de Autun, o homem com quem a abadessa mandara tomar o máximo cuidado. Se ficasse sabendo que elas não só tinham conhecimento do Xadrez de Montglane como ainda eram guardiãs de algumas peças, não descansaria enquanto não arrancasse delas toda a verdade.

Só o conhecimento, por parte dele, do lugar de origem das jovens já as fazia correr perigo. As peças estavam em segurança, enterradas, desde a noite da chegada, no jardim que David mantinha atrás do estúdio; contudo, havia ainda outro problema grave: Valentine não esquecera a missão que a abadessa lhe confiara: deveria servir de ponto de apoio para qualquer freira que se visse em apuros e fosse obrigada a fugir, deixando para trás sua peça. Até então, nada acontecera. Mas, no estado de comoção em que a França se encontrava, tudo era possível. Valentine e Mireille não podiam ficar sob a vigilância do bispo de Autun.

— Insisto em saber. — Maurice quebrou com voz grave o silêncio pesado em que as moças haviam mergulhado. — Por que vocês deixaram Montglane?

Mireille respondeu hesitante:

— A abadia... A abadia foi fechada, monsenhor.

— Fechada? E por quê?

— A Lei do Confisco, monsenhor... A abadessa ficou temerosa por nossa segurança.

— Nas cartas que me mandou - interrompeu David -, ela explicou que recebeu ordens dos Estados Papais para o fechamento.

— E você aceitou tal coisa? — Talleyrand parecia cada vez mais tenso. — Você é republicano ou não? Você sabe muito bem que o

papa Pio condenou a Revolução! Quando aprovamos a Lei do Confisco, ele ameaçou excomungar todos os membros católicos da Assembléia. Essa abadessa traiu a França ao aceitar ordens do papado italiano, que, como você sabe muito bem, está infestado dos Habsburgo e Bourbon espanhóis.

— Quero que fique bem claro que sou tão bom republicano quanto você! — exaltou-se David. — Minha família não é nobre. Sou um homem do povo. Serei leal até a morte ao novo governo. Mas o fechamento da abadia de Montglane nada tem a ver com questões políticas.

— Tudo na vida, meu caro David, tem a ver com a política. Você sabe o que estava escondido na abadia de Montglane, não sabe?

Valentine e Mireille empalideceram, mas David lançou um olhar estranho para Maurice e tomou um gole de vinho.

— Bobagem! Contos de fadas! — Deu uma risada alta, desdenhosa.

— É mesmo? — retrucou o outro.

Olhou demoradamente para as duas moças, com os olhos azuis mais penetrantes do que nunca. Tomou também um gole de vinho, parecendo imerso em pensamentos. Finalmente, voltou a empunhar os talheres e recomeçou a comer. Valentine e Mireille continuavam congeladas, imóveis em seus lugares, sem tocar na comida.

— Suas sobrinhas parecem ter perdido o apetite, David.

— Muito bem, o que há com vocês? Não venham me dizer que também acreditam nessa história ridícula!

— Não, tio — respondeu Mireille, em voz baixa. — Sabemos que não passa de superstição.

— É claro! Nada mais que uma lenda muito antiga, não é? — Talleyrand pareceu recobrar as maneiras delicadas de antes.

— Apesar disso suponho que vocês ouviram muito a respeito dela. Digam-me uma coisa: para onde foi essa abadessa, depois de conspirar com o papa contra o governo francês?

— Pelo amor de Deus, Maurice! — irritou-se outra vez David.

— Qualquer um seria capaz de pensar que você andou treinando para a Inquisição. Eu lhe digo para onde ela foi, e depois vamos acabar com esse assunto. Foi para a Rússia.

Talleyrand ficou alguns instantes em silêncio. Depois sorriu como se saboreasse alguma história divertida que só ele conhecia.

— Está bem, você tem razão — disse finalmente. — Vamos mudar de assunto. Suas encantadoras sobrinhas já tiveram oportunidade de visitar a ópera?

— Não, monsenhor — apressou-se Valentine. — É nosso maior sonho! Sempre foi, desde que éramos crianças!

— Faz tanto tempo assim? — Talleyrand riu. — Bem, talvez possamos fazer algo a respeito. Depois do almoço, deixem-me examinar seus guarda-roupas. Por acaso, entendo bastante de moda...

— O monsenhor está acostumado a dar orientação sobre moda à metade das mulheres de Paris - comentou David, ironicamente. — É apenas mais um de seus muitos atos de caridade cristã.

— Já lhe contei a respeito da vez em que providenciei a roupa de Maria Antonieta para um baile de máscaras? Eu mesmo desenhei o traje. Nem os amantes dela conseguiram reconhecê-la. E muito menos o rei!

— Oh, tio! Por favor! Podemos pedir ao monsenhor que faça o mesmo conosco? — Valentine quase implorou, sentindo uma onda de alívio ao constatar que a conversa fora desviada para um assunto muito mais agradável e muito menos perigoso.

— Vocês já me parecem deslumbrantes como estão — elogiou Talleyrand, sorrindo. — Mas vamos ver o que podemos fazer para ajudar um pouco a natureza. Por sorte, tenho uma amiga que convive com os melhores costureiros de Paris. Talvez vocês já tenham ouvido falar de Madame de Staël...

Todos em Paris já tinham ouvido falar de Anne Louise Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein e conhecida por Madame de Staël, como Valentine e Mireille logo descobriram. Entrando atrás dela no camarote forrado de azul e dourado da Opera-Comique, puderam ver a multidão de cabeças empoadas que se voltavam para a jovem mulher. A nata da sociedade parisiense enchia os camarotes, que se empilhavam uns sobre os outros até o teto da casa de espetáculos. Observando a ostentação de joias, pérolas e rendas, ninguém seria capaz de acreditar que lá fora, nas ruas, uma

revolução ainda se processava, que a família real estava prisioneira no próprio palácio, que todas as manhãs carroças carregadas de membros da nobreza e do clero seguiam, gemendo ao peso da carga, sobre os paralelepípedos, rumo à Place de la Révolution. Dentro da Ópera-Comique, tudo era festa e esplendor. E, mais resplandecente que o resto, a "Grande Dame" de Paris, Madame de Staël, ofuscava a sociedade ao entrar em seu camarote como um bateau navegando o Sena.

Valentine já sabia de tudo a respeito dela, em função de interrogatórios a que submetera a criadagem do tio. Madame de Staël, haviam lhe informado, era filha do brilhante ministro das Finanças, o suíço Jacques Necker, duas vezes exilado por Luís XVI e duas vezes trazido de volta ao posto pelo clamor do povo francês. A mãe, Suzanne Necker, mantivera por vinte e tantos anos o mais poderoso salon de Paris" — cuja estrela maior sempre fora Germaine.

Milionária de berço, Germaine comprara um marido aos vinte anos de idade: o empobrecido embaixador sueco na França, barão Eric Staël-Holstein. Seguindo os passos da mãe, estabelecera seu salon na embaixada sueca, e logo se metera de corpo e alma na política. Suas reuniões fervilhavam com a presença de luminares da vida política e cultural da França: Lafayette, Condorcet, Narbonne, Talleyrand. Tornou-se logo adepta da filosofia revolucionária. Todas as decisões da época eram tomadas, entre as paredes forradas de seda de seu salon, pelos homens que somente ela conseguia reunir. Aos vinte e cinco anos, tornara-se uma das mulheres mais poderosas de toda a França.

Talleyrand capengou com dificuldade pelo camarote, acomodando as três mulheres. Valentine e Mireille, enquanto isso, estudavam Madame de Staël. Ela vestia um modelo de renda, negro e dourado, cujo decote acentuado realçava os braços fortes, os ombros musculosos e a cintura grossa. Sua figura imponente incluía um colar de camafeu, pesado de rubis, e o turbante dourado, sua exótica marca registrada. Em certo momento, abaixou um pouco o corpo, para cochichar ao ouvido de Valentine. Porém, um cochicho retumbante, que podia ser ouvido por todos:

— Amanhã de manhã, minha cara, toda Paris estará a minha porta, querendo saber quem são vocês duas. Vai ser um escândalo delicioso. Aliás, tenho certeza de que o cavalheiro que as trouxe sabe muito bem disso.

— Madame, nossos vestidos estão adequados? - perguntou Valentine, ansiosa.

— Vocês estão lindas, minha cara — assegurou Germaine.

— Mas a cor das virgens é o branco, não este rosa escaldante. E, embora bustos jovens sempre estejam na moda em Paris, mulheres com menos de vinte anos costumam usar um fíchu, para cobrir os seios. Como Monsieur Talleyrand, aliás, sabe muito bem...

Valentine e Mireille enrubesceram até a raiz dos cabelos, mas Talleyrand interrompeu:

— Estou liberando a França à minha maneira.

Sorriu para Germaine, que lhe devolveu o sorriso, acompanhado de um gesto de ombros.

— Espero que você goste desta ópera — disse Germaine para Mireille. - É uma de minhas favoritas. Desde criança não a vejo. O compositor, André Philidor, é um dos maiores mestres de xadrez de toda a Europa. Já jogou xadrez e já apresentou sua música perante filósofos e reis. Talvez você ache sua música antiquada, agora que Gluck revolucionou a ópera. Realmente, é difícil ouvir tantos recitativos...

— Nunca estivemos numa ópera antes, madame — informou Valentine.

— Nunca?! — estranhou Germaine, alto. - Mas não é possível! Onde é que a família andou escondendo vocês?

— Num convento, madame — respondeu Mireille, com jeito modesto.

Germaine olhou-a demoradamente, como se nunca tivesse ouvido falar em conventos. Em seguida, fuzilou Talleyrand com o olhar:

— Estou vendo que deixou de me explicar muitas coisas, meu amigo. Se eu soubesse que as pupilas de David foram educadas num convento, nunca teria escolhido Tom Jones para sua primeira ópera.

- Tornou a encarar Mireille: — Espero que você não fique chocada. É uma história inglesa, a respeito de um filho ilegítimo...

— Quanto mais cedo elas aprenderem a moral da história, melhor — riu Talleyrand.

— Isto pode até ser verdade — disparou Germaine, com os dentes semicerrados. — Se vão ter como mentor o bispo de Autun, o conhecimento pode vir a ser útil.

Virou o rosto para o palco. A cortina começava a subir.

— Acho que foi a experiência mais maravilhosa de toda a minha vida — disse Valentine, depois da ópera, sentada no macio tapete Aubusson do estúdio de Talleyrand, com os olhos fixos nas chamas que lambiam a guarda de vidro da lareira.

A seu lado, Maurice, reclinado em uma cadeira baixa, forrada de seda azul, descansava os pés em uma otomana. Mireille, em pé, e um pouco afastada, tinha os olhos igualmente presos às labaredas.

— E é também a primeira vez que bebemos conhaque — acrescentou Valentine.

— Bem, vocês só têm dezesseis anos. — Talleyrand inalou o perfume do copo, antes de tomar um gole. - Há muito tempo... para muitas outras experiências.

— Que idade tem o senhor, Monsieur Talleyrand? — quis saber Valentine.

— Isto não é pergunta que se faça — repreendeu Mireille.

— Nunca se deve perguntar a idade das pessoas.

— Por favor, chame-me de Maurice. Tenho trinta e sete anos, mas me sinto como se tivesse noventa quando me chamam de "monsieur". Digam-me uma coisa: vocês gostaram de Germaine?

— Madame de Staël é encantadora — respondeu Mireille, ainda de frente para a lareira, com os cabelos rebrilhando, da cor das chamas.

— E verdade que ela é sua amante?

— Valentine!

Talleyrand explodiu em uma risada.

— Você é fantástica! — disse, acariciando as pontas dos cabelos da moça, que apoiara o corpo contra seus joelhos. Voltou-se para Mireille: - Sua prima, mademoiselle, é imune à cansativa hipocrisia

da sociedade parisiense. Acho suas perguntas refrescantes, e jamais me ofenderei com elas. Estas últimas semanas que passei com vocês, ajudando-as a vestirem-se bem e mostrando-lhes Paris, têm sido um tônico rejuvenescedor, capaz de combater a bile de meu cinismo natural. Mas quem lhe disse Valentine, que Madame de Staël é minha amante?

- Os criados, monsieur. Desculpe! Tio Maurice, quero dizer. É verdade?

- Não, minha querida. Não é verdade. Não é mais verdade. Fomos amantes, há algum tempo. Os mexericos sempre se atrasam em relação aos fatos. Ela e eu somos apenas bons amigos.

- Será que ela o largou por causa de seu pé aleijado?

- Sagrada Mãe de Deus! — gritou Mireille, que não aprendera ainda a blasfemar. — Peça desculpas! Por gentileza, monsenhor, perdoe minha prima. Ela não quis ofendê-lo.

Talleyrand ficou em silêncio, quase como em estado de choque. Acabara de dizer que as perguntas de Valentine nunca o ofenderiam, mas tinha consciência de que ninguém na França jamais mencionara I deformidade em sua frente. Trêmulo, com uma emoção que não seria capaz de identificar, tomou a mão de Valentine, sentando-a a seu lado, na otomana. Passou-lhe os braços ao redor dos ombros, com delicadeza.

- Sinto muito, tio Maurice - disse a moça, acariciando o rosto dele com a palma da mão e sorrindo. - Nunca tive oportunidade de ver um defeito físico antes. Gostaria tanto que o senhor me mostrasse...

Mireille gemeu. Talleyrand continuou de olhar preso a Valentine, como se não conseguisse acreditar nos próprios ouvidos. A jovem apertou seu braço, como que para encorajá-lo.

- Está bem. Se é o que você quer...

Levantou penosamente a perna da otomana, debruçou-se e retirou a pesada bota cuja armação de aço forçava o pé defeituoso à posição que lhe permitia andar.

A luz mortíça da lareira, Valentine estudou-o como pôde. Era tio retorcido que os artelhos pareciam nascer da sola e apontar para baixo. Visto de cima, mais parecia um bastão. A jovem pegou-o

entre as mãos, ergueu-o e deu-lhe um beijo. Talleyrand ficou imóvel na cadeira, completamente sem ação.

- Pobre pezinho - disse a moça. - Você sofreu tanto, sem nada merecer desse sofrimento...

Talleyrand inclinou-se sobre ela, tomou-lhe o rosto nas mãos e deu-lhe um beijo leve nos lábios. Por um instante, os cabelos — dourado o dele, quase branco o dela — se entrelaçaram à luz das chamas.

- Você foi a primeira a falar com meu pé — disse, sorrindo. — E ele ficou muito feliz.

Mireille continuou olhando a cena, admirando o rosto quase angelical daquele homem de cabelos dourados, em volta dos quais a luz da lareira projetava um halo. Teve de fazer um esforço para se lembrar que era o mesmo que, quase sozinho, estava conseguindo destruir a Igreja Católica na França, o mesmo homem que queria se apossar do Xadrez de Montglane.

As velas já estavam chegando ao fim, no estúdio. A lenha da lareira, quase reduzida a cinzas, só iluminava o centro do aposento. Talleyrand viu no relógio de bronze que já passava das duas da manhã. Levantou-se com esforço da poltrona, afastando os cabelos de Valentine e de Mireille dos joelhos.

— Prometi a seu tio que levaria vocês de volta num horário razoável. E vejam só que horas são!

— Oh, tio Maurice! — implorou Valentine. — Por favor, não nos mande embora! Foi a primeira vez que saímos para ver como é a sociedade em Paris. Desde que chegamos nossa vida quase não mudou em relação à que levávamos no convento...

— Conte-nos só mais uma história — reforçou Mireille. — Tio David não vai se zangar.

— Vai ficar furioso! — riu Talleyrand. — Mas é realmente tarde demais para levar vocês para casa. Há sans-culottes* bêbados por todas as ruas, mesmo nos bairros mais elegantes, a esta hora. Acho que o melhor é mandar um criado até seu tio, com um bilhete. Courtiade, meu camareiro, arruma um quarto para vocês passarem a noite. Imagino que queiram ficar no mesmo quarto...

Não era totalmente verdadeiro o perigo alegado. Talleyrand tinha um exército de criados e a casa de David não ficava longe. Mas ele compreendera, de repente, que não queria se separar delas; talvez não as quisesse longe de seu alcance nunca mais. Começara a esticar as histórias que estava contando, como a empurrar para mais tarde o momento inevitável. As duas meninas, cheias de frescor e inocência, haviam lhe despertado sentimentos estranhos, que não conseguira Sans-culottes: membros das classes mais baixas da população parisiense durante a Revolução Francesa, por usarem calças compridas, em vez de calções da nobreza. Por extensão, o termo se aplicou aos adeptos da revolução e, mais tarde, àqueles que pressionavam pela continuidade do programa revolucionário. (N. do E.) definir. Nunca tivera uma família; o calor que sentia por dentro, na presença delas, era uma sensação inteiramente nova.

— Oh, podemos mesmo ficar aqui durante a noite? Valentine ergueu-se de um salto e apertou o braço de Mireille, que, apesar da expressão de dúvida, também queria ficar.

— Podem — disse Talleyrand, erguendo-se também e puxando o cordão da campainha. — Esperemos que isso não vire o escândalo de toda a Paris, pela manhã, como profetizou Germaine.

O discreto Courtiade, ainda vestido no impecável uniforme engomado, olhou rapidamente para as duas moças, despenteadas e desarrumadas, viu o amo descalço, e sem uma palavra indicou o caminho do quarto de hóspedes principal, no segundo andar.

— O monsenhor nos conseguiria algumas roupas de dormir?

— pediu Mireille. — Talvez alguma das criadas...

— Não será problema — respondeu Courtiade, sem cortesia, retirando de um armário duas camisolas de seda, ricamente rendadas, que com certeza nada tinham a ver com criada alguma.

Quando Valentine e Mireille já haviam trocado de roupa, terminado de escovar os cabelos e se aninhado na cama enorme, coberta por um rico dossel, Talleyrand bateu de leve à porta:

— Está confortável para vocês? — perguntou, com a cabeça no vão entreaberto.

— É a cama mais maravilhosa que já vimos — respondeu Mireille, dentre a montanha de travesseiros e cobertores.

— No convento, éramos obrigadas a dormir sobre tábuas, para corrigir nossa postura.

— Posso assegurar que o método deu certo.

Sorridente, ele aproximou-se das duas e sentou-se em um pequeno sofá, ao pé da cama.

— O senhor nos prometeu mais uma história - disse Valentine.

— Já é muito tarde...

— Uma história de fantasmas! — gritou a moça. — A abadessa nunca nos permitia ouvir histórias de fantasmas, mas nem por isso deixávamos de contá-las. O senhor conhece alguma?

— Infelizmente, não — disse Talleyrand, com ar compungido.

— Como vocês já sabem, não tive uma infância normal. Nunca ouvi histórias assim... - Parou um instante para pensar. - Mas já me aconteceu, uma vez, encontrar um fantasma.

Valentine apertou a mão de Mireille, sob as cobertas. As duas pareciam entusiasmadas.

— Um fantasma de verdade?

— Pode parecer absurdo - riu ele. - Vocês têm de me prometer que não vão dizer nada a seu tio Jacques-Louis, senão vou virar motivo de galhofa para toda a Assembléia.

As moças, trêmulas entre os cobertores, juraram que não diriam nada a ninguém. Talleyrand acomodou-se melhor no sofá e, à luz fraca das velas, começou sua história.

O RELATO DO BISPO

Quando eu era ainda muito jovem, antes mesmo de fazer meus votos, deixei a Sé de St. Remy, onde está enterrado o famoso rei Clóvis, e fui cursar a Sorbonne. Depois de dois anos naquela universidade, chegou a hora de decidir em caráter definitivo minha carreira.

Sabia que seria um escândalo terrível em minha família se me recusasse a seguir o destino que me haviam traçado. Apesar disso, sentia-me totalmente despreparado para me ordenar padre. No íntimo, sempre soube que meu destino verdadeiro era o de estadista.

Sob o chão da capela da Sorbonne, estavam enterrados os despojos do maior estadista que a França já conheceu. Vocês com certeza conhecem bem o nome desse meu ídolo: Armand Jean du Plessis, cardeal e duque de Richelieu, o homem que, mediante uma rara combinação de talento político e religioso, governou este país com mão de ferro por mais de vinte anos, até sua morte, em 1642.

Uma vez, por volta da meia-noite, deixei o aconchego de minha cama, vesti a capa do camisão de dormir e desci do alojamento de paredes revestidas de hera. Fui andando na direção da capela.

O vento varria as folhas sobre o gramado e havia ruídos estranhos de criaturas noturnas — corujas e pássaros que não consegui reconhecer. Embora me jactasse de coragem, na época, confesso que senti medo. No interior da capela, o túmulo estava frio e escuro. Não havia mais ninguém ali, àquela hora, e só umas poucas velas bruxuleavam sobre a cripta. Acendi mais uma e, ajoelhando-me, pedi ao Padre da França, o cardeal Richelieu, que me desse uma orientação. Enquanto lhe narrava minha história, podia ouvir as batidas do próprio coração ecoando na capela imensa. — Mal terminara minha oração quando, para meu espanto e horror, um vento gelado atravessou o recinto e apagou todas as velas. Fiquei aterrorizado! Engolido pela escuridão, tateei à procura de luz.

E, de repente, ouvi um gemido. Então, de dentro do túmulo, vi sair o fantasma pálido do cardeal! Todo vestido de branco, até com barba e cabelo branco, ele flutuou no ar sobre mim, brilhante e completamente transparente.

Se já não estivesse de joelhos, eu certamente teria caído ao chão. Minha voz morreu na garganta e não consegui dizer uma só palavra. Tornei a ouvir aquele gemido. O fantasma do cardeal estava se dirigindo a mim! Minha espinha se arrepiou quando ouvi sua voz, grave como um sino fúnebre:

— Por que veio me acordar?

O vento me sacudia o corpo, a escuridão era cada vez mais intensa, e minhas pernas não tiveram força para que eu fugisse correndo.

— Cardeal Richelieu — gaguejei —, preciso de um conselho. Em vida, o senhor foi o maior estadista da França, apesar da vocação para o sacerdócio. Como obteve tanto poder? Por favor, revele-me o segredo, pois quero seguir seu exemplo.

— Você?! — duvidou a voz terrível.

Como uma coluna gigantesca de fumaça, ele começou a se erguer do solo, em direção ao teto da capela. Parecia terrivelmente ofendido. Começou a passar de parede em parede, do mesmo modo que alguém de carne e osso andaria de um lado para o outro de um aposento. A cada passada, seu tamanho aumentava, até que chegou a ocupar todo o espaço da capela, como uma nuvem de tempestade prestes a explodir. Encolhi-me ainda mais. De repente, o fantasma voltou a falar:

— O segredo que procurei continua velado até hoje...

Cada vez mais semelhante a uma nuvem, o grande homem continuou rolando pelo ar da capela. Suas formas se dissipavam, tornando-se mais rarefeitas.

— O segredo foi enterrado junto com Carlos Magno — acrescentou Richelieu. — Encontrei apenas a primeira chave. E a escondi, com todo o cuidado...

Sua luminosidade tremeu um pouco, como chama prestes a se apagar. Fiquei em pé, de um salto, e tentei desesperadamente evitar que ele desaparecesse de todo. O que significava aquilo? Que

segredo fora enterrado junto com Carlos Magno? Gritei, buscando superar o clamor dos ventos que tentavam dissolver o fantasma em frente de meus olhos:

— Sire, sagrado sacerdote! Por favor, diga-me onde está a chave que o senhor mencionou!

O fantasma desapareceu por completo, mas continuei ouvindo sua voz, que parecia vir de uma catedral muito, muito grande:

- François... Marie... Arouet...

E nada mais consegui ouvir. O vento cessou, as velas voltaram a se acender, por conta própria. Ainda fiquei ali, em pé, por muito tempo, antes de voltar para o alojamento dos estudantes.

Normalmente, na manhã seguinte eu teria atribuído toda aquela experiência a algum pesadelo, mas as folhas mortas agarradas à barra de minha capa e o odor do túmulo fraco, mas inconfundível, convenceram-me de que tudo fora real. O cardeal dissera ter achado a primeira chave de um mistério. Por uma razão qualquer, eu deveria procurar essa chave com o grande poeta e romancista francês François Marie Arouet, conhecido por Voltaire.

O escritor acabara de voltar a Paris, abandonando o exílio autoimposto em sua propriedade de Ferney. A razão oficial do retorno era a estreia de uma nova peça teatral de sua autoria. Mas quase todos acreditavam que ele voltara para morrer em casa. Eu não conseguia nem imaginar a razão pela qual um escritor mal-humorado e ateu, nascido cinquenta anos depois da morte de Richelieu, fora indicado como parte do segredo. Mas sabia que precisava descobrir. Depois de algumas semanas de tentativas, consegui marcar uma entrevista com Voltaire.

Cheguei na hora combinada, vestido com minha batina, e fui logo conduzido a seu quarto. Ele detestava levantar-se antes do meio-dia. Às vezes, chegava a passar o dia inteiro na cama. Já fazia mais de quarenta anos que vinha se declarando à beira da morte.

Lá estava ele. Apoiava sobre travesseiros o corpo vestido com um longo camisação branco e uma boina rosa, felpuda. Seus olhos pareciam um par de carvões contra o rosto pálido; os lábios muito finos e o nariz comprido e magro lhe davam uma expressão de ave de rapina.

Vários padres tentavam ministrar-lhe a extrema-unção, mas ele ignorava seus esforços, como continuou fazendo até o último momento de vida. Fiquei sem jeito quando ergueu os olhos e deu comigo, de batina; sabia o quanto ele odiava o clero. Mas o velho sacudiu a mão enrugada e gritou para os outros: — Por favor, saiam todos! Estava à espera da visita deste jovem. É um emissário do cardeal Richelieu.

Soltou sua risada alta, quase feminina, enquanto os religiosos corriam para fora, lançando-me olhares por cima dos ombros. Mandou-me sentar.

— Sempre foi um mistério para mim — disse, com raiva — por que aquele fantasma tolo e pomposo se recusa a ficar quieto na tumba. Na qualidade de ateu, acho de extremo mau gosto um padre morto continuar insistindo em mandar uma sucessão de rapazes me visitar em meu leito de morte. Ah, eu sei quem são os mandados por ele. Sempre os identifico pela expressão exausta e metafísica dos olhos e da boca, pelo olhar mortiço, como o seu... O trânsito em Ferney já era um aborrecimento, mas aqui em Paris é uma verdadeira procissão!

Consegui disfarçar a irritação por ser descrito daquela forma. Estava surpreso e um tanto alarmado por Voltaire ter adivinhado a razão de minha visita e, principalmente, porque suas palavras me haviam revelado que outros estavam empenhados na mesma busca.

— Gostaria de poder cravar uma estaca no coração daquele homem, de uma vez por todas — continuou ele. — Talvez então fosse possível ter um pouco de sossego.

A excitação lhe provocou um acesso de tosse. Eu podia ver que estava se engasgando com o próprio sangue, mas, quando tentei ajudá-lo, me repudiou com um aceno.

— Todos os médicos e padres deveriam ser pendurados na mesma forca! — gritou, e tentou alcançar o copo de água.

Ajudei-o. Voltaire tomou um gole e continuou:

— O que ele quer é o manuscrito! O cardeal Richelieu não suporta saber que seu precioso diário íntimo caiu em mãos de um velho réprobo como eu.

— O diário íntimo do cardeal Richelieu está com o senhor?

— Está. Há muitos anos, quando ainda jovem, fui jogado na prisão por subversão contra a Coroa, devido a um poeminha modesto que escrevi, sobre a vida amorosa do rei. Enquanto mofava na cadeia, recebi de um admirador muito rico uma espécie de diário, com a incumbência de decifrá-lo. Sua família guardara aquilo durante anos e anos, mas ninguém fora capaz de lê-lo, porque estava escrito num código secreto e impenetrável. Como não tinha nada mais a fazer, decifrei-o e fiquei sabendo de muita coisa a respeito de nosso querido cardeal.

— Sempre ouvi dizer que os escritos de Richelieu haviam sido deixados para a Sorbonne.

— Isso é o que você pensa! - Voltaire riu, com expressão de rancor. — Padres não costumam manter diários secretos, a não ser que tenham alguma coisa a esconder. Eu conhecia bem as coisas de que eles costumavam se ocupar, naquela época: masturbações mentais e ações libidinosas. Atirei-me à leitura como um animal à tigela de comida. Mas, em lugar das patifarias que esperava, deparei apenas com um longo tratado acadêmico. Nunca vi tanta bobagem reunida!

Começou a tossir e engasgar de novo. Cheguei a pensar em chamar de volta algum dos padres, pois ainda não estava habilitado a ministrar os últimos sacramentos. Mas, depois de uma série de ruídos pavorosos, que me pareceram os estertores da morte, ele me fez sinal para lhe entregar algumas mantas. Cobriu-se todo com elas, reservou uma para embrulhar a cabeça, como um turbante, e aquietou-se, tremendo.

— O que o senhor descobriu no diário? Onde está ele, agora?

— Eu ainda o tenho. Enquanto estava na prisão, soube que meu admirador morrera, sem deixar herdeiros. Aquilo deve valer um bom dinheiro, pelo aspecto histórico. Mas não passa de um monte de bobagens, se você quer saber. Bruxarias, magia...

— Entendi o senhor dizer que é um trabalho acadêmico...

— Para um padre, não deixa de ser. É o mais parecido com alguma coisa objetiva que são capazes de pensar. O cardeal Richelieu dedicou todos os momentos de ócio de sua vida, ou seja, todas as ocasiões em que não estava conduzindo exércitos contra as

demais nações europeias, ao estudo do poder. É o tema central desse estudo secreto... Você já ouviu falar do Xadrez de Montglane?

— As peças e o tabuleiro que pertenceram a Carlos Magno? Tentei manter a calma, embora meu coração saltasse dentro do

peito. Debrucei-me ainda mais sobre o leito, para não perder uma só palavra, e comecei a encorajá-lo a prosseguir, com todo o cuidado para não causar outro acesso de tosse. Claro que já ouvira falar do Xadrez de Montglane, mas, pelo que sabia, ele desaparecera havia séculos. Seu valor era inimaginável.

— Sempre achei que isso não passasse de uma lenda... — aduzi.

— Richelieu não achava. Seu diário contém mil e duzentas páginas de pesquisas sobre a origem e o significado do Xadrez. Viajou até Aachen, ou Aix-la-Chapelle, chegou a ir a Montglane, onde imaginava que o conjunto estivesse enterrado. Mas não conseguiu nada.

Nosso cardeal supunha que o tabuleiro e suas peças encerravam a chave de um mistério; um mistério mais antigo do que o próprio jogo de xadrez, talvez tão antigo quanto a própria civilização; um mistério que explicaria a ascensão e a queda das civilizações.

— E que segredo pode ser esse?

Sem muito sucesso, eu tentava esconder minha emoção.

— Vou lhe dizer o que ele achava, embora tenha morrido antes de resolver o enigma. Faça o que quiser com essa informação. O cardeal Richelieu acreditava que o Xadrez de Montglane escondia uma fórmula... fórmula capaz de revelar o segredo do poder universal.

Talleyrand interrompeu-se e olhou bem, à luz fraca do quarto, para Valentine e Mireille. As duas, abraçadas, enterradas nas cobertas macias, fingiam dormir, com os longos e lindos cabelos derramados sobre os travesseiros, alguns fios se entrelaçando. Ele se ergueu, puxou mais para cima os cobertores e acariciou suavemente os cabelos das primas.

— Tio Maurice — disse Mireille, abrindo os olhos -, o senhor não terminou a história. Qual era a fórmula que o cardeal Richelieu procurou a vida toda? O que ele achava que o tabuleiro e as peças escondiam?

— Isso é algo que vamos ter de descobrir juntos, minhas queridas.

— sorriu ele, ao ver que os olhos de Valentine também estavam arregalados e que as duas tremiam, apesar do calor das cobertas. — Nunca cheguei a ver o diário. Voltaire morreu logo depois da entrevista. Sua biblioteca completa foi adquirida por alguém que conhecia bem o valor do manuscrito de Richelieu. Alguém que desejava o poder universal. E conhecia seu valor. Esse alguém já tentou me subornar, da mesma forma que tentou com Mirabeau, outro defensor da Lei do Confisco, com o objetivo de verificar se o Xadrez de Montglane poderia ser apreendido por pessoas com altos cargos políticos e sem muitos escrúpulos...

— Mas o senhor recusou o suborno, tio Maurice? — Valentine acabou sentando na cama, emaranhando as cobertas ao redor.

— Meu preço foi alto demais para essa pessoa; para essa mulher, melhor dizendo. — Talleyrand começou a rir. — O que eu queria era o próprio Xadrez de Montglane. E ainda quero. - Sorriu para as duas.

- Sua abadessa cometeu um erro muito grande. Não foi difícil adivinhar o que ela fez: retirou o Xadrez da abadia... Não me olhem deste jeito, queridas! Foi uma coincidência ela ter atravessado todo um continente para ir até a Rússia, como contou seu tio David, não foi? Vejam só... A pessoa que comprou toda a biblioteca de Voltaire, a pessoa que tentou me subornar, a mim e a Mirabeau, a pessoa que nos últimos quarenta anos vem fazendo tudo o que pode para pôr as mãos no Xadrez de Montglane não é outra senão Catarina II, a Grande, czarina de todas as rússias.

UMA PARTIDA DE XADREZ

Mas jogaremos uma partida de xadrez, Mantendo abertos os olhos sem pálpebras E aguardando a batida na porta.

- T. S. Eliot

NOVA YORK

MARÇO DE 1973

Três meses tinham se passado desde aquela noite do Ano-Novo. Eu já quase esquecera a vidente e os acontecimentos estranhos relacionados com ela.

Alguém bateu à porta de meu apartamento com força e impaciência. Dei mais uma pincelada de azul-da-prússia na tela a minha frente e joguei o pincel no pote de óleo de linhaça. Tinha deixado às janelas abertas para arejar o apartamento, mas meus clientes da Consolidated Edison pareciam estar queimando *ordure* ("lixo" fica melhor em francês) bem embaixo delas. Os parapeitos já estavam pretos de fuligem.

Fui até a porta, sem a menor disposição para receber visitas. Enquanto atravessava o longo hall de entrada, perguntei-me por que o porteiro não interfonara, cumprindo sua obrigação de anunciar o visitante. Minha semana, difícil e cansativa, se consumira em tentativas de dar os retoques finais no trabalho da Consolidated Edison. Fora isso, eu brigara com a companhia administradora de meu edifício e com uma série de empresas de mudanças, ultimando os preparativos para a viagem à Argélia.

Meu passaporte já recebera o necessário visto, e eu telefonara para todos os amigos — a partir do momento em que eu entrasse no avião, teria pelo menos um ano para sentir saudades. Havia uma pessoa que eu fazia questão especial de ver, mas era justamente a mais difícil. Um homem misterioso e inacessível como a Esfinge.

Dei uma olhada em minha imagem, nos espelhos do hall. O cabelo, longo e revoltado, estava sujo de vermelhão; havia um borrão de magenta em meu nariz. Tentei limpá-lo com as costas da mão e, em seguida, esfreguei as palmas na calça de couro e na blusa velha que usava. Abri a porta.

Lá estava Boswell, o porteiro, com o punho pronto para golpear de novo a madeira. O uniforme azul, de dragonas ridículas, fora sem

dúvida escolha dele próprio. Olhou-me de alto a baixo:

— Desculpe madame, mas há um automóvel Rolls Corniche azul-claro lá embaixo, atravancando a entrada. A senhora sabe que os visitantes têm de deixar a entrada do edifício desimpedida, para não atrapalhar o movimento...

— Por que não me chamou pelo interfone? - respondi, com raiva, pois sabia bem demais de quem era o carro que ele descrevera.

— O interfone está quebrado há uma semana, madame. E por que você não mandou consertar?

— Sou apenas o porteiro, madame. Não é o porteiro quem tem de providenciar consertos. Isso é tarefa do zelador. O porteiro tem de vigiar as pessoas que entram no edifício e garantir que a entrada esteja desimpedida...

— Está bem, está bem! Mande-a subir.

Eu só conhecia uma pessoa dona de um Corniche azul-claro: Lily Rad. Como era domingo, com certeza Saul estava na direção. Poderia perfeitamente dar voltas no quarteirão enquanto Lily me infernizasse a vida. Mas Boswell continuou a me olhar, com ar sombrio.

— Mas há também o problema do animal, madame. Sua amiga insiste em fazê-lo entrar, apesar de eu já ter avisado de que o edifício não permite a...

Tarde demais. Naquele exato momento, uma bola de pelos veio da direção do elevador, fazendo a curva do corredor como um bólido. Passou direto entre mim e Boswell e desapareceu pelo hall. Tinha o tamanho e a aparência de um pequeno espanador de pó e fazia ruídos estridentes quando voava rente ao chão. O porteiro não disse nada; apenas me olhou com uma expressão de soberano desprezo.

— Está bem, Boswell. — Dei de ombros. — Vamos fingir que não vimos nada, certo? Ele não vai criar problema. Eu o ponho para fora, assim que descobrir onde ele se meteu.

Foi então que Lily apareceu, deslizando pelo corredor como se entrasse em um baile. Usava um capotão de pele de marta, cheio de franjas que se espalhavam em todas as direções. O cabelo loiro estava atado em três ou quatro longos rabos de cavalo. Era

impossível determinar exatamente onde começava o capote e onde terminava a cabeleira. Boswell suspirou, os olhos fechados.

Lily o ignorou completamente, deu-me um beijo no rosto e entrou. Para uma mulher daquele tamanho, não devia ser fácil passar deslizando, como passou, entre duas pessoas à porta de um apartamento. Mas, tive de reconhecer, ela era capaz de movimentar o corpanzil com certa graça. Já dentro de minha casa, soltou o vozeirão rouco:

— Diga àquele seu porteiro para não prejudicar a digestão com bobagens. Saul vai ficar dando voltas no quarteirão até nós sairmos.

Assim que Boswell desceu, soltei o suspiro e o gemido que estivera contendo e fechei a porta. Voltei para o interior do apartamento lamentando mais uma tarde de domingo destroçada pela companhia que eu menos prezava em Nova York: Lily Rad. Jurei a mim mesma que não demoraria a me livrar dela, daquela vez.

Meu apartamento consistia em um salão, com pé-direito muito alto, e um banheiro, no final do hall, além de três portas: a do closet, a da quitinete e a de uma cama de molas embutida na parede. O espaço restante era preenchido por um labirinto de arbustos em vasos e vários tipos de plantas exóticas, de maneira a formar trilhas por entre a selva. Em todos os cantos havia pilhas de livros, montanhas de almofadas marroquinas e objetos triviais, resultados de minhas excursões pela Terceira Avenida. Luminárias indianas apergaminhadas e pintadas à mão, vasos mexicanos, pássaros em cerâmica esmaltada francesa, grupos de cristal de Praga. Telas inacabadas (com o óleo ainda fresco), velhas fotos em molduras entalhadas e espelhos antigos cobriam as paredes. Do teto pendiam mobiles, campainhas chinesas que tocavam com o vento e peixes de papel laminado. A única peça de mobília de verdade era um piano de meia cauda, de ébano, perto das janelas.

Lily percorreu o salão como uma pantera recém-libertada da jaula, abrindo caminho a patadas em busca do cachorro. Jogou o capotão de marta no chão. Espantei-me ao constatar que, por baixo daquilo, não usava praticamente nada. Lily tinha a silhueta mais ou menos como a de uma escultura de Maillol: tornozelos finos que se expandiam pelas pernas até terminarem em uma generosa

abundância de carne flácida. Conseguira comprimir tudo aquilo em um minúsculo vestido de seda roxo, cuja saia terminava pouco abaixo de onde as coxas se iniciavam. Em movimento, parecia uma gelatina fora da fôrma, trêmula e translúcida.

Finalmente, revirando uma almofada, encontrou a bolota de pelos que sempre a acompanhava. Colocou-a no colo e começou a confortá-la, com seu vozeirão cálido:

— Ah! Aqui está meu Carioca querido! "Caçolinho" levado! Se escondendo da mamãe?

Quase vomitei.

— Quer um copo de vinho, Lily?

Ela pôs o cachorro no chão. O animal saiu correndo outra vez, ganindo de forma desagradável. Fui até a quitinete e voltei com uma garrafa de vinho gelado.

— Este Chardonnay horroroso foi presente do Llewellyn, não foi? Há anos que meu tio vem tentando se livrar dele.

Tomou o copo de minha mão e bebeu um gole. Saiu caminhando entre minhas árvores e parou em frente da tela em que eu estava trabalhando.

— Ei! Você conhece este sujeito? — Apontou para a figura do quadro, um homem todo vestido de branco, como que cavalcando uma bicicleta-esqueleto. — O modelo foi aquele cara lá de baixo?

— Que cara lá de baixo?

Sentei-me no banquinho do piano, examinando-a com mais atenção. Os lábios e as unhas, coloridos com o mesmo e gritante vermelho, pareciam um laqueado chinês. Contrastando com a pele muito pálida, aquilo lhe conferia um ar de sereia, de deusa traiçoeira, como as que, na mitologia, atraem os heróis para a "morte-em-vida". Achei que se tratava de uma imagem adequada. Caíssa, a musa do xadrez, era tão impiedosa quanto a da poesia. As musas sempre acham um jeito de destruir aqueles que inspiram.

— O ciclista de branco - respondeu Lily. - Estava vestido exatamente assim, com capuz e tudo. Só consegui vê-lo de costas. Quase o atropelamos. Saul teve de subir na calçada, para evitá-lo.

— É mesmo? - perguntei surpresa. - Pinteí sem usar nenhum modelo. Pura imaginação.

— Que coisa mais assustadora! — Lily realmente demonstrava espanto. — Parecia um homem determinado a pedalar ao encontro da morte. E seu jeito de rondar o edifício era meio sinistro, também...

— O que foi que você disse?

Algo pareceu despertar no fundo de meu subconsciente: "E olhei, e eis um cavalo amarelo e seu cavaleiro, sendo este chamado Morte." Onde eu já teria ouvido essa referência a um cavalo pálido como a bicicleta de meu quadro?

Carioca parará de latir, e seus rosnados me pareceram suspeitos. Achei-o escavando a serragem do vaso de uma orquídea, espalhando tudo pelo chão. Peguei-o e atirei-o no closet, fechando a porta.

— Como é que você tem coragem de jogar meu cachorro num armário?

— Neste edifício só se permite a entrada de animais em gaiolas — expliquei. — Não tenho gaiola em casa. Mas que bons ventos a trouxeram para cá? Há meses que não nos víamos!

Graças a Deus, acrescentei mentalmente.

— Harry vai lhe oferecer um jantar de despedida. - Sentou-se em meu lugar, na banquetta do piano, e liquidou o restante do copo de vinho. — Mandou dizer que você pode escolher o dia. Ele mesmo vai cozinhar.

As unhas de Carioca estavam rasgando qualquer coisa no closet, mas achei melhor ignorá-lo.

— Que ótimo! Que tal na quarta-feira? Eu devo viajar no fim de semana.

— Tudo bem.

O som que vinha do armário agora era o de batidas na madeira. O cachorro devia estar atirando seu corpo minúsculo contra a porta. Lily remexeu o corpo na banquetta:

— Posso tirar Carioca do closet? Por favor.

— Você está indo embora? — perguntei, esperançosa.

Peguei meus pincéis e fui lavá-los na pia, como se ela já tivesse saído. Lily demorou um pouco a responder:

— Estive pensando... Você tem algum plano para esta tarde?

— Meus planos não andam funcionando muito bem, hoje - respondi, da quitinete, jogando detergente na água fervendo para formar uma espuma cheia de bolhas.

— Você já viu Solarin jogar, alguma vez?

Sorriu, meio sem graça, olhando-me com aqueles grandes olhos acinzentados. Pus os pincéis de molho e encarei-a. Aquilo parecia um convite, em forma de indireta, para assistir a uma partida de xadrez. Mas Lily se orgulhava de não assistir a partidas alheias...

— Quem é Solarin?

Ela olhou para mim estarecida, como se eu tivesse acabado de perguntar quem era a rainha da Inglaterra.

— Esqueci que você não lê jornais. Só se fala nele! É o acontecimento da década. Muitos o consideram o maior enxadrista depois de

Capablanca, um gênio nato. É a primeira vez que o deixam sair da União Soviética, em mais de três anos.

— Pensei que o melhor jogador do mundo fosse Bobby Fischer. — Comecei a enxaguar os pincéis. — Todo aquele barulho em Reikjavík, no ano passado, não serviu para nada?

— Bem, pelo menos você já ouviu falar na Islândia. — Veio até a porta da quitinete. — A verdade é que Fischer nunca mais jogou. Corre o boato de que ele não quer pôr o título em jogo, que nunca mais vai jogar em público. Os soviéticos estão roendo as unhas. O xadrez lá é o esporte nacional. Eles estão se despedaçando uns aos outros para ver quem consegue chegar ao topo. Se Fischer se recusar a jogar, não haverá competidor para eles fora da União Soviética.

— Ou seja, quem se destacar mais passa a ser candidato ao título. E você acha que esse sujeito...

— Solarin.

— Você acha que Solarin vai ser o candidato?

— Talvez. Pode ser. — Lily começou a se animar. — É isso que me parece extraordinário! Todo mundo acha que ele é o melhor, mas ele não tem o apoio do Politburo, o que é absolutamente indispensável a qualquer jogador soviético. Na verdade, nos últimos anos, os soviéticos nem o deixaram jogar!

— Por quê? — Pus os pincéis no secador e limpei as mãos com a toalha. — Se é tão importante para eles, coisa de vida ou morte...

— Parece que ele não se encaixa nos padrões. — Tirou a garrafa da geladeira e serviu-se de mais vinho. — Houve uma confusão qualquer num torneio na Espanha, há uns três anos. Solarin foi sequestrado na calada da noite e carregado de volta à pátria mãe. Primeiro disseram que ele adoecera; em seguida, que era um colapso nervoso... Boatos de todos os tipos e, depois, silêncio absoluto. Até esta semana.

— O que houve nesta semana?

— Ele simplesmente apareceu em Nova York, sem aviso, cercado de seguranças... Ou melhor, encaixado numa muralha de agentes da KGB. Entrou sem mais nem menos no Clube de Xadrez de Manhattan e disse que queria se inscrever no Torneio de Convidados Hermanold. Isso constitui um absurdo por vários motivos. Primeiro, o próprio nome já diz quem deve participar, e ele, evidentemente, não foi convidado. Segundo, nem podia ter sido, porque o torneio é da Zona Cinco, que é a dos Estados Unidos. A Zona da União Soviética é Quatro. Não deve ser difícil para você imaginar a confusão que houve quando o identificaram.

— E não podiam simplesmente recusar a inscrição?

— Você está brincando? — Lily se animava cada vez mais.

— John Hermanold, o organizador do torneio, foi antes produtor teatral. Desde o "Fenômeno Fischer", na Islândia, o mundo do xadrez mudou muito. Agora, há dinheiro grosso correndo. Hermanold seria capaz de um homicídio para incluir o nome de Solarin no programa.

— Não estou entendendo. Como foi que o tal de Solarin saiu da União Soviética, se os dirigentes comunistas não querem que ele jogue?

— O mistério é exatamente este, querida! E os guarda-costas da KGB indicam claramente que ele saiu de lá com todas as bênçãos oficiais. Que fascinante! Foi por isso que achei que você talvez quisesse ir, hoje...

— Ir para onde? — perguntei, com o jeito mais inocente que consegui.

Sabia perfeitamente onde ela estava querendo chegar e resolvi me divertir com a manobra. Lily ganhara notoriedade na imprensa justamente pelo desprezo que demonstrava pelas competições. Um jornal chegara a publicar esta frase, atribuída a ela: "Não jogo contra o adversário, jogo contra o tabuleiro."

— Solarin vai jogar hoje à tarde — respondeu ela, meio hesitante. — Vai ser a primeira apresentação em público desde aquela história na Espanha. Não há mais ingressos à venda, os cambistas estão fazendo uma fortuna. Começa daqui a uma hora, mas acho que consigo um jeito de entrarmos...

— Muito obrigada, mas eu passo. Acho xadrez um jogo muito chato de se ver. Por que você não vai sozinha?

Lily retesou o corpo na banquetta, o copo de vinho apertado na mão; teve de fazer esforço para responder, em voz baixa:

— Você sabe que não posso...

Tive a clara sensação de que era a primeira vez que Lily se vira obrigada a pedir um favor. Se fosse comigo ao jogo, poderia fingir que estava apenas me fazendo um favor. Se aparecesse por lá sozinha, as colunas especializadas dos jornais fariam uma festa. Solarin podia ser uma grande novidade para a imprensa, mas, nos fechados círculos nova-iorquinos de xadrez, a presença de Lily Rad em uma partida provocaria alarido ainda maior. Ela era uma das primeiras do ranking feminino dos Estados Unidos e, certamente, a mais espalhafatosa.

— Na semana que vem — acrescentou, com os dentes cerrados —, vou enfrentar o vencedor de hoje.

— Ah, entendi! Solarin pode ganhar e, como você nunca o viu jogar e com certeza nunca estudou seu estilo...

Fui até o closet e abri a porta. Carioca saiu devagar, ressabiado, mas logo saltou em meu pé e começou a brincar com uma linha solta do tênis. Esperei um pouco e, em seguida, levantei-o com o pé e joguei-o sobre uma pilha de almofadas. Espojou-se nelas como um cavalo cansado e logo começou a rasgar uma com os dentinhos afiados, espalhando as plumas.

— Não consigo entender por que ele é tão agarrado com você — comentou Lily.

— É só uma questão de deixar claro quem manda em quem. Ficamos as duas observando o animal bagunçando as almofadas, como se a cena fosse muito interessante. Eu não sabia muito de xadrez, mas conseguia perceber quando o controle do centro do tabuleiro estava em minhas mãos. Deixei que a próxima jogada partisse dela.

— Você tem de ir comigo — disse Lily, finalmente.

— Acho que a frase não está muito correta...

Lily levantou-se e aproximou-se de mim, olhando dentro dos meus olhos.

— Você não faz idéia da importância que esse torneio tem para mim. Hermanold fez o diabo para que a Federação permitisse a contagem dos pontos para o ranking. Teve de convidar todos os Grandes Mestres e Mestres Internacionais da Zona Cinco. Se me colocar bem, se fizer um bom número de pontos, eu entro para o círculo dos realmente grandes. Eu seria capaz até de ganhar, se Solarin não tivesse aparecido.

O processo de pontuação e ranking do xadrez é complicado, eu sabia. A conquista dos graus de Grande Mestre e Mestre Internacional parecia ainda mais misteriosa. Dada a precisão matemática do jogo, as regras deveriam ser simples, mas a seleção obedecia a critérios tão subjetivos, para os leigos, quanto os da concessão de medalha aos escoteiros. Era fácil compreender a ansiedade de Lily, mas ainda estava faltando alguma coisa.

— Que diferença faz sair como vice-campeã? Você vai ser uma das primeiras do ranking feminino, do mesmo jeito.

— Uma das primeiras do ranking feminino.

Chegou a me dar a impressão de que ia cuspir no chão. Lembrei-me então de que ela também se orgulhava de nunca jogar contra mulheres. Via o xadrez como um jogo de homens. Para fazer sucesso de verdade, era preciso derrotar os homens. Lily já estava à espera do título de Mestre Internacional, de que se achava merecedora, havia mais de um ano. Agora ficara fácil entender a importância do torneio: eles não poderiam mais lhe negar o título, se ela ganhasse derrotando adversários de categoria superior a sua.

— As partidas são eliminatórias. Meu segundo adversário será Solarin, se ambos ganharmos a primeira partida. E é claro que vamos ganhar. Se perder para ele, saio do torneio!

— E você acha que ele é capaz de ganhar?

Por mais difícil que fosse o torneio, fiquei surpresa ao vê-la admitir a possibilidade de uma derrota.

— Não sei — respondeu ela, com sinceridade. — Meu técnico acha que não tenho a menor chance. Diz que Solarin vai dar um passeio, vai me deixar de quatro atrás do tabuleiro. Você não faz idéia do que é perder uma partida de xadrez. Eu odeio perder. Odeio! — repetiu, de dentes cerrados, com os punhos apertados, prontos para uma luta.

— A regra não diz que as primeiras partidas devem ser entre adversários equilibrados no ranking? Acho que li algo assim, em algum lugar.

— Só existem umas poucas dezenas de jogadores nos Estados Unidos com mais de 2.400 pontos — retrucou, com ar sombrio. — E é claro que não vão estar todos no torneio. Solarin está com mais de 2.500 pontos, mas, mesmo assim, só há cinco jogadores com pontuação entre a minha e a dele, no torneio. Se perder para ele, digo adeus ao ranking.

Entendi tudo, finalmente. O organizador do torneio, um ex-produtor teatral, convidara Lily pelo valor de publicidade, de espaço na imprensa. O que ele queria era vender entradas, e Lily era a Josephine Baker do xadrez, só lhe faltavam a oncinha de estimação e as bananas. E já que Hermanold agora dispunha de Solarin, um trunfo muito maior, ela podia ser descartada, como um objeto obsoleto. Era só fazê-la enfrentar Solarin e perder. O destino de Lily era irrelevante para ele. Tive a percepção repentina de que o mundo do xadrez não era muito diferente do mundo da consultoria contábil.

— OK. Já entendi. — Deixei-a e caminhei em direção ao hall.

— Onde você está indo? — Havia um pouco de pânico na voz.

— Tomar um banho.

— Um banho? Perguntou quase histérica. — Para quê?

— Tenho de tomar um banho e mudar de roupa, se quisermos estar no clube dentro de uma hora.

Lily não respondeu. Apenas teve a bondade de sorrir para mim.

Era um absurdo ter de andar em um carro de capota arriada em pleno começo de março, com a temperatura abaixo de zero. Lily ia embrulhada no capotão. Carioca se ocupava tentando destruir as várias franjas daquela peça. Eu vestira apenas um casaco preto de lã e beirava o congelamento.

— Esta coisa não tem uma capota? — perguntei, gritando para superar o barulho do vento.

— Por que você não aceita uma pele do Harry? Ele trabalha com essas coisas, afinal, e adora você.

— Está bem, só que isso não vai resolver nada, agora. Quer me explicar por que o jogo vai ser num lugar tão pequeno? Pensei que o organizador quisesse o máximo de publicidade para o primeiro jogo de Solarin no Ocidente, depois de tanto tempo.

— Pelo menos você entende bastante de publicidade. Mas o adversário dele, hoje, vai ser Fiske. Seria arriscado atrair um público muito grande. Fiske é meio maluco.

— Quem é Fiske?

— Antony Fiske é um excelente enxadrista — disse ela, fechando mais a gola do casaco. — Um Grande Mestre britânico, mas está registrado na Zona Cinco porque morava em Boston quando jogava regularmente. Fiquei surpresa por ele ter aceitado o convite. Há anos que não compete. No último torneio que disputou, exigiu que todo o público evacuasse o recinto. Cismou que havia equipamentos eletrônicos transmitindo, que vibrações misteriosas interferiram em suas ondas cerebrais. Todos os jogadores de xadrez vivem à beira da loucura. Dizem que Paul Morphy, o primeiro campeão americano, morreu completamente vestido, dentro de uma banheira, com sapatos de mulher flutuando na água. A loucura parece uma espécie de doença profissional entre os enxadristas. Mas não se preocupe por mim. Só acontece com os homens.

— Por quê?

— Porque o xadrez, querida, é um jogo muito edipiano... Mate o Rei e foda a Rainha. É disso que se trata. Os psicólogos adoram perseguir jogadores de xadrez, para ver se eles lavam as mãos a todo instante, cheiram calcinhas ou se masturbam nos intervalos das

partidas. Depois é só escrever um relatório e publicar na revista da Associação de Medicina Americana.

O Corniche parou em frente ao Clube Metropolitano, na rua 60, quase na esquina da Quinta Avenida. Saul abriu a porta. Lily passou-lhe Carioca e disparou na frente pela rampa coberta por um toldo que atravessava o pátio e levava à entrada do prédio. Saul nada dissera durante a viagem, mas naquele instante piscou um olho para mim. Dei de ombros e fui atrás de Lily.

O Clube Metropolitano, um remanescente nostálgico da velha Nova York, já fora um clube exclusivo de "cavalheiros". E nada parecia ter mudado desde o século XIX. O desbotado tapete vermelho do foyer já requeria, havia muito, uma lavagem. Da mesma forma, o balcão de madeira antiga da recepção precisava de um pouco de cera. Mas o salão principal compensava com seu charme a falta de cuidados com a entrada.

Era um espaço enorme, com paredes de quase dez metros de altura, forro revestido de metal e decorado com folhas em ouro. Ao centro, um único candelabro pendia de uma longa corrente. Duas das paredes eram ocupadas por fileiras de camarotes, com vista para o centro, como em um pátio veneziano. A terceira ostentava espelhos com molduras douradas, que refletiam e ampliavam o aposento. Longos cortinados de veludo vermelho separavam a quarta parede do resto do ambiente. Sobre o chão de mármore, axadrezado em preto e branco como um tabuleiro, estavam arrumadas dezenas de mesinhas, rodeadas de cadeiras com forro de couro. No canto mais distante, havia um piano de ébano, ao lado de um biombo chinês laqueado.

Eu apreciava a decoração quando Lily me chamou do andar acima. Debruçada sobre o corrimão, com a capa de pelos de marta escorregando no espaço, ela fez sinal para mim, apontando a escadaria de mármore, que seguia em curva, saindo do foyer.

Quando subi, ela apontou uma pequena sala de jogos. Entramos juntas. O aposento era forrado de verde-musgo e tinha varanda ampla, que dava para a Quinta Avenida e para o Central Park. Vários trabalhadores esfalfavam-se na remoção das mesas de jogo,

revestidas de couro ou de feltro verde. Olharam-nos, desconfiados, enquanto empilhavam a mobília contra uma das paredes.

— A partida será disputada aqui — disse Lily. - Mas não sei se todos já chegaram. Falta meia hora, ainda. — Dirigiu-se a um dos homens: - Onde está John Hermanold?

— Deve estar no restaurante. Telefone para a recepção e mande procurá-lo.

Olhou-a de alto a baixo, com ar de desaprovação. Lily realmente sobrava um pouco no vestido. Fiquei feliz por ter vindo com uma roupa de flanela cinzenta, conservadora e discreta. Comecei a tirar o capote de lã, mas o homem me interrompeu:

— Aqui não é permitida a entrada de senhoras. Nem no restaurante — acrescentou na direção de Lily. — É melhor descer e usar o telefone lá de baixo.

— Ainda mato aquele cretino do Hermanold — resmungou ela, com a boca quase fechada. - Um clube exclusivo de homens\ Pelo amor de Deus...

Saiu furiosa pelo corredor, à procura da vítima, e eu me refestelei em uma poltrona, apesar dos olhares hostis dos trabalhadores. Não gostaria de estar na pele do tal Hermanold, quando Lily o encontrasse.

Fiquei na sala de jogos, apreciando pelas janelas sujas a vista do parque. Do lado de fora, haviam hasteado algumas bandeiras, cujas cores se diluíam à luz sem brilho do inverno.

— Com licença - disse uma voz masculina, com sotaque pretensioso, bem atrás de mim.

Voltei-me e vi um homem atraente, de seus cinquenta anos, com o cabelo escuro já grisalho nas têmporas. Usava uma japona de corte naval, com um brasão bordado no bolso, calças cinzentas e suéter branca de gola rulê. Cheirava a Andover e Yale.

— Ninguém pode entrar aqui antes do início do torneio. Se você tem entrada, pode esperar lá embaixo. Caso contrário, vou ter de lhe pedir para deixar o clube.

Já não parecia tão atraente. Quem vê cara não vê coração, pensei.

— Prefiro esperar aqui — respondi. — Estou aguardando minha entrada.

— Não pode — respondeu, com grosseria, a mão já tocando meu cotovelo. - Prometi à direção do clube que as normas internas seriam respeitadas. Além disso, há a questão da segurança...

Fiz força para me fixar na poltrona, e ele também se esforçou para me remover sem perder o ar de dignidade. Trancei os tornozelos nos pés da cadeira e sorri para ele:

— Prometi a minha amiga Lily Rad que a esperaria aqui. Ela saiu para procurar...

— Lily Rad! — Largou meu braço como se tivesse levado um choque. — Lily Rad está aqui?

Afundi no assento, com ar inocente, fiz que sim e continuei a sorrir.

— Não fomos apresentados, senhorita...

— Velis. Catherine Velis.

— Sou John Hermanold, senhorita Velis. O organizador do torneio. — Apertou minha mão com energia. — A senhorita não imagina que honra é para mim ter a presença de Lily nesta partida. Onde ela está?

— Saiu a sua procura. Um dos trabalhadores nos disse que o senhor estava no restaurante. Ela deve ter ido para lá.

— O restaurante... — repetiu, visivelmente temendo pelo pior. - Com licença, vou ver se a encontro. Tão logo consiga, voltaremos aqui para buscá-la e eu lhes oferecerei um drinque lá embaixo.

Saiu apressado, da sala.

Agora que já tinham visto que Hermanold era um velho amigo meu, os carregadores passaram a me olhar com um respeito meio ressentido. Fiquei observando seu trabalho. No lugar das mesas que levavam embora, eles dispunham cadeiras, como em um auditório, voltadas na direção da varanda, deixando livre um corredor central. Em seguida, para minha surpresa, começaram a usar uma trena, ajustando a posição de cada cadeira segundo um padrão que pareciam conhecer bem.

Fiquei tão curiosa com aquela manobra que só percebi a entrada silenciosa de um homem quando ele já estava a meu lado. Alto,

esbelto, com o cabelo loiro longo e bem penteado passando da altura do colarinho, vestia calça cinzenta e uma camisa folgada de linho branco. A gola aberta revelava os músculos e a ossatura larga do torso de um bailarino. Foi até os carregadores e disse-lhes qualquer coisa em voz baixa. Os que estavam de joelhos, ocupados com a trena, levantaram-se logo e foram se juntar aos outros. Quando ele apontou qualquer coisa com o braço estendido, correram todos para executar I ordem.

Um grande placar, em frente à plateia, foi reposicionado várias vezes. Os trabalhadores também deslocaram um pouco a mesa dos árbitros, e a mesa do jogo teve de ser mexida para lá e para cá até ficar perfeitamente equidistante de ambas as paredes. Notei que os carregadores não reclamaram de nada durante toda aquela estranha arrumação. Pareciam deslumbrados com o recém-chegado, davam até a impressão de evitar olhá-lo nos olhos, enquanto obedeciam a suas ordens com todo o cuidado. Percebi que ele não apenas notara minha presença como perguntava quem eu era e o que fazia ali. Apontou para mim e finalmente voltou o olhar em minha direção. Tomei um susto. Havia algo ao mesmo tempo familiar e estranho naquele homem.

Os malarres proeminentes, o nariz aquilino e o queixo de linhas fortes formavam planos e ângulos que refletiam a luz como mármore. Os olhos, verde-acinzentados, lembravam o mercúrio. Parecia uma magnífica escultura renascentista, tirada de um bloco de pedra. E, também como pedra, tinha algo de frio, de impenetrável. Fiquei fascinada, qual pássaro hipnotizado por uma cobra, e fui apanhada de guarda completamente baixa quando ele deixou os operários e caminhou para mim.

Chegou até a cadeira onde eu estava, tomou minhas mãos e me pôs em pé. Levou-me, tomando-me pelo cotovelo, na direção de uma porta, e sussurrou a meu ouvido:

— O que você está fazendo aqui? Não deveria ter vindo. Tinha um ligeiro sotaque, indefinível. Fiquei espantada com aquele comportamento. Afinal, éramos dois estranhos! Parei de repente e questionei:

— Quem é você?

— Não faz diferença quem eu sou — respondeu, em voz ainda muito baixa. Olhou bem para meu rosto, com aqueles olhos verdes extremamente claros, como se tentasse recordar alguma coisa. — O que importa é que eu sei quem você é. Foi um erro muito grande ter vindo aqui. Você corre grande perigo. Sinto a ameaça em volta de mim, vindo de todas as direções. Sinto-a neste exato momento.

Onde eu já ouvira aquilo, antes?

— Do que você está falando? Vim aqui para ver o torneio de xadrez. Estou com Lily Rad. John Hermanold me disse que posso...

— Sei, sei... — interrompeu impaciente. — Eu sei de tudo isso. Mas você tem de ir embora. Já! Por favor, não me peça para explicar. Saia daqui o mais rápido que conseguir. Por favor... Faça o que estou dizendo.

— Isso é ridículo!

Minha voz começou a se elevar. Ele olhou nervoso, por cima do ombro, percebendo que os carregadores podiam ter ouvido. Continuei:

— Não tenho a menor intenção de ir embora antes de você me explicar que negócio é esse. Não tenho a menor idéia de quem você é. Nunca o vi antes. Que direito...

— Já me viu, sim — disse, em voz calma e baixa. Pôs as mãos nos meus ombros, com extrema delicadeza, e me olhou fundo nos olhos. — E vai me ver de novo. Mas agora você tem de sair daqui, imediatamente.

Em seguida, retirou-se. Deu-me as costas e sumiu da sala, tão silenciosamente quanto chegara. Fiquei parada no mesmo lugar, por um instante, tremendo. Olhei para os carregadores e vi que eles não tinham notado nada de estranho. Fui até a porta, debrucei-me sobre o corrimão, com a mente fervendo. E, de repente, lembrei: ele me fizera recordar a vidente.

Lily e Hermanold acenavam lá de baixo. Em pé no chão de mármore quadriculado em preto e branco, pareciam peças de xadrez, vestidas de maneira estranha, sobre um tabuleiro congestionado. Os outros convidados começavam a chegar e se movimentavam em volta deles.

— Desça - gritou Hermanold. - Está na hora daquele drinque. Desci a escadaria de mármore forrada de veludo vermelho até o saguão. Sentia as pernas ainda um pouco bambas. Queria levar Lily para um canto sossegado e contar-lhe o que acontecera.

— O que você vai querer? — perguntou Hermanold, quando me aproximei da mesa.

Ofereceu-me uma cadeira. Lily já estava sentada.

— Acho que deveríamos tomar champanhe — sugeriu ele. — Não é todo dia que temos a presença de Lily num jogo...

— Hoje não é um dia como os outros — retrucou Lily, irritada, atirando o casaco de pele sobre a cadeira vizinha.

Hermanold pediu o champanhe e começou uma ladainha autocongratulatória:

— O torneio está indo muito bem. Vamos ter casa cheia todos os dias. A publicidade prévia valeu o que paguei. Mas nem mesmo eu fui capaz de adivinhar que atrairíamos tais luminares! Primeiro, Fiske resolveu deixar de lado a aposentadoria... E, finalmente, a grande bomba: a chegada de Solarin! E você também, é claro...

Deu uma palmadinha no joelho de Lily, que rangia os dentes.

Eu estava doida para interromper e perguntar quem era o estranho que me abordara no segundo andar, mas não foi possível fazer Hermanold parar. O champanhe chegou, e ele continuou:

— Que pena eu não poder alugar o salão principal do Clube de Manhattan para a partida de hoje! Aquilo ficaria transbordando de gente. Mas tive um pouco de medo por causa de Fiske, sabem? Chamei uma equipe de médicos, por via das dúvidas. Achei que o melhor a fazer era pô-lo para jogar logo de início, eliminá-lo logo... Ele nunca chegaria a disputar o título, de qualquer jeito. E só a presença dele aqui bastou para atrair a imprensa.

— Fantástico! — disse Lily. — Vou poder ver, num mesmo jogo, dois grandes mestres e um colapso nervoso.

Hermanold encarou-a desconfiado, enquanto enchia de novo os copos. Não sabia se ela estava brincando. Mas eu sabia: aquela história de eliminar logo o inglês ferira a suscetibilidade de Lily.

— Acho que vou ficar para ver o jogo, afinal... — comentou ela bebericando o champanhe. — Minha idéia era ir embora depois de

acomodar Cat.

— Ah! Mas você não pode! — Hermanold desta vez pareceu alarmado de verdade. — Quero dizer, eu ficaria muito aborrecido se você perdesse o espetáculo. É o jogo do século!

— E os repórteres que você chamou por telefone ainda há pouco ficariam desapontados se não me encontrassem, como você prometeu, não é?

Entornou mais um pouco de champanhe, enquanto Hermanold enrubescia. Percebi que era a minha chance:

— Aquele homem que encontrei lá em cima é o Fiske?

— Na sala de jogos? — Hermanold pareceu preocupado.

— Espero que não. Ele deveria estar descansando antes da partida.

— Seja lá quem for, é bem esquisito — insisti. — Entrou na sala e começou a dar ordens para os carregadores, mexendo a mobília para cá e para lá.

— Oh, meu Deus! Então deve ter sido Fiske! Da última vez que organizei um jogo com ele, exigiu que uma pessoa ou uma cadeira fosse removida da sala a cada vez que uma peça do tabuleiro fosse tomada. Disse que era necessário para preservar seu "senso de equilíbrio e harmonia". E detesta mulheres, também... Não quer mulheres na sala enquanto está jogando.

Deu um tapinha na mão de Lily, que escondeu depressa o braço.

— Então deve ter sido por isso que me pediu para sair — disse eu.

— Ele lhe pediu para sair? Que grosseria! Vou conversar com ele antes do jogo. Ele precisa entender que não pode continuar se comportando como se ainda fosse uma estrela. Há mais de quinze anos que não disputa um torneio importante!

— Quinze anos? Então deve ter parado com uns doze ou treze... O homem que encontrei lá em cima é bem jovem.

— É mesmo? — Hermanold ficou intrigado. — Quem poderia ter sido, então?

— Um homem alto, esguio, muito pálido. Atraente mas meio gelado...

— Ah! Então foi Aleksei — Hermanold riu.

— E quem é Aleksei?

— Aleksandr Solarin - explicou Lily. — O homem que você estava louca para ver, querida. "A bomba."

— Fale um pouquinho a respeito dele — pedi.

— Infelizmente, acho que não posso — retrucou Hermanold.

— Eu nem sabia como ele era até o dia em que chegou e quis se inscrever no torneio. Aquele homem é um mistério. Não se encontra com ninguém, não permite fotografias. Somos obrigados a manter os fotógrafos longe da sala do jogo. Precisei insistir muito para que ele concedesse uma coletiva à imprensa. De que me serve, afinal, tê-lo aqui, se não posso explorar sua imagem?

Lily olhou-o, furiosa, e suspirou profundamente.

— Obrigada pelo drinque, John — disse, jogando a capa de pele sobre o ombro.

Fiquei em pé tão depressa quanto ela, e andei a seu lado pelo saguão, na direção da escada.

— Não quis falar na frente dele — sussurrei. — Mas esse sujeito, Solarin... Está acontecendo alguma coisa esquisita por aqui.

— Vivo vendo coisas esquisitas, o tempo todo — disse Lily. — No mundo do xadrez, você só encontra malucos ou babacas. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. Solarin não deve ser exceção. Não deixar mulheres na sala de jogos!...

— Não é isso o que quero dizer. Não foi por não querer mulheres por perto que Solarin me mandou embora. Foi porque eu estou em perigo, pelo que disse.

Segurei o braço de Lily e paramos no corredor. A multidão estava aumentando lá embaixo.

— Ele disse isso? Você deve estar brincando. Perigo? Numa partida de xadrez? Nesta que vamos ver agora o único perigo que você corre é cair no sono. Fiske adora emperrar o jogo com situações de empate, impasses estratégicos...

— Estou lhe dizendo, Lily. Ele me avisou de que estou correndo um grande perigo.

Puxei-a para perto da parede, para dar passagem a um grupo de pessoas, e baixei mais a voz:

— Você se lembra da vidente que Harry e eu vimos na véspera do Ano-Novo, recomendada por você?

— Claro. Mas não me diga que você acredita em poderes místicos!

Sorriu. As pessoas começavam a se deslocar para a sala de jogos. Entramos no desfile e Lily escolheu duas cadeiras na frente, um pouco de lado em relação à mesa. Um bom lugar para ver e para não aparecer muito. Como se fosse possível ela não ser notada, com as roupas que estava usando.

— Solarin usou praticamente as mesmas palavras que a vidente. Harry não lhe contou o que ela me disse?

— Eu nunca cheguei a ver a tal mulher. — Lily tirou do bolso do casacão um tabuleiro portátil, com peças de encaixar, e começou a armá-lo no colo. — Uma pessoa amiga me recomendou, mas não acredito nessas besteiras. Tanto que nem fui até lá.

Os espectadores tomavam seus lugares na sala e Lily atraía olhares. Um grupo de repórteres, um deles de câmera a tiracolo, entrou. Logo a descobriram e se encaminharam para nós. Lily debruçou-se sobre o tabuleiro e sussurrou:

— Nós duas estamos em meio a uma discussão seriíssima sobre xadrez, caso alguém venha perguntar alguma coisa.

John Hermanold também já tinha chegado à sala. Foi até os jornalistas e agarrou o fotógrafo, com rapidez, um instante antes que ele chegasse até nós:

— Desculpe, mas tenho de apreender a máquina. O Grande Mestre Solarin não admite câmeras no recinto do torneio. Por favor, sentem-se todos, para podermos começar a partida. Depois vocês vão ter tempo para as entrevistas.

O rapaz entregou, de má vontade, a câmera. O grupo todo se dirigiu aos lugares indicados por Hermanold. A sala ficou em silêncio, afora alguns cochichos abafados. Os árbitros chegaram e dirigiram-se para a mesa a eles reservada, logo seguidos pelo homem que eu agora já reconhecia como Solarin e por um outro, muito mais velho e já grisalho, que imaginei ser Fiske.

O inglês mostrava-se nervoso, muito tenso. Tinha um tique em um dos olhos e ajeitava o bigode o tempo todo, como se estivesse

espantando uma mosca. Usava o cabelo, ralo e um pouco oleoso, penteado para trás, mas alguns fios caíam-lhe a toda hora sobre a testa. Vestia um paletó de tecido aveludado marrom, que na certa vira melhores dias e não tinha contato com uma escova já havia algum tempo. Mais parecia um roupão. A calça, também marrom, estava amarrotada. Fiquei com pena dele. Parecia indefeso e totalmente fora de lugar.

A seu lado, Solarin sobressaía como a estátua de alabastro de um discóbolo. Era um palmo mais alto do que o inglês, que, ainda por cima, tinha os ombros arriados, caídos para frente. O soviético puxou a cadeira, com um movimento gracioso, oferecendo-a a Fiske.

— Filho da puta! — cochichou Lily. - Está tentando ganhar a confiança de Fiske, ficar por cima, antes mesmo do começo do jogo.

Não acha que está sendo um pouco injusta? Falei mais alto do que deveria e vozes sussurradas me mandaram calar a boca.

Um rapaz entrou com a caixa das peças e começou a armá-las no tabuleiro, as brancas do lado de Solarin. Lily explicou que o sorteio das cores fora realizado na véspera. Outra vez, vários *psius* nos impuseram silêncio.

Enquanto um dos juízes lia as regras, Solarin encarava a plateia. Tive a chance de estudar melhor seu rosto, agora de perfil. Parecia mais aberto, mais relaxado do que antes. Já em seu elemento, prestes a iniciar um jogo de xadrez, tinha um ar jovial e concentrado, como o de um atleta pronto para a competição. Mas, de repente, seu olhar recaiu sobre mim e Lily e seu rosto se contraiu.

— Puxa! — exclamou Lily. — Agora entendo o que você quis dizer quando o descreveu como "gelado". Ainda bem que estou vendo este olhar antes de enfrentá-lo do outro lado de um tabuleiro.

Solarin continuou com os olhos cravados nos meus, como se não pudesse acreditar que eu ainda me encontrasse ali. Como se quisesse se levantar da mesa e me arrastar para fora da sala. Comecei a me sentir mal, a ter a sensação de que cometera um grave erro quando decidira ficar. As peças foram arrumadas e o relógio, disparado. Solarin teve, finalmente, de desviar o olhar para o tabuleiro. Adiantou o Peão do Rei. Percebi que Lily reproduziu o

lance no tabuleiro em seu colo. Um rapazinho escreveu no placar P4R.

A partida prosseguiu sem incidentes, por algum tempo. Solarin e Fiske cederam, cada qual, um Peão e um Cavalos. Solarin avançou o Bispo do Rei. Alguns espectadores resmungaram qualquer coisa. Dois ou três saíram em direção ao café.

— Está com jeito de Giuoco Piano — suspirou Lily. — É capaz de demorar um tempão. Nunca se joga essa defesa em torneios; ela é mais velha do que a velhice. Foi mencionada até no manuscrito de Cottingen. Pelo amor de Deus! — Para quem nunca lera uma só linha a respeito de xadrez, Lily era um poço de erudição. — Dá às pretas a chance de desenvolver o ataque, mas demora, demora, demora... Solarin está indo devagar com Fiske, deixando que ele avance um pouco mais, antes de arrasá-lo. Faça o favor, me acorde se acontecer alguma coisa dentro de uma hora, mais ou menos...

— E como vou saber que aconteceu alguma coisa?

Naquele exato momento, Fiske fez um lance e parou o relógio. Um murmúrio percorreu a platéia. Algumas pessoas que tinham se levantado para sair pararam onde estavam, examinando o placar. Voltei a olhar para a mesa, a tempo de pegar o sorriso de Solarin. Um sorriso estranho, muito estranho.

— O que houve? — perguntei baixinho, a Lily.

— Fiske é mais audacioso do que eu pensei. Em vez de avançar o Bispo, adotou a defesa dos dois Cavalos. Os soviéticos adoram essa jogada, muito perigosa. Estou surpresa com o que ele fez, logo contra Solarin, que é famoso por...

Interrompeu-se, mordendo os lábios. Afinal, Lily era alguém que nunca estudava o jogo dos outros, não era? Seria mesmo?

Solarin adiantou o Cavalos; Fiske movimentou o Peão da Rainha. Solarin tomou o Peão; Fiske tomou um Peão branco com o Cavalos. Ficaram iguais, outra vez. Pelo menos, foi o que pensei. Tive a impressão de que Fiske estava em boa posição, dominando todo o centro do tabuleiro, enquanto Solarin parecia acuado na defesa. Mas o soviético tomou o Bispo de Fiske com seu Cavalos. Um murmúrio mais alto encheu a plateia. Os poucos que haviam saído voltaram

correndo a seus lugares, com o café ainda na mão e os olhos presos ao placar onde o rapaz anotava a jogada.

— *Fegatello!* — Lily quase gritou, mas desta vez ninguém reclamou. — Não consigo acreditar!

— O que quer dizer *fegatello*?

O xadrez me parecia povoado de palavras mais misteriosas que as do processamento de dados.

— Quer dizer "fígado frito". E o fígado de Fiske vai ficar frito mesmo, se ele tomar aquele Cavalo com o Rei!

Mordeu uma unha e olhou fixamente para o tabuleiro portátil, como se o jogo estivesse acontecendo ali, em seu colo.

— Alguma coisa ele vai ter de perder, de qualquer jeito. A Rainha e a Torre estão ameaçadas. E não há nenhuma outra peça que possa tomar o Cavalo branco.

O lance de Solarin me parecera ilógico. Estaria oferecendo a troca de um Cavalo por um Bispo apenas para forçar o Rei preto a avançar uma casa?

— Se Fiske mover o Rei, perderá a chance de roçar - explicou Lily, como que adivinhando meus pensamentos. — O Rei vai ficar todo aberto no meio do tabuleiro. Precisaré correr atrás de proteção durante todo o resto do jogo. A melhor coisa que ele pode fazer é mover a Rainha e sacrificar a Torre.

Mas Fiske tomou o Cavalo com o Rei. Solarin avançou com a Rainha, e deu um xeque. Fiske escondeu seu Rei atrás de alguns Peões. Solarin voltou com a Rainha para ameaçar o Cavalo preto. As coisas aconteciam com tanta rapidez que eu não conseguia entender bem o que estava acontecendo. Lily também parecia confusa:

— Há alguma coisa esquisita neste jogo... Fiske está completamente fora de seu estilo.

Alguma coisa esquisita ocorria mesmo. Comecei a observar Fiske com mais atenção e notei que ele se recusava a erguer os olhos do tabuleiro depois de cada jogada. Mostrava-se visivelmente mais nervoso. Suava muito: dois círculos escuros tinham aparecido sob as mangas do paletó aveludado. Não parecia bem. Embora a vez fosse de Solarin, continuou concentrado no tabuleiro, como se sua entrada no paraíso dependesse dele.

Apesar de seu relógio estar correndo, Solarin também observava Fiske. Parecia esquecido de que disputava uma partida, tão intensamente olhava o adversário. Depois de um longo momento, Fiske conseguiu despregar os olhos do tabuleiro e encarou o soviético, mas logo desviou de novo o olhar, de volta ao jogo. Solarin franziu as sobrancelhas e moveu uma peça.

Eu já não prestava mais atenção às jogadas. Apenas observava os dois homens, tentando adivinhar o que se passava entre eles. Lily, a meu lado, estudava seu jogo portátil, de boca aberta.

De repente, Solarin se levantou, empurrando a cadeira para trás. A plateia se agitou. Todos os espectadores cochicharam ao mesmo tempo. Solarin travou os dois relógios e debruçou-se sobre a mesa para dizer alguma coisa a Fiske. Um dos árbitros correu para junto deles, trocou algumas palavras com Solarin e sacudiu afirmativamente a cabeça. Fiske continuava sentado, de cabeça baixa, com os olhos no tabuleiro e as mãos cruzadas na frente do peito. O soviético tornou a falar com ele. O árbitro voltou para sua mesa, disse algo aos outros, que concordaram com gestos de cabeça. O juiz principal levantou-se:

— Senhoras e senhores, o Grande Mestre Fiske não está passando bem. Num gesto de gentileza, o Grande Mestre Solarin travou os relógios e concordou com uma breve interrupção, para que o senhor Fiske possa respirar um pouco de ar fresco. Senhor Fiske, queira por favor escrever e lacrar seu próximo lance e entregá-lo aos árbitros. A partida se reiniciará em trinta minutos.

Fiske escreveu com mão trêmula, colocou o lance secreto em um envelope, lacrou-o e entregou-o a um dos juízes. Solarin saiu rapidamente da sala, antes que os repórteres conseguissem cercá-lo, e foi em direção ao saguão. A plateia, agitadíssima, reunia-se em pequenos grupos que trocavam opiniões, ainda em voz baixa. Voltei-me para Lily:

— O que houve? O que está acontecendo?

— E incrível! Solarin não podia travar os relógios. Só um árbitro tem esse direito. É completamente contra as regras. O jogo deveria ser cancelado. Quando os jogadores concordam com uma

interrupção, é um árbitro quem trava os relógios. E só depois de o próximo a jogar ter selado o lance secreto!

— Então quer dizer que Solarin deu um pouco de tempo a Fiske, de graça... Por que terá feito isso?

Lily encarou-me com os olhos cinzentos quase sem cor. Parecia surpresa com os próprios pensamentos.

— Ele sabia que Fiske estava jogando fora de suas características. Fez uma pausa, como que revisando as ideias, e prosseguiu: — Solarin lhe ofereceu uma troca de Rainhas. Não era necessário, pelo desenvolvimento do jogo. Foi quase como se estivesse testando Fiske. Todo mundo sabe que o inglês detesta jogar sem a Rainha.

— E Fiske aceitou?

— Não. Não aceitou. Pegou a Rainha, levantou-a do tabuleiro e tornou a colocá-la na mesma casa. Tentou fingir que foi um caso de *j'adoubé*.

— E o que é isso?

— Quer dizer "eu toco", "eu ajusto". É perfeitamente válido ajeitar a posição de uma peça durante o jogo.

— Então, o que houve de errado?

— Nada. Só que você tem de dizer *jadoubé* antes de tocar na peça, nunca depois de já tê-la levantado.

— Ele pode ter se distraído...

— Fiske é um Grande Mestre. Um Grande Mestre não se distrai.

Depois disso, Lily tornou a se concentrar em seu tabuleiro portátil. Todos já tinham deixado a sala. Estávamos sozinhas. Sentei-me a seu lado e comecei a tentar entender o significado de tudo aquilo, superando meu desconhecimento do jogo.

— Você quer saber o que eu acho? — perguntou ela, de repente.

— Acho que o Grande Mestre Fiske vinha trapaceando. Acho que ele está "ligado".

— Ligado?

— Diretamente a um transmissor de rádio.

Com a cabeça baixa, Solarin examinava o tabuleiro quando notou pela primeira vez. Foi só qualquer coisa brilhando momentaneamente no limite de seu campo de visão. Mas, quando

se repetiu pela terceira vez, ele associou o movimento ao lance do adversário. Todas as vezes que Solarin travara o relógio, desde o início, Fiske cruzara as mãos na altura do peito. Na jogada seguinte, o soviético observou bem as mãos do adversário.

É o anel, concluiu mentalmente. Fiske nunca usou um anel, antes.

O inglês jogava uma partida audaciosa: assumia riscos, fazia lances corajosos. Aquilo tornava o jogo mais interessante, mas, a cada ousadia cometida por Fiske, Solarin passou a estudar melhor seu rosto. Não exibia uma expressão de coragem, de quem gosta de se arriscar. Foi então que o soviético passou a concentrar a atenção no anel.

Fiske estava "ligado", não havia dúvida. Solarin jogava contra outra pessoa — ou um grupo —, fora daquela sala e bem diferente de Fiske. Olhou para o homem da KGB, junto à parede oposta. Se Solarin perdesse o maldito jogo, seria eliminado do torneio. Mas tinha de descobrir, precisava saber quem transmitia para Fiske, e por quê.

Começou a jogar um xadrez de alto risco, para ver se identificava o verdadeiro adversário pelo padrão dos lances com que respondia aos seus, o que quase levou Fiske à loucura. Teve então a ideia de forçar uma desnecessária troca de Rainhas, que nada tinha a ver com o andamento da partida. Posicionou a sua completamente exposta, sem ligar para o que acontecesse no tabuleiro. Fiske seria forçado a jogar seu verdadeiro jogo ou a revelar a trapaça. Foi então que o inglês desabou.

Por um instante, chegou a dar a impressão de que aceitaria a troca. Solarin se preparou para chamar os juizes e abandonar o jogo. Não estava disposto a jogar contra a máquina, ou o que fosse, que vinha transmitindo para Fiske. Mas o inglês voltou a peça à casa onde estava e pediu jado. Solarin levantou-se de um salto e aproximou o rosto do de seu adversário.

— Que diabo você pensa que está fazendo? — sussurrou. — Vamos interromper até você recuperar o juízo. Não viu os homens da KGB? Uma palavra minha e você pode dar adeus ao xadrez para sempre!

Chamou os árbitros com um aceno enquanto travava os relógios com a outra mão. Quando um dos juízes se aproximou, Solarin lhe disse que Fiske estava passando mal e ia selar o próximo lance.

— E é melhor que o próximo lance seja da Rainha, meu caro — sussurrou para Fiske, debruçando o corpo outra vez.

O inglês não ergueu os olhos. Começou a girar o anel no dedo, como se estivesse apertado demais. Solarin saiu às pressas da sala.

Gogol, o homem da KGB, encontrou-o no hall. Baixo e pálido, com sobrancelhas grossas, mostrava agora uma expressão curiosa.

— Vá tomar uma vodca — antecipou-se Solarin. — Deixe que eu cuido disso.

— O que houve? Por que ele pediu jadobe? Foi contra as regras. E você não deveria parar os relógios. Podia ter sido desclassificado.

— Fiske está "ligado". Quero saber a quem e por quê. Se você se meter, vai deixá-lo ainda mais apavorado. Vá embora e finja que não sabe de nada. Eu tomo conta disso.

— Mas Brodski também está aqui — sussurrou Gogol, referindo-se a um camarada que pertencia a um escalão bem mais alto da KGB.

— Convide-o para beber com você, então — explodiu Solarin.

— Mantenha-o longe de mim durante a próxima meia hora. Não quero que vocês ajam neste caso. Não façam nada, entendeu?

Gogol, assustado, caminhou em direção à escada. Solarin seguiu-o até o fim do corredor, mas, de repente, escondeu-se, encolhido contra um vão de porta, esperando que Fiske saísse.

O inglês veio apressado a caminho do saguão. Não percebeu que Solarin o espiava de cima, do segundo andar. Saiu do prédio e atravessou o portão de ferro pesado. Pouco adiante, ficava a portaria do Clube Canadense, muito menor que o vizinho Metropolitano. Fiske entrou e subiu a escada.

Solarin percorreu em silêncio o mesmo trajeto. Empurrou a porta de vidro do Canadense bem a tempo de ver seu adversário entrando no toalete do segundo andar. Esperou um instante e, em seguida, entrou também, sem fazer qualquer ruído. Fiske estava em pé, com os olhos fechados e o corpo oscilando, apoiado contra a parede. Solarin manteve os olhos fixos nele. O inglês ajoelhou-se e começou

a soluçar, um choro convulso e sem lágrimas. Abaixou a cabeça, quase a enfiando em um mictório, e vomitou. Quando terminou, apoiou a testa, exausto, na louça fria.

Com o canto do olho, Solarin viu Fiske levantar rapidamente a cabeça ao ouvir o ruído de água saindo pela torneira que o soviético abria. Solarin continuou imóvel em frente da pia, observando o jato da torneira. Fiske era um inglês; seria uma humilhação para ele saber que alguém o vira vomitar como um animal.

— Você vai precisar disto aqui — disse Solarin, ainda sem olhar na direção do outro.

Fiske procurou em volta. Percebeu então que não havia mais ninguém no toailete, além de Solarin e ele. Levantou-se, cambaleando, e foi até o soviético, que encharcava uma toalha de papel na pia. Solarin lhe esfregou a massa molhada na testa e nas têmporas.

— Ponha os pulsos dentro da água; vai refrescar o sangue todo.

Desabotoou os punhos da camisa do outro e atirou a toalha encharcada no lixo. Fiske mergulhou os pulsos na água, evitando, notou o soviético, molhar os dedos.

Solarin retirou outra toalha de papel do suporte e escreveu nela com um toco de lápis. Fiske estava ainda com os pulsos submersos quando leu: É SÓ RECEPTOR OU TRANSMITE TAMBÉM? Sentiu todo o sangue voltar ao rosto, sobretudo quando o soviético resolveu acrescentar, para maior clareza: ELES OUVEM O QUE DIZEMOS? Respirou fundo e fechou os olhos. Sacudiu a cabeça, negando, e estendeu a mão para pegar a toalha. Solarin deu-lhe outra, limpa.

— Esta aqui fica comigo.

Tirou um pequeno isqueiro de ouro do bolso e ateou fogo ao bilhete. Deixou queimar quase até o fim e jogou o restante e as cinzas em um vaso sanitário. Em seguida, pressionou o botão de descarga.

— Você tem certeza? — insistiu. — É muito importante...

— Tenho - respondeu Fiske, sem jeito. — Eles... me explicaram como funciona.

— Ótimo. Então podemos conversar. — Solarin continuava com o isqueiro na mão. — Em que orelha está?

Fiske apontou a esquerda. Solarin fez um gesto afirmativo com a cabeça, abriu a parte inferior do isqueiro e tirou dela uma ferramenta minúscula, em forma de pinça.

— Deite-se no chão, com a orelha esquerda para cima e a cabeça numa posição em que consiga se manter sem mexê-la. Não faça nenhum movimento brusco. Não quero perfurar seu tímpano.

O inglês obedeceu. Aliviado por confiar seu destino a Solarin, não se deu ao trabalho de questionar se um colega Grande Mestre estava habilitado a remover microrreceptores secretos de ouvidos alheios. Solarin, de cócoras, começou a trabalhar. Logo se levantou, com um minúsculo objeto, pouco maior que a cabeça de um alfinete, preso entre as hastes da ferramenta.

— Ah! Os nossos são menores ainda! Agora, meu caro Fiske, me diga quem pôs isto aí. Quem está por trás de você?

Deixou cair a peça quase microscópica na palma da mão esquerda.

Fiske sentou-se no chão, em um movimento inesperado, e encarou o adversário. Pareceu, pela primeira vez, ter consciência de quem ele era: não só um Grande Mestre, como ele próprio, mas também um soviético. A escolta da KGB, que já devia estar vasculhando todo o prédio do clube, só reforçava a terrível verdade. Soluçou outra vez e escondeu o rosto nas mãos.

— Você tem de me dizer. Está claro, não está?

Olhou para o anel de Fiske. Tomou a mão do inglês e estudou a joia com atenção. Era um sinete de tamanho exagerado, feito de metal imitando ouro, com o brasão nitidamente separado do corpo do anel. Destacou a tampa falsa e ouviu, mal ouviu, mesmo a uma distância tão pequena, uma espécie de zumbido. O funcionamento era simples: Fiske apertava a tampa, em um código qualquer, indicando a última jogada feita. Então, seus parceiros lhe transmitiam as instruções para o lance seguinte.

— Alguém lhe deu ordem para não tirar o anel? É grande o bastante para conter uma pequena carga de explosivo, além de um detonador.

— Explosivo?!

— Suficiente para demolir metade deste banheiro. — Sorriu Solarin.

— Pelo menos a parte onde estamos. Você é agente dos irlandeses? Eles são bons em miniaturas de explosivos, cartas-bombas, coisas assim. Sei do que estou falando: quase todos eles são treinados em meu país. — Fiske começou a ficar esverdeado, mas Solarin continuou: — Não tenho ideia do que seus amigos estão querendo, meu caro. Só sei que, se um agente de meu governo o trair tão completamente quanto você traiu o seu, o mais provável é que deixe de falar, para sempre, logo em seguida.

— Mas... não sou agente de ninguém!

Solarin encarou-o por alguns instantes e tornou a sorrir:

— Acredito que não seja, mesmo. Que bando de incompetentes!

— Fez outra pausa, enquanto Fiske esfregava as mãos, ansioso.

— Escute meu caro. Você se meteu em um jogo muito perigoso. Podemos ser interrompidos em nossa conversinha a qualquer momento. Agora mesmo! Se isso acontecer, sua vida e a minha vão ficar com o valor muito depreciado. As pessoas que lhe pediram esse favorzinho não são muito decentes, entende? Você tem de me dizer tudo que sabe sobre elas, o mais depressa possível. Só assim poderei ajudá-lo.

Deu a mão ao inglês, para que ele se levantasse. Fiske continuou de olhos baixos, parecendo prestes a chorar de novo. Solarin pôs as mãos em seus ombros, com gentileza.

— Alguém interessado nessa partida o procurou... Você precisa me dizer quem foi, e qual a razão do interesse.

— O diretor... — A voz soou trêmula. — Quando eu... Há muitos anos, fiquei doente e não consegui mais jogar xadrez. O governo britânico me deu um cargo de professor, professor de matemática, numa universidade, e um bom salário... No mês passado, o diretor do departamento me chamou e ordenou que me reunisse com alguns homens. Não sei quem são eles. Só me disseram que, por razões de segurança nacional, eu deveria me inscrever neste torneio. Garantiram que eu não precisaria fazer nenhum esforço...

Fiske começou a rir e a olhar em volta de si próprio, de forma desequilibrada, torcendo o anel no dedo. Solarin segurou seu pulso,

mantendo a outra mão ainda sobre um dos ombros do inglês.

— Você não precisaria se esforçar porque não jogaria realmente. Só precisaria seguir as instruções de outra pessoa, não é?

Fiske concordou com um gesto de cabeça. Seus olhos encheram-se de lágrimas novamente. Teve de engolir em seco várias vezes antes de poder continuar. Dava a impressão de que iria se desfazer em pedaços na frente de Solarin.

— Eu lhes disse que não podia fazer isso, que escolhessem outro qualquer. - A voz começou a se elevar: - Implorei que não me forçassem a jogar! Mas disseram que não tinham outra alternativa. Fiquei completamente nas mãos deles. Podiam cortar meu salário a qualquer momento, quando quisessem... Disseram que...

Engasgou-se. Parecia incapaz de seguir um raciocínio lógico. Retorcia o anel no dedo como se o adorno pudesse mordê-lo. Começou a olhar em volta, dentro do banheiro, com um ar desvairado.

— Não prestaram atenção ao que eu disse. Queriam a fórmula a qualquer custo!

— A fórmula! — Solarin apertou com força os ombros do inglês. - Eles falaram na fórmula?

— Falaram! Falaram! A porra da fórmula, era isso o que eles queriam!

Fiske, à beira da histeria, estava quase gritando. Solarin diminuiu o aperto das mãos nos ombros e começou a lhe dar tapinhas, tentando acalmá-lo.

— Diga-me mais sobre a fórmula. — Falava com cuidado, pisando em ovos. — Vamos, Fiske. Que interesse tinham nessa tal fórmula? Como esperavam que você a obtivesse disputando o torneio?

— Era para obtê-la de você.

A voz soou fraca. O inglês continuava de olhos lacrimejantes voltados para o chão. Solarin surpreendeu-se. De repente, desviou os olhos em direção à porta. Achou que ouvira passos.

— Temos de falar depressa. — Baixou o tom da voz. - Como ficaram sabendo que eu viria disputar o torneio? Ninguém sabia.

— Eles sabiam. — Fiske, com a expressão cada vez mais desesperada e ensandecida, continuou torcendo o anel. - Ah, meu

Deus! Me deixe em paz! Eu disse que não conseguiria! Eu avisei que não seria capaz!

— Largue esse anel — disse Solarin, em tom grave. Agarrou com força o punho de Fiske e torceu-o. — Que fórmula é essa?

— A que estava com você na Espanha! A que você apostou, naquela partida na Espanha. Você disse que a daria a qualquer um que o derrotasse no xadrez! Foi você quem disse! Eu tinha de ganhar, para que você me desse a fórmula!

Solarin não conseguia acreditar. Largou o pulso de Fiske, afastou-se um pouco e começou a rir.

— Não! Assim também é demais!

Inclinou a cabeça para trás, rindo tanto que os olhos se encheram de lágrimas. Mal conseguiu falar, quase engasgado:

— Meu caro Fiske! A fórmula é outra! Que idiotas! Chegaram a uma conclusão totalmente errada... Você virou Peão numa partida de amadores. Vamos lá para fora e... O que você está fazendo?!

Não percebera que Fiske, cada vez mais angustiado, conseguira tirar o anel do dedo. Com um movimento inesperado, o inglês atirou-o em um dos mictórios, soluçando e gritando:

— Não vou fazer isso! Não vou!

Solarin só perdeu uma fração de segundo observando a joia colidir com a louça sanitária. Quando atravessou a porta de um salto, já começara a contar mentalmente. Um. Dois. Correu o mais rápido que pôde pelo clube deserto. Três. Quatro. Venceu a escada em dois ou três movimentos. Cinco. Seis. Atravessou como um raio o pequeno saguão. Sete. Atirou-se contra a porta, que se escancarou. Oito. Mergulhou no ar. Nove. E caiu de barriga sobre a alameda calçada de pedras. Dez! Cobriu a cabeça com os braços e apertou os ouvidos. Esperou... E não houve explosão alguma.

Quando ergueu a cabeça, viu só dois pares de sapatos bem em frente a seu rosto. Ergueu mais ainda os olhos e deparou com dois dos juizes, absolutamente intrigados.

— Grande Mestre Solarin! O senhor se machucou?

— Não. Estou bem. — Levantou-se com dignidade, limpando a poeira da roupa. - O Grande Mestre Fiske está passando mal no

lavatório. Vim correndo pedir ajuda e tropecei. Este pavimento de pedras é um perigo!

Pensou que talvez tivesse se enganado a respeito do anel. Pelo jeito, não havia nenhum perigo em tirá-lo do dedo. Mas... como saber antes?

— É melhor irmos até lá para ver se podemos ajudar. Por que ele escolheu o banheiro do Clube Canadense, em vez de usar o do Metropolitano? Poderia ter procurado nosso posto de primeiros socorros...

— Ele é muito orgulhoso — retrucou Solarin. — Com certeza não quis que ninguém o visse passando mal.

Não ocorreu a nenhum dos dois perguntar o que Solarin fazia no mesmo banheiro que Fiske, tão fora de mão.

— Ele está muito mal? — quis saber o outro juiz, quando entrou no prédio.

— Acho que foi uma intoxicação alimentar — respondeu Solarin. Não lhe pareceu muito sensato voltar ao lavatório, mas não teve opção. Os três subiram a escada e um dos árbitros se adiantou para abrir a porta. Fechou-a de novo, imediatamente, com uma expressão horrorizada.

— É melhor vocês não olharem! — recomendou pálido.

Solarin empurrou-o, abriu a porta outra vez e examinou o banheiro. Fiske jazia pendurado pelo pescoço, atado pela própria gravata ao batente superior de um dos cubículos. O rosto estava roxo e, a julgar pelo ângulo em que se encontrava a cabeça, o pescoço se quebrara.

— Suicídio! - exclamou o juiz que encontrara o corpo, esfregando as mãos do mesmo jeito ansioso que Fiske mostrara, momentos antes, quando ainda estava vivo.

— Não é o primeiro grande enxadrista a escolher esta forma de morte — disse o outro árbitro.

Calou-se, sem graça, quando Solarin o encarou com ar sombrio.

— É melhor chamarmos um médico — disse o primeiro juiz, de forma um pouco impensada.

Solarin foi até o mictório onde Fiske jogara o anel. Não havia nada ali dentro.

— Sim, vamos chamar um médico — concordou.

Mas eu não sabia de nada disso enquanto esperava, sentada no salão, por Lily, que fora buscar nosso terceiro café. Se naquele momento — e não só mais tarde, como ocorreu — eu tivesse conhecimento do que aconteceu ali tão perto, os eventos seguintes poderiam ter sido outros.

Já tinham se passado mais de quarenta minutos desde que o jogo fora interrompido, e eu começava a sentir a bexiga um pouco cheia demais, graças a tanto café. Além disso, estava cada vez mais curiosa para saber o que realmente vinha acontecendo. Lily finalmente voltou à mesa, com um sorriso de conspiração.

— Adivinhe o que houve — cochichou. — Esbarrei em Hermanold no bar. Parecia dez anos mais velho, de repente. Estava numa discussão complicada com o médico do torneio. Logo que terminarmos o café, podemos ir embora. Não vai haver mais jogo hoje. Eles vão anunciar para o público dentro de alguns minutos.

— Fiske está mesmo doente? Então, foi por isso que jogou de modo tão esquisito...

— Não, querida. Ele não está doente. Se estava, livrou-se da doença, de forma definitiva.

— Abandonou o jogo?

— De certo modo... Ele se pendurou pelo pescoço, no banheiro, logo depois da interrupção.

— Suicidou-se?

Falei um pouco alto demais e Lily me fez um sinal, percebendo que várias pessoas tinham voltado o rosto para nossa mesa.

— Hermanold disse que a pressão foi demasiada para Fiske. Mas o médico não me pareceu muito de acordo. Disse que achava muito difícil um homem de quase setenta quilos quebrar o próprio pescoço se pendurando numa porta de um metro e oitenta.

— Será que a gente pode dispensar o café e sair daqui?

Não consegui parar de pensar nos olhos verdes de Solarin, debruçado sobre mim. Comecei a me sentir mal. Achei que precisava de um pouco de ar fresco.

— Está bem — disse Lily, com um tom muito mais calmo do que o necessário. — Mas vamos voltar logo. Não quero perder um só

lance de um jogo tão extraordinário.

Atravessamos o foyer às pressas. Quase na saída, dois repórteres nos pegaram.

— Senhorita Rad, o que está acontecendo? A partida vai continuar ainda hoje?

— Só se alguém trazer um chimpanzé treinado, para substituir o senhor Fiske.

— Então, você acha que o jogo dele não vale grande coisa...

— disse o outro repórter, escrevendo qualquer coisa em um bloco.

— Não acho nada do jogo de Fiske. Só penso em meus próprios jogos, como vocês sabem muito bem. Quanto à partida, já vi o suficiente para saber como vai terminar.

Foi abrindo caminho quase à força, arrastando o que já se havia transformado em um bando de jornalistas. Conseguimos chegar à porta e atravessar o jardim. Atingimos rapidamente a rua.

— Onde se meteu Saul? — reclamou ela. - O carro tem de estar sempre à porta. Ele sabe disso!

Dei uma olhada e avistei o enorme Corniche azul estacionado perto da esquina da Quinta Avenida. Mostrei-o a Lily.

— Que beleza! É exatamente disso que preciso: mais uma multa por estacionamento proibido. Vamos sumir daqui antes que a confusão lá dentro comece de fato.

Puxou-me pelo braço e saímos correndo contra um vento desgraçadamente frio. Encontramos o carro vazio, com a chave no contato. Saul não estava nem por perto. Atravessamos a rua, olhando para todos os lados à procura dele. Carioca também parecia ter sumido.

— Não dá para acreditar — resmungou Lily. — Durante todos esses anos, Saul nunca abandonou o carro desse jeito. Onde se enfiou? E onde está meu cachorro?

Um barulho abafado veio do vão embaixo do assento dianteiro. Abri a porta e enfiei o braço ali. Uma língua minúscula lambeu minha mão. Puxei Carioca para fora e, quando estava levantando, vi algo que fez meu sangue gelar. Um buraco no banco do motorista.

— Olhe isto aqui — disse eu a Lily.

Quando ela se abaixou para ver melhor, ouvimos um barulho semelhante ao de uma martelada, e o carro sacudiu ligeiramente. Olhei por cima do ombro, mas não vi ninguém. Pulei para fora, largando Carioca sobre o assento. Examinei o lado do carro voltado para o Clube Metropolitano. E vi, na lataria, um buraco que um minuto antes não existia. Toquei-o com o dedo - estava quente.

Voltei os olhos para o clube. Uma das janelas da varanda, a que ficava bem em cima da bandeira americana, encontrava-se aberta. A cortina agitava-se para fora com o vento, mas não havia ninguém ali. Percebi que era uma das janelas da sala de jogos, exatamente atrás da mesa dos juizes.

— Meu Deus! — exclamei. — Alguém está atirando no carro.

Lily deu a volta pela frente, para ver o buraco de bala. Em seguida, acompanhou minha linha de visão e encontrou a janela aberta na varanda da sala de jogos. No frio horroroso da rua, nenhum carro ou pedestre passara por nós quando ouvimos o ruído de martelada. Não havia como duvidar. Lily agarrou meu cotovelo.

— Solarin! Ele mandou você sair do clube, não mandou? O filho da puta está tentando acabar conosco!

— Ele avisou que eu correria perigo se ficasse no clube — corrigiu.

— Estamos do lado de fora. Além disso, se alguém quisesse nos matar, seria difícil errar de tão perto.

— Ele está tentando me amedrontar para eu desistir do torneio

— insistiu Lily. — Primeiro seqüestra meu motorista, depois atira no carro... Pois muito bem, eu não sou de me apavorar com tão pouco!

— Eu sou! Vamos sumir daqui!

A pressa com que Lily espremeu o corpanzil no lugar do motorista me deu a impressão de que ela não discordava muito de mim, afinal. Deu a partida e saiu cantando os pneus pela Quinta Avenida, jogando Carioca para o banco detrás.

— Estou com uma fome desgraçada — gritou, tentando suplantar o uivo do vento sobre o para-brisa.

— Você vai querer comer agora? Ficou maluca? Temos de ir à polícia imediatamente.

— De jeito nenhum. Se Harry ficar sabendo dessa história, vai me aprisionar. Não me deixará disputar o torneio. Vamos procurar qualquer coisa para comer e pensar bem nisso tudo, você e eu. Com fome, não consigo pensar direito.

— Está bem... Já que você não quer procurar a polícia, pelo menos vamos para meu apartamento.

—Aquele lugar em que você mora nem tem cozinha. Preciso de carne, muita carne, para pôr as células do cérebro em funcionamento.

— Então tome a direção lá de casa. Há uma churrascaria perto da Terceira Avenida. Mas, depois de comer, vou diretamente para a polícia.

Lily parou bem na porta do restaurante Palm. Começou a mexer no interior da enorme bolsa que levava a tiracolo, retirou de lá o xadrez portátil e enfiou Carioca em seu lugar. O cachorro conseguiu pôr a cabeça para fora e começou a babar.

— Não permitem a entrada de animais — explicou Lily.

— E o que faço com isto? — perguntei, indicando o tabuleiro, que fora parar em meu colo.

— Guarde. Você é um gênio em processamento de dados e eu sou jogadora de xadrez. Estratégia, para nós duas, é feijão-com-arroz. Tenho certeza de que deslindaremos essa confusão, se juntarmos nossos neurônios. Mas antes tenho de lhe ensinar um pouco de xadrez.

- Empurrou para baixo a cabeça de Carioca e fechou a bolsa.

— Você já ouviu dizer que "os Peões são a alma do xadrez"?

— Acho que já. Parece familiar, mas não consigo lembrar bem... Quem foi que disse isso?

— André Philidor, o pai do xadrez moderno. Ele escreveu um livro famoso, mais ou menos na época da Revolução Francesa, e demonstrou que os Peões, usados em massa, podem ser tão poderosos quanto as peças nobres. Ninguém tinha pensado nisso antes. Todo mundo costumava sacrificar os Peões, para que não ficassem atrapalhando o caminho e prejudicando as ações.

— Você está tentando me dizer que somos dois Peões que alguém quer tirar do caminho? — perguntei, achando a ideia

esquisita, ainda que interessante. — Não. — Ela desceu do carro e atirou a bolsa por cima de um ombro. - Estou tentando dizer que chegou a hora de combinarmos nossas forças. Até descobrirmos que jogo estamos jogando.

Selamos o acordo com um aperto de mãos.

TROCA DE RAINHAS

Rainhas nunca fazem barganhas.

- Lewis Carroll

Alice no país dos espelhos

SÃO PETERSBURGO

OUTONO DE 1791

A troica deslizava pelos campos cobertos de neve, tirada por cavalos que expiravam vapor pelas narinas. De Riga em diante, haviam encontrado a neve tão alta nas estradas que se viram obrigados a deixar para trás a carruagem escura e passar para o trenó largo e aberto, puxado por cavalos com arreios decorados por sininhos de prata e com os flancos fortes tatuados em ouro com o brasão imperial.

A apenas quinze *verstas* de distância de São Petersburgo, folhas ocres ainda recobriam as árvores, e os camponeses trabalhavam a terra parcialmente congelada, embora já houvesse uma grossa camada de neve sobre os telhados das habitações de pedra.

A abadessa ia recostada, coberta de peles, apreciando a paisagem campestre. Pelo calendário gregoriano europeu, era o dia 4 de novembro, exatamente um ano e sete meses depois do dia — que ela não queria lembrar — em que tomara a decisão de retirar o Xadrez de Montglane de seu esconderijo de mil anos.

Mas, na Rússia, pelo calendário Juliano, era ainda 23 de outubro. A Rússia é atrasada em tantas coisas, pensou a abadessa. Um país regido por um calendário, uma religião e uma cultura totalmente diferentes. Aqueles camponeses que ela via à margem da estrada usavam roupas e hábitos exatamente iguais aos de séculos passados. Os rostos enrugados e duros, com os característicos olhos negros que se voltavam à passagem do trenó, denunciavam uma gente ignorante, atada a superstições e rituais. As mãos grosseiras lidavam com os mesmos utensílios a mesma terra congelada que seus ancestrais trabalharam mil anos antes. Apesar dos ucasses emitidos desde o tempo de Pedro I, insistiam em não cortar a barba e os cabelos negros, cujas pontas escondiam dentro dos gorros de pele de carneiro.

O portão de São Petersburgo, visível a distância, após uma imensidão de neve, estava aberto. O cocheiro, vestido com o uniforme branco e dourado da Guarda Imperial, ia em pé na plataforma, com as pernas bem abertas, chicoteando os cavalos para que avançassem. Quando entraram na cidade, a abadessa viu a neve brilhando no alto das cúpulas e dos telhados, do outro lado do rio Neva. Crianças patinavam na superfície gelada mesmo naquela época do ano. As barracas coloridas dos vendedores enfileiravam-se ao longo da margem. Vira-latas de várias cores latiam para o trenó, e crianças pequenas, de cabelos loiros e rostos sujos, corriam ao lado dele, pedindo moedas. O cocheiro continuou apressando os cavalos com o chicote.

Depois da travessia do rio congelado, a abadessa entreabriu a mala a seu lado e passou os dedos sobre a capa azul de veludo bordado. Em seguida, tocou de leve o rosário e rezou uma rápida ave-maria. Sentiu outra vez o peso da responsabilidade que assumira. A ela, e só a ela, cabia assegurar que aquela força poderosa fosse entregue às mãos certas, que a protegeriam da ambição e da cobiça dos homens. A abadessa sabia que aquela era sua missão. Fora escolhida, ao nascer, para aquela tarefa. Passara toda a vida à espera dos acontecimentos que a tornariam necessária.

Naquele dia, depois de quase cinquenta anos, iria rever a amiga de infância a quem fizera confidências, tanto tempo atrás. Começou a recordar a jovem amiga, tão semelhante à loira e frágil Valentine. Na infância, ela fora obrigada a usar nas costas um aparelho ortopédico, mas, à custa de sua força de vontade, sobrepujara a doença e o desespero, tornando-se uma criança sadia e feliz: a pequena SoFia Anhalt-Zerbst, a amiga que a abadessa tanto recordara durante anos, em quem pensara com afeição, e a quem contara seus segredos em cartas quase mensais durante toda a vida adulta. Embora o destino as tivesse separado, a abadessa ainda via SoFia na memória: uma garotinha de cabelos dourados que refletiam o sol, correndo atrás de borboletas no jardim da casa dos pais, na Pomerânia.

Quando a troica se aproximou do Palácio de Inverno, a abadessa sentiu um arrepio. Uma nuvem cobriu o sol. Começou a imaginar que tipo de pessoa era sua amiga e protetora, agora que deixara, havia muito, de ser a pequena Sofia da Pomerânia e passara a ser conhecida por toda a Europa como Catarina II, a Grande, czarina de todas as Rússia.

Catarina II, czarina de todas as Rússia, estava sentada em frente ao espelho da penteadeira. Aos sessenta e dois anos, baixinha e um pouco gorda, tinha testa alta, expressão inteligente e queixo firme. Os olhos azuis e gelados, normalmente brilhantes de vitalidade, mostravam-se mortiços e acinzentados naquela manhã, rodeados por círculos vermelhos de choro. Durante as duas últimas semanas, estivera trancada em seus aposentos, recusando-se a admitir até mesmo os membros da família. A corte toda se enlutara. Duas semanas antes, em 12 de outubro, um mensageiro vestido de negro viera trazer a notícia de que o conde de Potemkin morrera.

Fora Potemkin quem conduzira Catarina ao trono da Rússia, emprestando-lhe os símbolos coloridos da própria espada para usar à cintura quando ela, montando um cavalo branco, liderara o Exército amotinado na derrubada do czar Pedro III, seu marido. Potemkin fora seu amante, ministro de Estado, general, comandante de seus exércitos e confidente. Fora o homem a quem ela se referia como "meu único marido". Potemkin expandira seu império em mais de um terço do território, levando-o até o mar Negro e o mar Cáspio. E morrera como um cão, na estrada para Nicolaiev.

Morrera de comer faisões e perdizes demais, de se empanturrar de gordos presuntos e carnes salgadas, de beber, em demasia, *Kvass*, cerveja e licor de amora. Morrera de tanto satisfazer as mulheres da nobreza, que o seguiam como vivandeiras, à espera de migalhas amorosas. Potemkin desperdiçara cinquenta milhões de rublos em palácios luxuosos, joias caras e champanhe francês, mas transformara Catarina na mulher mais poderosa do mundo.

As damas de honor esvoaçavam ao redor da czarina como borboletas silenciosas, empoando-lhe o cabelo e atando as fitas de seus sapatos. Ficou em pé para que elas lhe vestissem o manto oficial de veludo cinzento, com todas as condecorações que

ostentava em suas aparições na corte: as cruzes de Santa Catarina, São Vladimir e Santo Alexandre Néovski; e as fitas de Santo André e São Jorge pendentes do pescoço, com as respectivas medalhas de ouro. Pronta, Catarina jogou os ombros para trás, exibindo a postura magnífica, e começou a descer as escadas.

Pela primeira vez, depois de quinze dias, resolvera aparecer na corte. Sua guarda pessoal a escoltou por entre fileiras de soldados, ao longo dos compridos corredores do Palácio de Inverno, ladeados pelas janelas das quais, anos atrás, ela vira desfilar seus navios, descendo o Neva ao encontro da esquadra sueca que viera atacar São Petersburgo. Ao passar por elas, Catarina olhou para o rio, pensativa.

Esperava por ela, na corte, aquela multidão de víboras que se autodenominavam diplomatas e cortesãos. Conspiravam, quase todos. Tramavam sua queda. Paulo, seu próprio filho, planejava assassiná-la. Mas também havia entre os recém-vindos a São Petersburgo, a pessoa que talvez pudesse salvá-la, a mulher que tinha nas mãos o poder perdido com a morte de Potemkin. Naquela manhã, chegara à cidade sua mais antiga amiga: Helene de Roque, a abadessa de Montglane.

Cansada após a aparição pública, Catarina voltou a seus aposentos amparada pelo braço de seu atual amante, Plato Zubov. A abadessa a esperava, na companhia de Valerian, irmão de Plato. Ergueu-se, à chegada da imperatriz, e correu para abraçá-la.

Ágil ainda, para sua idade, esguia como um bambu, a abadessa pareceu brilhar ao ver a amiga de tanto tempo. Quando se abraçaram, pôde ver-bem Plato Zubov. Vestia uma túnica azul-celeste e culote muito justo; exibia tal coleção de medalhas que dava a impressão de que o tronco poderia se desequilibrar a qualquer momento, derrubando-o para a frente. Era jovem e de feições delicadas, bonitas. Não havia como deixar de perceber o papel que desempenhava naquela corte: Catarina acariciava seu braço durante o tempo todo em que conversava com a amiga.

— Helene! — suspirou ela. — Quantas e quantas vezes desejei sua presença aqui! Mal consigo acreditar que você tenha vindo,

finalmente. Deus ouviu a voz de meu coração e trouxe-me de volta a amiga de infância!

Fez sinal à abadessa para que sentasse em uma poltrona larga, confortável, e acomodou-se ela própria em uma cadeira próxima. Plato e Valerian ficaram em pé, cada um atrás de uma das mulheres.

— Isso merece uma comemoração. Mas, como você sabe, estou de luto; não posso lhe oferecer uma festa. Sugiro que jantemos juntas em meu quarto. Poderemos rir e nos divertir, fingir por alguns momentos que somos meninas de novo. Valerian, você abriu a garrafa de vinho, como pedi?

O rapaz fez que sim com a cabeça e dirigiu-se ao aparador.

— Você precisa experimentar este clarete, querida. É um dos tesouros de minha corte. Foi trazido de Bordéus por Denis Diderot, há muitos anos. Trato-o como a uma gema rara.

Valerian serviu o vinho em copos de cristal. As mulheres provaram, devagar.

— Excelente! — A abadessa sorriu para Catarina. — Mas não há vinho capaz de agir como um elixir para meu corpo envelhecido como sua presença, Figchen.

Plato e Valerian trocaram olhares quando ouviram o tratamento tão íntimo. O apelido "Figchen" acompanhara a imperatriz desde a infância, quando ainda se chamava Sofia Anhalt-Zerbst. Plato, devido à posição privilegiada que ocupava, às vezes ousava chamá-la — na cama - de "senhora de meu coração". Em público, no entanto, só a tratava por "Majestade" como todos os outros, até mesmo os próprios filhos de Catarina. Estranhamente para os dois irmãos, a imperatriz não se incomodou com a intimidade.

— Agora me diga por que resolveu ficar tanto tempo na França, Helene. Quando soube que você fechou a abadia, tive a esperança de que viesse de imediato para a Rússia. Minha corte está cheia de compatriotas seus, expatriados... Principalmente agora que o rei foi capturado em Verennes, tentando fugir da França, e tornou-se prisioneiro de seus próprios súditos. A França transformou-se numa hidra de mil e duzentas cabeças, um Estado anárquico. Aquela nação de sapateiros conseguiu revirar a ordem natural das coisas!

A abadessa ficou surpresa ao ouvir a imperatriz, tão liberal e esclarecida, falar daquela maneira. Helene não podia negar que a França se tornara um perigo para o mundo, mas não era Catarina a mesma que se fizera amiga do liberal Voltaire, dos irmãos Grimm, de Denis Diderot, todos eles defensores da igualdade entre as classes, inimigos das guerras de conquista? Não fora o próprio Voltaire quem lhe dera o título de "a Grande"?

— Não pude vir logo — explicou. — Tinha certas coisas a fazer antes, negócios a resolver... — Olhou de forma significativa para Plato Zubov, que acariciava o pescoço da imperatriz, em pé atrás de sua cadeira. — Não posso falar dessas coisas com ninguém mais... Só com você.

Catarina estudou a expressão da amiga por um momento. Em seguida falou, com voz natural e descuidada:

— Valerian, você e Plato Zubov podem nos deixar, agora.

— Mas, querida Alteza... — começou a protestar Plato, a voz parecendo a de uma criança prestes a fazer manha.

— Não se preocupe quanto a minha segurança, pombinho.

— Catarina acariciou a mão que ainda repousava sobre seu ombro. — Helene e eu somos amigas há quase sessenta anos. Não há nenhum perigo em ficarmos sozinhas por alguns instantes.

Os dois jovens assentiram e deixaram o aposento.

— Ele não é lindo? — comentou Catarina, logo acrescentando:

— Sei que escolhemos caminhos diferentes, minha cara. Mas espero que você compreenda se eu lhe disser que me sinto como um pequeno inseto aquecendo as asas ao sol depois de um inverno rigoroso. Nada melhor do que os cuidados de um jardineiro jovem para fazer pulsar a seiva de uma velha árvore.

A abadessa ficou em silêncio, em dúvida outra vez sobre a escolha que fizera. Afinal, não vira a amiga de infância durante longos e longos anos. Embora a correspondência tivesse sido constante e calorosa, talvez os boatos que corriam a seu respeito fossem verdadeiros... Poderia aquela mulher idosa, transbordante de sensualidade, ciumenta de seu poder, ser digna da tarefa que tinham pela frente?

— Por que ficou tão silenciosa? Chocada com minhas palavras?

— riu Catarina.

— Acredito que você aprecie chocar as pessoas, minha querida Sofia. Lembra-se de sua apresentação, quando tinha quatro anos de idade, à corte do rei Frederico Guilherme, da Prússia? Você se recusou a beijar a bainha de seu manto...

— Disselhe que o alfaiate fizera o manto curto demais! — Catarina começou a rir, até que lhe vieram lágrimas aos olhos.

— Minha mãe ficou furiosa! O rei disse que eu era atrevida demais.

A abadessa exibiu um sorriso amigável, benevolente.

— E quando o bispo de Brunswick leu nossas mãos, para prever o futuro... enxergou três coroas na palma de sua mão.

— Lembro-me bem. A partir daquele dia, nunca mais tive dúvidas de que viria a reinar sobre um vasto império. Sempre acreditei em profecias místicas, desde que estejam de acordo com meus próprios desejos.

Sorriu, mas desta vez a abadessa não retribuiu.

— Você se lembra do que o bispo encontrou em minha mão? Catarina ficou em silêncio por alguns instantes.

— Lembro-me como se tivesse acontecido ontem — respondeu finalmente. — Foi justamente por isso que esperei sua chegada com tamanha ansiedade. Você mal pode imaginar como fiquei angustiada com a demora... — Fez uma longa pausa, hesitante. — Você o trouxe?

A abadessa mergulhou a mão entre as dobras de suas vestes e puxou uma grande bolsa de viagem, de couro, atada por correias à cintura. Dela retirou uma pesada estatueta de ouro, cravejada de pedras: uma mulher envolta em longos mantos, sentada em uma espécie de palanquim quase fechado por cortinas. Entregou a peça a Catarina, que a olhou incrédula, revirando-a devagar nas mãos em concha.

— A Rainha das pretas... — sussurrou a abadessa, sem tirar os olhos do rosto de Catarina.

A imperatriz cerrou as duas mãos em volta da peça de ouro e pedras. Apertou-a com força e levou-a ao busto, só então voltando o olhar para a amiga.

— E as outras? — perguntou.

Alguma coisa em sua voz fez com que a religiosa se pusesse em guarda.

— Estão escondidas, em segurança, onde não farão mal a ninguém.

— Minha querida Helene, temos de juntá-las imediatamente! Você conhece o poder que o conjunto encerra. Nas mãos de um monarca bem-intencionado, tornará possível qualquer realização...

— Por quarenta anos, eu me recusei a atender a seus apelos para procurar o Xadrez de Montglane, retirá-lo das entranhas do prédio da abadia. Durante todo esse tempo, sempre soube exatamente onde ele estava escondido. Agora vou lhe explicar por que fiz isso. — Ergueu a mão, antes que a imperatriz desse voz a um protesto apenas esboçado. — Sempre tive consciência do perigo que representava tirá-lo de seu esconderijo. Somente a um santo se poderia confiar tal tentação. E você não é nenhuma santa, minha querida Figchen.

— Reunifiquei uma nação fragmentada, trouxe esclarecimento a um povo ignorante! Erradiquei a praga, construí hospitais e escolas, eliminei as facções em guerra que poderiam ter levado a Rússia à desunião e à desgraça nas mãos de seus inimigos! E você insinua que sou uma déspota?

— Pensei apenas em seu próprio bem — retrucou a abadessa, com calma. — O Xadrez de Montglane pode transtornar até as mentes mais sensatas. Lembre-se de que ele quase causou a ruptura do Império Franco. Depois da morte de Carlos Magno, seus filhos guerrearam pela posse do Xadrez...

— Uma guerrinha de disputa de terras — retrucou Catarina, com um gesto de desprezo. - Não consigo imaginar como você estabelece ligação entre tais fatos e...

— Somente a força da Igreja Católica na Europa Central foi capaz de manter tal poder em segredo por tanto tempo. Mas, ao receber a notícia da Lei do Confisco dos bens da Igreja, percebi que meus piores receios haviam se tornado realidade. Quando ouvi que soldados franceses marchavam em direção à Montglane, a certeza se tornou absoluta. Por que Montglane? Estávamos tão longe de

Paris, encerradas nas montanhas... Havia abadias muito mais próximas, muito mais ricas, muito mais fáceis de saquear. Não, não! Procuravam o Xadrez. Fiz meus planos com calma. Decidi removê-lo das paredes da abadia e espalhá-lo por toda a Europa, de tal forma que será impossível, por muitos e muitos anos, juntar as peças outra vez...

— Espalhou! — gritou a imperatriz, pondo-se em pé de um salto, com a peça de ouro ainda agarrada junto ao peito, e começando a andar de um lado para outro, como um animal enjaulado. — Como pôde você fazer tal coisa? Devia ter me chamado, me pedido ajuda!

— Já lhe disse que foi impossível! - A voz da abadessa soou frágil, denunciando o cansaço da viagem. — Descobri que outras pessoas sabiam da localização do Xadrez. Alguém, na certa representando alguma potência estrangeira, subornou membros da Assembleia francesa para que a Lei do Confisco fosse aprovada; essa mesma pessoa chamou a atenção de membros da Assembléia para a abadia de Montglane. Não lhe parece uma coincidência estranha que dois parlamentares que tal pessoa tentou subornar fossem justamente Mirabeau, o grande orador, e o bispo de Autun? Um apresentou o projeto de lei, o outro foi seu mais ardente defensor. Quando Mirabeau ficou doente, em abril deste ano, ninguém conseguiu arrancar o bispo do pé de seu leito, até a morte. Não lhe parece claro que o bispo tentava desesperadamente obter alguma correspondência que incriminava a ambos?

— Como você ficou sabendo dessas coisas? - perguntou Catarina, em voz abafada, antes de dar as costas para a abadessa e caminhar até a janela, de onde ficou observando o céu escuro, as nuvens que se acumulavam no horizonte, prenunciando mais neve.

— A correspondência entre eles está em meu poder — disse a abadessa.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Finalmente, a religiosa acrescentou:

— Você me perguntou o que me manteve na França por tanto tempo. Agora já sabe. Eu tinha de descobrir quem mudara meu destino, me obrigando a arrancar o Xadrez de Montglane de seu refúgio de mil anos. Precisava saber quem era o inimigo que me

observava o tempo todo, como um caçador à procura da presa, até que eu fosse forçada a abandonar a proteção da Igreja e atravessar todo um continente em busca de um refúgio seguro para o tesouro que me fora confiado.

— E você descobriu quem procurava? — Catarina falou com cuidado, voltando-se devagar para encarar a abadessa, do outro lado do aposento.

— Descobri — respondeu tranquilamente a religiosa. — A pessoa era você, Figchen querida.

— Quer dizer que você já sabia de tudo — disse a imperatriz à abadessa, a caminho do museu do Ermitage, na manhã seguinte.

— Então, não consigo entender por que veio para São Petersburgo.

Soldados da Guarda do Palácio marchavam de ambos os lados, esmagando a neve das alamedas sob os tacões pesados das botas decoradas com franjas de seus uniformes de cossacos. Mantinham-se a vinte passos de distância, o bastante para que as duas senhoras pudessem falar à vontade.

— Vim porque, apesar de todas as indicações em contrário, confio em você. — Os olhos da abadessa brilharam de um jeito maroto.

— Sempre soube que você temia que o governo da França desabasse, que o país caísse na anarquia. Sabia que você desejava assegurar que o Xadrez de Montglane não cairia em mãos impróprias. E suspeitava que eu não concordaria com as providências que você se dispunha a tomar. Diga-me, Figchen, como pretendia arrancar o produto do saque das mãos dos soldados franceses, depois que o tirassem de Montglane? A não ser que seu plano fosse invadir a França com tropas russas...

— Escondi um grupo de soldados meus, em roupas civis, nas montanhas. Eles cercariam os soldados franceses no paço — explicou Catarina, sorrindo.

— Entendi. E o que lhe deu inspiração para medidas tão extremadas?

— Acho que sou forçada a contar tudo o que sei. Comprei a biblioteca de Voltaire logo depois de sua morte. Entre seus papéis

particulares, encontrei um diário do cardeal Richelieu, que narrava, em código, as pesquisas que fez a respeito do Xadrez de Montglane. Voltaire conseguiu decifrar o código e, assim, pude me inteirar de tudo o que o cardeal descobriu. O manuscrito está guardado num cofre, no lugar para onde estamos indo. Vou mostrá-lo a você.

— E qual é a importância desse documento? — perguntou a abadessa, tentando imaginar por que a amiga nunca o mencionara antes.

— Richelieu conseguiu identificar o mouro que o deu de presente a Carlos Magno. E chegou a recuar ainda mais no tempo, em suas pesquisas. Como você sabe, Carlos Magno lutou em muitas cruzadas contra os mouros, tanto na Espanha quanto na África. Mas, numa ocasião, defendeu Córdova e Barcelona de cristãos bascos que ameaçavam a sede do poder mouro. Embora cristãos, os bascos tentaram, durante séculos, esmagar o Reino Franco e assumir o controle da Europa Ocidental, principalmente a costa do Atlântico e as montanhas sobre as quais os francos mantinham domínio.

— Os Pireneus.

— Certo — concordou Catarina. — As "Montanhas Mágicas", como eles as chamavam. Aqueles montes foram o berço do culto mais místico da história, depois do nascimento de Cristo. Foi de lá que saíram os povos celtas, mais tarde forçados a se instalar na Bretanha e, finalmente, nas ilhas Britânicas. O mago Merlin nasceu naquelas montanhas, da mesma forma que os místicos que chamamos de druidas.

— Disso eu não sabia — retrucou a abadessa, de olhos fixos na alameda coberta de neve, com os lábios finos cerrados, todo o rosto enrugado parecendo um fragmento de pedra de sepultura.

— Logo você vai ler tudo isso no diário do cardeal. Já estamos chegando. Richelieu acreditava que os mouros, ao invadir o território, tivessem descoberto o terrível segredo, guardado durante séculos pelos celtas e, depois, pelos bascos. Os conquistadores mouros teriam então transcrito o que aprenderam, num código que inventaram. Na verdade, eles gravaram o segredo, no tal código, nas peças de ouro e prata do Xadrez de Montglane. Quando lhes pareceu evidente que perderiam o domínio da península Ibérica,

enviaram o Xadrez para Carlos Magno, por quem nutriam grande admiração. Viam-no como o mais poderoso monarca da história e julgaram-no o único capaz de proteger o segredo.

— Você acredita mesmo em tudo isso? — quis saber a abadessa, quando já estavam chegando à imensa fachada do prédio.

— Tire suas próprias conclusões. Sei que o segredo é mais antigo que os mouros, mais antigo que os bascos, mais antigo mesmo que os druidas. Diga-me uma coisa, minha cara: você já ouviu falar de uma sociedade secreta, cujos membros se autodenominam "maçons"?

A abadessa empalideceu. Parou de repente, à porta do museu do Ermitage.

— O que você disse? - sussurrou, agarrada ao braço da amiga.

— Ah! Então, já sabe que é tudo verdade. Depois que você ler o manuscrito, vou lhe contar minha história.

O RELATO DA IMPERATRIZ

Aos catorze anos, deixei minha casa da Pomerânia, onde você e eu fomos criadas. Seu pai acabara de vender suas terras, vizinhas das de minha família, e voltara para a França. Nunca vou me esquecer da tristeza, querida Helene, de não ter podido repartir com você a glória com que tanto sonhamos: logo eu seria escolhida para suceder a rainha.

Eu me preparava para viajar à corte da czarina Elisaveta Petrovna, em Moscou. Elisaveta, filha de Pedro, o Grande, assumira o poder por meio de um golpe de Estado, mandando todos os oponentes para a prisão. Solteirona, já passada da idade de engravidar, escolhera um sobrinho obscuro, o grão-duque Pedro, para a sucessão. Eu seria a esposa de Pedro.

A caminho de Moscou, minha mãe e eu tivemos de fazer uma escala na corte de Frederico II, em Berlim. Frederico, o jovem imperador da Prússia que Voltaire cognominara "o Grande", queria endossar o noivado, usando-me para unir os reinos da Prússia e da Rússia pelo casamento. Julgou-me uma opção melhor do que sua própria irmã, a quem não teve coragem de atirar a tal destino.

Naquela época, a corte de Frederico mostrava-se tão brilhante quanto seria medíocre no final de seu reinado. Quando cheguei, o rei fez de tudo para me deixar à vontade e encantada. Ordenou que me vestissem com roupas de suas reais irmãs e me colocou a seu lado, todas as noites, ao jantar. Contava-me histórias divertidas da ópera e do balé. Eu era criança, ainda, mas logo percebi a manobra. Compreendi que me usaria como Peão de um jogo muito mais importante, um jogo em que a própria Europa serviria de tabuleiro.

Depois de algum tempo, descobri que havia na corte prussiana um homem que acabara de voltar de uma viagem de quase dez anos à corte russa. Era o matemático da corte de Frederico, Leonhard Euler. Tomei a liberdade de lhe pedir uma audiência, na

esperança de que me contasse suas impressões pessoais sobre o país que eu deveria visitar.

Meu primeiro encontro com Euler ocorreu em uma pequena antecâmara do Grande Salão da corte de Berlim. Um homem de hábitos simples e mente brilhante esperava a menina que logo se transformaria em rainha. Creio que formamos um estranho par! Ele estava sozinho no aposento: alto e magro, com um pescoço que mais parecia o gargalo de uma garrafa, grandes olhos escuros e um nariz avantajado. Olhou-me um pouco de lado, pois perdera a visão de um dos olhos, de tanto observar o Sol. Pois, além de matemático, era também astrônomo.

— Não estou muito acostumado a falar — disse. — Acabei de chegar de um país em que as pessoas que falam são enforcadas.

Foi minha apresentação à Rússia. Asseguro-lhe que veio a ser muito útil, mais tarde. Euler me contou que a czarina Elisaveta Petrovna possuía quinze mil vestidos e vinte e cinco mil pares de sapatos. Costumava atirar os sapatos que estivesse usando nas cabeças de seus ministros, às menores desavenças, e em seguida mandá-los para a forca, por qualquer capricho. Tinha uma legião de amantes e seu apetite para a bebida revelava-se ainda maior que o sexual. Não admitia opiniões que divergissem das suas.

Depois que quebrei sua timidez, o doutor Euler e eu passamos muito tempo juntos. Gostamos muito um do outro e ele chegou a admitir que preferia que eu ficasse em Berlim para me tomar sua discípula de matemática, um campo de conhecimento em que eu me revelava altamente promissora, segundo ele. Claro que não foi possível atendê-lo.

Euler chegou à ousadia de confessar que não gostava muito de Frederico. Havia uma boa causa para isso, que nada tinha a ver com a incapacidade de Sua Majestade para assimilar conceitos matemáticos. Em meu último dia em Berlim, Euler me revelou a razão.

— Minha amiguinha - disse, quando fui lhe dar adeus, no laboratório —, há algo que preciso contar antes de sua partida.

Lembro-me de que estava limpando uma lente com o cachecol, de seda, como costumava fazer sempre que tentava resolver um

problema qualquer.

— Acredito que possa confiar em você — continuou ele. — Ambos passaremos a correr grande perigo, no entanto, se você revelar minhas palavras a quem não deve.

Tranquilei-o, disselhe que guardaria qualquer segredo ao preço da própria vida. Para minha surpresa, ele retrucou que talvez tal preço viesse mesmo a se fazer necessário.

— Você é jovem e impotente. Uma mulher. Foi por isso que Frederico a escolheu como instrumento para agir no vasto e obscuro império que é a Rússia. Talvez você não saiba que há vinte anos aquele país tem sido governado exclusivamente por mulheres: Catarina I, viúva de Pedro, o Grande; em seguida, Ana Ivanovna; depois, Ana de Mecklenberg, regente em lugar do filho Ivan VI; finalmente, Elisaveta Petrovna. Se você for a próxima dessa linhagem, poderá correr grande perigo.

Continuei dando toda a atenção ao cientista, embora suspeitando de que o Sol lhe queimara mais do que um olho.

— Existe uma sociedade secreta, de homens que entendem que a missão de suas vidas é alterar o caminho da civilização — continuou Euler, no aposento apertado, cheio de telescópios, microscópios e livros empoeirados, espalhados sobre as mesas de mogno e cobertos por folhas soltas manuscritas. — Tais homens dizem-se cientistas e engenheiros, mas são, na verdade, místicos. Vou lhe contar o que conheço de sua história, porque lhe será útil, eventualmente. Em 1271, o príncipe Eduardo, da Inglaterra, filho de Henrique III, partiu para lutar nas cruzadas no litoral norte da África. Chegou a Acre, uma antiquíssima cidade portuária próxima a Jerusalém. Pouco sabemos a respeito do que fez lá. Mas é certo que se engajou em muitas batalhas e conheceu pessoalmente os chefes mouros muçulmanos. No ano seguinte, foi chamado à Inglaterra, pois seu pai morrera. De volta, tornou-se o rei Eduardo I, e o restante de sua vida está nos livros de história. O que não está escrito em nenhum lugar é que ele trouxe algo consigo da África.

— E o que foi? — perguntei, realmente curiosa.

— O conhecimento de um grande segredo. Um segredo que remonta à aurora da civilização. Mas estou me precipitando. Quando

voltou da África, Eduardo congregou uma sociedade de homens que, supostamente, passaram a conhecer o segredo. Pouco sabemos a respeito desses homens, mas é possível acompanhar sua história até certo ponto. Depois da derrota dos escoceses, a sociedade penetrou na

Escócia, onde se manteve inativa por algum tempo. Quando tiveram de abandonar a Escócia, no começo deste século, os jacobitas levaram a sociedade e suas crenças para a França. Montesquieu, o grande pensador francês, fora doutrinado e convertido à Ordem durante uma viagem à Inglaterra e, com sua ajuda, estabeleceu-se a Loge des Sciences, em Paris, em 1734. Quatro anos mais tarde, antes de se tornar rei da Prússia, nosso Frederico, o Grande, foi iniciado pela sociedade secreta, em Brunswick. Naquele mesmo ano, o papa Clemente XII publicou uma bula ordenando a erradicação do movimento, que se espalhara da França para a Itália, a Prússia, a Áustria e os Países Baixos. Mas a sociedade já era tão forte que o Parlamento da França se recusou a aceitar a ordem papal.

— Por que o senhor está me contando tudo isso? Mesmo se pudesse compreender os desígnios desses homens, o que teria eu a ver com eles? E o que poderia fazer a respeito? Ainda que tenha as mais altas aspirações, não passo de uma criança...

— Pelo que sei de seus propósitos — respondeu Euler, em voz pausada —, tais homens podem derrotar o restante do mundo, se não forem derrotados antes. Hoje você pode ser apenas uma criança, mas logo se tornará a esposa do czar da Rússia, o primeiro homem a governar aquele império depois de duas décadas. Você precisa me ouvir bem, gravar bem minhas palavras na memória. Às vezes, esses homens se chamam de "Irmandade dos Maçons", outras vezes de "Rosa-cruzes". Seja qual for o nome escolhido, têm uma coisa em comum: suas origens ligam-se ao norte da África. Quando o príncipe Eduardo estabeleceu a sociedade em solo ocidental, o nome que escolheram foi o de "Ordem dos Arquitetos da África". Acreditam que seus antecessores foram os arquitetos da mais antiga civilização, que entalharam e montaram as pedras das pirâmides do Egito, construíram os Jardins Suspensos da Babilônia,

ergueram os Portões e a Torre de Babel. Conheciam os mistérios dos antigos. Mas eu acho que eram os arquitetos de outra coisa, mais recente e talvez mais poderosa que qualquer...

Euler se interrompeu e me olhou de um jeito que jamais esquecerei. Essa lembrança me assusta até hoje, quase cinquenta anos já passados, como se tivesse acontecido há um momento. Ainda o vejo, com aterradora vividez, até mesmo em meus sonhos. Sinto até hoje sua respiração em meu pescoço, quando ele se inclinou para sussurrar em meu ouvido:

— Acredito que eles arquitetaram também o Xadrez de Montglane, e que se consideram seus legítimos proprietários.

Catarina e a abadessa ficaram em silêncio, depois que a imperatriz terminou sua história, na grande biblioteca do museu do Ermitage, onde haviam examinado o diário de Voltaire. Sentadas à grande mesa rodeada com paredes de dez metros de altura cobertas de livros, Catarina observava a abadessa como um gato observa um rato. A religiosa mantinha o olhar fixo nas janelas largas, através das quais podia ver o jardim, onde o grupamento da Guarda Imperial lutava contra o frio da manhã, batendo os pés no chão e soprando entre as mãos em concha.

— Meu falecido marido — disse Catarina, em voz suave — era um devoto de Frederico, o Grande, da Prússia. Pedro costumava usar um uniforme prussiano, na corte, em São Petersburgo. Em nossa noite de núpcias, obrigou-me a fazer desfilar soldadinhos de chumbo prussianos sobre a cama. Quando Frederico abrigou na Prússia a Ordem dos Maçons, Pedro se filiou ao grupo, jurando, pela própria vida, eterna lealdade.

— E, em seguida — disse a abadessa —, você o destronou, aprisionou e providenciou seu assassinato.

— Ele era um maníaco perigoso. Mas não tive nada a ver com sua morte. Seis anos mais tarde, em 1768, Frederico estabeleceu a Grande Loja dos Arquitetos Africanos na Silésia. O rei Gustavo, da Suécia, mais tarde, juntou-se a eles e, apesar dos esforços de Maria Teresa para erradicar aqueles vermes da Áustria, José II, seu filho, também se associou a eles. Eu trouxe meu amigo, o doutor Euler, de volta para a Rússia, logo que soube desses acontecimentos. Embora

já completamente cego, o velho matemático conservava sua visão interior. Quando Voltaire morreu, Euler insistiu que eu comprasse sua biblioteca. Havia, entre os volumes, documentos importantes que Frederico, o Grande, queria obter a qualquer custo. Consegui trazer a biblioteca para São Petersburgo, e encontrei isto. Aqui está... Guardei-o para você.

A imperatriz retirou, dentre as páginas manuscritas de Voltaire, um pergaminho, que entregou à abadessa. Helene desdobrou-o com cuidado. Era uma carta de Frederico, príncipe regente da Prússia, endereçada a Voltaire e datada do mesmo ano em que Frederico se juntara aos maçons:

Monsieur,

Não há nada que eu deseje tanto quanto adquirir todos seus manuscritos [...]. Caso haja entre eles algum que o senhor queira manter longe dos olhos do público, dou-lhe minha palavra de que o guardarei no mais absoluto segredo [...].

A abadessa levantou os olhos do documento. Com expressão distante e gestos vagarosos, devolveu a carta a Catarina, que tornou a guardá-la no mesmo lugar.

— Não lhe parece claro que ele se refere ao diário do cardeal Richelieu, decifrado por Voltaire? — perguntou a imperatriz. — Começou a lutar para obter o diário no momento em que entrou para a Ordem Secreta. Agora pode ser que você acredite em mim...

Catarina apanhou o último volume da coleção encadernada em couro e folheou até achar uma página, próxima do final. Leu alto as palavras que a abadessa já tinha gravadas na mente, as palavras que o cardeal Richelieu, morto havia tanto tempo, tivera o cuidado de escrever em um código secreto, cuja chave julgava só a ele pertencer. Era este o texto:

Pois descobri finalmente que o segredo revelado na antiga Babilônia, o segredo que foi transmitido para os impérios persa e indiano, conhecido apenas pelos eleitos, tão poucos, era na verdade o segredo do Xadrez de Montglane. Tal segredo, como o nome secreto de Deus, nunca foi escrito. É tão poderoso que causou a queda de civilizações e a morte de reis; nunca pôde ser comunicado a ninguém, a não ser os iniciados nas ordens sagradas, os homens

que foram aprovados nos testes e fizeram os votos. Tão terrível é esse conhecimento, que só pode ser confiado aos mais altos escalões da Elite. É minha crença que o segredo assumiu o formato de uma fórmula e que tal fórmula causou, em todos os tempos, a queda de todos os reinos, reinos que hoje conhecemos apenas como lendas, à margem da história. Creio ainda que os mouros, apesar de iniciados no conhecimento secreto e apesar do terror que por ele sentiam, transcreveram a fórmula do Xadrez de 136 Montglane. Entalharam os símbolos sagrados nas casas do tabuleiro e nas próprias peças, mantendo em segredo a chave que somente os verdadeiros Mestres do jogo poderão usar para decifrá-los.

Tudo isto deparei da leitura dos Manuscritos Antigos de Chalons, Soissons e Tours, que traduzi. Que Deus tenha piedade de nossas almas.

Ecce Signum, Armand Jean du Plessis, Duque de Richelieu & Vigário de Luçon, Poitou & Paris, Cardeal de Roma, Primeiro Ministro da França.

Anno Domini 1642.

A abadessa continuou em silêncio, após a leitura.

— Pelo que podemos entender do diário, o "cardeal de Ferro" planejava para breve uma viagem até a Sé de Montglane — prosseguiu Catarina.

— Mas morreu, como você sabe, em dezembro daquele mesmo ano, depois de subjugar a insurreição de Rousillon. Podemos duvidar de que ele sabia da existência dessas sociedades secretas, ou de que planejava pôr as mãos no Xadrez de Montglane antes que outro o fizesse? Tudo o que ele fazia tinha como alvo o poder. Por que mudaria no final da vida?

— Minha querida Figchen... — O sorriso da abadessa não traiu o tumulto de sua mente. — Percebi bem o que quis me dizer. Mas todos esses homens já estão mortos. Podem ter procurado, em vida, mas nada encontraram. Certamente você não vai dizer que teme seus fantasmas...

— Os fantasmas podem voltar! Há quinze anos, as colônias britânicas na América expulsaram o jugo do império. Quem foram os líderes da luta? Homens chamados Washington, Jefferson, Franklin...

Maçons, todos eles! Hoje o rei da França está na prisão, sua coroa e sua própria cabeça podem cair a qualquer momento. E quem são os homens por trás dessa situação? Lafayette, Condorcet, Danton, Desmoulins, Brissot, *Sieyès* e os próprios irmãos do rei, inclusive o duque de Orleans... Todos maçons!

— Uma coincidência... — começou a responder a abadessa.

— Coincidência?! — interrompeu a czarina. — Terá sido coincidência que, de todos os homens que tentei subornar para que a Lei do Confisco fosse aprovada, o único que aceitou minha proposta foi Mirabeau, um maçom? É claro que ele não sabia que eu lhe tomaria o tesouro, quando aceitou o suborno...

— O bispo de Autun não aceitou? - A abadessa sorriu, encarando a amiga por trás da grossa coleção de volumes do diário. — E qual foi a razão que alegou?

— O preço que pediu para colaborar comigo foi ridículo — resmungou Catarina, furiosa, pondo-se em pé. — Aquele homem sabe mais do que deixou transparecer. Na Assembléia, esse Talleyrand é chamado de "Gato Angorá"! Ronrona, mas tem unhas afiadas. Não confio nele.

— Então você confia no homem que conseguiu subornar e desconfia do que não aceitou seu preço?

A abadessa ajustou as vestes, com uma expressão cansada e triste, e ergueu-se também, encarando a imperatriz do outro lado da mesa. Em seguida, voltou-se em direção à porta.

— Aonde você vai?! — gritou Catarina, alarmada. — Você não entende por que fiz tudo isso? Estou lhe oferecendo minha proteção. Sou a regente única da maior nação sobre a face da Terra! Estou colocando meu poder em suas mãos...

— Agradeço sua oferta, Sofia — respondeu a abadessa, em voz calma. — Mas não tenho medo desses homens, como você. Gostaria de acreditar, como você, que são místicos, talvez até mesmo revolucionários. Já lhe ocorreu que tais sociedades de místicos que você tanto estudou podem ter outros fins, que você desconhece?

— Fica claro, por suas ações, que eles querem derrubar as monarquias, reduzi-las a pó. Que outro objetivo podem ter, senão o controle do mundo?

— Talvez o que queiram seja libertar o mundo... — sorriu a abadessa. — Por enquanto, não tenho indicações suficientes para afirmar uma coisa ou outra, mas já tenho em mãos fatos suficientes para outras conclusões. Por suas palavras, Sofia, posso ver que você está fadada a cumprir o destino marcado em sua mão, com três coroas, antes mesmo do nascimento. Mas eu também tenho um destino.

A abadessa espalmou as mãos e ofereceu-as à amiga. Bem perto do pulso, a linha da vida e a linha do destino se trançavam, formando um 8. Catarina apenas olhou, com um silêncio de gelo, e em seguida acompanhou, com a ponta de um dedo, as linhas entrelaçadas.

— Você me ofereceu proteção — continuou a abadessa. — Mas já tenho a proteção de um poder mais alto que o seu...

— Eu sabia! — Catarina empurrou com força as mãos da amiga. — Toda essa conversa de altos propósitos e objetivos nobres quer dizer só uma coisa: você fez um pacto com outra pessoa, sem me consultar!

Quem é? Em quem você depositou erradamente sua fé? Diga-me o nome! Eu exijo!

A abadessa respondeu sorrindo:

— Com prazer. Depositei minha fé em quem desenhou estas linhas em minhas mãos. Com este sinal em minhas palmas, reino absoluta. Você pode ser a regente de todas as Rússias, minha querida Figchen. Mas não se esqueça de quem eu sou, na verdade, nem de quem me escolheu. Lembre-se de que Deus é o maior de todos os Grandes Mestres de xadrez!

A RODA DO CAVALEIRO

O rei Artur teve um sonho fantástico, que foi assim: pareceu-lhe estar sentado sobre uma almofada aquecida que repousava sobre uma cadeira, presa a uma roda; o rei usava seu manto mais rico, de tecido de ouro... De repente, a roda fez com que o rei Artur virasse de cabeça para baixo e caísse entre as serpentes; e todas elas enlaçaram seus membros e o rei, dormindo em sua cama, gritou, pedindo socorro.

— SIR THOMAS MALORY *Le Morte d'Arthur*

Regnabo, Regno, Regnavi, Sum sine regno. ("Reinarei, Reino, Reinei, Não tenho mais reino.")

— Inscrição da carta A Roda do Destino, do taro

O dia seguinte ao do jogo de xadrez foi uma segunda-feira. Levantei, zozna, joguei a cama ainda desarrumada de volta a seu nicho e fui para o chuveiro, me preparar para mais um dia de trabalho na Consolidated Edison.

Ainda secando o corpo com o roupão atalhado, andei, descalça mesmo, por todos os cantos do hall, entre os objetos da coleção de artesanato, à procura do número do telefone. Depois do jantar no Palm, com Lily, e do acontecimento estranho que se seguira, decidi que, se éramos mesmo um par de Peões no jogo de outras pessoas, seria bom trazer algumas peças de maior peso para meu lado do tabuleiro. E sabia exatamente por onde começar.

Lily e eu concordáramos, durante o jantar, que o aviso de Solarin se relacionava com os acontecimentos bizarros do dia. Mas a concordância parará aí. Para ela, o soviético estava por trás de tudo o que acontecera.

— Primeiro, Fiske morre em circunstâncias misteriosas — disse, do outro lado da mesinha pequena de madeira, no meio das palmeiras. — Como você sabe que não foi Solarin quem o matou? Depois, Saul desaparece, deixando meu carro e meu cachorro à

mercê de vândalos. É óbvio que ele foi seqüestrado; de outra forma, nunca abandonaria o posto.

Concordei, com uma careta, ao vê-la devorar um pedaço enorme de bife quase cru. Eu sabia que Saul jamais teria coragem de voltar a vê-la, a não ser que tivesse ocorrido alguma coisa realmente séria.

Lily continuou a operação jantar destruindo uma enorme travessa de salada e três cestinhas de pão, enquanto conversávamos.

— Em seguida, alguém nos dá um tiro — consegui dizer, entre uma garfada e outra. — E nós duas temos certeza de que a bala partiu de uma janela aberta da sala de jogos.

— Foram dois tiros. Saul pode ter se apavorado quando atiraram nele e fugido antes de nossa chegada.

— Mas apièce de résistance — continuou ela, mastigando um pãozinho e ignorando minhas opiniões — é que já descobri não só o método e os meios como também o motivo!

— De que você está falando?

— Já sei por que Solarin está fazendo essas coisas nefandas. Descobri entre o filé e a salada.

— Então me explique.

Eu podia ouvir com facilidade os ruídos que Carioca fazia dentro da bolsa. Achei que seria apenas questão de tempo até os outros frequentadores do restaurante também ouvirem.

— Você conhece a história do escândalo na Espanha, é claro. Tive de fazer força para lembrar.

— Solarin foi chamado de volta à União Soviética de repente, não foi isso? E só o que sei; foi o que você me contou.

— A razão de tudo foi uma fórmula. Solarin abandonou o mundinho sujo das competições de xadrez ainda muito moço. Passou a disputar apenas torneios esporádicos, aqui e ali. Tem o título de Grande Mestre, mas sua formação universitária foi em física. Aliás, é como físico que ele ganha a vida. Durante o torneio na Espanha, Solarin fez uma aposta com outro jogador: se fosse derrotado, daria uma fórmula secreta ao vencedor.

— E que fórmula era essa?

— Não sei. Só sei que, quando a imprensa noticiou a aposta, os soviéticos entraram em pânico. Solarin evaporou-se da noite para o

dia e só agora apareceu de novo.

— Uma fórmula de física?

— Talvez a receita de alguma arma secreta... Isso explicaria tudo, não é?

Não entendi bem como aquilo explicaria tudo, mas achei melhor deixá-la continuar.

— Com medo de que Solarin fizesse a mesma bobagem neste torneio, a KGB se antecipou, acabou com Fiske e tentou me amedrontar para que eu desistisse. Se um de nós ganhasse de Solarin, talvez ele se sentisse obrigado a nos dar a fórmula secreta!

Lily se encantou com a maneira pela qual sua versão explicava os acontecimentos, mas não me convenceu.

— Sua teoria é ótima — admiti. — Só que há várias pontas soltas na meada. Por exemplo: o que aconteceu com Saul? Por que as autoridades teriam deixado Solarin sair da União Soviética, se suspeitavam de que ele fosse capaz de fazer a mesma bobagem, se é que foi mesmo uma bobagem? E para que Solarin daria uma fórmula secreta de arma a você ou àquela peça de museu, o Fiske, que Deus o tenha?

— Concordo... Nem tudo encaixa perfeitamente. Mas já é um começo, pelo menos!

— Como disse Sherlock Holmes, "é um erro crucial teorizar antes de se obterem todos os dados". Sugiro que você e eu façamos um pouco de pesquisa a respeito de Solarin. Mas ainda acho que deveríamos ir à polícia. Afinal, temos dois buracos de bala para mostrar.

— Jamais! — retrucou Lily, agitada. - Nunca vou admitir que não sou capaz de resolver o mistério por minha conta. Meu apelido é "Lily Estratégia"!

Acabamos entrando em acordo, depois de uma discussão acalorada e um sorvete com calda quente: nos separaríamos por alguns dias, e cada uma faria sozinha a pesquisa sobre a vida e o modus operandi de Solarin.

O técnico de Lily também era ele próprio, um Grande Mestre. Embora necessitasse treinar muito para a partida, marcada para a terça-feira, Lily achou que daria um jeito de obter dele alguma pista

durante a própria preparação. Ao mesmo tempo, procuraria Saul. Se não tivesse sido sequestrado — o que, em minha opinião, a deixaria desapontadíssima, por frustrar sua inclinação para o drama —, o motorista precisaria explicar pessoalmente e direitinho a razão de ter abandonado o posto.

Eu fizera meus próprios planos, mas não pretendia revelá-los a Lily Rad. Ainda não. Tinha um amigo em Manhattan que conseguia ser até mais misterioso e esquivo que Solarin. Seu nome não constava da lista telefônica, ninguém conhecia seu endereço. Era uma lenda viva no mundo do processamento de dados e, mal passado dos trinta anos, já escrevera livros definitivos sobre o assunto. Fora meu tutor naquele ramo — quando eu, três anos antes, chegara a Nova York —, e me tirara das piores situações. Seu nome, nas raras ocasiões em que usava um nome, era Ladislaus Nim. Doutor Ladislaus Nim.

Além de gênio em processamento de dados, Nim era também um excelente enxadrista. Jogara contra Reshevsky e Fischer sem fazer feio. Mas sua virtude maior — que me fez decidir procurá-lo — residia em seu conhecimento global, panorâmico, do jogo. Sabia de memória todas as partidas de disputa do título mundial. Era uma enciclopédia biográfica ambulante, no que se referia à vida dos Grandes Mestres. Quando estava de bom humor, encantava qualquer interlocutor durante horas sobre as lendas e os incidentes da história do xadrez. Eu tinha certeza de que ele seria capaz de desembaraçar os fios da meada que viera parar em minhas mãos.

Mas querer ver Nim e conseguir encontrá-lo eram duas coisas bem diferentes. Seu serviço de atendimento telefônico fazia com que tanto a CIA quanto a KGB parecessem comadres fofoqueiras. As pessoas que atendiam se recusavam até mesmo a admitir que sabiam de sua existência. Eu já gastara semanas tentando o contato, apenas para me despedir dele, só que desta vez tinha de encontrá-lo, e não apenas pelo pacto que fizera com Lily. A razão principal era esta: eu sabia que aqueles acontecimentos aparentemente desconectados — a morte de Fiske, o aviso de Solarin, o desaparecimento de Saul — se interligavam. E o elo era eu.

Quando me despedi de Lily, por volta da meia-noite, no restaurante, resolvi começar de imediato minha pesquisa. Em vez de ir diretamente para casa, tomei um táxi e voltei ao Fifth Avenue Hotel. Eu queria reencontrar a vidente que, três meses antes, me dera o conselho que Solarin repetira naquela tarde. O aviso dele fora logo confirijado por evidências. Além disso, as palavras quase idênticas de ambos constituíam um excesso de acaso, para meu gosto. Então, quis esclarecer a razão daquilo tudo.

Mas simplesmente não havia vidente alguma no hotel. Fiquei meia hora conversando com o gerente do bar, para ter certeza absoluta de que ele dizia a verdade. O homem trabalhava lá havia quinze anos e repetiu várias vezes a mesma coisa: nunca houvera uma vidente no bar do Fifth Avenue Hotel. Nem mesmo na véspera do Ano-Novo. A mulher que ficara a minha espera, certa de que eu iria que aguardara enquanto Harry me chamava no CPD, que lera minha sorte em frases que mais pareciam uma charada esotérica, que usara as mesmas palavras que Solarin repetiria três meses mais tarde, que adivinhara até mesmo a data de meu aniversário, essa mulher nunca existira.

Mas era claro que ela existia. Eu dispunha de três testemunhas — embora até o testemunho de meus próprios olhos já começasse a me parecer suspeito.

Assim, naquela manhã de segunda-feira, com os cabelos escorrendo água sobre as costas do roupão, tentei de novo falar com Nim. E havia uma surpresa a minha espera, dessa vez.

Quando completei a ligação, a Companhia Telefônica de Nova York entrou na linha com uma mensagem gravada, informando que o assinante se transferira para outro número, com prefixo do Brooklin. Disquei o número de novo, estranhando que Nim tivesse mudado o endereço de seu serviço de atendimento. Afinal, eu era uma das três pessoas, em todo o mundo, que tinha a honra de conhecer o número antigo. Pelo jeito, nenhuma cautela lhe parecia excessiva.

A segunda surpresa aconteceu quando responderam.

— Rockaway Greens Hall, bom-dia — disse uma voz feminina.

— Quero falar com Nim, por favor.

— Não há ninguém aqui com esse nome — retrucou ela, com delicadeza.

Comparada às grosserias com que eu era tratada no endereço antigo, foi até uma surpresa agradável. Mas ainda havia mais.

— Doutor Nim. Doutor Ladislaus Nim — repeti, caprichando na dicção. — O serviço de informações de Manhattan me deu este número.

— Este nome... Este nome é de um homem} — Tive a impressão de que o que se seguiu foi um suspiro de espanto.

— Claro! Posso deixar recado? É muito importante.

A mulher respondeu com um tom diferente, bem frio:

— Minha senhora, isto aqui é um convento carmelita! Alguém andou lhe passando um trote.

E desligou, naturalmente.

Eu sabia que Nim era esquivo, mas aquilo beirava o absurdo. Em um acesso de raiva, resolvi encontrá-lo de qualquer maneira.

Já estava atrasada para o trabalho. Liguei o secador e comecei a andar de um lado para o outro da sala, com o ar quente dirigido aos cabelos ensopados e o cérebro remoendo as ideias, à procura de um plano qualquer. De repente, tive uma inspiração.

Nim implantara alguns dos principais sistemas de processamento de dados da Bolsa de Valores de Nova York, havia anos. Com certeza, as pessoas que operavam os sistemas deviam saber de seu paradeiro. Talvez ele até mesmo passasse por lá, vez por outra, para ver como andava seu trabalho. Liguei para o gerente do CPD.

— Doutor Nim? — repetiu ele, depois que eu disse com quem queria falar. — Você tem certeza de que ele trabalhou aqui? Estou no cargo há três anos e nunca ouvi esse nome.

— Está bem — disse eu, já furiosa. — Para mim chega! Quero falar com o presidente. Como é o nome dele?

— A Bolsa de Valores de Nova York não tem um presidente, mocinha. — A voz começava a se mostrar debochada. — Merda!

— Então tem o quê? — perguntei, quase gritando ao telefone. — Alguém deve mandar nisso aí!

— Temos um diretor executivo — informou o sujeito, claramente desdenhoso.

— Ótimo. Transfira a ligação para ele, por favor.

— Está bem, mocinha. Você deve saber o que está fazendo. Sabia, sim. A secretária do diretor executivo foi muito simpática, mas, por seu modo de contornar minhas perguntas, tentando me sondar, percebi que estava na pista certa.

— Doutor Nim? — repetiu ela também, com uma voz de velhinha agradável. — Não... Acho que não conheço ninguém com esse nome. O diretor executivo está viajando. A senhora quer deixar algum recado?

Era o que eu podia esperar de melhor, pelas experiências anteriores com aquele homem cheio de mistérios.

— Quero sim. Se você estiver com o doutor Nim, diga-lhe, por favor, que a senhorita Velis está aguardando um telefonema dele no convento de Rockaway Greens. E mais: se ele não ligar até hoje à noite, serei forçada a fazer os votos e entrar para a Ordem das Carmelitas.

Dei meus números de telefone à pobre secretária, já confusa com toda aquela história, e desliguei. Seria bem feito, pensei, se a mensagem, antes de chegar até Nim, passasse por alguns xeretas da segurança da Bolsa. Gostaria de ver Nim tentando se explicar.

Depois de conseguir o máximo possível, em circunstâncias tão difíceis, vesti um conjunto vermelho berrante, calças compridas e jaqueta, e comecei a procurar um par de sapatos. Remexi toda a prateleira inferior do closet, aos palavrões. Carioca roera metade de meus sapatos e desarrumara o resto. Finalmente, achei dois pés do mesmo par, de uma cor que combinava com o resto, vesti o casaco e saí para o café da manhã. Como Lily, eu também me recusava a enfrentar certas coisas com o estômago vazio. A Consolidated Edison era uma delas.

La Galette, o bistrô do bairro, ficava a meio quarteirão do apartamento, no final da Tudor Place. As mesas tinham toalhas axadrezadas e gerânios em vasos. Da janela dos fundos se via o edifício da ONU. Pedi suco de laranja fresco, café puro e rosca dinamarquesa de ameixas.

Quando me trouxeram o café, abri a pasta e comecei a examinar as notas que tomara na noite passada, antes de dormir. Achei que

descobriria alguma coisa estudando a cronologia dos acontecimentos.

Solarin tinha uma fórmula secreta qualquer e ficara retido na União Soviética por algum tempo. Fiske abandonara os torneios de xadrez durante quinze anos. Solarin me dera um aviso, usando praticamente as mesmas palavras da vidente que eu encontrara três meses antes. Solarin e Fiske se desentenderam durante o jogo, que acabara sendo interrompido. Lily achava que Fiske trapaceara — antes de morrer, em circunstâncias suspeitas. Duas balas perfuraram o carro de Lily, uma antes e outra depois de nossa chegada. E, finalmente, tanto Saul quanto a vidente haviam desaparecido.

Embora os fatos não se encaixassem, parecia evidente que formavam um todo inter-relacionado. A probabilidade de que tudo fosse coincidência aproximava-se de zero.

Eu já terminara a primeira xícara de café e estava no meio da rosca, quando o vi. Até então, estivera olhando, sem ver, a curva verde-azulada do edifício da ONU. Mas alguma coisa me chamou a atenção, de repente: um homem completamente vestido de branco, com um macacão de jogging, capuz e um cachecol que ocultava a parte de baixo do rosto, empurrava uma bicicleta amarela.

Fiquei petrificada, com o copo de suco de laranja a meio caminho da boca. O homem começava a descer a escadaria em espiral que vai até a praça em frente ao prédio da ONU. Larguei o copo e levantei de um salto. Joguei algum dinheiro sobre a mesa, enfiei a papelada na pasta e saí correndo do bistrô, arrastando como pude o casaco.

Cobertos de gelo e sal, os degraus de pedra estavam escorregadios. Agarrei o casaco, atrapei-me com a pasta e me projetei para baixo pela escada. O ciclista já ia sumir na esquina. Quando tentei enfiar o braço pela manga do casaco, o salto alto de um dos sapatos se prendeu no gelo, quebrou, e eu voei para a frente. Caí de joelhos, dois degraus abaixo. Na parede, bem por cima de mim, havia uma inscrição entalhada nas pedras. Eram palavras do profeta Isaías:

Converterão suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação

nem aprenderão mais a guerra.

Antes fosse assim, pensei, levantando-me e espanando o gelo dos joelhos. Isaías tinha muito que aprender, tanto sobre os homens quanto sobre as nações. Não se passara um só dia, nos últimos cinco mil anos, sem que a guerra florescesse em nosso planeta. A praça a minha frente estava cheia de gente protestando contra a guerra no Vietnã. Quase tive de usar uma relha de arado para atravessar a multidão, que tentava enfiar em meu nariz os cartazes com o símbolo da paz, a pegada de uma pomba. Gostaria de vê-los transformar mísseis balísticos em podadeiras.

Fiz a curva, na esquina, derrapando no salto quebrado, resvalando na parede do Instituto de Pesquisas de Sistemas da IBM. O homem já levava um quarteirão de vantagem, pedalando a bicicleta. Parou no cruzamento da Plaza da ONU, esperando o sinal abrir.

Corri pela calçada, com os olhos ardendo de frio, ainda tentando abotoar o casaco e fechar direito a pasta. O vento me golpeava de frente sem dó. No meio do quarteirão, vi a luz se acender e o ciclista pedalar tranquilamente. Corri mais ainda, mas o semáforo fechou para mim, e os carros começaram a passar em ondas. Mantive os olhos grudados no vulto branco, do outro lado da rua.

Ele apeou outra vez da bicicleta e começou a empurrá-la, subindo os degraus da Plaza. Encurralado! O jardim das esculturas não tinha saída. Eu já podia ir com mais calma; e foi o que fiz. Enquanto esperava a luz verde se acender de novo, questionei o que fazia.

Na véspera, quase testemunhara um possível crime de morte e ficara a alguns centímetros de uma bala voadora, em plena cidade de Nova York. Agora, perseguia um desconhecido, simplesmente porque ele se parecia com a personagem de meu quadro, com a bicicleta e tudo. Mas como era possível que se parecesse tanto com a figura que eu estava pintando? Pensei, pensei e não encontrei nenhuma resposta e, por via das dúvidas, examinei bem ambos os lados da rua antes de atravessar, quando o sinal abriu.

Passei pelo portão de ferro da Plaza da ONU e comecei a subir a escada. Uma velhinha de preto, em um banco de pedra, do outro

lado do piso de concreto esbranquiçado, alimentava os pombos. Usava um xale preto em volta da cabeça e, curvada, atirava milho para os pássaros prateados que se amontoavam ao redor, arrulhando, dançando e formando uma grande nuvem clara. A frente dela, em pé, estava o ciclista.

Parei de novo, como que congelada, sem saber o que fazer. Os dois conversavam. A velha voltou-se para mim e disse algo ao ciclista. Ele fez que sim com a cabeça e, sem olhar para mim, empurrou rapidamente a bicicleta na direção dos degraus que desciam para o rio. Saí de meu estupor e corri atrás dele. Os pombos alçaram voo, uma verdadeira explosão de asas, impedindo minha visão. Continuei correndo na direção da escada, agitando os braços à frente do rosto para me proteger das aves.

Lá embaixo, de frente para o rio, havia um enorme camponês de bronze — doação da União Soviética — transformando sua espada em enxadão. A minha frente, o rio gelado; na outra margem, em Queens, um enorme anúncio da Coca-Cola, cercado de chaminés que enchiam o ar de fumaça. A esquerda, o jardim, com a alameda larga, ladeada de árvores e coberta de neve. Não havia uma só pegada corrompendo a superfície lisa e branca. Do outro lado, ao longo do rio, corria um caminho de pedrinhas, separado do jardim por uma fileira de arbustos esculpidos. Não havia ninguém ali.

Para onde ele fora? O jardim não tinha saída. Voltei, devagar. Tornei a subir os degraus na direção da Plaza. A velhinha também desaparecera, mas descobri, com o canto dos olhos, um vulto passando pela entrada de visitantes. A bicicleta ficara do lado de fora, no estacionamento. Como o ciclista teria conseguido passar por mim? Entrei no prédio correndo, tentando entender o que acontecera. O salão estava deserto, a não ser por um guarda que conversava, em pé, com uma jovem recepcionista, ao lado do balcão oval da recepção.

— Vocês viram um homem de macacão branco entrar aqui, há coisa de um minuto?

— Não percebi — disse o guarda, irritado com a interrupção.

— Para onde você iria, daqui, se estivesse tentando se esconder de alguém?

Funcionou. Os dois me olharam com curiosidade, como se eu fosse uma anarquista. Expliquei logo em seguida:

— Desculpe! Quis dizer: se você quisesse ficar sozinho, passar alguns momentos sossegados...

— Os delegados costumam ir para o Salão de Meditação. É bem sossegado — explicou o guarda, apontando uma porta, do outro lado do saguão de piso axadrezado, com quadrados de mármore rosados e cinzentos.

Agradei com um aceno de cabeça e segui para lá. Quando entrei no Salão de Meditação, a porta se fechou atrás de mim, silenciosamente. O aposento era longo e escuro, parecendo uma cripta. Perto das portas, havia fileiras de pequenos bancos. Quase tropecei em um, na meia-luz. No centro, um bloco de pedra, em forma de caixão mortuário, destacava-se à luz de uma luminária, fina como um lápis, que se espalhava pela superfície. O ambiente era frio, úmido e silencioso. Minhas pupilas custaram a se adaptar à falta de luz.

Sentei-me em um dos banquinhos. A palhinha do assento estalou. Coloquei a pasta no chão, a meu lado, e fixei a vista no bloco de pedra. Suspenso no ar, como um monolito flutuando no espaço cósmico, parecia vibrar de maneira misteriosa. Tinha um efeito tranquilizante, quase hipnótico. Quando a porta atrás de mim tornou a se abrir e se fechar, deixando entrar por instantes uma réstia de luz, voltei-me devagar, quase em câmera lenta.

— Não grite — sussurrou alguém bem atrás de mim. — Não vou lhe fazer mal, mas você tem de ficar quieta.

Meu coração martelou as costelas quando reconheci a voz. Levantei-me de um salto, dando as costas para o monolito.

Solarin estava ali, na semiescuridão, com os olhos verdes refletindo imagens gêmeas e luminosas da pedra. O movimento de me pôr em pé fora tão brusco que o sangue me fugira do cérebro. Tentei me equilibrar, colocando as mãos para trás, encostadas na pedra. O enxadrista soviético continuou me olhando calmamente. Usava as mesmas calças cinzentas e elegantes da véspera, agora com um paletó de couro escuro que fazia sua pele parecer mais pálida.

— Sente-se aqui a meu lado — disse ele, em voz baixa. — Só tenho uns poucos momentos.

Fiz o que mandou, em silêncio, com as pernas tremendo.

— Tentei avisá-la ontem, mas você não me deu atenção. Agora já constatou que eu disse a verdade. Você e Lily Rad devem ficar longe do torneio, se não quiserem acabar da mesma forma que Fiske.

— Você não acredita que ele tenha se suicidado?

— Claro que não. O pescoço foi quebrado por um profissional. Fui o último a vê-lo com vida, muito bem de saúde. Dois minutos depois, morreu. E alguns objetos desapareceram...

— Você pode tê-lo matado — interrompi.

Solarin sorriu. O sorriso era tão deslumbrante que modificou por completo seu rosto. Inclinou-se para a frente e colocou as duas mãos em meus ombros. Senti um calor agradável passando de seus dedos para mim.

— Vou correr muito perigo se for visto com você. Por favor, ouça bem o que vou dizer. Não fui eu quem fez aqueles buracos de bala no carro. Mas o desaparecimento do motorista não foi acidente.

Olhei-o, espantada. Lily e eu tínhamos combinado não contar nada a ninguém. Como ele poderia saber, a não ser que fosse o responsável por tudo?

— Você sabe o que aconteceu com Saul? Sabe quem deu aqueles tiros?

Continuou me olhando, em silêncio, com as mãos ainda apoiadas em meus ombros. Apertou-as um pouco, e seu sorriso quente e lindo iluminou-lhe outra vez o rosto. Parecia um menino, quando sorria.

— Eles tinham razão a seu respeito — comentou. — Você é a pessoa certa.

— Quem tinha razão? Você sabe de coisas que não quer me dizer — retruquei, irritada. — Dá conselhos, mas não explica a razão. Você conhece a vidente?

Ele tirou as mãos de meus ombros, abruptamente, e afivelou ao rosto a máscara de frieza. Percebi que abusara da sorte, mas não podia parar.

— E claro que conhece - afirmei. - E quem é aquele homem de bicicleta? Não é possível que você não o tenha visto, se estava atrás de mim o tempo todo. Por que anda me seguindo, me dando conselhos e me deixando completamente no escuro? O que você quer? O que eu tenho a ver com tudo isso?

Parei para recobrar o fôlego, com os olhos ainda cravados nos dele. Solarin parecia estar me examinando, me avaliando.

— Não sei até que ponto posso me abrir.

Seu tom de voz foi suave. Pela primeira vez, identifiquei um pouco de sotaque eslavo na pronúncia formal, estudada, das palavras em inglês.

— Qualquer coisa que eu diga pode lhe trazer ainda mais perigo. Só posso lhe pedir que acredite em mim, pois corro grande risco ao falar com você.

Para minha imensa surpresa, acariciou de leve meus cabelos, como se eu fosse uma criancinha. Depois dessa pausa, prosseguiu:

— Fique longe daquele torneio de xadrez. Não confie em ninguém. Você tem muita gente poderosa a seu lado, mas não faz ideia da partida que está jogando...

— Que lado? Não estou disputando nada!

— Está sim. — Ele me olhou com uma expressão infinitamente terna, como se estivesse prestes a me abraçar. — Você está jogando uma partida de xadrez. Mas não se preocupe, eu sou um Grande Mestre e estou do seu lado.

Levantou-se e dirigiu-se à porta. Segui-o em uma espécie de transe. Quando atingimos a porta, Solarin colou-se à parede e aguçou os ouvidos, como se esperasse a entrada intempestiva de alguém. Tornou a olhar para mim, em pé a sua frente, ainda confusa. Pôs a mão dentro do paletó e me fez um sinal com a cabeça, mandando que eu saísse antes dele. Pude ver o revólver, seguro por dentro da roupa. Engoli em seco e abri a porta, sem olhar para trás.

A luz brilhante do inverno inundava o saguão através das paredes de vidro. Andei rapidamente para a saída. Apertei o casaco contra o peito e atravessei correndo a Plaza, descampada e gelada, em direção à escada. No meio do quarteirão, perto da entrada dos

delegados, parei de súbito, derrapando outra vez, com o corpo encolhido para me proteger do vento cruel. Parei porque só então me dei conta de que deixara a pasta no Salão de Meditação. Dentro dela havia não só livros da biblioteca como também minhas notas sobre os acontecimentos da véspera.

Que maravilha! Era só o que faltava: Solarin achar a papelada e perceber que eu investigava seu passado de forma bem mais profunda do que ele supunha! Resmunguei alguns palavrões, dei meia-volta sobre o salto quebrado e tornei a entrar no edifício da ONU.

A recepcionista atendia a um visitante. O guarda desaparecera. Tentei me convencer de que o medo que sentia de entrar de novo no salão era ridículo. Não havia mais ninguém no saguão, até o topo da escadaria em espiral.

Atravessei, corajosamente, todo o saguão. Só olhei por cima do ombro quando cheguei ao vitral de Chagall, ao lado do Salão de Meditação. Abri a porta e procurei ver o interior.

Levei um segundo para ajustar as pupilas, mas, mesmo naquele instante, pude ver que as coisas tinham mudado. Solarin sumira. Minha pasta, também. E, de costas sobre o bloco de pedra, havia um cadáver. Agarrei-me à porta, passando mal de tanto medo. O corpo comprido, esticado sobre o monolito, estava com um uniforme de motorista. Senti o sangue gelar nas veias e os ouvidos martelarem com minha pulsação. Respirei fundo e entrei no salão, deixando a porta se fechar atrás de mim.

Fui até a pedra e olhei bem para o rosto esbranquiçado, sem expressão, brilhando à luz da luminária. Era Saul mesmo, não havia dúvidas. E completamente morto. Tive uma ânsia de vômito e quase desmaiei. Nunca vira um cadáver antes, nem mesmo em um funeral. Comecei a engasgar, achei que ia chorar.

Mas, de repente, uma ideia estrangulou o primeiro soluço, antes que ele chegasse à garganta: Saul não podia simplesmente ter subido naquele bloco de pedra e decidido parar de respirar. Alguém o colocara ali, e esse alguém estivera no salão nos últimos cinco minutos.

Tornei a atravessar correndo o saguão. A recepcionista continuava explicando qualquer coisa ao visitante. Pensei, por um instante, em avisar alguém, mas logo desisti da ideia. Talvez ficasse complicado, para mim, explicar de que forma o motorista de uma amiga fora assassinado ali dentro, ou como eu esbarrara por acaso no corpo, ou ainda a coincidência de eu ter estado presente no local de outra morte misteriosa, na véspera. Além de tudo isso, o motorista estivera no mesmo lugar. E, pior, nem eu nem minha amiga informáramos à polícia sobre os dois buracos de bala no carro dela.

Saí da ONU e me projetei escada abaixo, até chegar à rua. Sabia que a primeira coisa a fazer era procurar as autoridades policiais, mas estava apavorada. Saul fora assassinado naquele salão momentos depois de minha saída. Fiske fora morto momentos depois da interrupção do jogo de xadrez. Em ambos os casos, as vítimas foram vistas em lugares públicos por muita gente. E, em ambos os casos, Solarin estivera presente. Solarin portava uma arma e estivera presente. Nas duas vezes.

Então, tratava-se de um jogo. Mais do que isso: o jogo. Muito bem, se era assim, decidi que ia descobrir as regras por mim mesma. Não foi só medo e confusão que senti, andando pela rua gelada a caminho de meu escritório quentinho e seguro. Senti também uma grande determinação. Tinha de romper o véu de mistério que envolvia o jogo. Entender as regras, identificar os jogadores. E logo: os lances estavam chegando muito perto de mim. Perto demais para que eu me sentisse à vontade.

Como poderia saber que, a uns trinta quarteirões dali, se decidia um lance que logo alteraria todo o resto de minha vida?

— Brodski está furioso — alertou Gogol, ainda mais pálido e nervoso. Logo que vira Solarin atravessar a entrada, pulara da poltrona confortável em que estivera saboreando seu chá, no lobby do Algonquim, querendo saber por onde o outro andara.

— Saí para tomar um pouco de ar fresco - respondeu Solarin, calmamente. - Isto aqui não é a União Soviética. As pessoas de Nova York fazem isso o tempo todo: saem para passear sem

notificar com antecedência as autoridades competentes. O que Brodski achou? Que eu tinha pedido asilo?

Gogol não retribuiu o sorriso. Olhou em volta, de um jeito nervoso. Pareceu aliviado por não haver ninguém além deles no lobby. Apenas uma senhora idosa tomava chá do outro lado do aposento.

— Ele ficou preocupado quando Hermanold nos disse, hoje de manhã, que o torneio pode ser adiado até que esclareçam tudo sobre a morte de Fiske. O pescoço dele foi quebrado.

— Eu sei.

Solarin conduziu o outro pelo cotovelo de volta à mesa, onde o chá esfriava. Fez sinal a Gogol para que se sentasse e terminasse a bebida.

— Eu vi o corpo, você não se lembra?

— O problema é esse. Você esteve sozinho com ele pouco antes do acidente. Não ficou bem. Não podíamos chamar a atenção do público. Se houver alguma investigação, com certeza vão chamar você para depor, logo de início.

— Por que você não deixa que eu me preocupe com isso? Gogol colocou um cubinho de açúcar entre os dentes e bebericou o chá através dele, pensativo. Não respondeu.

A velhinha, totalmente vestida de preto, deixou a mesa e caminhou com dificuldade na direção deles, apoiada em sua bengala. Gogol encarou-a, surpreso. Ela sorriu, com um ar meigo.

— Com licença, senhores. Os garçons esqueceram de servir sacarina com meu chá, e não posso ingerir açúcar. Por acaso teriam um envelope de adoçante que pudessem me emprestar?

Com um gesto de assentimento, Solarin mergulhou a mão no pote sobre a bandeja de Gogol. Pegou vários envelopinhos cor-de-rosa e passou-os para a mulher, que agradeceu, sorrindo, e deixou-os.

— Oh, não! - gemeu Gogol, olhando para os elevadores. Brodski dirigia-se para eles, marchando por entre o labirinto de mesinhas de chá e poltronas floridas.

— A ordem era levar você direto para o apartamento, quando voltasse!

Ficou em pé, agitado, e quase derrubou a bandeja. Solarin continuou sentado.

Brodski era alto, musculoso, bronzeado. Parecia um homem de negócios europeu, com seu terno listrado e sua gravata de seda. Chegou à mesa com um ar agressivo, como se realmente viesse para uma reunião de negócios. Parou à frente de Solarin e estendeu-lhe a mão, que o outro apertou sem se levantar. Sentou-se também.

— Fui obrigado a relatar seu desaparecimento ao secretário.

— Eu não cheguei propriamente a desaparecer. Só saí para dar uma volta.

— Foi fazer umas comprinhas, na certa. Bonita, sua pasta. Onde a adquiriu?

Acariciou a pasta, que Solarin colocara no chão, ao lado da poltrona. Gogol nem a notara.

— Couro italiano... Perfeita para um enxadrista soviético! - continuou Brodski. — Você se incomoda se eu der uma olhada no interior?

Solarin deu de ombros e o agente abriu a pasta sobre os joelhos, começando a vasculhar tudo o que havia dentro.

— Quem era aquela senhora que estava com vocês quando entrei?

— Só uma velhinha — respondeu Gogol. — Veio pedir emprestado um pouco de adoçante para o chá.

— Não devia estar precisando muito dele — disse Brodski, sem tirar os olhos dos papéis. — Saiu do salão logo que cheguei.

Gogol procurou a mulher com os olhos. Ela de fato sumira, deixando o chá e o restante da bandeja sobre a mesa. Brodski guardou os papéis de novo na pasta e devolveu-a a Solarin. Depois, voltou-se para Gogol, com um suspiro entediado.

— Você é um idiota, camarada — disse, sem emoção, como quem faz um comentário a respeito do frio. — Nosso precioso Grande Mestre já passou você para trás três vezes seguidas: interrogou Fiske um instante antes que ele morresse; depois, saiu para buscar a pasta, que agora não contém nada a não ser uma prancheta, alguns blocos de papel em branco e dois livros sobre a indústria petrolífera, e é óbvio que algo valioso acabou de sumir dali

de dentro; e agora, bem debaixo do seu nariz, passou um bilhete para um agente inimigo, dentro do lobby do hotel.

Gogol ficou vermelho e pôs a xícara de volta no pires:

— Mas eu lhe garanto que...

— Dispensando as garantias. - Voltou-se para Solarin: — O secretário disse que temos de fazer um contato dentro de vinte e quatro horas. Caso contrário, voltamos à União Soviética. Não quer correr o risco de sermos descobertos, se o torneio for cancelado. Não ficaria bem dizer que estamos em Nova York apenas para fazer compras, principalmente se comprarmos pastas italianas de segunda mão. — Fez uma careta de desprezo. — Você tem vinte e quatro horas para encontrar suas fontes, Grande Mestre.

Solarin o encarou, olhando-o bem dentro dos olhos, com um sorriso frio:

— Você pode informar ao secretário que já fizemos contato, meu caro Brodski.

O outro não disse nada. Ficou à espera de que ele prosseguisse. Quando percebeu que Solarin permanecia em silêncio, perguntou, com voz macia:

— Vai nos deixar em suspense?

Solarin manteve os olhos na maleta, em seu colo. Depois de algum tempo, voltou um olhar inexpressivo para Brodski.

— As peças estão na Argélia — informou.

Por volta do meio-dia, eu só servia para ser jogada no lixo. Tentara desesperadamente entrar em contato com Nim, sem nada conseguir. Revia na mente, o tempo todo, o corpo de Saul flutuando sobre o bloco de pedra. Passei a manhã inteira tentando entender o significado de tudo aquilo, tentando fazer com que as coisas se encaixassem.

Tranquei-me por dentro em meu escritório da Consolidated Edison, de onde tinha uma boa visão da entrada do prédio da ONU. Fiquei ouvindo todos os noticiários do rádio e esperando inutilmente a chegada dos carros da polícia à Plaza, quando alguém encontrasse o corpo.

Telefonei para Lily, mas ela tinha saído. No escritório de Harry, disseram-me que ele viajara para Buffalo, a fim de examinar um

carregamento danificado de peles, e que só voltaria tarde da noite. Pensei em ligar para a polícia e deixar um recado anônimo a respeito do cadáver de Saul, mas sabia que eles logo descobririam a origem do telefonema. Além disso, cadáveres não costumam ficar no edifício da ONU por muito tempo sem que ninguém perceba.

Pouco depois do meio-dia, pedi a minha secretária que fosse me comprar uns sanduíches. Quando o telefone tocou, eu mesma atendi. Era meu chefe, Lisle, e sua voz parecia desagradavelmente animada:

— Já estou com suas passagens e reservas, Velis. O escritório francês a espera na segunda-feira. Você vai passar a noite em Paris e, na manhã seguinte, segue para a Argélia. Se quiser, mando entregar toda a papelada em seu apartamento, hoje à tarde.

Disselhe que queria, sim, que achava ótimo.

— Você parece meio desanimada. Preocupada com a ida para o Continente Negro?

— De jeito algum... — Procurei fazer uma voz alegre e confiante.

— Estou precisando mesmo viajar um pouco. Nova York vem me deixando nervosa.

— Ótimo, ótimo... Bon Voyage, então. E não se esqueça: eu avisei.

Desligamos. Logo em seguida, a secretária chegou com os sanduíches e um pouco de leite. Fechei a porta e comecei a comer. Ou melhor: a tentar comer. Não consegui engolir mais do que alguns pedaços. E também não consegui me interessar pelos livros sobre a história da indústria petrolífera. Fiquei sentada, com os olhos fixos no tampo da escrivaninha.

Perto de três da tarde, a secretária bateu à porta e entrou, carregando uma pasta.

— Um homem entregou isto lá embaixo, ao guarda da portaria. Deixou um bilhete, também.

Recebi o papel, com as mãos tremendo, e esperei que ela saísse. Então, peguei uma espátula, abri o envelope e arranquei o bilhete:

Fiquei com alguns papéis seus. Por favor, não vá sozinha para seu apartamento.

Não estava assinado, mas sabia quem escrevera. Guardei o papel no bolso e examinei o conteúdo da pasta. Tudo em ordem, a não ser, claro, pela total ausência das anotações que eu fizera a respeito de Solarin.

Às seis e meia, eu ainda me encontrava no escritório. A secretária datilografava qualquer coisa, embora o edifício já estivesse praticamente deserto. Eu lhe dera muito trabalho, só para não ficar sozinha, mas aquilo não resolvia o problema da volta para o apartamento. Sobretudo porque, sendo a distância de apenas um quarteirão, não fazia sentido chamar um táxi.

Um servente entrou para fazer a limpeza, e estava esvaziando o cinzeiro na cesta de lixo, quando o telefone tocou. Quase o derrubei da mesinha, na pressa de atender.

— Fazendo hora extra? - perguntou uma voz conhecida, familiar.

— Não! É realmente a irmã Nim quem está falando? - retruquei, quase chorando de alívio. — Acho que você ligou tarde demais, freirinha. Já estou empacotando as coisas, me preparando para fazer um retiro. Sou sócia de carteirinha assinada das Freiras de Jesus, agora.

— Seria uma pena e um desperdício — disse Nim, alegremente.

— Como você me achou aqui, a essa hora?

— Onde mais eu encontraria alguém com sua comprovada e ilimitada dedicação, num começo de noite de inverno? A conta de luz da empresa deve ter aumentado uma enormidade. Mas como vai você, querida? Soube que andou me procurando...

Esperei até que o servente saísse da sala para responder:

— Acho que estou numa enorme enrascada.

— Como de costume, aliás... Essa é uma das peculiaridades que adoro em você. Meu cérebro se cansa de encontrar situações previsíveis.

Dei uma olhada para a secretária, através da divisória de vidro, e baixei o tom de voz:

— Desta vez a coisa é seria, muito séria. Duas pessoas foram mortas, a um palmo de meu nariz, nos dois últimos dias! Recebi um aviso de que as mortes tinham algo a ver com minha presença num torneio de xadrez...

— Ei! O que você está fazendo? Falando com um guardanapo na boca? Não ouço nada! Você foi avisada de quê? Fale mais alto.

— Uma vidente predisse que eu ficaria em perigo. E fiquei mesmo. Os assassinatos...

— Cat, minha querida... — Nim começou a rir. — Uma vidente?

— Não foi só ela. — Minhas unhas já estavam machucando as palmas das mãos. — Você já ouviu falar de Aleksandr Solarin?

— O jogador de xadrez? - perguntou ele, depois de um instante de silêncio.

— Isso! Foi ele quem me avisou...

Tive consciência de que tudo aquilo era fantástico demais para que alguém acreditasse. Minha voz fraquejou.

— Como você conheceu Aleksandr Solarin?

— Fui a uma partida de xadrez, ontem. Ele me procurou só para avisar que eu corria perigo. Insistiu muito.

— Talvez ele tenha confundido você com outra pessoa qualquer — retrucou Nim, com voz distante, como se estivesse absorto nos próprios pensamentos.

— Pode ser. Mas hoje de manhã, no edifício da ONU, ele deixou claro que..

— Espere um instante - interrompeu. - Acho que estou começando a entender seu problema. Videntes e enxadristas soviéticos a perseguem, cochichando avisos misteriosos; cadáveres começam a cair em seu colo. O que você comeu hoje?

— Um hambúrguer e um pouco de leite.

— Caso simples: paranoia induzida por desnutrição. — A voz de Nim voltou a parecer alegre. — Vá se aprontar. Passo de carro pela portaria daqui a cinco minutos. Vamos fazer uma refeição decente, e todas as fantasias desaparecerão!

— Não são fantasias — reclamei, apesar do alívio que senti, pois pelo menos poderia ir para casa em segurança.

— Deixe o julgamento para mim. Você está excessivamente magra, apesar do conjunto vermelho que a deixa muito atraente.

Olhei em volta, no interior do escritório, e em seguida para a rua escura, em frente da ONU. A iluminação fora ligada, mas a maior parte da calçada continuava envolta em sombras. Consegui

distinguir um vulto junto ao telefone público, perto do ponto de ônibus. Nim acenou com o braço erguido.

— Por falar nisso, querida - a voz continuou mansamente pelo telefone —, se você acha mesmo que corre perigo, sugiro que não fique desfilando atrás de janelas iluminadas, à noite. É só uma sugestão, claro...

O Morgan verde de Nim parou perto da portaria da Consolidated Edison. Dei a volta para entrar pela porta do passageiro, do lado esquerdo. O carro tinha estribos de ambos os lados e o chão era de madeira. Dava para ver o asfalto passando embaixo, pelos intervalos entre as tábuas.

Nim estava de calça jeans desbotada, uma jaqueta de couro italiano e um cachecol branco de seda, com franjas. Os cabelos acobreados começaram a esvoaçar quando a velocidade aumentou. Perguntei a mim mesma a razão de ter tantos amigos que gostavam de dirigir com a capota arriada no inverno. Ele dobrou uma esquina e a luz dos postes de iluminação se refletiu em seu cabelo ondeado.

— Vamos passar em sua casa, para você vestir alguma coisa mais quente. Se você fizer questão, posso entrar na frente, com um detector de minas antitanque.

Os olhos de Nim, devido a um estranho acidente genético, eram diferentes entre si: um castanho, o outro azul. Eu sempre ficava com a sensação que ele olhava ao mesmo tempo para mim e através de mim, e o sentimento não me agradava.

Paramos na frente do edifício. Ele desceu e cumprimentou Boswell com uma nota de vinte dólares na palma da mão.

— Não vamos demorar nada, amigão. Você me faria o favor de dar uma olhadinha no carro até voltarmos? É uma espécie de relíquia de família.

— Pois não, senhor.

Boswell transformou-se em um modelo de cortesia: chegou a dar a volta para me abrir a porta. O dinheiro compra coisas espantosas...

Peguei a correspondência na portaria — um envelope da Full-brigth Cone com as passagens e os documentos — e subimos pelo elevador. Antes de abrir a porta do apartamento, Nim examinou-a

com atenção e disse que podíamos dispensar o detector de minas. Se alguém entrara ali antes de nós, usara uma chave. Como a maioria dos apartamentos de Nova York, o meu tinha uma porta de aço de cinco centímetros de espessura, com fechadura e dobradiças reforçadas. Ele continuou andando a minha frente.

— Se você me permite uma sugestão, uma faxineira, uma vez por mês, faria milagres aqui. Tamanha coleção de quinquilharias e poeira pode até ser útil para as investigações, se ocorrer algum crime... Mas, fora isso, não consigo imaginar bem para que serve.

Soprou o pó de uma pilha de livros e começou a folhear um deles. Mergulhei no closet e consegui achar uma calça de veludo caqui e uma suéter irlandesa de lã natural. Quando me dirigi ao banheiro, para trocar de roupa, vi Nim sentado ao piano, brincando com as teclas.

— Você sabe tocar? — perguntou ele, falando bem alto. - Reparei que o teclado está limpo...

— Eu me formei em música. Não há preparação melhor para profissionais de processamento de dados. Melhor do que física e engenharia juntas.

Nim se formara nessas disciplinas. Não ouvi sua resposta, enquanto mudava de roupa. Voltei ao hall, descalça, só de meias. Ele examinava meu quadro do homem da bicicleta.

— Cuidado! A tinta ainda está fresca.

— Foi você quem fez isto? — perguntou, sem tirar os olhos da tela.

— Foi o que me causou a encrenca toda. Primeiro pintei, depois encontrei um homem exatamente igual à pintura. Comecei a segui-lo e...

— E... O que você fez? — perguntou Nim com o rosto fechado. Sentei-me na banqueta do piano e comecei a lhe contar a história toda, desde a chegada de Lily, com Carioca, ao apartamento. Teria sido mesmo no dia anterior? Nim não me interrompeu. De vez em quando, desviava os olhos do quadro e logo voltava a me encarar. Encerrei o relato com o incidente do encontro anterior, com a vidente, e a minha volta ao Fifth Avenue Hotel, que resultará na

descoberta de que ela não existia. Quando terminei, ele ficou parado, em pé, pensativo.

Voltei ao closet, achei um par de botas altas e um casaco de lã estampado. Atirei-me à luta para enfiar os pés dentro das botas. Ele tornou a falar, com um tom distante:

— Se não se incomoda, gostaria de levar o quadro por alguns dias. Você ainda tem a anotação das palavras da vidente?

— Está por aqui, em algum lugar. — Apontei para o caos ao redor.

— Posso dar uma olhada?

Suspirei e comecei a procura pelos bolsos dos casacos, no closet. Levei uns dez minutos, mas, finalmente, achei o guardanapo de papel onde Llewellyn anotara a profecia.

Nim pegou o papel e enfiou-o em um bolso da jaqueta. Em seguida, carregando desajeitadamente a tela com uma das mãos pelo arame do chassi, passou o outro braço pelos meus ombros e encaminhou-me para a porta.

— Não se preocupe com a pintura. Devolvo-a ainda esta semana.

— Pode ficar com ela. O pessoal da mudança vem empacotar minhas coisas na sexta-feira. Foi por isso que tentei fazer contato com você, da primeira vez. Eu embarco neste fim de semana. Vou passar um ano fora. Minha empresa me transferiu para outro país.

— Que bando de patifes! Para onde a mandaram?

— Para a Argélia — respondi, abrindo a porta.

Nim parou de repente, olhando bem dentro de meus olhos. Em seguida, começou a rir.

— Minha querida Cat, você é fantástica! Sempre consegue me surpreender. Passou quase uma hora contando histórias "deliciosas" de assassinatos, mistérios e intrigas e conseguiu omitir a parte mais importante!

Fiquei completamente confusa.

— A Argélia? E o que a Argélia tem a ver com tudo isso?

— Me diga uma coisa, Cat — pediu ele, levantando meu rosto pelo queixo, de modo que nossos olhares se encontrassem. — Já ouviu falar do Xadrez de Montglane?

O PULO DO CAVALO

Cavaleiro: — Você joga xadrez, não joga? Morte: — Como você sabe?

Cavaleiro: — Já vi em pinturas e ouvi em canções. Morte: — É verdade. Jogo muito bem. Cavaleiro: — Mas não tão bem quanto eu.

- INGMAR BERGMAN

O sétimo selo

Já passava das sete e meia da noite. O túnel estava quase deserto, e o ronco agudo do motor do Morgan ecoava pelas paredes.

- Pensei que a gente fosse jantar - gritei, mais alto que a barulheira.

Nim respondeu com ar misterioso:

— Estamos indo para minha casa em Long Island, o lugar onde me dedico à atividade de latifundiário. Pena que não haja colheita para mostrar, nesta época do ano.

— Você tem uma fazenda em Long Island?

Por estranho que pareça, eu nunca conseguira imaginar Nim morando em lugar nenhum. Ele sempre dava a impressão de que acabava de aparecer, bem ao jeito de um fantasma.

— Claro que tenho. — Focalizou os olhos bicolores em mim.

— E você passa a ser a única testemunha de tal coisa. Sou muito zeloso, muito ciumento de minha vida particular, como você sabe. Depois do jantar, você pode ficar para passar a noite, se quiser.

— Espere um pouco...

— Calma! Não confunda as premissas de seu raciocínio lógico. Você acabou de contar que está correndo perigo. Viu dois homens serem assassinados nos últimos dias e recebeu um aviso de que está envolvida em suas mortes. Você acha que vou deixá-la dormir sozinha naquele apartamento?

— Tenho de trabalhar, amanhã cedo.

— Nada disso — negou ele, com firmeza. — Você vai sumir dos lugares que costuma frequentar, até que chegemos ao fundo dessa história. Tenho algumas coisinhas para lhe contar, também.

O carro chegou à estrada aberta e ele acelerou. O vento assobiou em nossos ouvidos e me abriguei no cobertor que trouxera.

— Primeiro preciso lhe explicar o que é o Xadrez de Montglane. É uma história muito comprida, pois ele pertenceu, originalmente, a Carlos Magno.

— Ah! — Tornei a me empinar no banco da esquerda. — Já ouvi falar, só não sabia o nome. Llewellyn, o tio de Lily Rad, me contou, quando soube que eu estava de partida para a Argélia. Pediu-me que lhe trouxesse algumas peças.

— Claro que pediu! — Nim começou a rir. — São raridades, valem uma fortuna! A maioria das pessoas nem acredita que existam mesmo. Como foi que Llewellyn tomou conhecimento delas? E por que acha que estão na Argélia?

Ele falou de maneira descuidada, casual, mas eu tive a certeza de que estava concentradíssimo, aguardando ansiosamente minha resposta.

— Llewellyn vende antiguidades. E um de seus clientes quer as peças a qualquer custo. Os dois parecem conhecer uma pessoa que sabe onde elas estão.

— Duvido muito. A lenda conta que foram enterradas há quase dois séculos. E, antes disso, estiveram desaparecidas durante mil anos.

Dirigindo na escuridão da estrada, Nim me contou uma história bizarra, cheia de reis mouros e freiras francesas, de um poder misterioso que fora procurado ao longo do tempo por aqueles que compreenderam sua natureza. Finalmente, segundo a história, o Xadrez inteiro desaparecera da face da Terra. Nunca mais fora visto de novo. Havia quem acreditasse, disse ele, que fora escondido em algum lugar da Argélia. Mas não me explicou a razão daquela crença.

Quando a inverossímil história terminou, tínhamos chegado a um bosque denso. A estrada mergulhava em uma descida íngreme. Uma ocasional subida nos revelou a lua, muito branca e baixa sobre um mar completamente negro. Ouvi corujas chirriando entre as árvores. Parecíamos estar a uma distância enorme de Nova York.

— Bem... — suspirei, tirando o cobertor da frente do nariz.

— Já disse a Llewellyn que não quero nem saber dessa história e que ele é maluco se acha que vou me meter a contrabandear uma peça de xadrez daquele tamanho, de ouro, com todos aqueles diamantes e rubis...

Nim freou de repente, derrapando. Quase fomos parar dentro da água.

— Você viu alguma peça? Ele lhe mostrou uma?

— Claro que não! Você não acabou de dizer que elas estão sumidas há quase duzentos anos? O que ele me mostrou foi a foto de uma semelhante, feita de marfim. Pertence à Bibliothèque Nationale, se não me engano.

— Sei, sei. — Nim pareceu se acalmar.

— Não consigo imaginar o que tudo isso pode ter a ver com Solarin e com os dois assassinatos.

— Vou explicar. Mas você tem de jurar que não vai contar a ninguém.

— A mesma coisa que Llewellyn me pediu...

— Talvez você passe a tomar mais cuidado quando eu lhe disser que a razão pela qual Solarin a procurou, a razão pela qual você corre perigo, tem tudo a ver com as peças do Xadrez — retrucou Nim, irritado.

— E impossível. Eu nem tinha ouvido falar delas, antes. E ainda não sei quase nada a respeito. Não tenho nada a ver com esse jogo absurdo.

— Mas pode ser que alguém ache que você tem. — Sua voz soou soturna, enquanto o carro continuava rodando maciamente ao longo da praia.

A estrada afastou-se um pouco do mar. De ambos os lados, sebes cuidadosamente aparadas protegiam grandes e ricas propriedades. De vez em quando, eu avistava, ao luar, imensas casas de fazendas, atrás de vastos gramados cobertos de neve. Nunca vira nada parecido, tão perto de Nova York. Lembrei-me de Scott Fitzgerald.

Nim resolveu falar a respeito de Solarin:

— Não sei quase nada, só o que li em publicações especializadas. O cidadão soviético Aleksandr Solarin está com vinte e seis anos. Foi

criado na Crimeia, um dos berços da civilização, mas que hoje em dia não se inclui entre os lugares mais civilizados do mundo. Cresceu num orfanato estatal. Com nove ou dez anos de idade, venceu um de seus professores numa partida de xadrez. Consta que aprendeu a jogar, aos quatro anos, com pescadores do mar Negro. Depois de derrotar o professor, foi imediatamente levado ao palácio dos Jovens Pioneiros.

Não precisei perguntar que palácio era aquele. Sabia que se tratava da única instituição, em todo o mundo, que se dedica a identificar e produzir mestres de xadrez. Para os soviéticos, o xadrez não é apenas o esporte nacional, constitui uma extensão da política mundial. Eles acreditam que a hegemonia mantida durante tanto tempo confirma sua superioridade intelectual.

— Isso quer dizer que Solarin tem apoio político de peso. Se foi para o palácio dos Jovens Pioneiros...

— Deveria significar, sim.

Nim tornou a dirigir o carro em direção ao mar. Gotículas salgadas chegavam até nós; uma camada de areia se depositara no asfalto. De repente, a estrada acabou em um beco sem saída, uma alameda que conduzia a um portão duplo, de ferro fundido, ricamente ornamentado. Ele apertou uns botões no painel e os dois lados do portão abriram-se. Atravessamos uma verdadeira selva de folhagem, bordada de neve pendente, como os domínios da Rainha da Neve da Suíte Quebra-Nozes.

— Mas Solarin se recusou a entregar jogos contra os enxadristas favoritos do Kremlin, o que é uma regra rígida de etiqueta política entre os soviéticos que disputam torneios oficiais — continuou Nim. — Todo mundo critica esse costume, mas nem por isso eles o abandonam.

A alameda, coberta de neve, mostrava que nenhum outro carro passara por ali nos últimos dias. As árvores, como o teto de uma catedral, fechavam suas copas sobre nós, impedindo a visão do restante do jardim. Finalmente chegamos a um pátio circular, com um chafariz no meio, e à casa, que parecia enorme sob o luar. E era realmente imensa, com suas pequenas torres triangulares e uma

profusão de chaminés sobre o telhado. Nim desligou o motor, voltou-se para mim e continuou:

— O resultado foi que nosso amigo Solarin entrou para a faculdade de física e desistiu do xadrez. Disputa apenas um ou outro torneio, aqui e ali. Desde os vinte anos, nunca mais foi um pretendente sério a qualquer título.

Ajudou-me a descer do carro e caminhamos juntos, carregando a tela até a porta, que ele abriu com uma chave comum. Entramos em um hall imenso. Nim acendeu a luz, um candelabro grande de cristal. O chão, ali e nos aposentos vizinhos, era de ardósia cortada à mão, encerada a ponto de parecer mármore. O frio nos permitia ver o vapor condensado da própria respiração, e havia se formado gelo nos cantos das lajotas. Nim me conduziu por uma série de salas escuras até a cozinha, nos fundos da casa. Que lugar maravilhoso! Os bicos de gás originais ainda se encontravam nas paredes e no teto. Nim colocou o quadro numa parede e começou a acender os lampiões. Uma luz dourada e alegre inundou o ambiente.

Era uma cozinha enorme, de uns dez por quinze metros. A parte dos fundos dava para uma varanda, com vista para um gramado atapetado de neve. Mais adiante, o mar erguia línguas de espuma branca contra o luar. Em uma das paredes havia fornos, provavelmente a lenha, grandes o suficiente para preparar refeições para umas cem pessoas. Do outro lado, uma gigantesca lareira de pedra ocupava toda a extensão da parede. Em frente a ela, uma mesa redonda de carvalho, para oito ou dez pessoas, exibia seu tampo arranhado e maltratado por anos e anos de uso. Espalhados pelos cantos, jogos de poltronas confortáveis e sofás macios, cobertos de veludo florido e alegre.

Nim foi até o monte de lenha e cortou habilmente algumas lascas, para formar a base do fogo. Depois de poucos minutos, a cozinha já brilhava e estava gostosamente aquecida. Tirei minhas botas e sentei-me encolhida, no canto de um sofá. Nim abriu uma garrafa de cherry. Passou-me um cálice, serviu-se de outro e sentou-se a meu lado. Esperou que eu despisse o casaco e, então, ergueu um brinde:

— Ao Xadrez de Montglane e às muitas aventuras que ele lhe trará. — Sorriu e tomou um gole. Imitou-o.

— Hum! Que delícia! — aprovei.

— É um amontillado — explicou, revolvendo o claro licor de cereja no cálice. — Já houve gente emparedada viva por cherries piores que este... Pelo menos, na literatura macabra.

— Espero que as aventuras que você planeja para mim não sejam desse tipo. Eu realmente preciso trabalhar, amanhã cedo.

— "Morri pela beleza, morri pela verdade" — citou ele. — Todo mundo tem uma causa qualquer, pela qual acredita que seria capaz de dar a vida. Mas nunca ouvi falar de alguém disposto a morrer só por um dia de trabalho desnecessário na Consolidated Edison!

— Você está tentando me assustar?

— Não. De jeito nenhum.

Tirou a jaqueta de couro e o cachecol. Usava por baixo uma suéter vermelha, brilhante, que combinava surpreendentemente com a cor dos cabelos. Esticou as pernas.

— Mas se um estranho misterioso se aproximasse de mim num salão deserto do edifício da ONU, acho que lhe daria atenção - prosseguiu ele. — Principalmente se seus conselhos fossem sempre seguidos, pouco tempo depois, da morte trágica de outras pessoas.

— Por que, em sua opinião, Solarin me escolheu?

— Eu esperava que você me explicasse isso.

Tornou a bebericar o cherry, com o olhar pensativo fixo nas chamas.

— O que você acha da tal fórmula que ele andou ostentando na Espanha?

— Pista falsa. Solarin tem a fama de maníaco por exercícios e charadas matemáticas. Desenvolveu uma nova fórmula de resolução do Pulo do Cavalo e saiu desafiando os outros, querendo apostá-la nas partidas que ia disputar. Você sabe o que é o Pulo do Cavalo? — perguntou, ao perceber que eu ficara confusa.

Fiz que não com a cabeça.

— É um exercício matemático. Você tem de movimentar o Cavalo pelas sessenta e quatro casas do tabuleiro de xadrez, sem repetir nenhuma, usando apenas os movimentos permitidos pela peça: duas

casas na vertical e uma na horizontal ou duas casas na horizontal e uma na vertical. Há incontáveis anos que os matemáticos vêm tentando inventar fórmulas para resolver a charada. Euler descobriu uma; Benjamin Franklin, outra. Há ainda o Pulo Fechado, em que você tem de terminar na mesma casa em que começou.

Pôs-se de pé e foi até os fogões. Começou a arrumar panelas e frigideiras. Acendeu o gás, enquanto continuava falando:

— Alguns jornalistas italianos na Espanha acharam que Solarin ocultara outra fórmula naquela que descobrira para o Pulo do Cavalo. Ele gosta de jogos com muitos níveis de significados. Como os paparazzi sabiam que é formado em física, naturalmente acharam que o assunto poderia render.

— Claro! Esqueci que ele é físico! — comentei, arrastando uma poltrona e a garrafa de amontillado para perto da lareira. — Mas, se a fórmula não tinha importância, por que os soviéticos o arrancaram da Espanha tão depressa?

— Você faria excelente carreira entre aqueles paparazzi. Foi exatamente isso o que eles pensaram! Infelizmente, a especialidade de Solarin é a acústica. Obscura, sem popularidade nem relação com a segurança nacional. Nos Estados Unidos, a maioria das faculdades de física não tem nem mesmo um curso específico de acústica. Hoje,

Solarin deve estar projetando teatros de ópera na União Soviética, se é que ainda se constroem tais coisas.

Largou barulhentosamente uma panela sobre o fogão e marchou para a despensa, de onde surgiu, logo depois, carregado de carne e legumes frescos.

— Não vi nenhum sinal de pneus na alameda — comentei.

— E há dias que não tem caído mais neve. De onde saíram este espinafre fresco e esses cogumelos exóticos?

Nim sorriu, como um professor que aprova o aluno em um exame importante.

— Você tem o hábito de questionar, investigar as coisas... Ótimo! E exatamente disso que vamos precisar. — Pôs os alimentos na pia e começou a lavá-los. — Meu caseiro faz as compras para mim. Entra e sai por uma porta lateral.

Desembrulhou uma forma de pão de centeio e abriu uma lata de musse de truta. Forrou generosamente uma fatia de pão e passou-a para mim. Meu café da manhã ficara pela metade, o almoço mal fora tocado. Comi, deliciada. O jantar foi ainda melhor. Saboreamos escalopes finos de vitela com espinafre fresco e pinhões, e gordos tomates vermelhíssimos — quase impossíveis de se encontrar, naquela época do ano —, grelhados com recheio de maçã e limão. Os cogumelos grandes, em forma de leque, foram servidos ligeiramente sauté, como tira-gosto. Ao prato principal seguiu-se uma salada em que se destacavam folhas novas, muito tenras, de alface, e avelãs torradas.

Depois de remover louça e talheres, Nim trouxe um bule de café, que serviu com gotas de tuaca. Voltamos às poltronas acolchoadas perto do fogo, que já ia se reduzindo a brasas. Ele alcançou a jaqueta de couro, jogada sobre o encosto de uma poltrona próxima, e tirou do bolso o guardanapo de papel com a profecia da vidente. Ficou muito tempo olhando a anotação de Llewellyn. Depois, devolveu-me a transcrição e foi atizar um pouco as brasas.

— Você naturalmente percebeu que essas frases podem ser lidas como um poema, sem métrica mas com rimas. Que mais você nota de estranho nele?

Examinei o texto mais uma vez, sem encontrar nada particularmente estranho, a não ser, claro, sua própria existência, a maneira pela qual eu o recebera e o conteúdo como que cifrado. Havia ainda a questão da data mencionada:

— Bem, 4 de abril é o dia do meu aniversário — respondi.

Nim concordou com a cabeça, mostrando uma expressão séria e ainda mexendo com o atizador. A luz da lareira fazia com que seus cabelos brilhassem de forma especial, com uma luminosidade aurir-rubra.

— A vidente recomendou muito que eu não contasse isso a ninguém — acrescentei.

— E, como sempre, você manteve bravamente a palavra empenhada — ironizou Nim.

Terminou o trabalho com a lareira, arrumando mais algumas achas sobre o braseiro, foi até uma mesinha de canto e voltou para

meu lado munido de lápis e papel.

— Dê uma olhada nisto - pediu ele.

Copiou o texto em letra de fôrma miúda e regular. A transcrição de Llewellyn parecia apenas uma bagunça de palavras jogadas sobre o guardanapo. A versão de Nim ficou com a estrutura de um poema:

Justamente como no tabuleiro se misturam as do xadrez, Até como se tudo soubessem as linhas desta mão, Discretas, mostram, noutra nível, a chave das verdades finais.

O Jogo, metáfora da vida, real visão...

Ultima lembrança, esta, tantas vezes entendida tarde demais:

Batalha infinda! Recorda-te: no quarto dia do quarto mês, Evitarás atacar. Eterna luta entre pretas e brancas, quase iguais!

Continua a tua busca por trinta e três e três. Vai sempre mais fechado estar o secreto portão.

— Que mais você vê de estranho? — insistiu ele, observando-me enquanto eu estudava a folha de papel. — Olhe bem para a estrutura! - Nim começava a se impacientar: — Você tem raciocínio matemático. Faça com que ele entre em funcionamento!

Tornei a encarar o poema e, desta vez, vi!

— O padrão das rimas! — exclamei, orgulhosa.

Nim franziu a testa e tomou o papel de minhas mãos. Examinou-o por um momento e começou a rir.

— É mesmo! Nem eu tinha notado... — Devolveu-me o poema, ^say juntamente com o lápis, e comentou: — Escreva aí como é, para po-174 dermos estudá-lo melhor.

Obedeci, explicitando em voz alta o que ia escrevendo:

— "Xadrez", "mão", "finais" (A-B-C); "visão", "demais", "mês" (B-C-A); "iguais", "três", "portão" (C-A-B).

— Então é esse o padrão - disse Nim. — Agora substitua as letras por algarismos e some.

Tornei a obedecer e o resultado foi este:

ABC 123

BCA 231

CAB 312

666

— O número da Besta do Apocalipse! — gritei.

— É isso mesmo. E, se você somar os algarismos na horizontal, o resultado será o mesmo. Isso, minha querida, é o que se chama "quadrado mágico". Outro exercícozinho matemático. Algumas fórmulas que Benjamin Franklin criou para o Pulo do Cavalo tinham quadrados mágicos embutidos. Você tem jeito para essas coisas... Descobriu um que nem eu tinha percebido, e quase à primeira olhada!

— Você não tinha visto? — Eu estava feliz da vida com a descoberta, mas... — Então, o que você queria que eu notasse, além disso?

Tornei a mergulhar os olhos na folha, como a criança que resolve achar o coelho escondido no desenho da revista, girando a folha, de lado, de cabeça para baixo.

Trace uma linha separando os dois últimos versos dos sete anteriores — orientou ele, acrescentando depois: — Agora olhe para a primeira letra de cada verso, como se se tratasse de um acróstico.

Deslizei os olhos devagar pelo papel e, quando já tinha passado da metade, senti um frio horrível em todo o corpo, apesar do fogo vivo e alegre da lareira.

— O que houve?

Não consegui responder. Continuei com o olhar preso ao papel. Finalmente, peguei o lápis e escrevi o que tinha visto: J-A-D-O-U-B-E / C-V.

— Exato disse Nim, enquanto eu continuava paralisada. — *J'adoube*, a expressão francesa que significa "eu toco", "eu ajusto". É o que se deve dizer, numa partida de xadrez, quando se quer apenas arrumar a posição de uma peça. E, em seguida, CV, suas iniciais.

Sem dúvida a tal vidente lhe passou uma mensagem qualquer. Talvez ela queira estabelecer contato com você... Cat! O que houve?! Por que esta expressão apavorada?

-Você não entendeu... - Minha voz saiu trêmula, revelando muito medo. — [J'adoube](#)... foi a última coisa que Fiske disse em público. Minutos antes de morrer!

Nem preciso dizer que tive pesadelos. Sonhei que perseguia o homem da bicicleta por uma alameda longa, sinuosa, que levava a

uma colina íngreme. Havia edifícios de ambos os lados, tão próximos que não se podia ver o céu. Foi ficando cada vez mais escuro, à medida que penetrávamos naquele labirinto de vielas de paralelepípedos. Em cada esquina que chegava, eu conseguia vê-lo pegando a transversal seguinte. Finalmente, encurralei-o em um beco sem saída. Ele ficou à espera, como uma aranha na teia. Encarou-me e tirou o capuz e o cachecol, revelando-se uma caveira esbranquiçada, com dois buracos onde deveriam estar os olhos. Logo a caveira começou a se revestir de carne e pele, assumindo, aos poucos e bem em frente de meus olhos, as feições risonhas da vidente.

Acordei coberta de suor frio e atirei longe o cobertor. Sentei-me na cama, trêmula. Na lareira, no canto do quarto, algumas brasas sobreviviam. Olhei pela janela e vi, lá embaixo, o gramado coberto de neve. No centro, um chafariz grande de mármore, cercado por um laguinho artificial, grande o bastante para que se pudesse usá-lo como piscina. Mais adiante, o mar do inverno, de um cinza que lembrava pérolas, à luz do amanhecer.

Nim me fizera beber tuaca demais. Não conseguia me lembrar de tudo o que acontecera na noite passada, e minha cabeça doía. Saí da cama, cambaleei até o banheiro e abri a torneira de água quente. Encontrei um sabonete em pó chamado "Cravos e Violetas". O cheiro era horrível, mas derramei a caixa na banheira e obtive uma camada fina de espuma. Dentro da água, com o corpo envolto por ela, consegui que a conversa com Nim me voltasse à memória, aos poucos. E logo me senti apavorada outra vez.

Encontrei uma pilha de roupas limpas à porta do quarto: uma suéter escandinava de lã sedosa e botas impermeáveis amarelas, forradas de flanela. Vesti tudo aquilo por cima das roupas que estava usando. Quando desci a escada, senti o aroma delicioso do café da manhã.

Nim preparava nossa comida, de costas para mim, vestido com uma camisa axadrezada, jeans e botas iguais às minhas.

— Como faço para avisar o pessoal do escritório?

— Não temos telefone - respondeu ele. — Mas Carlos, meu caseiro, já esteve aqui para me ajudar na limpeza, e lhe pedi que

ligasse da cidade, para avisar que você não vai trabalhar hoje. Vou levá-la de volta à tarde, no carro, e aproveitar para lhe ensinar a defender melhor aquele apartamento. Enquanto isso, vamos comer qualquer coisa e dar uma olhada nos pássaros. Tenho um viveiro aqui, sabe?

Nim preparou ovos mexidos ao vinho, grossas fatias de tocinho canadense e batatas fritas, tudo acompanhado pelo melhor café que tomei nos Estados Unidos. Falamos pouco durante a refeição e logo saímos, pela varanda, para um passeio.

O terreno tinha uns cem metros de frente para o mar e terminava em um pequeno promontório. Não havia cerca nem muro, apenas grossas sebes vivas separavam os vizinhos. O lago artificial, ao pé do chafariz, e a piscina estavam parcialmente cheios de água, com barris vazios boiando, para ajudar a quebrar o gelo.

Ao lado da casa havia um enorme viveiro, com uma cúpula em estilo mourisco, feito de tela e pintado de branco. A neve conseguira atravessar os vãos da tela e pendia dos ramos dos arbustos plantados do lado de dentro. Pássaros de vários tipos haviam se empoleirado nos galhos. Grandes pavões passeavam pelo chão, arrastando as maravilhosas penas na neve. De vez em quando, soltavam gritos horrorosos, que me fizeram pensar em mulheres esfaqueadas e me gelaram o sangue nas veias.

Nim abriu a porta e conduziu-me para dentro, para baixo da cúpula, identificando as diferentes espécies enquanto passeávamos entre o labirinto de arbustos.

— Os pássaros são, com frequência, mais inteligentes que as pessoas. Tenho também alguns falcões, separados em outro compartimento. Carlos os alimenta com carne fresca duas vezes por dia. Meu favorito é o falcão-peregrino. Como acontece em muitas outras espécies, quem caça é a fêmea do casal.

Apontou um pássaro de tamanho médio, de penas pontilhadas de manchas brancas, em uma seção isolada, ao fundo do viveiro.

Quando estávamos bem próximos, pude ver os olhos da ave, apertados junto ao bico, grandes e escuros. Tive a sensação desagradável de que ela nos avaliava como presas.

— Sempre achei — disse Nim, olhando para a fêmea — que você tem o instinto de caçadora.

— Eu?! Está brincando...

— Só falta cultivá-lo para transformar você numa caçadora capaz de matar. Portanto, pretendo começar já seu treinamento. O instinto está abafado em você há muito tempo, tempo demais...

— Mas parece que outras pessoas me reservaram o papel de caça, não o de caçadora.

— Em todo esporte, chega um momento em que é preciso decidir se a melhor maneira de reagir a uma ameaça é uma ação defensiva ou um contra-ataque. — Baixou os olhos para mim e arrepiou meus cabelos com a mão enluvada. — Por que você não opta pela ação agressiva?

— Nem sei quem é meu adversário! — protestei, sentindo-me extremamente frustrada.

— Sabe, sim — respondeu Nim, de forma misteriosa. — Sabe desde o começo. Quer que eu prove?

— Quero.

Estava ficando deprimida de novo e preferi não dizer nada enquanto Nim me conduzia para fora do viveiro. Depois de trancar a porta, ele me levou pela mão de volta a casa.

Lá dentro, tirou meu casaco. Sentei-me em um sofá próximo ao fogo, e ele ajudou-me a descalçar as botas impermeáveis. Em seguida, foi até a parede oposta, pegou meu quadro do homem da bicicleta e ajeitou-o em uma poltrona, de frente para mim.

— Ontem à noite, quando você foi dormir, fiquei muito tempo olhando para este quadro. Tive um sentimento desagradável de déjà-vu, que me incomodou bastante. Você sabe como eu sou: quando enfrento um problema, não consigo deixar de ir até o fim. Hoje de manhã, encontrei a solução.

Tornou a atravessar a cozinha, foi até um balcão de carvalho ao lado dos fogões e abriu uma gaveta. Voltou de lá com vários baralhos e sentou-se a meu lado. Abriu as caixas, retirou todos os curingões e atirou-os na mesinha. Fiquei em silêncio, examinando as cartas. Um dos curingões era um bobo da corte, com guizos nas pontas do gorro, pedalando uma bicicleta, exatamente na mesma

posição do homem de meu quadro. Atrás dele, havia uma lápide com a inscrição R I P, de *Requiescat in Pace*, ou seja, "Descanse em Paz". Outro parecia-se muito com este primeiro, só que, como as cartas figuradas, era dividido ao meio, na horizontal, como uma imagem sobre um espelho. E também pedalava. O terceiro era O Louco de um baralho de taro, andando inconscientemente na direção de um precipício.

— O curingão do baralho sempre esteve associado à Morte — disse Nim. - Mas é também o símbolo do renascimento e da inocência da humanidade antes da queda. Gosto de pensar nele como um cavaleiro em busca do Santo Graal; precisa ser ingênuo, ter a mente simples o bastante para poder tropeçar no objeto de sua procura. Lembre-se de que a missão que lhe foi dada é a de salvar a humanidade.

— E daí? — perguntei, embora estivesse muito perturbada pela semelhança entre as cartas e minha pintura.

Agora, vendo-as lado a lado, meu ciclista parecia ter até mesmo o gorro de guizos e os estranhos olhos espiralados dos curingões.

— Você me perguntou quem é o adversário... — comentou Nim de modo muito sério. — Acho que, da mesma forma que nestas cartas e em seu quadro, o homem da bicicleta é ao mesmo tempo seu adversário e seu aliado.

— Você não pode estar falando de uma pessoa de carne e osso! Ou está?

Nim fez que sim com a cabeça, gravemente, e me olhou bem nos olhos:

— Você o viu.

— Mas foi só coincidência!

— Pode ser. Mas há muitos tipos de coincidências. Pode ter sido, por exemplo, uma forma de atrair você, usada por alguém que já conhecesse o quadro. Como pode também ter sido um acaso de outra espécie...

— Oh, não! — Eu sabia exatamente o que viria a seguir.

— Você sabe muito bem que não acredito em premonições, poderes extra-sensoriais, em nada dessa empulhação metafísica!

— Não? — Ele sorriu. — Mas acho que não vai conseguir explicar como foi capaz de pintar um quadro antes de ver o modelo... Tenho de confessar uma coisa: da mesma forma que seu amigo Llewellyn, que Solarin e que a vidente, acho que você tem um papel importante no mistério do Xadrez de Montglane. De que outra maneira explicar seu envolvimento? Acho que você foi, de algum jeito, predestinada, ou melhor, escolhida para assumir um papel-chave...

— Esqueça! - interrompi irritada. — Não vou me meter na caça a um tabuleiro mítico! Há gente tentando me matar, ou pelo menos me envolver em assassinatos, você não entendeu? — Eu já estava quase gritando com ele.

— Entendi, meu anjo, para usar a mesma palavra encantadora que você usou. Quem parece não ter entendido muito bem é você... A melhor defesa é o ataque.

— De modo algum! É claro que você me escolheu para isca, para o sacrifício. Quer pôr as mãos no tal Xadrez e precisa de uma trouxa para o serviço. Muito bem, já estou metida nisso até o pescoço, aqui mesmo em Nova York. Não tenho a menor intenção de continuar com a história num país estrangeiro, onde não conheço ninguém a quem possa pedir socorro. Você pode estar entediado e precisando de uma aventura, mas... e eu} O que vai me acontecer se me meter em encrencas lá? Você não me dá nem mesmo um número de telefone! Ou acha que as freiras carmelitas virão correndo em meu auxílio, da próxima vez que alguém me der um tiro? Ou será que o diretor executivo da Bolsa de Valores virá atrás de mim, recolhendo os cadáveres que eu for deixando pelo caminho?

— Calma, não vamos ficar histéricos. — Nim conseguia sempre parecer a própria voz da razão. - Tenho meus contatos em todos os continentes. Você só não sabe disso porque parece evitar o assunto. Você me lembra aqueles três macaquinhos que tentam evitar o mal tapando os olhos, os ouvidos e a boca.

— Não há nem um consulado americano na Argélia — resmunguei, de dentes cerrados. - Será que você tem contatos na embaixada soviética que me ajudariam de bom grado?

Na verdade, não era de todo impossível. Nim era descendente de russos e gregos. Mas, que eu soubesse, seu relacionamento com os países de origem mal passava daquele que se obtém com o auxílio de um bom atlas.

— Para falar a verdade, tenho mesmo contatos em algumas embaixadas no país aonde você está indo. — Sua expressão me pareceu suspeita, bastante debochada. — Trataremos disso mais tarde. Mas você precisa entender, querida, que já está envolvida nessa trapalhada, querendo ou não. A busca do Santo Graal está virando uma correria desenfreada. Você vai ficar completamente sem poder de barganha, a não ser que chegue lá antes dos outros.

— Pode me chamar de Sir Parsifal — resmunguei, mal-humorada. — Eu deveria saber logo... Pedir auxílio logo a você! Sua maneira de lidar com problemas sempre foi encontrar outros ainda mais difíceis, de forma a poder pensar que os anteriores são, comparativamente, fáceis.

Nim levantou-se, pôs-me também em pé e olhou-me nos olhos, com um sorriso maroto, de cumplicidade absoluta. Colocou as mãos em meus ombros e disse:

—J'adoube.

SACRIFÍCIOS

As pessoas não sentem vontade de jogar xadrez quando estão à beira de um precipício.

- MADAME SUZANNE CURCHOD NECKER,
mãe de Germaine Necker

PARIS

2 DE SETEMBRO DE 1792

Madame de Staël certamente não imaginou o que estava para acontecer quando se despediu do pessoal da embaixada. Naquele 2 de setembro, seu plano era abandonar a França, amparada pela imunidade diplomática.

Jacques-Louis David também não suspeitava de nada, ao se vestir às pressas para comparecer a uma sessão de emergência da Convenção, que se sucedera à Assembléia Nacional Constituinte. Naquele dia, tropas inimigas haviam chegado a pouco mais de duzentos quilômetros de Paris. Os prussianos ameaçavam reduzir a cidade a cinzas.

Tampouco Maurice Talleyrand previa os próximos fatos, enquanto seu camareiro, Courtiade, o ajudava a esvaziar as estantes da biblioteca, removendo com cuidado os valiosos volumes encadernados em couro. Naquele 2 de setembro, Talleyrand pretendia contrabandear seus preciosos livros pela fronteira, preparando-se para a fuga já programada.

Valentine e Mireille não sabiam de nada. Caminhavam pelo jardim dos fundos do estúdio de David, aproveitando a manhã de fim de verão. Uma carta recém-chegada avisara as primas de que certas peças do Xadrez de Montglane corriam perigo. Como podiam ter imaginado que tal notícia logo as colocaria no centro do furacão que estava prestes a varrer a França?

Ninguém podia saber, naquele momento, que exatamente cinco horas depois, às duas da tarde daquele 2 de setembro, teria início o Terror.

NOVE HORAS

Valentine mergulhou a mão na pequena fonte do jardim. Um peixe dourado aproximou-se de seus dedos. Perto dali, ela e Mireille haviam enterrado as duas peças do Xadrez a elas confiadas em Montglane.

Pelas notícias que tinham, supunham que logo outras viriam fazer companhia às que trouxeram.

Mireille, em pé a seu lado, relia a carta. Ao redor delas, crisântemos escuros brilhavam em tons de ametista e topázio entre a folhagem. As primeiras folhas secas, amareladas, já começavam a cair na superfície da fonte, inaugurando o perfume do outono, apesar do calor que ainda fazia.

— Esta carta só pode ter um significado — comentou, ainda de olhos fixos no texto que tinha em mãos:

Queridas irmãs em Cristo,

Como vocês devem estar sabendo, a abadia de Caen foi fechada. Durante a grande inquietação que sacudiu a França, nossa diretora, Mademoiselle Alexandrine de Forbin, decidiu procurar sua família em Flandres. A irmã Marie-Charlotte Corday, de quem vocês também devem se lembrar, resolveu ficar em Caen, no entanto, para administrar qualquer assunto inesperado que viesse a ocorrer.

Nunca nos encontramos pessoalmente, eu e vocês. Portanto, tomo a liberdade de me apresentar: sou a irmã Claude, interna do extinto convento de Caen. Fui secretária particular da irmã Alexandrine, a quem tive a honra de acolher em minha casa de Épernay, há poucos meses, durante sua viagem para Flandres. Naquela ocasião, ela insistiu comigo para que levasse pessoalmente suas saudações à irmã Valentine, caso me encontrasse em Paris.

Estou, no momento, nesta cidade, no quartier Cordeliers. Por favor, gostaria de me encontrar com a irmã no portão do Monastério de TAbbaye, exatamente às duas horas da tarde, já que não sei

quanto tempo ficarei aqui. Acho que a irmã será capaz de compreender a importância desse apelo.

Sua irmã em Cristo, Claude Mireille passou um instante pensativa, mas logo continuou:

— Ela veio de Épernay, uma cidade a leste daqui, à margem do rio Marne. E, pelo que diz, Alexandrine de Forbin esteve lá, a caminho de Flandres. Você sabe o que fica entre Épernay e a fronteira flamenga?

Valentine fez que não com a cabeça, os olhos arregalados.

— As fortalezas de Longwy e Verdun. E mais metade do Exército prussiano. Talvez nossa querida irmã Claude esteja trazendo algo mais valioso que as saudações de Alexandrine de Forbin. Talvez traga alguma coisa que não quis arriscar através da fronteira, entre dois exércitos em confronto.

—As peças! — Valentine ergueu-se de um salto, assustando o peixinho. — A carta diz que Charlotte Corday ficou em Caen! Talvez Caen seja um lugar de reunião, como Paris, com alguém encarregado de cuidar do norte do país. — Fez uma pausa e acrescentou, confusa: — Mas, se é assim, por que Alexandrine tentou deixar a França pelo leste?

— Não sei — admitiu Mireille, soltando os longos cabelos ruivos da fita que os prendia e abaixando o corpo para molhar o rosto quente com a água da fonte. — Nunca saberemos do que se trata a não ser que encontremos a irmã Claude na hora marcada. Mas por que ela foi escolher justo Cordeliers, o lugar mais perigoso da cidade? O Monastério foi transformado em prisão!

— Não tenho medo de ir lá! Prometi à abadessa que assumiria a responsabilidade, e chegou a hora de dar a prova. Além do mais, você precisa ficar aqui, prima, pois tio Jacques-Louis nos proibiu de sair de casa sem ele.

— Então vamos planejar a fuga com muito cuidado, porque eu jamais deixaria você ir sozinha a Cordeliers, pode ter certeza!

DEZ HORAS

A carruagem de Madame de Staél atravessou o portão da embaixada sueca. Do lado de fora, o veículo transportava pilhas de baús e de caixas, vigiadas pelo cocheiro e por dois criados uniformizados. Germaine se apertava, no interior do veículo, entre as criadas pessoais e várias outras caixas, estas com jóias. Usava as vestes oficiais de embaixatriz, cobertas de condecorações e faixas.

Os seis cavalos brancos trotaram pelas ruas de Paris, àquela hora já insuportavelmente quente, em direção às portas da cidade. Os penachos que ajazavam os magníficos animais tinham as cores da bandeira sueca. O brasão da Casa Real sueca ornamentava as portas da carruagem. As cortinas estavam cerradas.

Perdida em pensamentos, sofrendo com o calor horrível e a escuridão, Germaine não se deu ao trabalho de olhar para fora, até que o veículo parou, de um tranco, antes de chegar aos limites de Paris. Uma criada se debruçou e entreabriu a cortina de seu lado.

Na rua, uma multidão de mulheres esfarrapadas se agitava, com enxadas e ancinhos aos ombros, como se fossem fuzis. Várias delas se dirigiam à janela do veículo, gritando insultos contra Germaine. Suas bocas pavorosas deixavam entrever cáries e falhas na arcada dentária.

Por que a plebe tem sempre de parecer tão plebéia?, Pensou a embaixatriz. As intermináveis horas que já passara, trabalhando duramente em intrigas políticas, gastando parte de sua considerável fortuna em subornos e propinas com os burocratas certos... Tudo aquilo para o bem de gentinha miserável como aquela! Germaine debruçou-se à janela, apoiando o corpo sobre o braço musculoso:

— O que está acontecendo? — indagou em voz alta, autoritária.

— Deem passagem a meu coche. Imediatamente!

— Ninguém pode sair da cidade — respondeu uma mulher da multidão. — Estamos guardando os portões de Paris. Morte à nobreza!

"A divisa foi repetida pelo bando, que parecia aumentar cada vez mais. A gritaria aguda quase ensurdeceu Germaine.

— Sou a embaixatriz sueca! Estou em missão oficial, com destino à Suíça. Ordeno que deem passagem!

— Ah! Ela ordena... — ironizou a mulher que se encontrava mais perto da janela.

Em seguida, aproximou-se mais ainda de Germaine e cuspiu em seu rosto, sob os aplausos da multidão. A embaixatriz tirou do decote um lenço rendado e limpou a saliva. Atirou-o no meio da rua e gritou:

— Aí vai o lenço da filha de Jacques Necker, o ministro das Finanças que vocês adoravam e bajulavam... molhado com o cuspe do povo!

— Voltou-se para as criadas, encolhidas em um canto da carruagem.

— Bando de animais! Vamos já ver quem manda aqui!

Mas, àquela altura, as mulheres já tinham livrado os cavalos dos arreios e se atrelado, elas próprias, ao veículo. E puxaram-no pelas ruas, em direção oposta à da porta da cidade. O bando aumentara de forma assustadora. Puxando e empurrando, parecia uma colônia de formigas arrastando um pedaço de bolo.

Germaine agarrou-se à porta, pelo lado de dentro, praguejando e xingando ferozmente, mas o vozerio da multidão abalou suas palavras. Depois do que pareceu uma eternidade, a carruagem parou em frente da fachada imponente de um prédio cercado de guardas. Quando descobriu onde estava, Germaine sentiu o estômago gelar. Tinham-na levado para o Hotel de Ville, o quartel-general da Comuna de Paris.

Aquilo era mais perigoso do que a malta que cercava a carruagem, ela sabia bem. Era um bando de loucos. Até os outros membros da Convenção temiam a gente da Comuna. Delegados escolhidos nas ruas da cidade costumavam prender, julgar e executar os membros da nobreza com tal rapidez que negavam, nos próprios gestos, o conceito de liberdade que pregavam. Para eles, Germaine Necker nada significava, senão mais um nobre pescoço para a guilhotina. E ela bem sabia.

As portas da carruagem foram escancaradas e Germaine, arrastada para a rua por mãos imundas. Conseguiu manter a postura ereta e abrir caminho entre a malta, com o olhar dardejando gelo. As criadas, chorando de medo, foram tiradas do veículo a golpes de vassoura e de cabos de ferramentas agrícolas. Germaine chegou, aos puxões e empurrões, à escadaria da sede da Comuna. Perdeu o fôlego quando um homem lhe rasgou o rico vestido oficial, do busto para cima, com a ponta de uma picareta. Um simples escorregão lhe teria tirado a vida de maneira cruel, com o tórax atravessado pelo fio aguçado da ferramenta. Prendeu de novo a respiração quando um policial se aproximou e empurrou com a espada o agressor, agarrou-a pelo braço e conduziu-a pela entrada escura do Hotel de Ville.

ONZE HORAS

David chegou ofegante à Convenção. O enorme salão estava cheio até o teto de homens que gritavam. O secretário estava em pé junto ao púlpito central tentando também aos gritos se fazer ouvir. Abrindo caminho do jeito que pôde em direção a sua cadeira, David mal conseguiu entender o que o orador tentava dizer:

— Em 23 de agosto, a fortaleza de Longwy caiu em mãos inimigas! O duque de Brunswick, comandante do Exército prussiano, emitiu um manifesto exigindo que libertemos o rei e reinstauremos os poderes reais em sua plenitude, sob pena de arrasar Paris, reduzi-la a escombros.

O ruído era como o do mar, com ondas que afogavam a voz do secretário. A cada vez que a maré refluiu um pouco, ele tentava prosseguir com a mensagem.

A Convenção se equilibrava no tênue poder que exercia sobre a nação por manter o rei prisioneiro. Mas o manifesto de Brunswick exigira sua libertação, como pretexto para a invasão da França pelas forças prussianas. Sufocado por dívidas e pelas deserções em massa de soldados, o novo governo, empossado havia pouco, estava em permanente risco de queda. Para piorar as coisas, cada membro da Convenção suspeitava dos demais, acusava-os de traição e de colaboração com o inimigo. Era o ambiente perfeito, pensou David, para que a anarquia viesse à luz.

— Cidadãos! — gritou o secretário, ainda empenhado em restabelecer um mínimo de ordem —, trago-lhes notícias terríveis! A fortaleza de Verdun caiu, hoje de manhã, nas mãos dos prussianos! Temos de pegar em armas...

A histeria tomou conta da Convenção. Todo o recinto se transformou em um caos, com homens correndo de um lado para outro como ratos encurralados. A fortaleza de Verdun era o último bastião entre as forças inimigas e Paris. Os prussianos poderiam chegar às portas da cidade antes do jantar!

David sentou-se em silêncio, tentando ouvir. As palavras do secretário perderam-se no tumulto. O pintor podia ver bem os lábios do pobre homem, emitindo frases que não conseguiam atravessar a cacofonia reinante.

A Convenção parecia ter se transformado em uma multidão de loucos. Da "Montanha" dos jacobinos, gente das ruas atirava papéis amassados e frutas sobre os moderados da "Planície". Com os rostos empalidecidos pelo medo, os girondinos de punhos rendados, que antes chegaram a ser considerados liberais, torciam o pescoço para olhar a multidão furiosa. Tinham a reputação de republicano-monarquistas e defendiam a coexistência dos três poderes: a nobreza, o clero e a burguesia. Agora, com o manifesto de Brunswick, suas vidas não valiam muito, nem mesmo ali, no recinto da Convenção, e sabiam bem disso. Os que defendiam a restauração do poder do rei talvez não fossem encontrados vivos pelas tropas prussianas que avançavam.

Georges-Jacques Danton dirigiu-se à tribuna e o orador se afastou. Danton, o Leão da Assembléia... Danton, de corpo grande e pesado e cabeça enorme, nariz quebrado e lábios desfigurados por um coice de touro que levara na infância... Danton ergueu as mãos fortes e exigiu silêncio:

— Cidadãos! É uma honra para um ministro de Estado livre anunciar que a nação estará salva! Todos se entusiasmam, todos se inflamam, todos sentem a vontade febril do combate...

Nas galerias e nos corredores, os grupos foram, um a um, silenciando para ouvir a voz do líder poderoso. Danton os desafiou, acusou-os de fracos, fomentou o desejo de resistência à onda guerreira que se dirigia a Paris. Provocou uma agitação febril, exigiu que defendessem as fronteiras da França, que guarnecessem as fortificações eles próprios, que marchassem para os portões da cidade armados de picaretas e de lanças. A sinceridade do discurso acendeu uma chama entre os ouvintes. Logo se fizeram ouvir os gritos de apoio e de guerra, como que pontuando cada frase.

— Nossa fala não é de alarme ante o perigo, é uma voz de comando, de ataque contra os inimigos da França! Temos de ousar e ousar, temos de ousar sempre. E a França será salva!

A Convenção foi à loucura. O tumulto acabou de tomar conta do prédio. Os homens se puseram a atirar papéis para o ar, gritando: "Ousar! Ousar!"

David desviou o olhar do pandemônio e examinou as galerias. Fixou-se em um homem magro, pálido, impecavelmente vestido, com foulard engomado, paletó totalmente isento de qualquer amassado ou imperfeição, cabeleira cuidadosamente empoada. Um homem ainda jovem, com uma expressão fria e olhos cor de esmeralda que brilhavam como os de uma serpente.

O pintor ficou observando o jovem silencioso, aparentemente imune às emoções despertadas pelo discurso de Danton, e teve a certeza de que só havia uma coisa capaz de salvar o país devastado por uma centena de facções rivais, falido, ameaçado por mais de uma dezena de potências hostis em suas fronteiras. A França não precisava de talentos histriônicos, como os de Danton e Marat. A França precisava de um líder, de um homem que tirasse do próprio silêncio sua força, até que a necessidade de seu talento se fizesse evidente. Um homem em cujos lábios finos a palavra "virtude" soasse melhor que "ambição" ou "glória". Um homem capaz de restaurar as ideias naturalistas, pastorais, do grande Jean-Jacques Rousseau, que haviam dado origem à própria Revolução. Aquele jovem impassível era o líder que a França precisava. Seu nome era Maximilien François Marie Isidore de Robespierre.

TREZE HORAS

Madame de Staël estava sentada havia duas horas em um desconfortável banco de madeira, no quartel-general da Comuna de Paris. Via pequenos grupos de homens inquietos por toda a parte, todos em silêncio. Alguns sentavam-se no banco a seu lado, outros simplesmente acomodavam-se no chão. Pelo vão da porta aberta da sala de espera improvisada, Germaine percebia vultos em movimento, transportando papéis e carimbando documentos. De vez em quando, um deles chegava à porta e gritava um nome. O chamado empalidecia, entre tapinhas nas costas e encorajamento dos companheiros, e desaparecia pela porta.

Ela sabia o que acontecia do outro lado daquela porta, naturalmente. Os membros da Comuna estavam realizando julgamentos sumários. O "acusado" — geralmente a acusação se resumia apenas aos nomes dos pais — tinha de responder a algumas perguntas sobre sua vida pregressa e sua fidelidade ao rei. Se seu sangue fosse um pouco mais azul que o devido, na madrugada seguinte estaria escorrendo pelas ruas de Paris.

Germaine não quis se iludir a respeito de suas chances. Sua única esperança — que ficou remoendo durante a longa espera — era de que eles não mandassem para a guilhotina uma mulher grávida.

De repente, o homem a seu lado caiu com a cabeça entre as mãos e começou a chorar. Todos olharam nervosamente para ele, mas ninguém esboçou um gesto de consolo. Desviaram os rostos, encabulados, como quem evita olhar um aleijado ou um mendigo. Germaine suspirou e ficou em pé. Não queria pensar no infeliz a seu lado. O que desejava era encontrar uma forma de se salvar.

Naquele instante, percebeu um homem ainda jovem abrindo caminho pela sala de espera com um maço de papéis na mão. Tinha o cabelo castanho e ondulado atado atrás da nuca por uma fita e um jabô bastante amassado. A expressão era de cansaço, mas,

ainda assim, transmitia uma vitalidade apaixonada. Germaine quase se assustou ao perceber que o conhecia. Gritou:

— Camille! Camille Desmoulins!

O jovem se voltou para ela, com os olhos brilhando pela surpresa. Camille Desmoulins era o *Enfant Célèbre* de Paris. Três anos antes, em uma noite quente de julho, ainda estudando com os jesuítas, ele subira em uma mesa do *Café Foy* e conclamara os cidadãos presentes a um ataque à Bastilha. Tornara-se um herói da Revolução.

— Madame de Stael! — Tornou a abrir caminho por entre a pequena multidão e veio apertar-lhe a mão. — O que a trouxe até aqui? Tenho certeza de que a senhora não se envolveu em nenhum crime contra o Estado.

Exibiu um sorriso largo, e seu rosto atraente e poético pareceu tão deslocado naquela sala escura, cheirando a medo e morte, que Germaine viu-se obrigada a retribuir, sorrindo também.

— Fui capturada pelas "Cidadãs de Paris" — explicou, tentando manter o controle e a postura diplomática, que muito lhe haviam servido no passado. — Parece que, atualmente, a esposa de um embaixador que queira deixar a cidade é considerada inimiga do povo. Você não acha isso irônico, depois de lutarmos tanto e tão duramente pela liberdade?

O sorriso desapareceu do rosto de Camille. Olhou constrangido para o homem que ainda chorava no banco, atrás dela, e em seguida conduziu-a pelo braço a um canto mais reservado.

— A senhora tentou atravessar os portões da cidade sem um salvo-conduto e sem escolta? Meu Deus, madame! Por sorte não foi fuzilada sumariamente.

— Não seja absurdo! Tenho imunidade diplomática! — exaltou-se ela. — Minha prisão seria praticamente uma declaração de guerra à Suíça! Essa gente deve estar louca, se pretende me matar aqui.

Mas a bravata perdeu o sentido quando Camille respondeu:

— A senhora não sabe? Já estamos em guerra, e na iminência de um ataque... - Interrompeu-se ao lembrar que a notícia ainda não era de conhecimento público e poderia causar um pandemônio na sala. — Verdun caiu.

Germaine encarou-o em silêncio por algum tempo, absorvendo a gravidade da situação em que se encontrava. Finalmente, sussurrou:

— Impossível! — Sacudiu a cabeça e quis saber: — A que distância de Paris eles... Onde estão, neste momento?

— A menos de dez horas daqui, por meus cálculos, mesmo com todas as peças de artilharia. Já temos ordens de atirar em qualquer pessoa que se aproxime das portas da cidade. Tentar sair de Paris agora significa um ato implícito de traição.

— Camille, sabe por que estou tão ansiosa para me juntar a minha família na Suíça? — perguntou ela, tão rapidamente que quase atropelou as palavras. — Se demorar muito a partir, talvez não possa mais viajar. Estou esperando um filho.

Ele encarou-a incrédulo, mas Germaine já recuperara a audácia. Tomou a mão do rapaz e colocou-a sobre seu ventre. Mesmo através das camadas de tecido, ele constatou que era verdade. Exibiu outra vez seu sorriso de menino e enrubesceu.

— Com um pouco de sorte, madame, consigo fazer com que seja levada de volta à embaixada ainda hoje. Nem Deus seria capaz de fazê-la passar pelos portões antes de rechaçarmos os prussianos. Deixe-me falar a seu respeito com Danton.

Germaine sorriu, aliviada, ao apertar a mão do jovem em despedida.

— Quando meu filho nascer, na segurança de Genebra, vou lhe dar seu nome - prometeu.

CATORZE HORAS

Valentine e Mireille aproximaram-se do portão da prisão de l'Abbaye na carruagem alugada após a fuga do ateliê de David. A multidão já se comprimia na rua, ladeando várias outras carruagens obrigadas a parar antes do edifício.

Uma esfarrapada malta de sans-culottes armados de ancinhos e enxadas se derramava ao redor dos veículos, esmurrando e golpeando com as ferramentas as portas e as janelas. O rugido enfurecido ecoava pelas paredes de pedra que limitavam a rua estreita. Guardas da prisão, no teto das carruagens, tentavam mantê-los afastados, a pancadas.

O cocheiro das moças curvou-se todo em seu assento e chegou o rosto até a janela:

— Daqui não posso passar, senão ficaremos presos na aleia sem saída. E também não estou gostando do jeito dessa gente.

Naquele exato momento, Valentine divisou uma freira, no meio da multidão, vestida com o hábito da Abbaye-aux-Dames, de Caen. Acenou pela janela e a mulher retribuiu o gesto, mas logo sumiu entre a massa, àquela altura já compacta e ocupando todo o espaço da estreita ruela.

— Não, Valentine! — gritou Mireille, ao ver a prima abrir a porta e saltar para a rua.

Logo saltou ela também e dirigiu-se ao cocheiro, implorando com palavras e com o olhar:

— Monsieur, por favor! Fique aqui só mais um momento. Minha prima não vai demorar.

E começou a rezar para que fosse verdade, enquanto procurava desesperadamente não perder de vista o vulto de Valentine. A jovem continuava tentando alcançar a irmã Claude.

— Vou ter de virar a carruagem a braço, mademoiselle! Corremos perigo, aqui. Aqueles coches lá em frente transportam prisioneiros.

— Viemos à procura de uma amiga, monsieur. Vamos trazê-la para cá em um minuto. Imploro que o senhor nos espere.

— Aqueles prisioneiros são todos padres que se recusaram a jurar lealdade ao Estado — retrucou o cocheiro, que, em pé no alto de seu assento, tinha melhor visão do que acontecia. — Acho que a sorte deles está selada. E a nossa também estará, se não sairmos logo daqui. Vá buscar sua prima enquanto manobro a carruagem. E não perca tempo!

O homem saltou para o chão e, puxando o cavalo pelos arreios, começou a manobrar o veículo no reduzido espaço da ruela. Mireille correu de encontro à multidão, com o coração aos saltos. Logo sentiu-se afogada naquele mar de gente. Já não conseguia divisar Valentine. Empurrou a massa humana, recebendo também pancadas e trancos de todos os lados. O pânico, misturado ao cheiro horrível de gente que não se lavava, cada vez se apertando mais contra ela, lhe provocou náuseas.

De repente, em meio à floresta de braços, troncos e ferramentas, distinguiu a figura de Valentine, a poucos passos da irmã Claude, com a mão estendida para alcançar a freira mais idosa. Logo em seguida, a multidão voltou a cerrar fileiras, ocultando a jovem.

— Valentine! — chamou Mireille, o mais alto que pôde.

Mas sua voz foi sufocada pela gritaria, e ela começou a ser empurrada na direção da meia dúzia de carruagens imprensadas contra o portão de prisão, nas quais se transportavam os padres.

A moça lutou com a força do desespero para se aproximar de Valentine e da irmã Claude, mas foi como se enfrentasse um maremoto. A cada dois ou três passos que conseguia dar na direção desejada, era forçada a retroceder muitos mais. Finalmente, foi jogada contra a roda de uma carruagem e agarrou-se como pôde aos raios, tentando de todas as formas manter o equilíbrio. Estava colada à roda quando a porta se abriu como se tivesse explodido. Logo foi engolfada outra vez em um mar de pernas e braços, e teve de lutar com todas as forças.

Os padres eram arrancados de dentro das carruagens e arrastados pela rua. Um sacerdote ainda jovem, branco até os lábios de tão aterrorizado, cruzou o olhar com o dela, antes de desaparecer

no meio da multidão. Outro, mais velho, saltou sozinho e começou a golpear a malta com a bengala, gritando com desespero, pedindo socorro a seus guardas, que àquela altura já haviam aderido e se transformado também em animais furiosos: saltaram da capota do veículo e começaram a rasgar a batina do pobre homem, que caiu em farrapos aos pés de seus algozes e foi pisoteado contra o calçamento de pedra.

Mireille conseguiu se manter agarrada à roda da carruagem enquanto os padres, um a um, eram arrancados dos veículos e amontoados como camundongos acuados, recebendo pancadas e espetadelas de ferramentas de todos os tipos. O medo da moça era tanto que a voz quase não lhe saía. Mesmo assim, conseguiu gritar repetidas vezes o nome da prima, enquanto aquele horror se desenrolava ante seus olhos. Finalmente, com os dedos sangrando onde as unhas haviam se quebrado, foi também arrancada da carruagem e atirada contra o muro da prisão.

Bateu com força na superfície de pedra e caiu na calçada, protegendo o rosto com a mão. Sentiu algo molhado e quente escorrendo pela cabeça. Afastou o cabelo do rosto, tentando erguer o corpo, e viu-se face a face com a irmã Claude, semiesmagada contra o muro. O sangue escorria livremente pelo rosto da freira; o capelo desaparecera, revelando um enorme corte na testa. Os olhos pareciam fitar o espaço, vazios de qualquer expressão. Mireille arrastou-se até ela e quis gritar, mas nem um som saiu de sua garganta sufocada: tentara agarrar o braço da colega, mas sua mão atingira apenas um buraco, à altura do ombro, de onde jorrava sangue.

Afastou-se, trêmula, horrorizada. Em desespero, tentou limpar nas roupas as mãos encharcadas de sangue. Conseguiu ficar de joelhos e procurou erguer o corpo com o auxílio da parede de pedra, mas a massa humana tornou a arrastá-la como um animal furioso. Em meio à confusão, pareceu-lhe ter ouvido um gemido. Voltou a olhar para Claude e viu que os lábios da religiosa se moviam. Estava viva, ainda!

Arremessou o corpo para a frente e conseguiu agarrar Claude pelos ombros, indiferente ao sangue que continuava escorrendo.

— Onde está Valentine? — gritou. — Pelo amor de Deus, você está me ouvindo? Onde está Valentine?

— Lá dentro — Claude conseguiu sussurrar. - Levaram-na lá para dentro...

— Deus meu! Você tem certeza?

Nenhuma resposta. A mulher perdera a consciência. Mireille tentou ficar em pé outra vez. A multidão sedenta de sangue continuava arrastando tudo a sua frente. De todos os lados, vinham os ruídos dos golpes de enxadas e ancinhos, os gritos dos matadores se confundindo com os das vítimas agonizantes. O barulho terrível impedia a moça de pensar direito.

Viu-se, de repente, encostada às portas pesadas da prisão, golpeando a madeira com todas as forças, indiferente ao sangue que voltou a escorrer dos dedos feridos. Nenhuma reação do lado de dentro. Exausta, agoniada de dor e desesperada, pensou em atravessar a malta de volta, na esperança de que a carruagem ainda estivesse no mesmo lugar. Tinha de encontrar David. Só ele poderia ajudá-la.

De repente, parou, petrificada, em meio à dança enlouquecida de corpos e membros. Um movimento inesperado da multidão entre - abriu, por um segundo, um corredor a sua frente. As pessoas desimpediam o caminho para algo que avançava na direção dela. Achatou ainda mais o corpo contra o muro, tentando deslizar por ele para se aproximar. Conseguiu ver do que se tratava: a carruagem que a trouxera vinha sendo arrastada pela turba. No assento de fora, um picão cravado ostentava na outra ponta a cabeça recém-arrancada do cocheiro, com os cabelos grisalhos, banhados de sangue, caindo sobre uma apavorante máscara de terror.

Mireille mordeu com força o próprio braço, para não gritar. Olhou mais uma vez em volta, tornou a dirigir o olhar para a pavorosa cabeça que desfilava por cima da multidão e percebeu que não conseguiria encontrar David a tempo. A única coisa a fazer era entrar de qualquer modo na prisão. Entendeu, apesar do coração pesando como chumbo, que, se não encontrasse Valentine de imediato, seria tarde demais.

QUINZE HORAS

Jacques-Louis David atravessou uma nuvem de vapor, no lugar onde as mulheres estavam jogando baldes de água para refrescar a calçada escaldante, e entrou no Café de la Régence.

Lá dentro, uma nuvem ainda mais densa o envolveu, resultado dos cachimbos e charutos fumados por dezenas de homens. Seus olhos arderam e sua camisa de linho, aberta até o cinto, grudou-se na pele, quando atravessou o salão abafado, evitando esbarrar nos garçons, que faziam malabarismos com bandejas pesadas no labirinto formado pelas mesinhas. Em todas elas havia homens jogando baralho, dominó ou xadrez. O Café de la Régence era o mais antigo e famoso reduto de jogadores da França.

Quando chegou ao fundo, David divisou o perfil retilíneo de Maximilien Robespierre, mais parecendo um camafeu entalhado em marfim, estudando com atenção e calma a posição de suas peças. Tinha o queixo amparado pelos dedos, o cotovelo sobre a mesa, o foulard de laço duplo e o casaco de brocado ainda sem um só vinco fora do lugar. Parecia completamente alheio ao barulho e ao calor insuportável do salão. Como sempre, suas maneiras frias, remotas, sugeriam que nada tinha a ver com o ambiente. Era apenas um mero observador... ou um juiz.

David não reconheceu o homem mais velho à frente de Robespierre. Vestido com um antiquado casaco azul-claro, culote enfeitado com fitas, meias brancas e sapatilhas à moda de Luis XV, o velho senhor movimentou uma peça do tabuleiro, sem olhar. Depois, ergueu os olhos lacrimejantes para o pintor.

— Desculpe interromper a partida — disse David. — Preciso pedir um favor inadiável a Monsieur Robespierre.

— Tudo bem - retrucou o velho. - Meu amigo já está mesmo perdido, de qualquer forma. Mate em cinco lances. Desista logo, meu caro Robespierre. A interrupção de seu amigo foi providencial.

— Não consigo ver o Mate. Mas seus olhos funcionam melhor que os meus num tabuleiro de xadrez. — Robespierre afastou o corpo da mesa e ergueu o olhar para David. — Monsieur Philidor é o melhor jogador da Europa. Não me incomodo de perder para ele, desde que tenha o privilégio de enfrentá-lo.

— O famoso Philidor! — exclamou David, apertando calorosamente a mão do velho. - O senhor é um grande compositor, monsieur! Tive o prazer de assistir a uma reapresentação de *Le Soldat Magicien*, em menino. Nunca mais me esquecerei! Permita-me que me apresente. Sou Jacques-Louis David.

— O pintor! — gritou Philidor, levantando-se. — Sou admirador de sua obra, como todos os cidadãos franceses. Mas acho que o senhor é a única pessoa, em toda a França, que se lembra de mim! Embora já tenha dominado com minha música a *Comédie-Française* e a *Opéra-Comique*, hoje me vejo obrigado a me exhibir em partidas de demonstração de xadrez, como se fosse um chimpanzé amestrado, para manter minha família. Por falar nisso, Robespierre teve a bondade de me conseguir um salvo-conduto para a Inglaterra, onde sou capaz de conseguir um bom dinheiro apresentando esse tipo de espetáculo.

— É exatamente o mesmo favor que venho pedir a Robespierre. A situação política de Paris está tão difícil... E esse calor infernal não ajuda a acalmar os ânimos de nossos conterrâneos. Foi essa atmosfera explosiva que me fez ousar pedir... É claro que o favor não é para meu próprio uso...

— Os cidadãos nunca pedem favores para si próprios — cortou Robespierre, em tom de voz frio.

— O favor é para minhas pupilas — completou David, de maneira solene. — Tenho certeza de que você vai admitir, Maximilien, que a França não é um lugar seguro para mocinhas, atualmente.

— Se estava tão preocupado com o bem-estar das moças, não deveria ter permitido que desfilassem pela cidade nos braços do bispo de Autun.

— Discordo totalmente — retrucou Philidor. - Sou um grande admirador de Maurice Talleyrand. Arrisco-me a prever que ele, um dia, será reconhecido como o maior estadista da história da França.

— Felizmente você não precisa de profecias para ganhar a vida, senão morreria de fome. Maurice Talleyrand está tentando, há várias semanas, subornar todas as autoridades francesas para conseguir embarcar para a Inglaterra, onde pretende passar por um diplomata. Tudo o que quer é preservar o próprio pescoço. Meu caro David, toda a nobreza da França anseia fugir antes da chegada dos prussianos. Vou fazer o que puder, na reunião de hoje à noite, por suas pupilas. Mas não prometo nada. Seu pedido veio muito tarde.

David agradeceu efusivamente e Philidor ofereceu-se para acompanhá-lo à saída, já que também tinha de ir embora. Enquanto atravessavam o salão superlotado, o mestre de xadrez dirigiu-se de novo ao pintor:

— Tente compreender que Maximilien Robespierre é diferente de nós. É solteiro, nunca se expôs à experiência de criar filhos. Que idade têm suas pupilas, David? Estão sob seus cuidados há quanto tempo?

— Há pouco mais de dois anos. Antes foram noviças da abadia de Montglane.

— Montglane?! - exclamou Philidor, baixando a voz. - Meu caro David, na qualidade de enxadrista, posso lhe assegurar que conheço muito a respeito da abadia de Montglane e sua história. Você já a ouviu?

— Já, já... - David fez o que pôde para controlar a irritação. - Um monte de bobagens místicas. O Xadrez de Montglane não existe. Fico surpreso ao constatar que o senhor dá crédito a tais tolices...

— Crédito?! - Philidor tomou o braço do pintor quando saíram à rua.

— Meu amigo, eu sei que ele existe. E sei muito mais. Há quarenta anos, talvez antes de você ter nascido, visitei a corte de Frederico, o Grande, da Prússia. Lá, conheci dois homens dotados de inigualável poder de percepção. De um deles você já ouviu falar: Leonhard Euler, o grande matemático. O outro, tão grande quanto Euler, à sua própria maneira, era um homem idoso, pai do jovem músico da corte de Frederico. Mas seu gênio foi condenado, infelizmente, ao esquecimento. Embora ninguém mais na Europa se lembre de seu nome, a música que fazia, e que nos mostrou uma

vez, a pedido do rei, era a melhor que já ouvi em toda a vida. Seu nome era Johann Sebastian Bach.

— Nunca ouvi falar - admitiu David. - Mas o que tinham Euler e o tal músico a ver com o lendário Xadrez de Montglane?

— Vou lhe contar — sorriu Philidor. - Mas com a condição de que você me apresente suas pupilas. Talvez cheguemos ao fundo de um mistério a que dediquei toda a vida!

David concordou e o enxadrista acompanhou-o ao longo das ruas enganosamente tranquilas do Sena, do outro lado da Pont Royal, a caminho do ateliê.

No ar completamente imóvel, nem uma folha de árvore se mexia. O calor subia em ondas da calçada e até as águas cor de chumbo do Sena corriam em silêncio. Não podiam saber que, a vinte quilômetros dali, em Cordeliers, uma turba sedenta de sangue tentava forçar os portões da prisão de l'Abbaye. E que Valentine estava lá dentro.

No silêncio tranquilo da tarde quente, andando lado a lado com David, Philidor começou a contar sua história...

O RELATO DO MESTRE DE XADREZ

Aos dezenove anos, deixei a França e fui para a Holanda, a fim de acompanhar ao oboé uma jovem pianista, uma criança prodígio que estava para se apresentar naquele país. Infelizmente soube, logo ao chegar, que ela morreria de varíola, alguns dias antes. De repente, me vi perdido em um país estrangeiro, sem dinheiro e sem perspectiva de emprego. Para poder me manter, precisei jogar xadrez nos bares da cidade.

Eu estudei xadrez desde os catorze anos, sob a tutela de Sire de Legal, o melhor jogador da França, talvez até mesmo de toda a Europa. Aos dezoito, já conseguia vencê-lo dando um Cavalo de vantagem. O resultado, como não tardei a descobrir, foi que me tornei capaz de vencer qualquer adversário. Em Haia, durante a batalha de Fontenoy, joguei contra o príncipe de Waldeck, enquanto a guerra rugia ao redor.

Viajei por toda a Inglaterra, joguei na Slaughter's Coffee House de Londres, enfrentei os melhores adversários do país, inclusive Sir Abraham Janssen e Philip Stamma, e venci a todos sem dificuldades.

Stamma, um sírio de possível ascendência mourisca, mostrou-me vários livros de xadrez que publicara, além de outros, escritos por La Bourdonnais e pelo marechal Saxe; achou que, com meu talento único para o jogo, eu também deveria publicar algo.

Meu livro saiu vários anos mais tarde, com o título *Analyse du Jeu des Eschecs*. Nele, apresentei a teoria de que os Peões são a alma do xadrez. Na verdade, apenas demonstrei que os Peões não devem ter por única serventia o sacrifício, pois é possível usá-los com objetivos estratégicos e posicionais contra o adversário. O livro causou uma revolução no xadrez.

Chamou até a atenção do matemático alemão Euler. Ele já havia lido a meu respeito, uma referência a minha capacidade de jogar de

olhos vendados, na Encyclopédie organizada por Diderot, e acabou convencendo Frederico a me convidar para uma visita à corte.

A sede dessa corte era em Potsdam, em um grande salão formal, brilhantemente iluminado, mas deserto das obras de arte que em geral se encontram em outras cortes europeias. Frederico era, na verdade, um guerreiro, que preferia a companhia de outros militares à de cortesãos, artistas e mulheres. Dizem que dormia sobre um catre de madeira e mantinha os cães a seu lado vinte e quatro horas por dia.

Na noite de minha apresentação, o kapellmeister, "mestre de capela", Bach tinha chegado de Leipzig com seu filho, Wilhelm, para visitar outro filho, Carl Philipp Emanuel Bach, solista oficial de clavicórdio da corte. O próprio rei compusera os oito compassos de um cânone e pedira a Bach que desenvolvesse o tema. Alguém me contou que o velho compositor tinha muito talento para esse tipo de coisa. Já escrevera e desenvolvera cânones com seu próprio nome e o de Jesus Cristo ocultos entre as variações harmônicas em notação matemática. Já inventara contrapontos invertidos de grande complexidade, em que a harmonia era como a imagem da melodia no espelho.

Euler sugeriu que o velho kapellmeister criasse para o cânone uma variação que na estrutura refletisse o "Infinito". Isto é, Deus em todas suas manifestações. O rei pareceu gostar da ideia, mas tive certeza de que Bach não a aceitara. Como também sou compositor, posso lhe garantir que não é tarefa simples trabalhar melodias compostas por outros. Uma vez tive de compor uma ópera sobre um tema de Jean-Jacques Rousseau, grande filósofo, mas que parecia ter ouvidos revestidos de ferro. Ocultar quebra-cabeças daquela natureza em uma peça musical... Bem, posso lhe dizer que a tarefa me pareceu impossível.

Para minha surpresa, o kapellmeister dirigiu-se ao teclado, com o corpo pequeno e quadrado transbordando de energia. A cabeça grande quase sumia sob uma peruca volumosa, de tamanho visivelmente errado. As sobranceiras, praticamente cobertas de branco, agitavam-se, ameaçadoras como as asas de uma coruja. Um meio sorriso permanente acentuava o nariz aquilino, as mandíbulas

fortes, toda a dureza do rosto, dando-lhe um ar de desdém. Euler sussurrou em meu ouvido que o velho Bach não gostava de fazer música de encomenda e que, sem dúvida, aproveitaria a ocasião para debochar do rei.

O mestre curvou-se sobre o teclado e começou a tocar uma linda e melancólica melodia, que parecia subir sempre mais, como a graça de um pássaro alçando voo. Era uma espécie de fuga e, à medida que fui prestando atenção em sua complexidade misteriosa, compreendi o que ele fizera. Cada frase da melodia tinha início em um tom harmônico, mas terminava um tom acima, de tal forma que, ao final de seis repetições do tema proposto pelo rei, o mestre voltava ao tom inicial. Mas não consegui descobrir o momento exato em que ocorria a transição nem a maneira pela qual ela se dava. Era como um passe de mágica, como a transmutação de metais baratos em ouro. Pude ver, pela extraordinária engenhosidade da estrutura, que aquilo poderia se repetir ao infinito, cada vez mais alto, até que as notas, como a música das esferas, pudessem ser ouvidas apenas pelos anjos.

— Magnífico! — sussurrou o rei, quando Bach parou de tocar, vagarosamente.

Frederico fez então um sinal de aprovação com a cabeça, dirigido aos poucos generais e autoridades que ocupavam as cadeiras desconfortáveis, de madeira, do salão.

— Como se chama essa estrutura? — perguntei a Bach.

— Eu a chamo de Ricercar — respondeu ele, com o rosto duro e inalterado pela beleza da música que acabara de executar. — Significa "procurar", em italiano. É uma forma musical antiga, que há muito já saiu de moda.

Olhando de lado para o filho Carl Philipp, conhecido por sua preferência pela música "popular", Bach apanhou o manuscrito do rei e escreveu, no topo da página, Ricercar, em letras maiúsculas bem separadas. Em seguida, acrescentou a cada uma delas uma palavra latina, formando a frase Regis Iussu Cantio Et Reliqua Canonica Arte Resoluta, que pode ser traduzida como "Música feita pelo rei, o restante solucionado pela arte do cânone". Um cânone é uma estrutura musical em que o tema, iniciado por uma voz, é

rigorosamente imitado, a distância de um ou mais compassos, por outras vozes, até o fim. Dá a impressão de que nunca terminará.

Em seguida, Bach escreveu duas frases em latim, à margem da folha, significando o seguinte:

À medida que as notas se elevam, se eleva a fortuna do rei. Da mesma forma que ascendem as modulações, ascende a glória do rei.

Euler e eu cumprimentamos o velho compositor pela engenhosidade de seu trabalho. Fui, então, convidado a jogar três partidas simultâneas de olhos vendados, contra o rei, o doutor Euler e Wilhelm, filho do [Kapellmeister](#). O velho não jogava xadrez, mas gostava de assistir. Ao final das partidas, todas ganhas por mim, Euler me conduziu a um canto reservado.

— Preparei um presente para lhe dar — disse ele. — Inventei um novo Pulo do Cavalo. Acredito que seja a melhor fórmula já criada para a solução desse exercício matemático. Mas, se você não se importa, gostaria de fazer presente dela ao velho Bach. Como ele gosta muito de jogos de matemática, acho que vai apreciar este.

Bach recebeu o presente com um sorriso estranho e nos agradeceu de forma sincera:

— Sugiro que vocês me encontrem amanhã de manhã, antes da viagem de Herr Philidor, no chalé de meu filho. Deve ser tempo suficiente para que eu também prepare uma surpresa para os dois.

Nossa curiosidade foi espicaçada e concordamos de imediato com o encontro. Na manhã seguinte, Bach nos recebeu à porta do chalé de Carl Philipp. Levou-nos à pequena sala de estar e nos ofereceu chá. Depois, sentou-se em frente a um pequeno cravo e começou a tocar uma estranha melodia. Quando terminou, Euler e eu nos sentimos muito confusos.

— Esta é a surpresa! — exclamou Bach, com um jeito alegre que desmentiu a expressão normalmente sombria. E acrescentou, ao perceber que Euler e eu não tínhamos entendido nada: — Olhem bem para a partitura!

Fomos até junto ao cravo. Lá, escorada pelo suporte, estava nada mais, nada menos que a fórmula do Pulo do Cavalo que Euler preparara e lhe dera na noite anterior. Consistia em um grande desenho de um tabuleiro, com todas as casas ocupadas por

números. Bach interligara os números, transformando o tabuleiro em uma teia de finas linhas que, embora não me parecessem fazer qualquer sentido, obviamente possuíam para ele um significado especial. Mas Euler, matemático que era, tinha a mente mais ágil que a minha para aquelas coisas.

— Você transformou os números em oitavas e acordes! — exclamou. — Mas, por favor, mostre-me como fez isso! Transformar matemática em música!... É pura mágica!

-A matemática é música - retrucou Bach. - E a recíproca é verdadeira. Não faz diferença que se acredite que a palavra "música" deriva de musa, ou de mute, que significa "a boca do oráculo". Se você achar que "matemática" deriva de mathenein, que quer dizer "aprendizado", ou de matrix, o útero de toda a Criação, não faz a menor diferença...

— Você estudou também a origem das palavras?

— As palavras têm o poder de criar e matar — sentenciou Bach, de maneira simples. — O Grande Arquiteto, que nos criou a todos, foi também o criador das palavras. Na verdade, Ele as criou antes de nós, se acreditarmos no que diz São João, no Novo Testamento.

— O que você disse? "O Grande Arquiteto"? - Euler empalideceu.

— Refiro-me a Deus como o Grande Arquiteto porque ele arquitetou o mundo a partir do som. "No princípio era o Verbo..." Lembra-se? Quem sabe? Talvez não fosse apenas o verbo. Talvez fosse música. Pode ser que Deus tenha se posto a cantar um cânone infinito, inventado por Ele mesmo, e que por meio de tal música tenha dado origem ao Universo.

Euler empalideceu ainda mais. Embora tivesse perdido um dos olhos estudando o Sol com uma lente, o matemático fixou com grande intensidade o olho são no Pulo do Cavalo, ainda sobre o suporte do cravo. Passeou os dedos pelo diagrama sem fim, composto por minúsculos números anotados no tabuleiro, e pareceu perdido em seus próprios pensamentos antes de falar de novo:

— Onde você aprendeu essas coisas? O que você acabou de descrever é um segredo obscuro e perigoso, conhecido apenas pelos iniciados.

— Eu mesmo me iniciei — respondeu, tranquilamente, o sábio compositor. — Sei que existem sociedades secretas de homens que dedicam suas vidas à procura do entendimento dos mistérios do Universo, mas não faço parte de nenhuma delas. Procuo a verdade à minha própria maneira.

Tirou do suporte o tabuleiro desenhado com a fórmula, tomou uma pena e acrescentou duas palavras no topo do papel: Quaerendo invenieís — "Procura e encontrarás". Em seguida, passou-me o Pulo do Cavalo.

— Não estou entendendo - respondi um tanto confuso.

— Herr Philidor, você é ao mesmo tempo um Mestre de Xadrez, como o doutor Euler, e um compositor, como eu. Combina numa só pessoa dois talentos muito valiosos.

— Valiosos de que modo? — perguntei, delicadamente. — Devo confessar que até hoje não encontrei muito valor neles, do ponto de vista financeiro.

Bach deu uma risadinha.

— Embora às vezes seja difícil lembrar, há em movimento, no Universo, forças mais poderosas do que o dinheiro. Por exemplo: você já ouviu falar no Xadrez de Montglane?

Em lugar de responder, tive de me voltar para Euler, que deixou escapar um grito estrangulado de espanto.

— Está vendo? — continuou Bach. — O nome é familiar a nosso amigo Herr Doktor. Talvez eu possa lhe ensinar algo sobre isso.

Ouvi fascinado todo o relato de Bach a respeito do estranho Xadrez, que pertencera a Carlos Magno e gozava da reputação de possuir propriedades mais poderosas. Ao fim da história, o compositor acrescentou:

— A razão pela qual pedi a presença de vocês aqui, hoje, foi o desejo de fazer uma experiência. Estudei, durante toda a vida, os estranhos poderes da música. Poucos seriam capazes de ousar negar a existência de tais poderes. Ela é capaz de tranquilizar um animal feroz e de induzir à batalha um homem pacato. Com o tempo, aprendi, mediante inúmeras experiências, o segredo desses poderes. A música tem uma lógica própria. É semelhante à lógica da matemática, mas apresenta algumas diferenças, pois ela não se

comunica simplesmente com nossas mentes. A música, na verdade, modifica nosso pensamento, de modo imperceptível.

— O que o senhor quer dizer com isso?

Eu sentia que Bach atingira um ponto de minha alma que nem eu próprio sabia definir. Ele tocara algo de cuja existência eu sempre soubera, mas que só era capaz de sentir quando ouvia uma melodia linda e pungente ou quando jogava xadrez.

— Quero dizer que o Universo é como um jogo matemático numa escala gigantesca. A música é uma das mais puras formas de matemática. Qualquer fórmula matemática pode ser convertida em música, como acabei de fazer com a do doutor Euler.

Olhou para o sábio, que fez um gesto de cabeça, como se os dois dividissem um segredo que, até então, eu desconhecia.

— E a música pode ser convertida em matemática, com resultados surpreendentes — continuou Bach. — O Arquiteto que construiu o Universo assim o determinou. A música tem o poder de criar um universo ou de destruir uma civilização. Se não acredita, sugiro que leia a Bíblia.

Euler ficou alguns momentos em silêncio. Finalmente, concordou:

— É verdade. Há outros arquitetos, na Bíblia, cujas histórias são igualmente reveladoras...

— Meu amigo — disseme Bach, com um sorriso —, como já disse, procura e encontrarás. Quem compreende a arquitetura da música compreenderá por certo o poder do Xadrez de Montglane. Ambos são David ouviu com atenção toda a história. Agora, já perto do portão de sua casa, interrompeu Philidor, desanimado:

— Mas o que significa tudo isso? O que a música e a matemática têm a ver com o Xadrez de Montglane? O que qualquer uma dessas coisas tem a ver com o poder, na Terra ou no Céu? Sua história apenas reforça minha idéia de que esse jogo lendário atrai os místicos e os tolos. Por mais que me desagrade designar assim o doutor Euler, sua história me faz pensar que ele era presa fácil de tais fantasias.

Philidor parou sob as castanheiras que recobriam a entrada da casa do pintor.

— Estudei o assunto durante anos e anos. Finalmente, embora nunca tivesse meu interesse despertado pelo estudo da Bíblia, resolvi lê-la, como haviam sugerido Euler e Bach. O compositor morreu pouco depois de nosso encontro, e Euler logo emigrou para a Rússia, de modo que nunca mais voltei a encontrar qualquer dos dois para discutir o que descobri.

— E o que o senhor descobriu? — quis saber David, tirando do bolso a chave do portão.

— Os dois me disseram que estudasse os arquitetos. Foi o que fiz. Só há dois arquitetos notáveis na Bíblia. Um é o Arquiteto do Universo, o próprio Deus. O outro é o arquiteto da Torre de Babel. Descobri que Babel significa "O Portão de Deus". Os babilônios eram gente orgulhosa. Ergueram a maior civilização, desde a origem dos tempos. Construíram jardins suspensos que rivalizavam com as mais belas obras da natureza. E quiseram construir uma torre que alcançasse o Céu, que alcançasse o Sol. Tive certeza de que Bach e Euler se referiram a ela em seus conselhos.

Os dois atravessaram o portão.

— O arquiteto — continuou Philidor - chamava-se Nimrod. O maior arquiteto de sua época. Construiu uma torre mais alta do que qualquer outra existente, mas jamais a terminou. Você sabe por quê?

— Deus a destruiu, se me lembro bem da história.

— Mas como Ele a destruiu? Não foi com um raio, nem com uma inundação ou com uma praga, como costumava fazer. Vou lhe contar como Deus destruiu a torre de Nimrod, meu amigo. Deus fez com que cada operário passasse a falar uma língua diferente, em lugar da língua comum que sempre haviam falado. Deus destruiu a linguagem. Destruiu o Verbo!

Só então David percebeu que um criado, vindo do interior da casa, atravessava correndo o jardim.

— E o que devo depreender disso? — perguntou, com um sorriso cínico. — Que é assim que Deus destrói as civilizações, tornando os homens mudos? Ou criando novas línguas incompreensíveis? Nós, franceses, nos orgulhamos de nossa língua, como se valesse mais do que o ouro!

— Talvez suas pupilas nos ajudem a resolver o mistério, já que viveram em Montglane - disse Philidor. - Pois acredito que é esse poder, o poder da música da linguagem, da matemática da música, do segredo do Verbo com que Deus criou o Universo e destruiu o império da Babilônia... É esse poder, acredito, o segredo oculto no Xadrez de Montglane.

O criado de David alcançou-os e manteve-se a uma distância respeitosa, esfregando ansiosamente as mãos.

— O que houve, Pierre? - quis saber o pintor.

— As jovens senhoritas, monsieur... - A voz revelou toda a preocupação. — Elas desapareceram.

— O quê? O que você quer dizer com isto?

— Desde as duas da tarde, monsieur. Receberam uma carta pelo correio da manhã. Foram lê-la no jardim. Na hora do almoço, saímos para procurá-las, mas as duas haviam desaparecido. Talvez... Não consigo pensar em outra explicação... Talvez tenham pulado o muro do jardim. Não voltaram até agora.

DEZESSEIS HORAS

Nem mesmo o fragor da multidão, lá fora, conseguia abafar os gritos lancinantes que ecoavam no interior da prisão de l'Abbaye. Mireille nunca mais seria capaz de apagar da mente aqueles sons pavorosos.

A turba já se cansara, havia muito, de tentar forçar os portões e se contentara em sentar-se sobre as capotas das carruagens, salpicadas pelo sangue dos padres massacrados. A rua estava coberta de corpos mutilados e pisoteados.

Os julgamentos tinham começado mais de uma hora antes. Alguns homens fortes haviam erguido outros, mais leves, até os muros da prisão, e estes, largando no interior do prédio as ferramentas para que servissem como armas, pularam para dentro do pátio. Um homem, de pé sobre os ombros de outro, gritou para dentro:

- Abram os portões, cidadãos! Hoje a justiça terá de ser feita!

A multidão ululou ao ouvir o ruído de uma tranca sendo levantada. Um dos imensos portões de madeira começou a recuar, e a malta, jogando todo seu peso contra ele, se esparramou pelo interior da prisão.

Mas os soldados garantiram, com seus mosquetões, que a maior parte ficasse de fora, e o portão tornou a ser fechado. Mireille e os demais viram-se obrigados a aguardar os relatos dos que haviam subido ao muro e de lá narravam o simulacro dos julgamentos e a carnificina que se seguia a eles.

Mireille esmurrou o portão e tentou escalar o muro, sem nenhum êxito. Teve de se conformar à espera de que o portão se abrisse de novo, ainda que por um só segundo, permitindo-lhe forçar a entrada.

Finalmente seu desejo foi satisfeito. Às quatro da tarde, uma carruagem aberta que chegava à ruela, com o cavalo tateando com as patas entre os corpos desfigurados, atraiu seu olhar. As cidadãs

sentadas sobre as outras carruagens gritaram, todas ao mesmo tempo, quando reconheceram o passageiro. Os homens saltaram de seus poleiros sobre o muro. Toda a massa de esfarrapados tentou correr na direção do veículo. Mireille pôs-se em pé de um salto, espantada — era David!

— Tio! Tio! - gritou, abrindo caminho à força entre a multidão, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

David reconheceu-a e uma sombra cobriu-lhe o olhar quando saltou da carruagem e tentou também forçar o caminho entre a turba para ir a seu encontro.

—Mireille! — conseguiu gritar, enquanto a multidão quase o esmagava, na tentativa de lhe dar tapinhas nas costas e lhe dizer coisas lisonjeiras. — O que aconteceu? Onde está Valentine?

Seu rosto encheu-se de horror quando conseguiu abraçar a sobrinha, que lhe sussurrou, entre soluços:

- Está dentro da prisão! Viemos encontrar uma amiga... Nós... Não sei mais o que aconteceu, tio! Talvez já seja tarde demais...

- Venha comigo — comandou, passando o braço sobre os ombros da moça e forçando mais uma vez a passagem, dando tapinhas amigáveis, aqui e ali, nos membros da turba que conseguiu reconhecer.

— Abram os portões! — gritaram alguns homens sobre o muro. — O cidadão David está aqui! O pintor David está do lado de fora.

Depois de alguns instantes, o portão pesado se entreabriu e a massa empurrou David pelo vão. Entre os inúmeros corpos sujos que conseguiram passar pela fresta, David e Mireille viram-se de repente do lado de dentro, antes que o portão fosse fechado de novo, contra a pressão da turba.

O pátio estava lavado de sangue. Em uma pequena elevação gramada do que fora o jardim do monastério, um soldado tentava inutilmente cortar com a espada a cabeça de um padre, segura por outros e forçada para trás sobre um cepo de madeira. O padre ainda vivia. A cada tentativa ineficiente do militar com sua espada, a vítima buscava erguer o corpo, mas tudo o que conseguia era espirrar o sangue pelas feridas do pescoço. Na boca, escancarada, pairava um grito silencioso de pavor.

Gente corria de um lado para outro pelo pátio, saltando por cima dos corpos espalhados nas mais horríveis posições ou pisando neles. Ninguém calcularia quantos cadáveres havia ali. Braços, pernas, troncos tinham sido atirados por todos os cantos, entre as sebes cuidadosamente aparadas. Tripas jaziam empilhadas entre os arbustos.

Mireille agarrou-se ao braço de David e começou a gritar, lutando contra a falta de fôlego. O tio trouxe seu ouvido, à força, contra os lábios e sussurrou, em tom feroz:

— Contenha-se, senão estamos perdidos. Temos de achá-la rapidamente, de qualquer maneira!

A moça tentou se controlar, enquanto o pintor, com desespero nos olhos, examinava a cena. As mãos sensíveis, acostumadas aos afazeres da arte, tremeram quando conseguiu agarrar pela manga um homem que passou, com um surrado uniforme de soldado. Não era um dos guardas da prisão. A boca parecia coberta de sangue, embora não tivesse nenhuma ferida visível.

— Quem dá as ordens aqui? Quem está no comando?

O soldado riu e apontou para uma longa mesa de madeira, à qual estavam sentados vários homens, bem perto da entrada da prisão. Em frente da mesa comprimia-se uma verdadeira multidão, irrequieta, incapaz de se manter em um só lugar.

Enquanto David empurrava Mireille na direção indicada, três padres foram arrastados pela escada que descia do segundo andar e atirados ao chão, em frente à mesa. A massa urrou insultos e os soldados tiveram de erguer suas baionetas e empurrá-la para trás. Os mesmos soldados, em seguida, forçaram os padres a se porem em pé e encararem os cinco homens da mesa. Cada um deles se dirigiu, por sua vez, aos prisioneiros. Um consultou o maço de papéis que tinha diante de si, anotou qualquer coisa e fez um sinal com a cabeça.

Os padres foram forçados a caminhar para o centro do pátio. Seus rostos ficaram brancos como de fantasmas ou máscaras mortuárias, ao verem o destino que os aguardava. O populacho do interior da prisão deixou escapar um urro ensurdecido quando percebeu que novas vítimas eram arrastadas para o sacrifício.

David agarrou Mireille com mais força ainda e empurrou-a em direção à mesa dos juizes, entre a malta excitada, louca para ver de perto as execuções. Conseguiu chegar a ela no exato momento em que os homens encarapitados sobre o muro gritavam o primeiro veredicto para a multidão que ficara de fora:

— Morte para frei Ambrose de San Sulpice!

Os que estavam do outro lado do muro responderam com um urro de aprovação.

— Sou Jacques-Louis David! — gritou o pintor, quase ao ouvido de um dos juizes, tentando sobrepujar o alarido. — Sou membro do tribunal revolucionário! Danton me mandou aqui para...

— Sabemos bem quem você é, David - respondeu o homem que se encontrava no outro extremo da mesa.

O pintor encarou-o e ficou de boca aberta, sem saber o que dizer. Mireille olhou também para o juiz que falara e sentiu o sangue gelar nas veias. O homem tinha o tipo de rosto que só se vê em pesadelos, o tipo de rosto em que a abadessa a fizera pensar quando a alertara para os perigos da missão. Era a própria face do Mal.

Horrendo! A carne do rosto era um amontoado de cicatrizes e pústulas supuradas. De um pano imundo, atado a sua testa, escorria um líquido purulento de cor indefinida, que ensopava o pescoço e as pontas sebosas do cabelo. Sorriu ironicamente para David, e Mireille imaginou que as feridas que lhe recobriam a pele deviam ser vazadouros do mal que o habitava, pois aquilo só podia ser a encarnação do Demônio.

— Ah! É você... — David conseguiu sussurrar. — Pensei que estivesse...

— Doente? — sorriu desdenhoso. — Estou, sim, mas nunca o bastante para me furtar a servir à Pátria, cidadão!

David conseguiu se aproximar do homem pavoroso, esgueirando-se ao longo da mesa, embora desse a impressão de que ele próprio relutasse em se aproximar demais. Sussurrou ao ouvido de Mireille:

— Não diga nada. Estamos em perigo. Quando se viu frente ao juiz, falou alto:

— Vim aqui por ordem de Danton, para ajudar no tribunal.

— Não estamos precisando de ajuda, cidadão — rosnou o outro.
— Esta prisão é apenas a primeira. Há inimigos do Estado amontoados em todas as prisões. Quando terminarmos aqui, vamos partir para as outras. Não faltam voluntários onde a justiça se faz necessária. Vá dizer ao cidadão Danton que eu estou aqui. O problema está em boas mãos.

— Ótimo — disse David, tentando desajeitadamente alcançar o ombro do homem com um tapinha amigável, no exato momento em que a multidão a suas costas tornava a ulular. — Sei que você é um cidadão honrado e um membro da Convenção. Mas há outro problema. Tenho certeza de que você vai me ajudar.

Apertou com força a mão de Mireille, que se manteve em silêncio, prendendo a respiração para ouvir as palavras seguintes.

— Minha sobrinha estava passando aqui em frente, por acaso, hoje alarde, e na confusão foi trazida para dentro. Achamos... espero que nada lhe tenha acontecido, pois não passa de uma menina, sem nenhum conhecimento de assuntos políticos. Peço-lhe que me permita procurá-la.

— Sua sobrinha? - retrucou o outro, com um sorriso debochado. Mergulhou as mãos em um balde a seu lado e tirou dele um pano molhado. Arrancou da testa o outro pano e o atirou no balde, substituindo-o pelo novo, que atou com um nó atrás da nuca. A água correu pelo rosto, carregando consigo o pus das feridas abertas. Mireille sentiu o cheiro da podridão interior daquele homem, mais forte que o fedor da morte e do medo que empestava o pátio. Sentiu-se fraca e pensou que ia desmaiar. Outro grito se elevou da multidão e ela evitou entender o que significava o vozerio.

— Não se dê ao trabalho de procurá-la. Ela será a próxima a comparecer perante o tribunal. Sei bem quem são suas pupilas, David, inclusive a que você tem a seu lado. — Fez um gesto com a cabeça em direção a Mireille, sem levantar o olhar para ela.

— São nobres descendentes em linha direta do sangue de Remy. Vieram da abadia de Montglane. Já interrogamos sua "sobrinha", aqui dentro da prisão.

— Não! — gritou Mireille, afastando-se bruscamente de David. — Valentine! O que fizeram com ela?

Debruçou-se sobre a mesa e tentou agarrar o homem asqueroso pela camisa, mas o tio evitou seu gesto desesperado.

— Não seja idiota! — sussurrou David em tom feroz.

A moça estava quase conseguindo se livrar dos braços do tio quando outra gritaria explodiu. O juiz elevou uma das mãos e dois corpos foram atirados escada abaixo, caindo atrás da mesa.

Mireille reconheceu, pelo cabelo loiro, o corpo frágil que rolava pela escada, e correu para trás da mesa, ela também. Ao lado de Valentine, caíra um jovem padre, que logo se ergueu e ajudou Valentine a se pôr em pé, bem a tempo de ser acolhida pelos braços de Mireille.

— Valentine! Valentine!

Examinou o rosto machucado da prima, os lábios partidos e sangrando.

— As peças... — sussurrou a noviça, com o olhar vagueando pelo salão e pelo pátio. — Claude me disse onde estão. São seis...

— Não se preocupe com isso agora. — Mireille a abraçou com mais força. — Nosso tio está aqui. Vamos tirar você deste...

— Não, prima! Eles vão me matar. Eles sabem a respeito das peças. Você não se lembra? O fantasma... De Remy, de Remy! - começou a balbuciar o nome da família, repetindo-o sem nenhum sentido.

Mireille tentou fazer com que se calasse, mas foi agarrada por um soldado e afastada, debatendo-se em seus braços. Procurou David com um olhar desesperado. O tio, debruçado sobre a mesa, falava agitada mente com o juiz asqueroso. A moça continuou lutando, tentou morder o braço do soldado. Dois homens aproximaram-se e carregaram Valentine para a frente da mesa, mantendo-a de pé com as mãos sob seus braços. Por um instante, o olhar da prima encontrou o de Mireille. A expressão de seu rosto pálido era de pavor. Mas logo sorriu, um sorriso que explodiu naquele lugar como um raio de sol entre nuvens de tempestade. Mireille abandonou por um momento a luta e retribuiu o sorriso. Foi naquele exato instante que as vozes dos homens atrás da mesa se fizeram ouvir, um som ríspido que chicoteou seus ouvidos e ecoou pelas paredes do pátio:

— Morte!

Mireille livrou-se do soldado, deu um grito e correu para David, que desabara em lágrimas sobre a mesa. Valentine foi arrastada pelo calçamento de pedras do pátio, na direção do que restava de gramado. Mireille lutou como uma fera contra a floresta de braços que tentavam subjugar-lá. Sentiu uma pancada forte, de lado. Caiu, junto com o soldado que a segurava. Percebeu que o jovem padre jogado escada abaixo com a prima estava tentando ajudá-las, arremessando o próprio corpo contra o do soldado. Aproveitou os segundos em que os dois homens rolaram pelo chão para escapar. Correu de volta à mesa, sobre a qual David chorava, impotente. Agarrou pela camisa imunda o juiz e gritou, o rosto quase encostado ao dele:

— Cancele a ordem!

Viu, com o canto dos olhos, Valentine sendo presa ao chão por dois homens fortes, sem os casacos e com as mangas das camisas arregaçadas.

Não havia um momento a perder.

— Solte-a! Mande que a soltem! - gritou.

— Está bem — respondeu o homem. — Mas só se você me disser o que sua prima se recusou a dizer. Diga-me onde está escondido o Xadrez de Montglane. Sei muito bem com quem sua amiguinha conversava no momento da prisão...

— Se eu lhe disser - Mireille tornou a olhar para Valentine —, você manda soltar minha prima?

— Quero aquelas peças! - retrucou o homem, com ferocidade. Olhou-a com uma expressão dura, cruel. Os olhos de um louco, pensou Mireille. Tinha medo dele, no íntimo, mas sustentou o olhar, em desafio.

— Se eu disser você a solta?

— Diga-me onde estão!

Mireille aspirou o hálito malcheiroso quando ele se aproximou ainda mais. David soluçava a seu lado, mas ela não lhe deu a mínima atenção. Respirou fundo, pediu perdão mentalmente a Valentine e disse devagar:

— Estão enterradas nos fundos do jardim do ateliê de meu tio. - Ah! Ah!

Os olhos do homem brilharam com uma luz desumana. Debruçou-se ainda mais sobre a mesa, quase encostando o rosto no dela.

— Você não ousaria mentir... Se mentisse, eu a perscguiria até o fim do mundo! Quero aquelas peças para mim!

— Peça-lhe que acredite, monsieur. O que eu disse é a verdade.

— Então acredito.

Ergueu a mão e voltou a olhar para os dois homens que mantinham Valentine subjugada, à espera de um sinal.

Mireille olhou bem para aquele rosto contorcido, tão horrível que nem parecia humano, e jurou que, enquanto vivesse, nunca o esqueceria. Guardaria para sempre os traços daquele homem que detinha nas mãos a vida de sua prima querida, que poderia acabar com ela a um simples gesto. Nunca o esqueceria.

— Quem é você? — perguntou, enquanto ele ainda mantinha os olhos na direção do pátio.

Ele voltou-se devagar para encará-la, o ódio no olhar fazendo gelar o sangue.

— Sou o furor dos pobres — sussurrou. — A nobreza cairá, o clero cairá, a burguesia cairá! Pisaremos sobre os cadáveres de todos eles. Cuspo em seu rosto, cuspo em vocês todos, pois o sofrimento que já causaram se voltará contra vocês. Farei com que o próprio céu desabe sobre vocês. Vou ter para mim o Xadrez de Montglane! Vai ser meu, somente meu! Se não o encontrar onde você disse, eu a caçarei até o inferno! Você pagará! — O veneno da voz ficou gravado nos ouvidos de Mireille. - Continuem com a execução! Morte! A sentença é a morte!

— Não! — gritou Mireille.

Um soldado tentou outra vez segurá-la, mas ela tornou a se livrar. Num gesto instintivo, frenético, atravessou às cegas o pátio, arrastando a saia sobre as poças de sangue que haviam se formado entre as pedras do calçamento. Na confusão de rostos e braços erguidos, viu o machado de dois gumes afiados se erguer sobre o

corpo prostrado de Valentine. O cabelo loiro da moça, parecendo prateado à luz quente do verão, se abria em leque atrás da cabeça.

Mireille atirou-se entre a massa compacta, cada vez mais perto da cena pavorosa, perto o bastante para ver a morte bem junto aos olhos. Num só movimento, arremessou-se com um mergulho sobre o corpo de Valentine, no momento exato em que o machado se abateu.

O XEQUE DUPLO

Deve-se sempre procurar uma posição que permita a escolha entre duas alternativas.

- Talleyrand

Na quarta-feira, à noitinha, atravessei a cidade de táxi para encontrar Lily Rad no endereço que ela me fornecera: rua 47, entre a Quinta e a Sexta avenidas. O lugar chamava-se Gotham Book Mart, um mercado de livros onde eu nunca estivera.

Na véspera, à tarde, Nim me levava de volta ao apartamento e me dera instruções rápidas a respeito de como marcar a porta, de forma a saber se alguém andara visitando o apartamento em minha ausência. Como preparativo para minha viagem à Argélia, me fornecera um número de telefone especial, que me poria em contato imediato com seu computador Centrex, a qualquer hora do dia ou da noite. Para um homem que não confiava em telefones, não foi pouca coisa!

Nim conhecia, na Argélia, Minnie Renselaas, viúva de um cônsul holandês. Pelo que disse, era uma mulher rica e bem informada, capaz de descobrir qualquer coisa de que eu precisasse. De posse dessa informação, concordei, embora relutante, em avisar Llewellyn de que tentaria localizar as peças do Xadrez de Montglane para ele. Não gostei disso — não gosto de mentir —, mas Nim me convenceu de que achar o maldito conjunto seria a única maneira de conseguir um pouco de paz de espírito — e, sobretudo, de escapar com vida daquela história.

Nos últimos três dias, eu andara preocupada com outra coisa, que não a própria vida nem o tal Xadrez, que talvez nem mesmo existisse. Estivera preocupada com Saul. Nada saíra na imprensa a respeito de sua morte.

O jornal de terça-feira trouxera três matérias sobre a ONU, mas todas elas versavam sobre a fome no mundo e a guerra do Vietnã. Nem a mais remota menção à existência de um cadáver sobre o

bloco de pedra. Quem sabe?, pensei, talvez eles jamais limpassem o Salão de Meditação. Mas a ideia não me convenceu muito. Continuei a achar tudo muito estranho. Para piorar, embora se tivesse noticiado de forma sucinta a morte de Fiske e o adiamento do torneio por uma semana, ninguém dissera absolutamente nada a respeito de seus aspectos suspeitos.

O jantar de Harry fora marcado para quarta-feira. Eu não falara com Lily desde domingo, mas tinha certeza de que a família já descobrira a morte de Saul. Afinal, ele fora empregado da casa durante vinte e cinco anos. Detestei a ideia do encontro com eles. Se eu conhecia bem Harry, tínhamos uma espécie de velório. Os empregados eram como parte da família, para ele. Comecei a ficar preocupada com os artifícios que precisaria usar para não deixar transparecer o que já sabia.

Quando o táxi saiu da Sexta Avenida, notei que os empregados já estavam fechando as lojas, baixando as grades de ferro que protegiam as vitrines durante a noite. Dentro delas, caixeiros arrumavam, em bandejas, luxuosas peças de joalheria. Percebi que me encontrava no coração do "bairro dos diamantes". Quando desci do carro, vi grupinhos de homens conversando na calçada, todos de casacos negros e cartolas de feltro. Alguns usavam barbas compridas, grisalhas em muitos casos, todas tão longas que chegavam a encobrir os colarinhos.

O Gotham Book Mart ficava logo adiante. Passei pelos grupos de barbudos e entrei por um pequeno saguão atapetado, como o de uma casa em estilo vitoriano. Uma escada larga levava ao segundo andar. A esquerda, uma escadinha menor descia para a entrada da livraria.

O chão era de madeira, dutos de aquecimento contornavam o teto. Nos fundos, portas davam acesso a várias outras salas, todas atulhadas de livros do chão ao teto. Por todos os cantos havia pilhas de volumes ameaçando desabar ao menor toque. Os caminhos entre as estantes e as pilhas estavam cheios de pessoas que me davam passagem de má vontade, aparentemente sem tirar os olhos do que liam.

Encontrei Lily na última sala. Ela usava um casaco vermelho de pele de raposa, brilhante, e meias de tricô da mesma cor. Parecia profundamente interessada na conversa que mantinha com um velhinho enrugado que não chegava à metade de seu tamanho. O homem trajava a mesma espécie de uniforme que os vizinhos da calçada, mas não tinha barba. O rosto escuro assemelhava-se a um mapa coberto de rugas. Os óculos grossos de aros de ouro faziam com que os olhos parecessem enormes e densos. Compunha, com Lily, um estranho casal.

Quando percebeu minha chegada, ela pôs a mão sobre o braço do velho e lhe disse qualquer coisa. Ele voltou-se para mim.

— Cat, este é Mordecai - disse Lily. — É meu avô e meu mestre há um bom tempo e sabe muito a respeito de xadrez. Achei que talvez pudesse nos ajudar com nosso probleminha.

Entendi que ela se referia a Solarin, mas eu estava mais interessada, devido aos acontecimentos dos últimos dias, em tirá-la dali para conversar um pouco a respeito de Saul, antes de enfrentar aquela família de leões em sua toca.

— Mordecai é um famoso Grande Mestre, embora tenha parado de jogar há muito. Já publicou vários livros de xadrez.

— Assim você me encabula — retrucou Mordecai, com ar modesto, sorrindo para mim. — Na verdade, ganhei a vida como comerciante de diamantes. O xadrez é apenas minha diversão.

— Cat esteve comigo no torneio, no domingo passado.

-Ah! — exclamou o velho, examinando-me mais atentamente através das grossas lentes. — Estou entendendo. Então você também foi testemunha do que aconteceu. Convido as jovens para um chá. Há um salão logo adiante, nesta mesma rua, onde poderemos conversar à vontade.

— Bem... Não gostaria de me atrasar para o jantar. O pai de Lily ficaria magoado.

— Eu insisto. — Mordecai foi delicado mas muito firme. Tomando meu braço e conduzindo-me em direção à porta, acrescentou: — Também tenho compromissos inadiáveis para hoje à noite, mas ficaria muito desapontado se não pudesse ouvir sua versão da morte misteriosa do Grande Mestre Fiske. Eu o conhecia bem. Espero que

sua história seja menos exagerada que a que me foi contada por minha... amiga Lily.

Houve um pouco de confusão quando atravessamos o salão principal. Mordecai teve de soltar meu braço para que pudéssemos passar em fila indiana, com Lily à frente. Foi um alívio voltar ao ar frio da rua, depois do abafamento da livraria. Lá fora, Mordecai tornou a me dar o braço. A maioria dos comerciantes de diamantes desaparecera, e as luzes das lojas haviam sido apagadas.

— Lily me disse que sua especialidade é processamento de dados.

— O senhor se interessa por computadores?

— Não, não exatamente. Mas fico muito impressionado com o que são capazes de fazer. Talvez se possa dizer que sou uma espécie de estudioso de fórmulas. - Deu uma risadinha alegre, de boca bem aberta. - Já fui matemático, Lily não lhe contou? - Voltou-se para procurar por ela, que havia se atrasado, mas logo se juntou a nós. — Estudei um semestre em Zurique com Herr professor Einstein. Era tão genial que nenhum de nós conseguia entender uma só palavra do que dizia! Distraído, às vezes esquecia do que estava falando e saía em silêncio da sala, mas nem por isso qualquer um de nós se atrevia a rir. Respeitávamos demais sua genialidade. — Parou para tomar também o braço de Lily, antes de atravessarmos a rua estreita. - Uma vez, fiquei doente, em Zurique, e o doutor Einstein foi me visitar. Sentou-se ao lado de minha cama e começamos a conversar a respeito de Mozart. Ele gostava muito de Mozart. Einstein era um excelente violinista, sabia? — Tornou a sorrir para mim e Lily deu um apertão em seu braço.

— Mordecai teve uma vida muito interessante — disse-me ela. Notei que Lily parecia muito bem-comportada. Nunca a tinha visto tão respeitosa.

— Mas preferi abandonar a carreira de matemático - continuou o velho. — Dizem que exige uma vocação tão forte quanto o sacerdócio. Preferi ser comerciante. Ainda me interessa, no entanto, pelas coisas da matemática. Ah! Chegamos.

Conduziu-nos através de uma porta vaivém e por uma escada. Ainda a caminho, acrescentou:

— Sempre achei que os computadores são a oitava maravilha do mundo. — Tornou a dar sua risadinha alegre.

Enquanto me equilibrava na escada, comecei a me perguntar se teria sido coincidência a referência que ele fizera a fórmulas e à oitava maravilha. No fundo da consciência, ouvi de novo um refrão: "no quarto dia do quarto mês, chegará o Oito!"

O pequeno salão de chá ficava no mezanino, com vista para uma espécie de galeria de pequenas joalherias. Lá embaixo, todas as lojas estavam fechadas, mas o salão transbordava com aqueles mesmos homens que eu vira conversando na calçada, meia hora antes. Eles haviam substituído os chapéus por pequenos gorros circulares. Alguns tinham, nos cabelos, tranças que desciam pelos lados do rosto, até a altura do queixo, como as do próprio Mordecai.

Encontramos uma mesa vazia e Lily se ofereceu para ir buscar o chá. Mordecai afastou a cadeira para mim e foi sentar-se do outro lado da mesinha, a minha frente.

— As trancinhas se chaman payess — explicou. — Tradição religiosa. Os judeus não devem cortar a barba ou as costeletas porque está escrito no Levítico: "Não cortareis os cabelos em redondo, nem danificareis as extremidades da barba."

— Mas o senhor não usa barba...

— Não — respondeu Mordecai, com ar triste. — A Bíblia também diz: "Esaú, meu irmão, é homem cabeludo, e eu, homem liso." Gostaria de ter uma barba longa... Acho que me daria um ar de bravura. — Seus olhos brilharam por trás das lentes. — Mas tudo o que consigo é o famoso buço de adolescente.

Lily chegou com a bandeja e arrumou as xícaras fumegantes em frente a cada um de nós.

— Na Antiguidade, os judeus costumavam deixar os cantos das plantações intocados, durante as colheitas, para que os velhos da aldeia e os viajantes tivessem uma forma de sustento. Os viajantes sempre foram muito valorizados em nossa fé. Há algo místico no próprio conceito de viajante. Minha amiga Lily me disse que você está prestes a partir de viagem...

— Estou — confirmei, mas não tive coragem de testar a reação de Mordecai contando que iria passar um ano em um país árabe.

— Lily não trouxe o creme — disse ele. — Você gosta de creme em seu chá?

Fiz que sim com a cabeça e tentei me levantar, mas ele me impediu:

— Não! Por favor! Eu vou buscá-lo.

Voltei-me rapidamente para Lily, quando ele se afastou:

— Depressa, enquanto estamos sozinhas. Como sua família reagiu ao que aconteceu com Saul?

— Estão todos putos da vida com ele. Principalmente Harry. Vive resmungando e chamando Saul de "filho da puta ingrato".

— Como assim?! Ninguém acha que ele morreu de propósito, não é?

— Do que você está falando?!

— Você por acaso acha que ele foi assassinado porque quis?

— Assassinado?! — Ela arregalou os olhos. — Escute aqui, eu até admito que posso ter exagerado um pouco, com aquela história de sequestro e tudo o mais... Mas, depois daquilo tudo, ele voltou para casa e pediu demissão. De uma hora para outra, sem nenhum aviso! E depois de vinte e cinco anos!

— Estou lhe dizendo: ele morreu. Eu vi o cadáver esticado sobre um bloco de pedra, no Salão de Meditação do edifício da ONU, na segunda-feira de manhã.

Lily ficou me olhando, de boca aberta, com uma colher erguida na mão, parada no ar.

— Há algo muito estranho nisso tudo — insisti.

Lily cochichou um psiu, olhando por cima de um de meus ombros. Mordecai chegava de volta, carregando alguns envelopes de creme.

— Quase tão difícil quanto arrancar um dente — reclamou, sentando de novo entre nós duas. — Parece que hoje em dia não existe mais gente simpática prestando serviço ao público. — Olhou-nos, uma de cada vez, e disparou: — O que houve por aqui em minha ausência? Vocês estão com jeito de quem acabou de saber que alguém pisou em sua sepultura...

— Foi quase isso — resmungou Lily, o rosto pálido como cera. — O motorista de meu pai... parece ter morrido.

— Sinto muito. Ele trabalhou muito tempo com vocês, não foi?

— Começou antes de eu ter nascido.

De olhos vidrados, parecia ter o pensamento a quilômetros dali.

— Ele não era muito jovem, então... Espero que não tenha deixado família.

Mordecai encarou Lily com uma expressão igualmente estranha.

— Conte como foi — comandou Lily. — Diga a ele o que acabou de me dizer.

— Acho que não é o caso de...

— Ele já sabe de tudo a respeito de Fiske. Conte a respeito de Saul. Mordecai voltou-se para mim, com um ar educado.

— Há alguma circunstância dramática no caso? — A voz soou forçadamente desinteressada. — Minha amiga Lily parece acreditar que o Grande Mestre Fiske morreu de causas inaturais. Você tem a mesma opinião?

Tomou um gole de chá, displicentemente. Lily resolveu abrir o jogo:

— Mordecai, Cat me contou que Saul foi assassinado. Ele baixou a xícara, sem levantar os olhos, e suspirou:

— Ah! Exatamente o que eu temia que você fosse contar. — Então, voltou-se para mim, com os olhos extraordinariamente tristes por trás dos óculos grossos: — É verdade?

—Acho que não deveríamos...

Mordecai interrompeu-me, com uma voz ainda calma e educada:

— Como você foi a primeira a saber? Lily e o restante da família não parecem inteirados.

— Eu vi.

Lily ia começar a falar qualquer coisa, mas ele a interrompeu também:

— Senhoritas, senhoritas... Talvez fosse bom começar do começo. Vocês me fariam esse favor?

Repeti toda a história que já contara a Nim. O aviso de Solarin antes do jogo, a morte de Fiske, o desaparecimento misterioso de Saul, os buracos de bala no carro e, finalmente, a aparição do corpo de Saul no prédio da ONU. Deixei fora do relato alguns incidentes como a história da vidente, o homem da bicicleta e o que Nim me

contara sobre o Xadrez de Montglane. Sobre o Xadrez eu jurara guardar segredo, os outros dois eventos me pareceram bizarros demais para que eu os contasse.

— Você explicou tudo muito bem — comentou ele, quando terminei. — Acho que podemos deduzir, com segurança, que as mortes de Fiske e Saul estão relacionadas de alguma forma. O melhor a fazer agora é determinar que acontecimentos e pessoas estabelecem esta relação e, a partir daí, identificar um padrão.

— Solarin! — gritou Lily. — Tudo aponta para ele. É claro que o soviético é o elo entre as duas mortes!

— Por que Solarin? Que motivo ele poderia ter?

— Queria eliminar qualquer um que pudesse ganhar dele no xadrez, para não ter de entregar a tal fórmula da arma secreta!

— Solarin não tem nada a ver com armamentos — disse eu. — Ele se formou em acústica.

Mordecai encarou-me de maneira estranha, outra vez, e confirmou:

— Está certo. Para dizer a verdade, eu o conheço bem. Nunca lhe contei isso, não é, Lily?

Ela ficou em silêncio, com as mãos sobre o colo, obviamente magoada porque seu reverenciado mestre de xadrez lhe ocultara um segredo.

— Foi há muitos anos, quando eu ainda trabalhava com diamantes. Estiquei uma viagem que precisei fazer a Amsterdã até a União Soviética, para visitar uma amiga. Ela me apresentou um rapaz, de seus dezesseis anos, que frequentava sua casa para treinar xadrez...

— Mas Solarin viveu no palácio dos Jovens Pioneiros! — exclamei.

— É verdade, também.

Outra vez aquele olhar estranho. Começou a ficar claro que eu fizera um bom trabalho de casa; achei melhor manter a boca fechada, dali em diante. Ele prosseguiu:

— Mas, na União Soviética, todos jogam xadrez contra todos. Não há muito mais o que fazer por lá, creio. Resolvi jogar uma partida contra Aleksandr Solarin. Fui tolo o bastante para achar que

podia lhe ensinar uma coisinha ou outra... Claro que levei uma verdadeira surra. Aquele rapaz é o melhor jogador que já vi do outro lado de um tabuleiro. Voltou-se para Lily. — É até possível que você ou o Grande Mestre Fiske o tivessem derrotado, minha querida, mas muito pouco provável.

Ficamos todos quietos por um tempo. O céu, lá fora, já se tornara negro, e o salão estava deserto, a não ser por nossa mesa. Mordecai consultou o relógio de bolso e ergueu a xícara, tomando o último gole de chá.

— Muito bem. E então? — perguntou, em tom alegre. — Já conseguiram encontrar outra razão para que alguém pudesse desejar a morte de tantas pessoas?

Lily e eu negamos, com gestos, completamente perdidas.

— Nenhuma solução? — Ele se levantou e apanhou a cartola. — Bem, estou atrasado para um jantar a que me convidaram, e vocês também. Vou pensar mais nesse problema quando tiver um pouco de tempo, mas gostaria de deixar com vocês, para que possam analisá-la bem, minha opinião preliminar: acho que a morte do Grande Mestre Fiske teve muito pouco a ver com Solarin e menos ainda com o torneio de xadrez.

— Mas Solarin foi a única pessoa presente, momentos antes de cada uma das mortes! — gritou Lily.

— Acho que não — respondeu Mordecai, com um sorriso enigmático. — Houve outra pessoa presente em ambas as ocasiões: sua amiga Cat.

— Espere aí... — comecei, mas fui logo interrompida por ele.

— Você não acha estranho que tenham interrompido o torneio por uma semana "em respeito à lamentada morte do Grande Mestre Fiske", mas que nenhum jornal tenha mencionado a hipótese de trapaça no jogo? Não acha estranho ter visto o corpo de Saul num lugar público e, mesmo assim, nada ter saído nos jornais? Que explicação você daria para circunstâncias tão estranhas?

— Um complô! — exclamou outra vez Lily.

— Pode ser. — Mordecai deu de ombros. — Mas você e sua amiga Cat também andaram omitindo um pouquinho da verdade. Podem me dizer por que não foram à polícia quando alguém atirou

no carro? Por que Cat manteve em segredo o encontro de um cadáver, que depois parece ter evaporado?

Lily e eu começamos a falar ao mesmo tempo:

— Mas eu lhe expliquei que queria...

— Fiquei com medo...

— Por favor... — Mordecai ergueu a mão para impor silêncio. —

Essas coisas que vocês estão gaguejando pareceriam ainda mais suspeitas para a polícia do que para mim! E a presença de Cat em todas as ocasiões...

— O que você está tentando dizer?

Apesar da indignação, tornei a ouvir mentalmente a voz de Nim, dizendo que talvez alguém pudesse pensar que eu soubesse de alguma coisa...

— Estou apenas sugerindo que, mesmo que você nada tenha a ver com tais acontecimentos, é possível que eles tenham a ver com você.

Curvou-se para beijar a testa de Lily. Em seguida, apertou formalmente minha mão e fez uma coisa absolutamente inesperada: piscou para mim! E logo desapareceu, pelas escadas, na noite escura.

UM PEÃO AVANÇA

Ela trouxe um jogo de xadrez e convidou-o para uma partida; mas Sharrkan, em vez de observar as peças, ficou com o olhar preso a seus lábios — e colocou o Cavalo no lugar do Elefante e o Elefante no lugar do Rei.

Ela riu e disse:

— Se é assim que você joga, deve conhecer muito pouco de xadrez!

— É apenas nossa primeira partida — retrucou ele. — Não me julgue por ela.

As mil e uma noites

PARIS

3 DE SETEMBRO DE 1792

Apenas uma pequena chama brilhava no candelabro de metal do saguão da casa de Danton. A meia-noite, uma pessoa envolta em longa capa negra, o rosto oculto por um chapéu de abas largas, puxou a corda da campainha. O concierge atravessou o aposento, arrastando os pés, e abriu uma pequena vigia da porta, examinando a figura na escadinha de entrada.

— Pelo amor de Deus, Louis, abra logo! Sou eu, Camille. O ferrolho correu por dentro e o concierge abriu a porta.

— Temos de tomar cuidado, monsieur.

— Eu sei, você está certo — concordou Camille Desmoulins em voz grave, tirando o chapéu e passando a mão pelo cabelo encaracolado. — Acabei de vir da prisão de la Force. Você já deve saber o que... — Interrompeu-se, surpreso, ao notar alguém se movimentando no lado escuro do saguão. — O que é isso? Quem está aí?

O vulto ergueu-se em silêncio, alto, pálido, vestido com elegância, apesar do calor intenso, e estendeu a mão para o rapaz.

— Como vai, meu caro Camille? Espero não tê-lo assustado. Estou à espera de Danton, que ainda não voltou da Convenção — disse Talleyrand.

— Maurice! — Camille apertou a mão do outro, enquanto o concierge deixava a sala. — O que o trouxe aqui tão tarde?

Trabalhando como secretário de Danton, Desmoulins convivera com a família e os costumes daquela casa durante anos.

— Danton teve a bondade de me conceder um salvo-conduto para sair do país. Quero voltar à Inglaterra para retomar as negociações que vinha realizando. Como você sabe, os britânicos se recusaram a reconhecer o novo governo.

— Não sei se vale a pena esperar por ele, hoje. Não soube o que aconteceu na cidade, durante o dia?

Talleyrand fez que sim com a cabeça, num movimento lento.

— Ouvi dizer que os prussianos bateram em retirada. Pelo que entendi, tiveram de voltar correndo para seu país, atacados todos pela disenteria. — Começou a rir. — Não há exército no mundo que consiga lutar depois de três dias bebendo aqueles vinhos da região de Champagne!

— E verdade que derrotamos os prussianos - concordou Desmoulins, sem rir. — Mas estou falando do massacre. — Percebeu, pela expressão de Talleyrand, que ele não soubera de nada. — Começou à tarde, na prisão de l'Abbaye. Depois se espalhou por la Force e la Conciergerie. Mais de quinhentos mortos, pelo que pudemos contar. Linchamentos, execuções, até canibalismo. E a Convenção não conseguiu conter o movimento.

— Eu não soube de nada! O que está sendo feito agora?

— Danton está em la Force. A Convenção improvisou tribunais extraordinários em todas as prisões para tentar conter a massa. Foi estipulado um pagamento diário de seis francos, mais refeições, para os juizes e os carrascos. Foi o único modo de dar a impressão de que controlamos a situação. Paris encontra-se em estado de anarquia, Maurice. As pessoas estão chamando o movimento de "Terror".

— Não é possível! Quando a notícia circular, qualquer esperança de reaproximação com a Inglaterra desaparecerá de todo! Precisaremos de muita sorte para que os ingleses não se aliem aos prussianos. Mais razão ainda para que eu viaje logo!

— Você não vai conseguir nada sem um salvo-conduto. — Desmoulins tomou o braço do outro. — Madame de Staël foi presa, hoje à tarde, tentando deixar a cidade, confiando na imunidade diplomática. Levaram-na para a Comuna de Paris. Teve muita sorte de eu estar por perto para lhe salvar o pescoço.

O rosto de Talleyrand mostrou que percebia bem a gravidade da situação. Desmoulins continuou:

— Não se preocupe. Ela já está a salvo, na embaixada. Você deveria tentar se pôr também em segurança. É melhor que nenhum membro da nobreza ou do clero se exponha esta noite. Você está duplamente ameaçado, meu amigo.

— Estou vendo — disse Talleyrand, em voz baixa.

Já era quase uma da madrugada quando Talleyrand chegou em casa, a pé, depois de atravessar os quarteirões escuros de Paris sem se valer de uma carruagem, como medida de precaução. Cansado, arrastando os passos, ainda encontrara gente que voltava dos teatros e dos cassinos, em carruagens abertas, rindo alto, embriagada de alegria e champanhe.

Estão dançando à beira do abismo, pensou. É só uma questão de tempo. Já podia divisar o caos, a escuridão em que o país mergulhava. Quanto mais rápido conseguisse sair, melhor.

Assustou-se, ao chegar em casa, com uma pequena luz que bruxuleava no jardim. Dera ordens severas para que todas as venezianas e cortinas fossem cerradas, para que nenhuma luz permitisse, aos de fora, deduzir que havia alguém em casa. Ficar em casa era perigoso naqueles dias. Quando se preparava para abrir a fechadura, o portão recuou um pouco, silenciosamente. Courtiade estava ali; a luz que vira era uma pequena vela nas mãos do criado.

— Pelo amor de Deus, Courtiade! Já disse que não quero nenhuma luz acesa!

— Perdão, monsenhor. — Courtiade nunca deixara de tratar o patrão pelo título religioso. - Espero que o senhor não me julgue atrevido demais por ter desobedecido, mais uma vez.

— O que você fez?

Talleyrand atravessou o vão do portão entreaberto e o criado logo o trancou de novo.

— Recebemos uma visita, monsenhor. Tomei a liberdade de permitir que ela o esperasse lá dentro.

— Isso é muito sério! — Talleyrand segurou o braço do camareiro. Madame de Staël foi presa por uma turba, hoje de manhã, e levada para a Comuna de Paris. Quase foi executada! Ninguém pode saber que planejo sair de Paris! Quem você deixou entrar em minha casa?

— Mademoiselle Mireille, monsenhor. Veio sozinha, chegou não faz muito tempo.

— Mireille? Sozinha, a esta hora da noite? — Começou a coxear, quase correndo na direção da casa, Courtiade se esfalfando atrás

dele.

— Veio carregando uma pequena mala, monsenhor. Seu vestido estava todo rasgado. Mal conseguiu falar. E não pude deixar de reparar que suas roupas estavam sujas de sangue, muito sangue...

— Meu Deus!

Talleyrand, sem fôlego e atordoado, alcançou o saguão escuro. Courtiade apontou na direção do estúdio e ele escancarou a porta dupla. Havia caixotes de livros, já quase prontos para a viagem, por todo o canto. No meio do aposento, em um sofá de veludo creme, Mireille tinha o rosto pálido iluminado pela luz da vela que Courtiade colocara a seu lado.

Talleyrand ajoelhou-se aos pés da moça, com dificuldade, e tomou-lhe as mãos, esfregando com desespero os dedos exangues.

— O senhor quer que eu traga os sais? — O rosto de Courtiade estava grave, preocupado. — Não temos nenhum outro criado. Todos foram despedidos, já que viajaríamos amanhã cedo...

— Sim, por favor.

O patrão não despregou os olhos de Mireille, com o coração frio de medo.

— Mas Danton não trouxe os salvo-condutos... Mais esta, agora! — Voltou-se para o camareiro, que ainda segurava a vela. — Vá buscar os sais, Courtiade. Quando a reanimarmos, você terá de ir à casa de David. Precisamos chegar ao fundo de tudo isso, e depressa!

Sentou-se em silêncio ao lado do sofá, com os olhos presos em Mireille e o cérebro fervendo com uma centena de pensamentos apavorados. Pegou a vela da mesinha e aproximou-a da moça inerte. O cabelo ruivo estava ensopado de sangue; marcas de sujeira e sangue desfiguravam o rosto. Afastou com delicadeza o cabelo e abaixou-se para lhe dar um suave beijo na testa. Quando a olhou tão de perto, algo se agitou dentro dele. Que estranho! Pensou. Ela sempre foi a mais séria, a mais sóbria das duas.

Courtiade voltou com os sais e entregou ao patrão o pequeno frasco de cristal, que Talleyrand destampou e aproximou do nariz da moça. Mireille começou a tossir.

Abriu os olhos e fixou-os, horrorizada, nos dois homens. De repente, sentou-se, percebendo onde se encontrava. Agarrou, em pânico, a manga de Talleyrand.

— Quanto tempo fiquei desacordada? Vocês disseram a alguém que estou aqui?

Seu rosto estava completamente branco. Agarrou-se mais ainda ao braço do homem com a força do desespero.

— Não, não, minha cara — respondeu Talleyrand, em voz tranquilizadora. — Faz pouco tempo que você chegou. Assim que se sentir um pouco melhor, Courtiade aquecerá um conhaque, para que você possa se acalmar. Depois, nós a levaremos para casa.

— Não! — gritou ela. — Ninguém pode saber que estou aqui! Não diga a ninguém, muito menos a meu tio! A casa dele será o primeiro lugar onde irão me procurar. Minha vida corre perigo. Jure que não vai dizer a ninguém!

Tentou levantar-se; Talleyrand e Courtiade ampararam-na, assustados.

— Onde está minha mala?

— Aqui — apontou Talleyrand. — Bem ao lado do sofá. Você precisa se acalmar, minha querida, e se deitar novamente. Por favor, descanse até ficar boa o bastante para falar. Já é tarde, muito tarde. Não quer, pelo menos, que eu mande avisar a Valentine que você está em segurança?

A expressão de Mireille, ao ouvir o nome da prima, foi de horror e sofrimento tão intensos que Talleyrand recuou instintivamente.

— Não! — disse ele, baixinho. — Não pode ser! Não com Valentine! Diga que não aconteceu nada com ela. Diga!

Agarrou-a pelos ombros e começou a sacudi-la, inconsciente do que fazia. A moça focalizou os olhos dele, devagar. O que Talleyrand enxergou abalou-o até a raiz da alma. Continuou sacudindo-a e pedindo, com voz cada vez mais rouca:

— Por favor, diga que não aconteceu nada com ela!

Os olhos de Mireille estavam completamente secos. Parecia compreender que ele não sabia o que fazia ao sacudi-la daquela maneira. Courtiade aproximou-se e colocou a mão sobre o ombro do patrão.

— Monsenhor!

Mas Talleyrand, enlouquecido, continuou de olhos fixos nos de Mireille.

— Não é verdade!

Cada palavra saiu de sua boca com um gosto de fel. Mireille continuou em silêncio, apenas olhando para ele. Aos poucos, Talleyrand foi tirando as mãos dos ombros da moça. Os braços caíram ao lado do corpo, o rosto ficou inexpressivo, amortecido pela dor, pela incapacidade de se convencer.

Afastou-se e caminhou até a lareira, dando as costas para Mireille. Abriu o vidro do raro relógio folheado que ficava sobre o aparador, introduziu no mecanismo uma chave de ouro e começou a dar corda, devagar, metodicamente. Mireille ficou ouvindo o ruído que vinha da escuridão.

O sol não nascera ainda, mas a primeira claridade da manhã já começava a atravessar as cortinas de seda fina do quarto de dormir de Talleyrand.

Passara quase toda a noite acordado, e fora uma noite de terror. Não conseguia admitir a morte de Valentine. Sentia-se como se tivessem lhe arrancado o coração, e não sabia como lutar contra aquele sentimento. Sempre fora um homem sem família, nunca experimentara a necessidade de outro ser humano. Talvez fosse melhor assim, pensou, com amargor. Quem não ama não pode perder o objeto do amor.

Não conseguia deixar de ver Valentine, com os cabelos loiros, muito claros, refletindo as chamas da lareira, quando se abaixara para lhe beijar o pé, quando lhe acariciara o rosto com os dedos longos e macios. Não conseguia parar de lembrar as coisas engraçadas que a moça dizia, a maneira que tinha de tentar chocá-lo com seu mau comportamento. Como podia estar morta, como?!

Mireille fora incapaz de contar as circunstâncias da morte da prima. Courtiade lhe preparara um banho quente e um conhaque aquecido e aromatizado, a que acrescentara, sem que ela percebesse, um pouquinho de sonífero à base de láudano. Talleyrand lhe cedera a cama grande de seu próprio quarto, sob o dossel de seda azul, da cor dos olhos de Valentine.

Ele próprio reclinara-se num sofá próximo, forrado de seda também azul. Mireille várias vezes começara a sucumbir ao torpor do sono e logo tornara a despertar, trêmula, com os olhos vazios, gritando o nome de Valentine. A cada vez, ele tentara consolá-la, até que a moça dormisse novamente e ele pudesse retornar à cama improvisada, para debaixo das cobertas que Courtiade lhe trouxera.

Mas não havia quem lhe pudesse consolar e, quando a luz da manhã começou a ficar avermelhada na varanda que dava para o jardim, Talleyrand ainda se revolia no sofá, inquieto, com os cabelos cor de ouro emaranhados e os olhos azuis embaçados pela noite insone.

Houve um momento em que Mireille gritou:

— Vou com você a TAbbaye, minha prima. Nunca deixarei que vá sozinha a Cordeliers!

Talleyrand sentiu um frio na espinha. Deus! Seria possível? Teria morrido em TAbbaye? Não teve coragem de pensar mais. Decidiu ouvir a verdade de Mireille, tão logo a moça se restabelecesse, custasse o que custasse a ambos. Semiconsciente, ouviu o ruído macio de um 236 passo leve.

— Mireille?

Não obteve resposta. Foi até a cama de casal e abriu o cortinado. Não havia ninguém ali. Vestiu às pressas o roupão de seda e dispôs-se a sair do quarto. Mas, quando passou pelas portas da varanda, viu, através da cortina, um vulto contra a luz. Mudou de direção, saiu também para a varanda. E parou, petrificado.

Em pé, de costas para ele, Mireille contemplava o jardim e o pequeno pomar que ficava atrás do muro de pedra. Completamente nua, sua pele cor de creme reluzia como seda àquela primeira luz da manhã. Como quando posava no ateliê de David, naquele dia em que as conhecera. Valentine e Mireille. O choque foi tão súbito e doloroso que teve a impressão de que o corpo estava sendo traspassado por uma lâmina. Mas, ao mesmo tempo, outro sentimento subiu-lhe das entranhas, pulsando entre o sofrimento até chegar ao nível da consciência. E o que sentia agora pareceu-lhe ainda mais horrível do que todo o restante - animava-o, naquele momento, uma onda imensa de desejo, de paixão. Teve a

compulsão de agarrar Mireille ali mesmo, na varanda, à luz difusa e ao orvalho da manhã que nascia. Quis mergulhar sua carne na dela, atirar seu corpo sobre o dela, morder-lhe os lábios, machucá-la, purgar a dor no insondável poço escuro da jovem. Enquanto ele se debatia com os próprios impulsos, Mireille pressentiu sua presença e se voltou de frente, o rosto invadido por uma onda de rubor. Talleyrand sentiu uma terrível humilhação e fez o que pôde para disfarçar o constrangimento.

— Minha cara — disse, despindo apressadamente seu roupão e cobrindo com ele a nudez de Mireille —, você vai se resfriar. O orvalho é muito frio nesta época do ano.

Teve consciência do ridículo no exato momento em que falou, mas o pior estava por acontecer: quando seus dedos lhe tocaram os ombros, na tentativa de cobri-la com o roupão, um frisson, um frêmito que nunca experimentara antes, lhe percorreu o corpo todo. A custo conteve o impulso de sair correndo, sobretudo quando Mireille o encarou com seus olhos verdes sem fundo. Ele desviou o olhar. Não quis que a moça adivinhasse o que se passava em sua mente. Pensou em tudo o que pôde para abafar, disfarçar a sede incontrolável que lhe tomara o corpo, súbita e violentamente.

— Maurice — sussurrou ela, afastando com os dedos finos uma ponta de cabelo rebelde que caíra sobre a testa do homem. — Agora quero falar de Valentine. Posso?

A brisa leve agitou o cabelo cor de cobre de Mireille, fazendo com que inúmeros fios roçassem o peito de Talleyrand, queimassem a pele através do tecido fino da camisa de dormir. Estavam tão próximos um do outro que ele podia aspirar o doce aroma da pele da moça. Fechou os olhos com força, lutando para manter o autocontrole, incapaz de olhá-la de frente, com medo do que ela intuiria. Sentia, por dentro, uma dor avassaladora. Como podia ser tão monstruoso a ponto de abrigar tais sentimentos? Com um esforço quase sobre-humano, conseguiu encarar Mireille e exibir um meio sorriso, com a sensação de que seus lábios se contorciam num esgar.

— Você me chamou de "Maurice" — sussurrou o sorriso falso ainda preso aos lábios. - E não de "tio Maurice"...

Ela era incrivelmente bonita. Os lábios, entreabertos, mais pareciam pétalas esmagadas de uma rosa escura... Ele obrigou-se a enxotar de novo o sentimento de luxúria. Valentine! Ela queria falar de Valentine. Com um gesto delicado, mas Firme, Talleyrand colocou as mãos sobre os ombros de Mireille. Sentiu o calor da pele através da seda do roupão que lhe emprestara. Uma veia azulada descia pelo pescoço alvo e longo. Mais abaixo, divisou a sombra entre os seios jovens e Firmes.

— Valentine o amava muito, o amava profundamente — disse ela, com voz embargada. — Eu conhecia todos os pensamentos, todos os sentimentos de minha prima... Sei que ela queria fazer com você as coisas que as mulheres fazem com os homens... Sabe de que estou falando?

Ergueu os olhos para ele, os lábios tão próximos, o corpo tão... Talleyrand não teve certeza de que ouvira corretamente.

— Eu... não estou bem certo... Quero dizer, sei, sim, claro que sei... — gaguejou, com os olhos cada vez mais presos aos dela. Sentiu-se um idiota. — Mas nunca imaginei. — Resolveu mostrar firmeza em tom carinhoso, paternalista. Afinal, aquela menina-moça tinha idade para ser sua filha. — Mireille, escute...

— Engasgou-se de novo, à procura das palavras certas, aquelas que conduziriam a conversa para um terreno mais seguro. — Mireille...

Mas ela levou a mão ao rosto dele e tornou a afastar o cabelo, os dedos finos separando os fios e acariciando-os, os rostos aproximando-se cada vez mais.

Deus pensou Talleyrand, devo estar ficando louco! Isso não pode estar acontecendo!

— Mireille... — tornou a balbuciar, com a boca já tocando a dela. — Eu não posso... Não, não podemos...

Sentiu que todas as comportas se escancaravam quando esmagou contra os seus os lábios da juvenzinha, quando o calor incontável se irradiou de entre as pernas para o restante do corpo.

— Não esqueça — sussurrou ela, tocando-o de leve através do tecido fino — que eu também a amava.

Ele gemeu, arrancou-lhe o roupão e mergulhou completamente na carne quente e macia.

Ele se afogava num poço escuro de paixão, com os dedos percorrendo as águas profundas e frescas da pele sedosa das coxas de Mireille. Estavam deitados sobre os lençóis amarfanhados da cama grande do quarto, para onde ele a trouxera, e Talleyrand sentia-se caindo, despencando... Quando seus lábios reencontraram os da jovem, a sensação foi de sangue transbordando do corpo, misturando-se ao dela. A violência da própria paixão era intolerável. Tentou se lembrar do que fazia — e por que não devia fazer —, mas só desejava, na verdade, esquecer, esquecer tudo. Mireille respondia às carícias com ímpeto ainda mais violento e sombrio que o dele. Talleyrand jamais tivera uma experiência como aquela. Desejou que nunca chegasse ao fim.

Mireille olhou-o dentro dos olhos, fixou neles seus dois abismos verdes, e Talleyrand teve certeza de que ela sentia o mesmo que ele. Cada vez que a tocava, que a acariciava, ela parecia despencar para dentro do corpo dele, como se quisesse penetrá-lo também, penetrar em cada osso, cada nervo, cada músculo. Agia como se desejasse arrastá-lo para o fundo de um poço escuro onde os dois pudessem se afogar no ópio da paixão. O poço era o Letes, um dos cinco rios do Inferno, o rio do esquecimento. E, tentando nadar no poço escuro dos olhos verdes da moça, ele sentia dentro de si a tempestade, ouvia a canção das ondinas, atraindo-o mais para baixo, sempre mais para baixo.

Maurice Talleyrand já possuía tantas mulheres que não seria capaz de enumerá-las. Mas naquele momento, deitado de costas em sua cama macia, com as pernas de Mireille entrelaçadas nas suas, sentiu que não podia se lembrar de uma delas sequer. O que acabara de experimentar, ele sabia, era indescritível. Alcançara o êxtase absoluto, um clímax que poucas pessoas chegam a sentir.

Apesar de tudo, o que o dominava agora era a dor, a dor absoluta. E a culpa.

O sentimento de culpa... Quando os dois se agarraram sobre a cama desfeita, no abraço mais forte que Talleyrand já recebera, um

instante antes de o jorro poderoso da paixão passar de seu corpo para o dela, ele murmurara:

— Valentine!

Mireille respondera apenas com um sim, antes de o ato se consumir de todo. Agora ele a olhava. A pele branca e o cabelo ruivo embaraçado, tão bonito contra o linho do lençol... Ela também o encarou, e sorriu.

— Eu não sabia como ia ser.

— E foi bom para você? — perguntou ele, acariciando-lhe de leve os cabelos.

— Foi. Muito.

Continuou sorrindo, até perceber que ele sofria.

— Desculpe o que eu disse. Foi sem querer. Mas você é tão bonita, e eu desejava tanto! — Beijou-lhe os cabelos, os lábios.

— Não quero que você se sinta mal — asseverou ela, sentando-se na cama, encarando-o com seriedade. — Você me fez pensar, por um instante, que ela ainda vivia, que o resto fora tudo um sonho ruim. Se estivesse viva, Valentine teria feito amor com você. Não fique triste por ter me chamado pelo nome dela.

Parecia ter adivinhado os pensamentos dele. Talleyrand ficou sério por um momento, mas logo sorriu também. Puxou-a para si e deitou-a por cima do corpo. Os membros longos e o colo firme da moça refrescavam agradavelmente sua pele escaldante. O cabelo ruivo encobriu seus ombros. Talleyrand aspirou profundamente o perfume daquele corpo. Sentiu de novo o desejo, mas esforçou-se para contê-lo. Antes, havia outra coisa que desejava ainda mais.

— Mireille, você precisa fazer uma coisa para mim — conseguiu dizer, com a voz abafada pelo cabelo da jovem. — Sei que é doloroso para você, mas preciso que me conte a respeito de Valentine. Quero saber de tudo. Você falou, durante o sono, a respeito da prisão de l'Abbaye... Temos de informar David...

— Não! Você não pode revelar a meu tio onde estou — retrucou Mireille, sentando-se de novo, num movimento brusco.

— No mínimo, temos de dar a Valentine um enterro decente.

— Nem sei se conseguiríamos encontrar o corpo — soluçou ela.

— Se você prometer me ajudar, vou lhe contar tudo sobre a morte dela. E também o motivo pelo qual ela morreu.

— O motivo? - Talleyrand olhou-a de maneira estranha. - O que você está querendo dizer? Entendi que vocês tinham se envolvido na confusão, em 1'Abbaye. Será que...

— Ela morreu — disse Mireille, lentamente — por causa disto...

Deixou a cama e pegou a mala, que Courtiade trouxera para o quarto. Levantou-a com esforço e levou-a até a cama. Abriu-a e fez um sinal a Talleyrand, mandando que olhasse. Dentro da mala, cobertas de sujeira e fragmentos de grama, havia oito peças do Xadrez de Montglane.

Ele pegou uma delas e segurou-a com as duas mãos, sentado, ao lado de Mireille, sobre as cobertas desarrumadas. Tratava-se de um Elefante de ouro, de quase um palmo de altura. O selim era incrustado, quase completamente coberto, de pedras — rubis e safiras negras — lapidadas. A tromba e as presas, de ouro, estavam erguidas, em atitude de batalha.

— Um Elefante — murmurou Talleyrand. — Atualmente o chamamos de "Bispo". O conselheiro da Rainha e do Rei.

Uma a uma, foi tirando as peças da mala surrada e espalhando-as pela cama. Um Camelo — a Torre de hoje — de ouro, outro de prata. Mais um Elefante de ouro. Um garanhão árabe, escoiceando o ar, e três Peões empunhando diferentes armas, cada uma do tamanho de seu dedo médio. Ametistas, topázios, turmalinas, esmeraldas e jaspes recobriam todas as peças.

Revolveu nas mãos o Cavalo e limpou a sujeira da base. Encontrou um símbolo gravado no ouro escuro: um círculo do qual saía uma seta. Mostrou-o e identificou-o para Mireille:

— Marte. O planeta vermelho. O deus da guerra e da destruição.

- Então, citou o Apocalipse: - "E saiu outro cavalo, vermelho; e a seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da Terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada."

Mas Mireille não parecia ouvir. Estava imóvel, com os olhos fixos no símbolo, quase em transe. Finalmente, moveu devagar os lábios. Talleyrand teve de se inclinar para ouvir o que ela dizia.

— E o nome da espada era Sar — suspirou ela, fechando os olhos.

Talleyrand ficou em silêncio por mais de uma hora, reclinado, com o roupão displicentemente jogado sobre o corpo, enquanto Mireille, ainda nua, sentada sobre as roupas de cama desalinhadas, contava a história toda.

Ela reproduziu o relato da abadessa, com todos os detalhes que conseguiu lembrar, e narrou a maneira pela qual as freiras removeram as peças das paredes e do piso da abadia. Explicou que algumas das freiras haviam espalhado as peças por toda a Europa e que ela e Valentine deviam servir de ponto de encontro e referência, numa emergência. Finalmente, contou sobre a irmã Claude e a correria com Valentine, para encontrá-la na aleia da prisão.

Quando Mireille chegou ao ponto em que o tribunal dera a Valentine a sentença de morte, sobre um David inerte à mesa, Talleyrand interrompeu. A jovem tinha o rosto molhado de lágrimas, os olhos inchados, a voz rouca e engasgada.

— Espere! Você está dizendo que Valentine não foi assassinada pela multidão?

— Ela recebeu a sentença — soluçou Mireille. — Aquele homem horróroso... Nunca vou esquecer seu rosto! O riso, as caretas terríveis! O prazer que demonstrava ao decidir entre a vida e a morte... Que todas aquelas pústulas que lhe cobrem o corpo apodreçam de vez!

— O que você está dizendo? — Talleyrand segurou-a pelo braço, sacudindo-a. — Qual o nome desse homem? Você tem de se lembrar!

— Perguntei-lhe — conseguiu dizer ela, entre soluços —, mas ele não quis responder. Disse apenas que era "o furor dos pobres".

— Marat! — exclamou Talleyrand. — Eu deveria ter adivinhado. Mas não consigo acreditar que...

— Marat — repetiu Mireille. — Agora que descobri o nome, nunca mais o esquecerei. Ameaçou-me, disse que me caçaria e perseguiria por todo o mundo, se não encontrasse as peças no lugar em que lhe disse que estavam. Mas eu é que vou caçá-lo pelo mundo inteiro!

— Minha querida... Você conseguiu tirar as peças do esconderijo! Agora Marat vai mover céus e terras para localizá-las. Como você escapou da prisão?

— Tio Jacques-Louis estava junto ao maldito Marat quando foi dada a ordem e atirou-se contra ele, num ímpeto de fúria. Eu me joguei para cobrir o corpo de Valentine, mas conseguiram me afastar justo no momento em que... — Mireille teve de se esforçar para prosseguir: — Ouvei meu tio gritando para que eu fugisse. Corri às cegas pela prisão. Não sei dizer como atravessei o portão. Foi tudo como um pesadelo pavoroso... De repente, me vi de novo na aleia e corri, com todas as forças que tinha, para o jardim de tio David.

— Você mostrou muita coragem, meu anjo... Não sei se eu teria forças para fazer o mesmo.

— Valentine morreu por causa das peças. — Mireille continuava soluçando, embora tentasse se controlar. — Eu não podia deixar que Marat as pegasse! Já as tinha em mãos antes mesmo que ele pudesse ter saído da prisão. Tirei algumas mudas de roupa e esta mala de meu quarto e fugi...

— Mas você deve ter saído da casa de David antes das seis! Onde esteve entre aquela hora e o momento em que chegou aqui, já depois da meia-noite?

— Só tínhamos enterrado duas peças no jardim... as duas que Valentine e eu trouxemos de Montglane: o Elefante de ouro e o Camelo de prata. As outras seis foram trazidas, de outra abadia, pela irmã Claude. Eu sabia que ela chegara a Paris na manhã da véspera. Não tivera muito tempo para escondê-las, portanto. E seria perigoso demais levá-las consigo ao encontro. Antes de morrer, a irmã Claude conseguiu dizer a Valentine onde elas estavam.

— E você as encontrou!

Talleyrand fez um gesto largo, como que cobrindo com as mãos as oito peças espalhadas sobre a cama. Teve a sensação de que as peças irradiavam uma espécie de calor.

— Você mesma me disse que a prisão estava fervilhando de soldados e membros do tribunal... Como conseguiu obter de Valentine o local onde estavam escondidas?

— As últimas palavras dela foram: "Lembre-se do fantasma." Depois conseguiu apenas repetir o nome de sua família, várias vezes...

— O fantasma? — indagou Talleyrand, confuso.

— Entendi imediatamente o que ela quis dizer. A história que você nos contou sobre o fantasma do cardeal Richelieu...

— Tem certeza?! Bem... Você deve estar certa, pois trouxe as peças. Mas não consigo nem imaginar como você pôde encontrá-las, com uma informação tão pouco precisa.

— Você nos contou que, ao deixar St. Remy para ir estudar na Sorbonne, encontrou o fantasma do cardeal na capela. O nome de família de Valentine era, como você sabe, de Remy... Lembrei logo que o bisavô de Valentine, Gericauld de Remy, também estava enterrado na capela da Sorbonne, próximo à tumba de Richelieu! Era esta a mensagem que ela tentava me passar. As peças estavam enterradas lá. Corri pelas vielas escuras até a capela, onde encontrei, sobre o túmulo do bisavô de Valentine, uma vela acesa. Revistei todo o local com o auxílio daquela luz. Horas depois, encontrei uma laje solta no chão, escondida em parte pelo suporte da pia batismal. Quando consegui levantá-la, cacei e encontrei todas as peças. Depois, corri o mais rápido que pude até aqui, à Rue de Beaune.

Pareceu terminar a história junto com o que tinha de fôlego. Depois, recostou a cabeça dele sobre seu peito, de modo a fazê-lo ouvir seu coração descompassado.

— Mas houve outra razão para Valentine mencionar o fantasma, Maurice. Acho que ela estava tentando me dizer que eu devia recorrer a você, pedir socorro a você, confiar em você!

— Mas o que posso fazer para socorrê-la, querida? Eu próprio mal passo de um prisioneiro em meu país, até que consiga obter um salvo-conduto. Estas peças colocam nós dois em grande perigo, como você sabe.

— Não se descobriremos o segredo, o segredo do poder que está contido nelas... Se conseguirmos descobri-lo, nós passamos a ter toda a vantagem!

Mireille parecia tão valente, tão compenetrada que Talleyrand se viu forçado a sorrir. Curvou o corpo para beijar aqueles lindos ombros nus e, contra a vontade, tornou a sentir uma onda de desejo percorrendo o corpo. Naquele exato momento, alguém bateu levemente à porta.

— Monsenhor — disse Courtiade, por trás da porta —, eu não queria interromper, mas há uma pessoa lá fora.

— Já disse que não estou para ninguém, Courtiade!

— Mas é um emissário de Monsieur Danton, monsenhor. Ele trouxe os salvo-condutos.

Às vinte e uma horas daquele mesmo dia, Courtiade estava deitado de bruços no chão da sala de estar, com as mangas arregaçadas até os cotovelos e o casaco cuidadosamente dobrado sobre o espaldar de uma cadeira. Trabalhava com um martelo, finalizando a colocação de fundos falsos nos caixotes de livros que se espalhavam pelo aposento. Havia também pilhas de livros por todos os cantos. Em meio à confusão, Mireille e Talleyrand, sentados, bebiam conhaque.

— Quando chegar a Londres amanhã, com esses caixotes, entre imediatamente em contato com os procuradores de Madame de Staël, Courtiade — comandou o patrão. — Eles vão lhe dar as chaves e mostrar o lugar onde ficaremos. Aconteça o que acontecer, não deixe ninguém tocar nos caixotes. Não os perca de vista um só momento e não os abra antes que Mademoiselle Mireille e eu cheguemos.

— Já lhe disse, Maurice — retrucou ela. — Não posso ir para Londres. Só quero tirar as peças do Xadrez da França.

— Minha querida! Já discutimos tudo isso antes! Quero que você use meu salvo-conduto. Eu conseguirei outro, logo em seguida, para mim... Você simplesmente não pode ficar em Paris.

— Minha tarefa era evitar que aquele homem pavoroso pusesse as mãos no Xadrez de Montglane... Ele ou qualquer outro de sua laia que viesse a usá-lo de maneira errada. Valentine teria feito a mesma coisa. Mas há outras pessoas que podem estar a caminho de Paris, procurando auxílio. Tenho de ficar aqui e ajudá-las.

— Você é uma jovem corajosa. Mas, mesmo assim, não permitirei que fique sozinha em Paris. E você não pode nem pensar em voltar à casa de seu tio. Precisamos decidir juntos o que fazer com as peças, quando chegarmos a Londres...

— Você não entendeu — disse Mireille, fria, levantando-se. — Eu não disse que vou ficar em Paris.

Tirou da mala de couro uma das peças e levou-a até Courtiade. Era o Cavalo, o magnífico garanhão de ouro que ela e Maurice haviam admirado pela manhã. Courtiade recebeu-o com cuidado. Quando deixou a peça nas mãos do camareiro, Mireille sentiu outra vez um calor estranho lhe percorrer todo o braço. Courtiade ocultou-a no fundo falso do caixote e preencheu metodicamente, com palha, o espaço em volta.

— Encaixa-se perfeitamente, mademoiselle — disse, com seriedade e com um brilho estranho no olhar. — Garanto, pela minha vida, que estes livros chegarão em segurança a Londres.

Mireille estendeu a mão, que Courtiade apertou vigorosamente. Em seguida, voltou-se para Talleyrand.

— Não consigo entender — disse o bispo, irritado. — Primeiro você se recusa a ir para Londres porque não pode sair de Paris. Agora diz que não pretende ficar mais aqui. Pode se explicar melhor?

— Você vai para Londres com as peças - retrucou ela, numa voz surpreendentemente autoritária. — E eu me desincumbo de outra missão. Vou escrever à abadessa, para lhe contar meus planos. Tenho bastante dinheiro. Valentine e eu somos órfãs. Por direito, as propriedades e o título dela passam a me pertencer. Vou pedir à abadessa que mande outra freira a Paris, para que eu possa levar a cabo minha tarefa.

— Mas para onde você vai? O que pretende fazer? Você é jovem, sozinha, não tem família...

— Desde ontem, tenho pensado muito sobre tudo isso. Não poderei voltar à França até terminar o que tenho de fazer. Estou correndo muito perigo, e vou continuar correndo até descobrir todo o segredo das peças do Xadrez. E só há uma forma de descobri-lo: ir até seu local de origem.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Talleyrand, furioso. — Você me disse que ele foi dado a Carlos Magno pelo governador mouro de Barcelona, há mais de mil anos\ Acho que a pista já deve estar um tanto fria. E Barcelona não fica exatamente ali na esquina! Não vou permitir que você atravesse a Europa de um lado para outro sozinha!

— Não pretendo ir a nenhum país da Europa. — Mireille sorriu. - Os mouros não vieram da Europa. Vieram da Mauritânia, dos confins do deserto do Saara. E preciso procurar a verdadeira fonte quando se quer chegar ao significado...

Encarou Talleyrand, com seus olhos verdes sem fundo, e ele a olhou de volta, abismado.

— Vou para a Argélia — determinou a mulher. - É lá que começa o deserto do Saara.

O CENTRO DO TABULEIRO

É comum encontrar um esqueleto de camundongo, quando se parte a casca de um coco, pois é muito mais fácil entrar nele, magro e com fome, do que sair, depois de satisfeito e gordo.

- VIKTOR KORCHNOI, Grande Mestre soviético

O xadrez é minha vida.

Tática é saber o que fazer quando há o que fazer. Estratégia é saber o que fazer quando não há nada a fazer.

- SAVIELLY TARTOKOVER, Grande Mestre polonês.

No táxi, a caminho da casa de Harry, sentime ainda mais confusa. A observação de Mordecai, de que eu estivera presente às duas ocasiões funestas, reforçara o sentimento angustiante de que todo aquele circo tinha a ver comigo. Por que tanto a vidente quanto Solarin tinham se preocupado em me dar conselhos? Por que teria eu cismado de pintar um ciclista, e por que meu modelo imaginário teria decidido fazer aparições dramáticas na vida real?

Lamentei a falta de oportunidade de fazer outras perguntas a Mordecai: ele dava a impressão de saber mais do que dissera. Admitira, por exemplo, que conhecia Solarin havia anos. Como eu podia ter certeza de que os dois não mantinham contato?

Quando Lily e eu chegamos ao edifício, o porteiro correu para nos abrir a porta. Mal tínhamos falado uma com a outra durante todo o percurso. No elevador, ela finalmente resolveu abrir a boca:

— Mordecai parece ter gostado muito de você.

— Sujeito complicado, aquele...

— Você não viu nem metade. - A porta se abriu no andar do apartamento. — Mesmo quando o derroto no xadrez, eu fico tentando entender, depois, que tipo de tática ele poderia estar usando. Confio mais nele do que em qualquer outra pessoa. Mesmo assim, sei que tem sempre um lado oculto, secreto. Por falar em

segredos, não comente a morte de Saul até sabermos de mais alguma coisa...

— Ainda acho que é melhor procurar a polícia.

— Eles vão querer saber por que você demorou tanto. E uma sentença de uns dez anos de prisão vai atrasar sua viagem à Argélia, não vai?

— Espere um pouco! Você não está querendo dizer que eles podem achar que eu...

— Por que não?

Chegamos ao apartamento de Harry.

— Até que enfim! — gritou Llewellyn, do living, enquanto entregávamos nossos casacos à empregada, no amplo saguão de mármore. - Atrasadas, como sempre. Por onde andaram? Harry já teve vários faniquitos, na cozinha.

O saguão tinha piso axadrezado, de mármore preto e branco. Pilastras, também de mármore, e quadros italianos de paisagens campestres, em tons verde-acinzentados, compunham a decoração. No centro do hall, havia uma pequena fonte de água corrente, rodeada de hera.

De ambos os lados saíam escadas curvas de mármore, com as extremidades imitando pergaminhos enrolados. A da direita conduzia à sala de jantar, formal, onde uma grande mesa de mogno fora posta para cinco. A esquerda, os degraus levavam até o living. Ali Blanche ocupava uma poltrona pesada, com forro vermelho-escuro. Uma deselegante arca chinesa, vermelha, laqueada, com alças de ouro, dominava a parede dos fundos. Caras e de mau gosto, sobras do antiquário de Llewellyn espalhavam-se pelo restante do living. E o próprio Llewellyn atravessou o aposento para nos receber.

— Por onde vocês andaram? — quis saber Blanche, descendo os degraus. — Os coquetéis e os canapés já deviam estar servidos há uma hora.

Llewellyn deu-me um beijo no rosto e sumiu, para avisar Harry de nossa chegada.

— Estávamos conversando por aí... — disse Lily, desabando o corpo avantajado sobre outra poltrona exageradamente macia e pegando uma revista.

Harry veio correndo da cozinha, com uma grande bandeja de canapés, em uniforme completo: avental e chapéu de mestre-cuca. Parecia a versão gigantesca de um anúncio de massa instantânea para bolos.

— Até que enfim vocês chegaram — disse, com um sorriso. — Dei folga a quase todos os empregados, para não ficarem cochichando pelas costas, na cozinha. O jeito foi trazer eu mesmo os canapés.

— Lily disse que as duas estavam conversando fiado, o tempo todo... — Blanche ajudou o marido a colocar a bandeja sobre uma mesinha. — Você acredita? O jantar inteiro podia ter se estragado!

— Deixe as moças sossegadas — retrucou Harry, de costas para ela, piscando um olho para mim. — Na idade em que estão, precisam de um pouco de mexerico.

Ele vivia sob a impressão — errada — de que Lily, se exposta a mim por tempo suficiente, acabaria "absorvendo" um pouco de minha personalidade.

— Agora venha até aqui, querida — acrescentou quase me carregando até a bandeja. — Este aqui é de caviar com smetana; este, de ovo e cebola; e este, minha receita secreta, minha especialidade, de fígado picadinho com schmaltz. Foi minha mãe quem me ensinou, em seu leito de morte!

— O cheiro está delicioso.

— E este patê é feito com queijo cremoso, para o caso de você não gostar de caviar. Quero ver metade da bandeja vazia quando voltar lá da cozinha. Vou servir o jantar dentro de meia hora.

Sorriu para mim, outra vez, e desapareceu nos fundos da casa.

— Patê, pelo amor de Deus! — exclamou Lily, com todo o jeito de uma enxaqueca iminente. — Me dê um desses.

Obedeci e aproveitei para comer um canapé também. Lily foi até a bandeja e devorou meia dúzia.

— Quer um pouco de champanhe, Cat? Ou quer que eu prepare outra coisa qualquer?

— Champanhe está bem.

— Deixem que eu sirvo — ofereceu-se Llewellyn, que já voltara. — Champanhe para Cat... E para você, minha encantadora sobrinha?

— Uísque com soda. Onde está Carioca?

— O queridinho já se recolheu a seus aposentos. Ninguém gostaria de vê-lo passeando pela bandeja de canapés, não é?

Como Carioca tinha a mania de tentar morder os calcanhares de Llewellyn toda vez que os dois se encontravam, a atitude do antiquário era até compreensível, mas Lily fez cara feia enquanto ele me passava o flüte borbulhante e voltava ao bar, para servir o uísque.

Depois de exata meia hora e muitos canapés, Harry emergiu da cozinha, vestido num paletó de veludo marrom-escuro, e nos chamou à mesa. Lily e Llewellyn ocuparam um dos lados; Blanche e Harry, as cabeceiras. Fiquei sozinha no outro lado. Harry serviu o vinho enquanto nos sentávamos.

— Vamos brindar à viagem de nossa querida amiga Cat. A primeira longa ausência, desde que a conhecemos!

Tocamos nossos copos e ele prosseguiu:

— Não esqueça de me cobrar uma lista dos melhores restaurantes de Paris. E só você entrar no Maxim's ou no Tour d'Argent e dizer meu nome ao maitre. Eles a servirão como a uma princesa.

Não aguentei mais. Tinha de falar, agora ou nunca.

— Na verdade, Harry, só vou passar alguns dias em Paris. Estou indo mesmo é para a Argélia.

Ele me olhou, espantado, com o copo ainda no ar.

— Argélia?

— Vou passar um ano lá, trabalhando.

— Você vai morar no meio dos árabes?

— Bem... Estou indo para a Argélia.

Todos os outros ficaram em silêncio, e eu lhes agradei mentalmente, com sinceridade, por não tentarem ajudar.

— Mas por que você vai para a Argélia? Perdeu o juízo, de repente? Ou há alguma razão misteriosa, que não sou capaz de entender?

— Vou desenvolver um sistema de processamento de dados para a OPEP. É uma espécie de consórcio, ou cartel. São produtores e distribuidores de petróleo e uma das sedes fica em Argel.

— Que tipo de consórcio pode ser organizado por um bando de gente que não é capaz nem mesmo de fazer um buraco no chão? Há quatro mil anos que aqueles selvagens vivem andando de um lado para o outro, espalhando bosta de camelo pelo deserto, sem produzir absolutamente nada! Como é que você...

Valerie, a empregada principal, entrou na hora exata, empurrando um carrinho com uma terrina de canja. Postou-se ao lado de Blanche e começou a servi-la.

— Valerie! O que você está fazendo? — gritou Harry. — Não está na hora!

— Monsieur Rad — retrucou a empregada, que era de Marselha e sabia muito bem como lidar com os homens —, estou a votre service há mais de dez ans. Todo esse tempo, nunca lhe deixei dizerr quando servir. Porr que vou começarr agora?

E continuou servindo, com admirável dignidade. Quando Harry conseguiu recuperar um mínimo de presença de espírito, ela já chegara a meu lugar.

— Valerie, já que você insiste em servir a sopa, não adianta eu reclamar. Mas quero ouvir sua opinião a respeito de uma coisa.

— Oui, monsieur. — Ela mordeu os lábios e passou a servi-lo.

— Você conhece bem a senhorita Velis, não conhece?

— Perrfeitamente, monsieur.

— Pois bem. Ela acabou de me informar que pretende se mudar para a Argélia, para viver no meio dos árabes. O que você acha disso?

—Algérie é um país maravilhoso. — Continuou servindo e chegou até o lugar de Lily. - Eu tenho um irmón que vive lá. E também já estife lá muitas vezes. — Inclinou a cabeça para mim, do outro lado da mesa. — A senhorita vai adorrarr.

Serviu Llewellyn, Finalmente, e retirou-se. A mesa ficou em silêncio por muito tempo, a não ser pelos ruídos das colheres contra os pratos. Finalmente, Harry o quebrou:

— A sopa está boa?

— Uma delícia — respondi.

— Na Argélia, você nunca vai tomar sopa assim, posso lhe garantir. Era seu jeito de admitir que perdera a batalha. Todos, em

volta da mesa, pareceram soltar uma espécie de suspiro coletivo de alívio.

O jantar estava realmente excelente. Harry fizera panquecas de batata com molho caseiro de maçã, um pouquinho ácido e sabendo ligeiramente a laranja. Havia também um assado magnífico, quase desabando sobre si mesmo, de tão macio — era possível cortá-lo com o lado de um garfo. Para completar, kugel, uma espécie de talharim ensopado e coberto por uma casquinha crocante; vários legumes; e quatro tipos diferentes de pães, servidos com coalhada seca. De sobremesa, o melhor strudel de maçã que já comi: grosso, transbordando de passas e fumegando, de tão quente.

Blanche, Llewellyn e Lily falaram pouco durante todo o jantar, o que era raro. Fizeram apenas comentários óbvios, como que de má vontade ou distraídos. Harry tornou a encher meu copo e dirigiu-se outra vez a mim.

— Se tiver algum problema, você promete que entra em contato comigo? Gosto de você, querida, e me preocupa imaginá-la sozinha, sem ninguém para ajudar, no meio daqueles árabes, a não ser os goyim de sua empresa. Não confio naqueles não judeus...

— Obrigada, Harry, mas tente compreender: estou indo, numa viagem de negócios, a um país civilizado. Não é exatamente a mesma coisa que me meter em alguma aventura nas selvas...

— Você é que pensa! — interrompeu ele. — Os árabes ainda cortam as mãos dos ladrões! Além disso, nem os países civilizados andam muito seguros, atualmente. Não deixo Lily dirigir o carro aqui, em Nova York, com medo de que ela seja assaltada. Morro de medo cada vez que ela sai de casa. Você soube que Saul resolveu ir embora de repente, não soube? — Lily e eu nos olhamos e desviamos logo os olhos. - Aquele ingrato!... Acabei de ouvir que até mesmo no tal torneio de xadrez um homem morreu... Como disse, tenho muito medo de que Lily saia de casa!

— Não seja ridículo. — Foi a vez de Lily interromper. — Esse torneio é muito importante. Se me sair bem, vou poder jogar no Interzonal, contra os melhores do mundo. Não vai ser porque mataram um velhote maluco que eu vou desistir!

— Mataram?! — Harry voltou-se para mim, sem me dar o tempo necessário para afivelar a máscara da inocência.

— Maravilha! Fantástico! Exatamente o tipo de coisa que me tranquiliza. E, enquanto isso, minha filha vai correndo para a rua 46 de cinco em cinco minutos, para jogar xadrez com aquele velho idiota, aquela múmia! Como você espera encontrar marido, desse jeito?

— Você está falando de Mordecai? — perguntei.

Um silêncio ensurdecedor envolveu a mesa. Harry parecia petrificado. Llewellyn ficou de olhos fechados, brincando com o guardanapo. Blanche encarou o marido, com um sorrisinho desagradável. Lily manteve os olhos no prato, martelando devagar a toalha com a colher.

— Será que eu disse alguma coisa errada? — arrisquei.

— Não foi nada - disse Harry. - Não se preocupe. - Mas também não falou mais nada.

— Tudo bem, querida — completou Blanche, com uma doçura completamente forçada. - É que não costumamos falar desse assunto, só isso. Mordecai é o pai de Harry. Lily gosta muito dele. Foi quem a ensinou a jogar xadrez, quando ela ainda era criancinha. Acho que fez isso só para me irritar.

— Não seja ridícula, mamãe. Eu pedi a ele para me ensinar. Você sabe muito bem.

— Você mal tinha largado as fraldas... — retrucou Blanche, ainda olhando para mim. — Acho que ele é um velho horroroso. Desde que me casei com Harry, há vinte e cinco anos, ele não veio mais a este apartamento. Fiquei espantada por Lily tê-lo apresentado a você.

— É meu avô!

—Mas você podia ter me dito antes - resmungou Harry.

Pareceu tão magoado que fiquei com medo de que começasse a chorar a qualquer momento. Seus olhos de são-Bernardo nunca haviam me parecido tão tristes.

— Por favor, desculpem — tentei remendar. — A culpa foi toda minha...

— Não foi culpa sua coisa nenhuma! — cortou Lily. — Cale a boca. O problema é que ninguém nesta casa consegue entender que eu quero jogar xadrez! Não quero ser atriz nem me casar com um sujeito rico. Não quero viver à custa dos outros, como Llewellyn...

O tio encarou-a por um segundo, com os olhos faiscando de ódio, mas Lily não parecia disposta a se calar, e continuou:

— Só quero jogar xadrez, e o único que consegue entender isso é Mordecai.

— Toda vez que o nome desse homem é pronunciado aqui em casa — disse Blanche, dando pela primeira vez a impressão de que podia perder o controle —, a família se separa um pouco mais...

— Não sei por que tenho de me esconder, andar pelas ruas como se estivesse fugindo da polícia, só para ver meu avô.

— Mas como "se esconder"? Algum dia proibi que você fosse lá? Sempre que você diz que quer vê-lo, mando o carro levá-la. Nunca soube que você tivesse de ir escondida.

— Mas pode ser que ela goste de coisas escondidas — disse Llewellyn, falando pela primeira vez. — Pode ser que tenha querido levar Cat até lá, às escondidas, para conversar sobre o torneio, sobre a partida a que foram assistir juntas, no domingo passado, quando Fiske foi assassinado. Afinal, Mordecai é um velho amigo do Grande Mestre Fiske. Foi, melhor dizendo...

O sorrisinho indicou que ele estava consciente de ter encontrado o lugar certo para cravar o punhal. Perguntei-me como ele conseguira chegar tão perto do alvo. Tentei um blefe:

— Que bobagem! Todo mundo sabe que Lily nunca vê jogos de torneios...

— Ah! Para que mentir? — disse Lily. — Deve ter saído em todos os jornais que eu estava presente. Não faltavam repórteres fuçando tudo, no clube.

— Só eu é que nunca fico sabendo de nada! — esbravejou Harry, com o rosto completamente vermelho. — Que diabo está acontecendo nesta casa?

Olhou em volta, furioso. Eu nunca o vira tão zangado.

— Cat e eu fomos ao jogo, no domingo — retrucou Lily. — Fiske enfrentava um soviético. Fiske morreu, e Cat e eu viemos embora.

Foi só isso. Não há motivo para escândalo.

— Quem está fazendo escândalo? Está bem, você já explicou, eu me dou por satisfeito. Só que você podia ter me deixado satisfeito um pouco antes! E você não vai mais a nenhum torneio em que as pessoas são assassinadas!

— Da próxima vez, providenciarei para que todos saiam vivos.

— E o que o brilhante Mordecai declarou a respeito da morte de Fiske? — quis saber Llewellyn, pondo lenha na fogueira. — É claro que ele tem opinião formada sobre o assunto. Ele sempre tem opinião formada sobre todos os assuntos.

Blanche pôs a mão sobre o braço do irmão, numa indicação de que ele já fora longe o suficiente.

— Mordecai acha que Fiske foi assassinado - respondeu Lily, afastando a cadeira e levantando-se. Jogou o guardanapo sobre a mesa. - Alguém mais gostaria de ir para o living, para um pouquinho de café com arsênico?

Saiu marchando da sala. O silêncio tornou-se incômodo para todos. Finalmente, Harry curvou-se sobre a mesa, para me dar uma palmadinha no ombro.

— Desculpe, querida. É sua festa de despedida, e acabamos gritando como um bando de histéricos... Vamos para o living, tomar um conhaque e falar de coisas mais agradáveis.

Concordei e nos dirigimos todos para o living. Logo em seguida, Blanche queixou-se de dor de cabeça e despediu-se. Llewellyn aproveitou para me dizer, baixinho:

— Você se lembra da proposta que lhe fiz, a respeito de Argel? Vamos até o estúdio, um instante, para podermos conversar.

Segui-o pelo corredor escuro até o estúdio, também todo decorado com mobília marrom e mal iluminado. Ele fechou a porta.

— Você concorda com o que propus? Está disposta a fazer?

— Sei que isso é importante para você. Pensei bem e mudei de idéia, vou tentar encontrar as tais peças. Mas não farei nada ilegal.

— Se eu lhe mandar uma ordem de pagamento, você as compra para mim? Não é difícil pôr você em contato com um... Com alguém que as tire do país.

— Um contrabandista? 256 — Para que falar assim?

— Quero saber uma coisa, Llewellyn. Se você conhece alguém que sabe onde estão as peças, se tem quem pague por elas e quem pode contrabandeá-las, por que precisa de mim?

Ele Ficou em silêncio por alguns momentos. Era claro que estava pensando numa boa resposta. Finalmente, achou que a encontrara.

— Acho melhor dizer logo a verdade. Já tentamos. A pessoa que tem as peças não quer vender para minha gente. Recusa-se até mesmo a recebê-los.

— E por que você acha que essa pessoa vai querer me ouvir? Llewellyn sorriu de um jeito estranho e completou a informação com uma frase que não entendi muito bem:

— A pessoa é uma mulher. E nós achamos que ela só fará negócio com outra mulher.

Nada daquilo me pareceu bem explicado, mas achei melhor fingir que entendera, pois tinha minhas próprias razões para aceitar o acordo. E temi deixar escapar algo indevido.

Quando voltamos para o living, encontramos Lily no sofá, com Carioca no colo. Harry, em pé junto à pavorosa arca chinesa laqueada, falava ao telefone. Estava de costas para mim; mesmo assim, pude perceber, por sua postura, que algo não ia muito bem. Procurei o olhar de Lily, que sacudiu a cabeça, indicando não saber do que se tratava. As orelhas de Carioca Ficaram imediatamente empinadas, ao ver Llewellyn, e um rosnado grave fez seu corpo peludo se retesar. Llewellyn despediu-se rapidamente de mim, com um beijo apressado no rosto, e sumiu.

— Era a polícia - disse Harry, desligando o telefone e me olhando com uma expressão arrasada, os ombros caídos, o rosto dando a impressão de que ele ia chorar. — Acharam um corpo boiando no East River. Querem que eu vá até o necrotério para identificá-lo. O morto estava com a carteira de motorista e outros papéis de Saul no bolso. Preciso ir até lá.

Empalideci. Mordecai tinha razão. Alguém realmente tentava encobrir os crimes. Mas como o corpo de Saul fora parar no East River? Não tive coragem de olhar para Lily. Não dissemos uma só palavra, mas Harry pareceu não estranhar o silêncio.

— Quer saber de uma coisa? — continuou ele. — Eu senti que havia algo errado, no domingo à noite. Quando chegou, Saul trancou-se no quarto e recusou-se a falar com qualquer pessoa. Não quis jantar... Vocês acham que ele se suicidou? Eu devia ter insistido em falar com ele... Estou me sentindo culpado pelo que aconteceu.

— Você não tem certeza nem de que foi ele mesmo que a polícia encontrou — disse Lily ao pai, lançando-me um olhar de súplica.

Mas não entendi se ela me pedia para dizer a verdade ou para ficar calada. Eu me sentia cada vez pior com tudo aquilo.

— Quer que eu vá com você, Harry? — ofereci.

— Não, querida. — Deu um profundo suspiro. — Vamos torcer para que Lily tenha razão, que seja só um engano. Mas, se for mesmo Saul, vou ter de ficar muito tempo lá. Precisarei liberar o... Vou ter de providenciar uma série de coisas com a agência funerária.

Beijou-me com carinho, pediu desculpas outra vez pela festa tão triste e foi embora.

— Meu Deus! Estou me sentindo mal - choramingou Lily. — Harry gostava de Saul como se gosta de um filho!

— Acho que deveríamos dizer a verdade.

— Pare com essa estupidez de sentimentos nobres, Cat! Como vamos explicar que você viu o cadáver há dois dias, no edifício da ONU, e esqueceu de contar, durante o jantar? Lembre-se do que Mordecai falou.

— Mordecai acha que esses assassinatos estão sendo encobertos. Eu preciso conversar mais com ele... Me dê o número do telefone.

Lily jogou Carioca em meu colo e foi até a arca chinesa, para pegar uma folha de papel. Carioca lambeu minha mão, que enxuguei rapidamente na saia.

— Não consigo me acostumar com as merdas que Lulu traz para casa — resmungou ela, apontando a abominável arca vermelha e dourada. Sempre chamava Llewellyn de "Lulu", quando estava com raiva. — Ainda por cima, as gavetas estão emperradas. E aquelas alças douradas... Pelo amor de Deus!

— Passou-me um papel com o telefone de Mordecai. — Quando você vai viajar?

— No sábado. Acho que não vou ter tempo para falar com você, antes disso.

Fiquei em pé e atirei Carioca para ela. O cachorro tentou escapar, mas Lily levantou-o pelo peito, esfregando o nariz no focinho molhado.

— Eu também estarei ocupada. Vou me trancar com Mordecai, treinando xadrez, até o reinício do torneio, na semana que vem. Mas se eu descobrir alguma novidade a respeito da morte de Fiske ou... ou de Saul... como faço para entrar em contato?

— Ainda não sei meu endereço na Argélia. Acho que o melhor é ligar ou escrever para o escritório aqui em Nova York. Eles passam o recado adiante.

Ela concordou. Desci, e o porteiro me conseguiu um táxi. Recostada no banco traseiro, atravessando as ruas escuras, tentei recapitular o que acontecera até então, encontrar algum sentido em tudo aquilo. Mas minha mente parecia um novelo emaranhado e o estômago, de vez em quando, se retraía com pequenas pontadas de medo. Num desespero silencioso e num pânico total, cheguei a meu edifício.

Joguei o dinheiro para o motorista e entrei correndo. Atravessei ainda correndo o saguão e apertei insistentemente o botão do elevador. E, de repente, dei um salto — alguém me dera um tapinha no ombro. Era o porteiro da noite, com minha correspondência na mão.

— Desculpe o susto, senhorita Velis. Só desejava ter certeza de que a senhorita não esqueceria a correspondência. Ouvi dizer que está de mudança...

— Estou, sim. Já dei ao zelador o endereço de meu escritório. Vocês podem mandar toda a correspondência para lá, de sábado em diante.

— Está bem. Boa-noite.

Não fui diretamente para meu andar. Apertei o botão do terraço. Ninguém, a não ser os moradores do prédio, sabia da existência da porta corta-fogo que dava para o terraço amplo, com piso de ladrilhos e uma vista que incluía toda Manhattan. Lá embaixo, a meus pés, até onde o olhar alcançava, espalhava-se a cidade

iluminada que eu deixaria em breve. O ar estava claro, e pude ver o edifício Empire State e o da Chrysler brilhando a distância. Passei uns dez minutos lá em cima, recuperando o controle do estômago e dos nervos, e tornei a pegar o elevador, para descer até meu andar.

O fio de cabelo que eu amarrara na porta continuava inteiro; logo, ninguém entrara. Mas, assim que consegui abrir todos os trincos e ferrolhos, senti que havia algo errado. Não chegara ainda a acender a luz do hall e vi uma luminosidade fraca vinda do salão. Nunca esqueço lâmpadas acesas, quando saio.

Acendi as luzes, respirei fundo e dirigi-me ao salão. Sobre o piano, brilhava o pequeno abajur, com luz direcional, que eu às vezes usava para ler partituras. Estava aceso e voltado para o espelho da parede, por cima do piano. Mesmo de longe, não foi difícil perceber para onde o foco de luz apontava. Havia um bilhete preso ao espelho.

Atravessei a sala como sonâmbula, sem prestar atenção à selva particular. O tempo todo, achei que ouvia ruídos atrás de mim, entre a folhagem. A luzinha parecia um farol, a me atrair para o espelho. Contornei o piano e o bilhete. O arrepio na espinha já estava ficando uma sensação familiar.

EU AVISEI, MAS, PELO QUE VEJO, NÃO ADIANTOU. QUANDO VOCÊ ESTIVER EM PERIGO, NÃO ENTERRE A CABEÇA NA AREIA. HÁ AREIA DEMAIS NO CHÃO DA ARGÉLIA.

Fiquei muito tempo parada, olhando o bilhete. A "assinatura", um desenho de um Cavalo de xadrez, não significava nada, mas eu reconheci a letra de Solarin. Como ele pôde entrar em meu apartamento sem desmanchar a armadilha da porta? Teria sido capaz de escalar onze andares de parede lisa para entrar pela janela?

Torturei o cérebro tentando entender tudo aquilo. O que Solarin queria de mim? Por que teria se disposto a correr tamanho perigo, entrando em minha casa sem licença, só para se comunicar? Já se arriscara duas vezes antes, apenas para falar comigo, para me dar conselhos. E, em ambas as ocasiões, alguém morrera logo em seguida. O que poderia tudo aquilo ter a ver comigo? E, se eu estava mesmo em perigo, o que ele esperava que eu fizesse?

Voltei para o hall e tranquei a porta, sem esquecer de passar a corrente interna. Em seguida, revistei com cuidado todo o apartamento; verifiquei as plantas, o closet, até ter certeza absoluta de que não havia ninguém ali. Finalmente, joguei no chão a correspondência, puxei da parede a cama retrátil e me sentei à beira dela, para tirar os sapatos e as meias. Foi só então que vi.

O bilhete ainda estava preso ao espelho, do outro lado do salão. Mas o foco de luz não iluminava o centro do papel, como seria natural. Parecia voltado para a margem esquerda. Levantei-me de novo, ainda segurando as meias, e fui até lá. A lâmpada fora colocada de forma a destacar a primeira palavra de cada linha. E as primeiras palavras formavam esta frase: "Eu vejo você na Argélia."

Às duas da manhã, eu continuava acordada, na cama, olhando para o teto. Não conseguia dormir. Meu cérebro trabalhava rápida e incessantemente, como um computador. Havia um erro, faltava algo. Era como se eu tivesse muitas peças de um quebra-cabeça, mas não conseguisse colocá-las nos lugares precisos, apesar de ter certeza de que elas se encaixavam perfeitamente, de algum modo. Recapitulei tudo, pela milésima vez.

A vidente me avisara de que eu corria perigo. Solarin me alertara para a mesma coisa. A vidente ocultara em sua profecia uma mensagem secreta. Solarin fizera o mesmo no bilhete. Os dois deviam ter algo em comum.

Havia um detalhe que eu desprezara, porque não parecia fazer nenhum sentido: a mensagem oculta da vidente: "J'adoube — CV." Como Nim me fizera ver, ela parecia querer estabelecer contato comigo. Mas, se era verdade, por que nunca mais me procurara? Já haviam se passado três meses sem nenhum sinal dela; parecia ter sumido de vez.

Pulei da cama e tornei a acender as luzes. Se eu não ia dormir mesmo, era melhor tentar resolver de vez a maldita charada. Enfiei-me no closet e remexi tudo até achar o guardanapo de papel e a folha para a qual Nim transcrevera a anotação em forma de poema. Servi-me de uma dose generosa de conhaque e joguei-me sobre uma pilha de almofadas, no chão.

Se aquele diabo de mulher queria tanto se comunicar comigo, talvez já o tivesse feito, por meio do poema. Talvez houvesse algo mais escondido naquela profecia. Algo que eu não percebera.

Já que as primeiras letras de cada verso tinham servido para compor uma mensagem, tentei transcrever, na ordem, a última letra de cada verso. Infelizmente, tudo o que consegui foi: "zososssso". Não me pareceu conter nenhum simbolismo significativo. Tentei, em seguida, as primeiras letras da segunda palavra de cada verso, da terceira palavra e assim por diante. Consegui combinações como "ccmjriaas" e "nsnmeletm". Cerrei os dentes de raiva. Experimentei a primeira letra do primeiro verso, a segunda do segundo, até a nona do nono. Resultado: "jtsghmhaae". Nada parecia dar certo. Tomei um grande trago de conhaque e voltei à luta.

Eram três e meia da madrugada quando me ocorreu experimentar números pares e ímpares. Acabei pegando as letras correspondentes aos números ímpares de cada verso: a primeira letra do primeiro verso, a terceira do segundo, a quinta do terceiro e assim por diante. E consegui algo: "jeremiash". Não apenas uma palavra, mas um nome! Tornei a vasculhar todo o salão, até que encontrei minha surrada Bíblia. Corri o índice até achar Jeremias, o vigésimo quarto livro do Velho Testamento. Mas ainda havia uma letra, um "h", sobrando. Que tinha aquele "h" com o resto? Perdi algum tempo até lembrar que o "h" é a oitava letra do alfabeto.

E o oitavo verso do poeminha dizia: "Continua a tua busca por trinta e três e três." E lá estava, em Jeremias, 33.3:

Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes.

Então, havia mesmo outra mensagem embutida na profecia! Mas a mensagem não me servia de nada, àquela altura dos acontecimentos. Se a velha maluca queria me anunciar "coisas grandes e ocultas", onde as escondera? Juro que não sabia.

Foi muito agradável, para alguém que sempre se julgara analfabeta demais para decifrar as palavras cruzadas do New York Times, matar tamanha charada a partir de uma profecia maluca escrita num guardanapo. Por outro lado, fui ficando cada vez mais frustrada. A cada fase superada do quebra-cabeça, eu encontrava

uma mensagem com um significado claro, escrito em linguagem corrente. Só que nenhuma daquelas mensagens conduzia a lugar algum, a não ser a outra mensagem.

Suspirei, entornei o resto do conhaque e decidi começar de novo. Fosse lá o que fosse, tinha de estar escondido no poema.

Lá pelas cinco da manhã, passou pela minha cabeça uma idéia de que talvez não valesse mais a pena examinar as letras. Talvez a próxima mensagem estivesse oculta nas palavras, como a de Solarin no bilhete do espelho. No justo momento em que pensei nisso — não nego que a segunda dose do conhaque deve ter ajudado —, meus olhos bateram no segundo verso: "Até como se tudo soubessem, as linhas desta mão."

Quando pronunciara as palavras, a vidente mantivera os olhos pregados às linhas de minha mão. Mas por que as linhas do poema não formavam "a chave das verdades finais"?

Tornei a examinar os versos. Onde estava a chave? Tomei a decisão de levar ao pé da letra as indicações da charada. Ela dissera que as linhas mostravam a chave "noutro nível". De forma semelhante, o padrão das rimas havia formado 666, o número da Besta citada no Apocalipse.

Não posso dizer, a bem da verdade, que tive um insight instantâneo, depois de ter trabalhado mais de cinco horas naquele problema desgraçado, mas a sensação foi essa. Percebi, de repente, com um grau excessivo de confiança, provável resultado da falta de sono e da taxa de álcool na corrente sanguínea, que estava encontrando a resposta.

O padrão das rimas não conduzia apenas à soma 666. Era, o próprio padrão, a chave da mensagem definitiva. A folha, de tão rabiscada àquela altura, mais parecia um mapa das relações intergalácticas. Dobrei um pedaço do papel para poder copiar tudo de novo. O padrão era "1-2-3, 2-3-1, 3-1-2". Peguei, em cada linha, a palavra que correspondia ao número. E lá estava:

Justamente como noutro jogo esta batalha eterna continua sempre.

Tive a certeza do significado exato daquilo. Solarin não me dissera que estávamos num jogo de xadrez? E a vidente dissera o

mesmo, três meses antes! I'adoube. "Eu te toco, Catherine Velis! Eu te ajusto! Invoca-me, e eu te responderei; e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes! Porque há uma batalha eterna em pleno andamento, e tu és um Peão neste jogo, uma peça no jogo da Vida."

Sorri, relaxei, estiquei as pernas e peguei o telefone. Não conseguiria falar com Nim, mas podia deixar um recado no computador. Nim era um mestre em problemas lógicos, talvez o melhor do mundo. Já fizera incontáveis conferências, publicara livros sobre o assunto. Por isso quase me arrancara o poema das mãos quando descobri que o padrão das rimas era extraordinário. Deve ter adivinhado no mesmo instante que ali estava a chave. Mas o patife resolvera se calar, deixar que eu mesma descobrisse tudo! Disquei o número que ele me dera e gravei a mensagem de despedida:

- Um Peão avança para a Argélia.

Com o céu começando a clarear, resolvi voltar para a cama. Não queria pensar em mais nada, e o cérebro parecia estar de acordo com a vontade. No caminho, chutei sem querer a pilha de correspondência que largara no chão. Notei, então, um envelope só com meu nome, sem endereço, sem selo. Só poderia ter sido entregue pessoalmente na portaria. Não reconheci a letra complicada, ornamentada. Tratei de apanhá-lo e abri-lo. Dentro, havia um cartão grande, grosso. Sentei-me na cama, para ler com calma:

Minha querida Catherine,

Nosso encontro me deu grande prazer. Não poderei conversar novamente com você antes da viagem, pois também vou me ausentar por algumas semanas. Depois de nossa rápida conversa, tomei a decisão de mandar Lily a seu encontro, em Argel. Duas cabeças pensam melhor do que uma, concorda? Aliás, acabei esquecendo de lhe perguntar: você gostou do encontro com minha amiga, a vidente? Ela lhe manda um recado: seja bem-vinda ao Jogo!

Com muita amizade, Mordecai Rad.

O CENTRO DO TABULEIRO

Aqui e ali, nas literaturas mais antigas, encontramos lendas a respeito de jogos misteriosos e difíceis, criados e jogados por sábios, monges e cortesãos de monarcas esclarecidos. Às vezes, tais jogos assumem a forma do xadrez, com as peças e as casas do tabuleiro ocultando significados secretos que se sobrepõem às funções normais.

- HERMANN HESSE

O jogo das contas de vidro
Eu jogo pelo prazer do jogo.

- SHERLOCK HOLMES

ARGEL

ABRIL DE 1973

Era um daqueles fins de tarde azulados, luminosos, de começo de primavera. O ruído suave parecia vir do próprio céu, enquanto meu avião deslizava pelo nevoeiro esparso que subia da costa do Mediterrâneo. Lá embaixo, via-se Argel.

Al-Djezair Beida, como eles a chamam, "a ilha branca". Assemelhava-se a uma miragem recém-emersa do mar, ainda pingando, como um reino de conto de fadas. Construções brancas, parecendo amontoadas umas sobre as outras, como as camadas de glacê de um bolo de casamento, cobriam as sete legendárias colinas. Até as árvores tinham formas e cores exóticas, místicas, que não pareciam deste mundo.

Aquela cidade branca iluminava o caminho para o Continente Negro. Lá embaixo, por trás da fachada brilhante, estavam espalhadas as peças do mistério que eu atravessara metade do mundo para resolver. Quando o avião terminava a aproximação, sobrevoando a água, tive a sensação de que ia pousar não em Argel, mas sim na primeira casa: a que me daria acesso ao centro do tabuleiro, ao coração do Jogo.

O aeroporto de Dar-el-Beida, o palácio branco, fica à beira do mar, com a curta pista quase lambida pelas ondas do Mediterrâneo.

Entre a escada do avião e o edifício envidraçado de dois andares da administração, havia uma fileira de palmeiras, agitadas como longas penas pela brisa fresca e úmida. O ar estava saturado do perfume noturno de jasmims. Uma faixa pintada à mão, pendurada à entrada do prédio, exibia algumas linhas encaracoladas, alguns traços e pontos que mais pareciam uma pintura japonesa. Foi meu primeiro encontro com a língua árabe clássica. Embaixo das letras caprichosamente desenhadas, a versão em francês: Bienvenue en Algérie.

A bagagem fora empilhada no chão, para que os passageiros identificassem seus pertences. Um carregador colocou minha mala num carrinho de metal e lá fomos nós, entre o grupo de viajantes, para o interior do aeroporto.

Na fila do setor de imigração, pensei na distância que percorrera desde a noite da semana anterior em que ficara acordada para decifrar a profecia da vidente. E sempre sozinha.

Não por escolha minha. Naquela manhã, depois de decodificar o poema, comecei a tentar algum contato, impacientemente, com todos os membros de meu irregular bando de amigos. Mas deparei com uma espécie de conspiração de silêncio. No apartamento de Harry, Valerie, a empregada, atendeu o telefone e me disse que Lily e Mordecai, trancados em algum lugar, estudavam os mistérios do xadrez. Harry viajara para entregar o corpo de Saul a uns parentes que conseguira localizar em Ohio ou Oklahoma. Llewellyn e Blanche, aproveitando a ausência dele, tinham ido a Londres, para uma investida de compras nos antiquários de lá.

Nim continuava em seu "retiro" e não respondeu a nenhum de meus recados urgentes. Mas, no sábado de manhã, enquanto eu brigava com os carregadores que empacotavam da melhor maneira possível minha mudança, Boswell apareceu na porta do apartamento com uma caixa, mandada "por aquele simpático cavaleiro que estive aqui naquela noite".

A caixa estava cheia de livros e tinha um bilhete: "Ore sempre, pedindo proteção, e não esqueça de lavar bem as orelhas. Ass.: Irmãs de Caridade." Joguei a pilha inteira na bolsa a tiracolo e me esqueci dela. Como poderia adivinhar que tais livros, ainda em minha bolsa, como se fossem uma bomba-relógio, teriam grande impacto sobre os acontecimentos seguintes? Mas Nim sabia. Talvez sempre tivesse sabido, antes mesmo daquele momento em que colocara as mãos em meus ombros e dissera:

—J'adoube.

Na eclética coleção de brochuras usadas havia uma versão da lenda de Carlos Magno, livros sobre xadrez, quadrados mágicos e especulações matemáticas para todos os gostos, além de um

chatíssimo volume sobre o mercado de ações chamado A Série de Fibonacci, de autoria de ninguém menos que o dr. Ladislaus Nim.

Seria inverdade dizer que me tornei mestra em xadrez durante as seis horas de voo entre Nova York e Paris, mas aprendi bastante a respeito do Xadrez de Montglane e do papel desempenhado por ele na queda do Império Carolíngio. Embora nunca mencionado claramente pelo nome, o Xadrez esteve envolvido na morte de nada menos que meia dúzia de reis, príncipes e cortesãos variados, todos com a cabeça esmagada pelas peças "de ouro maciço". Guerras foram causadas por aquelas estatuetas homicidas e, após a morte de Carlos Magno, seus próprios filhos reduziram o Império Franco a frangalhos, em batalhas pela posse do misterioso Xadrez. Nim anotara na margem, neste ponto: "Xadrez, o mais perigoso dos jogos."

Eu já havia treinado sozinha um pouco de xadrez, na semana anterior, antes mesmo de ler os livros que ele mandara. Aprendera o bastante para saber a diferença entre tática e estratégia. A tática consiste em movimentos imediatistas, para assegurar posições. Mas é a estratégia que leva à vitória. Essa informação se mostrara muito útil em minha chegada a Paris.

A sociedade Fulbright Cone não perdera nem um pouco de seu recheio de traição e corrupção, tantas vezes testado e aprovado, com minha viagem por sobre o Atlântico. A língua e as expressões podiam diferir, mas as patifarias eram as mesmas. A primeira coisa que ouvi, quando me apresentei ao escritório de Paris, foi que a missão talvez fosse cancelada. Aparentemente, ninguém conseguira obter a assinatura do pessoal da OPEP no contrato.

Disseram-me que seus enviados foram submetidos a longas esperas em vários ministérios, em Argel. Eles tinham feito várias viagens aéreas entre França e Argélia, mas regressado sempre de mãos abanando. Afinal, o principal executivo, Jean Philippe Petard, resolveu tratar pessoalmente do assunto. Recomendou que eu não fizesse nada até que ele chegasse a Argel, no fim da semana, e garantiu que eu não precisava me preocupar: ele encontraria algum serviço para mim no escritório. Pelo tom de voz, imaginei que tinha em mente coisas como datilografia, limpeza de carpetes, janelas e,

talvez, ocasionalmente, um banheiro. Só que meus planos eram outros.

O escritório de Paris não conseguira um contrato assinado pelo cliente, mas eu tinha uma passagem para Argel e uma semana livre naquela cidade, sem qualquer supervisão.

Saí do escritório e tomei um táxi para o aeroporto de Orly, pensando em Nim: ele parecia ter razão a respeito do desenvolvimento de meu instinto de caçadora. Eu passara a vida usando táticas, manobras a curto prazo; nunca conseguira ver o tabuleiro todo porque meu olhar ficava preso às peças. Talvez estivesse na hora de tomar as peças que me atrapalhavam a visão.

Tive de esperar mais de meia hora na fila do setor de imigração, em Dar-el-Beida. Andávamos a passos de formiga pelo corredor estreito, entre as grades de metal, para chegarmos ao balcão de controle de passaportes.

Finalmente, através do guichê envidraçado, um funcionário examinou o visto de entrada argelino, com o selinho vermelho e branco e a assinatura espalhada que cobria quase toda a página azul. Olhou e olhou, por muito tempo, até que ergueu a vista para mim, com uma expressão que me pareceu estranha.

— A senhora está viajando sozinha — afirmou, em francês.

— E seu visto faz referência a affaires. Para quem vai trabalhar?

"Affaires" significa "casos" e também "negócios". Tipicamente francês, isso de uma palavra ter dois sentidos tão diferentes. Matam-se dois coelhos com uma só cajadada.

— Vou trabalhar para a OPEP — comecei a explicar, em mau francês. Mas, antes que pudesse continuar, ele começou a carimbar "Dar-el-Beida" por todos os cantos do visto, apressadamente. Fez sinal com a cabeça para um carregador que descansava encostado a uma parede. Ele veio até nós, enquanto o funcionário folheava rapidamente o restante do passaporte e o passava de volta para mim, pelo guichê.

- OPEP. Muito bem, madame. Faça o favor de declarar neste formulário a quantia total em seu poder...

Enquanto preenchia o formulário, notei que ele cochichou qualquer coisa com o carregador, me indicando. O rapaz fez que sim

com a cabeça e afastou-se.

— Qual o local de residência durante o período de estada? — quis saber o funcionário, quando lhe devolvi o papel.

- Hotel El Riadh.

O carregador passara para trás do balcão, dando-me uma olhada desconfiada, e agora batia à porta de vidro opaco do único escritório, nos fundos do salão. Um homem forte atendeu. Os dois passaram a olhar para mim. Não era minha imaginação criando coisas. E o grandalhão estava com um revólver no cinto.

- Seus papéis estão em ordem, madame — disse calmamente o homem do guichê. - Pode passar para a alfândega.

Resmunguei um agradecimento, peguei a papelada e me dirigi a outra passagem estreita, onde havia uma placa com a palavra DOUANIER. Vi, ao longe, minha bagagem ser jogada sobre uma esteira rolante. Mas, antes de chegar ao guichê da alfândega, o carregador me interceptou:

— Desculpe, madame — disse, com uma voz educada, tão baixo que ninguém mais poderia ter ouvido. — Queira me acompanhar, por favor.

Apontou para a porta da salinha, onde o grandalhão acariciava a coronha do revólver, e meu estômago pareceu subir até a garganta.

— É claro que não! — respondi em inglês, o mais alto que pude, e me encaminhei para a esteira da bagagem, tentando ignorá-lo.

— Sinto muito, mas sou obrigado a insistir — disse ele, segurando meu braço com firmeza.

Nos círculos de negócios que costumava frequentar, eu gozava da fama de possuir nervos de aço. Mas nem por isso o pânico deixou de aumentar.

— Não estou entendendo. Qual é o problema? — tornei a falar alto, desta vez em francês, tirando a mão dele de meu braço.

— Pas de problème — disse ele, sem tirar os olhos dos meus.

— O chef de sécurité gostaria de lhe fazer algumas perguntas, apenas isso. Vai ser só um momento. Sua bagagem estará absolutamente segura. Eu mesmo vou tomar conta dela.

O que me preocupava não era bem a bagagem. Fiquei com medo de sair do salão iluminado e me meter em uma salinha sem

identificação com um sujeito armado. Mas, pelo jeito, não tinha escolha. Ele foi comigo até a sala e o sujeito do revólver me deu passagem.

A sala era minúscula, mal comportava a mesa e as duas cadeirinhas de metal a sua frente. O ocupante da mesa levantou-se para me receber.

Devia ter uns trinta anos, era musculoso, bronzeado e bonito. Contornou a mesa com movimentos de gato, a musculatura quase arrebatando as costuras do impecável terno escuro. Com aquele cabelo negro penteado para trás, a pele morena, o nariz aquilino e os lábios grossos, carnudos, tinha o tipo físico perfeito para o papel de gigolô italiano em um filme francês.

— Obrigado, Achmet — disse, com voz aveludada, ao brutamontes armado que mantinha a porta aberta.

Achmet sumiu, e a porta fechou-se sem ruído.

— Mademoiselle Velis, não é? — Fez sinal para que eu me sentasse em uma das cadeirinhas. — Eu estava a sua espera.

— Como? — indaguei, ainda em pé, olhando-o com Firmeza nos olhos.

— Desculpe! Não quero que pense que há qualquer mistério nisso. — Sorriu. — Minha repartição examina todos os vistos de entrada concedidos. Não é comum encontrarmos uma mulher solicitando visto de entrada a negócios. Para dizer a verdade, acho que o seu foi o primeiro caso. Devo confessar que fiquei curioso e quis conhecê-la pessoalmente.

— Bem, então... Se o senhor já satisfaz a curiosidade...

— Comecei a andar em direção à porta.

— Sente-se, por favor, mademoiselle. Não fique com medo, não sou nenhum ogro. Sou apenas o chefe da segurança. Os amigos me chamam de Sharrif. - Dardejou outro sorriso brilhante, encantador, e eu me sentei, relutantemente. - Posso tomar a liberdade de comentar que seu conjunto de safári é muito elegante? Não apenas chique, como também apropriado para um país com mais de três mil quilômetros de deserto. Planeja visitar o Saara durante sua estada, mademoiselle? - perguntou, de maneira casual, enquanto se sentava atrás da mesa metálica.

— Planejo ir onde meu cliente mandar.

— Ah, sim! Seu cliente. — Parecia não ter pressa, tentava se mostrar cada vez mais sedutor. - O doutor Kader. Emile Kader, ministro do Petróleo. Um velho amigo. Por favor, queira lhe dar lembranças minhas. Foi ele quem abonou seu visto, não foi? Posso verificar seu passaporte?

Já estava de mão estendida e pude ver bem a abotoadura de ouro, que só podia ter sido apreendida na alfândega. Não há muitos funcionários de aeroportos com salários que permitam comprar uma joia como aquela.

— É apenas uma formalidade — continuou Sharrif. - Seleccionamos ao acaso alguns recém-chegados para uma inspeção mais rigorosa que a rotineira, da alfândega. Isso dificilmente lhe acontecerá de novo em vinte viagens, ou em cem.

— Em meu país, somente pessoas suspeitas de contrabando costumam ser levadas a salas fechadas de aeroportos. — Eu estava blefando, mas achei que não tinha outro jeito. O brilho camaleônico do sorriso daquele homem e sua história não haviam me convencido nem um

pouco, e muito menos as abotoaduras de ouro ou a cara de artista de cinema. Fui a única pessoa, dentre todos os passageiros, a ser chamada e "inspecionada". E, desde que chegara, tinha notado cochichos e olhares em minha direção entre todos os funcionários. Fosse o que fosse, a coisa era comigo. E, certamente, a razão não era a curiosidade por uma mulher viajando a negócios para um país muçulmano.

— Ah! A senhorita não está achando que é suspeita de contrabando, está? Infelizmente para mim, as leis do país só permitem que uma mulher seja revistada por outra mulher, mesmo sob suspeita de contrabando! Não, não! Só quero ver seu passaporte, pelo menos por enquanto. - Examinou-o, parecendo muito interessado. - Jamais teria sido capaz de adivinhar sua idade. Mas aqui está: vinte e quatro anos recém-completados. Mas que interessante! Sabia que seu aniversário, 4 de abril, coincide com um feriado para nós, islâmicos?

Naquele instante, as palavras da vidente me vieram à memória. Quando me aconselhara a não revelar o dia de meu aniversário, devia ter esquecido de coisas como passaportes e carteiras de motorista.

— Será que eu disse algo que a assustou? — Ele me olhou de modo estranho.

— Não, de forma alguma. — Tentei parecer segura, tranquila.

— Agora, se já terminamos...

— Talvez a senhorita tenha interesse em saber mais...

Cada vez mais felino, esticou o braço sobre a mesa e pegou minha bolsa. Outra "formalidade", sem dúvida, mas eu estava me sentindo cada vez pior, cada vez mais assustada. Do fundo da memória, ouvi uma voz sussurrar: "Corres grande perigo... Aonde quer que vás, nunca deixes de olhar por cima dos ombros, de vigiar as costas... No quarto dia do quarto mês, chegará o Oito."

— Quatro de abril - repetiu Sharrif, falando sozinho, enquanto tirava da bolsa batons, um pente, uma escova, e alinhava tudo aquilo sobre a mesa, como se constituíssem provas de algum assassinato.

— No islamismo, chamamos o 4 de abril de "Dia da Cura". Temos duas contagens de tempo simultâneas: o ano islâmico, lunar, e o ano solar, que começa no 21 de março do calendário ocidental. Há muitas tradições ligadas a ambos. — Continuou esvaziando minha bolsa, tirando cadernetas, canetas e lapiseiras e alinhando tudo, metodicamente, sobre a mesa. — Maomé nos ensina que, quando começa o ano solar, devemos recitar trechos do Alcorão dez vezes por dia, durante a primeira semana. Na segunda, devemos expirar o hálito sobre uma tigela com água, todos os dias, ao acordarmos, e beber aquela água. E então, no oitavo dia...

Ergueu os olhos para mim, com um sorriso descuidado. Tentei retribuir na mesma moeda, embora tivesse ficado com a impressão de que ele olhara de repente para me surpreender em alguma atitude suspeita: com o dedo no nariz, por exemplo, ou alguma coisa assim...

— No oitavo dia da segunda semana desse mês mágico — prosseguiu Sharrif—, se todos os rituais prescritos por Maomé

tiverem sido cumpridos, qualquer mal que a pessoa possa ter será curado. É o dia 4 de abril de seu calendário. Acredita-se que as pessoas nascidas nesse dia tenham um poder muito grande, que sejam capazes de curar os males dos outros. É quase como se... Mas é claro que, como ocidental, a senhorita não deve se interessar por nossas superstições.

Seria apenas minha imaginação ou ele estaria mesmo me observando, à maneira de um gato que vigia um rato? Continuei tentando controlar a expressão de meu rosto. De repente, ele deu um gritinho que me fez saltar na cadeira.

— Ah! Estou vendo que a senhorita se interessa por xadrez!

O que tirou da bolsa e jogou em minha direção, sobre a mesa, foi o tabuleiro portátil de Lily, esquecido ali. Em seguida, Sharrif começou a retirar os livros de xadrez, empilhando-os depois de ler cuidadosamente os títulos.

— Xadrez. Jogos matemáticos! Ah! A Série de Fibonacci!

Sorriu de novo, daquela maneira que me dava a impressão de ter sido apanhada, de algum jeito. Acariciou a capa do tedioso livro escrito por Nim.

— Então a senhorita se interessa pela matemática? — perguntou, com os olhos brilhando intensamente.

— Não. Não muito.

Levantei-me e comecei a arrumar os objetos na bolsa, à medida que ele os ia devolvendo, um por um. Incrível como uma moça de espírito prático como eu era capaz de carregar tanta porcaria em uma bolsa, dando metade de uma volta ao mundo!

— O que a senhorita sabe, exatamente, sobre A Série de Fibonacci?

— São números usados em projeções para a Bolsa de Valores — resmunguei. — Os adeptos da teoria das ondas, de Elliot, acreditam que podem prever oscilações do mercado acionário com base neles.

A teoria foi desenvolvida por um sujeito chamado R. N. Elliot, na década de 1930...

— Então a senhorita não conhece o autor?

Olhei-o, com a mão parecendo se congelar sobre a capa do livro.

— Leonardo Fibonacci, quero dizer — continuou Sharrif, com uma expressão seriíssima. — Era italiano. Nasceu em Pisa, no século XII, mas estudou aqui em Argel. Foi um brilhantíssimo sábio da matemática no famoso al-Khwarizmi sarraceno, que cedeu o nome aos algoritmos. Fibonacci introduziu os algarismos arábicos na Europa, para substituir os velhos algarismos romanos...

Merda! Como não percebi logo que Nim jamais me daria um livro por nada. Mesmo que fosse ele próprio o autor? Lamentei muito não ter analisado aquilo antes da pequena inquisição a que me submetia Sharrif. Comecei a sentir uma luzinha acendendo e apagando no cérebro, mas não fui capaz de decifrar o código morse das piscadelas. Nim não me sugerira estudar quadrados mágicos? Solarin não desenvolvera uma fórmula para o Pulo do Cavalo? A vidente não recheara suas profecias com números? No entanto, fui incapaz de juntar dois e dois e chegar a quatro.

Para começar, fora um mouro quem dera o Xadrez a Carlos Magno, lembrei então. Nunca fui nenhum gênio em matemática, mas aprendera que os mouros levaram quase todas as descobertas importantes da matemática para a Europa, desde o instante em que chegaram a Sevilha, no século VIII.

Era óbvio que a busca do tal Xadrez de Montglane tinha algo a ver com a matemática. Mas... o quê?! Sharrif me revelara mais do que tirara de mim. Contudo, ainda assim, eu me sentia incapaz de juntar os fragmentos. Tirei o último livro de suas mãos e joguei-o na bolsa.

— Já que a senhorita vai ficar um ano na Argélia, talvez possamos jogar xadrez, um dia desses. Cheguei a disputar o título persa, na categoria júnior...

— Vou lhe ensinar uma expressão bem ocidental, que pode lhe ser útil — retruquei, por cima do ombro, já chegando à porta. — "Não se dê ao trabalho de me procurar. Deixe que eu o procuro."

Saí. Achmet, o pistoleiro, olhou para mim, surpreso, e depois para Sharrif, que mal tivera tempo de se levantar. Bati a porta com toda a força. O vidro estremeceu. Não olhei para trás.

Passei depressa pela alfândega. Quando abri a mala, notei, pela expressão do funcionário e por pequenos sinais de desordem, que

todo o conteúdo já fora examinado. Um homem fechou-a e passou-lhe um visto com giz.

O aeroporto estava quase deserto àquela hora, mas, por sorte, a agência de câmbio continuava aberta. Troquei meu dinheiro, chamei um carregador e saí, à procura de um táxi. O perfume intenso de jasmims, pesando no ar, tornou a me incomodar.

Já no automóvel, pedi ao motorista que me levasse ao Hotel El Riadh, e lá fomos nós, à luz âmbar do bulevar, na direção de Argel.

O taxista, de rosto velho e retorcido como um novelo, encarou-me pelo espelho e perguntou:

— E a primeira vez que a madame vem a Argel? Se é, posso lhe oferecer um passeio pela cidade por cem dinares, terminando no hotel, é claro.

O El Riadh ficava do outro lado da cidade, a mais de trinta quilômetros, e cem dinares equivaliam a vinte e cinco dólares. Concordei. Uma ida do centro de Manhattan até o Aeroporto Kennedy, na hora do rush, sairia mais cara.

Estávamos atravessando a avenida principal, um bulevar ladeado por gordas e vetustas palmeiras. Do outro lado, os edifícios exibiam fachadas em estilo colonial, com altos arcos apoiados por colunas, de frente para o porto. O cheiro salgado e úmido do mar chegava até o interior do carro.

No meio da zona portuária, em frente ao imponente Hotel Aletti, tomamos uma transversal, também ladeada por árvores, e começamos uma subida íngreme. À medida que avançávamos, os prédios pareciam crescer e fechar-se sobre nós. Estruturas imponentes, caiadas, dos tempos anteriores à guerra de libertação, erguiam-se na escuridão como fantasmas que cochichassem lá no alto, muito acima de nossas cabeças. Eram tão próximos uns dos outros que não permitiam ver o céu estrelado.

Já estava completamente escuro e o silêncio era absoluto. Umas poucas luzes de rua projetavam sombras retorcidas das árvores contra as paredes branquíssimas. A rua tornava-se cada vez mais estreita e íngreme, dirigindo-se ao coração de Al-Djezair. Ao coração da ilha.

Mais ou menos na metade do caminho, a rua alargou-se um pouco e nivelou-se em uma espécie de praça circular que parecia marcar o centro daquela cidade vertical. Quando o motorista contornou a praça, pude ver o labirinto de ruelas da parte de cima. Vi também os faróis de outro carro atrás de nós, muito mais potentes que as luzes fracas de meu táxi, que com dificuldade rompiam a escuridão sufocante da parte alta da cidade.

— Há alguém nos seguindo.

— Eu sei madame.

Deu uma olhada pelo retrovisor, com um risinho nervoso. Os dentes de ouro brilharam à luz dos faróis do outro carro.

— Estão atrás de nós desde o aeroporto. A senhora por acaso é espiã?

— Não seja ridículo.

— É que aquele carro é privativo do chef du sécurité.

— Chefe de segurança? Ele me entrevistou no aeroporto. Chama-se Sharrif, não é?

— Isso mesmo.

O motorista ficava mais nervoso a cada instante. Já estávamos no ponto mais alto da cidade e a rua se transformara em um perigoso fiapo, paralelo ao precipício que se debruçava sobre Argel. Olhou ansiosamente para baixo, no momento em que o carro de trás, preto e enorme, vencida a última curva que havíamos feito.

A cidade inteira esparramava-se a nossos pés, em colinas ondulantes: um labirinto de ruelas retorcidas que desciam como lava em direção ao crescente iluminado que demarcava o porto. Luzes de navios brilhavam na baía de águas negras.

O motorista começou a pressionar o acelerador. Quando fez uma curva inesperada, Argel desapareceu de nossa vista e fomos engolidos pela escuridão. Logo começamos uma descida, como que dentro de um poço negro, cercado por uma floresta densa, impenetrável. De tão forte, o cheiro de pinheiros conseguia abafar o aroma salgado do mar. Nem mesmo a luz difusa do luar penetrava pelas copas entrelaçadas das árvores.

O taxista ainda olhava nervosamente pelos espelhos quando nos precipitamos pelo meio da floresta. Desejei que ele mantivesse os

olhos no caminho à frente.

— Estamos na região chamada "Les Pins". Não existe nada entre isto aqui e o El Riadh, a não ser pinheiros. É uma espécie de atalho.

A estradinha subia e descia como montanha-russa. Ele continuava acelerando mais e mais e, nas lombadas, eu tinha a sensação de que o carro saía do chão. Não se via nada, absolutamente nada.

— Eu não estou com pressa — disse, agarrando-me ao assento para não bater a cabeça no teto. — Por que o senhor não vai um pouquinho mais devagar?

Os faróis do outro carro ainda brilhavam atrás de nós. Eu os via a cada subida.

— Aquele sujeito... Sharrif. A senhora sabe por que ele a interrogou no aeroporto?

— Ele não me interrogou — respondi, meio agressiva. — Só quis fazer meia dúzia de perguntas. Afinal, não é comum uma mulher vir a Argel a negócios... - Percebi que minha risada soou artificial. - O setor de imigração pode questionar qualquer pessoa, não pode?

O motorista sacudiu a cabeça e olhou-me pelo espelho, atrapalhado pelos faróis do outro carro, que volta e meia se refletiam no retrovisor.

— O Sharrif não trabalha na imigração, madame. O trabalho dele não é dar as boas-vindas a quem chega a Argel. E não foi para garantir que a senhora não se perdesse a caminho do hotel que ele mandou segui-la. — Sua voz tremia, apesar das piadinhas. - O trabalho dele é bem mais importante.

— É mesmo?

—É claro que ele não deve ter dito à senhora. —Tornou a olhar, nervoso, pelo retrovisor. — Esse sujeito, Sharrif, chefia a polícia secreta.

A polícia secreta da Argélia, segundo a descrição de meu motorista, parecia uma mistura de FBI com CIA e Gestapo. Ele ficou mais que aliviado quando chegamos ao Hotel El Riadh, um edifício baixo e elegante, cercado de vegetação densa, com uma piscina de formato irregular e um chafariz à entrada. Abrigado por um bosque,

bem perto do mar, o El Riadh brilhava, com a fachada ornamental e a alameda de entrada profusamente iluminadas.

Quando desci do táxi, percebi os faróis do outro carro, que manobrou e logo desapareceu na escuridão das árvores. As mãos do motorista tremiam, quando ele levou minha bagagem para a portaria. Fui atrás e paguei o combinado. Depois, apresentei-me à recepção. O relógio atrás do rapaz do balcão marcava 21:45.

— Sinto muito, madame. Não existe reserva em seu nome. E infelizmente estamos lotados.

Sorriu, sacudiu os ombros e me deu as costas, de volta ao trabalho burocrático.

Era só o que me faltava àquela hora. Já tinha notado que não havia táxis parados em frente ao hotel, naquele lugar isolado. Andar até o centro da cidade, com a bagagem nas costas, através da floresta infestada de policiais não era bem meu tipo de programa noturno preferido.

— Deve haver algum engano! Minha reserva foi confirmada há mais de uma semana.

— Deve ter sido em outro hotel — disse ele, com o sorrisinho bem-educado que já estava parecendo característica nacional argelina.

O desgraçado me deu as costas, outra vez. Comecei a pensar em qual lição uma executiva jovem e astuta podia tirar da situação. Talvez a indiferença, ao virar as costas, fosse apenas um prelúdio, um aquecimento para a negociação ao estilo árabe. Talvez fosse preciso negociar tudo naquele país, desde vultosos contratos de consultoria de sistemas até uma reserva de hotel já confirmada. Decidi fazer uma experiência. Tirei do bolso uma nota de cinquenta dinares e bati com ela no balcão.

— Você me faria a gentileza de guardar minha bagagem atrás do balcão? Sharrif, o chef du sécurité, ficou de me encontrar aqui. Quando ele chegar, diga que estou no bar, por favor.

Até que não era uma mentira deslavada, raciocinei. Sharrif com certeza deveria achar que eu estava no El Riadh, já que seus capangas haviam me acompanhado até a porta. E o rapaz, muito

provavelmente, não teria coragem de telefonar para tal celebridade, perguntando a respeito de seus planos para a hora do coquetel.

— Ah, desculpe, madame! — Tornou a olhar para o livro de reservas e, com um movimento rápido, enfiou no bolso a nota. — Acabei de descobrir que temos, de fato, uma reserva em seu nome. — Rabiscou qualquer coisa no livro e sorriu, de modo simpático. — Posso chamar o carregador para levar sua bagagem até o quarto?

— Sim, por favor. — Dei algumas notas miúdas ao carregador, quando ele chegou. — Enquanto isso, vou andar por aí, para ver um pouco do hotel. Quando ele voltar, por favor, mande a chave para o bar.

— Muito bem, madame. — Outro sorriso.

Joguei a bolsa sobre o ombro e atravessei o saguão em direção ao bar. Toda a entrada e a recepção tinham sido construídas em estilo moderno, com pé-direito baixo, mas, quando virei o primeiro corredor, me vi em um espaço enorme, que mais parecia um átrio. As paredes brancas subiam em linhas curvas, fantasiosas, até o teto em forma de cúpula, a uns quinze metros de altura, com várias claraboias que permitiam ver o céu estrelado.

Do outro lado do salão, a uns dez metros do chão, o bar parecia flutuar no espaço. Era um terraço de cuja extremidade jorrava, como que por milagre, uma cascata, uma parede líquida que desabava em espuma em um Kamel Kader. O mesmo Kader cuja assinatura Sharrif reconhecera em meu visto.

Enquanto esperavam, em uma das intermináveis antessalas que o ministério parecia conter que Kader autorizasse a entrada, viram um grupo de banqueiros japoneses passar pelo corredor e se dirigir ao elevador. Entre eles, ninguém menos que o ministro Belaid, o tal que viajara a negócios.

O pessoal da Fulbright Cone não estava acostumado àquele tipo de tratamento, menos ainda em massa — seis de uma vez! E, ainda por cima, de forma tão ostensiva! Decidiram protestar energicamente quando Emile Kamel Kader os recebesse. Só que, quando isso finalmente aconteceu, foram encontrá-lo de calção e camisa de tênis, dando golpes em uma bolinha imaginária com uma raquete.

— Sinto muito — disse ele. — Hoje é segunda-feira. E, às segundas-feiras, eu sempre jogo com um amigo do tempo da faculdade. Não posso faltar ao compromisso.

E lá se foi, fazendo de palhaços os executivos de alto nível da Fulbright Gone.

Eu estava ansiosa para conhecer um sujeito capaz de tal coisa com seis representantes de minha ilustre empresa de uma só vez. E comecei a achar que era mais uma manifestação do estilo árabe de negociar, de barganhar. Em compensação, se os seis não conseguiram nada, como eu sozinha conseguiria a assinatura?

Peguei o copo de cerveja e saí para a parte externa do terraço. Passei o olhar pelo jardim escuro que se estendia do hotel até a praia e que, como o garçom me dera a entender, parecia um labirinto. Alamedas estreitas de pedrinhas brancas serpenteavam entre canteiros e mais canteiros de plantas exóticas: cactos, folhagens de todos os tipos, vegetação tropical fartamente misturada à desértica.

No final do jardim, já quase na praia, havia uma enorme piscina de mármore, brilhante como uma turquesa, com a iluminação colocada abaixo da superfície. Entre ela e a praia ficava uma estranha parede branca de formas retorcidas, rendilhada de arcos de formato irregular, que permitiam a visão, em alguns lugares, da areia da praia e das cristas brancas das ondas que se quebravam. No fim da parede, uma torre, encimada por uma cúpula em forma de cebola, do tipo daquelas de onde os almuadens conclamam os fiéis às orações do final de tarde.

Meus olhos estavam se voltando devagar para a direção do jardim quando vi, foi só um relance, um reflexo da iluminação da piscina nos raios de uma roda de bicicleta, que logo desapareceu entre a folhagem.

Fiquei petrificada no último degrau da escadaria, percorrendo com a vista o jardim, a piscina e a praia ao longe. Os ouvidos teriam sido capazes de captar qualquer ruído, mas não vi nem ouvi mais nada. Nada. De repente, senti tocarem em meu ombro. Quase dei um salto!

— Sinto muito, madame — desculpou-se o garçom, embora estranhando minha reação. — O recepcionista me pediu para avisar que chegou correspondência em seu nome, hoje à tarde.

— Entregou-me um envelope pardo, grande, e outro que parecia conter um telex. — Espero que a senhora tenha uma boa noite.

Tornei a olhar para o jardim. Talvez minha imaginação estivesse me pregando peças. Afinal, mesmo que não tivesse sido apenas uma miragem, sem dúvida havia bicicletas na Argélia, como em qualquer outro país. Voltei para o bar iluminado e abri o telex: LEIA JORNAL, PÁGINA G5. Nenhuma assinatura. Mas, quando abri o envelope do jornal, percebi logo quem o remetera. Era a edição de domingo do The New York Times. Como conseguira chegar tão depressa, a uma distância tão grande? As Irmãs de Caridade tinham modos estranhos e misteriosos de fazer as coisas.

TORNEIO CANCELADO POLÍCIA QUESTIONA O SUICÍDIO DE FISKE

O suicídio do Grande Mestre Antony Fiske, ocorrido semana passada, que já causara estranheza nos círculos nova-iorquinos de xadrez, merece agora uma investigação rigorosa do Departamento de Homicídios. Um comunicado emitido hoje pela Chefatura de Polícia considera impossível que o Grande Mestre britânico, de sessenta e sete anos, tenha posto fim à própria vida. A morte resultou de "ruptura da coluna cervical, por pressão exercida simultaneamente sobre a sétima vértebra e a base do queixo". Não há possibilidade de que um homem venha a infligir tal agressão a si próprio, a não ser que "consiga ficar atrás de seu próprio pescoço, tentando quebrá-lo", nas palavras do dr. Osgood, médico oficial do torneio e o primeiro a tentar socorrer Fiske. O médico foi também o primeiro a manifestar estranheza quanto às circunstâncias da morte.

Durante a partida, o adversário de Fiske, o Grande Mestre soviético Aleksandr Solarin, notou e comentou o que chamou de "comportamento estranho" do britânico. A embaixada soviética alegou imunidade diplomática para o controvertido enxadrista, que tornou a surpreender negando-se a aceitá-la. (Veja matéria na página A6.) Solarin foi a última pessoa a ver Fiske com vida e fez questão de prestar depoimento à polícia.

O organizador do torneio, John Hermanold, distribuiu nota explicando as razões de seu cancelamento. Hoje, revelou que Fiske tinha um passado repleto de incidentes envolvendo drogas e sugeriu que a polícia investigasse informantes e traficantes conhecidos do submundo do tráfico, como primeira providência para esclarecer o caso.

A coordenação do torneio ofereceu também às autoridades a lista completa de nomes e endereços das 63 pessoas presentes à partida de domingo, no Clube Metropolitano, entre elas juizes e outros jogadores.

(Veja, na próxima edição de domingo, análise completa: "Antony Fiske, a Vida de um Grande Mestre".)

Muito bem. O rato saía da toca e o Departamento de Homicídios tentava farejar. Fiquei encantada ao descobrir que meu nome estava nas mãos dos tiras de Manhattan e que eles não poderiam fazer nada, a não ser que pedissem minha extradição ao governo argelino. Tentei imaginar se Lily também escapara da inquisição. Solarin não conseguira, claro. Procurei a página A6, para saber um pouco mais sobre a história.

Fiquei surpresa ao encontrar uma "entrevista exclusiva" em duas colunas, com título provocante: SOVIÉTICOS NEGAM ENVOLVIMENTO NA MORTE DO GRANDE MESTRE BRITÂNICO. Dei só uma olhada superficial no nariz de cera, que descrevia Solarin como "carismático e misterioso", resumia sua carreira de enxadrista e mencionava o incidente ocorrido na Espanha. O que vinha a seguir, o miolo da matéria, ensinou-me muito mais do que eu ousaria esperar.

Para começar, não era Solarin quem negava envolvimento. Até então, eu nem mesmo sabia que ele estivera sozinho com Fiske em um lavatório, segundos antes da morte. Eram as autoridades soviéticas que estavam fazendo o barulho todo, exigindo imunidade diplomática e dando as proverbiais sapatadas kruchovianas na mesa.

Solarin abria mão da imunidade — evidentemente, tinha prática nesse tipo de situação. Dera-se ao luxo de deixar claro que desejava cooperar com as autoridades. Quando o repórter lhe perguntou a respeito do suposto envolvimento de Fiske com drogas, deu uma

resposta que me fez rir: "Pode ser que John Hermanold tenha informações privilegiadas neste ramo. Pelo que sei, a autópsia não diz nada a respeito de resíduos de drogas nas vísceras." Gostei da sutil sugestão de que Hermanold era mentiroso ou traficante.

Mas, quando li a descrição feita por Solarin do que presenciara do crime, fiquei espantada. Segundo seu depoimento, não era possível qualquer pessoa ter entrado no banheiro para matar Fiske, a não ser ele próprio. Não houve tempo nem possibilidade, uma vez que o único acesso ao local estava bloqueado pelos juizes e por ele. Fiquei furiosa por não ter estudado pessoalmente as plantas dos clubes. Mas ainda era possível, se eu conseguisse entrar em contato com Nim. Ele poderia mandar uma planta.

Comecei a me sentir exausta. O relógio interior fez-me ver que eram quatro da tarde, pelo horário de Nova York, o que significava que eu já passara mais de vinte e quatro horas sem dormir. Recolhi a correspondência e a chave e descii a escada em direção ao jardim. Achei logo a árvore perfumada. O garçom não tinha exagerado: seu aroma era penetrante, intenso e sensual.

Subi a escadinha da entrada de meu quarto e abri a porta. As luzes estavam acesas. Era um aposento amplo, com piso de lajotas de cerâmica, paredes nuas de alvenaria e uma varanda com vista para o mar, por cima da árvore. Uma colcha pesada, que parecia feita de pele de carneiro, cobria a cama. Havia ainda um tapete pequeno, que combinava com a colcha, e umas poucas peças de mobília.

No banheiro, pia, vaso sanitário, bidê e uma banheira grande. Não havia chuveiro. Abri a torneira da banheira e um jorro de água avermelhada começou a correr. Deixei aberta, na esperança de que fosse a sujeira da tubulação. Depois de vários minutos, nenhuma mudança de cor nem de temperatura. Ótimo! Um bom banho de ferrugem fria era tudo o que eu precisava.

Voltei ao quarto, deixando a torneira aberta, e abri o armário. Minhas roupas tinham sido arrumadas metodicamente em cabides e gavetas. A mala e as bolsas ficaram no piso forrado. Essa gente parece gostar de examinar a bagagem alheia, pensei. Mas eu não tinha nada a esconder que coubesse em malas ou bolsas. O

incidente com a pasta no edifício da ONU já me ensinara tudo a esse respeito.

Tirei o fone do gancho e pedi à telefonista para me ligar com o número do computador de Nim. Ela respondeu que me chamaria de volta assim que completasse a ligação. Tirei as roupas e voltei ao banheiro. A sopa de limalha de ferro já estava com alguns centímetros de profundidade. Suspirei e mergulhei naquela calda pavorosa, procurando manter alguma elegância de movimentos.

Eu tentava me livrar da espuma grossa do sabonete quando o telefone tocou. Enrolei-me na toalha meio surrada e corri, respingando, para atender.

— Sinto muito, madame, mas o número que a senhora deu não responde.

— Como "não responde"? — Não era retórica. Eu queria realmente entender. — Ainda é hora de expediente, em Nova York, e o número é de uma empresa!

Não me dei ao trabalho de dizer, mas o telefone de Nim funcionava vinte e quatro horas por dia.

— Não, madame. É a cidade que não responde.

— Nova York não responde? — Não me pareceu possível que a cidade tivesse sido riscada do mapa nas últimas vinte e quatro horas. — Você está brincando! Milhões de pessoas moram lá!

— Pode ser que a telefonista já tenha ido dormir, madame. — A voz era calma, a própria voz da razão. — Ou então, já que é tão cedo lá, pode ter saído para almoçar.

Bienvenue en Algérie, pensei. Agradei delicadamente à telefonista, pelo esforço que devia ter feito, e comecei a desligar todas as lâmpadas. Finalmente, escancarei a varanda, para deixar entrar o perfume da flor-da-noite.

Debrucei-me ao parapeito e fiquei olhando as estrelas sobre o mar. De onde me encontrava, tive a impressão de que eram pedras preciosas bordadas em um pedaço de veludo azul, remotas e frias.

Eu mesma me senti também remota, afastada demais das pessoas e das coisas que conhecia bem. Tinha passado, sem muita consciência, para outro mundo.

Acabei me cansando e voltei para o quarto. Joguei o corpo entre os lençóis de linho, e caí no sono, ainda olhando as estrelas do litoral do continente africano.

Quando ouvi o ruído e abri os olhos, no meio da escuridão, achei que ainda sonhava. O mostrador fosforescente do relógio da mesinha marcava 00:20. Lembrei que não havia relógio no apartamento de Nova York e, aos poucos, fui tomando consciência de onde estava. Já ia voltando a dormir quando ouvi de novo: o ruído metálico característico dos pedais de uma bicicleta.

Deixara as janelas abertas, como uma idiota. Lá fora, protegido pela sombra da árvore, apenas com a silhueta visível contra o luar, um homem empurrava uma bicicleta. Não fora minha imaginação, afinal!

Meu coração batia forte e descompassadamente quando deslizei pela borda da cama e fui de gatinhas, no escuro, fechar as janelas. Havia dois probleminhas, logo percebi: eu não tinha a menor idéia de onde ficavam os trincos, se é que existiam, e estava nua. Diabo! Não havia tempo para sair procurando roupas naquele quarto estranho para mim. Cheguei até a parede e comecei a tatear à procura dos trincos das malditas janelas.

Ouvi nitidamente o calçamento de pedrinhas, do lado de fora, gemer ao peso do homem que se aproximava da janela e estacionava a bicicleta encostada na parede externa.

— Não imaginei que você costumasse dormir nua - sussurrou ele. Não havia como contundir o macio sotaque eslavo. Era Solarin.

Senti meu corpo enrubescer com uma onda de calor se irradiando por toda a pele exposta.

O filho da puta passou a perna sobre o parapeito, com a maior das calmas. Ia simplesmente invadir meu quarto! Corri até a cama, resfolegando, e arranquei o lençol para enrolar o corpo.

— Que diabo está fazendo aqui, seu cretino?! — perguntei, quase gritando.

Ele já entrara e fechara as janelas por dentro.

— Não leu meu bilhete? — perguntou, antes de cerrar as cortinas, deixando o quarto em escuridão absoluta.

— Por acaso você tem idéia de que horas são? — gaguejei. — Como chegou aqui? Ainda ontem estava em Nova York!

— Você também.

Acendeu as luzes. Olhou-me de alto a baixo, com um sorrisinho nos lábios, e sentou sem convite à beira da cama.

— Mas agora estamos os dois aqui. Juntos, neste adorável cenário à beira-mar. Muito romântico você não acha?

— Romântico? — rosnei, tentando arrumar o lençol. — Não quero você perto de mim! Toda vez que eu o vejo, alguém morre...

— Cuidado! As paredes têm ouvidos. Vista qualquer coisa para eu levá-la a um lugar onde possamos conversar.

— Você deve ser maluco! Não vou botar os pés fora deste quarto. E muito menos com você! Além disso...

Mas, com um movimento rápido, ele chegou até junto de mim e segurou uma ponta do lençol, pronto para me desenrolar. Continuou me olhando com um sorrisinho cafajeste.

— Vá se arrumar, senão eu vou ter de vesti-la como se faz com uma criancinha.

Senti o sangue martelando o pescoço por dentro. Puxei a ponta do lençol e marchei, com toda a dignidade possível naquela situação, para o closet. Apanhei umas roupas e disparei para o banheiro. Bati a porta com toda a força, furiosa. O bastardo achava que tinha o direito de aparecer de repente, invadir meu quarto e me acordar! E, de quebra, me ameaçar! Se ele não fosse tão atraente, eu...

Mas o que Solarin queria de mim, afinal? Por que me seguira por todos os cantos, por que atravessara meio mundo atrás de mim? E que diabo estaria fazendo com aquela bicicleta?!

Meti-me em uma calça jeans e numa suéter vermelha de caxemira e calcei minhas sandálias. Quando voltei ao quarto, Solarin estava sentado na cama, jogando xadrez no tabuleiro portátil de Lily, que ele, obviamente, encontrara ao remexer minhas coisas no armário. Olhou para mim e tornou a sorrir.

— Quem está ganhando?

— Eu. Eu sempre ganho — respondeu ele, com toda a seriedade. Ficou de pé, deu uma última olhada para a situação das peças no

tabuleiro e foi até o armário. Escolheu uma jaqueta e ajudou-me a vesti-la.

— Você está ótima. Não tanto quanto naquele primeiro dia, mas

— Você deve ter ficado maluco de vez, se acha que vou ficar passeando em sua companhia por praias desertas.

— Não é longe — informou, ignorando minha recusa. — Só vou levá-la pela praia até um bar noturno. Um pouco de chá de hortelã e dança do ventre. Você vai adorar minha cara. Na Argélia, as mulheres devem cobrir o rosto com um véu, e a dança do ventre é feita por homens!

Segui-o porta afora, sacudindo a cabeça. Ele trancou meu quarto e confiscou a chave, guardando-a no bolso.

O luar, mais brilhante agora, tornava o cabelo de Solarin prateado e seus olhos, quase transparentes. Andamos pela estreita faixa de praia, vendo à frente as luzes que acompanhavam a linha do mar até o centro de Argel. Ondas batiam mansamente na areia escura.

— Você leu o jornal que mandei?

— Foi você quem mandou? Mas por quê?

— Quis que você ficasse sabendo que descobriram que Fiske foi assassinado. Como eu tinha dito...

— Não tenho nada a ver com isso — respondi, tentando tirar a areia das sandálias.

— Tem tudo a ver... Será que preciso repetir isso pelo resto da vida? Você acha que viajei dez mil quilômetros só para espiar pela janela de seu quarto? — Sorriu de um jeito um pouco impaciente. — Já lhe disse: você está correndo perigo. Meu inglês pode não ser perfeito, mas eu falo melhor do que você entende.

— Só corro perigo quando estou com você. Como posso ter certeza de que não foi você quem matou Fiske? Em nosso último encontro, se não me falha a memória, você roubou minha pasta e me deixou com o cadáver do motorista de minha amiga. Como posso garantir que você não tenha assassinado Saul também, e me deixado na cena do crime?

— Eu matei Saul, sim — disse ele em voz baixa.

Parei, petrificada, e ele abriu os braços, me encarando com curiosidade:

— Que mais poderia ter feito? — perguntou.

Continuei sem fala. Meus pés pareciam pregados ao chão, o corpo se transformava em geleia. Eu estava simplesmente passeando em uma praia deserta com um assassino!

— Você deveria me agradecer por ter levado sua pasta — continuou Solarin. — Se alguém a achasse lá, você seria incriminada. Passei um mau pedaço para devolvê-la.

Fiquei furiosa com a atitude dele. Não conseguia tirar da mente o rosto branco de Saul sobre o bloco de pedra. Agora já sabia quem o pusera ali.

— Muito obrigada! Como tem a coragem de me trazer até aqui para dizer na minha cara que assassinou um homem inocente?

— Baixe a voz. — Ele me olhou com aço no olhar e segurou meu cotovelo. — O que você queria? Que eu deixasse Saul me matar?

— Saul?

Fiz o que pude para exibir um sorriso de desdém. Arranquei sua mão de meu braço e comecei a andar de volta para o hotel, mas ele tornou a me agarrar.

— Proteger você já está começando a virar o que, na intimidade, chamaríamos de "um pé no saco"!

— Muito obrigada, mas não preciso de proteção alguma. E muito menos da proteção de assassinos! Vá embora e diga a quem o mandou que...

— Escute aqui!

Solarin também estava com raiva. De repente, pôs as mãos em meus ombros e começou a acariciá-los com brutalidade, como se me massageasse. Ergueu os olhos para a lua e espirou fundo. Devia estar contando até dez, sem dúvida.

— Escute - repetiu mais calmo desta vez. — E se eu lhe disser que foi Saul quem matou Fiske? E que eu era a única pessoa capaz de saber de tal coisa? E que, por isso, Saul passou a me perseguir, para me matar também? Será que você conseguiria me ouvir?

Seus olhos verdes procuraram os meus, mas eu parecia incapaz de pensar. Minha cabeça girava em total confusão. Fechei os olhos e tentei pôr as ideias em ordem, sem resultado. Saul... um assassino?

— Fale, então — consenti do modo mais parecido com um pensamento articulado de que fui capaz.

O sorriso dele pareceu radiante, mesmo à luz do luar.

— Então, temos de continuar andando. — Deixou uma das mãos em meu ombro e me conduziu adiante pela praia. — Não consigo pensar, falar, jogar xadrez... Não consigo fazer nada se não tiver liberdade de movimentos.

Caminhamos em silêncio mais alguns momentos, enquanto ele parecia também se esforçar para ordenar as ideias.

— Acho que é melhor começar do início — disse, finalmente.

— Em primeiro lugar, quero que você entenda que eu não tinha nenhum interesse em disputar aquele torneio. Minha participação foi acertada pelo governo de meu país, como pretexto para que eu pudesse ir à Nova York, onde tinha coisas urgentes a fazer.

— Que tipo de coisas?

— Vamos chegar a isso.

Andávamos pela beira do mar, com os pés se molhando quando as ondas chegavam. Ele abaixou-se de repente e apanhou uma concha pequena, escura, semienterrada na areia. Sob o luar, ela brilhava intensamente. Solarin deu-me a delicada conchinha.

— Existe vida em todo lugar... — comentou. — Até mesmo no fundo do mar. E em todo lugar ela vai sendo extinta pela estupidez humana.

— O molusco que habitava esta concha não morreu por fratura do pescoço. Você é assassino profissional? Como conseguiu passar apenas alguns minutos sozinho com um homem, num recinto fechado, e matá-lo?

Joguei a concha de volta ao mar, o mais longe que pude. Ele suspirou.

— Quando percebi que Fiske estava trapaceando - prosseguiu, com a voz um pouco embargada —, quis descobrir quem estava por trás dele, e qual a razão.

Então Lily estava certa, pensei. Mas não disse nada.

— Eu sabia que tinha de haver mais gente envolvida e, por isso, forcei a interrupção da partida. Depois, segui Fiske até o banheiro.

Ele confessou tudo e ainda mais: revelou quem estava por trás dele, e por quê.

— E quem era?

— Ele não contou de forma direta. Aliás, nem sabia. Mas me disse que os homens que o forçaram àquilo sabiam que eu participaria do torneio. E só um homem em seu país tinha conhecimento disso: o sujeito com quem meu governo fizera o acerto, o organizador do torneio.

— Hermanold! - gritei.

Solarin concordou com a cabeça e continuou:

— Fiske me contou ainda que Hermanold, ou seus agentes, queriam obter uma fórmula que, há muito tempo, apostei, de brincadeira, na Espanha. Na época, prometi em público que quem ganhasse de mim no xadrez levaria a fórmula secreta... E os idiotas, achando que minha oferta ainda valia, resolveram opor Fiske a mim, mas de modo que lhe fosse impossível perder. Acredito que Hermanold tenha combinado um encontro com ele no banheiro do Clube Canadense, caso alguma coisa saísse errada. E um lugar onde ninguém poderia vê-los juntos...

— Mas o plano de Hermanold não era ir lá pessoalmente...

— arrisquei, sentindo que as peças começavam a se encaixar, embora eu ainda não conseguisse ver o quadro todo. — Ele planejou mandar outra pessoa em seu lugar, não é? Alguém cuja ausência não fosse notada...

Exato. Mas eles não esperavam que eu seguisse Fiske até lá. Entrei no banheiro um segundo depois dele. O assassino, escondido no corredor, deve ter ouvido tudo o que dissemos. Àquela altura, ameaçar Fiske já não bastava... Era tarde demais. O jogo já terminara, para eles. O importante passou a ser liquidá-lo o mais rapidamente possível.

— E com extrema crueldade...

Olhei para o mar escuro, pensando em tudo aquilo. Era possível, de um ponto de vista tático. E eu própria dispunha de algumas informações que Solarin não podia conhecer. Por exemplo: Hermanold jamais esperaria que Lily fosse assistir ao jogo, coisa que ela nunca fazia. Mas, quando eu e ela chegamos ao clube, ele fez

tudo para impedir que saíssemos e entrou em pânico quando ela ameaçou ir embora — com o carro e o motorista, naturalmente. Essa atitude combinava com a idéia de que Saul fora encarregado de qualquer coisa. Mas... por que Saul? Talvez o motorista conhecesse mais xadrez do que eu pensava. Talvez ele fosse o próprio encarregado de transmitir os movimentos para Fiske, a partir do carro de Lily! Pensando bem, até que ponto eu conhecia o motorista de Harry?

Solarin continuou a me contar o restante da história: o anel de Fiske, a corrida atrás dele até o banheiro do outro clube, os contatos que Fiske mantinha na Inglaterra, seus objetivos... Narrou a fuga desesperada do banheiro quando o inglês tirou o anel do dedo, com a impressão de que a joia continha um explosivo. Hermanold estava por trás da farsa montada com Fiske, mas Solarin sabia também que o homem que matara seu adversário e fizera o anel desaparecer do banheiro não podia ter sido ele. Eu mesma era testemunha de que Hermanold não deixara o Clube Metropolitano nem por um instante.

— Saul não estava na limusine quando Lily e eu saímos do clube — admiti relutante. — Ele teria tempo para... fazer o que você está dizendo que fez. Mas não consigo imaginar que motivos o levariam...

Aliás, se o que você contou está correto, Saul não teve nenhuma chance de sair do Clube Canadense e voltar para o carro. Você e os juizes bloqueavam a única saída. Isso explicaria sua ausência, quando Lily e eu precisamos dele.

Explicaria mais algumas coisas, pensei. Por exemplo: os tiros contra o carro!

Se incumbira Saul de liquidar Fiske, Hermanold não podia permitir que nós voltássemos ao clube, à procura do motorista. Deve ter corrido para o andar de cima, visto pela janela nossa hesitação ao lado do carro abandonado e resolvido fazer qualquer coisa para nos afastar dali.

— Então foi Hermanold quem atirou em nosso carro, da salinha do segundo andar! — exclamei, agarrando a manga de Solarin.

Ele me olhou, espantado, tentando entender como eu chegara àquela conclusão.

— E isto explica também por que ele declarou à imprensa que Fiske era viciado em drogas! — prossegui. — Para desviar a atenção dele próprio e do clube, fazendo com que todos saíssem à procura de um traficante sem nome nem rosto!

Solarin começou a rir.

— Conheço um sujeito chamado Brodski que adoraria contratar você! Seu cérebro parece talhado para a espionagem... Muito bem, agora que você já sabe de tudo o que sei, vamos pensar em nosso drinque.

De onde estávamos, eu já podia ver uma tenda enorme erguida na areia, toda delineada por luzinhas brilhantes.

— Calma! Espere um instante. Mesmo que Saul tenha despachado Fiske, ainda há muitas perguntas sem resposta. Que fórmula é essa que eles tanto queriam? Que tipo de "coisas urgentes" você foi fazer em Nova York? E como Saul foi parar no edifício da ONU?

A tenda vermelha e branca parecia enorme na solidão da areia. O mastro devia ter uns dez metros de altura. Dos dois lados da entrada havia palmeiras altas, plantadas em vasos; um longo tapete azul e dourado estendia-se em frente da porta, sob um toldo agitado pela brisa do mar. Solarin respondeu quando já nos aproximávamos da entrada:

— Eu tinha um encontro marcado com uma pessoa, na praça em frente ao edifício da ONU. E não percebera que Saul me seguia até o momento em que você se meteu entre mim e ele.

— Então o homem da bicicleta era você! Mas as roupas que usava...

— Encontrei meu contato — interrompeu ele. — Foi ela quem me avisou que você me seguia e que Saul vinha logo atrás.

Então a velhinha com os pombos era "o contato" dele!

— Espantamos os pombos, para camuflar um pouco as coisas, e eu me atirei no vão da escada atrás do prédio até você passar. Depois, voltei rapidamente, agora atrás de Saul. Ele entrou no edifício e eu o perdi. Tirei o macacão de ginástica no elevador, enquanto descia, porque estava vestido normalmente por baixo. Quando o elevador tornou a subir, vi você entrando no Salão de

Meditação. Não podia ter desconfiado de que Saul já estivesse ali, nem de que ouvia cada palavra que trocaríamos.

— Dentro do Salão de Meditação? — quase gritei.

Estávamos a dois ou três passos da entrada do bar, vestidos com jeans, parecendo um casal de mendigos. Mas fizemos uma entrada triunfal, como se tivéssemos acabado de descer de uma limusine.

— Minha querida — disse ele, acariciando meu cabelo do mesmo jeito que Nim costumava fazer, de vez em quando —, deixe de lado a ingenuidade. Você pode não ter entendido os avisos que lhe fiz, mas Saul compreendeu tudo perfeitamente. Quando você saiu e ele apareceu de trás daquele monolito para me atacar, entendo que já havíamos dito mais do que o suficiente para que você ficasse em perigo de vida. Então, carreguei sua pasta, para que os cúmplices de Saul não pudessem descobrir que você estivera ali. Muito mais tarde, meu contato conseguiu me passar um bilhete, explicando como fazer para devolvê-la.

— Mas como ela sabia?

Solarin sorriu e passou de novo a mão por meu cabelo, enquanto o maitre se adiantava para nos receber. Notei que ele passou uma gorjeta de cem dinares e que o maitre ficou tão surpreso quanto eu própria. Em um país em que cinquenta cêntimos constituíam uma gratificação generosa, aquilo nos garantiria, no mínimo, a melhor mesa da casa.

— No fundo, no fundo, sou mesmo um burguês — sussurrou Solarin, enquanto éramos conduzidos ao interior da imensa tenda.

Esteiras de palha colocadas sobre a areia pavimentavam todo o espaço. Em cima delas, tapetes persas, ricamente elaborados, serviam de base para almofadas espessas e macias, bordadas em padrões exuberantes. Verdadeiros biombos de palmeiras plantadas em vasos separavam as mesas, decoradas com penas de avestruz e pavão, que brilhavam à luz suave dos lampiões de metal lavrado, presos às pilastras de madeira da tenda. As superfícies espelhadas das almofadas refletiam essa mesma luz, em padrões estranhos, criando um ambiente que lembrava o interior de um caleidoscópio.

Bem no centro, havia um palco iluminado por refletores. Um grupo tocava uma música frenética, selvagem, sem paralelo com

nada que eu já tivesse ouvido. Os instrumentos incluíam grandes tambores ovais de metal; enormes gaitas de fole, de uma pele de animal estranha e cheia de pelos; flautas; clarinetes; e tímpanos variados. Os músicos também dançavam enquanto tocavam - uma dança estranha, de passos em círculos.

Solarin e eu nos sentamos sobre uma pilha de almofadas, em frente de uma bandeja de cobre, bem perto do palco. A música, muito alta, não permitia conversar. Fiquei ruminando os pensamentos enquanto ele gritava o pedido ao ouvido do garçom.

Que fórmula seria aquela que Hermanold tanto queria? Quem era a mulher dos pombos, e como sabia meu endereço? O que Solarin fora fazer em Nova York? Como o corpo de Saul podia ter saído do bloco de pedra da ONU para aparecer no East River? E, finalmente, o que eu tinha com tudo aquilo?

Nossos drinques chegaram no instante em que o grupo musical resolveu descansar um pouco: duas grandes doses de amaretto, em copos aquecidos, acompanhadas por um bule de chá de bico comprido. O garçom serviu o chá em copos pequenos, mantidos a distância e equilibrados sobre pires minúsculos. O líquido fumegante atravessou o ar, do bule aos copos, sem desperdício de uma só gota. Quando o garçom se afastou, Solarin ergueu um brinde com o chá de hortelã:

— Ao Xadrez! — disse ele, com um sorriso misterioso, aproveitando uma pausa da orquestra.

Meu sangue gelou outra vez.

— Não sei do que você está falando — menti.

Nim dissera que eu deveria transformar qualquer ataque adversário em vantagem. Pois bem, era uma chance de avaliar o que Solarin conhecia sobre aquelas lendárias peças.

— É claro que sabe, querida — respondeu Solarin, encostando a borda do copo de licor em meus lábios. — Se não soubesse, não estaria aqui comigo.

Deixei o líquido âmbar deslizar pela garganta, mas um pouco escorreu pelo queixo. Ele sorriu de novo e aparou a gota com um dedo, devolvendo o copo à bandeja. Evitou meu olhar, mas sua

cabeça estava tão perto da minha que não tive dificuldade em ouvir o que sussurrou tão baixo que ninguém mais poderia entender:

— Estou falando do jogo mais perigoso que se pode imaginar. E fomos escolhidos, nós dois, para os papéis que estamos representando.

— Escolhidos? O que você quer dizer com isso?

Antes que ele respondesse, um estrondo de tambores e tímpanos anunciou a volta dos músicos ao palco. Vieram seguidos de um grupo de dançarinos vestidos em túnicas de veludo azul-claro, em estilo cossaco, com as barras das calças dentro de botas de canos altos e o tecido dos culotes bufante à altura dos joelhos. Na cintura, usavam cordas largas, terminadas em borlas que ondulavam com os movimentos lentos e exóticos de seus corpos. A música aumentou de volume, trêmula, insinuante, com os clarinetes e as flautas de bambu predominando. A melodia lembrava a dos encantadores de serpentes.

— Está gostando? — cochichou Solarin em meu ouvido. Fiz que sim com a cabeça.

— A música é cabila — explicou, enquanto a melodia estranha parecia nos envolver. É da Cabília, do Atlas Teliano e do Grande Atlas, que se estendem pela Argélia e pelo Marrocos. Está vendo o dançarino do centro, aquele loiro, de olhos claros? Tem nariz de falcão, queixo forte como o dos perfis que aparecem nas antigas moedas romanas... São os traços característicos dos cabilas, bem distintos das feições dos beduínos.

Uma mulher idosa ergueu-se do meio da plateia e foi dançando até o palco, para delícia do público, que se divertia, dividido entre vaias e encorajamentos que podiam ser reconhecidos em qualquer língua. Apesar da postura austera, do manto cinzento e do véu de linho engomado, a mulher tinha movimentos leves e exalava extraordinária sensualidade, a que os dançarinos não se mostraram imunes. Começaram a dançar em volta dela, movimentando os quadris para a frente e para trás, de tal forma que as borlas de corda que usavam à cintura a tocavam de leve, como em carícias.

A plateia, cada vez mais entusiasmada com a apresentação, delirou quando a mulher grisalha deslizou com dignidade sinuosa na

direção do dançarino principal, tirou das dobras do manto um punhado de notas e as colocou entre a corda e a túnica do rapaz, bem junto ao púbis, com um movimento discreto. Para valorizar o gesto perante o público, o dançarino abriu um sorriso largo e rolou os olhos para o alto.

A plateia ficou em pé para aplaudir, marcando com as palmas o ritmo da música, que se acelerou cada vez mais quando a mulher saiu dançando em círculos em direção à frente do palco. Bem na beira da plataforma, com a luz forte atingindo-a por trás, ela também passou a marcar com as mãos o ritmo, um ritmo que já era frenético como o de um flamenco. De repente, voltou-se para nós... e fiquei petrificada. Solarin segurava meu braço com um punho que parecia de ferro. Jogou o corpo contra o meu, para me prender ainda mais.

— Solte-me! — Tive de rosnar, em vez de gritar, porque os ocupantes da mesa vizinha olhavam para nós. — Já disse: solte-me! Você sabe quem é ela?

— Você sabe? — cochichou com o que parecia raiva em meu ouvido.

Quando viu que eu não deixaria de tentar me livrar, abraçou-me como uma serpente de aço, um gesto que, para quem estivesse observando, deve ter parecido afetuoso.

— Pare de chamar a atenção! Você vai pôr a gente em perigo outra vez — continuou, tão perto de meu rosto que tive de aspirar o perfume de hortelã e amêndoa de seu hálito. — Já chega o que fez quando resolveu ir à partida de xadrez e quando me seguiu até o edifício da ONU. Você nem faz idéia do risco que ela correu, vindo até aqui só para ver você. E nem desconfia também dos riscos a que expõe as vidas de outras pessoas, com seus movimentos descuidados.

— Não desconfio mesmo! — gritei desta vez, porque seus braços estavam me machucando.

Os dançarinos continuavam sua apresentação no palco, ao som de uma música rápida, que parecia nos sacudir em seu ritmo.

— Aquela mulher é a vidente, e vou sair atrás dela!

— A vidente? — Solarin pareceu surpreso, confuso, mas nem por isso afrouxou a mão e o abraço.

Seus olhos verdes, agora escuros como as profundezas do mar, estavam cravados nos meus. Qualquer um, vendo-nos naquela posição, imaginaria que éramos amantes.

— Não sei se ela tem ou não qualquer coisa de sobrenatural. Mas ela é de fato capaz de prever o futuro. Foi ela quem me chamou a Nova York. Foi ela quem me mandou seguir você até aqui. Foi ela quem escolheu você...

— Escolheu?! Escolheu para quê? Eu nem ao menos a conheço!

Solarin surpreendeu-me ao largar-me, de repente. A música continuava, cada vez mais alta e rápida, estonteante. Ele segurou meu pulso esquerdo e levantou minha mão, com a palma voltada para cima, e colou os lábios no ponto macio onde o sangue batia mais forte, na junção do pulso. Por um momento, senti o sangue subindo quente pelas veias do braço. Em seguida, ele ergueu os olhos para os meus. Senti que meus joelhos começavam a bambejar.

— Olhe — sussurrou.

Percebi que ele acompanhava com o dedo um desenho qualquer no ponto que beijara. Baixei os olhos para a mão, devagar, sem vontade de tirar o olhar do dele.

— Olhe! — insistiu.

Fixei a vista em meu pulso. Na base da palma da mão, onde uma artéria azulada pulsava com o movimento do sangue, duas linhas se entrelaçavam, como cobras em um abraço, formando um 8.

— Você foi escolhida para desvendar a fórmula — disse Solarin bem baixinho, quase sem mover os lábios.

A fórmula! Perdi o fôlego, com os olhos outra vez presos aos dele.

— Mas que fórmula?

Tive a impressão de ouvir minha própria voz vindo de outra pessoa.

— A fórmula do Oito... — começou ele a explicar, mas parou de repente, com o corpo enrijecido, ao ver algo por cima de meu ombro, às minhas costas.

Largou minha mão e deu um passo atrás, enquanto eu me voltava. Os músicos continuavam em seu ritmo primevo, os dançarinos ainda se contorciam em movimentos exóticos, frenéticos. Do outro lado do palco, no entanto, uma figura sombria nos olhava, recortada contra a iluminação forte. Quando um refletor deslocou seu foco, acompanhando um dos dançarinos que se destacou do grupo, a luz o revelou completamente: era Sharrif.

Cumprimentou-me com um aceno de cabeça, no instante em que a luz do refletor banhou seu rosto. Voltei-me depressa para Solarin. No lugar que ele ocupara segundos antes, apenas uma folha de palmeira se movia, devagar.

A ILHA

Um dia, um misterioso grupo de pessoas abandonou a Espanha e instalou-se no pedaço de terra em que seus descendentes vivem até hoje. Ninguém sabia de onde vinham e a língua que falavam era desconhecida. Um de seus chefes, que compreendia a língua provençal, implorou à comuna de Marselha que lhes desse aquele promontório deserto e infecundo onde, como os exploradores da Antiguidade, tinham dado à costa levados por seus barcos.

-ALEXANDRE DUMAS, descrevendo a Córsega, em
O conde de Monte Cristo

Tenho o pressentimento de que um dia essa pequena ilha vai
assombrar a Europa.

- JEAN-JACQUES ROUSSEAU,
sobre a Córsega, em
O contrato social

PARIS

4 DE SETEMBRO DE 1792

Passava da meia-noite quando Mireille deixou a casa de Talleyrand, protegida pela escuridão, e desapareceu no calor aveludado da noite parisiense.

Depois de se convencer de que não seria capaz de modificar a decisão tomada pela moça, Talleyrand dera-lhe um cavalo forte e sadio da estrebaria e uma bolsa de mão, com as poucas moedas que foi capaz de juntar àquela hora. Vestida com peças desconstruídas de uniformes de criados que Courtiade lhe oferecera à guisa de disfarce, o cabelo reunido em um coque levemente empoadado, como o de um rapazinho, Mireille saiu discretamente pela porta de serviço e foi, pelas ruas escuras, de encontro às barricadas do Bois de Boulogne — a caminho de Versalhes.

Não pôde permitir que Talleyrand a acompanhasse. O perfil aristocrático do amante era conhecido por todos em Paris. Ainda por cima, os salvo-condutos mandados por Danton, logo descobriram, só teriam validade a partir de 14 de setembro, quase duas semanas mais tarde. Concordaram que a única solução era ela partir sozinha. Talleyrand permaneceria em Paris, como se nada tivesse acontecido, e Courtiade viajaria naquela mesma noite, com os caixotes de livros, para o canal da Mancha, onde esperaria até que o salvo-conduto lhe abrisse a passagem para a Inglaterra.

Enquanto o cavalo caminhava pelas ruas estreitas, Mireille finalmente teve tempo para pensar na perigosa missão a que se propusera. Desde o momento em que a carruagem fora impedida de seguir, em frente à prisão de TAbbaye, os acontecimentos tinham-na engolido de tal forma que só pudera agir por instinto. O horror da execução de Valentine, o temor pela própria vida quando atravessara correndo as ruas em fogo de Paris, o rosto de Marat e as máscaras horrendas dos que presenciavam o massacre... Fora tudo como se alguém tivesse destampado por instantes o vaso finíssimo que

continha a civilização, para que ela pudesse dar uma breve olhada no horror da bestialidade humana, sempre oculta por um verniz muito tênue.

A partir daquele instante, o tempo como que parará e os eventos envolveram-na como chamas incontrolláveis de um incêndio. Atrás de cada onda que a atingira, vieram de roldão emoções mais poderosas que as sentidas em toda a vida anterior. Aquelas emoções ainda a queimavam, ainda a consumiam por dentro como uma chama escura — uma chama que as rápidas horas passadas nos braços de Talleyrand só haviam intensificado, uma chama que fazia arder ainda mais o desejo de arrebatrar as peças do Xadrez de Montglane.

Parecia que uma eternidade transcorreria desde o instante em que vira o sorriso radiante de Valentine do outro lado do pátio da prisão, mas apenas trinta e duas horas separavam os dois momentos. Trinta e duas, pensou, na rua deserta: o número de peças de um jogo de xadrez. O número de peças que deveria reunir para decifrar o enigma

— e para vingar a morte de Valentine.

Encontrou pouca gente nas ruelas estreitas daquela parte de Paris, a caminho do Bois de Boulogne. Mesmo ali, já quase fora da cidade, embora ainda longe das barricadas, a luz da lua cheia mostrava os caminhos semidesertos. Aquela hora, a maioria dos parisienses já ficara sabendo dos massacres nas prisões, que ainda prosseguiam, e as pessoas preferiam ficar na relativa segurança de suas casas.

Embora tivesse de ir para o leste, na direção de Lyon, a fim de chegar ao porto de Marselha, Mireille tivera uma razão para viajar rumo a oeste, no caminho de Versalhes. Ali ficava o convento-escola de St.-Cyr, fundado no século anterior por Madame de Maintenon, consorte de Luís XIV, para a educação das filhas da nobreza. Fora em St.-Cyr que a abadessa de Montglane fizera uma escala, a caminho da Rússia.

Talvez a administradora de St.-Cyr lhe desse abrigo. Talvez a ajudasse a fazer contato com a abadessa, que lhe forneceria o dinheiro de que precisava. Talvez a ajudasse a fugir da França. A

reputação da abadessa de Montglane era o único trunfo que Mireille possuía sua única esperança de liberdade. Ela rezou para que tal trunfo operasse um milagre.

As barricadas do Bois de Boulogne eram feitas de pedras, sacos de areia e fragmentos de mobília. Mireille pôde ver a Place de la Révolution à frente, lotada de pessoas com carros de bois, carruagens e cavalos, à espera de que os portões fossem abertos para poderem fugir. Aproximou-se mais um pouco e apeou, mantendo-se à sombra do cavalo para não expor o disfarce à luz dos archotes.

Havia alguma confusão na barreira. Mireille conduziu o animal, puxando-o pelas rédeas, para o meio da pequena multidão que ocupava a praça. Mais além, à luz dos archotes, pôde ver soldados esforçando-se para escalar a barricada. Alguém parecia estar entrando, vindo do outro lado.

Em volta dela, um grupo de rapazes andava de um lado para outro, esticando-se para ver melhor. Devia haver uma dúzia deles, todos vestidos de rendas, veludo e botas brilhantes, de saltos altos, decoradas com joias de imitação. Eram a jeunesse dorée, a "juventude dourada" para a qual Madame de Staël lhe chamara a atenção na ópera. Mireille ouviu os jovens reclamarem em voz alta, dirigindo-se à mistura de nobres e camponeses que se comprimiam na Place.

— Esta Revolução está ficando intolerável! - gritou um deles.

— Não há razão alguma para manter cidadãos franceses em cativeiro, agora que mandamos embora aqueles prussianos imundos!

— Escute, soldaú — exclamou outro, agitando um lençinho rendado para um militar no alto da barricada, muito acima dele. - Temos de ir a uma festa em Versalhes! Quanto tempo vocês vão nos fazer perder aqui?

O soldado apontou sua arma na direção do lençinho, que desapareceu imediatamente.

A multidão mostrava-se ansiosa para descobrir quem entrava pela barricada. Todos sabiam que bandoleiros infestavam as estradas entre as florestas; os chamberpots, grupos de inquisidores

autonomeados, percorriam os caminhos em todas as direções, a bordo de veículos de formato estranho, aos quais deviam o apelido. Embora não desempenhassem qualquer papel oficial, zelavam pela recém-descoberta cidadania francesa: paravam viajantes, revistavam carruagens como um bando de gafanhotos, exigiam a apresentação de documentos e, se não se davam por satisfeitos com o resultado do interrogatório, efetuavam uma "prisão popular". Frequentemente, para evitar trabalho e complicações, o resultado de tais prisões era o corpo do "suspeito" pendurado pelo pescoço, na árvore mais próxima, onde serviria de exemplo.

A barricada finalmente foi aberta e deu passagem a uma fileira de fiacres e cabriolés empoeirados. A multidão comprimiu-se ainda mais, para ouvir as notícias trazidas pelos passageiros recém-chegados. Ainda conduzindo o cavalo pelas rédeas, Mireille aproximou-se de uma carruagem grande, que acabara de abrir a porta para a saída de seus ocupantes.

Um jovem militar, com o uniforme vermelho e azul-escuro do Exército, foi o primeiro a descer. Atravessou a turba e começou a ajudar o cocheiro a desembarcar as malas e os baús. Mireille, bem próxima, percebeu que se tratava de um rapaz de extraordinária beleza. O cabelo castanho, solto, atingia os ombros. Os olhos escuros, de um azul-acinzentado, eram protegidos por cílios grossos que realçavam a palidez translúcida da pele. O fino nariz romano curvava-se ligeiramente na ponta, voltando-se para baixo. Os lábios lindamente desenhados exibiram uma expressão de desdém, na única vez em que olhou para a multidão.

O moço ajudou a descer do coche uma linda menina, que não podia ter mais de quinze anos, tão frágil e pálida que Mireille temeu por ela. Parecia-se tanto com o soldado que ela teve certeza de que eram irmãos e a ternura com que ele a ajudava só fez confirmar a idéia. Os dois eram pequenos, leves, mas tinham corpos bem constituídos. Pareciam um casal romântico, notou Mireille, como o herói e a heroína de um conto de fadas.

Todos os que saltavam das carruagens pareciam abalados e assustados, enquanto espanavam as roupas com as mãos, mas ninguém mais do que a menina. Agora ao lado de Mireille, ela tinha

o rosto completamente branco, tremia como se estivesse prestes a desmaiar. O militar amparou-a e tentou atravessar a massa de gente, mas um velho ao lado de Mireille segurou-o pelo braço.

— Como está a estrada de Versalhes, amigo? — perguntou.

— Não aconselho ninguém a ir para Versalhes esta noite — respondeu o rapaz, de forma educada, mas em voz alta o bastante para que todos ouvissem. — Os "penicos" dominam todo o percurso. Minha irmã não está passando bem, porque a viagem levou mais de oito horas. Devemos ter sido parados mais de dez vezes, de St. -Cyr até aqui.

— St. -Cyr! — gritou Mireille. - Vocês vieram de St.-Cyr? E para lá que devo ir!

O rapaz e a irmã voltaram-se para ela. A menina arregalou os olhos.

— Mas... mas é uma senhora! — Examinou-a, de alto a baixo. — Uma senhora vestida de homem!

O rapaz a olhou, também de alto a baixo, com uma expressão de aprovação.

— Está indo para St.-Cyr? Espero que não seja para ingressar o convento!

— Vocês vieram do convento, da escola de St.-Cyr? Tenho de chegar lá hoje à noite. É um assunto da maior importância. Por favor, digam-me como está a estrada.

— Não podemos ficar aqui — respondeu o militar. — Minha irmã não está passando bem.

Jogou sobre o ombro a única bolsa que traziam e abriu caminho entre a multidão.

Mireille seguiu-o de perto, ainda agarrada às rédeas do cavalo. Quando os três acharam um pouco de espaço livre, a menina voltou para ela os olhos escuros e graves.

— A senhora deve ter razões muito fortes para querer chegar a St.-Cyr numa noite como esta. A estrada não oferece nenhuma segurança. É preciso muita coragem para uma mulher sozinha, hoje em dia...

— Mesmo com um animal tão magnífico — completou o rapaz, dando uma palmada no flanco do cavalo. — E mesmo com este

disfarce. Se eu não tivesse pedido licença ao Exército para escoltar Ma-ria-Anna, depois que fecharam a escola do convento...

— Fecharam St.-Cyr? — Mireille agarrou-se ao braço dele. — Então, não tenho mais nenhuma esperança...

A pequena Maria-Anna tentou consolá-la, acariciando-lhe o braço:

— Você tinha alguma amiga em St.-Cyr? Alguma parenta? Talvez seja alguém que eu conheça...

— Queria me abrigar lá — disse Mireille, insegura, sem saber bem o quanto podia revelar àqueles dois estranhos.

Mas viu logo que não tinha muita escolha. Se a escola fora fechada, seu único plano arruinara-se. Tinha de inventar outro. Que importava confiar ou desconfiar, em uma situação tão desesperadora.

— Mesmo sem conhecer a administradora — continuou —, tinha a esperança de que ela me ajudasse a fazer contato com a abadessa do convento de onde saí, Madame de Roque.

— Madame de Roque! — Apesar da aparência tão frágil, a menina apertou-lhe o braço com força extraordinária. — A abadessa de Montglane!

Olhou depressa para o irmão, que arriou no chão a bolsa e encarou Mireille com os olhos azul-acinzentados.

— Então você veio da abadia de Montglane?

Quando Mireille fez que sim com a cabeça, mais cautelosa agora, ele acrescentou depressa:

— Minha mãe conhece a abadessa de Montglane. É muito amiga dela. Foi por conselho de Madame de Roque que minha irmã foi enviada a St.-Cyr, há oito anos.

— É verdade — confirmou a menina, com um suspiro. — Eu mesma conheço muito bem a abadessa. Quando visitou St.-Cyr, há dois anos, ela conversou comigo, me fez confidências... Mas antes que eu possa continuar, mademoiselle... Você foi uma das últimas... uma das últimas a sair da abadia de Montglane? Se foi, já deve ter entendido a razão da pergunta. — Tornou a lançar um olhar furtivo para o irmão.

Mireille sentiu o sangue martelando nos ouvidos. Teria sido apenas coincidência esbarrar com gente que conhecia a abadessa?

Teria o direito de deixar que aqueles dois conhecessem o segredo? Não. Seria perigoso demais arriscar qualquer informação. Mas a menina pareceu adivinhar o que lhe passava pela mente.

— É fácil ver em seu rosto que você não quer discutir essas coisas em público. E está certíssima, claro. Mas acho que deveríamos conversar mais, para o bem de ambas. Antes de deixar St.-Cyr, a abadessa de Montglane me incumbiu de uma missão especial. Talvez você saiba o que estou querendo dizer. Sugiro que venha conosco até a estalagem, onde meu irmão já nos reservou acomodações. Ali, poderemos falar em segurança.

A cabeça de Mireille ainda parecia ecoar ao som de marteladas do próprio pulso. Mil pensamentos lhe cruzaram a mente de uma só vez. Mesmo se confiasse nos dois estranhos e os acompanhasse, não sairia dos limites de Paris, e Marat, àquela hora, deveria estar revirando a cidade a sua procura. Por outro lado, não havia como deixar Paris, a não ser que alguém a ajudasse. E quem poderia ajudá-la, com o convento já fechado?

— Minha irmã tem razão - disse o rapaz, de olhos ainda presos nos de Mireille. — Não podemos ficar aqui. Mademoiselle, ofereço-lhe nossa proteção.

Mireille espantou-se outra vez com a beleza do militar, com os longos cabelos castanhos e com os olhos grandes e tristes. Apesar de

magro e baixo, quase da altura dela, o jovem dava uma impressão de segurança e grande força interior. Decidiu confiar nele.

— Está bem. - Sorriu. — Vamos para a estalagem. Lá poderemos conversar.

A adolescente sorriu, feliz, quando ouviu isso, e apertou o braço do irmão. Olhou-o com uma expressão de intenso amor, que ele retribuiu. O rapaz recolheu a bolsa do chão e tomou as rédeas do cavalo. A menina deu o braço a Mireille.

— Não vai se arrepender, mademoiselle. Deixe que eu me apresente. Meu nome é Maria-Anna, mas meus parentes me chamam de Elisa. Este é meu mano, Napoleão. Somos da família Bonaparte.

Na estalagem, os três sentaram-se em volta de uma mesa com cadeiras de madeira igualmente rústica. Uma só vela iluminava a refeição mais que frugal: pão preto, duro, e cerveja.

— Somos da Córsega — disse Napoleão a Mireille. — Nossa ilha não costuma se adaptar com facilidade ao jugo da tirania. Como disse Tito Lívio, há mais de dois mil anos, nossa gente é tão dura e rude quanto nosso chão. Somos ingovernáveis, como animais selvagens. Há menos de quarenta anos, nosso líder, Pasquale Paoli, expulsou os genoveses da costa, liberou a Córsega e contratou o famoso filósofo Jean-Jacques Rousseau para esboçar nossa Constituição. A liberdade não durou muito, no entanto. Em 1768, a França comprou a ilha da Córsega dos genoveses, desembarcou trinta mil homens em nossa costa, na primavera seguinte, e afogou nosso trono livre num mar de sangue. Estou lhe contando tudo porque tais fatos de nossa história, além do papel que nossa família desempenhou nesses eventos, nos levaram ao contato com a abadessa de Montglane.

Mireille, que estivera a ponto de interromper, calou-se, ouvindo com atenção. Partiu um pedaço de broa, com dificuldade, e pôs-se a mastigá-lo.

— Nossos pais lutaram com bravura ao lado de Paoli, na tentativa de repelir os franceses. Minha mãe foi uma heroína da revolução. Muitas vezes, galopou à noite, sem sela nem arreios, entre as balas francesas que assobiavam em seus ouvidos, para levar munição e mantimentos a meu pai e aos outros homens que mantinham acesa a luta em II Corte, o Ninho da Águia. E estava grávida de mim, já com sete meses, naquela época! Ela mesma sempre me disse: "Nasci para ser um soldado!" Mas, quando cheguei ao mundo, meu país agonizava.

- Sua mãe foi mesmo uma mulher muito corajosa — comentou Mireille, tentando imaginar aquela cena, a revolucionária fogosa, que era também amiga íntima da abadessa, sobre um cavalo em pelo.

- Você se parece um pouco com ela — sorriu Napoleão. — Mas estou fazendo digressões. Quando a revolução corsa fracassou, Paoli teve de se exilar na Inglaterra, e a antiga nobreza corsa escolheu meu pai como seu representante junto a Versalhes. Foi em 1782

quando nossa mãe, Letizia, encontrou a abadessa de Montglane. Nunca vou esquecer a elegância de minha mãe e os comentários de todos os rapazes sobre sua beleza, quando, de volta de Versalhes, foi nos visitar em Autun...

- Autun! — Mireille quase derramou a cerveja. — Você esteve em Autun quando monsenhor Talleyrand era o bispo?

- Não. Quando ele chegou, eu já partira para a escola militar de Brienne. Mas sei que é um grande estadista. Gostaria de conhecê-lo um dia. Ji li muitas vezes o documento que redigiu junto com Thomas Paine, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, um dos melhores manifestos da Revolução Francesa...

- Continue a narrativa, por favor — apressou-o Elisa, com o cotovelo nas costelas. — Não estamos dispostas a discutir política a noite toda.

- Estou tentando — resmungou Napoleão, olhando-a de lado.

— Não conhecemos as circunstâncias exatas do encontro de Letizia com a abadessa. Mas sabemos que foi em St.-Cyr e que impressionou muito a abadessa, pois ela nunca mais abandonou nossa família.

- Somos muito pobres, mademoiselle — explicou Elisa. — Mesmo quando nosso pai ainda vivia, o dinheiro parecia escorrer como água entre seus dedos. Foi a abadessa de Montglane quem pagou meus estudos, desde que entrei em St.-Cyr, há oito anos.

- A abadessa deve ter laços de amizade muito fortes com sua mãe

— comentou Mireille.

- Mais do que isso - entusiasmou-se Elisa. - Até partir da França, ela nunca deixou de se comunicar com minha mãe, pelo menos uma vez por semana. Agora você pode entender o que lhe direi a respeito da missão especial de que ela me incumbiu.

— Dez anos!, pensou Mireille. Já haviam se passado dez anos desde o encontro entre aquelas duas mulheres tão diferentes na formação c

nas perspectivas. Letizia, criada em uma ilha selvagem e primitiva, lutando ao lado do marido, nas montanhas, e dando-lhe oito filhos... A outra, uma mulher nascida em berço de ouro,

primorosamente educada e que se dedicara por completo a Deus. Qual teria sido a natureza do relacionamento que levara a abadessa a transmitir um segredo àquela criança que agora estava a sua frente, no outro lado da mesa tosca? Quando a abadessa a vira pela última vez, Elisa não podia ter mais de doze ou treze anos.

— A mensagem que a abadessa me mandou levar a minha mãe era tão secreta que ela não se atreveu a escrever — continuou a menina. — Fui instruída para só repeti-la quando estivesse em frente a mamãe, sem que ninguém nos ouvisse. Naquele dia, nem a abadessa nem eu podíamos suspeitar que dois longos anos se passariam até chegar o momento... Que a Revolução desorganizaria de tal forma nossas vidas, impossibilitando as viagens. Tenho muito medo de não transmitir a mensagem a tempo. Talvez tenha demorado demais. A abadessa disse que havia uma conspiração para tirar dela um tesouro secreto, um tesouro que poucos conheciam e que estava escondido na abadia de Montglane!

A voz de Elisa se transformara em um sussurro, embora os três estivessem absolutamente sozinhos na sala deserta. Mireille tentou manter o rosto sem expressão, mas sentiu que o coração batia tão forte que os irmãos, com certeza, podiam lhe adivinhar as emoções.

— A abadessa tinha chegado até junto de Paris, até St.-Cyr - confinou Elisa —, tentando descobrir quem planejava lhe roubar o segredo. Para proteger o tesouro, conforme disse, ela o desenterrara e distribuía entre as freiras da abadia.

— Mas que tesouro era este? — perguntou Mireille, com um sopro de voz. — A abadessa lhe contou?

— Não. — Foi Napoleão quem respondeu, estudando a reação dela. O rosto longo, ovalado, brilhava ainda mais palidamente à fraca luz da vela, contrastando com o cabelo escuro. — Mas você deve conhecer as lendas que povoam os mosteiros das montanhas bascas. Sempre há quem acredite em relíquias sagradas ocultas naquela região. Segundo Chrétien de Troyes, o Santo Graal está oculto em Monsalvat, também nos Pireneus...

— Mademoiselle - interrompeu Elisa —, foi exatamente por isso que quis que conversássemos. Quando você nos disse que vinha de Montglane, achei que talvez pudesse esclarecer o mistério.

— Qual foi a mensagem que a abadessa lhe mandou transmitir?

— No último dia que passou em St.-Cyr — respondeu a menina, inclinando-se sobre a mesa, refletindo no perfil delicado a luz dourada da vela —, a abadessa levou-me a um aposento fechado e disse-me que ia me encarregar de uma missão secreta, porque sabia que eu era a oitava filha de Cario Bonaparte e Letizia Ramolino. Sabia que quatro de meus irmãos e irmãs haviam morrido ainda na primeira infância; que eu fora, entre as meninas, a única a sobreviver. Disse que isso me tornava muito especial para ela. Que o nome que recebi foi uma homenagem a uma grande governante, Elissa, que alguns chamavam de "a Vermelha", fundadora de uma grande cidade, Q'ar ou Quart Hadasht, "a nova cidade", que mais tarde viria a se tornar famosa em todo o mundo. Mandou-me dizer a minha mãe: "Elissa, a Vermelha, está de volta; o Oito retornará." Disse ainda que era aquela a mensagem completa, e que Letizia Ramolino a entenderia e saberia o que fazer!

Elisa fez uma pausa para observar a reação de Mireille. Napoleão também a encarava fixamente, mas a moça não conseguiu tirar nenhum sentido da estranha mensagem. Que segredo teria a abadessa revelado, com relação às legendárias peças de xadrez? Um lampejo lhe passou pela mente, mas não bastou para entender o mistério.

Napoleão ergueu-se para encher de novo a caneca de cerveja de Mireille, embora a moça não tivesse consciência de ter bebido.

— Mas quem foi essa Elissa de Q'ar? — perguntou, confusa. - Não conheço o nome, nem a cidade.

— Eu conheço — retrucou Napoleão, debruçando-se para trás, com o rosto fora do círculo de luz, para tirar do bolso um livro surrado. — O conselho que nossa mãe mais nos repetia era: "Não esqueçam Plutarco, não deixem de folhear Tito Lívio." Fiz mais do que isso: fui encontrar nossa querida Elissa na Eneida, de Virgílio, embora os romanos e os gregos preferissem chamá-la de Dido. Dido veio de Tiro, na Fenícia antiquíssima. Teve de abandonar sua terra quando o irmão, o rei de Tiro, mandou assassinar seu marido. Ela partiu para o litoral norte da África e fundou a cidade de Q'ar. Deu-lhe este nome em homenagem à grande deusa de Car, sua

protetora. A cidade mais tarde ficou conhecida pelo nome de Cartago.

— Cartago! — repetiu Mireille.

Sua mente disparou. As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. A cidade de Cartago, agora chamada Túnis, não ficava excessivamente distante de Argel! Todas as terras conhecidas por Estados Bárbaros (Trípoli, Tunísia, Argélia e Marrocos) tinham uma coisa em comum: foram governadas pelos berberes, ancestrais dos mouros, durante cinco mil anos. Não podia ser apenas uma coincidência a mensagem da abadessa indicar diretamente o ponto de destino que ela própria escolhera!

— Notei que isso parece significar algo para você — disse Napoleão, interrompendo-lhe os pensamentos. — Talvez queira nos dizer do que se trata...

Mireille mordeu os lábios e fixou o olhar na chama. Os dois haviam demonstrado confiança nela, que até ali não revelara nada. Para ter qualquer chance de sucesso naquele jogo, sabia que precisava de aliados. Que mal podia haver em contar um pouco do que sabia, deixá-los um pouco mais próximos do conhecimento da verdade?

— Havia realmente um tesouro em Montglane — disse, finalmente. — Sei disso porque eu mesma ajudei a desenterrá-lo, com as próprias mãos.

Os dois irmãos se entreolharam. Mireille continuou:

— É um tesouro muito valioso, mas também muito perigoso. Foi levado para Montglane há quase mil anos... por oito mouros, descendentes dos povos da mesma costa norte da África que você mencionou. E para lá também que estou tentando ir, para desvendar o segredo que está por trás do tesouro.

— Então você tem de ir conosco para a Córsega! — gritou Elisa, debruçando-se sobre a mesa, de tão excitada. — Nossa ilha fica a meio caminho de seu destino! Podemos lhe oferecer a proteção de meu irmão, enquanto estivermos viajando, e o abrigo de nossa família, quando chegarmos.

O que a menina diz é verdade, pensou Mireille. E havia algo mais a levar em conta: na Córsega, ainda que, do ponto de vista

diplomático, continuasse em território francês, ficaria longe do alcance de Marat. Aliás, o "furor dos pobres" devia, naquele mesmo instante, estar a sua procura pelas ruas de Paris.

Mas precisava pensar em outra coisa, também. Com os olhos ainda presos à vela que ia formando uma poça de cera derretida, ouviu de novo a voz de Talleyrand, sussurrando entre os lençóis amarrotados, com o magnífico Cavalo do Xadrez de Montglane entre as mãos: "E saiu outro cavalo, vermelho; e a seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da Terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada."

— E o nome da espada é Vingança! — exclamou, de repente.

— Espada? — repetiu Napoleão. — Que espada?

— A espada vermelha do acerto de contas.

A luz da vela foi ficando mais fraca, bruxuleando, e Mireille tornou a ver na mente a inscrição de todos os dias, de todos os anos de sua infância, sobre o pórtico de pedra da abadia de Montglane:

Maldito seja Aquele que puser ao Chão estas Paredes. Só a Mão de Deus pode ameaçar o Rei.

— Talvez tenhamos extraído alguma coisa a mais que um tesouro das paredes da abadia — disse Mireille, em voz baixa.

Apesar do calor que fazia naquela noite, sentiu o coração esfriar, como que tocado por dedos de gelo.

— Talvez tenhamos liberado também uma remotíssima maldição — finalizou.

CÓRSEGA

OUTUBRO DE 1792

A ilha de Córsega, como a de Creta nas palavras do poeta, repousa qual joia "num berço de mar da cor do vinho". A mais de trinta e cinco quilômetros da costa, Mireille pôde aspirar, embora o inverno já tivesse chegado, o aroma forte da erva-doce, da salva, do alecrim, da noz-moscada, do cânhamo, da alfazema e do espinheiro, plantas que pareciam cobrir toda a ilha.

Do convés da pequena embarcação em luta contra o mar agitado, ela percebeu o nevoeiro espesso que envolvia as montanhas nuas, semiocultando as estradinhas sinuosas e traiçoeiras e as cachoeiras que se abriam em leque pelas escarpas. A névoa se tornara tão densa que já dificultava a distinção entre o término do mar e o começo da terra.

Vestida com grossos mantos de lã, aspirando o ar frio, e com os olhos fixos na ilha à frente, Mireille sentia-se mal, muito mal, e sabia que não eram as águas revoltas as responsáveis por aquele estado. Começara a sentir náuseas antes mesmo de partir de Lyon.

Elisa estava a seu lado, de mãos dadas com ela, observando o vaivém dos homens que se atarefavam com o recolhimento das velas. Napoleão descera à cabine para apanhar seus poucos pertences, já se preparando para o desembarque.

Talvez tenha sido a água de Lyon, pensou Mireille. Ou talvez a viagem difícil pelo vale do Ródano, entre exércitos em luta pela posse de Savoia, parte do Reino da Sardenha. Perto de Girvos, Napoleão conseguira vender o cavalo, que viera atrelado a reboque da pequena carruagem em que viajaram, ao Quinto Regimento. Os oficiais haviam sofrido mais baixas entre os animais que entre os soldados, no calor da batalha, e pagaram sem protestos uma soma considerável pela montaria pertencente a Mireille — mais do que o suficiente para custear toda a viagem.

Mas a saúde da moça ficara de mal a pior durante toda a jornada. A expressão da pequena Elisa tornava-se mais e mais carregada a cada dia, a cada vez que tinha de alimentar la mademoiselle com colheradas de sopa e lhe aplicar compressas frias na testa. Mas nem mesmo a sopa conseguia permanecer muito tempo em seu estômago. Mireille mostrava uma preocupação crescente, desde muito tempo antes da partida, do porto de Toulon, para a travessia do mar bravio até a Córsega. A bordo, ela observava-se com freqüência em um espelho, e o que via era um rosto pálido e magro. Devia ter perdido uns quatro ou cinco quilos. Procurou permanecer no convés tanto quanto possível, mas nem mesmo o ar frio e salgado conseguiu lhe restituir a aparência vigorosa e saudável de que sempre se orgulhara.

Agora, com a mão apertada pela de Elisa, as duas muito próximas, Mireille sacudia o rosto, tentando clarear os pensamentos. Esforçava-se para sufocar a onda de náusea que lhe subia do estômago. Sabia que não podia se dar ao luxo de fraquejar.

Como uma resposta dos céus, o nevoeiro escuro ergueu-se um pouco, e o sol conseguiu brilhar em pontos isolados da superfície agitada do mar, formando uma espécie de escada luminosa que levava até o porto de Ajaccio, a menos de cem metros de distância.

Tão logo a embarcação aportou, Napoleão saltou do convés para o píer de pedras e começou a ajudar na tarefa da amarração do barco. O porto de Ajaccio parecia um formigueiro humano. Inúmeros navios de guerra haviam fundeado a pequena distância, e soldados franceses movimentavam-se por todos os lados. Mireille e Elisa não sabiam para onde olhar.

O governo francês ordenara à Córsega que atacasse a vizinha Sardenha. Mesmo ainda ocupadas com o transporte das malas, as duas moças começaram a ouvir as discussões acirradas entre os soldados franceses e os homens da Guarda Nacional corsa a respeito daquela determinação, que parecia em pleno andamento.

Mireille ouviu um grito, nas pedras do porto. Debruçou-se no convés e divisou Napoleão correndo, abrindo caminho de qualquer maneira entre a multidão e chegando até uma mulher miúda, de aparência frágil, que trazia pelas mãos duas crianças pequenas.

Quando o rapaz a abraçou, erguendo do chão seu corpo leve, a luz se refletiu na cabeleira ruiva, acobreada, e revelou um par de mãos pequenas e delicadas que envolveram a nuca do rapaz. As duas crianças, soltas de repente, começaram a pular em volta de mãe e filho, que continuavam agarrados em um longo abraço.

— E Letizia, nossa mãe — explicou Elisa, sorridente.

— E minha irmã Maria-Carolina, que está com dez anos, e o pequeno Girolamo, que era um bebê quando parti para St.-Cyr. Napoleão sempre foi o favorito de mamãe. Venha, vou fazer as apresentações.

Letizia Ramolino Bonaparte era um mulher muito pequena, constatou Mireille. Apesar disso, e da pronunciada magreza, transmitia uma impressão de solidez. De longe ainda, já notava o azul transparente qual gelo de seus olhos e o rosto tranquilo como uma flor boiando na superfície de um lago. Tinha uma postura plácida e ao mesmo tempo imponente, que parecia pairar acima de toda a confusão do porto. Mireille teve a estranha sensação de que já encontrara aquela mulher antes.

— Madame Mère! — exclamou Elisa, dando-lhe um abraço. Quero lhe apresentar nossa nova amiga. Ela conhece Madame de Roque, a abadessa de Montglane.

Letizia encarou Mireille por um longo momento, antes de dizer qualquer coisa. Finalmente, estendeu a mão para a moça:

— Eu sei. Estava a sua espera.

— A minha espera?

-Você tem uma mensagem para mim, não tem? Uma mensagem importante...

— Madame Mère! Nós temos a mensagem! - gritou Elisa, puxando a manga do vestido da mãe.

Letizia encarou-a. Aos quinze anos, a menina já era mais alta do que ela.

— Eu estive com a abadessa, em St.-Cyr, e ela mandou dizer...

— Encostou os lábios ao ouvido de Letizia e sussurrou o recado.

Parecia impossível que qualquer coisa pudesse transtornar tanto aquela mulher imperturbável. Ao ouvir a filha, seu rosto tornou-se

sombrio. Os lábios tremeram de emoção e ela recuou um passo, procurando apoio no ombro de Napoleão.

— O que aconteceu, mamãe? — gritou o rapaz, segurando-lhe a mão e olhando-a, assustado.

— Madame — interrompeu Mireille —, preciso conhecer o significado que a mensagem tem para a senhora. Meus próximos passos, talvez minha própria vida, dependem disso. Estava a caminho de Argel, mas acabei vindo para cá, porque me encontrei por acaso com seus filhos. A mensagem pode determinar...

Não conseguiu terminar. Uma nova e forte náusea a sacudiu. Letizia e Napoleão correram a ampará-la e conseguiram evitar que caísse.

— Desculpem. — A voz saiu fraca, gotas de suor começaram a surgir em sua testa. — Acho que preciso me deitar. Não estou nada bem...

Letizia pareceu quase aliviada pelo incidente. Pôs a mão sobre a testa da moça, sentiu o pulsar do coração no seio esquerdo. Em seguida, assumiu as maneiras de um militar no comando da tropa e dirigiu as crianças, enquanto Napoleão carregava Mireille, subindo a rampa íngreme do cais, até a carroça da família.

Instalada a enferma no veículo, Letizia pareceu de novo controlada o bastante para voltar ao assunto. Falou pausadamente, depois de olhar em volta para se certificar de que ninguém mais poderia ouvir:

— Apesar de ter passado trinta anos à espera dessa notícia, mademoiselle, vejo que ainda não estava de todo preparada. Fui forçada a mentir a meus próprios filhos, para protegê-los, mas a verdade é que conheço a abadessa desde a idade que Elisa tem hoje. Minha mãe foi sua mais íntima amiga e confidente. Vou responder a todas as suas perguntas. Mas antes temos de entrar em contato com Madame de Roque e verificar onde que a senhorita se encaixa em seus planos.

— Não vou poder esperar tanto! - gritou Mireille. — Tenho de ir para Argel!

— Sou obrigada a lhe dizer que não será possível. — Letizia subiu ao assento do condutor e certificou-se de que toda a prole estava a

bordo. — Seu estado não permite uma viagem tão longa e, se insistir, colocará em risco outras pessoas. Você não conhece a natureza do jogo e menos ainda o que está em disputa.

— Venho de Montglane. Toquei as peças com minhas próprias mãos!

Letizia voltou-se rapidamente para ela. Napoleão e Elisa, ocupados em instalar o pequeno Girolamo, interromperam o que faziam para encará-la também. Os irmãos, apesar de tudo, nunca tinham chegado a saber exatamente que tesouro era aquele.

— Isso não muda nada! — exclamou rispidamente Letizia.

— Elissa de Cartago também não prestou atenção aos conselhos. Morreu pelo fogo, imolada numa pira, como aquela ave lendária de que os fenícios tiraram o nome de sua nação!

— Mas, mamãe... — interrompeu Elisa. — Segundo a História, foi ela quem se atirou na pira, quando Eneias a abandonou!

— Pode ter sido assim — retrucou Letizia, com ar enigmático.

— Mas pode ter havido outra razão, também.

— A fênix! — sussurrou Mireille, mal percebendo que Elisa e Carolina tinham dificuldade em se ajeitarem na carroça, a seu lado.

— E a rainha Elissa ergueu-se das próprias cinzas, como o pássaro mítico do deserto?

— Não — respondeu depressa Elisa —, porque mais tarde Eneias viu sua sombra no Hades.

Os olhos azuis de Letizia ainda focalizavam o rosto de Mireille. A mulher parecia perdida nos próprios pensamentos. Finalmente, decidiu responder, e suas palavras fizeram com que um arrepio gelado percorresse o corpo da moça:

— Ela acabou de renascer das cinzas. Agora! Como as peças do Xadrez de Montglane. E temos razões para tremer de medo, todos nós. Pois foi este o fim anunciado.

Chicoteou de leve o cavalo, e a carroça se pôs a caminho com seus, agora silenciosos, passageiros.

A casinha caiada de Letizia Bonaparte tinha dois andares. Ficava em uma rua estreita, numa das colinas ao redor de Ajaccio. Duas oliveiras cresciam junto à fachada, podadas de forma a acompanhar a parede, e algumas abelhas prosseguiram seu labor, apesar do

nevoeiro denso que tudo recobria, entre os ramos do espinheiro que encimavam a porta.

Na chegada, Maria-Carolina foi incumbida de mostrar a Mireille suas acomodações, enquanto os outros providenciavam o jantar. Ainda com a camisa velha de Courtiade, grande demais; e com uma saia pertencente a Elisa, pequena demais; o cabelo emaranhado e recoberto da poeira da viagem; e a pele pegajosa devido à febre, Mireille sentiu imenso alívio quando a menina apareceu com dois vasos de cobre, cheios de água quente, para lhe preparar o banho.

Mais tarde, já limpa e vestida com uma grossa roupa de lã, que nem sabia a quem pertencia, mas que pelo menos era de seu tamanho, começou a se sentir um pouco melhor. A mesa do jantar, farta, exibia especialidades locais: bruccio, um queijo cremoso de leite de cabra; pequenos bolinhos de milho; pães de castanha; compota de cerejas, que cresciam em estado selvagem por toda a ilha; mel de alecrim; pequenos polvos e lulas, que a própria família tirara do mar; carne de coelhos selvagens, com um molho especial da própria Letizia; e batata, a mais recente aquisição da culinária corsa.

Depois da refeição e de as crianças menores já terem se deitado, Letizia serviu licor de maçã e os quatro "adultos" ficaram conversando em volta das brasas da lareira.

— Antes de mais nada — começou Letizia —, quero pedir desculpas por minha impaciência, mademoiselle. Meus filhos me contaram de sua coragem, quando teve de deixar Paris, à noite e sozinha, em pleno Terror. Pedi a Napoleão e Elisa que ficassem aqui, agora, para que ouçam também o que tenho a dizer. Quero que saibam o que espero deles: que a considerem um membro da família, como eu própria faço. Traga-nos o que trouxer o futuro, quero que eles tentem ajudá-la como se fosse uma de nós.

Mireille saboreou um golinho do licor antes de responder:

— Vim à Córsega por uma só razão, madame: quero ouvir de sua voz o significado da mensagem da abadessa. Os acontecimentos precipitaram a missão de que fui incumbida. A última remanescente de minha família foi destruída em minha frente por causa do Xadrez de Montglane. Juro pela última gota de meu sangue, pela última

respiração, que vou dedicar todas as horas de vida que ainda tiver neste mundo à descoberta do segredo sombrio que aquelas peças ocultam.

Letizia encarou-a em silêncio, observando o cabelo ruivo que brilhava à luz da lareira, o rosto jovem em brutal contraste com o amargor das coisas que Mireille dizia. Sentiu um aperto no coração quando pensou de novo no que decidira fazer. Desejou com ansiedade que a abadessa de Montglane pudesse confirmar que a decisão fora acertada. Finalmente, dirigiu-se à moça:

— Vou lhe contar tudo o que quer saber. Em meus quarenta e dois anos de vida, nunca falei disso com ninguém. Tenha paciência, pois a história é longa e complexa. Quando eu chegar ao fim, você compreenderá o fardo que tenho carregado durante tantos anos. E ele passará a ser seu.

O RELATO DE LETIZIA RAMOLINO BONAPARTE

Eu ainda era uma criança de oito anos quando Pasquale Paoli libertou a ilha da Córsega do jugo genovês. Meu pai já morrera e minha mãe se casou de novo com o suíço Franz Fesch, que, para poder desposá-la, teve de se converter do calvinismo para o catolicismo. Essa defecção levou sua família a deserdá-lo. Começava assim o processo que acabou fazendo com que a abadessa de Montglane entrasse em nossas vidas.

Helene de Roque descende de uma antiga e nobre família da Savoia, que tinha propriedades espalhadas por muitos lugares. Por isso, sempre viajou muito. Em 1764, quando a conheci, já se tornara abadessa de Montglane, apesar de ainda não ter chegado aos quarenta. Dava-se muito bem com a família Fesch, que a tinha em alta conta, apesar do preconceito daquela gente sobre os católicos. Claro que, pelo menos em parte, sua ascendência nobre, de família com raízes na Suíça, favoreceu esse relacionamento. Quando soube da situação em que estávamos, Helene tomou para si a incumbência de promover a reconciliação de meu padrasto com os parentes — um gesto que, na época, pareceu totalmente isento de razões outras que não o mais puro altruísmo.

Franz Fesch, meu padrasto, era um homem alto e magro, com um rosto longo e atraente. Tipicamente suíço, falava macio, raramente expressava suas verdadeiras opiniões e não confiava em quase ninguém. Ficou muito agradecido a Madame de Roque pela reconciliação e convidou-a a nos visitar na Córsega. Nenhum de nós poderia imaginar que isso era o que ela desejava, desde o início.

Jamais esquecerei o dia em que Madame de Roque apareceu em nossa casa de pedras, no alto da montanha, a quase dois mil e quinhentos metros de altitude. Para chegar lá, era preciso atravessar um terreno perigosíssimo, cheio de precipícios traiçoeiros, ravinas

profundas e labirintos de espinheiro, que, em alguns lugares, chegavam a formar uma impenetrável muralha de quase dois metros de altura. Mas a abadessa mal demonstrou os efeitos de tal viagem. Logo que se esgotaram as formalidades habituais, abordou o assunto que a levara até ali:

— Não vim apenas em resposta a seu generoso convite, Franz Fesch. Trouxe-me aqui, também, um assunto mais urgente. Diz respeito a um homem... um suíço, como você, e convertido à fé católica, também como você. Tenho muito medo dele, pois sei que vigia cada movimento meu. Acredito que ele queira obter de mim um segredo que guardo e que talvez tenha mais de mil anos. Tudo o que ele faz me dá mais razões para crer no que acabei de dizer: estudou música e chegou a publicar um dicionário dessa arte e a compor uma ópera em parceria com André Philidor; tornou-se amigo dos irmãos Grimm e de Diderot, ambos protegidos por Catarina, a Grande, da Rússia; chegou a manter correspondência com Voltaire, por quem sente profundo desprezo; agora, doente demais para viajar, contratou os serviços de um espião que está neste momento a caminho da Córsega. Peço sua ajuda, Franz Fesch. Peço-lhe que me dê apoio, como também lhe dei.

— Quem é esse suíço? - quis saber Fesch, interessado de fato.

— Não sei se você o conhece pessoalmente — disse a abadessa —, mas com certeza já ouviu seu nome: Jean-Jacques Rousseau.

— Rousseau? Mas não é possível! — gritou Àngela-Maria, minha mãe. — E um grande homem! Foram suas teorias sobre as virtudes naturais que deram fundamento à revolução corsa. Na verdade, Paoli o contratou para redigir nossa Constituição! Foi ele quem disse que "o homem nasce em liberdade, mas em todos os lugares os grilhões o aprisionam".

— Uma coisa é falar dos princípios da liberdade e da virtude - retrucou a abadessa, secamente. — Outra é pô-los em prática. Ele diz que todos os livros são instrumentos do mal... e é capaz de escrever seiscentas páginas de uma enfiada. Prega que as crianças devem receber o alimento físico de suas mães e o intelectual de seus pais... e abandonou o próprio filho à porta de um orfanato! Muitas revoluções terão origem nas "virtudes" que defende, mas o

que ele procura é um poder tamanho que seria capaz de agrilhoar todos os homens, com exceção daqueles que conheçam e manipulem esse poder!

Seus olhos brilhavam como brasas de uma lareira. Fesch a observava, cauteloso.

— Vocês devem estar curiosos para saberem o que quero — continuou ela, sorrindo. — Compreendo bem os suíços, monsieur. Eu própria sou suíça, em parte. Vou dizer o que quero, sem maiores rodeios: quero informações e cooperação. Mas tenho consciência de que seria impossível que me dessem tais coisas, se não lhes revelasse o segredo de que sou guardiã, e que está enterrado na abadia de Montglane.

A abadessa passou a maior parte daquele dia a nos contar uma longa e extraordinária história a respeito de um tabuleiro com peças de xadrez que teria pertencido a Carlos Magno e passado quase mil anos oculto na abadia de Montglane. Uso o verbo no futuro do pretérito para salientar as dúvidas que tudo aquilo despertava. Na verdade, ninguém chegou a ver o xadrez, ainda que muitos o tenham procurado, visando os poderes a ele atribuídos. A abadessa, como suas antecessoras, temia que o tesouro tivesse de ser exumado durante seu período à frente da abadia, que coubesse a ela a missão de abrir a caixa de Pandora. O resultado era uma atitude temerosa em relação a todos aqueles que se aproximavam demais, da mesma forma que um enxadrista encara com desconfiança qualquer peça — até mesmo as suas — que pareça capaz de imobilizar seus movimentos, e planeja contra-ataques com grande antecedência. Fora aquela a razão que a trouxera à Córsega.

— Posso imaginar o que Rousseau procura nesta ilha — continuou a abadessa. — A história deste lugar é tão antiga quanto misteriosa. Como já disse, o Xadrez de Montglane chegou às mãos de Carlos Magno pelos mouros de Barcelona. Mas, em 809, cinco anos antes da morte do imperador, outro grupo de mouros se apossou da Córsega. Há quase tantas seitas diferentes na fé islâmica quanto na cristã — sorriu de novo, com ironia. — Tão logo morreu Maomé, sua própria família começou a guerrear, dividindo irremediavelmente os seguidores do Alcorão. A seita que se instalou

na Córsega foi a dos xiitas, místicos que pregavam o talim, doutrina secreta baseada na futura vinda de um redentor. Fundaram lojas de um culto místico, com ritos secretos de iniciação e um Grande Mestre. Os rituais da moderna maçonaria inspiraram-se nesse culto. Os xiitas subjugaram Cartago e Trípoli e estabeleceram poderosas dinastias nesses lugares.

Q'armat, um persa da Mesopotâmia cujo nome homenageava a deusa 318 Car, organizou um exército que atacou Meca e roubou o véu da Caaba e a sagrada pedra negra. Finalmente, a seita acabou dando origem aos hashhashin, um grupo de terroristas políticos, que atuavam sob a inspiração de drogas como o haxixe e deram origem à palavra "assassino".

A abadessa fez uma pausa, antes de prosseguir:

— Estou contando tudo isso porque o bando de politikeiros criminosos da seita xiita que ocupou a Córsega sabia da existência do Xadrez de Montglane. Seus integrantes estudaram manuscritos arcaicos do Egito, da Babilônia e da Suméria, que se referiam, todos, aos mistérios sombrios a que o Xadrez daria acesso. E queriam para si a chave. Durante os séculos de guerras que se seguiram, esses místicos clandestinos viram-se inúmeras vezes impedidos de localizar e recuperar o Xadrez. Finalmente, os mouros foram expulsos de vez de suas cabeças de ponte na Itália e na Espanha, e cisões internas diluíram sua importância como força atuante na História.

Minha mãe manteve-se estranhamente calada, durante todo o tempo em que a abadessa contou sua história. Ângela-Maria era uma mulher extrovertida, de personalidade assertiva e mente aberta. E, na ocasião, para minha surpresa, parecia reservada, fechada. Fesch também notara sua inusitada quietude, e foi ele quem falou, talvez até para provocá-la:

— Minha família e eu estamos fascinados com sua história, madame. Mas, naturalmente, não a surpreenderei se disser que gostaríamos de saber qual o segredo que Monsieur Rousseau procura em nossa ilha, e por que a senhora nos escolheu para confidentes e para aliados na batalha que trava contra ele.

— Rousseau, como eu disse, está doente demais para viajar, mas certamente nomeou alguém para visitar um dos raríssimos

compatriotas suíços que residem na Córsega. Quanto ao segredo que procura... talvez Ângela-Maria, sua esposa, possa nos contar mais detalhes. A família dela tem uma história que remonta ao mais antigo passado da Córsega. Se não estou enganada, a uma época anterior até mesmo às invasões dos mouros.

De repente, percebi a razão da vinda da abadessa. O rosto doce e frágil de minha mãe ficou vermelho e sombrio. Ângela-Maria olhou de soslaio para Fesch e para mim, torceu as mãos sobre o colo e pareceu insegura, sem saber para que lado dirigir o olhar.

— Não tive a intenção de perturbá-la, Madame Fesch — disse a abadessa, com voz tranquila, mas, ao mesmo tempo, traindo um sentimento de ansiedade. — Contudo, tenho a esperança de que a noção corsa de honra determine que a gentileza que lhes prestei seja retribuída. Admito que fiz um favor sem que me chamassem a tanto, mas espero que meus esforços não tenham sido em vão.

Fesch ficou confuso, mas eu, não. Nasci na Córsega e nela sempre vivi. Conhecia, já naquela época, a legendária fama da família Pietra-Santa, a que pertencia minha mãe: era tão antiga quanto a própria história da ilha, confundia-se com sua própria origem.

- Mamãe, são apenas mitos antigos - falei. - Você mesma sempre me disse isso. Que diferença pode fazer contá-los a Madame de Roque, que tanto tem nos ajudado?

Fesch, ao me ouvir, tomou a mão de minha mãe e apertou-a, para encorajá-la. Mamãe falou, finalmente, com uma voz trêmula:

- Madame de Roque, devo-lhe gratidão, e minha gente costuma pagar suas dívidas. Mas sua história me assustou. As superstições calam fundo na alma corsa. Embora a maior parte das famílias da ilha descenda da Etrúria, da Lombardia e da Sicília, foi a minha a primeira a se estabelecer aqui. Viemos da Fenícia, uma nação antiquíssima da costa leste do Mediterrâneo. Começamos a colonizar a Córsega mil e seiscentos anos antes do nascimento de Cristo.

A abadessa concordou, com um movimento delicado de cabeça, e mamãe prosseguiu:

- Os fenícios eram mercadores, comerciantes, conhecidos como "o Povo do Mar". Os gregos chamavam-nos àcphoinikes, que

significa "vermelho como o sangue", talvez devido à púrpura, o corante rubro que extraíam de conchas do mar, ou talvez devido ao legendário pássaro de fogo, ou ainda às palmeiras, ambos chamados de phoinix: "vermelhos como o fogo". Há quem acredite que o nome se deva à suposta origem do povo, no mar Vermelho. Mas nada disso é verdadeiro. Tiramos o nome da cor de nossos cabelos. E todas as outras tribos fenícias, como os venezianos, ficaram conhecidas pelos cabelos ruivos. Estou alongando a explicação porque as coisas vermelhas, da cor do fogo e do sangue, eram adoradas por esses povos estranhos e primitivos. Eles se referiam a si próprios como "o Povo de Khna", ou Cnossos, e mais tarde como cananeus. Sabemos pela Bíblia que adoravam muitos deuses, os deuses da Babilônia: Bel, que chamavam de Baal; Ishtar, mais tarde Astarteia; e Melqart, que os gregos chamaram Car, que significa "destino" ou "sina", mas que meu povo chamava de Moloch...

- Moloch! - sussurrou a abadessa. — Os hebreus deploraram a adoração a essa divindade, mas acabaram acusados de participar dela! Atiraram crianças às chamas para apaciar Moloch...

- Isso mesmo — concordou minha mãe. — Mas havia coisas ainda piores. A maioria dos povos da Antiguidade acreditava que a vingança era propriedade exclusiva dos deuses, mas os fenícios acreditavam que ela lhes pertencia! As comunidades que fundaram, Córsega, Sardenha, Marselha, Veneza, Sicília, são lugares onde se acredita que a traição não passa de um meio para se chegar a um fim e que retaliação é sinônimo de justiça. Até nossos dias, seus descendentes dominam o Mediterrâneo. Os piratas dos Estados Bárbaros não descendem dos berberes, e sim de Barba Ruiva. Ainda hoje, mantêm vinte mil europeus como reféns, exigindo resgate, e é assim que fazem suas fortunas. São estes os verdadeiros descendentes dos fenícios: homens que dominam os mares, a partir de fortalezas em ilhas, homens que adoram o deus dos ladrões, que vivem da traição e que morrem pela vendetta.

- É isso! - exclamou a abadessa, nervosa. - Como o mouro disse a Carlos Magno, o próprio Xadrez traria Sar, a vingança! Mas o que pode ser esse segredo, desejado pelos mouros, talvez já conhecido pelos fenícios? Que poder ocultarão aquelas peças, talvez conhecido

um dia mas agora perdido para sempre, já que sua chave se perdeu também?

- Não tenho certeza — disse minha mãe. - Mas posso arriscar um palpite. A senhora disse que oito mouros levaram o Xadrez até Carlos Magno. Depois, recusando-se a deixá-lo, foram com ele até Montglane, onde correu o rumor de que participavam de rituais secretos. Acho que posso imaginar de que rituais se tratava. Meus ancestrais fenícios praticavam ritos de iniciação como os que a senhora descreveu. Adoravam uma pedra sagrada, às vezes uma coluna ou um monolito, e acreditavam que a rocha continha a voz de um deus. Como a pedra negra da Caaba, em Meca, ou a Cúpula do Rochedo, em Jerusalém, havia sempre um masseboth nos altares fenícios. Entre nossas lendas, existe a de uma mulher chamada Elissa. Era irmã do rei de Tiro. Quando seu marido foi assassinado por ordem do soberano, ela fugiu com as pedras sagradas para Cartago, no litoral norte da África. O irmão perseguiu-a, para reaver os deuses. Na versão que chegou até nós, ela se imolou em uma pira, para aplacar os deuses e salvar seu povo; mas, no momento mesmo em que se sacrificou, ela prometeu: "Renascerei das cinzas, como a fênix, no dia em que as pedras começarem a cantar e as areias do deserto verterem lágrimas rubras como o sangue. E esse será o dia do acerto de contas com a terra".

A abadessa manteve-se em silêncio por muito tempo, depois que minha mãe terminou. Meu padrasto e eu achamos melhor não interromper seus pensamentos. Finalmente, ela falou:

— O mistério de Orfeu, que animava as pedras com seu canto... Sua voz era tão doce que até mesmo as areias do deserto choravam lágrimas vermelhas. Tudo isso pode não passar de uma série de mitos, mas acredito que o dia do acerto de contas está próximo. Se o Xadrez de Montglane reaparecer, Deus nos proteja! Acredito que ele contenha a chave que abrirá os lábios mudos na natureza, para que as vozes dos deuses se façam ouvir.

Letizia olhou em volta. As brasas da lareira já haviam se reduzido a cinzas. Os dois filhos encaravam-na em silêncio; Mireille, por sua vez, parecia tensa.

—A abadessa disse de que forma acreditava que o Xadrez de Montglane operaria tal prodígio? — perguntou.

Madame Mère sacudiu a cabeça.

— Não. Mas sua outra predição, a que dizia respeito a Rousseau, mostrou-se verdadeira... No outono seguinte, o agente dele chegou: um jovem escocês chamado James Boswell. Pretextando a intenção de escrever a história da Córsega, fez-se amigo de Paoli e passou a jantar com ele todas as noites. A abadessa nos pediu que a mantivéssemos ciente de todos os movimentos dele e que avisássemos a todos aqueles que descendiam dos fenícios para não falarem nada a respeito de suas lendas ancestrais. Isso não era propriamente necessário porque somos um povo fechado e de natureza furtiva. Não costumamos nos abrir com estrangeiros, a não ser que, como no caso dela, tenhamos com eles alguma dívida de honra. Como ela também predissera, Boswell procurou Franz Fesch, mas foi logo repellido pelas maneiras frias de meu padrao. Então, passou a se referir a ele, de forma brincalhona, como "o suíço típico". Quando a história da Córsega e a Vida de Pasquale Paoli foram publicadas, muito mais tarde, ficou claro que ele não conseguira descobrir muito para reportar a Rousseau. E o filósofo, como sabemos todos, morreu...

— Mas o Xadrez de Montglane reapareceu — disse Mireille, pondo-se de pé e mirando o fundo dos olhos de Letizia. — A história que a senhora contou explica a mensagem da abadessa e a natureza de sua amizade com ela. Mas é muito pouco. Não posso me dar por satisfeita com lendas a respeito de pedras que cantam e fenícios vingativos. Meus cabelos podem ser tão ruivos quanto os de Elissa de Q'ar, mas debaixo deles há um cérebro! A abadessa de Montglane é tão pouco mística quanto eu. Tenho certeza de que ficaria insatisfeita com toda essa história. Além disso, a mensagem traz em si mais do que foi explicado: ela mandou sua filha dizer que a senhora saberia o que fazer! O que ela quis dizer com isso, Madame Bonaparte? E qual a relação entre a mensagem e a fórmula?

Letizia ficou branca como cera e levou as mãos ao coração. Elisa e Napoleão pareciam pregados às suas cadeiras, mas o rapaz rompeu o silêncio, com uma pergunta sussurrada:

— Que fórmula?

— A fórmula que Voltaire conhecia, que Richelieu conhecia, que Rousseau, sem dúvida, conhecia... e que sua mãe, sem dúvida, também conhece!

O tom de voz de Mireille foi se elevando a cada palavra, seus olhos cor de esmeralda pareceram incendiar-se, cravados em Letizia, que continuou imóvel, como que em estado de choque. A moça atravessou a sala com duas passadas largas e agarrou-a pelos braços, forçando-a a ficar em pé. Seus filhos também se ergueram, mas Mireille os aquietou com um gesto.

— Responda, madame! Duas mulheres já morreram a meus pés por causa dessas peças! Já vi de perto a natureza horrenda e malévola de quem as quer, um homem que, neste exato momento, está a minha procura, pronto a me matar pelo que já descobri: o livro foi aberto, a morte está à solta. Eu já a vi com meus próprios olhos, como já vi também o Xadrez de Montglane e os símbolos gravados nas peças. Eu sei que há uma fórmula! Agora me diga o que a abadessa quer que a senhora faça!

Quase sacudiu o corpo frágil de Letizia, em sua fúria por rever, na mente, o rosto de Valentine, a prima assassinada por causa daquelas peças. Os lábios da outra tremeram. Letizia, a mulher de aço que nunca derramara uma lágrima, estava chorando. Napoleão passou o braço sobre os ombros da mãe, ainda agarrada por Mireille. Elisa pôs a mão sobre seu braço, com suavidade.

— Mamãe, você tem de contar — disse Napoleão. — Diga o que ela quer saber. Meu Deus! Você já enfrentou cem soldados franceses armados de uma só vez! Que horror pode ser esse, tão terrível que você nem ousa falar?

A mulher tentou dizer alguma coisa. Seus lábios, secos, tremiam. Lágrimas lhe escorriam dos cantos dos olhos, soluços sacudiam todo o seu corpo. Afinal, a frase lhe saiu em jatos de palavras:

— Eu jurei... todos nós juramos... que nunca falaríamos... Helene, a abadessa... Ela sabia que havia uma fórmula, muito antes mesmo de ver o Xadrez. E me disse que, se lhe coubesse a missão de trazer a fórmula à luz, depois de mil anos, ela mesma a

escreveria... Copiaria os símbolos das peças e do tabuleiro... e os faria chegar a mim, de alguma forma!

— A senhora? — repetiu Mireille. — Mas por que à senhora? Não passava de uma criança, naquela época!

— É verdade... uma criança. — Letizia conseguiu sorrir entre as lágrimas. — Uma criança de catorze anos, prestes a se casar. Uma criança prestes a dar à luz treze filhos e ver cinco deles morrerem. Acho que ainda sou uma criança, pois não fui capaz de compreender o perigo envolvido na promessa que fiz à abadessa.

— Diga-me — pediu Mireille, com voz suave — qual foi essa promessa.

— Passei minha vida inteira estudando a Antigüidade. Prometi a Helene que, assim que ela conseguisse reunir todas as peças, iria para o Norte da África, para a terra de onde veio o povo a que pertencia minha mãe, a fim de procurar os venerandos muftis do deserto. Com o auxílio desses sábios chefes religiosos, eu pretendia desvendar a fórmula, como prometi a Helene.

— A senhora conhece pessoas de lá que são capazes de ajudar? — Mireille pareceu animada. — Mas, madame... é para lá que estou indo! Deixe que eu lhe faça esse pequeno favor. É tudo o que quero na vida! Sei que estou adoentada, mas sou jovem... Logo estarei boa de novo.

— Não. Por enquanto, não. Antes precisamos nos comunicar com a abadessa. — Letizia parecia estar se recompondo aos poucos. — De qualquer forma, você não poderia aprender em uma noite o que me custou quarenta anos de estudos. E, por mais forte que pense ser, está longe das condições de saúde necessárias para a viagem. Acho que já vi os sintomas de sua doença vezes suficientes para poder garantir que só daqui a seis ou sete meses você estará bem de novo. Talvez seja tempo bastante para aprender...

— Seis ou sete meses! - gritou Mireille. — Impossível... Não posso ficar tanto tempo na Córsega.

— Mas será preciso, minha cara. — Desta vez, Letizia sorriu abertamente. — Você não está doente... Está grávida.

LONDRES

NOVEMBRO DE 1792

A mais de mil quilômetros da Córsega, Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, o homem que engravidara Mireille, pescava no congelado Tâmis.

A seu lado, sobre a grama crestada, um oleado cobria várias peças de lã. Ele prendera os culotes acima dos joelhos, com grossas fitas de seda, e arrumara com capricho os sapatos e as meias, ao lado do oleado. Vestia uma jaqueta de couro grosso, botas forradas de pele e um chapéu de abas largas, destinado a proteger o pescoço.

A suas costas, sob os ramos nevados de uma castanheira, Courtiade segurava uma cesta de palha para os peixes; sobre o outro braço, mantinha impecável o paletó de veludo do patrão. Para evitar que o sangue dos peixes escorresse, a cesta estava forrada com as folhas amareladas de um jornal francês de dois meses antes que, até a manhã daquele dia, estivera pregado à parede do estúdio da casa.

Courtiade sabia o que noticiava aquele jornal, e sentira-se aliviado quando Talleyrand o arrancara da parede, jogara-o na cesta e dissera que era hora de pescar. O patrão estivera estranhamente calado desde que recebera as informações da França. Os dois haviam lido juntos o jornal:

PROCURADO POR TRAIÇÃO

Talleyrand, ex-bispo de Autun, fugiu da França. [...] Tentem obter informações com parentes ou amigos que lhe possam ter dado guarida. [...] Rosto longo, olhos azuis, nariz normal, ligeiramente arrebitado. Talleyrand-Périgord é capenga de uma perna...

Pensando nisso tudo, Courtiade acompanhava com os olhos os movimentos das barcas que subiam ou desciam o Tâmis. Grandes pedaços de gelo, arrancados das margens, seguiam a corrente de águas cinzentas e rápidas. A linha de pesca do patrão

mergulhava em meio à vegetação da beira do rio, entre pontas de gelo sujo. Mesmo com o ar frio, o camareiro sentia o cheiro forte de peixe. O inverno, como tantas outras coisas, viera cedo demais naquele ano.

Fora em 23 de setembro, menos de dois meses antes, que Talleyrand chegara a Londres, para ocupar a pequena casinha da Rua Woodstock que Courtiade havia preparado. Na véspera, a Convenção conseguira abrir o "armário de ferro" do rei, nas Tulherias, e descobrira cartas de Mirabeau e LaPorte que comprovavam o desvio de muito dinheiro da Rússia, da Espanha e da Turquia, e até mesmo das mãos de Luís XVI, para os bolsos de dedicados membros da Assembléia.

Mirabeau teve a sorte de morrer antes, pensou Talleyrand, recolhendo a linha e fazendo sinal para que Courtiade lhe trouxesse mais iscas.

Trezentas mil pessoas foram aos funerais do grande estadista... Agora seu busto estava recoberto por um véu e suas cinzas tinham sido removidas do Panteão. O rei tivera destino muito pior: estava com a vida por um fio, encarcerado com a família na torre do templo pertencente à poderosa ordem dos maçons, que desejava levá-lo a julgamento a qualquer custo.

Talleyrand também fora julgado, in absentia, e declarado culpado. Embora ninguém houvesse apresentado provas concretas, as cartas de LaPorte indicavam que seu amigo bispo, enquanto ocupara o cargo de presidente da Assembléia, não se recusara a servir aos interesses do rei — por uma quantia preestabelecida.

O ex-bispo prendeu ao anzol o pedaço de sebo que Courtiade lhe dera e, com um suspiro, atirou-o às águas escuras do Tâmsa. Toda a sua precaução, ao sair da França com um salvo-conduto diplomático, fora em vão. Procurado pela lei em seu próprio país, viu se fecharem em seu rosto as portas dos britânicos de sua classe social. Até mesmo os emigres odiavam-no, por ter traído a classe e aderido à Revolução. E, pior, estava completamente sem dinheiro. Nem mesmo as antigas amantes, a que tantas vezes recorrera no passado, quando em dificuldades financeiras, podiam lhe ser úteis,

em Londres. Todas faziam chapéus de palha para vender ou escreviam romances.

Os trinta e oito anos de sua existência pareciam ter sido arrastados pela correnteza, sem deixar qualquer traço, como a isca que acabara de perder. Mas Maurice resistia com orgulho e bravura. Embora falasse muito raramente de tais coisas, descendia de Carlos, o Calvo, neto de Carlos Magno. Adalberto de Périgord fora o homem que colocara Hugo Capeto no trono da França; Taillefer, o Talhador de Ferro, fora um herói da batalha de Hastings; Hélie de Talleyrand calçara em João XXII as sandálias do Pescador. Maurice descendia de uma longa linhagem de fazedores de reis cujo moto era Reque Dieu

— "Não servimos a ninguém senão a Deus". Quando as coisas ficavam negras, os Talleyrand-Périgord preferiam esbofetear com a luva, em desafio, a bater em retirada.

Recolheu a linha e atirou-a na cesta. O camareiro ajudou-o a se levantar.

— Você sabe Courtiade - disse Talleyrand, passando-lhe o caniço —, que dentro de alguns meses vou completar trinta e nove anos?

— Certamente, monsenhor. Deseja que eu prepare uma comemoração?

Talleyrand riu alto, com a cabeça inclinada para trás.

— No final deste mês, terei de me livrar da casa da rua Woodstock e procurar um lugar mais modesto, em Kensington. No final do ano, sem nenhuma fonte de renda, precisarei vender meus livros...

— Talvez tenha esquecido uma coisa, monsenhor — disse Courtiade, delicadamente, oferecendo-lhe o paletó de veludo. - Uma coisa trazida pelo destino para ajudá-lo na situação difícil em que se encontra agora. Estou me referindo àqueles objetos escondidos atrás dos livros nas estantes da rua Woodstock...

— Não se passou um só dia, Courtiade, em que eu não tenha pensado a mesma coisa. Não acredito, no entanto, que aquelas peças devam ser vendidas.

— Se o senhor me permite uma pergunta pessoal... — começou Courtiade, recolhendo e dobrando as roupas de pescaria do amo.

— Teve notícia de Mademoiselle Mireille?

— Não. Mas ainda não devo redigir seu epitáfio. Ela é uma jovem corajosa, e acho que trilha o caminho certo. O tesouro que está em nossas mãos pode valer bem mais que seu peso em ouro. Por que outra razão teria sido cobiçado e procurado por tanto tempo? A era da ilusão terminou, na França. O rei foi levado à balança e, como sempre acontece com os reis, notou-se que lhe faltava peso. Seu julgamento não passaria de uma formalidade. Mas a anarquia não pode substituir nenhum regime, nem mesmo o mais fraco. A França agora precisa de um líder, não de um mero governante. E, quando esse líder aparecer, serei o primeiro a reconhecê-lo.

— O senhor se refere a um homem que sirva à vontade de Deus e traga a paz de volta a nosso país? — quis saber Courtiade, começando a quebrar pedaços de gelo para cobrir com eles os peixes da cesta.

— Não - suspirou Talleyrand. - Se Deus quisesse paz sobre a Terra, certamente já a teríamos conquistado. Estou falando de um salvador como o que disse, certa vez: "Não vos trago a paz, trago-vos a espada." O homem de que estou falando entenderá o valor do Xadrez de Montglane, que pode ser resumido numa palavra: "poder". É isso que tenho a oferecer ao homem que um dia liderará a França, e esse dia não demora a chegar...

Os dois homens começaram a caminhar pela margem congelada do rio, e o camareiro, hesitante, fez a pergunta que estivera em sua mente desde o dia da chegada do jornal francês que, agora, amarrotado, se desfazia sob o gelo e os peixes mortos:

— Mas como é que planeja encontrar tal homem, monsenhor, com a acusação de traição proibindo sua volta à França?

Talleyrand sorriu e pôs a mão sobre o ombro do camareiro, em uma rara demonstração de familiaridade.

— Meu .caro Courtiade, a traição não passa de uma questão de datas!

PARIS

DEZEMBRO DE 1792

No dia 11, acusado de traição, Luís XVI, rei da França, foi a julgamento.

O Clube dos facobinos já estava superlotado quando Jacques-Louis David chegou. Os últimos presentes ao primeiro dia do julgamento entraram com ele, alguns dando-lhe tapinhas nas costas. O pintor ouviu frases soltas, pedaços de comentários. As senhoras, nos camarotes, bebiam licores perfumados, durante o julgamento. Ambulantes vendiam sorvetes dentro do recinto. As amantes do duque d'Orleans cochichavam e riam atrás dos leques rendados... O rei, confrontado com as cartas encontradas em seu armário de ferro, fingia que nunca as vira, negava a própria assinatura, alegava memória fraca quando lhe exibiam inúmeras provas de traição contra o Estado. Não passava de um bufão bem treinado, concordavam todos os jacobinos.

A maioria deles já decidira de que forma votaria, antes mesmo de passar pela pesada porta de carvalho do clube.

Quando David atravessava o saguão de chão azulejado do antigo monastério em que os jacobinos conduziam suas reuniões, alguém puxou sua manga. O pintor voltou-se e deu com os olhos verdes, brilhantes e frios, de Maximilien Robespierre.

Impecavelmente vestido, como sempre, com um conjunto cinzento de gola alta, e com o cabelo cuidadosamente empoadado, Robespierre pareceu-lhe mais pálido, e talvez com uma expressão ainda mais severa. Cumprimentou David e tirou uma caixinha de pastilhas do bolso interno do paletó. Serviu-se de uma e ofereceu-as ao outro.

— Meu caro! Há meses que não o vejo. Ouvi dizer que você tem trabalhado numa nova pintura. Sei que é um artista muito dedicado, mas não deveria passar tanto tempo ausente... A Revolução precisa de você.

Foi uma forma sutil de transmitir que não era seguro, para um revolucionário, manter-se distante da ação. Tal atitude podia ser interpretada como falta de interesse.

— Soube, é claro — continuou, do destino trágico de sua pupila na prisão de FAbbaye. Aceite meus mais sinceros pêsames, ainda que tardios. Imagino que você já deva saber que Marat foi duramente repreendido pelos girondinos, na presença de todos os membros da Assembléia. Quando começaram a pedir sua punição, ele se pôs em pé na Montanha, sacou uma pistola e apontou-a para a própria testa, como se tivesse a intenção de se suicidar! Um espetáculo revoltante, mas salvou-lhe a vida. O rei deveria fazer a mesma coisa...

— Você acha que a Convenção vai votar pela morte do rei? David se apressara em mudar de assunto para não ter de pensar na morte de Valentine, cena que mal conseguira afastar da mente todos aqueles meses.

— Um rei vivo é um rei perigoso. Não sou favorável a regicídios, mas não há como duvidar, pela correspondência que pudemos ver, que ele se envolveu em traição contra o Estado... da mesma forma que seu amigo Talleyrand! Agora acho que você concorda com a opinião que sempre tive sobre ele...

— Danton mandou-me um bilhete, pedindo que viesse aqui esta noite. Parece que o destino do rei pode ser decidido pelo voto popular.

— E por isso que nos reunimos hoje. Os girondinos, estas santas almas, estão a favor. Mas, se deixarmos que todos os meus constituintes provincianos votem livremente, a monarquia será reinstalada com uma enxurrada de votos. E, por falar em girondinos, quero que você conheça aquele jovem inglês que está vindo ali. É amigo de André de Chénier, o poeta. Convidei-o para que suas ilusões românticas sobre a Revolução sejam destroçadas, quando vir a esquerda em ação.

David observou o jovem alto e desajeitado que caminhava em sua direção. Tinha pele mortíça; cabelo fino, que lhe caía sobre a testa; e o cacoete de andar curvado para frente, como se estivesse sempre caminhando por algum pasto alto. Vestia um casaco

marrom, mal cortado e de tamanho errado, que parecia ter apanhado ao acaso em uma cesta de roupas de segunda mão. Em lugar do foulard, trazia ao pescoço um lenço negro, atado com nós, em péssimo estado. Mas os olhos brilhavam, atentos, e um nariz avantajado e imponente compensava o queixo fraco. As mãos mostravam os calos daqueles que crescem no campo e têm de trabalhar duro para ganhar a vida.

— Este jovem poeta é William Wordsworth — disse Robespierre, quando o rapaz estendeu a mão para David. — Já está em Paris há um mês, mas esta é sua primeira visita ao Clube dos Jacobinos. — E, voltando-se para Wordsworth, acrescentou: — Apresento-lhe o cidadão Jacques-Louis David, ex-presidente da Assembléia.

— Monsieur David! — O rapaz apertou calorosamente a mão do pintor. — Tive a grande honra de apreciar sua pintura em Londres, quando deixei Cambridge por algum tempo! A morte de Sócrates... O senhor é uma inspiração para alguém como eu, que tem por maior aspiração presenciar a História e registrá-la.

— Você é escritor? Então, como tenho a certeza de que Robespierre vai concordar, chegou na hora certa para testemunhar um grande acontecimento: a queda da monarquia francesa.

— Nosso poeta britânico, o místico William Blake, publicou, no ano passado, o poema "A Revolução Francesa". Proclamou nele, de forma quase bíblica, uma profecia visionária a respeito da queda dos reis. O senhor por acaso o leu?

— Não... Infelizmente, mantenho-me ocupado com Heródoto, Plutarco e Tito Lívio — sorriu David. — Encontro neles o material adequado a minhas pinturas, já que não sou místico nem poeta.

— Que estranho! — espantou-se Wordsworth. — Na Inglaterra, acreditamos que por trás da Revolução Francesa estão os maçons, que com certeza podem ser incluídos entre os místicos.

— De fato a maioria de nós pertence a essa sociedade — respondeu Robespierre. — O Clube dos Jacobinos foi fundado, por Talleyrand, como uma ordem maçônica. Mas aqui na França os maçons raramente são místicos...

— Alguns são — interrompeu David. — Marat, por exemplo.

— Marat? — Robespierre franziu as sobrancelhas. - Você está brincando. O que lhe deu tal idéia?

— Para dizer a verdade — admitiu David, relutantemente —, não foi só o chamado de Danton que me trouxe até aqui esta noite. Vim mais para ver você, porque achei que talvez pudesse me ajudar. Você há pouco mencionou o... acidente com minha sobrinha na prisão de l'Abbaye. Mas sabemos que a morte dela nada teve de acidental. Marat fez com que a interrogassem e executassem porque achava que ela tinha informações sobre... Você já ouviu falar do Xadrez de Montglane?

Robespierre empalideceu. O jovem Wordsworth ficou olhando de um para o outro, confuso.

— Você tem consciência do que está dizendo?

Robespierre puxou David para um canto. Wordsworth os seguiu, prestando a máxima atenção.

— O que sua pupila podia saber a respeito de tais coisas?

— As duas moças foram noviças na abadia de Montglane...

— Por que você nunca mencionou o fato? — A voz de Robespierre tremeu. — Mas é claro! Isso explica a devoção que o bispo de Autun lhes dedicou desde o momento em que chegaram! Se você pelo menos me tivesse dito antes... Antes de que eu o deixasse escapar entre os dedos!

— Nunca dei crédito àquela história, Maximilien. Achei que não passava de lenda, de bobagem. Mas Marat acredita. E Mireille, na ânsia de salvar a vida da prima, disselhe que o fabuloso tesouro existe. Disse que ela e a prima estavam de posse de parte do Xadrez e a tinham enterrado em meu jardim. Mas, quando ele chegou, no dia seguinte, com um grupo para desenterrá-lo...

— Sim? O que aconteceu?

Robespierre falava ferozmente, com os dedos tão apertados nos braços de David que chegavam a machucá-lo. O jovem Wordsworth ouvia tudo, atento.

— Mireille já tinha desaparecido — completou David. — E, perto do laguinho do jardim, a terra fora escavada pouco antes.

— E onde está sua pupila, agora? — Robespierre estava tão agitado que quase gritou. — Ela tem de ser interrogada.

Imediatamente!

— E esta a ajuda que quero lhe pedir. Já perdi de todo a esperança de que Mireille volte. Com seus contatos, você talvez possa descobrir onde ela está e... se lhe aconteceu alguma coisa.

— Vamos achá-la nem que tenhamos de virar a França pelo avesso. Você precisa me dar uma descrição completa, tão detalhada quanto possível.

— Posso fazer coisa melhor — retrucou David. — Pinte um retrato dela. Está em meu ateliê.

CÓRSEGA

JANEIRO DE 1793

Mas o modelo da pintura, por uma ironia do destino, não ficaria muito mais tempo em território francês.

Passava muito da meia-noite quando, em um dia do final de janeiro, Mireille foi acordada por Letizia Bonaparte, no quatinho que dividia com Elisa na pequena casa nas colinas atrás do Ajaccio. Já completara três meses de permanência na Córsega e ouvira de Letizia muita coisa, mas não tudo o que precisava aprender.

— Vistam-se depressa — cochichou Letizia.

As duas esfregaram os olhos, tentando afastar o sono. Ao lado da mulher, no quarto escuro, Mireille pôde ver as duas crianças pequenas, Maria-Carolina e Girolamo, já vestidas para viagem, como a própria mãe.

— O que foi? — quis saber Elisa.

— Temos de fugir — respondeu Letizia em voz calma, estudada. - Os soldados de Paoli estiveram aqui para avisar. O rei da França morreu.

— Não! — Mireille sentou-se na cama de um salto.

— Foi executado há dez dias, em Paris. — A mulher começou a remexer no guarda-roupa, atirando peças para que as duas se vestissem logo. - E Paoli está levantando tropas, aqui na Córsega, para se juntar à Sardenha e à Espanha, a fim de derrubar o governo francês.

— Mas, minha mãe — resmungou Elisa, que não parecia disposta a abandonar a cama aconchegante —, o que isso tudo tem a ver conosco?

— Seus irmãos Napoleão e Luciano discursaram contra Paoli, hoje à tarde, na Assembléia corsa — respondeu Letizia, acrescentando, com um sorriso cansado: — Paoli lançou-lhes a vendetta traversa.

— O que é isto? — perguntou Mireille, que já se erguera e começara a se vestir.

— Vingança colateral — traduziu Elisa. — É um costume da Córsega: a pessoa ofendida jura vingança contra toda a família do ofensor! Onde estão meus irmãos? - perguntou à mãe.

— Luciano está com meu irmão, o cardeal Fesch; Napoleão fugiu da ilha — respondeu Letizia, ajudando a menina com as roupas. — Vamos, depressa! Não temos cavalos suficientes para chegarmos a Bocognano ainda esta noite, mesmo com as crianças dividindo um animal. Vamos ter de roubar alguns e andar depressa, para chegar lá antes do alvorecer.

Saiu do quarto, rebocando as crianças menores pelas mãos. Uma delas choramingou qualquer coisa e ela respondeu com voz firme:

— Eu não estou chorando, estou? Então, que motivo você inventou para chorar?

— O que existe em Bocognano? - perguntou Mireille a Elisa, quando as duas também saíram do quarto.

— Minha avó, Ângela-Maria di Pietra-Santa, vive lá. Isso significa que a situação é muito séria!

Mireille ficou sem ação. Finalmente, iria ao encontro da velha senhora de que tanto ouvira falar, a amiga da abadessa de Montglane!

— Ângela-Maria viveu toda a vida na Córsega - continuou a menina. - Entre irmãos, primos e netos, conseguiria recrutar um exército capaz de varrer metade da ilha. Foi por isso que mamãe decidiu ir se abrigar com ela... *Quer dizer que aceitamos a vendetta traversa!*

A aldeia de Bocognano era uma verdadeira fortaleza, equilibrada na montanha áspera e íngreme, a dois mil e quinhentos metros de altitude. O amanhecer já se aproximava quando os cavalos atravessaram, em fila indiana, a última ponte sobre a torrente furiosa que explodia, muito abaixo, em uma névoa de espuma. Quando subiram a última rampa da estrada, Mireille viu o Mediterrâneo estendendo-se cor de pérola para o leste. As pequenas ilhas de Pianosa, Formica, Elba e Monte Cristo pareciam flutuar em pleno céu. Além delas, no horizonte, a costa da Toscana insinuava-se entre o nevoeiro.

Ângela-Maria di Pietra-Santa não se mostrou feliz ao vê-los.

— E então? — inquiriu, belicosa, a mulherzinha minúscula, parecida com um gnomo, com as mãos nas cadeiras, saindo da casinha de pedras para receber os exaustos viajantes. — Problemas, outra vez! Os filhos de Cario Bonaparte estão sempre com problemas! Eu deveria ter adivinhado que esta hora chegaria!

Se ficou surpresa por sua mãe já saber a razão da vinda, Letizia não demonstrou. Seu rosto permaneceu tranquilo, sem trair nenhuma emoção. Ela apeou do cavalo e foi beijar os dois lados do rosto enrugado e irado.

— Está bem, está bem! — disparou a velhinha. — Chega de formalidades. Tire essa criançada dos cavalos. Parecem defuntos. Você não lhes dá comida? Que bando de galinhas depenadas!

Ela mesma começou a ajudar os jovens, puxando-os dos animais pelos tornozelos. Quando chegou à montaria de Mireille, parou e ficou observando a jovem descer do cavalo. Quando a moça se equilibrou no chão, Ângela-Maria agarrou seu queixo, com rispidez, e começou a virar-lhe o rosto de um lado para o outro, examinando-o com toda a atenção.

— Então foi desta aqui que você me falou? - perguntou, por cima do ombro, a Letizia. — A que está grávida. A que veio de Montglane?

Mireille já entrava no quinto mês de gravidez, sentindo-se bem, como Letizia previra.

— Ela precisa ser levada para fora da ilha, mamãe. Não podemos protegê-la mais, mesmo sabendo que a abadessa gostaria que o fizéssemos.

— Quanto foi que ela aprendeu? — quis saber a velhinha.

— Tudo o que pude contar em tão pouco tempo. — Os olhos azuis repousaram por um instante nos de Mireille. — Mas não foi o bastante.

— Bem, não vamos ficar aqui fora tagarelando para que todo o mundo possa ouvir! — Passou os braços magros e enrugados em torno dos ombros da moça, em um abraço. — Venha comigo, minha jovem. Pode ser que Helene de Roque venha a me amaldiçoar pelo que vou fazer. Mas, se for assim, ela deveria ter mais cuidado e manter sua correspondência em dia! Não recebi uma só carta

durante os três meses que você passou aqui. — Continuou conduzindo Mireille para o interior da casa e acrescentou, com um sussurro em tom de mistério:

— Já tomei todas as providências... Hoje à noite, sob a proteção da escuridão, um navio levará você até um amigo meu. Com ele, você ficará em segurança, até que acabe a vendetta.

— Mas, madame - contrapôs Mireille —, sua filha não teve tempo de terminar minha educação. Se fugir e me esconder durante esta batalha, minha missão vai ser mais adiada ainda. Não posso esperar muito mais!

- Quem está lhe pedindo para esperar? - Sorriu e deu tapinhas carinhos no pequeno ventre de Mireille. - Além disso, preciso de você no lugar para onde a estou mandando, e acho que você não vai se incomodar em ir para lá. O amigo já sabia de sua ida, embora não a esperasse tão cedo. O nome dele é Shahin... Um lindo nome. Significa "Falcão Peregrino", em árabe. E ele quem vai continuar seu treinamento, em Argel.

ANÁLISE POSICIONAL

Xadrez é a arte da análise.

- MIKHAIL BOTIVINNIK

Grande Mestre soviético, campeão mundial.

Xadrez é imaginação.

- DAVID BRONSTEIN

Grande Mestre soviético

Se você não sente, nunca vai entender.

- JOHANN WOLFGANG GOETHE

Fausto

A estrada acompanhava as curvas abertas da linha do mar, revelando a cada novo ângulo uma vista estupenda dos rochedos e das ondas que se quebravam. Musgo e pequenos cactos em flor derramavam-se pelas encostas de pedra quase verticais, lavadas pelas gotículas de espuma.

Trepadeiras emprestavam às escarpas tons brilhantes de amarelo e vermelho-escuro, com as folhas pontudas formando desenhos de rendas contra a rocha manchada pelo sal. O mar brilhava com um verde metálico — a cor dos olhos de Solarin.

No entanto, eu não conseguia apreciar bem a vista, devido à confusão de pensamentos desconstruídos que, desde a noite anterior, povoavam meu cérebro. Fui me ocupando com eles enquanto o táxi deslizava pela estrada ensolarada e vazia, rumo ao centro de Argel.

Todas as vezes em que tentava somar dois mais dois, acabava ficando com oito. Havia oito por todos os lados. Primeiro, fora a vidente apontando a data de meu aniversário. Depois, Mordecai, Sharrif e Solarin mencionaram o oito como um sinal mágico. Não apenas havia um deles desenhado na palma de minha mão, como Solarin fizera referência à fórmula do Oito — fosse qual fosse o significado do que tentara dizer, antes que desaparecesse na noite,

deixando a Sharrif a tarefa de me levar de volta. E sem a chave do quarto do hotel, que devia estar até agora em seu bolso.

Sharrif, naturalmente, mostrou-se curiosíssimo a respeito de meu belo acompanhante no bar noturno e de seu sumiço repentino. Expliquei-lhe como era agradável para uma moça simples como eu dispor, não de um, mas de dois acompanhantes, apenas algumas horas depois de chegar a um novo continente. Deixei que ele tentasse resolver a charada, enquanto seus capangas dirigiam o carro oficial até o El Riadh.

Encontrei a chave na recepção, quando cheguei, e verifiquei que a bicicleta não estava mais estacionada junto à janela. Já que minha tranquila noite de repouso fora para o espaço, resolvi gastar o restante dela fazendo um pouco de pesquisa.

Já sabia que havia uma fórmula, e não se tratava apenas do Pulo do Cavalo. Lily adivinhara: era outro tipo de fórmula, que nem mesmo Solarin conseguira decifrar. E tinha algo a ver — disso eu estava certa — com o Xadrez de Montglane.

Nim tentara me avisar, sem dúvida. Mandara-me toda uma coleção de livros a respeito de fórmulas e exercícios matemáticos. Decidi começar pelo que mais parecera despertar o interesse de Sharrif: A Série de Fibonacci, de autoria do próprio Nim. Fiquei lendo quase até o dia raiar, e achei que valeu a pena, embora não tivesse entendido exatamente de que maneira. Os números da Série de Fibonacci eram empregados para algo mais do que previsões dos movimentos do mercado acionário.

Leonardo Fibonacci decidiu relacionar os números, começando por um somado a seu precedente, zero. A série se desenvolveu deste modo: $1 + 0 = 1$; $1 + 1 = 2$; $2 + 1 = 3$; $3 + 2 = 5$; $5 + 3$ (o resultado precedente) $= 8$... e assim por diante.

Tendo estudado com os árabes, que acreditavam que os números tinham propriedades mágicas, Fibonacci era meio místico. Acabou descobrindo que a fórmula que descrevia a razão entre cada par de seus números — $1/2 \sqrt{5} - 1$, ou, aproximadamente, 0,61803 — servia também para descrever qualquer estrutura em forma de espiral existente na natureza.

Segundo o livro de Nim, os botânicos logo descobriram que qualquer planta cujas pétalas se apresentem em espiral ou cujos caules tenham estruturas em espiral obedece rigorosamente aos números da Série de Fibonacci. Os biólogos não tardaram a perceber que a concha do náutilo e todas as outras formas de vida marinha espiraladas seguem o mesmo padrão. Astrônomos verificaram que as posições relativas dos planetas do Sistema Solar — e até mesmo a própria forma da Via Láctea! - obedecem à razão da série. Mas, antes mesmo que o livro de Nim abordasse tal assunto, eu já descobrira outro fato interessante, não por meus fracos conhecimentos de matemática, mas por ter me formado em música. É simples: a formulazinha não fora inventada por Leonardo Fibonacci, mas sim descoberta, dois mil anos antes, por Pitágoras. Os gregos chamaram-na de "Razão Áurea".

A Razão Áurea define, sobre uma reta, o ponto no qual a razão entre o segmento menor e o segmento maior equivale à razão entre o segmento maior e a reta inteira. Essa relação foi empregada por todas as civilizações da Antiguidade em arquitetura, pintura e música. Foi considerada perfeita por Platão e Aristóteles: para eles, a Razão Áurea determinava a beleza, do ponto de vista da estética, de qualquer obra.

Mas, para Pitágoras, ela significava ainda mais. A dedicação de Pitágoras ao misticismo faria Fibonacci parecer um materialista empedernido. Os gregos chamavam-no de "Pitágoras de Samos", porque teria chegado a Crotona fugido daquela ilha, por razões políticas. Mas, segundo alguns de seus contemporâneos, Pitágoras nasceu em Tiro, cidade da antiga Fenícia — no local que hoje chamamos de Líbano —, e viajou muito. Viveu vinte e um anos no Egito e doze na Mesopotâmia, só chegando a Crotona quando já tinha mais de cinquenta. Fundou lá uma sociedade mística, mal disfarçada de escola, onde passou a transmitir aos discípulos os segredos descobertos em suas andanças, todos eles ligados a duas coisas apenas: matemática e música.

Foi ele quem descobriu que a oitava é a base da escala musical do Ocidente, ao verificar que, ao se tanger uma corda musical presa exatamente pelo meio, obtém-se um som exatamente oito tons

acima do som original tirado da corda inteira. A frequência da vibração de uma corda é inversamente proporcional a seu comprimento. Pitágoras descobriu ainda que uma quinta musical (cinco notas diatônicas, ou a razão áurea de uma oitava), repetida doze vezes em sequência ascendente, não volta à nota original, oito oitavas acima, como seria de se esperar. Isso porque se verifica um desvio de um oitavo de uma nota. Em outras palavras: a escala ascendente também forma uma espiral.

Mas o maior de todos os segredos de Pitágoras era a teoria de que o universo se constitui de números, cada um deles dotado de determinada propriedade divina. As proporções mágicas entre os números, segundo ele, apareciam em toda a natureza, inclusive nos sons gerados pelas vibrações dos planetas, ao se moverem pela escuridão do limbo. "Há geometria na sonoridade das cordas", disse ele, "há música no movimento das esferas."

E o que tudo aquilo tinha a ver com o Xadrez de Montglane? Bem, o xadrez tem oito peões e oito peças nobres de cada lado, e o tabuleiro tem sessenta e quatro casas — oito ao quadrado. Há nisto algum tipo de fórmula, sem dúvida. Solarin mencionara a "fórmula do Oito". Que lugar melhor para escondê-la do que um jogo de xadrez, cheio de oito por todos os lados? Como a Razão Áurea, como a Série de Fibonacci, como a espiral ascendente infinita, o Xadrez de Montglane parecia ser maior que a soma de suas partes.

Arranquei uma folha de papel da pasta, ainda no táxi em movimento, e desenhei um 8. Virei a folha de lado e o algarismo tornou-se o símbolo de infinito. Fiquei olhando o desenho, bem à frente do rosto, e tive a impressão de ouvir uma voz no interior do crânio: "Justamente como noutro Jogo... esta batalha eterna continua sempre."

Mas, antes de entrar na tal batalha, eu deveria resolver um problema: para ficar na Argélia, precisava de um emprego, de um trabalho que me permitisse autonomia, liberdade de movimentos. Já tivera um gostinho da hospitalidade do Norte da África por meio de meu amigo Sharrif, e queria ter a certeza de que, em futuros enfrentamentos, minhas credenciais pelo menos valessem tanto

quanto as dele. Além disso, como podia sair procurando o Xadrez de Montglane com Petard, meu chefe, pendurado em mim?

Precisava de espaço e só havia uma pessoa capaz de consegui-lo para mim. Eu estava, naquele momento, a caminho das intermináveis salas de espera palacianas para procurar Emile Kamel Kader, o homem que endossara meu visto de entrada. O mesmo que dera um chá de cadeira em seis executivos da Fulbright Cone, antes de sair para uma partida de tênis. O homem cuja assinatura valia um caríssimo contrato de consultoria em sistemas, desde que alguém conseguisse fazê-lo assinar. Comecei a sentir que, de algum modo, a ajuda de Kader se tornaria indispensável para meu sucesso, nas várias missões que tinha pela frente. Mas nem imaginava até que ponto o pressentimento era verdadeiro.

Meu táxi chegou à parte baixa de Argel, nas proximidades da vasta extensão do porto. Bem de frente para o mar ficava uma arcada grande e alta, toda branca, que dava acesso aos edifícios do governo. Paramos à porta do Ministério da Indústria e Energia.

Quando entrei no enorme saguão de mármore, frio e escuro, tive de esperar que minhas pupilas se ajustassem. Havia grupinhos de homens, alguns de ternos escuros, ocidentais, outros de mantos brancos ou negras djellabas - as vestes soltas e terminadas em capuz, que protegem das drásticas variações do clima no deserto. Uns poucos usavam turbantes de tecido axadrezado em branco e vermelho, como toalhas de mesa de restaurantes italianos. Todos os olhos se voltaram, arregalados, para mim. E não foi difícil entender a razão: eu era a única das pouquíssimas pessoas presentes a usar calças justas.

Não vi nenhum balcão de recepção ou informações, e cada fila dos elevadores garantiam pelo menos três lotações esgotadas. Além disso, não gostei de ser olhada daquele jeito, sem ter a menor idéia de qual o departamento que devia procurar. Resolvi ir diretamente para a escadaria larga, de mármore, que levava ao próximo andar.

— Em que posso servi-la? — perguntou um sujeito de terno preto, jogando o corpo bem na direção da escada, bloqueando com rudeza minha passagem.

— Tenho um encontro marcado com Monsieur Kader — respondi, e tentei driblá-lo com o corpo, sem sucesso. — Emile Kamel Kader. Ele deve estar a minha espera.

— O ministro do Petróleo?

O sujeito me olhou, sem acreditar. Mas, em seguida, para meu horror, fez que sim com a cabeça.

— Pois não, madame. Vou levá-la até ele.

Merda! Não tive escolha. Fui obrigada a deixá-lo me conduzir de volta aos elevadores. Pegou-me pelo cotovelo e abriu caminho entre aqueles homens todos como se eu fosse a rainha-mãe. Comecei a me preocupar com o que aconteceria, quando ele descobrisse que eu não tinha hora marcada.

Para piorar, me ocorreu, quando entramos sozinhos em um elevador privativo, que meu francês não me dava nem de longe a competência necessária para falar rápido e confundir os outros, como eu sabia fazer bem em inglês. Bem... sempre poderia traçar uma tática qualquer durante as longas horas passadas em antessalas, que, segundo Petard, eram de rigueur por ali. Pelo menos, teria tempo para pensar.

Quando saímos do elevador, no último andar, havia um grande grupo de habitantes do deserto, em vestes brancas, ao redor da mesa de recepção, esperando que um rapaz de turbante inspecionasse suas pastas, à procura de armas. O recepcionista, sentado em uma cadeira alta, ao lado de um rádio de pilha a todo volume, não parecia muito interessado no conteúdo de cada pasta, que ia liberando com um gesto displicente de mão. Os homens em volta dele, apesar de vestidos com o que parecia um monte de lençóis, exibiam - todos — anéis de ouro e rubis que fariam Louis Tiffany sofrer um desmaio.

Meu guia continuou rebocando-me pelo meio do bando, pedindo desculpas aqui e ali, quando esbarrava com mais força em alguma daquelas mortalhas. Disse qualquer coisa em árabe ao recepcionista, que abandonou a mesa com um salto e saiu às pressas por um corredor. Acompanhei-o com os olhos e vi que ele falou rapidamente com um soldado de fuzil à bandoleira. Os dois voltaram-se para mim e o militar sumiu por uma curva. Voltou logo em seguida e fez um

gesto de chamamento. O sujeito que me trouxera do saguão fez que sim com a cabeça e dirigiu-se a mim.

— Pode entrar, madame. O ministro vai recebê-la.

Dei uma última olhada na Ku Klux Klan a meu redor, apanhei a pasta e fui atrás dele. No final do corredor, o soldado fez sinal para que eu o acompanhasse. Marchou com passo de ganso, fez uma curva e dirigiu-se através de outro saguão em direção a uma porta dupla, de madeira entalhada, que devia ter uns quatro metros de altura.

Parou, em posição de sentido, e me deu passagem. Respirei fundo e abri a porta. Parei em outro saguão, imenso, com chão de mármore cinzento decorado com uma estrela de mármore rosa no centro. Do lado oposto, a porta aberta revelava uma sala enorme, forrada de parede a parede com um tapete Boussac preto com padronagem de crisântemos rosados. A parede oposta era curva e ocupada por portas que davam para uma varanda, abertas todas, de forma a permitir que a brisa inflasse as cortinas brancas e leves para dentro. O topo das frondes das tamareiras, do lado de fora, impedia parcialmente a visão do mar.

Encostado à grade da varanda, de costas para mim, estava um homem alto e esguio, de cabelos cor de areia, olhando o mar. Voltou-se quando entrei.

— Mademoiselle — cumprimentou ele, com um sorriso agradável, estendendo-me a mão. — Permita que eu me apresente. Sou Emile Kamel Kader, ministro do Petróleo. Eu a esperava com ansiedade.

Tudo isso em inglês. Quase cá: que alívio! Tornou a sorrir, e notei que não era o sorriso "oficial" a que eu já me habituara naquela terra. Foi um dos sorrisos mais simpáticos que já vi. Apertou minha mão, demorando talvez um pouco mais do que deveria.

— Surpresa com meu inglês? Cresci na Inglaterra e eduquei-me em Cambridge. E todos, aqui no ministério, falam inglês, pelo menos um pouquinho. É a língua do petróleo, afinal...

A voz também era muito agradável, rica e aveludada como mel escorrendo de uma colher. Todo o colorido daquele homem fazia pensar em mel: olhos cor de âmbar, cabelo ondulado loiro claro e pele acobreada. Quando sorria, o que fazia com frequência, revelava

pequenas rugas no canto dos olhos, sinal de exposição excessiva ao sol. Lembrei-me da partida de tênis e sorri de volta para ele.

— Sente-se, por favor.

Conduziu-me a uma cadeira belíssima, entalhada em madeira nobre. Foi até sua mesa, apertou um interfone e disse algumas palavras em árabe.

— Mandei trazerem chá. Você está hospedada no El Riadh, não é? A comida de lá é terrível, quase tudo enlatado, mas o hotel é muito bonito. Vou levá-la para almoçar depois da entrevista, se você não tiver nenhum outro compromisso. Então, poderá ver um pouco da cidade.

Ainda confusa com a tão amigável recepção, devo ter demonstrado isso, pois ele logo acrescentou:

— Você deve estar se perguntando por que foi admitida tão rapidamente...

— Sou obrigada a confessar que me haviam preparado para ter de esperar um pouco...

— Mademoiselle... Posso chamá-la apenas de Catherine?

Ótimo! E você me chame de Kamel, por favor... É o que corresponde, para vocês, a meu nome de batismo. Deixe-me explicar, Catherine: em nossa cultura, é considerado extremamente indelicado recusar qualquer coisa a uma mulher. É até pouco másculo, para dizer a verdade. Se uma mulher disser que tem um encontro marcado com um ministro, o ministro não pode deixá-la mofando em antessalas. Tem de admiti-la imediatamente. — Riu alto, uma risada que combinava com a voz aveludada. - Agora que já lhe dei a receita do sucesso, acho que você seria capaz de sair incólume mesmo se cometesse algum assassinato!

O longo nariz romano de Kamel e a testa alta pareciam copiados de uma moeda antiga. Havia qualquer coisa familiar em seu perfil. Perguntei, de repente:

— Você é cabila?

— Sou! — exclamou feliz da vida. — Como foi que você descobriu?

— Só arrisquei um palpite.

— Muito bom palpite! Boa parte do ministério é composta por cabilas. Somos menos de quinze por cento da população da Argélia, mas detemos oitenta por cento dos postos dos primeiros escalões. O que denuncia logo nossa origem são os olhos dourados. São assim de tanto olharmos para o dinheiro!

Tornou a rir. Parecia tão bem-humorado que considerei o momento propício para tratar de um assunto muito difícil, embora não tivesse idéia de como fazer. Afinal, seis altos executivos de minha empresa foram postos para fora daquela sala por terem atrapalhado uma partida de tênis. Por que eu não seria tocada, arrastada pelas orelhas, sob a alegação de que estava com febre aftosa, por exemplo? Mas já tinha chegado ao papa, por assim dizer; outra chance como aquela talvez não acontecesse nunca. Resolvi tirar vantagem da situação:

— Escute, há uma coisa que gostaria de discutir com você antes da chegada de meu colega, no final da semana — arrisquei.

— Colega? — repetiu, sentando-se em seu lugar, atrás da mesa. Talvez tenha sido só minha imaginação, mas tive a impressão de que se tornou um pouco defensivo.

Meu-gerente, para ser mais exata. Minha empresa decidiu que, como ainda não temos uma assinatura no contrato, preciso ser supervisionada in loco. Para dizer a verdade, ter vindo até aqui hoje foi uma desobediência às ordens. Mas já li o contrato — arranquei depressa a papelada da pasta e coloquei-a sobre a mesa — e, francamente, não vi nele nada que justifique tanta supervisão.

Kamel baixou os olhos para o contrato e logo voltou a me olhar. Cruzou as mãos na frente do peito, um gesto como que de oração, e baixou a cabeça, pensativo. Tive a certeza de que avançara o sinal. De repente, ele falou:

— Então você não acredita muito em regulamentos... Interessante! Gostaria de saber por quê.

— Este contrato serve apenas para dar cobertura ao trabalho de um consultor. — Apontei a papelada sobre a mesa, ainda intocada. — O que está dito aí é que tenho de fazer análises de recursos petrolíferos, explorados ou por explorar. Para isso, preciso apenas de

um computador... e do contrato assinado. Acho que um gerente só vai atrapalhar.

— Entendi — disse Kamel, outra vez sem sorrir. — Você me deu uma boa explicação, sem responder à pergunta. Vou tentar outra: tem alguma familiaridade com a Série de Fibonacci?

Fiz o que pude para esconder a surpresa.

— Só um pouco. Sei que são números usados em projeções para o mercado de ações. Posso saber a razão de seu interesse por um assunto tão... como dizer? Tão erudito?

— Claro — disse Kamel, e apertou um botão sobre a mesinha. Quase imediatamente, um servente entrou, com uma pasta de couro. Kamel folheou-a, encontrou um documento e entregou-o a mim.

— O governo argelino acredita que o país tem apenas uma reserva limitada de petróleo, talvez o bastante para durar mais uns oito anos. Pode ser que venhamos a descobrir mais no deserto, mas também pode ser que não... O petróleo, nossa única fonte de divisas atualmente, paga tudo que importamos, inclusive os alimentos. As terras agricultáveis de que dispomos são muito poucas, como você vai verificar. Importamos todo o leite que consumimos toda a carne, os cereais, a madeira... até mesmo a areia.

— Areia? Vocês importam areia?

Parei de ler o documento, que mal tinha começado a olhar. A Argélia tem centenas de milhares de quilômetros quadrados de deserto!

— Areia para fins industriais. A do Saara não serve para isso. Como você pode ver, dependemos completamente do petróleo. Nossas reservas são pequenas, mas temos uma produção respeitável de gás natural. É tanto gás que podemos nos transformar, em breve, num dos maiores exportadores mundiais desse produto... Se conseguirmos encontrar uma forma de transportá-lo.

— E o que meu projeto tem a ver com isso?

Dei uma olhada rápida nas páginas do dossiê e, apesar de estar todo escrito em francês, percebi que não havia uma só referência ao petróleo ou ao gás naturel.

— A Argélia é país membro da OPEP. Cada membro do cartel, hoje em dia, negocia os contratos de fornecimento e fixa os preços independentemente, impondo termos diferentes para cada país comprador. Muita coisa acaba ficando reduzida a negociações subjetivas, malconduzidas. Como a OPEP tem sede aqui, estamos tentando converter os outros parceiros à tese da negociação coletiva. Esperamos obter duas coisas com isso: primeiro, um radical aumento nos preços do barril, mantendo fixos os custos de produção; segundo, o reinvestimento de todo o dinheiro resultante em desenvolvimento tecnológico, mais ou menos como Israel fez com os recursos que recebeu do Ocidente.

— Armas, você está querendo dizer?

— Não. — Sorriu. — Admito que, aparentemente, gastamos uma fortuna com essas coisas, mas estou me referindo a desenvolvimento industrial, e até mais do que isso. Podemos trazer água para o deserto. A irrigação é a raiz da civilização, como você sabe.

— Não vejo neste documento nada do que você está dizendo!

O chá chegou justo naquele instante, em um carrinho empurrado por um garçom de luvas brancas, que começou a servi-lo, do bule aos copinhos, da maneira acrobática que já estava ficando familiar para mim. O chá quentíssimo fumegou ao tocar o vidro frio.

— Esta é a maneira tradicional de se servir chá de hortelã — explicou Kamel. — As folhas são esmagadas e deixadas de molho em água fervendo. Adiciona-se açúcar até saturar o líquido. Há quem pense que é um excelente tônico medicinal; há também quem o considere um afrodisíaco.

Riu alto, quando erguemos nossos minúsculos copinhos em um brinde e começamos a saborear a bebida perfumadíssima.

— Bom... Talvez possamos continuar nossa conversa — disse eu, logo que a porta se fechou às costas do garçom. — Para minha empresa, trata-se de um contrato, ainda não assinado, com o objetivo de estimar reservas petrolíferas. Para você, segundo este dossiê, é uma questão de analisar a importação de areia e outras matérias-primas. É claro que seu interesse é por algum tipo de

projeção, já que mencionou a Série de Fibonacci. Qual a razão de tantas versões diferentes?

— Só há uma versão - disse Kamel, pondo sobre a mesa o copinho vazio e me olhando bem nos olhos. — O ministro Belaid e eu examinamos com muito carinho seu currículo. Acabamos concordando que você seria uma excelente candidata para nosso projeto... Tudo indica que você seja capaz de jogar pela janela afora os regulamentos. — Abriu um sorriso largo. - Quero que saiba minha querida Catherine, que recusei o visto de entrada a seu gerente, Monsieur Petard, hoje mesmo, de manhã cedo...

Apanhou o contrato, que agora me parecia tão impreciso, tão vago, e rabiscou a assinatura nos pés de todas as páginas. Devolveu-o por sobre a mesa.

— Pronto. Agora você já tem um contrato assinado, que explica, para qualquer fim, sua permanência conosco.

Olhei as assinaturas por algum tempo e, em seguida, sorri de volta.

— OK, chefe! Agora só falta alguém me explicar o que tenho de fazer...

— Queremos um modelo gerado por computador. — Falou baixo, com voz macia. — E absolutamente confidencial.

— E que modelo é esse?

Guardei as folhas assinadas, desejando intensamente poder ver a cara de Petard, quando o recebesse em Paris... O contrato que ninguém da empresa conseguira obter!

— Queremos uma previsão a respeito do que o restante do mundo fará, no campo econômico, quando cortarmos o suprimento de petróleo.

As colinas de Argel são mais íngremes do que as de Roma ou de San Francisco. Há lugares em que se torna difícil até mesmo se manter em pé. Quando chegamos ao restaurante, eu estava sem fôlego. Era uma salinha pequena, no segundo andar de um prédio de frente para uma praça. Chamava-se El Baçour, o que, segundo explicou Kamel, significa "a sela do camelo". E havia mesmo, no minúsculo bar da entrada, selas de camelo ricamente decoradas com padrões bordados de folhas e flores.

Toalhas brancas muito engomadas forravam as mesas do salão, ao lado de janelas com cortinas também brancas, agitadas pela brisa. Lá fora, ramos da acácia acariciavam as molduras das janelas.

Escolhemos um reservado de formato circular. Kamel pediu *pastilla* de pombo — uma espécie de torta, com a massa crocante polvilhada de açúcar e canela, recheada com uma deliciosa mistura de carne moída de pombo, ovo cozido e picado, passas, amêndoas assadas e especiarias. Enquanto nos regalávamos com os tradicionais cinco pratos diferentes que constituem uma refeição no Mediterrâneo, fartamente irrigados por vinhos caseiros, Kamel me entreteve com histórias a respeito do Norte da África.

Várias culturas haviam se sucedido no país em que eu agora morava. Primeiro, foram os tuaregues, os cabilas e os mouros — tribos dos antigos berberes que se instalaram no litoral. Depois, vieram os cretenses e os fenícios, que estabeleceram fortalezas. Mais tarde, os romanos. Os espanhóis não só retomaram as terras que os mouros lhes haviam conquistado, como também dominaram regiões pertencentes aos mouros. O Império Otomano tentou manter um controle nominal sobre os piratas dos Estados Bárbaros durante trezentos anos. De 1830 em diante, todas aquelas terras ficaram sob o domínio francês, até que, dez anos antes de minha chegada, a revolução argelina pôs um fim a todos os regimes de domínio estrangeiro.

Houve mais dinastias do que minha memória seria capaz de registrar, cada uma delas com nomes exóticos e costumes ainda mais. Haréns e decapitações constituíram elementos do dia a dia. Agora, sob o regime muçulmano, tudo parecia mais tranquilo. Notei que Kamel, apesar de consumir doses avantajadas de vinho tinto com os turnedôs e arroz com açafrão e acompanhar a salada com bastante vinho branco, declarava-se um fiel seguidor da fé islâmica.

— Islã — repeti, enquanto me serviam o café forte com a sobremesa. — Significa "paz", não é?

— De certa maneira — retrucou Kamel, cortando em pedaços o rahad lakhoum, uma espécie de gelatina coberta de açúcar, hidromel, jasmim e amêndoas. — É o equivalente do shalom hebraico: "a paz esteja contigo". Em árabe se diz salaam, com um

gesto de inclinação para a frente, até que a cabeça toque o solo. Simboliza a prostração absoluta frente à vontade de Alá, a submissão absoluta. — Passou-me uma porção do doce com um sorriso. — Às vezes, a submissão a Alá significa a paz; às vezes, não.

— Mais vezes não.

— De todos os grandes profetas, como Moisés, Buda, João Batista, Zaratustra, Cristo, o único que chegou a ir pessoalmente à guerra foi Maomé. Foi ele quem reuniu um exército de quarenta mil homens e o comandou, sobre o lombo de um cavalo, no ataque a Meca. E ganhou a batalha!

— Joana d'Arc também foi à luta...

— Mas não fundou nenhuma religião. Em todo caso, acho que ela compreendeu o espírito da coisa. O jihad não é o que os ocidentais pensam. Você já leu o Alcorão?

Ante minha negativa, ele prometeu:

— Vou lhe mandar uma boa tradução. Vai achá-lo interessante. É bem diferente do que imagina.

Depois de pagar a conta, Kamel conduziu-me para a rua.

— Agora vamos ao passeio por Argel, que lhe prometi, começando pela Poste Centrale. — Fomos na direção da agência central do correio, bem à beira-mar. — Todas as ligações telefônicas passam pela Poste Centrale. E um dos sistemas que herdamos dos franceses, o que significa que tudo flui para o centro e nada escapa dele. É a mesma coisa com as ruas da cidade. As chamadas internacionais são processadas manualmente. Você gostará de ver, sobretudo porque vai depender desse arcaico sistema de comunicações para montar o modelo computadorizado de nosso contrato. Muitos dos dados que vai utilizar chegarão por telefone.

Não entendi muito bem de que forma o modelo, como ele o descrevera, poderia depender de comunicações telefônicas, mas tínhamos combinado não discutir nada daquilo em público. Comentei apenas que tivera um pouco de dificuldade para fazer uma ligação, na noite anterior.

Subimos alguns degraus para entrarmos na Poste Centrale. Como todos os outros, o edifício era enorme e escuro, tinha piso de mármore e teto muito alto, de onde pendiam candelabros

ornamentados. Parecia uma agência bancária da década de 1920. Por todos os lados, havia fotos emolduradas de Huari Bumediene, o presidente da Argélia: um rosto alongado, de olhos grandes e tristes e bigode espesso, em estilo vitoriano.

Todos os edifícios que eu já visitara em Argel ostentavam enormes espaços vazios. O prédio do correio não fugia à regra. A capital argelina era uma cidade bem grande, mas em lugar nenhum parecia haver gente suficiente para preencher todos os espaços, nem mesmo nas ruas. Aquilo impressionava quem vinha de Nova York, como eu. Quando atravessamos o saguão do correio, nossos passos ecoaram. As pessoas falavam em sussurros, como se estivessem em uma biblioteca.

Em um canto, nos fundos do salão, havia uma mesinha telefônica. Parecia copiada de algum desenho original de Alexander Graham Bell. Atrás dela ficava uma mulher miúda, de seus quarenta anos, rosto fechado, cabelo alisado e reunido na nuca. A boca era um rasgão de batom vermelho gritante, uma cor que, com certeza, deixara de ser fabricada ao término da Segunda Guerra Mundial. O vestido de tafetá colorido devia ser da mesma safra. Sobre a mesa, havia uma grande caixa de bombons, com vários papéis amassados.

— Ministro! — exclamou a mulher, arrancando um pino da mesa e levantando-se para cumprimentar Kamel. - Recebi seus bombons. — Indicou a caixa. — Suíços! O senhor nunca manda nada que não seja de primeira categoria!

Tinha uma voz grave, rouca, como a de alguma cantora de bar em Montmartre. Todo o seu jeito transmitia eficiência e energia, o que logo me conquistou. Falava um francês igual ao dos marinheiros de Marselha, que Valerie, a empregada de Harry, sabia imitar muito bem.

— Therese, quero lhe apresentar Mademoiselle Catherine Velis. Ela está fazendo um trabalho importante para o ministério. Para a OPEP, melhor dizendo. Achei que seria bom que ela a conhecesse.

— Ah! A OPEP!... — Therese arregalou os olhos e agitou as mãos no ar. — Coisa muito importante! A moça deve ser muito inteligente! -Encarou-me. — Você sabe, essa OPEP, isso vai fazer um barulho

muito grande, não vai demorar nada. Escute o que estou lhe dizendo!

— Therese sabe de tudo — riu Kamel. — Ela fica escutando todas as chamadas intercontinentais. Sabe mais que o ministro!

— Claro, claro — concordou a mulher. — Quem tomaria conta das coisas, se eu não estivesse aqui, a postos?

— Therese é pied noir — explicou Kamel.

— Quer dizer "pé preto" - explicou ela, em inglês. Mas voltou ao francês para detalhar: — Quer dizer que nasci com os pés na África, mas não sou um destes árabes. Minha família veio do Líbano.

Eu parecia estar condenada a me atrapalhar com as distinções genéticas da Argélia, mas percebi que eram muito importantes para aquela gente.

— A senhorita Velis teve problemas para completar uma ligação, ontem à noite.

— A que horas?

— Por volta das onze. Tentei falar com Nova York, do El Riadh.

— Mas eu estava aqui! — exclamou ela, sacudindo a cabeça, com ar indignado. — Aqueles sujeitos da mesa do hotel são uns preguiçosos! Cortam as ligações ao meio... Às vezes você leva até oito horas para conseguir falar. Da próxima vez, fale comigo. Eu dou um jeito. Você vai querer alguma ligação hoje à noite? Se quiser, é só me dizer a hora.

— Eu quero mandar um recado para um computador em Nova York, para dizer que cheguei bem. É um gravador, na verdade: basta você dar a mensagem que ela fica registrada em sistema digital.

— Que coisa mais moderna! Posso fazer isso para você, em inglês. Combinamos tudo e deixei com ela a mensagem escrita, contando a Nim que chegara bem e logo iria às montanhas. Ele entenderia o significado: eu estava prestes a procurar o fornecedor de Llewellyn.

— Tudo bem — disse Therese. — Vou despachar isto logo. Agora que já nos conhecemos, suas chamadas passam a ser prioritárias. Volte aqui para conversarmos um pouco, sempre que quiser.

Quando estávamos saindo da agência do correio, Kamel disse:

— Esta é uma das pessoas mais importantes de toda a Argélia. Ela pode destruir uma carreira política, simplesmente cortando as ligações das pessoas de quem não goste. Acho que simpatizou com você e vai elegê-la presidenta do país!

Começamos a caminhar pela beira do mar, na direção do ministério. Mais à frente, ele acrescentou:

— Vi pelo recado que você planeja ir para as montanhas. Está pensando em algum lugar, especificamente?

— Vou tentar encontrar um amigo de outro amigo — respondi, com ar displicente. — E aproveito para conhecer um pouco mais do país.

— Perguntei porque as montanhas são o lar dos cabilas. Foi lá que me criei. Conheço a região muito bem. Posso lhe oferecer um carro, ou então levá-la pessoalmente, como você preferir...

Notei que, apesar da maneira despreocupada com que fez o oferecimento, quase idêntica àquela pela qual me oferecera um passeio por Argel, depois do almoço, havia uma espécie de tom tenso na voz, que não consegui interpretar direito.

— Você não se criou na Inglaterra?

— Fui para lá com quinze anos, para cursar o secundário. Antes disso, passava meus dias correndo, descalço, como uma cabra selvagem, pelas montanhas da Cabília. Acho que você vai precisar de um guia. Trata-se de uma região magnífica, mas é muito fácil alguém se perder por lá. E os mapas rodoviários da Argélia não se revelaram muito confiáveis, até agora.

Era claro que ele estava tentando vender alguma coisa, e achei que recusar não seria boa política.

— Talvez fosse bom mesmo ir para lá acompanhada — respondi, resabiada. — Posso lhe contar uma coisa? Ontem à noite, quando fui do aeroporto para o hotel, a sécurité me seguiu. Um sujeito chamado Sharrif. Isso é alguma coisa importante?

Kamel parou onde estava, à beira do porto, à vista dos navios que oscilavam levemente na maré preguiçosa, e perguntou:

— Como você sabe que foi Sharrif?

— Eu já o conhecia. Ele me... ele me levou para sua salinha no aeroporto, quando eu estava passando pela alfândega. Fez algumas

perguntas, foi muito delicado, encantador, e depois me dispensou. Só que mandou um carro me seguir.

— Que tipo de perguntas?

Estava pálido, com o rosto quase cinzento. Tentei lembrar de tudo o que se passara, para lhe contar. Incluí até os comentários do motorista de táxi. Quando terminei, Kamel continuou em silêncio, como se estivesse pensando, avaliando alguma coisa.

— Gostaria de que você não contasse isto a mais ninguém — falou, finalmente. — Vou verificar o que aconteceu, mas, se fosse você, não ficaria muito preocupada. Deve ter sido só uma confusão burocrática qualquer.

Retomamos a caminhada. Quando chegamos à entrada do ministério, Kamel voltou ao assunto:

— Se Sharrif procurá-la por qualquer razão, por favor, diga-lhe que me contou tudo. - Pôs a mão sobre meu ombro. — E diga-lhe que eu vou levá-la à Cabília.

O SOM DO DESERTO

Mas o deserto ouve, embora os homens não possam ouvir, e um dia se transformará num deserto de som.

- MIGUEL DE UNAMUNO Y JUGO

SAARA

FEVEREIRO DE 1793

Em pé no planalto, Mireille observava a vastidão vermelha do deserto. Ao sul ficavam as dunas de Ez-Zemoul El Akbar, que se moviam em ondas de trinta metros de altura. Àquela distância, à luz da manhã, pareciam sangrentas marcas de garras sobre a areia.

Atrás da jovem erguiam-se as montanhas Atlas. Ainda azuladas de sombra e envoltas em nuvens de neve, contemplavam a imensidão vazia, a maior extensão desértica do planeta, mais de nove milhões de quilômetros quadrados de areias profundas, cor de saibro, onde só se moviam os cristais deslocados pelo hálito do Criador.

Sahra — era assim que o chamavam. O Sul. A terra vazia. O Reino dos aroubi, os árabes, os errantes dos ermos.

Mas o homem que a levava até ali não era aroubi. Shahin tinha a pele clara, o cabelo e os olhos da cor do bronze. Sua gente falava a língua dos berberes da Antiguidade, que dominaram o deserto por mais de cinco mil anos. Tinham vindo, contou ele, das montanhas e dos ergs — a imponente sucessão de planaltos que separavam as montanhas da vastidão de areia. Chamavam os planaltos de areg, as "dunas", e a si próprios de tou-areg: "aqueles que estão presos às dunas". Os tuaregues conheciam um segredo tão antigo quanto sua própria história, um segredo enterrado pelas areias do tempo. Um segredo que Mireille viera buscar, depois de viajar tantos meses, tantos quilômetros.

Algumas semanas haviam se passado desde a noite em que Letizia a levava à caverna escondida na costa corsa. De lá, um pequeno barco de pesca atravessara com ela o mar furioso e a deixara na África, onde seu guia — Shahin, o Falcão — a esperava no porto de Dar-el-Beida, para levá-la até o Magreb. Vestia um longo *haik* negro e tinha o rosto oculto pelo *lithan* azul-escuro, um véu duplo através do qual podia ver, mas não era visto; Shahin era um

dos "homens azuis", membros das tribos sagradas de Ahaggar, em que apenas os homens usavam véus, para se protegerem dos ventos do deserto, e acabavam adquirindo uma coloração azulada, inatural, na pele do rosto. Os nômades chamavam aqueles homens de maghribi, "mágicos", por serem capazes de desvendar os segredos do Magreb, a terra do pôr do sol. Os homens azuis sabiam onde encontrar a chave do segredo do Xadrez de Montglane.

Por isso Letizia e sua mãe mandaram Mireille à África, por isso ela atravessara o Grande Atlas em pleno inverno, percorrera centenas de quilômetros de terreno traiçoeiro, sob tempestades de neve. Uma vez desvendado o mistério, ela passaria a ser a única pessoa sobre a face da Terra que pusera as mãos nas peças do Xadrez e conheceria a chave de seu poder.

O segredo não se ocultava sob uma rocha do deserto, nem sob a poeira de uma biblioteca antiga e esquecida - estava diluído nas histórias que aqueles nômades sussurravam. Movia-se à noite através da areia, passado de boca em boca. Espalhava-se como as fagulhas de uma fogueira prestes a se apagar e desaparecia na escuridão. O segredo morava no próprio som do deserto, nas palavras de seu povo, nos sussurros misteriosos das rochas e das areias.

Shahin estava deitado de bruços na trincheira que tinham escavado na areia e camuflado com ramos secos. No céu, bem acima deles, o falcão voava em uma espiral lenta, preguiçosa, observando os ramos à procura de qualquer movimento. Ao lado de Shahin, Mireille, sentada sobre os calcanhares, mal ousava respirar. Examinou atentamente o perfil tenso do companheiro: o nariz longo e afilado, retorcido para baixo na ponta, como o bico do falcão-peregrino de que tomara o nome, os olhos claros, amarelados, a boca fina e determinada. O tecido que lhe protegia o crânio, frouxamente atado, revelava longos cachos de cabelo caindo pelas costas. Tirara o *haik* negro tradicional e estava usando, como Mireille, a *djellaba*, um gorro de lã macia tingida com a seiva de um arbusto local para chegar ao tom avermelhado da areia. O falcão não conseguia distingui-los do solo e dos ramos que lhes forneciam o disfarce.

- É um hurr, um falcão de Sakr — sussurrou Shahin. — Não é tão rápido e agressivo quanto o peregrino, mas é mais inteligente e tem a visão ainda melhor. Vai ser um bom pássaro para você.

Mireille tinha de capturar e treinar um falcão, dissera ele antes de atravessarem o Ez-Zemoul El Akbar, no limite do Grande Erg Oriental, a maior cadeia de dunas de todo o mundo. Não era apenas o teste de valor habitual entre os tuaregues, cujas mulheres caçavam e governavam, mas também uma questão de sobrevivência.

Tinham pela frente quinze, talvez vinte dias, nas dunas a uma temperatura muito alta durante o dia e próxima do gelo à noite. Os camelos, por mais forçados que fossem, não conseguiriam fazer mais do que dois quilômetros por hora naquela areia fofa, que escorregava sob as patas. Traziam mantimentos comprados em Khardaia: café, farinha, mel e tâmaras, além de sacos de sardinhas secas, terrivelmente fedorentas, para alimento dos camelos. Mas, agora que haviam deixado para trás o pântano salgado e o Hammada pedregoso, com os últimos regatos já quase ressecados, só teriam a comida que conseguissem caçar. E apenas o falcão possui a resistência, a visão, a tenacidade e o instinto necessários à caça naquela região selvagem e deserta.

Mireille manteve os olhos presos no pássaro que parecia flutuar sem esforço acima deles, aproveitando o ar quente do deserto. Shahin tirou do embornal um pombo manso. Atou uma cordinha a uma das patas da ave e amarrou a outra ponta a uma pedra. Quando se viu solto no ar, o pombo tentou alçar voo. O falcão avistou-o imediatamente e pareceu parar no espaço, contraindo as asas. Depois, mergulhou com a rapidez de uma bala. Penas ficaram flutuando na brisa quando os dois corpos, engalfinhados, atingiram o chão. Mireille fez menção de se dirigir ao local onde estavam, mas a mão de Shahin a conteve.

— Deixe que o falcão sinta o gosto do sangue. É o gosto que apaga a memória e elimina as precauções.

Quando Shahin começou a puxar aos poucos a corda, o falcão continuava no chão, atracado com a vítima. Agitou um pouco as asas e recuou, parecendo confuso. Shahin tornou a puxar, de tal

forma que o pombo pareceu ainda vivo e tentando se arrastar na areia. O predador se atirou outra vez sobre a carne quente, como Shahin previra.

— Arraste-se até o mais perto dele que conseguir — sussurrou para Mireille. — Quando estiver a mais ou menos um metro, atire-se e pegue-o por uma das pernas.

Mireille olhou-o como a um louco, mas obedeceu, deslocando o corpo com cuidado, de cócoras e pronta para o salto, até o limite dos ramos. Sentia o coração martelando no peito, enquanto Shahin dava pequenos puxões na corda, trazendo o cadáver do pombo para perto. Quando o falcão chegou a cerca de um metro de distância, ele tocou o braço da moça. Ela mergulhou no ar e agarrou com força uma perna do pássaro, que começou a se debater, golpeando-a com as asas e cravando o bico afiado em seu pulso, com um grito agudo.

Shahin chegou até eles no mesmo instante e, com gestos experientes, cobriu a cabeça do falcão com um capuz e atou uma perna, com uma cordinha de seda, à pulseira de couro que colocara anteriormente no braço esquerdo de Mireille.

A moça tentou sugar o sangue que lhe escorria livremente pelo pulso direito. Shahin, estalando a língua em um ruído de preocupação, rasgou uma tira de musselina, de um pedaço que trazia no embornal, e amarrou-o fortemente sobre a ferida. O bico do pássaro arrancara um pedaço de carne, e só por muito pouco uma artéria escapara de ser também rasgada.

— Você o pegou para poder comer — disse o tuaregue, com um sorriso cansado. - Mas quase acabou sendo comida por ele.

Tomou o braço ferido da moça e levou-o ao encontro do falcão, que estava quieto, agora, empoleirado no bracelete de couro grosso.

— Faça com que ele saiba logo quem manda em quem. Para treinar um hurr, é necessário uma lua e três quartos, se você ficar sempre com ele, comer junto dele, acariciá-lo, conversar com ele, até mesmo dormir com ele, pode ser que na lua nova ele já seja todo seu. Que nome vai lhe dar? Ele deve aprender logo.

Mireille olhou com orgulho o pássaro selvagem, um pouco trêmulo agora, sobre o braço. Esqueceu por um instante a dor que sentia no pulso direito.

— Charlot - respondeu. - O diminutivo de Charles. Acabei de capturar um pequeno Carlos Magno dos ares.

Shahin encarou-a e cobriu a parte de baixo do rosto com o véu azul. Quando falou, o tecido leve vibrou com sua voz:

— Hoje à noite, vamos colocar nele sua marca, para que saiba que pertence somente a você.

— Mas que marca? - perguntou Mireille, intrigada.

Shahin tirou do próprio dedo um anel e colocou-o na mão da jovem. Mireille baixou os olhos para o brasão estampado na pesada peça de ouro: um 8 em relevo.

Seguiu atrás de Shahin em silêncio, até a beira da duna, onde 360 tinham deixado os camelos, àquela altura descansando sobre os joelhos dobrados. O homem ajeitou-se sobre a sela, e o animal, com um só movimento, se pôs em pé, levantando-o como a uma pena. Mireille repetiu o gesto, com o falcão ainda quieto sobre seu pulso esquerdo. E puseram-se a caminho pela areia avermelhada.

As brasas já estavam quase adormecidas na fogueira quando Shahin se curvou e encostou nelas o anel. Sempre falava pouco, raramente sorria. Mireille quase nada soubera dele, depois de um mês de convivência. Tudo o que faziam visava, acima de tudo, a sobrevivência. Ela não ignorava, contudo, que chegariam a Ahaggar, as montanhas de lava que eram o lar dos tuaregues do Kel Djanet, antes que a criança nascesse. Sobre outras coisas Shahin não se manifestava e, quando confrontado com alguma pergunta direta, respondia sempre que "logo ficariam sabendo".

Por isso, Mireille espantou-se quando ele afastou do rosto o véu e começou a falar, enquanto o anel de ouro ia esquentando junto às brasas.

— Você é uma thayyib, mulher que conheceu homem uma só vez. Apesar disso está grávida. Talvez tenha notado a maneira pela qual aquela gente de Khardaia olhou-a quando paramos lá. Há uma história contada por meu povo... Sete mil anos antes da Hégira, chegou do Oriente uma mulher. Viajou milhares de quilômetros sozinha, através do deserto de sal, até chegar aos tuaregues de Del Rela. Fora expulsa do meio de sua gente por estar grávida. Tinha os cabelos da cor do deserto, como os seus. Chamava-se Daia, que

significa "fonte". Abrigou-se numa caverna. No dia em que nasceu a criança, a água jorrou de uma rocha no interior da caverna. Está jorrando até hoje, em Qar Daia, a Caverna de Daia, a deusa das fontes.

Então Khardaia, o lugar que haviam parado para obter camelos e mantimentos, homenageava com seu nome a estranha deusa Qar, da mesma forma que Cartago, percebeu Mireille. Seria aquela Daia a mesma Dido de outra lenda? Seriam as duas a mesma pessoa?

— Por que você me contou isso? — perguntou, acariciando as penas de Charlot, com os olhos fixos no braseiro.

— Está escrito que um dia chegará um *nabi*, um profeta, vindo de Bahr al-Azraq, o mar Azul. Será um *kalim*, um ser humano que conversa com os espíritos, que transita pelo tarifai, o caminho místico do saber. Este homem será tudo isso e será também um zaar: um homem de pele clara, olhos azuis e cabelos vermelhos. Será um portento para meu povo. Foi por isso que ficaram olhando tanto para você.

— Mas eu não sou homem! E meus olhos são verdes, não azuis!

— Não estou falando de você — disse Shahin.

Debruçou-se, empunhando a *bousaadi*, a faca longa e fina que usava, e retirou com ela, do fogo, o anel brilhante.

— E seu filho, o Esperado. Ele nascerá em breve aos olhos da deusa, exatamente como diz a profecia.

Mireille não se deu ao trabalho de perguntar como ele sabia que a criança seria um menino. Sua mente estava ocupada com um milhão de outras ideias. Ficou observando Shahin envolver com uma tira de couro o anel quentíssimo. Concentrou-se no bebê que, aos seis meses de gestação, já se agitava em seu ventre intumescido. Que seria daquela criança, nascida na imensidão traiçoeira do deserto, tão distante de seu próprio povo? Por que Shahin teria dado crédito à profecia primitiva? Por que lhe contara a história de Daia? O que teria aquilo a ver com o segredo que buscava desvendar? Mas tirou tudo aquilo da cabeça ao receber o anel.

,— Encoste-o com firmeza no bico... bem aqui. — Apontou.

— O pássaro não sentirá quase nada, mas lembrará para sempre.

Mireille olhou para o falcão, ainda com o capuz, pousado confiantemente na faixa grossa de couro em seu pulso. Aproximou o anel do bico exposto, mas, de repente, interrompeu o movimento.

— Não posso! — O metal aquecido brilhou no ar com o movimento brusco que fez.

— É preciso — retrucou Shahin com firmeza. — De onde você vai tirar a força para matar um homem, se não tem força suficiente para marcar um simples pássaro?

— Matar um homem? Nunca!

Shahin endereçou-lhe um sorriso sutil; seus olhos brilhavam com uma luz estranhamente dourada. Os beduínos estão certos, pensou ela, quando dizem que há algo terrível em um sorriso.

— Não me diga que não vai matar aquele homem — retrucou ele, com voz macia. — Você sabe de quem estou falando. Você diz seu nome todas as noites, enquanto dorme. Sinto o cheiro da vingança em você, como às vezes se sente o cheiro de água no deserto. Foi por isso que veio para cá, é isso que a mantém viva: a vingança.

-Não!

No mesmo momento em que falou, Mireille sentiu o sangue martelar as têmporas, sentiu os dedos se apertarem ao redor do anel.

— Vim aqui à procura de um segredo. Você sabe. E, em vez de ajudar, conta histórias, mitos a respeito de uma mulher ruiva que já morreu há milhares de anos...

— Não disse que ela morreu. — O rosto de Shahin não tinha nenhuma expressão. — Está viva, como as areias vivas do deserto. Como os mistérios da Antiguidade, ela fala, comunica-se. Os deuses não puderam tolerar vê-la morta e a transformaram em pedra viva. Há oito mil anos ela espera por você... Por você e por seu filho, o instrumento do acerto de contas. É assim que está previsto.

"Renascerei das cinzas, como a fênix, no dia em que as pedras começarem a cantar e as areias do deserto verterem lágrimas rubras como o sangue. E esse será o dia do acerto de contas com a Terra." A voz de Letizia pareceu ressoar na mente de Mireille. Em seguida, foi a vez da resposta da abadessa: "Se o Xadrez de Montglane

reaparecer, Deus nos proteja! Acredito que ele contenha a chave que abrirá os lábios mudos da natureza, para que as vozes dos deuses se façam ouvir."

Olhou para a areia, que brilhava em um tom pálido e rosado à luz das brasas, parecendo oscilar sob o mar sem fim das estrelas. O anel também brilhava quentíssimo, entre seus dedos. Mireille murmurou palavras carinhosas para o falcão, respirou profundamente e colou o sinete contra o bico do pássaro. Ele estremeceu e retesou o corpo, mas não se moveu. O cheiro acre de cartilagem queimada encheu as narinas da mulher. Mireille sentiu-se mal ao largar o anel sobre a areia, mas acariciou as penas das costas e das asas do animal, sentindo a maciez do corpo do falcão. Aproximou mais o rosto, para verificar o resultado do que fizera. No bico, perfeitamente delineado, havia agora um 8.

Shahin pôs a mão pesada sobre seu ombro. Era a primeira vez que a tocava. Olhou-a no fundo dos olhos.

— Quando chegou do deserto, nós a chamamos de Daia. Mas ela agora vive no Tassili, para onde você está sendo levada. Tem quase sete metros de altura e seu olhar percorre o vale de Djabbaren, por cima dos gigantes da Terra, sob os quais reina de uma altitude de mais de mil e quinhentos metros. Hoje ela é a Rainha branca.

Já tinham viajado semanas pelas dunas, parando apenas para capturar pequenos animais, com a ajuda dos falcões. Era o único alimento fresco de que dispunham. O leite da camela, meio salgado, com gosto de suor, constituía a única bebida.

No meio do décimo oitavo dia, Mireille chegou ao topo de uma duna, com a montaria escorregando na areia fina, e divisou pela primeira vez o zauba 'ali, o redemoinho em forma de pilastra que percorre, devastador, o deserto. Vários deles, a uns quinze quilômetros de distância, se erguiam a mais de trezentos metros de altura, qual colunas de areia ocre e vermelha inclinadas na direção do vento. Nas bases, um verdadeiro mar de pedras, areia e fragmentos de plantas se erguia a mais de trinta metros, um caleidoscópio que, a distância, lembrava punhados de confete atirados ao ar. A mil metros de altura, uma nuvem imensa, vermelha

também, cobria o céu, encimando as pilastras e impedindo a passagem dos raios de sol.

O palanquim em forma de tenda que protegia Mireille da inclemência da luz do deserto, sobre o dorso do camelo, começou a drapejar como uma vela mal içada. Era o único som que ela ouvia, apesar de presenciar, a distância, o deserto todo sendo violentado pela tormenta.

De repente, começou a distinguir outro ruído, um murmúrio grave e contínuo, misterioso como um gongo oriental tocado ao longe. Os camelos se tornaram inquietos, sacudiram as cabeças, deram coices nervosos no ar. A areia escorregou ainda mais sob seus cascos.

Shahin apeou, com um movimento rápido, agarrando com firmeza as rédeas do animal, que continuou escoiceando sem direção.

— Estão com medo das areias cantantes — gritou, empunhando também as rédeas do animal de Mireille, que desarmou o palanquim e saltou.

Shahin vendou os olhos dos camelos, que procuravam se juntar a ele, chorando gemidos roucos, semelhantes a relinchos curtos. Imobilizou-os com um *ta'kil*, atando as pernas dianteiras acima dos joelhos, e forçou-os a abaixar sobre a areia, enquanto Mireille apertava as cordas que prendiam a carga. O vento quente se tornou mais rápido, as areias começaram a cantar mais alto.

— Estão a uns quinze quilômetros — gritou Shahin. — Mas são muito rápidos. Chegarão daqui a vinte ou trinta minutos.

Começou a cravar estacas de tendas na areia e a esticar e prender um tecido grosso sobre a carga, rente ao chão. Os camelos berravam, apavorados, escavando a areia com as patas amarradas. Mireille cortou os *sibaks*, as cordas de seda que prendiam os falcões a seus poleiros, agarrou os pássaros e os enfiou em um saco, que colocou sob a lona. Finalmente, ela própria e Shahin rastejaram também para baixo do tecido, já semienterrado na areia pesada, cor de tijolo.

Shahin enrolou com musselina a cabeça e o rosto dela. Mesmo sob a proteção da tenda, Mireille ainda sentia o choque da areia

grossa machucando lhe a pele, tentando penetrar na boca, nas narinas e nas orelhas. Esticou o corpo, o mais rente ao chão que conseguiu, e tentou conter a respiração. O ruído aumentava cada vez mais, já se parecia com o ronco das ondas do mar.

— A cauda da serpente — disse Shahin, jogando um braço sobre o ombro de Mireille, para formar um bolsão de ar junto a seu rosto, enquanto a areia caía sobre eles, cada vez mais pesada. — Ela se ergue para proteger o portão. Isso significa que, se Alá quiser preservar nossa vida, chegaremos ao Tassili amanhã.

SÃO PETERSBURGO

MARÇO DE 1793

A abadessa de Montglane estava na sala de estar de seus aposentos do Palácio Imperial de São Petersburgo. As pesadas cortinas que cobriam todas as portas e janelas impediam a entrada da luz, dando a quem ocupasse a sala uma sensação de segurança. E, até aquela manhã, ela se julgara realmente segura, preparada para qualquer eventualidade. Sabia agora que se enganara.

A sua volta, havia meia dúzia de femmes de chambre, que a czarina designara para seu serviço pessoal. Sentadas em silêncio, com as cabeças abaixadas sobre seus bordados e suas rendas, todas elas observavam a abadessa com os cantos dos olhos, para relatar qualquer movimento que Fizesse. Ela começou a recitar, em silêncio mas movimentando os lábios, um ato de contrição e um credo, para que a julgassem entretida exclusivamente com as orações. Ao mesmo tempo, abriu sobre a escrivaninha francesa entalhada uma Bíblia encadernada em couro. E leu, pela terceira vez, a carta que o embaixador francês conseguira lhe passar naquela manhã - seu último gesto antes da chegada do trenó que o levaria de volta à França, na condição de expulso do país.

A carta era de Jacques-Louis David. Mireille desaparecera. Fugira de Paris durante o Terror, talvez já tivesse até mesmo abandonado a França. Mas Valentine, a meiga Valentine, morrera. Onde estão as peças? Perguntou-se a abadessa, em desespero. Aquilo, naturalmente, a carta não mencionava.

Naquele exato momento, ouviu o ruído altíssimo de algo caindo no chão, na antessala externa, seguido de barulhos metálicos e gritos agitados. Sobre o tumulto, podia-se ouvir a voz furiosa, aos gritos, da czarina.

A abadessa fechou a Bíblia, ocultando a carta entre duas páginas. As femmes de chambre entreolharam-se, apreensivas. A porta foi

aberta por fora com tal violência que o cortinado desabou, arrancado das argolas de metal que o prendiam à parede.

As mulheres ficaram em pé, em meio a uma confusão de cestas de costura, linhas e tecidos esparramados, quando a czarina entrou quase correndo, trazendo atrás de si um grupo de guardas que tentava se recompor de sua fúria.

— Fora! Fora! Fora! — gritou, batendo na palma da mão esquerda com um rolo duro de pergaminho.

As damas de honor correram para se livrar dela, deixando uma trilha de objetos de costura e bordado na direção da porta. A saleta externa ficou congestionada por um instante, quando damas e guardas tentaram escapar ao mesmo tempo da ira imperial. Finalmente, a porta se fechou com um ruído seco, no mesmo momento em que Catarina chegou à escrivaninha.

A abadessa sorriu calmamente, olhando para a Bíblia fechada ainda a sua frente.

— Minha cara Sofia! Depois de tantos anos, você vem rezar comigo as matinas... Sugiro que comecemos por um ato de contrição.

A imperatriz golpeou a Bíblia com o rolo de pergaminho. Os olhos pareciam estar em fogo.

— Você comece por um ato de contrição! Como ousa me desafiar? Como ousa me desobedecer? Minha vontade é lei, neste Estado! Neste Estado que lhe abriga há mais de um ano... Contra a opinião de meus conselheiros e contra meu próprio bom-senso! Como ousa se recusar a cumprir minhas ordens?

Tornou a apanhar o pergaminho e o abriu por completo, bem à frente da abadessa, com a mão trêmula e o rosto carregado de ódio.

— Assine — gritou, arrancando uma pena do tinteiro, que tombou e esvaziou seu conteúdo sobre o tampo da escrivaninha. — Assine isto!

— Minha cara Sofia — disse calmamente a abadessa, tomando o pergaminho e examinando-o como se nunca o tivesse visto antes —, não sei do que você está falando.

— Plato Zubov contou-me que você se recusou a assinar! — Catarina tornou a gritar, enquanto a outra lia o documento. A pena,

ainda em suas mãos, continuava pingando tinta. — Exijo que você me diga às razões que a levaram a isto, antes de mandá-la para a prisão!

— Se vou ser mandada para a prisão de qualquer maneira — sorriu a abadessa —, não consigo imaginar que diferença minhas razões para não ter assinado podem fazer... Mesmo que seja um assunto de importância vital para você.

— O que você quer dizer? — Catarina recolocou a pena no tinteiro. — Você sabe perfeitamente que documento é este! Recusar-se a assiná-lo é um ato de traição ao Estado! Todo emigrado francês que queira continuar sob minha proteção é obrigado a assinar esse juramento! Aquela nação de patifes desnaturados assassinou seu rei! Já expulsei de minha corte o embaixador Genet... Já cortei todas as relações diplomáticas com aquele governo de fantoches, de idiotas... Já proibi a entrada de navios franceses em qualquer porto russo!

— Eu sei, eu sei... — Havia um pouco de impaciência na voz da abadessa. — Mas que tem tudo isso a ver comigo? Não sou propriamente émigré. Parti da França muito antes que as portas se fechassem. Por que tenho de cortar totalmente os laços que me unem a meu país, até mesmo a correspondência com amigos, incapaz de causar mal a quem quer que seja?

—Ao recusar, você dá a impressão de estar associada àqueles demônios! Você não percebe que eles votaram a execução de um rei?! O que lhes dá o direito a tomar tal liberdade? Aquela escória... Mataram-no a sangue-frio, como a um criminoso qualquer! Cortaram-lhe o cabelo, arrastaram-no em mangas de camisa para uma carroça aberta e exibiram-no pelas ruas, para que a malta pudesse cuspir nele! Na plataforma, quando tentou falar, quando tentou perdoar os pecados de seu próprio povo, antes de ser abatido como uma rês, forçaram-lhe a cabeça de encontro ao cepo e deram ordem para que os tambores rufassem...

— Eu sei... — interrompeu a abadessa, em voz tranquila. — Eu sei de tudo isso. — Colocou o pergaminho sobre a escrivaninha e levantou-se para melhor encarar a amiga. — Mas não posso interromper minha comunicação com a França, apesar de qualquer

ucasse que você decrete. Aconteceu uma coisa mais grave, pior até que a morte de um rei, pior talvez até que a morte de todos os reis...

Catarina encarou-a, assombrada. A abadessa abriu a Bíblia e entregou-lhe com relutância a carta.

- Algumas peças do Xadrez de Montglane podem ter desaparecido.

Frente ao tabuleiro preto e branco de xadrez, ao lado oposto ao da abadessa, Catarina, a Grande, czarina de todas as Rússia, movimentou um Cavalo para uma casa central. Parecia fatigada, adoentada.

- Não consigo entender — disse, em voz baixa. — Se você sabia onde estavam as peças, por que não me contou? Por que não teve confiança em mim? Eu as imaginava espalhadas...

— E estavam espalhadas — respondeu a abadessa, estudando a situação do jogo. — Mas espalhadas em mãos que eu achava que podia controlar. Parece que me enganei. Uma das portadoras desapareceu, junto com algumas peças. Tenho de descobrir onde estão.

— Tem mesmo, sem dúvida — concordou a czarina. — E agora, com certeza, já percebeu que conviria ter me pedido ajuda antes. Tenho agentes em todos os países. Se há alguém capaz de resgatar as peças, este alguém sou eu.

— Não diga absurdos. - A abadessa avançou sua Rainha e tomou um Peão. - Havia oito peças em Paris quando aquela jovem desapareceu. Ela não seria idiota de carregá-las consigo. Somente ela pode saber onde estão escondidas. Ela só confiaria em alguém enviado por mim. Já mandei uma carta para Mademoiselle Corday, que era a responsável pelo convento de Caen. Pedi-lhe que fosse a Paris por mim, para descobrir a pista da moça que desapareceu, antes que seja tarde demais. Se a jovem for morta, o conhecimento da existência das oito peças morrerá com ela. Agora que você expulsou meu correio, o embaixador Genet, não posso mais me comunicar com a França, a não ser que você me ajude. Mandei minha última carta pelo último malote diplomático, pelas mãos dele.

- Você é esperta demais para mim, Helene. — A czarina exibiu um sorriso largo. — Eu deveria ter imaginado como recebia a outra parte de sua correspondência, a parte que não consegui confiscar.

— Confiscar?! — espantou-se a abadessa, vendo seu Bispo ser tomado pela oponente.

— Nada muito interessante... Mas, agora que você resolveu demonstrar confiança suficiente em mim para me deixar ler esta carta, talvez venha a confiar um pouco mais e permitir que eu a ajude com o Xadrez de Montglane, como ofereci desde o início. Mesmo suspeitando de que foi apenas a expulsão de Genet que a levou a confiar em mim, continuo sua amiga. Quero o Xadrez para mim! Quero tê-lo antes que caia em mãos pouco escrupulosas. Você confiou-me sua vida quando resolveu vir para cá, mas até agora não me contou nada do segredo. Nesse caso, por que não confiscar suas cartas?

— Como posso confiar em você? — gritou a abadessa, furiosa. - Acha que não tenho olhos? Você acabou de assinar um pacto com sua inimiga, a Prússia, para poder partilhar melhor sua aliada, a Polônia! Sua vida está sob a ameaça de uma centena de inimigos, dentro da própria corte! Você sabe que seu filho Paulo treina tropas ao estilo prussiano em suas próprias terras, em Gatchina, para dar um golpe de Estado! Todos os movimentos desse jogo perigoso em que está envolvida indicam que você quer o Xadrez de Montglane para servir a seu próprio objetivo: o poder! Como saber se não vai me trair, como traiu tantos outros? E, mesmo que esteja a meu lado, como eu gostaria de acreditar, o que aconteceria se eu trouxesse o Xadrez para cá? Nem mesmo seu poder, minha querida Sofia, vai além do túmulo! Se você morresse, não quero nem pensar no uso que Paulo, seu filho, poderia fazer daquelas peças!

— Não há razão para temer Paulo - retrucou a czarina, enquanto a abadessa roçava. — Ele nunca conseguirá poder maior que aquelas tropas indigentes que reuniu e que faz marchar, de um lado para o outro, com seus uniformes ridículos. Meu neto, Alexandre, será o czar, quando eu morrer. Eu o treinei para isso, pessoalmente.

De repente, a abadessa levou o indicador aos lábios e apontou o cortinado da parede oposta àquela a que estava encostado o

tabuleiro. Catarina, acompanhando o gesto com o olhar, levantou-se em silêncio. As duas continuaram de olhos fixos no reposteiro, enquanto a abadessa falava alto:

— Ah! Que jogada interessante! Isso me cria problemas...

A czarina atravessou o aposento em passadas vigorosas. Afastou com um só movimento o cortinado — e lá estava Paulo, o príncipe herdeiro, com o rosto vermelho de vergonha. Olhou apavorado a própria mãe e baixou a vista para o chão.

— Só vim fazer uma visita, mamãe. — Não consegui encará-la. — Quero dizer, Majestade... Só vim... Precisei ver a Reverendíssima a respeito de um assunto... — começou a torcer os botões da túnica.

— Tão esperto e com tanta presença de espírito quanto o falecido pai! — disparou ela. — E pensar que gerei em meu próprio útero um príncipe herdeiro cujo talento principal parece ser a habilidade para espiar por trás de cortinas!... Saia daqui, já! Sua presença me dá nojo!

Deu-lhe as costas. A abadessa, no entanto, reparou no olhar de ódio e amargor que tomou conta do rosto de Paulo, atrás da mãe. Catarina fazia com o rapaz um jogo perigoso. Considerava-o, ao que parecia, um idiota inofensivo, o que ele não era.

— Espero que a Reverendíssima e Sua Majestade me desculpem a presença inoportuna — murmurou ele.

Em seguida, curvou-se ante as costas da mãe e saiu em silêncio da sala.

A czarina não disse nada, apenas ficou em pé ao lado do tabuleiro, com o olhar preso às peças do jogo.

— Quanto você acha que ele ouviu? — perguntou finalmente, como se estivesse lendo os pensamentos da abadessa.

— Temos de supor que ouviu tudo. E precisamos agir imediatamente.

— Por quê? Porque um rapaz idiota descobriu que não vai ser o herdeiro? Acho que sempre teve a certeza disso, no fundo.

— Catarina esboçou um sorriso amargo.

— Não. Porque ele descobriu a existência do Xadrez de Montglane.

— Mas o Xadrez certamente vai estar em segurança até que tenhamos tempo para planejar alguma coisa. A única peça que você trouxe consigo está em meu cofre. Podemos escondê-la, se você quiser, num lugar em que ninguém jamais pensará em procurá-la. Há operários assentando concreto nas fundações da última ala do palácio de Inverno. Há cinquenta anos que vem sendo construída! Detesto pensar nas ossadas enterradas ali...

— Podemos fazer isso com nossas próprias mãos? — quis saber a abadessa.

— Você está brincando? — Catarina voltou a sentar-se à frente do tabuleiro. — Nós duas... darmos sumiço em segredo, durante a noite, numa pecinha de xadrez de quinze centímetros? Não nos menospreze...

Mas a abadessa não lhe prestava atenção. Olhava fixamente para o tabuleiro entre elas, ocupado pelas peças que ainda restavam da partida em disputa: era um tabuleiro comum, azulejado em branco e preto, que trouxera consigo na viagem. Ergueu lentamente a mão e, com um movimento brusco, derrubou as peças. Algumas caíram sobre o tapete macio de astracã que forrava o chão a seus pés. Batucou com os nós dos dedos na superfície agora vazia. O som foi amortecido, como se houvesse algo acolchoado por baixo dos quadrados de pedra, como se algo macio estivesse entre os azulejos brilhantes e a verdadeira superfície, oculta por eles.

A czarina arregalou os olhos e ficou em pé, tocando de leve o tabuleiro. Com o coração aos saltos foi até a lareira, onde carvões, havia muito esquecidos, já iam se transformando em cinzas quebradiças. Apanhou um pedaço de ferro de atijar fogo, levantou-o acima da cabeça e abaixou-o com toda a força sobre o tabuleiro. Várias casas se quebraram. Jogou longe o atijador e começou a arrancar os fragmentos com as mãos, a rasgar o enchimento de algodão que lhes servia de base. Aos poucos, o espaço aberto foi revelando um brilho mortiço. A abadessa continuou imóvel, sentada ao lado do tabuleiro, com o rosto sombrio, pálido.

- O tabuleiro do Xadrez de Montglane! - gritou Catarina, hipnotizada pelos brilhos de ouro e prata que se revelavam entre os fragmentos da cobertura falsa. — Esteve o tempo todo em seu

poder! Não é de admirar que você tenha ficado em silêncio... Precisamos tirar logo todo esse forro falso para que eu possa banhar os olhos em sua visão radiante! Ah, estou sentindo uma verdadeira agonia, de tanto desejo de vê-lo!

— Eu já o tinha visto em sonhos — disse a abadessa. — Mas, quando meus olhos finalmente o fitaram, saído das profundezas da Terra, à luz fraca da abadia, quando toquei com meus dedos as peças esculpidas e os estranhos símbolos mágicos, senti que uma força percorria meu corpo inteiro, uma força mais aterradora que qualquer outra coisa que já sentira antes. Agora você vai entender por que quero enterrá-lo ainda hoje, à noite. Quero que fique oculto em um lugar onde ninguém o encontre, até que todas as outras peças tenham sido recuperadas. Há alguém em que possamos confiar, para nos ajudar?

Catarina fitou-a por muito tempo, sentindo, pela primeira vez depois de tantos anos, o peso da solidão do papel que escolhera para desempenhar na vida. Uma imperatriz não se podia dar ao luxo de ter amigos nem confidentes.

— Não — respondeu, com um riso malicioso, quase infantil.

— Mas não será a primeira vez que nós duas vamos nos meter, juntas, em aventuras perigosas. Hoje, à meia-noite, podemos ceiar e depois, talvez, achar que uma caminhada pelos jardins nos fará bem à digestão...

— Precisaremos de várias caminhadas. Antes de esconder o tabuleiro, mandei cortá-lo em quatro pedaços iguais, para que pudesse ser carregado sem muita ajuda. Acho que previ uma situação como a de hoje...

Catarina tornou a empunhar o atizador e, usando-o como uma alavanca, levantou os azulejos. A abadessa ajudou-a, removendo o enchimento. Porções cada vez maiores do magnífico tabuleiro foram aparecendo. Cada casa tinha estampado um símbolo místico incompreensível, alternando ouro e prata. Os lados eram decorados com pedras preciosas raras, polidas, lisas como ovos, com formas curiosamente esculpidas.

— Depois da ceia — disse a abadessa, encarando a amiga —, vamos ler minhas cartas? As confiscadas...

— Claro! Vou mandar trazê-las para cá! — A imperatriz não conseguiu desviar o olhar do tabuleiro. - Não há nada de muito interessante nelas... São todas de uma amiga sua, de muito tempo atrás. A maior parte fala sobre o tempo na Córsega...

TASSILI

ABRIL DE 1793

Mireille, naquele momento, estava a milhares de quilômetros da Córsega. E, quando sobrepujou a última duna alta do Ez-Zemoul El Akbar, viu à frente, no final do areai, o Tassili — o lar da Rainha branca.

O Tassili nAjjer, ou planalto das crateras, erguia-se do solo do deserto, como uma longa fita azul de pedra estendendo-se por quase quinhentos quilômetros desde a Argélia até o reino de Trípoli, rodeando as montanhas Ahaggar e os oásis exuberantes que pontilhavam o deserto. Dentro das ravinas do planalto encontrava-se a chave do mistério antiquíssimo.

Mireille seguiu atrás de Shahin, do deserto inóspito até a entrada do desfiladeiro, a oeste, e sentiu a temperatura cair rapidamente. Pela primeira vez, depois de quase um mês, sentiu o cheiro rico, generoso, da água fresca. Entraram na ravina, ladeada por altos paredões de pedra, e a jovem logo percebeu o fio de água escorrendo por uma falha na rocha. Loureiros cor-de-rosa, que pareciam murmurar à sombra, revestiam as margens, e havia, espalhadas ao longo do regato, tamareiras cujas copas cheias empenhavam-se em subir à procura da luz do pouco de céu visível por entre as rochas.

Quando os camelos subiram a ravina íngreme, as paredes de pedra azulada foram se afastando aos poucos, revelando um vale rico e fértil, onde riachos cada vez mais largos irrigavam pomares de pêssegos, figos e damascos. Mireille, que durante semanas comera apenas lagartos, salamandras e abutres assados em braseiros, arrancou com avidez os pêssegos que conseguiu alcançar entre os galhos grossos. Os camelos se regalaram com grandes porções de folhas verdes suculentas.

Cada vale dava acesso a dezenas de outros e a ravinas retorcidas, cada um parecendo ter seu clima e sua vegetação.

Formado há milhões de anos por cursos de água subterrâneos, que abriram caminho por entre camadas rochosas de muitas cores diferentes, o Tassili lembrava cavernas e passagens esculpidas em algum mar abaixo da superfície da terra. O rio cortara as rochas em paredes de renda branca e rosa, semelhantes a recifes de corais, vales amplos ao redor de colunas espiraladas que se projetavam para o céu. E, ladeando todos os pequenos platôs e as colunas de rochas avermelhadas, as paredes azuladas e formidáveis do vale projetavam-se, como as de uma fortaleza, do solo do deserto para uma altura de mil e quinhentos metros.

Mireille e Shahin não encontraram ninguém até que, muito acima dos platôs de Aabaraka Tafelalet, chegaram a Tamrit, a aldeia das tendas. Naquela altitude, entre os milenares ciprestes, o frio e o profundo rio, a temperatura baixou de maneira tão drástica que Mireille não conseguiu mais se lembrar dos quase cinquenta graus Celsius que suportara por semanas nas dunas secas e estéreis.

Decidiram deixar os camelos em Tamrit e seguir a pé, carregando apenas a bagagem que cabia em seus ombros. Iam entrar no Labirinto, onde, segundo Shahin, os precipícios e barrancos eram tão traiçoeiros que até as cabras selvagens evitavam andar por ali.

Na aldeia, providenciaram quem tomasse conta dos camelos. Muita gente do povo das tendas viera ver Mireille, e arregalava os olhos ao deparar com os cabelos ruivos, tornados da cor do fogo pelo sol poente.

— Vamos ter de passar a noite aqui — disse Shahin. — Só se pode enfrentar o Labirinto à luz do dia. Partiremos amanhã cedo. No coração do Labirinto está a chave...

Ergueu o braço para apontar o final da imensa ravina, onde as paredes se curvavam e se confundiam na sombra azulada que já se projetava da beira da rocha.

— A Rainha branca... — sussurrou Mireille, de olhos presos nas sombras retorcidas que pareciam fazer mover as rochas, com um tremor. - Shahin, você acredita mesmo que haja lá em cima uma mulher de pedra? Uma mulher de verdade, viva?

Sentiu um arrepio quando o sol desapareceu de vez e o ar se tornou ainda mais frio.

— Eu a conheço — respondeu ele, muito baixo, como se temesse que alguém mais pudesse escutar. — Dizem que, às vezes, ao pôr do sol, quando não há ninguém por perto, ela canta uma melodia estranha, que se ouve de muito longe. Talvez ela queira cantar para você...

O ar estava frio e límpido em Sefar, onde Mireille e Shahin encontraram os primeiros desenhos nas rochas: pequenos demônios, com chifres semelhantes aos de cabras. Embora não fossem os mais antigos, os baixos-relevos que povoavam a superfície do paredão de pedra datavam de 1500 a.C, aproximadamente. A medida que eles subiam, mais difícil se tornava o caminho e mais antigas, mágicas, misteriosas e complexas, as pinturas.

Mireille teve a sensação de voltar no tempo enquanto escalava os toscos degraus cortados nas paredes quase verticais da ravina. A cada curva, constatavam a existência de novas pinturas na superfície escura da rocha, com histórias de sucessivas levas de homens cujas vidas tinham se confundido com o próprio precipício. Onda após onda, civilizações que remontavam a até oito mil anos deixaram ali suas marcas.

A arte estava por todos os lados — esculpida em baixo-relevo e pintada em tons de vermelho brilhante, ocre-avermelhado, preto, amarelo e marrom -, nas paredes lisas, nas grutas e nas ranhuras mal iluminadas.

Milhares e milhares de pinturas, até onde a vista podia alcançar. Desdobrando-se naquele lugar completamente selvagem, pintadas em alturas e ângulos que só poderiam ter sido alcançados por alpinistas experimentados — ou por cabras, como dissera Shahin —, contavam a história, não apenas do homem, mas da própria vida.

No segundo dia, encontraram as carruagens dos hicsos, o povo do mar que conquistara o Egito e o Saara dois mil anos antes de Cristo. O armamento superior dos hicsos — armaduras e veículos puxados a cavalo — lhes permitia derrotar os nativos, equipados apenas com camelos, também ali representados. A crônica da conquista exibia-se como em um livro aberto, narrando, por meio das pinturas, sua passagem por aqueles vales e aquelas ravinas,

como predadores que atravessassem o deserto imenso. Mireille sorriu ao tentar imaginar o que tio Jacques-Louis sentiria se pudesse apreciar as obras de todos aqueles artistas anônimos, cujos nomes haviam se perdido na poeira do tempo, e que, no entanto, ainda estavam ali expostas, milhares de anos depois de executadas.

Todas as noites, quando o sol se punha por cima das paredes da ravina, procuravam abrigo. Se não encontrassem nenhuma caverna por perto, enrolavam-se em cobertores de lã, e Shahin os fixava à rocha com prendedores de barracas, para que ele e a jovem não rolassem precipício abaixo enquanto dormiam.

No terceiro dia, chegaram às cavernas de Tan Zoumaitok, tão profundas e escuras que só à luz dos archotes que improvisaram conseguiram enxergar as pinturas coloridas, perfeitamente preservadas, de homens sem rosto, com cabeças em forma de moedas, que falavam com peixes com pernas, em posição vertical. Aquelas tribos antiquíssimas, explicou Shahin, acreditavam que seus ancestrais tinham vindo do mar para a terra, andando sobre o lamaçal primevo, mas ainda com sua forma original de peixes. Ali estava representada também a mágica que empregaram para aplacar os deuses da natureza, uma dança em espiral, executada pelos djenoun, pequenos gênios que pareciam endemoninhados, em círculos cada vez mais fechados, sempre no sentido anti-horário, ao redor de uma pedra sagrada. Mireille ficou muito tempo fitando as imagens, com Shahin em pé a seu lado, em silêncio, antes de retomarem a jornada.

Na manhã do quarto dia, já estavam próximos do ponto mais alto de todo o planalto. Ao contornarem uma saliência da rocha, os paredões da ravina alargaram-se e abriram-se em um vale largo e profundo, recoberto de pinturas. Em todos os lugares, em todas as superfícies da rocha, havia cores. Era o vale dos Gigantes. Cinco mil pinturas cobriam as paredes de rocha, de alto a baixo. Mireille perdeu o fôlego por um instante, quando seus olhos divisaram aquela gigantesca exposição de arte — a mais antiga de todas e, no entanto, colorida, brilhante e de um vigor de traço que parecia ter sido pintada na véspera. Como os afrescos dos grandes mestres, aquelas obras não tinham idade.

Ficou parada por muito tempo. As histórias contadas por aquelas paredes envolviam-na, atraíam-na para outro mundo, primitivo e misterioso. Entre o solo e o céu, não havia nada que não fosse cor e forma, tudo aquilo penetrando em seu sangue como droga, enquanto ela permanecia imóvel na saliência rochosa, como que suspensa no espaço.

Foi então que ouviu o som.

De início, pensou que o vento provocasse aquele murmúrio agudo, como o do ar soprado pelo gargalo de uma garrafa. Olhou para cima, na direção de onde parecia partir o ruído, e viu um penedo alto, com mais de trezentos metros, que se projetava para a frente sobre o espaço vazio do vale seco e selvagem. Viu também uma fenda na superfície de pedra, que pareceu surgir do nada e de repente. Voltou os olhos para Shahin. Ele também fitava o penedo de onde vinha o som, e envolveu o rosto com os véus, fazendo sinal a Mireille para que seguisse a sua frente pela trilha estreitíssima.

Logo, o caminho tornou-se tão íngreme, e tão estreita a minúscula prateleira de rocha por onde caminhavam, que Mireille, já no final do sétimo mês da gravidez, teve de fazer muito esforço para manter o fôlego e o equilíbrio. Houve um momento em que o solo traiçoeiro escorregou sob seus pés, e ela caiu de joelhos. Os pedregulhos deslocados projetaram-se, mil metros abaixo, no vazio aterrador da ravina. Mireille engoliu em seco, levantou-se sozinha - pois a trilha era tão estreita que Shahin não teve como ajudá-la — e continuou, sem olhar para baixo. O som prosseguia, mais alto ainda.

Eram três notas, repetidas em diferentes combinações, cada vez mais altas, mais agudas. Quanto mais Mireille se aproximava da fenda da rocha, menos aquilo lhe parecia o resultado da passagem do vento pela abertura. A melodia bonita, límpida, começou a parecer uma voz humana. Ela continuou a penosa subida pela encosta escorregadia.

O penedo saliente ficava a mais de mil e quinhentos metros do fundo do vale. Já bem perto dele, Mireille percebeu que a fenda estreita, vista de baixo, era, na verdade, uma falha gigantesca — uma entrada de caverna, ao que tudo indicava. Com seis metros de largura e quinze de altura, fazia supor que um imenso pedaço de

rocha fora arrancado de uma só vez, entre a prateleira onde estava e o pico. Mireille parou um pouco, para permitir que Shahin a alcançasse. E os dois entraram juntos, de mãos dadas, na abertura.

O som tornou-se ensurdecedor, envolvendo-os de todos os lados, ecoando pelas paredes da caverna. Mireille sentiu-o em todos os nervos do corpo, enquanto procurava o caminho pela escuridão. Divisou uma pequena réstia de luz, no fundo da cavidade natural, e, finalmente, atingiu a luz, ainda agarrada a Shahin. Então, atravessou outra fenda de rocha, com a música tomando conta de todo o seu corpo.

Pensou que estivesse entrando em outra gruta, mas logo se viu em frente de um pequeno vale, aberto à luz do céu. A luz pareceu estranhamente esbranquiçada e abundante, depois da travessia da caverna. Na curvatura das paredes côncavas, avultavam os gigantes. Cada um tinha mais de seis metros de altura e parecia flutuar acima dela, em cores pálidas, etéreas. Deuses com chifres caprinos espiralados ladeavam seres com vestes largas e estranhos tubos, como trombas, que lhes ligavam as bocas aos peitos, os rostos ocultos por capacetes em forma de globos, com aberturas gradeadas para os olhos, os narizes e as bocas. O artista fixara-os sentados em cadeiras de estranhos espaldares terminados em apoios para os crânios. À frente de cada um havia uma alavanca e mostradores circulares, como os de relógios ou termômetros. Pareciam todos ocupados em tarefas que Mireille não foi capaz de identificar.

E, no centro, entre todos eles, estava a Rainha branca.

A música cessara. Talvez tivesse sido apenas um efeito causado pelo vento ou pela imaginação. As figuras brilhavam muito, refletindo a luz branca. Mireille ficou imóvel, com os olhos presos na Rainha branca. A figura estranha e terrível, muito maior do que as outras, ocupava o alto da parede do vale. Como uma deusa da justiça, dominava o local, semienvolta por uma névoa também branca, com o rosto forte e imponente apenas sugerido por traços esparsos. Seus chifres pareciam se projetar da parede, como pontos de interrogação. A boca, um corte largo, sugeria os esforços para gritar de alguém cuja língua tivesse sido cortada. Mas não dizia nada. Permanecia em seu imponente silêncio.

Mireille manteve os olhos fixos nela, indiferente à dormência, semelhante à do terror, que lhe dominava o corpo. O silêncio absoluto assustava mais do que qualquer ruído, e ela finalmente olhou para Shahin, imóvel a seu lado. Envolto no hábito negro, com o rosto coberto pelos véus azuis, ele também parecia esculpido na pedra imemorial. Sob a luz brilhante, cercada pelas paredes do vale, Mireille começou a sentir o medo e a confusão. Voltou devagar os olhos para a rocha e, desta vez, viu.

A mão erguida da Rainha branca segurava um longo bastão, em que se enroscavam duas serpentes. Como no caduceu da medicina, seus corpos unidos formavam um 8. Mireille teve a impressão de ouvir uma voz, e logo percebeu que o som não vinha do paredão rochoso, e sim de dentro da própria rocha. E a voz tornou-se clara:

— Olhe... Olhe outra vez. Olhe com mais atenção! Veja! Olhou para as figuras enfileiradas ao longo da rocha. Eram todas

de homens, a não ser a da Rainha branca. De repente, como se alguém lhe tivesse arrancado um véu da frente do rosto, passou a vê-los de maneira diferente. Não eram mais homens empenhados em tarefas estranhas e indecifráveis — eram um só homem. Como na representação de uma história em cenas sucessivas, com começo e fim, o homem demonstrava seu progresso em várias fases. Uma transmutação.

Ante o bastão transformador da Rainha branca, o homem se deslocava ao longo da parede de rocha, de estágio em estágio, da mesma forma que os homens de cabeças circulares que vira antes haviam evoluído a partir de peixes do mar. Este usava roupas ritualísticas, talvez como medida de proteção. Manipulava a alavanca a sua frente como um navegador pilotando seu barco ou como um químico trabalhando substâncias no cadinho. Finalmente, depois de muitas mudanças, com a grande obra completada, erguia-se do assento e juntava-se à Rainha branca, coroado, em recompensa, com os sagrados chifres espiralados de Marte, o deus da guerra e da destruição.

— Compreendi — disse alto Mireille.

O som de sua voz ecoou pelas paredes e pelo abismo, violentando o silêncio iluminado do vale.

Foi nesse momento que sentiu a primeira dor, e curvou o corpo dominado por ela. Shahin ajudou-a a deitar-se no chão. Mireille suava frio e seu coração batia em um ritmo selvagem. Shahin arrancou os véus e pôs a mão sobre o ventre da jovem, no instante em que a segunda contração lhe sacudiu com violência o corpo todo. — Chegou a hora — disse ele, com voz suave.

TASSILI

JUNHO DE 1793

Do alto do platô, sobre Tamrit, Mireille abrangia com a vista um raio de quase quarenta quilômetros sobre as dunas. O vento levantava seu cabelo comprido e da cor da areia avermelhada. O cafetã de tecido leve que usava estava aberto ao peito, para que a criança — agora com quase seis semanas — pudesse mamar. Como Shahin predissera, nascera ante os olhos da deusa e era um menino. Mireille lhe dera o nome de Charlot, em homenagem ao falcão.

Contra a linha do horizonte, ela viu os penachos de areia levantada que acusavam a passagem de viajantes do Bahr-al-Azrak. Apertou os olhos e conseguiu distinguir quatro homens montando camelos, escorregando vagarosamente para dentro de uma enorme duna, como gravetos arrastados até o fundo do mar pelos movimentos da maré. O calor refletido pela areia se ergueu em ondas difusas e ela perdeu de vista a pequena caravana.

Levariam mais de um dia para chegar a Tamrit, perdida na imensidão do Tassili. Mas Mireille não precisou esperar pela chegada deles. Sabia que estavam a sua procura. Sentira na carne a certeza, alguns dias antes. Beijou a cabeça do filho apertado contra o seio. Colocou-o no saco que atara a tiracolo e começou a caminhada, descendo a montanha. Se não fosse no dia seguinte, seria logo depois. Sabia que a carta chegaria, mais cedo ou mais tarde. A carta da abadessa de Montglane, com a ordem para que regressasse.

AS MONTANHAS MÁGICAS

O que é o futuro? O que é o passado? O que somos nós? O que é este fluido mágico que nos envolve e nos oculta as coisas que mais precisamos conhecer? Vivemos e morremos em meio a maravilhas.

- NAPOLEÃO BONAPARTE

CABÍLIA

JUNHO DE 1973

Quanto mais Kamel e eu penetrávamos naquele mundo perdido, mais eu me sentia distante de tudo o que antes me parecia real. Ninguém sabe exatamente onde começa ou termina a Cabília. Labirinto confuso de picos altos e ravinas profundas, espremida entre os Medjerdas, ao norte de Constantina, e os Hodnas, abaixo de Bouira, aquela vasta seção dos Atlas Telianos compreende a Grande Cabília e a Pequena Cabília, antes de despencar em um precipício íngreme de rocha, perto de Bejaia, já quase à beira-mar.

Kamel dirigia o Citroen preto oficial pela estradinha sinuosa de terra, ladeada por colunas de eucaliptos antiquíssimos, e as montanhas azuis se erguiam sobre nós, majestosas, cheias de mistérios e cobertas de neve nos picos. A seus pés corria o Tizi-Ouzou — o vale dos Zimbros —, coberto de manchas vermelhas, brilhantes, das urzes selvagens, com flores pesadas sacudindo-se como ondas à brisa abafada. Um aroma mágico enchia todo o ar, de forma inebriante.

Ao lado da estrada, quase oculto pelas urzes que atingiam a altura de nossos joelhos, corria, sinuoso, o Ouled Sebaou. Alimentado pelo degelo da primavera, o rio serpenteava por quase quinhentos quilômetros, irrigando o Tizi-Ouzou durante o longo e quente verão. Não era fácil lembrar que estávamos apenas a cinquenta quilômetros do enevoado Mediterrâneo, ou de que o maior deserto do planeta ficava a menos de cento e cinquenta quilômetros ao sul.

Kamel estivera estranhamente calado, desde que me apanhara no hotel, quatro horas antes. Demorara muito a me levar para a viagem — quase dois meses desde a promessa inicial. Durante todo aquele tempo, me incumbira de missões bem variadas, algumas delas mais parecidas com gincanas. Eu andara inspecionando refinarias, usinas e fábricas. Vira mulheres de rostos cobertos por

véus e pés descalços providenciando o sêmolo para o cuscuz. Sentira ardência nos olhos, devido ao ar quente, pesado de fragmentos de fibras, em tecelagens. Quase queimara os pulmões em instalações de extrusão. E por muito pouco escapara de cair de cabeça em um imenso recipiente de aço liquefeito, quando escorreguei no andaime inseguro de uma usina. Kamel me enviara para todos os cantos do Oeste — Oran, Tlemcen, Sidi-bel-Abbês —, para obter dados necessários à base do modelo computadorizado que ele queria, mas não me mandara uma só vez para a região Leste, onde Ficava a Cabília.

Durante sete semanas, entupi os enormes computadores da Sonatrach, a corporação petrolífera, com dados sobre todas as indústrias. Cheguei a pôr Therese, a telefonista, a trabalhar para mim, coletando estatísticas oficiais de produção e consumo de petróleo de outros países, para comparar exportações e importações e deduzir quem levaria a pior. Como cheguei a dizer a Kamel, não era fácil tirar do nada um sistema sofisticado, em um país em que metade das comunicações passava por uma mesa telefônica do tempo da Primeira Guerra Mundial e a outra metade chegava em lombo de camelo. Mas procurei dar o melhor de mim.

Por outro lado, eu me sentia cada vez mais longe de meu verdadeiro objetivo, a busca do Xadrez de Montglane. Nunca mais tivera notícias de Solarin ou de sua misteriosa companheira, a vidente. Therese me ajudara a enviar todas as mensagens que eu conseguira inventar para Nim, Lily e Mordecai — sem resultado algum. No que me dizia respeito, todo o sistema de informações parecia ter entrado em greve. E, às vezes, a insistência de Kamel em me fazer viajar me dava a impressão de que ele sabia quais eram meus verdadeiros planos. Até que, de repente, sem mais nem menos, aparecera no hotel, para me levar "àquela viagem que combinamos". E lá estávamos nós.

— Você cresceu nesta região? — perguntei, baixando o vidro do carro para ver melhor.

— Na cadeia mais alta. Quase todas as aldeias de lá são construídas nos picos. A vista é sempre linda. Você quer ir a algum lugar específico ou quer que eu a leve apenas para um passeio?

— Para dizer a verdade, gostaria de visitar um antiquário... Um colega de um amigo meu de Nova York. Prometi a esse amigo que daria uma olhada na loja. Se não for fora de mão...

Achei melhor assumir um ar pouco interessado, porque não sabia muito a respeito do contato de Llewellyn. Não consegui encontrar a aldeia em nenhum mapa, mas, como dissera o próprio Kamel, as cartesgeographiques argelinas deixavam muito a desejar.

— Antiquário? — repetiu ele. — Não há muitos por aqui. Tudo o que tinha algum valor já foi levado para os museus, faz muito tempo. Como é o nome da loja?

— Não sei. A aldeia se chama Ain Kaabah. Llewellyn disse que seu colega é o único antiquário de lá.

— Que coisa estranha! — Kamel não tirou os olhos da estrada. — Ain Kaabah é a minha aldeia. Trata-se de um lugar minúsculo, bem afastado dos caminhos dos visitantes. E não existe nenhum antiquário lá, tenho certeza.

Tirei da bolsa o caderninho de endereços e consegui localizar as anotações rabiscadas às pressas por Llewellyn.

— Está aqui. Não tenho o endereço, mas fica na parte norte da cidade. Parece que o local é especializado em tapetes antigos. O nome do proprietário é El-Marad.

Kamel empalideceu ao ouvir o nome. Quando respondeu, pareceu não mover direito os lábios. Sua voz saiu estrangulada:

— El-Marad... Sei quem é. Um dos maiores mercadores da região, que aliás é famosa pelos tapetes. Você está querendo comprar algum?

— Na verdade, não — respondi, agora cheia de cautelas.

Kamel não estava dizendo tudo o que sabia. Pude ver em seu rosto que havia algo errado.

— Meu amigo de Nova York só pediu para passar por lá e conversar um pouco — continuei. — Se há algum problema, posso voltar outro dia, sozinha.

Kamel manteve-se em silêncio por vários minutos. Parecia concentrado em pensamentos. Chegamos ao final do vale e começamos a subir a montanha. Pastos ligeiramente inclinados, de grama fresca da primavera, pontilhados aqui e ali por árvores

frutíferas em plena florada, espalhavam-se ao nosso lado. Havia meninos à beira da estrada, vendendo molhos de aspargo selvagem, cogumelos gordos e escuros, narcisos perfumados. Kamel parou o carro e desceu para negociar, longamente, em uma língua estranha — um dialeto berbere que mais parecia o chilrear suave de pássaros. Afinal, voltou e abaixou o rosto à altura de minha janela, para me oferecer um cheiroso ramo de flores.

— Se você vai se encontrar com El-Marad — disse, recuperando o sorriso habitual —, espero que tenha aprendido a negociar. Ele é duro e teimoso como um beduíno e dez vezes mais rico. Não o vejo desde... Para dizer a verdade, não voltei a minha aldeia desde a morte de meu pai. E um lugar cheio de lembranças para mim.

— Não precisamos ir, se você não quiser.

— E claro que vamos — retrucou, com jeito firme, apesar de sua voz não demonstrar nenhum entusiasmo. — Você jamais acharia o lugar, sem minha ajuda. Além disso, El-Marad vai ficar surpreso ao me ver. Desde a morte de meu pai, ele é o chefe da aldeia.

Voltou a seu lugar na direção, com um ar compungido. Comecei a me perguntar o que de fato vinha acontecendo.

— E como é esse mercador de tapetes? — perguntei, apenas para quebrar o gelo.

— Na Argélia, você sempre pode deduzir algumas coisas a respeito de um homem a partir de seu nome — informou Kamel, atento à estrada, cada vez mais sinuosa, que ele dominava com perícia. — Por exemplo, Ibn significa "filho de". Alguns nomes derivam de lugares: Yamini quer dizer "homem do Iêmen". As palavras El, Al e Bel referem-se a Alá ou Baal, ou seja, Deus... Assim, Hannibaal significa "asceta de Deus"; Al'adin, "servo de Alá".

— E El-Marad, que quer dizer? "Marra de Alá", "mercador de Dtus", ou algo assim?

— Não exatamente — riu Kamel, sem jeito. — O nome não é árabe nem berbere. É acadiano, de uma língua usada por um povo que ocupou parte da Mesopotâmia, na Antiguidade. É uma corruptela de al-Nimarad, ou Nimrod, um antigo rei da Babilônia. Foi Nimrod o construtor da Torre de Babel, que pretendia chegar ao Sol, até os portões do Paraíso. É isso que Bab-el significa, "o portão de

Deus". E Nimrod quer dizer "o rebelde", "aquele que invade o domínio dos deuses".

— É um senhor nome para um mercador de tapetes! - Comecei a rir, mas parei ao notar a semelhança com o nome de outra pessoa, uma personagem da Revolução Francesa.

— É verdade — concordou Kamel. — Ou, pelo menos, seria, se fosse essa sua única ocupação.

Kamel recusou-se a explicar seu comentário final sobre El-Marad, mas na certa não se devia à coincidência de ele ter sido criado na mesma aldeola, entre tantas outras existentes na região, em que o mercador de tapetes se estabelecera.

Às duas da tarde, quando chegamos à cidadezinha de Beni Yenni, meu estômago reclamava de fome. A hospedaria, minúscula, no topo da montanha, nada tinha de luxuosa, mas os ciprestes escuros que se projetavam contra a parede ocre e o telhado vermelho tornavam o lugar acolhedor.

Almoçamos em uma varandinha de ardósia, cercada de grades de madeira pintadas de branco, que parecia se projetar para fora do topo da montanha. Águias sobrevoavam o vale lá embaixo, as asas coruscando reflexos dourados quando atravessavam a rala névoa azulada que se erguia do Ouled Aissi. Ao redor de nós, a precariedade do terreno exibia-se claramente: estradinhas tortuosas, que pareciam fitas penduradas no topo das montanhas, prestes a se partir e rolar encosta abaixo; aldeias que lembravam aglomerados de rocha a esfarelar-se instavelmente equilibradas sobre os picos mais altos. Mesmo em junho, com o verão prestes a chegar, o ar estava frio o bastante para me exigir um agasalho de lã: pelo menos uns quinze graus abaixo da temperatura que deixáramos no litoral, de manhã cedo. Do outro lado do vale, podia-se ver a neve que encobria o maciço de Djurdjura e as nuvens suspeitas, pesadas - bem na direção em que estávamos indo.

Éramos os únicos fregueses na varanda, e o garçom mostrou má vontade quando trouxe o almoço fumegante e a bebida da cozinha. Perguntei-me se haveria algum hóspede no lugarzinho, que recebia subsídio do governo para abrigar e alimentar os membros do

ministério. O turismo na Argélia mal bastava para manter funcionando os hotéis mais acessíveis, ao longo da costa.

Saboreamos a byrrh vermelha e amarga, com gelo picado e limão. Almoçamos, em silêncio, sopa quente de legumes, baguettes frescas e tostadas e galantina de galinha. Kamel continuava imerso em pensamentos.

Antes de pegarmos de novo a estrada, ele abriu a mala do carro e tirou de lá uma pilha de cobertores e mantas de lã. Devia estar tão preocupado quanto eu com o tempo que enfrentaríamos. A estrada logo se tornou mais perigosa. Como poderia eu saber que aquilo não era nada, perto do que ainda estava por vir?

Foi só uma hora de Beni Yenni até Tikjda, mas pareceu uma eternidade. Ficamos em silêncio a maior parte do tempo. A princípio, a estradinha nos levou para baixo, ziguezagueando para o fundo do vale; em seguida, atravessamos o rio e começamos a subir uma espécie de colina baixa e ondulada. Mas, à medida que subíamos, mais íngreme se tornava o caminho. O Citroen teve de dar o máximo de seu motor para chegar ao topo. Olhei para a frente e para baixo: um precipício de uns seiscentos metros de altura, um labirinto de grutas e penedos recortado na rocha. A "estrada" não passava de uma trilha de pedrinhas de gelo, que parecia despencar, de repente, no vazio. Como se não bastasse, ela seguia, por uma prateleira de rocha, retorcida e confusa como um nó de marinheiro, para baixo, ao longo do paredão de pedra, com uma inclinação de uns quinze por cento, até chegar a Tikjda.

Kamel deslocou habilmente o carro grande e macio por cima do cume e no mergulho pelas pedrinhas geladas, enquanto eu mantinha os olhos bem fechados e repetia umas poucas orações silenciosas. Quando os abri de novo, estávamos acabando de fazer uma curva. A estrada agora parecia completamente solta no ar, presa apenas pelas nuvens. De cada lado, havia um precipício de mais de trezentos metros. Morros com cumes de neve pareciam saltar de repente do fundo do vale, como estalagmites. Um vento maluco, de súbitas rajadas, subia as ravinas, assobiando, raspando a neve e atirando-a a nossa frente, obscurecendo de todo a estrada.

Fiquei com vontade de pedir para voltarmos, mas não havia como manobrar.

Minhas pernas tremiam, forçadas contra o chão do carro, preparadas para o choque quando perdêssemos de todo o contato com o solo e nos projetássemos no espaço. Kamel reduziu a velocidade para cinquenta quilômetros por hora, depois para trinta, e logo estávamos nos arrastando em primeira marcha.

A neve, estranhamente, aumentava à medida que descíamos. De vez em quando, ao fazermos uma curva, encontrávamos um caminhão ou outro veículo grande abandonado no lugar em que quebrara.

— Pelo amor de Deus! Estamos em junho! — exclamei, quando acabamos de vencer um trecho particularmente difícil.

— Não está nevando de verdade... Isso é só uma tempestadezinha.

— Quer dizer que o tempo pode piorar?

— Espero que você goste dos tapetes dele — sorriu Kamel, com ar de cansaço —, pois pode ser que custem mais do que simples dinheiro. Mesmo que não comece a nevar pesadamente, mesmo que a estrada não sofra nenhum deslizamento, mesmo que consigamos chegar a Tikjda antes do anoitecer... Precisamos atravessar a ponte.

— Anoitecer?! - Abri de novo meu inútil mapa rodoviário da Cabília.

— Segundo isto aqui, Tikjda fica a apenas cinqüenta quilômetros de onde estamos, e a ponte é logo adiante!

— E, mas os mapas só mostram as distâncias na horizontal... Lugares que parecem próximos em duas dimensões podem ser bem distantes, na realidade.

Chegamos à Tikjda às sete. O sol, que demos graças a Deus por conseguirmos ver, estava se equilibrando no topo da montanha, preparando-se para mergulhar por trás do Rif. Fizemos os cinqüenta quilômetros em três horas. Kamel havia marcado Ain Kaabah no mapa, perto de Tikjda. Parecia que poderíamos chegar até lá a pé, mas logo descobri que não era bem assim.

Ficamos pouco tempo ali — só o bastante para reabastecer o carro com gasolina e os pulmões com o ar fresco da montanha. O

tempo melhorara muito: o céu estava da cor do pêssego, o ar parecia sedoso e, a distância, por cima dos pinheiros em forma de prismas, podíamos ver um vale azul. Bem no centro dele, a uns dez quilômetros do local em que estávamos, arroxeadada e dourada pelos últimos raios solares, erguia-se uma enorme montanha quadrada. O cume era um planalto liso como que cortado à faca. Era a única elevação, completamente isolada em todo o vale.

— Ain Kaabah — apontou Kamel.

— Lá em cima? Mas não estou vendo nenhuma estrada...

— Não há estrada. Só uma trilha, para subir a pé. Vários quilômetros de terreno pantanoso, no escuro, e aí a trilha começa a subir... Mas, antes de chegarmos lá, temos de atravessar a ponte.

A tal ponte ficava a uns oito quilômetros de Tikjda, mas uns quatrocentos metros abaixo. No crepúsculo, a hora mais difícil para se enxergar, era quase impossível ver alguma coisa entre as sombras arroxeadas dos rochedos altos. O vale à direita ainda se encontrava iluminado, transformando a montanha onde ficava Ain Kaabah em um cubo de ouro. Bem à frente, a vista me fez prender a respiração. O caminho se precipitava para baixo, quase até o fundo do vale, mas, uns cento e cinquenta metros acima do solo rochoso, atravessando um rio de águas furiosas, avultava a ponte. Kamel segurou o carro com o freio, durante a descida sem fim.

Paramos em frente da ponte. Era uma estrutura frágil, insegura, que mais parecia de brinquedo. Tanto poderia ter sido construída há dez anos como há mais de um século. Alta, estreita, mal dava passagem para um carro, e tive a sensação de que o nosso poderia vir a ser o último. O rio, enfurecida torrente de água que escorria das montanhas com rapidez incrível, lançava-se com violência sobre seus alicerces.

Kamel manobrou o carro negro e elegante e começou a travessia. Senti a superfície sacudir sob os pneus.

— Você não vai acreditar — disse ele, com um sussurro, como se temesse que a vibração da voz pudesse ser a gota de água que faria desabar tudo aquilo -, mas, no auge do verão, este rio não passa de um regato que mal tem forças para atravessar o terreno enlameado do leito.

— Quanto tempo dura o auge do verão? Quinze minutos?

Minha boca estava ressecada pelo medo, enquanto o carro continuava avançando devagar, entre estalos e tremores. Um tronco ou qualquer coisa de peso considerável foi arrastado pela torrente contra uma das pilastras, lá embaixo, e a estrutura inteira tremeu como se houvesse um terremoto. Agarrei-me ao descanso de braço da porta do carro até que aquilo passasse.

Consegui respirar de novo quando as rodas da frente do Citroen se firmaram outra vez em terreno sólido. Por via das dúvidas, mantive os dedos cruzados até sentir as rodas de trás saírem da ponte. Kamel parou o carro e encarou-me com um largo sorriso de alívio.

— São incríveis as coisas que um homem tem de fazer quando sua dama resolve ir às compras!

O fundo do vale dava a impressão de estar enlameado demais para suportar o peso do carro. Deixamos o Citroen no último patamar de rocha, ainda perto da ponte. Trilhas de cabras, delimitadas pelos espaços abertos entre o capim alto e pelas marcas de cascos e de fezes, cortavam o terreno pantanoso em várias direções.

— Ainda bem que vim com os sapatos certos — lamentei, olhando para minhas sandálias douradas, completamente inúteis naquelas circunstâncias.

— O exercício vai lhe fazer bem - sorriu Kamel. - As mulheres cabilas caminham quilômetros todos os dias, carregando cestas de quase trinta quilos.

— Acho que confio em você por causa de seu sorriso — retruquei. — Não consigo imaginar nenhuma outra razão para ter me metido nisso.

— Sabe qual a diferença entre um beduíno e um cabila? — perguntou ele, quando começamos a enfrentar o lamaçal.

— Piadinha racista numa hora destas, Kamel?

— Não. Estou falando sério. Você reconhece o beduíno porque ele nunca mostra os dentes quando ri. Acha que é falta de educação deixar ver os dentes de trás. Na verdade, acredita que dá azar. Observe bem El-Marad e você vai ver.

— Pensei que ele também fosse cabila...

Estávamos progredindo na penumbra, acompanhando o fundo do plano do vale. A montanha de Ain Kaabah, enorme a nossa frente, ainda refletia a última luz do dia. Nos trechos em que o capim estava amassado, víamos flores selvagens, roxas, amarelas e vermelhas, fechando as corolas, preparando-se para a noite.

— Ninguém sabe o que ele é. Veio para a Cabília há muitos anos, não sei de onde, e estabeleceu-se em Ain Kaabah. Um homem de origem misteriosa.

— Você não gosta muito dele...

Kamel seguiu em silêncio por algum tempo, antes de responder:

— É difícil gostar de um homem que considero responsável pela morte de meu pai.

Apertei o passo para ficar a seu lado. Um pé de sandália foi sugado pela lama e ficou para trás. Ele esperou que eu o encontrasse de novo.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, com a cabeça abaixada sobre o monte de lama onde se enterrara o calçado.

— Os dois foram sócios num empreendimento comercial. Meu pai teve de ir a Londres, no interesse de ambos. Lá, foi assaltado e morto por marginais.

— Mas então esse tal El-Marad não participou do crime...

— Não. E, para dizer a verdade, foi ele quem pagou meus estudos, com os resultados dos investimentos que meu pai fizera no negócio. Foi assim que acabei morando em Londres. A firma ficou em poder de El-Marad. Nunca mandei nem um bilhete de agradecimento. Foi por isso que disse que ele vai ficar surpreso ao me ver.

— Mas por que você o culpa pela morte de seu pai?

Ficava cada vez mais claro que Kamel não gostava de falar daquilo. Cada palavra que dizia parecia resultar de um esforço.

— Não sei. — Deu a impressão de estar arrependido de ter trazido o assunto à baila. — Talvez eu ache que ele devesse ter ido sozinho, em lugar de meu pai.

Não dissemos mais nada durante todo o restante da caminhada pelo vale. A trilha em espiral que conduzia a Ain Kaabah contorcia-se

em volta da montanha. Levamos meia hora para a subida. Os últimos cinquenta metros não passavam de uma escada escavada na rocha, gasta pela passagem de incontáveis pés.

— Como é que a gente daqui ganha a vida? — perguntei, sem fôlego, quando chegamos ao topo.

Quatro quintos da Argélia são cobertos pelo deserto, não há madeira no país, e as únicas terras aráveis ficam a mais de trezentos quilômetros dali, perto do mar.

— Produz tapetes e joias de prata. Há pedras preciosas e semipreciosas nas montanhas: cornalinas, opalas, umas poucas turquesas. Todo o restante é importado do litoral.

A aldeia de Ain Kaabah tinha uma rua central, com casas de ambos os lados. Paramos na esquina de uma ruazinha de terra e lama, à frente de uma residência grande com telhado de palha e palmas trançadas. Cegonhas haviam feito um ninho na chaminé e várias delas descansavam no beirai.

— Aqui é a casa dos tecelões — apontou Kamel. Continuamos pela rua principal. O sol já desaparecera de todo. A

penumbra era de uma cor linda, arroxeadada, mas o ar ficara um pouco frio demais.

Passamos por carroças carregadas de feno, alguns burros e pequenos grupos de cabras. Imaginei que uma carroça de burro devia subir aquela montanha com mais facilidade que uma limusine Citroen.

' No outro extremo da aldeia, Kamel parou em frente de uma casa grande. Ficou muito tempo olhando para ela. Era caiada, como as outras, mas muito maior, e uma varanda acompanhava toda a fachada. Ali, uma mulher morena, de roupas coloridas, batia a poeira de tapetes. A seu lado brincava uma criança de vestido branco e avental. Trancas que terminavam em cachos dourados, soltos, lhe encimavam a cabeça. A menina correu para baixo, quando nos viu, vindo diretamente em minha direção. Kamel chamou a mulher e ela o olhou, lá de cima, por alguns instantes, em silêncio. Quando me viu, abriu um sorriso, revelando vários dentes de ouro, e desapareceu no interior do segundo andar.

— Esta é a casa de El-Marad - explicou Kamel. - Aquela é a esposa principal dele. A menina é têmpera. Nasceu quando todos já pensavam, havia muito, que a mãe era estéril. Isso é considerado um aviso de Alá; a criança foi "escolhida".

— Como é que você sabe tanto, depois de dez anos de ausência? A menina não deve ter mais de cinco anos de idade.

Kamel tomou a mão da menininha, com afeição, e foi caminhando em direção à porta.

— Eu nunca a tinha visto antes, mas faço questão de acompanhar os acontecimentos de minha aldeia. O nascimento dela foi considerado um evento muito importante. Eu deveria ter lhe trazido um presente qualquer. Não pode ser responsabilizada por meus sentimentos com relação a seu pai...

Mergulhei a mão na bolsa para ver se encontrava alguma coisa que pudesse compensar o esquecimento dele. Acabei pegando uma das peças do tabuleiro portátil de Lily. Era só um pedaço de plástico barato, afinal — a Rainha branca. Parecia uma miniatura de boneca. Entreguei-a à garota. Ela correu para dentro, entusiasmada, para mostrar à mãe o presente. Kamel sorriu para mim, agradecido.

A mulher chegou à porta e nos conduziu para o interior escuro da casa, com a pecinha de xadrez na mão. Conversou um pouco em berbere com Kamel, sem tirar de mim os olhos brilhantes. Devia estar fazendo perguntas a meu respeito. De vez em quando, me tocava, com dedos leves como penas. Kamel disse qualquer coisa e ela desapareceu.

— Pedi que nos trouxesse o marido — explicou. — Vamos para a loja. Lá podemos nos sentar um pouco. Outra das esposas levará um café.

A loja era um salão de bom tamanho, que ocupava a maior parte do andar térreo. Havia tapetes empilhados por todos os cantos, dobrados em estantes, alguns; outros, enrolados em pilhas encostadas às paredes. Mais tapetes encontravam-se expostos no chão, uns sobre os outros, e havia vários estendidos nas paredes ou sobre a grade da varanda interna, pendendo do segundo andar. Sentamo-nos de pernas cruzadas, em almofadas. Duas mulheres ainda jovens trouxeram um samovar e xícaras, além do suporte para

a bandeja. Arrumaram tudo e nos serviram café. Davam risadinhas todas as vezes que olhavam para mim, desviando logo em seguida os olhos. Depois, deixaram-nos a sós.

— El-Marad tem três esposas — explicou Kamel. — A fé islâmica permite até quatro, mas acho que, na idade em que está, ele parou por aí. Ele deve ter quase oitenta anos.

— Quantas esposas você tem?

— Um ministro só tem direito a uma, pelas leis do Estado. Por isso, tenho de tomar muito cuidado para escolher.

Abriu outro sorriso largo, mas pude ver que ainda estava pouco à vontade. Aquela visita era difícil para ele.

— As esposas parecem ter me achado muito engraçada - comentei, apenas para dizer alguma coisa. — Riram muito, todas as vezes em que me olharam.

— Talvez nunca tenham visto uma mulher do Ocidente antes. Com certeza, nunca terão visto uma mulher de calças compridas. Devem estar morrendo de vontade de lhe perguntar um milhão de coisas, mas são tímidas demais.

Naquele instante, as cortinas da varanda interna afastaram-se e um homem alto, imponente, entrou no salão, com passos vigorosos. Tinha mais de um metro e oitenta, um nariz longo e adunco, como o bico de um falcão, sobrancelhas emaranhadas sobre os penetrantes olhos negros e uma profusão de cabelos escuros, entremeados de fios brancos. Usava um cafetã longo, listrado de vermelho e branco, feito de lã muito fina. Não aparentava mais de cinquenta anos. Kamel ergueu-se para recebê-lo e os dois se beijaram nas faces e levaram as pontas dos dedos às testas e aos peitos. Kamel recitou umas poucas palavras em árabe e o homem voltou-se para mim. Tinha uma voz mais aguda do que eu esperava, e falou baixo, quase em um sussurro:

— Sou El-Marad. Qualquer amigo de Kamel Kader é bem-vindo a minha casa.

Fez sinal para que eu me sentasse e sentou-se também, a minha frente, de pernas cruzadas sobre uma otomana baixa.

Não percebi nenhum sinal de tensão entre os dois homens, apesar do que me dissera Kamel. El-Marad ajeitou o manto ao redor

do corpo e encarou-me, interessado.

— Apresento-lhe Mademoiselle Catherine Velis — disse Kamel, de maneira delicada e formal. — É americana e veio realizar um trabalho para a OPEP.

— A OPEP... — repetiu El-Marad, baixando a cabeça em minha direção. — Por sorte não temos petróleo aqui nas montanhas, senão seríamos forçados a mudar nossos hábitos de vida, também. Espero que a senhorita seja feliz em nossa terra e que seu trabalho, se for esta a vontade de Alá, traga prosperidade a todos.

Ergueu a mão e a esposa principal entrou, trazendo consigo a menininha. Entregou a peça de xadrez ao marido, que a estendeu para mim.

— A senhorita trouxe um presente para minha filha, pelo que pude entender, isso me torna seu devedor. Por gentileza, escolha um tapete qualquer, entre os que estão nesta sala.

Tornou a levantar a mão, e mãe e filha desapareceram, tão silenciosamente quanto haviam entrado.

— Não, por favor! - respondi. - E apenas um brinquedo de plástico!

Ele manteve os olhos presos à peça e pareceu não me ouvir. De repente, voltou o rosto para mim, os olhos de águia brilhando por baixo de sobancelhas ameaçadoras:

— A Rainha branca! — disparou em um sussurro. Olhou rapidamente para Kamel e tornou a olhar para mim. — Quem a mandou aqui? E por que o trouxe? — apontou Kamel.

Fui apanhada de surpresa e procurei o olhar de Kamel. De repente, claro, entendi... Ele sabia por que eu estava ali. Talvez a peça de xadrez fosse uma senha qualquer de Llewellyn. Mas, se era assim, Llewellyn nunca se dera ao trabalho de me avisar.

— Desculpe! Sinto muitíssimo. — Tentei acalmar as coisas. — Um amigo meu, que tem um antiquário em Nova York, sugeriu que eu o procurasse. E Kamel teve a bondade de me trazer até aqui.

El-Marad ficou uns instantes em silêncio, olhando-me com o cenho cerrado. Brincava o tempo todo com a peça entre os dedos, como se desfiasse as contas de um rosário. Finalmente, voltou-se

para Kamel e disse qualquer coisa em berbere. O ministro levantou-se.

— Acho que vou dar um passeio, tomar um pouco de ar fresco — disseme ele. — Parece que El-Marad quer conversar em particular.

Sorriu, querendo demonstrar que não se incomodava com a indelicadeza do velho, e em seguida dirigiu-se a ele:

— Mas saiba que Catherine é dakhil-ak...

— Não é possível! — gritou El-Marad, levantando-se também. — É uma mulher!

— O que quer dizer isso? — perguntei.

Mas Kamel já saíra. Fui deixada a sós com o mercador de tapetes.

— Ele diz que você está sob sua proteção - respondeu El-Marad, depois de se certificar de que Kamel realmente se fora. — É uma formalidade beduína. Um homem perseguido tem o direito de se agarrar ao manto de outro homem, no deserto. A proteção passa a ser obrigatória, mesmo que não pertençam à mesma tribo. E muito raro que alguém ofereça tal proteção. Normalmente, pede-se, não se oferece... E nunca se oferece a uma mulher!

— Pode ser que ele tenha achado que me deixar sozinha com o senhor justifique medidas extremas...

El-Marad me olhou, espantado.

— Você deve ser muito corajosa, para fazer piadas em um momento como este. — Começou a andar ao redor de mim, avaliando-me com os olhos. — Ele lhe contou que fui eu que o eduquei, como a meu próprio filho? — Parou de andar e me dedicou outro daqueles olhares longos, cansativos. — Ele e eu somos nahnu malihin, pessoas obrigadas a dividir o sal. No deserto, repartir o sal com alguém vale mais que dar ouro de presente!

— Quer dizer que o senhor é mesmo beduíno... Conhece todos os costumes do deserto e nunca ri. Será que Llewellyn Markhan sabe disso? Acho que vou ter de lhe mandar uma carta, dizendo que os beduínos não se mostram tão gentis quanto os berberes.

El-Marad ficou pálido quando ouviu o nome. -Então foi ele quem a mandou! Por que não veio sozinha? Dei um suspiro e fixei os olhos na peça de xadrez, ainda nas mãos do velho.

— Por que o senhor não me diz onde estão? Sabe por que vim...

— Muito bem. — Sentou-se e projetou um pouco de café, a distância, do samovar para uma das pequenas xícaras. — Localizamos as peças e tentamos comprá-las... Mas não conseguimos nada. A mulher que as possui se recusa até mesmo a nos receber. Vive no casbá de Argel, apesar de ser muito rica. Não tem o Xadrez completo, mas acreditamos que possui muitas peças. Há modos de levantar o dinheiro necessário... Se você conseguir um encontro com ela.

— Por que ela se recusa a receber o senhor? — quis saber, quase repetindo a pergunta que fizera a Llewellyn.

— Vive num harém. Fica completamente segregada. A própria palavra harém significa "santuário proibido". Nenhum homem pode entrar lá, a não ser o amo.

— Então, por que não negocia com o marido?

— Já morreu — retrucou ele, colocando a xícara vazia na mesinha, com um gesto de impaciência. — Ele está morto e ela está rica. Os filhos dele a protegem, embora não sejam filhos dela. Não sabem que as peças estão com ela. Ninguém sabe!

— E como o senhor sabe? — Comecei a erguer a voz. — Escute aqui, aceitei fazer esse favor a um amigo, nada mais, o senhor não está ajudando em nada! Nem ao menos me deu o nome e o endereço da mulher!

— O nome é Mokhfi Mokhtar— retrucou ele, depois de outra longa pausa para me olhar detidamente. — Não há endereços no casbá, mas o lugar não é grande. Você não vai custar a encontrá-la. E, quando a encontrar, ela lhe venderá se você repetir a mensagem secreta que vou lhe ensinar. Todas as portas se abrirão com esta mensagem.

— Está bem — retruquei, impaciente.

— Diga-lhe que você nasceu em um dia santificado islâmico, no Dia da Cura. Diga-lhe que nasceu, pelo calendário ocidental, em um 4 de abril.

Foi minha vez de arregalar os olhos em silêncio. Senti o sangue gelar nas veias. O coração disparou. Nem Llewellyn sabia o dia de meu aniversário. Tentei parecer tão calma quanto possível.

— Mas por que devo lhe dizer isso?

— É o dia do aniversário de Carlos Magno — respondeu ele, em voz baixa. — O dia em que o Xadrez de Montglane foi exumado da terra. É um dia importante, que tem muitas associações com as peças que estamos procurando. Diz a lenda que a pessoa destinada a juntar todas as peças, a reuni-las todas, depois de tantos anos, terá nascido nesse dia. Mokhtar na certa não ignora, e vai recebê-la.

— O senhor a conhece pessoalmente?

— Só a vi uma vez, há muitos anos...

A expressão do rosto modificou-se com a lembrança. Comecei a me perguntar que tipo de homem era aquele — alguém que fazia negócios com um sujeito como Llewellyn... Alguém que Kamel acreditava ter roubado seu pai e talvez tê-lo mandado para a morte, mas que se incumbira de financiar sua educação, de tal forma que Kamel se transformara em um dos ministros mais influentes do país. Morava ali, como um eremita, a milhares de quilômetros de qualquer lugar civilizado, com sua coleção de esposas, mas mantinha contatos comerciais em Londres e em Nova York...

— Ela era muito bonita — continuou, de repente. — Já deve estar muito velha. Eu a conheci, sim, mas só por um momento. E sem saber que ela possuía as peças, que ela se transformaria na... Os olhos dela eram iguais aos seus. Lembro-me bem disso. — Pareceu sair de um transe e voltar rapidamente ao presente: — Era tudo o que você queria saber?

— Como faço para receber o dinheiro, se conseguir negociar a compra das peças?

— Deixe isso por nossa conta — respondeu, de forma indelicada. — Pode estabelecer contato comigo pela caixa postal. — Entregou-me um pedaço de papel com alguma coisa escrita. No mesmo instante, uma das esposas passou a cabeça pelo cortinado, e vimos que Kamel estava atrás dela.

— Acabaram de falar de negócios? - quis saber ele, entrando no salão.

— Perfeitamente — respondeu El-Marad, levantando-se e ajudando-me a também me erguer. — Sua amiga é uma negociadora duríssima. Convenceu-me de que faz jus ao al-basharah em relação

a outro tapete! Retirou de uma pilha dois tapetes de pelos de camelo. As cores eram muito bonitas.

— O que é isso a que faço jus? — perguntei, sorrindo.

— O presente a que tem direito o portador de boas notícias — explicou Kamel, pondo sobre o ombro os tapetes. — Posso saber quais boas novas ou isso também é segredo?

— Ela me trouxe notícias de um amigo. — A voz de El-Marad foi totalmente neutra. - Se vocês quiserem, posso mandar um menino com um burro, para ajudar.

Kamel disse que ficaria muito grato. El-Marad mandou chamar o garoto e nos acompanhou até a carroça.

— *Al-safar zafar!* — gritou, acenando.

— "A viagem é a vitória" — traduziu Kamel. — Um velho provérbio árabe. El-Marad está lhe desejando boa sorte.

— Não é bem o avarento que imaginei. Mas ainda não confio nele.

Kamel riu. Parecia mais relaxado, agora:

— Você joga bem esse jogo.

Meu coração perdeu o ritmo, mas continuei andando normalmente pela noite escura, dando graças a Deus por ele não poder ver meu rosto.

— O que você quer dizer com isso?

— Você conseguiu dois tapetes, de graça, do mercador mais astuto da Argélia! Se a notícia se espalhar, a reputação dele vai se arruinar...

Continuamos caminhando em silêncio, acompanhando os guinchos das rodas da carroça de burro à frente.

— Acho que deveríamos ir para o alojamento do ministério em Bouira, para passar a noite — disse Kamel. — Fica a uns quinze quilômetros daqui, e em nosso caminho mesmo. Lá encontraremos quartos decentes, e amanhã cedo podemos seguir de volta para Argel. A não ser que você prefira repetir a dose e enfrentar a estradinha esta noite mesmo...

- Nem pense nisso!

O alojamento devia ter banho quente e outros pequenos luxos de que eu não desfrutava havia meses. O El Riadh era um hotel bonito,

mas a beleza já perdera a graça, depois de dois meses de banhos frios em sopa de ferrugem.

Só quando estávamos instalados no carro, com os tapetes e tudo, e Kamel já despachara o garoto, com uma gorjeta, foi que, a caminho de Bouira, pude consultar meu dicionário, à cata de algumas palavras que tinham me intrigado.

E, como pensei, Mokhfi Mokhtar não era propriamente um nome. Significava "Eleita Secreta".

A TORRE

Alice: É uma imensa partida de xadrez, jogada sobre o mundo! [...] Oh, que delícia! Como eu gostaria de ser uma das peças! Não me importaria de ser um Peão, para poder entrar no jogo... Se bem que, claro, gostaria mais de ser uma Rainha. Rainha Vermelha: — Isso é fácil de se arranjar. Você pode ser o Peão da Rainha branca, se quiser, já que Lily ainda é muito criança para jogar. E você já começa na segunda casa. Quando chegar à oitava, se transforma em Rainha...

LEWIS CARROLL

Alice no país do espelho

A confusão maior começou na segunda-feira seguinte à viagem à Cabília. Na verdade, começou na noite da chegada, quando Kamel me deixou à porta do hotel e me deu uma informação como presente de despedida. Haveria uma conferência da OPEP, em breve, e ele pretendia apresentar as "descobertas" de meu modelo computadorizado. Só que eu não aprontara o modelo. Therese me ajudara, coletando mais de trinta fitas gravadas com dados sobre barris por mês por país. Mas eu ainda precisava formatar tudo e introduzir meus próprios dados em um programa, para chegar às tendências de produção, consumo e distribuição. Só então poderia elaborar um programa capaz de analisá-las... E deveria fazer tudo isso antes da tal conferência.

Por outro lado, quando se tratava da OPEP, ninguém sabia o significado da palavra "breve". O local e a data de cada conferência eram mantidos em absoluto segredo até a última hora, na crença de que isso causaria mais dificuldades aos terroristas que aos próprios ministros da organização. A temporada de caça aos membros da OPEP parecia no auge, e vários ministros já haviam sumido repentinamente nos últimos meses. Assim, a simples menção de Kamel ao planejamento de uma reunião já indicava a importância de

meu modelo. Ficou claro para mim que eu tinha de aprontar tudo a tempo.

Para piorar um pouco as coisas, quando cheguei ao centro de processamento de dados da Sonatrach, no alto das colinas centrais de Argel, encontrei um envelope oficial preso a minha mesa. Era do Ministério da Habitação: tinham finalmente conseguido um apartamento para mim. Poderia me mudar naquela noite mesmo. Ou melhor: tinha de me mudar naquela noite ou perderia o direito a ele. Alugar um imóvel não era fácil na Argélia. Eu esperara por aquela chance durante dois meses. O jeito era correr para o hotel, empacotar tudo e fazer a mudança no instante em que a campanha anunciasse o fim do expediente. Com tudo isso a providenciar, como arranjaria tempo para meu objetivo particular de procurar Mokhfi Mokhtar na casbá ?

O horário de trabalho em escritórios em Argel é de sete da manhã às sete da noite, mas há o costume de se trancar em edifícios durante as três horas dedicadas ao almoço e à sesta. Resolvi investir aquelas três horas para começar minha busca.

Como em todas as cidades árabes, a casbá de Argel é o bairro mais antigo, que no passado foi uma fortaleza fechada. A de Argel era um dédalo de vielas de calçamento de pedras e casas velhíssimas, também de pedras, sobre uma encosta íngreme. Embora com pouco mais de dois mil metros quadrados de área, era ocupada também por dezenas de mesquitas, cemitérios, casas de banhos e estonteantes escadarias, que pareciam brotar em cada esquina e ramificar-se como artérias. Quase vinte por cento da população de Argel morava naquela zona minúscula: figuras cobertas por mantos e véus, que entravam e saíam em silêncio de portas ocultas. Uma pessoa podia desaparecer de vez na casbá, sem deixar qualquer traço. Um lugar perfeito para a Eleita Secreta.

Infelizmente, um lugar perfeito também para a gente se perder. Apesar de gastar apenas vinte minutos andando do escritório até o Palais de la Casbah, a entrada superior, passei mais de uma hora como um rato no labirinto. Independentemente de quais ruelas eu decidisse subir ou descer, acabava voltando para o Cemitério das Princesas, em um loop perfeito. Cansei de pedir indicações às

peessoas sobre os haréns locais. Tudo o que consegui foram olhares vazios, sem dúvida efeito de drogas, uns poucos xingamentos obscenos e algumas instruções erradas. Quando ouviam o nome Mokhfi Mokhtar, as pessoas riam.

No final do período da sesta, exausta e de mãos vazias, dei uma passada pela Poste Centrale, para ver Therese. Era pouco provável que minha caça constasse da lista telefônica. Eu nem mesmo vira linhas telefônicas em minha caminhada pela casbá... Mas Therese conhecia todo mundo em Argel.

Bem, todo mundo menos a pessoa que eu procurava.

- Como é que alguém teria um nome tão ridículo? - perguntou, deixando os terminais apitando livremente enquanto me oferecia bombons. - Em todo o caso, foi bom ter vindo. Recebi um telex para você.

Começou a procurar entre uma pilha de papéis, na prateleira da mesa.

- Esses árabes! - resmungou. — Com eles, é tudo bad ghedoua, "depois de amanhã". Se tentasse mandar isso para você no hotel, seria uma sorte se chegasse daqui a um mês.

Finalmente achou o telex e passou-o para mim, com um gesto afetado. Baixou a voz em um sussurro e acrescentou:

— Mesmo vindo de um convento, acho que está em código!

A remetente era a irmã Maria Madalena, do convento de São Ladislaus, em Nova York. Ela demorara muito a escrever, sem dúvida! Dei uma olhada rápida no texto, exasperada com as gracinhas de Nim:

FAVOR AJUDAR PALAVRAS CRUZADAS NY TIMES PT QUASE
TUDO RESOLVIDO VG A NÃO SER 2PT CANTOR MEDIEVAL ALEMÃO
PT COMO OS OUTROS POR GODOT PT OS 39 DE JOHN BUCHAN PT
O DONO DAS SANDÁLIAS DO PAPA PT ESTADO DO REATOR COM
NÚCLEO EXPOSTO PT OBRA DE TCHAIKOVSKI PT NÚMERO DE
LETRAS ZPT 5 VG 9 VG 7 VG 8 VG 7 VG 9 PT. AGUARDANDO RESPOSTA
PT IRMÃ MARIA MADALENA VG CONVENTO DE SÃO LADISLAUS
NOVA YORK NY

Maravilha! Palavras cruzadas... Ele sabia que eu as odiava. Mandara aquilo só para me atormentar. Era justamente o que estava

faltando: outra charada amalucada do rei das trivialidades.

Agradei a Therese e deixei-a nos tentáculos da mesinha telefônica. Na verdade, acabei achando que meu talento para quebra-cabeças melhorara muito nos últimos tempos, porque lá mesmo, na Poste Centrale, já decifrara alguma coisa. "O dono das sandálias do papa", com oito letras, equivalia a "Pescador", já que os católicos consideram Pedro, um pescador, o primeiro papa. "Como os outros por Godot", com nove, só podia ser "esperando" — Esperando Godot é a obra mais conhecida de Samuel Becket. Concluí que o problema fora selecionado por estar ao alcance de meu reduzido nível cultural.

Mas, quando cheguei ao hotel à noite, encontrei outra surpresa. Lá estava, à meia-luz, bem na entrada do estacionamento, o Rolls Corniche azul-claro de Lily, rodeado de carregadores, garçons e boys, todos de olhos esbugalhados, acariciando os cromados e o painel de couro macio.

Passei depressa, tentando fingir que não tinha visto nada. Já havia mandado pelo menos dez telegramas para Mordecai nos últimos dois meses, pedindo pelo amor de Deus que não mandasse Lily para Argel. Mas o carro, evidentemente, não viera sozinho.

Quando fui pegar minha chave na recepção e avisar que estava fechando a conta, levei outro susto. Recostado no balcão, o atraente chefe da polícia secreta conversava tranquilamente com o recepcionista. Antes que eu pudesse sair de fininho, ele me reconheceu.

— Mademoiselle Velis! — Mais um sorriso de astro de cinema.

- A senhorita chegou bem a tempo de nos ajudar em uma pequena investigação. Talvez tenha notado que há um carro pertencente a um compatriota seu no estacionamento...

— Que estranho! Aquele carro me pareceu britânico — falei em voz neutra, recebendo a chave do rapaz.

— Mas a placa é de Nova York. — Sharrif ergueu uma sobrancelha.

— Nova York é uma cidade muito grande...

Tentei ir andando para o quarto, mas o policial não terminara o interrogatório.

— Quando passou pela alfândega, hoje à tarde, foi registrado em seu nome. E as instruções foram para que o trouxessem até seu endereço. Será que a senhorita poderia explicar melhor?

Merda! Jurei estrangular Lily na primeira oportunidade!

— Que formidável! Um presente anônimo, de algum vizinho em minha cidade! Bem que eu estava precisando de um carro... É tão difícil alugar um, por aqui.

Pensei em seguir para o jardim, mas Sharrif não costumava largar suas presas tão facilmente.

— A Interpol está verificando o número da licença para nós.

- Quase teve de correr, para se manter a meu lado. - Achei muito estranho a pessoa pagar uma taxa devida em dinheiro... O valor é de cem por cento do preço do carro! E, ainda por cima, mandar entregá-lo a alguém que nem ao menos conhece... Quem o trouxe para cá foi um vagabundo conhecido nosso, pago, evidentemente, para fazer isso. Ainda por cima, não há nenhum outro americano registrado no hotel, a não ser a senhorita.

— Eu não estou mais. — Deixei a alameda, pisando duro nas pedrinhas do chão do jardim. - Estou saindo dentro de meia hora, para ir morar no Sidi-Fredj, como, aliás, seus jawasis com certeza já lhe avisaram.

Jawasis quer dizer, mais ou menos, "espiões", "*alcaguetes*". A alfinetada não passou em branco. Sharrif enrugou a testa e me segurou pelo braço. Parei, olhei com desprezo para a mão que me prendia o cotovelo e soltei-me com um safanão.

— Meus agentes já revistaram seu quarto à procura de visitantes.

— Continuava um chato em relação ao valor semântico das palavras.

— Já verificaram também todas as listas de entrada de estrangeiros por intermédio de Argel e Oran. Estamos aguardando as listas dos outros postos de entrada no país. Temos fronteiras com sete outros países do Norte da África. Não seria mais simples se a senhorita nos dissesse a quem pertence o carro?

— Que ideia é essa? — Comecei a andar de novo. — Se o imposto foi pago e a papelada está em ordem, não vou investigar quem me deu o presente! E que diferença pode fazer para você

quem trouxe ou mandou o carro? Há algum limite para importações de veículos, neste país que não fabrica carro algum?

Ele se complicou com a pergunta. Já ficara abalado com minha certeza de que seus jowasis me seguiam por toda a parte, fazendo relatórios a cada espirro que eu dava. Na verdade, o que eu queria era mesmo complicar as coisas para ele, para ganhar tempo até encontrar Lily. Mas, se ela não estava em meu quarto nem tinha se registrado no hotel, onde teria se metido? A resposta veio no mesmo instante.

Do outro lado da piscina, por trás do minarete decorativo que separava a praia do terreno do hotel, ouvi o som suspeito e familiar de patinhas caninas arranhando o portão de madeira, acompanhado de um rosnado meio engasgado em baba. Quem já escutara aquilo uma vez nunca esqueceria.

Vi o portão entreabrir-se, à luz difusa da piscina, e logo em seguida o ataque feroz de uma bolota de pelos. A coisa contornou a piscina, à velocidade máxima, e voou em nossa direção. Mesmo à luz do dia, seria difícil identificar que tipo de animal era Carioca. Fiquei parada, apreciando a paralisia de Sharrif, que olhava aquele estranho bólido projetar-se contra sua meia de seda e afinal lhe cravar com gosto os dentes. O policial soltou um grito apavorado, pulando em uma perna só, tentando se livrar dos dentes firmemente presos à outra. Peguei o cãozinho com um mergulho rápido e agarrei-o junto ao peito. Carioca contorceu-se todo para lambe meu queixo.

— Que diabo é isto? — berrou Sharrif, olhando fixamente o pequeno monstro peludo.

— E o dono do carro — respondi, com um suspiro, compreendendo que a farsa terminara. - Você quer conhecer a esposa dele?

Sharrif seguiu-me, mancando e puxando a bainha da calça, tentando avaliar o prejuízo causado à barriga da perna.

— Essa criatura terá sido vacinada? Animais que atacam as pessoas geralmente estão doentes!

— Não, acho que ele não é portador de raiva. É só um crítico muito severo.

Atravessamos o portão e subimos a escada escura do minarete, até o segundo andar. Chegamos a um salão grande, com janelas amplas e almofadas em toda a volta das paredes. Lily parecia um paxá, derramada entre almofadas, com os pés para cima, grossos chumaços de algodão separando os artelhos, esforçando-se para aplicar camadas e mais camadas de esmalte vermelho berrante nas unhas pequenas. Usava um vestido que terminava em uma microssaia estampada com poodles cor-de-rosa. Lançou-me um olhar de gelo por baixo da franja do permanente loiro, que lhe chegava quase até o nariz. Carioca começou a ganir e latir, querendo ir para o chão. Dei-lhe um apertão e ele calou a boca.

— Até que enfim! - começou ela, indignada. - Você não vai acreditar no que enfrentei para chegar aqui!

Dardejou um olhar pouco amistoso para Sharrif, por cima de meus ombros.

— E você ainda reclama porque teve problemas?! — retruquei. — Permita que apresente meu acompanhante: Sharrif, chefe da polícia secreta.

Lily deu um suspiro profundo.

— Quantas vezes vou ter de repetir? Não precisamos da polícia. Podemos perfeitamente tomar conta de tudo sozinhas...

— Ele não é da polícia — interrompi. — É da polícia secreta.

— E o que isso quer dizer? Que ninguém pode saber que ele é da polícia? Merda! Borrei os dedos do pé!

Começou a se esforçar com os chumaços de algodão, tentando limpar a bagunça que fizera. Joguei Carioca em seu peito e ela tornou 408 a me encarar, furiosa.

Sharrif, em pé a meu lado, estendeu-lhe a mão.

— Posso ver seus documentos, por favor? Não recebi nenhum relatório sobre sua entrada no país, seu caríssimo carro foi registrado em nome de terceiro e seu animal constitui uma evidente ameaça à segurança pública.

— Ah, vá tomar uma dose de laxativo para ver se fica melhor! Lily jogou Carioca no chão e levantou-se, olhando Sharrif bem nos olhos.

— Paguei com as tripas para entrar com o carro neste país! E como é que você sabe que entrei ilegalmente? Você nem sabe quem eu sou!

Lily andou de um lado para o outro sobre os calcanhares, com os dedos dos pés elevados para que o esmalte secasse. Retirou uma pilha de documentos de uma cara bolsa de couro e sacudiu-os em frente do rosto de Sharrif. O policial tomou-os com raiva. Carioca latiu.

— Fiz uma escala nesta porcaria de país, a caminho da Tunísia. Acontece que sou Mestre de Xadrez e pretendo disputar um torneio importante!

— O próximo torneio de xadrez na Tunísia vai ser em setembro

— contrapôs Sharrif, examinando o passaporte. Olhou-a com ar desconfiado: - Seu sobrenome é Rad... Por acaso é parente de...

— Sou!

Lembrei que Sharrif era maluco por xadrez. Sem dúvida já devia ter ouvido falar de Mordecai. Talvez tivesse até lido seus livros.

— Seu passaporte não está com o visto de entrada na Argélia. Vou ficar com ele até investigar melhor toda essa história. Enquanto isso, não deixe o recinto do hotel.

Saiu pisando duro e bateu com força a porta do andar térreo.

— Não há dúvida: você faz amizades rapidamente, no estrangeiro — comentei.

Ela tornou a sentar-se nas almofadas, perto da janela.

— E agora? O que vai fazer, sem o passaporte? — perguntei.

— Eu tenho outro — resmungou, começando a retirar os chumaços de algodão dos dedos dos pés. — Nasci em Londres, minha mãe era inglesa. Súditos britânicos têm dupla nacionalidade, como você sabe.

Não sabia, mas tinha perguntas mais importantes a fazer.

— Por que você registrou o raio do carro em meu nome? E como entrou no país sem passar pela imigração?

— Aluguei um hidroavião em Palma. Eles me deixaram aqui, na beira da praia. Precisei do nome de um morador do país para o registro do carro, porque vou usá-lo, mais tarde. Mordecai mandou que eu chegasse no país da maneira mais discreta possível.

— Você conseguiu exatamente isto! Duvido que alguém desconfie de que você está aqui, a não ser todo o departamento de imigração, a polícia de todas as fronteiras, a polícia secreta e, talvez, o presidente do país! E que diabo você veio fazer? Ou será que Mordecai esqueceu de explicar justamente isso?

— Ele me disse que era para vir ajudar você. E disse também que Solarin ia disputar um torneio na Tunísia. Estou morrendo de fome. Será que você consegue um cheeseburger para mim, ou então alguma coisa mais substancial? Parece que não tem serviço de copa por aqui. Não tenho nem mesmo um telefone neste quarto!

— Vou ver o que posso fazer. Mas estou saindo do hotel agora. Consegui um apartamento no Sidi-Fredj, a meia hora a pé, pela praia. Vou aproveitar o carro para levar minhas coisas e arrumar um jantar para nós duas. Daqui a uma hora, mais ou menos, vai estar escuro. Saia de fininho e caminhe pela praia. O exercício vai lhe fazer bem.

Lily concordou, ainda que de má vontade. Saí com as chaves do Corniche no bolso e fui empacotar a bagagem. Estava tranquila a respeito da situação ilegal em que ela se encontrava — sabia que Kamel podia dar um jeito naquilo. Se estava condenada à companhia dela, pelo menos tinha a compensação de dispor de um carro. Além disso, não ouvira uma só palavra de Mordecai, desde aquele bilhete misterioso sobre o Jogo e a vidente. Precisava dar uns apertões em Lily para descobrir o que mais ela sabia a respeito de toda aquela história.

O apartamento do ministério em Sidi-Fredj era uma maravilha com dois cômodos de tetos abobadados e chão de mármore, completamente mobiliado. Tinha até roupa de cama, sem contar a varanda com vista para o porto e o Mediterrâneo. Uma gorda gorjeta foi o bastante para garantir que o restaurante ao lado mandasse comida e vinho para o apartamento. Sentada em uma espreguiçadeira da varanda, resolvi decifrar as palavras cruzadas de Nim, enquanto aguardava a chegada de Lily. Coloquei em ordem os conceitos:

— Cantor medieval alemão — 5 letras

— Como os outros por Godot— 9 letras

- Os 39 de John Buchan —7 letras
- O dono das sandálias do papa — 8 letras
- Estado do reator com núcleo exposto —7 letras
- Obra de Tchaikovski —9 letras

Eu não pretendia gastar com aquilo o mesmo tempo que dispensara ao guardanapo de papel da vidente, mas levava, desta vez, a vantagem da formação musical. Só havia dois tipos de trovadores medievais alemães: Meistersingers e Minnesingers. Com cinco letras, não era difícil. Eu conhecia, também, tudo que Tchaikovski compusera — e não havia muitas obras com nove letras. Quanto ao escritor John Buchan, seu único livro de que ouvira falar era justamente Os trinta e nove degraus.

A primeira versão ficou assim: "Minne Esperando Degraus Pescador Fundido Joana d'Arc." Não estava mal. Mas não gostei de "Fundido". Aliás — lembrei de repente —, o estado de um reator com o núcleo exposto é chamado de "Crítico", que também tem sete letras.

Melhor, bem melhor, concluí mentalmente.

A mensagem passou a ser: "Minne Esperando Degraus Pescador. Crítico!" Sobrou "Joana d'Arc", que não entendi bem o que tinha a ver com o resto. Mas havia em Argel um lugar chamado Escaliers de la Pêcheurie — com boa vontade, "Degraus do Pescador". Uma consulta rápida a minha agenda revelou Minnie, amiga de Nim e esposa do cônsul holandês, que ele recomendara como possível auxílio em caso de necessidade, morava exatamente na Escaliers de la Pêcheurie, no número 1. Eu não sentia necessidade, mas parecia crítico, para ele, que a encontrasse. Fiz um esforço para lembrar o enredo de Joana d'Arc, de Tchaikovski, mas tudo o que me veio à cabeça foi a cena da santa na fogueira. Desejei sinceramente que Nim não estivesse se referindo àquilo em relação a meu destino.

Eu conhecia os "Degraus do Pescador" — uma infundável escadaria que começava no Bulevar Anatole France e ia até a Rua Bab el Oued, ou "portão do rio". A mesquita do Pescador ficava no topo, bem na entrada da casbá, mas nada ali parecia sugerir o ambiente de um consulado, holandês ou não. Au contraire, o pessoal diplomático se instalara em uma região residencial, do outro lado da

cidade. Deixei a varanda, peguei o telefone e disquei para Therese, que ainda devia estar de serviço.

— Claro que conheço Madame Renselaas! — gritou ela, com sua voz rouca. — Todo mundo em Argel a conhece. É uma senhora encantadora. Costumava me trazer chocolates e aquelas balinhas holandesas que têm uma flor no centro. Ela foi esposa do cônsul holandês.

— Foi? Não é mais?

— Ah, estou falando de coisas anteriores à revolução. O marido morreu há mais de dez anos. Uns quinze, talvez. Mas ela ainda deve estar aqui. Só que não tem telefone, senão eu saberia o número.

— Como posso encontrá-la?

Tive de gritar. A distância entre nós era de uns poucos quilômetros, mas a ligação parecia intercontinental. Não havia por que me preocupar com gravadores ou aparelhos "grampeados": nossa conversa praticamente podia ser ouvida ao vivo lá do porto.

— Só tenho o endereço: número 1, Degraus do Pescador. Mas não existe nenhuma casa perto da mesquita.

— Lá não há numeração nas casas. Você tem certeza de que o endereço está escrito assim mesmo?

— Vou ler para você: "Wahad, Escaliers de la Pêcherie."

— Wahad de fato significa "o número um", mas neste caso não se trata de endereço. Indica uma pessoa: o guia turístico daquela área da casbâ. Você conhece a banca de flores ao lado da mesquita? Fale com o homem da banca e ele manda chamar Wahad. Por cinquenta dinares, Wahad a conduz por um passeio turístico. É uma coincidência engraçada... Wahad é o nome dele e também quer dizer "o número um"!

Therese desligou antes que eu tivesse tempo de perguntar por que seria preciso um guia turístico para visitar Minnie. Mas, ao que tudo indicava, as coisas eram sempre muito peculiares em Argel.

Quando começava a planejar a excursão do horário do almoço do dia seguinte, ouvi o ruído de unhas caninas sobre o chão de mármore do saguão, do lado de fora. Após uma batida na porta, Lily entrou como um rojão. Ela e Carioca foram diretamente para a

cozinha, de onde vinha o aroma do jantar que eu já pusera para esquentar: Rouget grelhado, ostras em banho-maria e cuscuz.

— Preciso de comida! — gritou ela.

Quando consegui chegar lá, Lily já tirara as tampas das panelas e servia-se com os dedos.

— Não preciso de pratos — explicou, atirando pedaços para Carioca, que também parecia faminto.

Suspirei e fiquei assistindo ao repasto. Vê-la comer era uma experiência que sempre me tirava o apetite.

— Por que Mordecai mandou você para cá? Cansei de escrever pedindo a ele que não fizesse isso!

Lily voltou-se para mim, arregalando os olhos cinzentos. Um pedaço de carneiro do cuscuz pingava gordura no chão, entre seus dedos.

— Você deveria ter ficado encantada! Acontece que resolvemos todo o mistério em sua ausência.

— Então me conte.

Não muito impressionada, fui abrir uma garrafa de excelente vinho tinto argelino.

— Mordecai estava tentando comprar umas peças de xadrez, raras e caríssimas, para um museu. Mas Llewellyn descobriu e começou a atrapalhar as negociações. Mordecai desconfia que ele subornou Saul para espionar e obter mais informações. Quando Saul ameaçou contar tudo, Llewellyn entrou em pânico e pagou alguém para matar Saul.

Lily parecia feliz da vida com a explicação.

— Ou Mordecai está mal informado ou está tentando pôr você na pista falsa — redargui. - Llewellyn não teve nada a ver com a morte de Saul. Foi Solarin quem o matou. Ele mesmo me disse, aqui na Argélia.

Lily largou dentro da panela de cuscuz a ostra que ia levar à boca. Pegou o copo de vinho e bebeu um grande trago.

— Vamos tentar de novo, mais devagar...

Contei-lhe toda a história, sem omitir nada. Como Llewellyn me incumbira de obter as peças, a mensagem que a vidente ocultara na profecia, o bilhete em que Mordecai dizia conhecer a vidente, Solarin

aparecendo de repente na Argélia e descrevendo como Saul matara Fiske e tentara matá-lo também. Tudo por causa das peças. Conteí que eu acreditava haver uma fórmula escondida no Xadrez que todo mundo procurava. Concluí com a narração da visita ao mercador de tapetes, o amigo de Llewellyn, e sua história sobre Mokhfi Mokhtar.

Quando terminei, Lily continuava de boca aberta. E não comera nada enquanto eu falava!

— Por que você não me contou tudo isso antes?

Carioca, deitado de costas, agitava as patas no ar, fingindo-se de doente. Peguei-o e botei-o na pia, com a torneira um pouco aberta para que ele pudesse beber água.

— Só descobri a maior parte depois que cheguei aqui. E a única razão de ter contado tudo agora é esta: preciso de sua ajuda em algo que não posso fazer sozinha. Essa complicação toda parece uma partida de xadrez, com outras pessoas fazendo os movimentos. Não tenho a menor ideia de como se joga, mas você é uma especialista. Preciso conhecer o Jogo, para encontrar as peças.

— Você deve estar brincando! Uma partida de xadrez de verdade, com pessoas servindo de peças? Cada pessoa assassinada... seria uma peça tomada!

Foi até a pia e escancarou a torneira, encharcando Carioca. Pegou-o, pingando água, debaixo do braço e foi para a sala. Segui atrás dela, com a garrafa e os copos. Pelo jeito, esquecera-se da comida. Ficou andando de um lado para outro.

— Quer saber de uma coisa? Se conseguíssemos identificar as peças, talvez pudéssemos desvendar a coisa toda. Eu sou capaz de olhar para um tabuleiro, mesmo com a partida já no meio, e reconstituir todos os movimentos passados. Por exemplo: posso perfeitamente garantir que Saul e Fiske eram peões...

— Como você e eu — aduzi.

Os olhos dela brilhavam, parecendo os de um perdigueiro que farejou á raposa. Poucas vezes a vi tão excitada.

— Llewellyn e Mordecai devem ser peças nobres...

— Hermanold também — acrescentei, depressa. — Foi ele quem atirou em nosso carro.

— Não podemos esquecer Solarin. Acho que, se a gente reconstituir tudo com cuidado, lembrando bem a ordem dos acontecimentos, sou capaz de reproduzir tudo num tabuleiro e chegar a uma conclusão qualquer.

— Talvez seja melhor você ficar aqui hoje à noite — sugeri.

— Sharrif pode mandar seus rapazes ao hotel, para prendê-la, quando tiver provas de que você entrou ilegalmente no país. De manhã, tento contrabandear-la para o centro da cidade. Kamel, meu cliente, deve dar um jeito na situação, para que você não vá parar na cadeia. Enquanto isso, trabalhamos no mistério.

Passamos metade da noite relembrando os acontecimentos, movimentando peças de xadrez no tabuleiro portátil, com um palito de fósforo no papel da Rainha branca. Mas Lily frustrou-se.

— Se pelo menos tivéssemos um pouco mais de informações...

— reclamou, quando o céu já começava a clarear.

— Para dizer a verdade — admiti —, acho que tenho um meio de conseguir mais... Um amigo muito íntimo está me ajudando nesta charada, quando consigo falar com ele. E um gênio em processamento de dados e muito bom em xadrez, também. Tem uma amiga aqui em Argel, a viúva do cônsul holandês, que conhece muita gente importante. Vou tentar um encontro com ela amanhã. Se conseguirmos resolver o problema de seu visto de entrada, você pode ir comigo.

Em La Darse, o píer da parte noroeste do porto, atracam os barcos de pesca. É uma longa extensão de pedras, que liga a terra à pequena ilha que deu o nome a Argel — Al-Djezair.

Lá ficava o estacionamento do ministério. A vaga de Kamel estava vazia e coloquei nela o enorme Corniche, com um bilhete no para-brisa. Fiquei me sentindo um pouco espalhafatosa, com o claro conversível em meio a todas aquelas limusines pretas, mas era melhor que deixá-lo no meio da rua.

Lily e eu caminhamos pela beira do mar, pelo Bulevar Anatole France. Atravessamos a Avenue Ernesto Che Guevara e começamos a subir a escadaria. A menos de um terço do caminho, Lily sentou-se nos frios degraus de pedra, pingando suor, embora o ar da manhã ainda estivesse fresco.

— Você está tentando me matar — protestou, sem fôlego.

— Que diabo de lugar é este? As ruas são verticais! Deveriam demolir tudo e construir a cidade de novo!

— Eu acho Argel linda.

Puxei-a pelo braço. Carioca também se sentara ao lado dela, com a língua de fora.

— Além disso, não há lugar para estacionar perto da casbá. Vamos embora! — insisti.

Depois de muitas reclamações e paradas para descanso, conseguimos chegar ao topo, onde a sinuosa Bab el Oued separava a mesquita do Pescador do resto da casbá. A esquerda, vimos a espaçosa Place des Martyrs, com bancos ocupados por idosos. Ali ficava a banca de flores citada por Therese. Lily desabou em um banco desocupado.

— Estou procurando por Wahad, o guia turístico — disse eu ao vendedor mal-encarado.

Ele olhou-me de alto a baixo e agitou a mão. Um menino sujo, vestido em trapos, tendo nos lábios um cigarro cheirando a maconha, veio correndo.

— Cliente para você, Wahad — disse o florista.

— É você o guia? — perguntei, espantada.

A criaturinha imunda não podia ter mais de dez anos, mas parecia decrépito, com o rosto envelhecido, sem falar nos piolhos. Coçou-se, cuspiu nos dedos para apagar o cigarro, e guardou a guimba atrás da orelha.

— Cobro cinquenta dinares para mostrar a casbá. Para a cidade inteira, cem.

— Não quero passear. — Puxei a camisa rasgada e imunda com a ponta dos dedos, para afastá-lo um pouco dali. — Estou procurando a senhora Renselaas. Minnie Renselaas, viúva do cônsul holandês. Um amigo me disse que...

— Eu sei quem é — respondeu, apertando os olhos quase vultosos para me examinar melhor.

— Pago para você me levar até lá. Cinquenta dinares, você disse, não foi?

— Ninguém visita aquela senhora, a não ser que ela me avise antes. Você tem um convite, ou qualquer coisa assim?

Convite? Sentime uma idiota, mas tirei da bolsa o telex de Nim e o mostrei ao garoto, achando que talvez funcionasse. Ele ficou olhando um tempão, segurou-o em várias posições diferentes. Finalmente respondeu:

— Não sei ler. O que diz?

Expliquei que um amigo me mandara a mensagem em código: Minnie estava a minha espera nos Degraus do Pescador, e era importantíssimo que eu a visse.

— Só isso? — Fez a pergunta como se aquela conversa de loucos fosse rotina de seu dia a dia. — Não tem mais nada? Algo como uma senha...

— Joana dArc! A mensagem também diz "Joana dArc".

— Não. Não é a palavra certa.

Tirou o cigarro da orelha e acendeu-o de novo.

Procurei Lily com o olhar. Ainda refestelada no banco, olhou-me como se eu houvesse enlouquecido. Vasculhei a memória à procura de outra obra de Tchaikovski que tivesse nove letras. Era claro que aquela era a senha. Não me lembrei de nenhuma. Wahad continuava examinando o telex.

— Números eu sei ler. Isto aqui é um número de telefone. Olhei o papel e entusiasmei-me. Nim tinha passado também um número de telefone, com todos os seis dígitos.

— E o telefone dela! Podemos telefonar e dizer...

— Não... — interrompeu Wahad, com ar de mistério. — Não é o telefone dela. É o meu.

-O seu?

Meu grito saiu alto. Tanto Lily quanto o florista nos olhavam, atentos, e começaram a estranhar aquela situação.

— Isto prova que...

— Só prova que alguém sabe que eu conheço a senhora Renselaas. Mas não vou sair atrás dela, a não ser que você diga a palavra certa.

Filho da puta teimoso! Comecei a xingar Nim, também, mentalmente, por ser sempre tão enigmático. E, de repente,

lembrei. A outra ópera de Tchaikovski que tinha nove letras: "A Dama das Espadas". Pelo menos tinha nove letras em francês. Lily chegou até nós justo no momento em que eu agarrava Wahad pelo colarinho.

— Dame Pique! — gritei.

O garoto endereçou-me um sorriso de dentes tortos.

— É isso aí, madame. A Rainha preta. — Esmagou o toco de cigarro no chão e fez sinal para que o seguíssemos, atravessando a Bab el Qued e penetrando na casbá.

Wahad nos conduziu por becos e vielas íngremes que eu não teria descoberto sozinha. Lily vinha atrás de nós, resfolegando e gemendo. Peguei Carioca e enfiei-o na bolsa, pois não aguentava mais seus ganidos. Depois de meia hora de curvas, subidas e descidas, chegamos afinal a uma rua sem saída, ladeada por muros altos de tijolos que não deixavam o sol entrar. Wahad parou, para dar chance a Lily de se aproximar. Senti um arrepio na espinha. Tive a sensação de que já estivera ali antes. De repente, percebi por quê: era o cenário do sonho que tivera na noite passada na casa de Nim, quando acordara suando frio. Fiquei apavorada. Agarrei Wahad pelo ombro.

— Para onde você está nos levando?

— Venha atrás de mim.

Abriu uma pesada porta de madeira, quase invisível no paredão de tijolos. Dei uma olhada e uma sacudidela de ombros na direção de Lily. Entramos todos. Demos com uma escada escura, que mais parecia descer para um calabouço.

— Você sabe o que está fazendo? — perguntei a Wahad, já meio desaparecido na escuridão.

— Como é que vamos saber se não estamos sendo sequestradas? — sussurrou Lily.

Manteve a mão em meu ombro, para se orientar. Carioca gania baixinho, dentro da bolsa.

— Ouvi dizer que as loiras alcançam um bom preço no mercado de escravas brancas...

— Cale a boca e pare de empurrar — respondi, pensando que, no caso dela, poderiam obter o dobro do preço, se calculassem com

base no volume.

Eu também estava com medo. Sabia que não sairíamos dali sem ajuda. Wahad nos esperava no fim da escada, como descobri quando esbarrei nele. Lily continuava agarrada a meu ombro. Ouvimos o garoto abrindo uma fechadura e uma porta entreabriu-se, deixando passar um feixe de luz.

Wahad me empurrou para dentro de uma espécie de porão avantajado, onde uns quinze homens sentados em almofadas, no chão, jogavam dados. Uns poucos levantaram os olhos opacos em nossa direção, mas ninguém fez qualquer menção de impedir nossa passagem pelo aposento enfumaçado.

— Que cheiro horrível é este? — quis saber Lily, ainda cochichando. — Parece carne podre!

— Haxixe — respondi, também em um sussurro, olhando de relance as bacias cheias de água, os homens que aspiravam tubos de borracha e continuavam a rolar os dados de marfim.

Aonde Wahad nos levava?! Atravessamos o porão atrás dele, chegamos a uma porta que se abria para uma passagem íngreme e escura, e alcançamos os fundos de uma lojinha cheia de pássaros: centenas deles, empoleirados em galhos, dentro de viveiros.

A luz de fora só conseguia penetrar por uma janela grande, semicoberta por ramos de videira. Pingentes de vidro de candelabros refletiam-na, como prismas, projetando dourados, verdes e azuis nas paredes e nos rostos cobertos de véus de meia dúzia de mulheres que ocupavam a loja. Da mesma forma que os homens lá de baixo, elas nos ignoraram, como se não passássemos de parte da decoração do lugar.

Wahad me empurrou pelo labirinto de viveiros até um pequeno arco, na parede mais afastada, que dava para um corredor estreito. Aquela era a única entrada possível. Paredes altas, sólidas e cobertas de musgo fechavam a passagem. No outro extremo, havia uma porta pesada.

Wahad puxou uma corda pendurada ao lado da porta. Demorou muito até que alguma coisa acontecesse. Olhei para Lily, ainda agarrada a meu ombro. Ela parecia ter prendido a respiração e seu

rosto estava branco como o de um cadáver — da mesma cor do meu, na certa. Meu sentimento de insegurança já beirava o terror.

O rosto de um homem apareceu no postigo. Encarou Wahad sem uma só palavra. Em seguida, olhou para Lily e para mim, um pouco atrás do menino. Até Carioca ficou em silêncio.

- Mokhfi Mokhtar - murmurou Wahad. - Eu trouxe a mulher para ela.

Atravessamos a maciça porta de madeira, demos em um jardinzinho convencional, cercado por muros de tijolos. O chão era calçado de azulejos brilhantes, que formavam diversos desenhos. Não consegui ver um só que se repetisse. Algumas fontes murmuravam suavemente entre a folhagem também variada. Pássaros cantavam e arrulhavam na luz difusa, irregular. Na parede dos fundos, havia um painel de vitrais, parcialmente coberto por videiras. Através dele, distingui um aposento ricamente decorado com tapetes marroquinos, arcas chinesas e requintadas peças de madeira e couro.

Wahad saiu pela porta atrás de nós, em silêncio. Lily voltou-se com rapidez, gritando:

— Não deixe aquele desgraçadinho escapar! Nunca mais vamos conseguir sair daqui!

Mas era tarde; o menino já desaparecera. O homem que nos admitira também sumira. Ficamos sozinhas, abandonadas naquele jardim, com a luz fraca, o ar fresco e os cheiros das folhas e flores. Comecei a me sentir como em uma espécie de transe, embalada pelo som das fontes, que ecoava nas paredes úmidas, semicobertas pelo musgo.

Percebi um vulto se movimentando por trás das ramagens e dos vitrais. Lily agarrou minha mão. Indefesas, entre as fontes, observamos a silhueta prateada que se deslocava por trás das janelas e se dirigia ao jardim. Finalmente, ela chegou. Mesmo naquela luz esverdeada, pudemos ver que era uma mulher bonita, esguia, com um manto quase transparente, cujo tecido como que sussurrava a cada movimento. Seu cabelo macio esvoaçava sobre o rosto semiculto por véus, qual asas de pássaros. Quando falou, sua

voz se revelou doce e suave como o som de um regato deslizando por um leito de pedras: — Sou Minnie Renselaas.

Parecia um fantasma em pé a nossa frente, à luz difusa e ilusória. Mas, antes mesmo que ela retirasse o véu prateado que lhe encobria metade do rosto, eu já a reconhecera: era a vidente!

A MORTE DOS REIS

Em nome de Deus, sentemos em terra
E narremos tristes histórias de reis desaparecidos
Como foram destronados uns, mortos outros na guerra;
Perseguidos estes pelas sombras dos que depuseram;
Envenenados aqueles pelas esposas; mortos durante o sono;
Todos assassinados. Porque o círculo oco
Que cinge as têmporas mortais de um rei
A morte mantém sua corte... e, com um pequeno alfinete,
Atravessa as paredes de seu castelo e adeus rei!*

WILLIAM SHAKESPEARE

Ricardo II, Terceiro Ato, Cena II

William Shakespeare. Obra completa. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Companhia José Aguillar Editora, Rio de Janeiro, 1969.

PARIS

10 DE JULHO DE 1793

Sob as frondosas castanheiras da entrada do jardim de Jacques-Louis David, Mireille olhava para dentro do portão gradeado de ferro. Vestia um longo *haik* negro e tinha o rosto oculto por um véu de musselina. Parecia um dos modelos típicos dos quadros exóticos do famoso pintor. E, o mais importante, ninguém seria capaz de reconhecê-la naquelas roupas. Empoeirada, exausta da árdua viagem, puxou a corda e ficou ouvindo a campainha ecoar no interior da casa.

Recebera notícias da abadessa havia menos de seis semanas e percebera o tom de urgência e repreensão. A carta demorara bastante para alcançá-la: fora remetida para a Córsega e só então redespachada pelo único membro da família de Napoleão e Elisa que não fugira da ilha: a velha avó Ângela-Maria di Pietra-Santa.

O conteúdo era uma ordem: tinha de voltar imediatamente para a França:

Quando soube de sua saída de Paris, passei a temer não apenas por você, mas também pela sorte daquilo que lhe foi confiado por Deus — responsabilidade que temo tenha sido menosprezada. Entrego-me ao desespero quando penso em suas irmãs que podem ter fugido para Paris, à procura de ajuda, quando você já não estava lá. Creio que sabe bem a que me refiro.

Quero que você lembre de que estamos enfrentando adversários poderosos. Eles não se deterão frente a nada, na busca de seus objetivos, e se organizaram ainda mais enquanto éramos espalhadas pelos ventos do destino. É chegada a hora de tomarmos as rédeas em nossas próprias mãos, de invertermos a nosso favor o curso da maré, de reunirmos o que o fado espalhou.

Peço-lhe que se dirija de imediato a Paris. Providenciei para que alguém de seu conhecimento fosse lá aguardá-la, com instruções específicas a respeito de sua missão, cuja importância é crítica.

Meu coração encontra o seu na dor pela perda de sua querida prima. Que Deus a ajude em sua missão.

Nenhuma data, nenhuma assinatura. Mireille percebeu que a remetente era a abadessa, mas não pôde fazer ideia de quando ela teria escrito. Apesar de magoada pela acusação de não ter cumprido a missão, compreendeu o significado da carta. Outras peças estavam sob ameaça, outras freiras corriam perigo. O inimigo era o mesmo que destruíra Valentine. Precisava voltar a Paris.

Shahin concordou em acompanhá-la até o mar. Mas Charlot, o filho de apenas um mês de idade, ainda era novo demais para enfrentar a jornada. Pessoas de Djanet ligadas a Shahin juraram tomar conta do menino até que ela voltasse, pois já consideravam aquele bebê de cabelos ruivos o profeta predito. Depois da dor da despedida, Mireille deixara-o nos braços de outra mulher e partira.

Levaram vinte e cinco dias para atravessar Deban Ubari, o extremo do deserto líbio, evitando as montanhas e as dunas traiçoeiras, como que em um atalho em direção a Trípoli, ao mar. Lá, Shahin colocou a jovem em uma escuna de dois mastros que partia com destino à França. Aqueles navios, os mais rápidos da época, chegavam a atingir catorze nós, a favor do vento, completando a viagem de Trípoli até Saint-Nazaire, na foz do Loire, em apenas dez dias. Logo Mireille chegara de volta à França.

Agora, à frente do portão de David, cansada e abatida pela viagem, contemplava, por entre as barras, o jardim de que fugira havia quase um ano. Mas teve a sensação de que um século a separava do dia em que, com Valentine, pulara o muro, entre gargalhadas, nervosas pela estripulia que estavam cometendo, e fora ao encontro da irmã Claude em Cordeliers. Tentou apagar da mente aquelas lembranças e tornou a puxar o cordão da campainha.

Finalmente o velho Pierre apareceu, arrastando os pés na direção do portão ensombreado pelas copas das castanheiras.

— Meu amo não recebe ninguém antes do almoço, madame — disse o criado, sem reconhecê-la. — E nunca sem hora marcada. — Mas ele certamente vai querer me ver, Pierre.

Mireille retirou do rosto o véu. Os olhos do criado arregalaram-se, seu queixo começou a tremer. Atrapalhou-se com as chaves, para

abrir o portão.

— Mademoiselle! — sussurrou. - Rezamos todos os dias por sua alma.

Quando conseguiu abrir o portão, tinha os olhos marejados. Mireille deu-lhe um abraço e os dois apressaram-se na direção da casa.

David, sozinho no estúdio, trabalhava em um bloco de madeira, escultura que representaria o ateísmo e que seria exibida no mês seguinte, no Festival do Ser Supremo. O cheiro de madeira recém-cortada enchia o ar. Pilhas de serragem e cavacos se erguiam pelo chão, e o pó de madeira recobria o rico veludo do paletó do artista. Voltou-se, quando ouviu a porta se abrindo, e saltou, derrubando o formão e a banqueta em que sentara para o trabalho.

— Estou sonhando ou fiquei louco de vez? — gritou, espalhando uma nuvem de pó e serragem ao correr na direção de Mireille. — Graças a Deus, você está bem! — Deu-lhe um abraço. Depois, afastou-a um pouco para vê-la melhor. — Logo que você partiu, Marat trouxe um bando para cá. Ele e seus áulicos escavaram o chão como um bando de porcos à procura de trufas. Só então acreditei que as tais peças existiam! Se você tivesse confiado em mim, eu talvez pudesse ter ajudado...

— O senhor pode ajudar agora, tio — disse ela, desabando, exausta em uma poltrona. — Alguém mais me procurou? Estou à espera de uma emissária da abadessa.

— Minha criança querida! — A voz de David soou ainda mais preocupada. - Várias pessoas a procuraram... Jovens mulheres escreveram várias vezes, tentando encontrar você ou Valentine. Mas eu estava morrendo de medo, e entreguei todas as cartas a Robespierre, na esperança de que ele me ajudasse.

— Robespierre! Meu Deus! O que foi que o senhor fez?!

— Ele é um amigo íntimo, em quem posso confiar — apressou-se David a esclarecer. - O povo o chama de "o Incorruptível". Ninguém jamais conseguiu suborná-lo e afastá-lo de sua missão. Contei a ele seu envolvimento com o Xadrez de Montglane, Mireille. Ele também está a sua procura...

— Não! — gritou ela. — Ninguém pode saber que estou aqui, nem mesmo que o senhor me viu! Não entende? Valentine foi assassinada por causa das peças... Minha vida também corre perigo. Diga-me quantas freiras estiveram aqui e de quem eram as cartas que o senhor entregou àquele homem!

David empalideceu e esforçou-se para lembrar. A moça estaria certa? Talvez ele houvesse cometido um erro...

— Foram cinco — respondeu. — Anotei os nomes. A lista está no ateliê.

— Cinco irmãs! — sussurrou Mireille. — Cinco mais que morreram por minha causa... porque não fiquei aqui!

O olhar perdeu o foco, pareceu percorrer um espaço infinito.

— Morreram? Mas ele nem as interrogou! Todas elas desapareceram antes que ele as encontrasse!

— Vamos rezar para que seja verdade. — Mireille conseguiu focalizar o olhar do tio. - As peças são mais perigosas que qualquer outra coisa que o senhor possa imaginar, temos de descobrir mais a respeito de Robespierre, saber o quanto ele está envolvido, sem que ele desconfie de minha presença aqui. E Marat? Se aquele homem souber que estou aqui, nem mesmo as preces nos ajudarão.

— Ele está acamado, muito doente. Mas continua poderoso como sempre. Há três meses, os girondinos levaram-no a julgamento, sob a acusação de pregar o assassinio e a ditadura, de renegar os princípios da Revolução: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Mas foi absolvido por um júri acovardado, glorificado pela ralé, carregado em triunfo pelas ruas e eleito presidente do Clube dos Jacobinos. Agora, em casa, fica denunciando os girondinos que o traíram. A maioria deles acabou presa. Os outros fugiram para as províncias. É ele quem governa o Estado, de sua banheira, com as armas do medo. O que já foi dito de nossa Revolução parece ser uma verdade: o fogo que des-trói não é capaz de construir.

— Mas pode ser consumido por uma chama ainda maior. Essa chama é o Xadrez de Montglane. Uma vez reunidas todas as peças, o Xadrez destruirá até mesmo Marat. Voltei a Paris para libertar essa chama. E espero que o senhor me ajude.

— Mas você não entendeu o que eu disse? — gritou David. — É a sede de vingança e traição que está destruindo nosso país! Onde vai acabar tudo isso? Se você acredita em Deus, deve acreditar na justiça divina, que mais cedo ou mais tarde restaurará a sanidade!

— Não tenho tempo — disse Mireille. — Não posso esperar por Deus.

11 DE JULHO DE 1793

Outra freira que não podia esperar dirigia-se a Paris, naquele momento. Charlotte Corday chegou à cidade às dez da manhã. Instalou-se em um hotelzinho e logo se dirigiu à Convenção Nacional.

A carta que recebera da abadessa, contrabandeada até Caen pelo embaixador Genet, demorara muito a chegar, mas trouxera uma mensagem clara: as peças levadas a Paris em setembro, pela irmã Claude, haviam desaparecido. Outra irmã morrera, como Claude, durante o Terror: a jovem Valentine. E a prima desta, Mireille, desaparecera sem deixar pista. Charlotte conseguira fazer contato com o grupo dos girondinos, antigos delegados à Convenção, que agora se escondiam em Caen. Ela esperava descobrir alguém que tivesse estado na prisão de l'Abbaye, o último lugar onde Mireille fora vista.

Os girondinos nada sabiam a respeito da jovem ruiva que desaparecera em meio àquela loucura, mas seu líder, o belo Barbaroux, demonstrara simpatia pela causa da ex-freira que procurava uma colega. Dera-lhe um salvo-conduto que abrisse as portas para uma rápida entrevista com Lauze Duperret, membro da Convenção, na antessala reservada aos visitantes.

— Venho de Caen — começou Charlotte, tão logo o ilustre deputado sentou-se a sua frente. — Procuro uma amiga que desapareceu durante o tumulto nas prisões, em setembro. Como eu, é uma ex-freira cujo convento foi fechado.

— Charles-Jean-Marie Barbaroux não me fez exatamente um favor ao mandá-la — disse o deputado, erguendo as sobrancelhas com ar cínico. — Ele está sendo procurado, você não sabia? Será que ele quer me ver caçado pelas autoridades, também? Já tenho problemas de sobra, e gostaria que você dissesse isso a ele...

Começou a levantar-se.

— Por favor! — insistiu Charlotte, erguendo a mão. — Minha amiga estava na prisão de l'Abbaye quando começou o massacre. Seu corpo jamais foi encontrado. Acredito que tenha escapado, mas ninguém sabe para onde. O senhor tem de me dizer: qual foi o membro da Assembléia que presidiu os julgamentos?

Duperret deteve-se, com um sorriso desagradável nos lábios.

— Ninguém escapou de l'Abbaye — disse, secamente. — Uns poucos foram absolvidos. Os dedos de minhas mãos são suficientes para contá-los. Você foi pouco inteligente ao vir até aqui, e talvez seja limitada o bastante para ir interrogar o responsável pelo Terror. Eu não recomendo que faça isso, mas... o nome dele é Marat.

12 DE JULHO DE 1793

Mireille, agora com um vestido vermelho e branco e um chapéu de palha com fitas coloridas, saltou da carruagem aberta por David e pediu ao cocheiro que esperasse. Apressou-se a misturar-se ao povo, que, como sempre, enchia o mercado de Les Halles, um dos bairros mais antigos de Paris.

Nos dois dias que já passara na cidade, descobrira o suficiente para começar a agir. Não precisou aguardar instruções da abadessa. Cinco freiras portadoras de peças haviam desaparecido, e várias pessoas sabiam da existência do Xadrez de Montglane e de seu envolvimento com ele. Pessoas demais: Robespierre, Marat e André Philidor, o mestre enxadrista e compositor, cuja ópera ficara conhecendo com Madame de Staël. Philidor, segundo David, partira para a Inglaterra, mas, pouco antes de fuga, lhe contara seu encontro com o grande matemático Leonhard Euler e outro compositor, Bach. Bach transformara em música a fórmula do Pulo do Cavalo desenvolvida por Euler. Aqueles homens achavam que o segredo do Xadrez estava ligado à música. Quantos outros mais já não podiam ter feito progressos semelhantes?

Mireille caminhou entre as barracas da feira ao ar livre, passando por montes coloridos de vegetais, carnes e frutos do mar, que só os ricos podiam comprar. Sentia-se um pouco tonta e seu coração batia descompassadamente. Tinha de agir logo, com rapidez, enquanto sabia onde eles estavam e dela própria ninguém sabia.

Somos todos como Peões em um tabuleiro, pensou. Peões dirigindo-se a um centro invisível, em um jogo tão inexorável quanto o destino. A abadessa tivera razão ao dizer que deviam tomar as rédeas nas próprias mãos. Mas Mireille decidiu que ela própria assumiria o controle, porque agora passara a saber mais do que a abadessa, e, talvez, que qualquer outra pessoa, a respeito do Xadrez de Montglane.

A história de Philidor confirmara o que Talleyrand dissera e Letizia Bonaparte, mais tarde, repetira: havia uma fórmula. A abadessa nunca a mencionara, mas Mireille sabia. Mesmo quando fechava os olhos, conseguia ver na mente a estranha e pálida figura da Rainha branca com o bastão e foi erguidos na mão direita.

Começou a descer um labirinto, a parte de Les Halles que fora, muito tempo antes, ocupada por catacumbas romanas, e que, agora, se transformara em mercado subterrâneo. Ali ficavam as bancas e as lojas de utensílios de cobre, fitas, especiarias e sedas do Oriente. Passou por um pequeno restaurante, com mesinhas de fora ocupando a passagem estreita, e viu um grupo de açougueiros, com as roupas bastante marcadas pelos sinais do ofício, jogando dominó e tomando sopa de repolho. Seus olhos, ainda um pouco enevoados, focalizaram as manchas de sangue nos aventais brancos, nos braços nus dos homens. Fechou-os depressa e continuou a andar pelas vielas.

No final da segunda passagem, havia uma cutelaria. Mireille examinou os artigos que o lojista expôs, a seu pedido, avaliando o peso e o corte de cada um, até achar o que queria: uma faca de cozinha com lâmina de quinze centímetros, bem balanceada, semelhante ao bousaadi que usara com tanta destreza no deserto. Exigiu que o vendedor a afiasse até o ponto em que seria capaz de cortar um fio de cabelo. Esperou o lojista embrulhar a faca com papel pardo, pagou-lhe dois francos e foi embora. Só faltava resolver um problema: como faria para entrar?

13 DE JULHO DE 1793

A pergunta foi respondida na tarde do dia seguinte, quando ela e David discutiam exaltadamente na pequena sala de jantar ao lado do estúdio. Membro da Convenção, o tio tinha como fazê-la entrar na casa de Marat, mas se recusava, por medo. Pierre, o criado, interrompeu a discussão:

— Há uma senhora no portão, sire. Pediu para falar com o senhor. Quer informações a respeito de Mademoiselle Mireille.

— Quem é? — quis saber Mireille, trocando olhares com David.

— É da mesma altura que a mademoiselle e tem cabelos ruivos. Diz chamar-se Corday.

— Mande-a entrar — disparou Mireille, para surpresa do tio.

Então é ela a emissária, pensou Mireille, quando Pierre os deixou. Lembrava-se bem da fria e valente companheira de Alexandrine de Forbin, que fora a Montglane três anos antes, para avisar que o Xadrez corria perigo. Agora, vinha a mando da abadessa, mas chegava tarde demais.

Quando entrou na sala, Charlotte de Corday parou de súbito, ao ver Mireille. Pareceu não acreditar nos próprios olhos. Sentou-se, hesitante, na cadeira que David lhe ofereceu, sem desviar a vista da outra.

Eis a mulher emissária de notícias que fizeram sair de sob a terra o Xadrez de Montglane, pensou Mireille. Embora o tempo as tivesse modificado, ainda se pareciam muito uma com a outra: altas, de ossatura larga, com os cabelos fartos caindo em cachos ruivos sobre os rostos ovais. Poderiam ser tomadas por irmãs, apesar da enorme distância que separava suas vidas.

— Vim aqui em desespero - começou Charlotte. — Apavorei-me quando descobri que não havia nenhuma pista sua, que nenhuma porta se abriria. Preciso falar com você, a sós.

Olhou sem jeito para David, que se levantou e pediu licença para deixá-las. Logo que ficaram sozinhas, Charlotte perguntou:

— As peças... estão em segurança?

— As peças... — repetiu Mireille, com amargor. — Sempre as peças! Tenho de admirar a tenacidade de nossa abadessa... Uma mulher que recebeu de Deus a incumbência de zelar pelas almas de cinquenta outras mulheres, segregadas do mundo, que acreditavam em suas palavras como na existência de Deus! Ela nos avisou que as peças eram perigosas, mas não que seríamos caçadas e assassinadas por causa delas. Que pastor levaria seu próprio rebanho para o matadouro?

— Eu compreendo. Você ainda está arrasada pela morte de sua prima. Mas foi um acidente! Ela foi apanhada em meio a um tumulto de rua, da mesma forma que minha querida irmã Claude. Você não pode permitir que tal coisa enfraqueça sua fé. A abadessa escolheu você para uma missão...

— Eu escolho minhas missões, agora! — gritou Mireille, os olhos verdes queimando de paixão. — E a primeira é esta: encontrar o homem que assassinou minha prima. Não foi acidente nenhum, e quero acertar as contas com ele! Cinco outras freiras desapareceram no ano passado. Acho que ele sabe o que lhes aconteceu e o que aconteceu às peças que guardavam.

Charlotte levou a mão ao coração, e fitou Mireille com o rosto empalidecido. Sua voz tremia, quando afinal conseguiu falar:

— Marat! Ouvi falar de seu envolvimento, mas não sabia do resto. A abadessa desconhece o desaparecimento das cinco...

— Acho que nossa abadessa ignora muitas coisas. Não quero desrespeitá-la, mas espero que você compreenda que há coisas que preciso fazer por conta própria. Você fica comigo ou contra mim?

Charlotte levantou-se, refletindo nos olhos azuis uma emoção intensa. Finalmente, colocou a mão sobre as de Mireille, que tremiam.

— Vamos derrotá-los juntas! — exclamou, com convicção.

— Fico a seu lado, para qualquer coisa que me peça. Estou certa de que a abadessa aprovaria.

— Você ouviu a respeito do envolvimento de Marat. — A voz de Mireille mostrava-se tensa. — Que mais você sabe sobre aquele homem?

— Tentei falar com ele enquanto procurava por você. Fui enxotada de sua porta por um criado. Mas escrevi uma carta, solicitando que me recebesse... hoje à noite.

— Ele mora sozinho? — quis saber Mireille, começando a se entusiasmar.

— Mora com a irmã, Albertine, e com Simonne Évrard, sua esposa "natural". Mas você não pode ir lá! Quando der seu nome, ou quando descobrirem quem você é, será presa na hora!

— Não pretendo dar meu nome — sorriu Mireille, com ar de cansaço. — Vou dar o seu.

Ao pôr do sol, Mireille e Charlotte chegaram, em um cabriolé alugado, a uma aleia próxima à casa de Marat. A luz do crepúsculo, refletida nos vidros dianteiros, lembrava a cor do sangue. As pedras do calçamento pareciam feitas de cobre.

— Preciso saber as razões que você alegou na carta para marcar a entrevista.

— Disse que venho de Caen para delatar as atividades dos girondinos, a conspiração contra o governo — explicou Charlotte. — Disse ainda que conhecia todos os detalhes de seus planos.

— É melhor me dar seus documentos. — Mireille estendeu a mão. — Pode ser que não me deixem entrar sem eles.

— Ficarei rezando por você.

Passou-lhe os papéis, que Mireille guardou junto ao seio, ao lado da faca, antes de atravessar a rua e subir os degraus irregulares da casa. Parou na entrada, onde um cartão já desbotado indicava:

JEAN-PAUL MARAT - MÉDICO

Respirou fundo e bateu a aldrava de metal contra a porta. O ruído ecoou nas paredes nuas do interior. Finalmente, ouviu passos arrastados no hall, e a porta se escancarou.

Uma mulher alta, de rosto largo e macilento, cheio de rugas, apareceu e afastou com as costas da mão os fiapos de cabelo ralo que lhe escorriam sobre a testa. Limpou a farinha que lhe recobria as mãos na toalha atada à cintura ampla e olhou Mireille de cima a baixo, examinando o vestido de bolinhas vermelhas, cheio de babados, o chapéu com fitinhas, o cabelo macio que se derramava sobre os ombros cor de creme.

— O que você quer? — perguntou, com ar de desdém.

— Meu nome é Corday. O cidadão Marat me espera.

— Está doente.

A mulher começou a fechar a porta, mas Mireille a forçou com o pé. A mulher teve de recuar um passo.

— Eu insisto. Quero vê-lo.

— O que está acontecendo, Simonne? — perguntou outra mulher, que acabava de aparecer no final do longo corredor.

— Uma visita, Albertine. Para seu irmão. Já disse que ele está doente...

— O cidadão Marat vai querer me ver — interrompeu Mireille —, se souber que trago notícias de Caen... e de Montglane!

Uma voz forte de homem se fez ouvir, vinda de um quarto cuja porta se abria para o saguão:

— Visita para mim, Simonne? Mande-a entrar!

Simonne deu de ombros e fez sinal para que Mireille a seguisse.

Chegaram a um quarto amplo, de paredes azulejadas, com uma janela alta pela qual penetrava a luz avermelhada, já quase esmaecendo. O ar fedia a unguento e a carne em putrefação. Em um canto, havia uma banheira em forma de barco. Dentro dela, iluminado apenas por uma vela colocada sobre a tábua que lhe permitia escrever, estava Marat. Tinha a cabeça envolta em um pano molhado. Sua pele brilhava de forma doentia, refletindo a vela.

Mireille cravou o olhar naquele homem vitimado pela dermatose inflamatória. Marat não se deu ao trabalho de erguer os olhos de seus papéis. Com gestos cordiais, Simonne convidou Mireille a sentar-se em uma banquetta de madeira, ao lado da banheira. Marat continuou escrevendo, apesar do olhar de Mireille fixo nele. O coração da moça batia furiosamente. Mireille sentiu o desejo de voar sobre ele, enfiar-lhe a cabeça abaixo da superfície da água morna da banheira, mantê-la ali até que... Mas Simonne continuava a seu lado, como um cão de guarda.

— Você chegou em boa hora — disse Marat, sem erguer os olhos de seus papéis. — Estou completando uma lista de girondinos suspeitos de conspiração nas províncias. Se veio de Caen, pode me

ajudar a confirmar a lista de lá. Mas você disse que traz notícias de Montglane também...

Só então encarou Mireille. E seus olhos arregalaram-se. Voltou-se para Simonne:

— Pode nos deixar a sós, cara amiga.

Simonne ficou onde estava por algum tempo. Mas, finalmente, deixou de resistir ao olhar intenso de Marat e saiu, fechando a porta atrás de si.

Mireille devolveu a Marat o olhar fixo, sem uma palavra. Como é estranho tudo isso, pensou. Ali estava a própria encarnação rediviva do mal, o homem cujo rosto odioso povoara seus sonhos por tanto tempo, deitado em uma banheira de cobre cheia de remédios fedorentos, apodrecendo aos poucos como um pedaço de carne abandonado. Um homem encolhido, morrendo pelo próprio veneno. Talvez sentisse pena dele, se houvesse espaço para a piedade em seu coração.

— Então você veio, afinal — sussurrou Marat. — Quando vi que as peças haviam desaparecido, tive a certeza de que viria, mais cedo ou mais tarde.

Seus olhos brilhavam intensamente, refletindo a luz da vela. Mireille sentiu o sangue gelar nas veias.

— Onde estão as peças? — perguntou ao homem.

— Era o que eu tinha planejado lhe perguntar — asseverou ele, calmamente. — Fez uma bobagem vindo até aqui, mademoiselle, com nome falso ou não. Não vai sair daqui com vida... a não ser que me diga que fim deu às peças que desenterrou do jardim de David.

— Você também não sairá vivo daqui — retrucou Mireille, sentindo-se calma ao tirar a faca do corpete do vestido. — Cinco de minhas irmãs desapareceram. Quero saber se tiveram o mesmo fim de minha prima.

— Ah! Você veio me matar... — constatou Marat com um sorriso terrível. — Mas não acredito que faça isso. Estou morrendo, sabe? Não preciso que médicos me digam isso, pois também sou médico.

Mireille experimentou a ponta e o gume da faca com um dedo. Marat pegou uma pena da tábua e apontou com ela um ponto de seu peito nu.

— Aconselho-a a cravar a arma neste lugar... Do lado esquerdo, entre a segunda e a terceira costelas. Aqui você corta logo a aorta. É rápido e seguro. Mas, antes de me matar, talvez você queira saber que as peças estão comigo. Não cinco, como você erradamente supõe, mas sim oito. Juntos, mademoiselle, temos metade do Xadrez em nosso poder.

Mireille tentou esconder qualquer emoção, mas seu coração disparou de novo. A adrenalina lhe percorria o corpo todo, como o efeito de uma droga poderosa.

— Não acredito! — gritou.

— Pergunte a sua amiga, Mademoiselle de Corday, quantas freiras procuraram por ela, Corday, durante sua ausência... Mademoiselle Beaumont, Mademoiselle Defresnay, Mademoiselle d'Armentieres... Estes nomes lhe parecem familiares?

Eram todas freiras de Montglane. O que estava aquele homem querendo dizer? Nenhuma delas viera a Paris, nenhuma assinara as cartas que David entregara a Robespierre.

— Foram todas para Caen — disse Marat, como se tivesse lido seus pensamentos. — Tentaram encontrar Corday. Que pena! Logo descobriram que a mulher que as recebeu não era uma freira...

— Não? — repetiu Mireille, sem entender.

Bateram à porta, por fora, e Simonne Évrard entrou no quarto, carregando uma bandeja de rins cozidos e carne moída. Chegou ao peitoril da janela, olhando de lado para Marat e para a visitante.

— Isto fica aqui para esfriar. Farei bolinhos, mais tarde. Cravou os olhos pequenos e mesquinhos em Mireille, que escondera depressa a faca nas dobras da saia.

— Faça o favor de não interromper mais - pediu Marat, secamente. Simonne encarou-o, surpresa, e saiu rapidamente do quarto.

Uma expressão magoada marcou seu feio rosto.

— Tranque a porta — pediu Marat a Mireille.

Ela encarou-o, também surpresa. O rosto de Marat tinha uma expressão sombria. Ele deitou-se melhor na banheira, respirando com esforço. — A doença já tomou conta de todo o meu corpo,

minha cara mademoiselle. Se quer me matar, é melhor andar depressa. Mas acho

que você precisa mais de informação do que da morte... É a mesma coisa que quero de você. Tranque a porta e vou lhe contar o que sei.

Mireille foi até a porta, ainda empunhando com firmeza a faca. Torceu a chave até ouvir o estalo da lingueta da fechadura. Sua cabeça latejava. Que mulher poderia ser aquela a quem Marat se referira, que tomara as peças das freiras ingênuas?

— Foi você quem as matou! Você e essa rameira pavorosa que acabou de sair daqui. Vocês as mataram e ficaram com as peças! — acusou ela.

— Sou um inválido...

Marat deu um sorriso horrível. Sua cabeça parecia flutuar em uma bolha de luz, em meio à escuridão.

— Mas, como o Rei num jogo de xadrez, a peça mais fraca pode ser a mais valiosa — acrescentou ele. — Eu as matei, sim, mas só por meio de informações. Eu sabia quem eram e para onde iriam, se fossem enxotadas. Sua abadessa é uma idiota... Os nomes das freiras de Montglane sempre foram de conhecimento público. Mas não... Não as matei com as próprias mãos... Nem eu nem Simonne. Estou pronto a lhe dizer quem foi, assim que você me contar o que fez com as peças que levou. Posso até lhe dizer onde estão as peças que nós obtivemos, embora não vá lhe adiantar nada...

Mireille sentiu-se presa da dúvida e do medo. Como confiar nele? Da última vez que ele lhe dera a palavra de honra, acabara matando Valentine!

— Diga-me o nome da mulher e onde estão as peças. — Tornou a atravessar todo o quarto e pôs-se ao lado da banheira. — Sem isto, nada feito.

— Quem está com a faca é você... Mas minha aliada é a jogadora mais poderosa de todo o jogo. Você nunca vai destruí-la! A única esperança que você pode ter, sua única chance, é juntar-se a nós, juntar suas peças às nossas. Separadas, elas não valem nada. Juntas, têm um mundo de poder. Se não acredita em mim, pergunte a sua abadessa. Ela sabe quem é a mulher a quem me refiro. Ela

compreende o poder. A mulher chama-se Catarina... E é a Rainha branca!

— Catarina?!

Mireille sentiu-se atordoada, com a mente afogada por mil pensamentos simultâneos. A abadessa fugira para a Rússia, onde tinha uma amiga de infância... A história de Talleyrand... A mulher que comprara a biblioteca de Voltaire... Catarina, a Grande, czarina de todas as Rússia! Mas como ela poderia ser, ao mesmo tempo, amiga da abadessa e aliada de Marat?

— Você está mentindo! Onde está ela agora? E onde estão as peças?

— Eu revelei o nome... — No rosto ainda mais pálido, os olhos de Marat tinham um brilho de paixão. Antes de lhe dizer qualquer outra coisa, quero uma demonstração da mesma confiança de sua parte. Onde estão as peças que você desenterrou do jardim de David?

Mireille tomou um fôlego profundo, com a faca ainda presa ao punho apertado. Respondeu devagar, em voz baixa:

— Mandei-as para fora do país. Estão em segurança, na Inglaterra.

O rosto de Marat pareceu criar luz própria quando a ouviu. Mireille teve a impressão de que podia ver, no interior daquela cabeça, as ideias se organizando aos poucos. O rosto transformou-se outra vez na máscara maligna que sempre via em sonhos.

— Mas é claro! — entusiasmou-se Marat. — Que idiota fui! Você deu-as a Talleyrand! Isso é melhor que minhas melhores esperanças! — Tentou erguer o corpo na banheira. — Ele foi para a Inglaterra! A Inglaterra! Mas, meu Deus! Vai ser fácil para ela... E para mim! Para mim, minha amiga...

Empurrou com um safanão fraco a tábua de escrever. A água agitou-se no interior da banheira.

— Não! — gritou Mireille. — Você me prometeu dizer onde estão as peças.

— Sua idiota!

Marat deu uma gargalhada e empurrou de vez a tábua, que caiu no chão, espirrando tinta sobre a barra da saia da jovem. No mesmo instante, ouviram-se passos apressados no saguão, e alguém tentou

forçar a maçaneta. Mireille empurrou Marat de volta para o fundo da banheira. Agarrou seus cabelos gordurosos com uma das mãos, encostou-lhe a faca ao peito com a outra.

— Diga onde estão!

O ruído de punhos contra a porta trancada aumentou.

— Sua covardezinha... — Ele quase cuspiu as palavras. A saliva escorria pelos cantos dos lábios. — Mate-me logo ou vá para o inferno! Você chegou tarde demais... tarde demais!

Mireille continuou mirando os olhos dele, em silêncio. As batidas na porta prosseguiram. Os ouvidos da jovem encheram-se de gritos femininos, mas ela continuou com o olhar fixo naquela máscara horrorosa que segurava pelos cabelos gosmentos. Ele queria que ela o matasse, percebeu, aterrorizada.

"De onde você vai tirar a força para matar um homem? Sinto o cheiro da vingança em você, como às vezes se sente o cheiro de água no deserto." Ouvia claramente a voz de Shahin, mais alta que a gritaria das mulheres, que as batidas na porta. Que queria Marat dizer, afirmando que ela chegara "tarde demais"? Que significado especial tinha o fato de Talleyrand estar na Inglaterra? O que Marat tinha em mente ao afirmar que seria "fácil para ela"?

A fechadura já começava a ceder ao peso da volumosa Simonne Évrard. A madeira apodrecida estalava em volta das ferragens. Mireille manteve os olhos no rosto pustulento de Marat.

Então respirou fundo e cravou a faca. O sangue espirrou da ferida, manchando-lhe o vestido. Empurrou a lâmina para a frente, cravando até o cabo.

— Parabéns... No lugar certo... — sussurrou ele, com o sangue escorrendo entre os lábios, formando bolhas vermelhas.

A cabeça de Marat caiu sobre o ombro, golfadas de sangue jorravam a cada batida do coração. Quando Mireille puxou de volta a faca e deixou-a cair no chão, a porta cedeu.

Simonne Évrard entrou aos trancos no quarto, seguida de perto por Albertine. A irmã de Marat soltou um gemido agudo e desmaiou. Simonne começou a gritar também, enquanto Mireille se esgueirava em direção à porta.

- Meu Deus! Você o matou! Você o matou!

Simonne atirou-se sobre a banheira, caiu de joelhos no chão, tentou estancar o sangue com uma toalha. Mireille continuou se esgueirando pelo saguão, como em transe. A porta da frente escancarou-se e vários vizinhos invadiram a casa. Mireille continuou em silêncio, deslizando junto à parede, com o vestido todo manchado de sangue. Começou a ouvir gritos enfurecidos atrás de si, palavras iradas... O que teria Marat querido dizer com a afirmação de que ela chegara "tarde demais"?

Já chegara à porta quando a primeira pancada a atingiu. Sentiu uma dor aguda no alto da cabeça e ouviu o som de madeira quebrando-se. Caiu devagar, agachando-se até o chão, que já ostentava, entre a camada de poeira que o recobria, fragmentos da cadeira que a atingira pelas costas. Tentou levantar-se, mas sua cabeça latejava e doía muito. Um homem ergueu-a pelo corpete do vestido, machucando-lhe os seios, forçando-a a ficar em pé. Empurrou-a, então, com toda a força, contra a parede. A cabeça tornou a bater e ela caiu. Desta vez, não conseguiu mais se levantar. Ouvia vagamente o tropel de passos pelo assoalho, que gemia ao peso de tanta gente. Ouvia gritos apavorados de mulheres e gritos furiosos de homens. Ouvia o choro sentido de uma mulher.

Ficou muito tempo inerte no chão. Finalmente, sentiu mãos que tentavam lhe erguer o corpo. Viu, com dificuldade, homens em uniformes escuros. A cabeça lhe doía. Havia um ponto no pescoço, próximo à espinha, que latejava terrivelmente. Seguraram-na por sob os braços e ela fez o que pôde para se arrastar na direção da porta.

Havia uma multidão do lado de fora, cercando toda a casa. Os olhos de Mireille não conseguiam focalizar nada. A massa de gente lhe parecia indistinta, enevoada: centenas de rostos aglomerados em um conjunto anônimo de animais marinhos. Afundando, todos eles, pensou. Afundando... A polícia mantinha a multidão afastada, a cacetadas. Os gritos soavam cada vez mais altos: "Assassina!" "Criminosa!" Do outro lado da rua, de uma distância aparentemente enorme, um rosto completamente branco flutuava sobre uma carruagem aberta. Mireille fez um esforço enorme para distingui-lo. Conseguiu ver, por um instante, nas ferragens do veículo, os olhos

azuis, os lábios sem cor e os punhos cerrados de Charlotte de Corday. Logo em seguida, a escuridão dominou tudo.

14 DE JULHO DE 1793

Jacques-Louis David voltou cansado da Convenção, às oito da noite. O povo já começara a soltar foguetes e festejar nas ruas, como idiotas ou bêbados, quando o pintor estacionou a carruagem na cocheira.

Era o Dia da Bastilha. Mas David não conseguia entrar no espírito da festa. Naquela manhã, quando chegara ao prédio da Convenção, soubera que Marat fora assassinado. E que a mulher que estava na Bastilha presa pelo crime era a visitante da véspera, que viera à procura de Mireille: Charlotte de Corday!

Mireille não voltara desde a véspera, e David passava mal de tanto medo. Nem ao menos podia ter certeza de que o longo braço da Comuna de Paris não viesse a alcançá-lo, se alguém descobrisse que o complô anarquista fora planejado na sala de sua casa! Se pelo menos pudesse encontrar Mireille, mandá-la para fora de Paris antes que alguém juntasse dois e dois e chegasse ao resultado óbvio...

Desceu da carruagem, espanou a poeira do chapéu tricolor com as mãos... O chapéu fora desenhado especialmente por ele para os membros da Convenção. Representava o espírito da Revolução! Voltou para fechar o portão e percebeu um vulto esguio saindo da escuridão e movendo-se na direção dele. David encolheu-se de medo quando o homem o agarrou pelo braço. Um foguete estourou no céu, e a luz revelou o rosto pálido e os olhos da cor do mar de Maximilien Robespierre.

— Temos de conversar, cidadão — intimou Robespierre em voz fria e baixa, entre os estalos dos foguetes que iluminavam o céu já escuro. - Por que você não compareceu ao tribunal, à leitura do sumário de culpa, hoje à tarde?

— Estava na Convenção! — A voz de David soou assustada. Era claro de quem era a culpa cujo sumário fora lido. — Por que você me atacou desse jeito, saindo das trevas? — Tentou fingir que o

susto lhe causara a tremedeira. — Se quer falar comigo, vamos para dentro de casa!

— O que tenho a dizer não pode ser ouvido por criados nem por gente que tem o hábito de espiar por buracos de fechaduras, meu amigo — retrucou Robespierre.

— Dei folga a todos os criados. Hoje é o Dia da Bastilha. Não vê que estou eu mesmo fechando o portão?

Tremia tanto que se sentiu grato pela escuridão que cobria o jardim.

— Foi uma pena você não ter ido ao tribunal — disse Robespierre, quando entraram na casa vazia e escura. — Teria visto logo que a mulher que apresentaram como culpada não é Charlotte de Corday. E a moça que você pintou, a moça que você anda perseguindo por toda a França há tantos meses. Foi sua sobrinha Mireille quem assassinou Marat, meu caro David.

David sentia o frio da morte, apesar de estarem em pleno verão. Sentou-se na salinha de jantar e deixou que Robespierre, do outro lado da mesa, acendesse a lamparina e lhe servisse um copo de conhaque. Tremia tanto que mal conseguiu levar a bebida aos lábios, mesmo erguendo o copo com as duas mãos.

— Fiz questão de não dizer a ninguém o que vi, antes de conversar com você — disse Robespierre. — Preciso de sua ajuda. Sua pupila tem a informação de que preciso. Eu sei por que ela foi até Marat... pelo segredo do Xadrez de Montglane. Preciso saber o que disseram um ao outro antes da morte dele e preciso saber se ela teve oportunidade de transmitir para alguém o que descobriu.

— Mas estou lhe dizendo que não sei de nada a respeito desses terríveis acontecimentos! — David olhou o outro ainda mais horrorizado. — Nunca acreditei que o Xadrez de Montglane existisse, até o dia em que saí do Café de la Régence com André Philidor! Você se lembra? Foi ele quem me contou tudo o que sei. Mas, quando contei a Mireille o que Philidor me disse...

Robespierre debruçou-se sobre a mesa para agarrar o braço do outro.

— Então ela esteve aqui? Você falou com ela? Meu Deus! Por que não me chamou?

— Ela exigiu que ninguém soubesse de sua presença — gemeu o pintor, com a cabeça desabando entre os braços cruzados. — Chegou há quatro dias, nem Deus sabe de onde... Estava vestida com um manto, como os árabes...

— Ela esteve no deserto! — Robespierre levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro. — Meu querido David, esta sua pupila nada tem de uma escolar inocente! O segredo remonta aos mouros, ao deserto! Ela está atrás disso! Assassinou Marat a sangue-frio por causa do Xadrez. E agora ficou bem no foco desse Jogo poderoso e perigoso! Você tem de me contar tudo o que ouviu dela, antes que seja tarde demais!

— Todo esse horror foi causado por mim, quando disse a verdade a você! — David estava quase chorando. — E posso me dar por condenado à morte, se descobrirem quem ela é. Marat foi temido e odiado, mas, agora que está morto, suas cinzas com certeza serão colocadas no Panteão! Seu coração será preservado como relíquia no Clube dos Jacobinos!

— Eu sei — concordou Robespierre, com aquela voz macia que causava arrepios no pintor. — Foi por isso que vim aqui. Talvez eu possa fazer alguma coisa por vocês dois, meu caro David... Mas só se você me ajudar, também. Acho que sua pupila Mireille confia em você... Foi com você que se abriu, não comigo. Se eu levasse você até a prisão, sem que ninguém ficasse sabendo...

— Por favor, não me peça uma coisa dessas! — quase gritou David. — Eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas o que você está sugerindo pode acabar nos custando a cabeça.

— Você não entendeu — disse Robespierre calmamente, sentando-se de novo, desta vez ao lado dele, e segurando sua mão. — Meu caro amigo, conheço bem sua dedicação de revolucionário. Mas você não sabe ainda que o Xadrez de Montglane se encontra bem no centro da tormenta que vem escorraçando a monarquia em toda a Europa, do vendaval que arrancará para sempre os grilhões da opressão do povo!

Atravessou o aposento, serviu-se de um cálice de vinho do porto e continuou:

— Pode ser que, se eu lhe contar como foi que eu entrei no Jogo, você acabe compreendendo. Pois há um Jogo em andamento, meu caro David. Um Jogo perigoso, mortal, capaz de destruir o poder de reis! O Xadrez de Montglane tem de ser reunido por gente como nós, capaz de usar seu enorme poder para apoiar as virtudes inocentes defendidas por Jean-Jacques Rousseau. Porque foi o próprio Rousseau quem me escolheu para tomar parte no Jogo!

— Rousseau?! - repetiu David, espantado. - Ele também estava à procura do Xadrez de Montglane?

— Philidor conheceu-o, e eu também.

Tirou da bolsa uma folha de papel e olhou em volta, procurando algo para escrever. David foi até o aparador e, em meio à bagunça de objetos espalhados, encontrou um pedaço de creiom. Robespierre continuou falando, enquanto rabiscava um esboço na folha de papel:

— Encontrei Rousseau há quinze anos, eu era ainda um jovem advogado de Paris, freqüentador das reuniões dos Estados Gerais. Fiquei sabendo que o reverenciado filósofo estava perto de Paris, gravemente enfermo. Consegui marcar às pressas uma visita e fui a cavalo visitar o homem que, em seus sessenta e seis anos de vida, deixara um legado que logo viria a alterar o futuro do mundo. O que ele me disse, naquele dia, serviu para alterar o meu futuro. Pode ser que você sinta que o seu também pode ser mudado.

David continuou em silêncio. Pela janela, via lá fora os foguetes que explodiam como crisântemos amarelos contra o céu cada vez mais escuro. Robespierre, com a cabeça debruçada sobre o desenho que ia fazendo no papel, começou a contar.

O RELATO DO ADVOGADO

As terras do marquês de Girardin, onde Rousseau e Thérèse Levasseur, sua amante, ocupavam uma casinha desde maio de 1779, ficavam a uns cinquenta quilômetros de Paris, perto da cidade de Ermenonville.

No clima agradável de junho, o ar recendia a grama recém-corta-da e enormes rosas vermelhas pareciam flutuar entre os imensos relvados que cercavam o chateau do marquês. Havia uma pequena ilha, a ilha dos Alamos, no centro de um lago, nos jardins da propriedade. Foi lá que encontrei Rousseau, com as vestes mouriscas que, como tinham me avisado, ele sempre usava: cafetã roxo, solto ao longo do corpo, estola verde terminando em franjas, sapatos árabes vermelhos, com as pontas reviradas para cima, mochila de couro amarelo pendendo de um ombro e um chapéu de abas de pele emoldurando o rosto de expressão intensa, sombria. Um homem exótico, misterioso, que parecia se movimentar entre as árvores e a água ao som de uma música que só ele ouvia.

Atravessei a pequena ponte e apresentei-me, apesar de lamentar interromper sua concentração profunda. Sem que eu soubesse, ele meditava sobre a passagem para a eternidade, que viria a ocorrer apenas algumas semanas depois daquele dia.

— Estava a sua espera, Monsieur Robespierre — foi a saudação que me dirigiu, em voz baixa. Disseram-me que procura adotar as virtudes naturais que venero. Às portas da morte, é um consolo saber que pelo menos um ser humano partilha nossas crenças.

Eu tinha vinte anos e era um grande admirador de Rousseau, um homem que passara da glória à degradação, que fora forçado ao exílio, a depender da caridade alheia, apesar da fama que conquistara e da riqueza de sua mente. Não sei dizer o que esperava daquela visita... Talvez que ele me proporcionasse alguma visão filosófica profunda, ou uma conversa política esclarecedora, talvez até mesmo um recitativo romântico de *A nova Heloísa*. Mas ele, sentindo a proximidade da morte, tinha outras coisas em mente.

— Voltaire morreu na semana passada — começou. — Sua vida e a minha sempre estiveram ligadas, como aqueles dois cavalos que Platão menciona: um puxando na direção da Terra, o outro na direção do Céu. Voltaire puxava na direção da Razão, eu preferi a defesa da Natureza. Nossos pensamentos filosóficos, juntos, servirão para destruir a carruagem do poder da Igreja e do Estado.

— Pensei que o senhor o detestasse — repliquei confuso.

— Detestava-o e amava-o. Sinto muito nunca ter chegado a encontrá-lo. Mas uma coisa é certa: não sobreviverei a ele por muito tempo. O trágico nisso é que Voltaire possuía a chave de um mistério a cuja solução dediquei minha vida. Graças à teimosia infernal daquele homem, a sua adesão incondicional ao racional, ele nunca chegou a perceber o valor do que descobriu. Agora é tarde demais. Já morreu. E com ele morreu o segredo do Xadrez de Montglane.

Senti o entusiasmo e o nervosismo crescendo em mim ao ouvi-lo! O Xadrez de Carlos Magno! Qualquer escolar da França conhecia a lenda... Mas seria, então, mais que mera lenda? Prendi a respiração, rezei mentalmente para que ele continuasse.

Rousseau sentou-se sobre um tronco caído e começou a remexer na mochila marroquina. Para minha surpresa, extraiu de lá uma delicada renda, em que começou a trabalhar com uma minúscula agulha de prata, sem deixar de falar:

— Quando jovem, ganhei a vida em Paris vendendo rendas e peças de crochê, já que ninguém parecia interessado nas óperas que eu compunha. Apesar dos sonhos que tinha de me tornar um grande compositor, passava todas as noites jogando xadrez com Denis Diderot e André Philidor, ambos, como eu, sempre a um passo da insolvência total. Quando parecia que eu não seria mais capaz de sobreviver, Diderot me conseguiu um cargo remunerado, como secretário do conde de Montaigu, o embaixador francês em Veneza. Foi na primavera de 1743. Nunca esquecerei, pois foi naquele ano, em Veneza, que presenciei algo de que ainda me lembro como se tivesse ocorrido ontem. Algo diretamente relacionado ao âmagô do Xadrez de Montglane.

Rousseau pareceu começar a devanear. A renda caiu no chão. Recolhia e entreguei-a ao filósofo.

— O senhor disse que presenciou algo? — insisti. — Algo relacionado ao Xadrez de Montglane?

Ele voltou, aos poucos, ao presente.

— Sim... Veneza é uma cidade muito antiga, cheia de mistérios. Apesar de cercada de água por todos os lados e cheia de luzes, tem algo de sombrio... Eu senti essa qualidade escura permeando tudo, os labirintos de ruelas que percorri, as pontes antiquíssimas que atravessei, as gôndolas em que deslizei por canais secretos, onde a água fazia o único ruído a interromper o silêncio de minha meditação...

— Não será um lugar capaz de induzir uma pessoa a crer no sobrenatural?

— Perfeitamente — concordou, rindo. — Uma noite, fui sozinho ao San Samuela, o teatro mais encantador da cidade, para assistir a uma nova comédia de Goldini, *La Donna di Garbo*. O teatro era como uma miniatura, uma joia: as fileiras de camarotes erguiam-se até o teto, decoradas em azul-claro e dourado. Cada camarote ostentava uma pintura minúscula, um cesto de flores e frutas, e tinha lanternas como as das carruagens, para que se pudesse ver também a audiência, além dos atores. Gondoleiros coloridos, cortesãs emplumadas e a burguesia cheia de joias tomavam a plateia. Completamente diferente da massa sem cor e sem vida que se encontra nos teatros parisienses! E todos participavam da peça, em altas vozes. Vaias, risadas e saudações comentavam cada palavra dos diálogos. Eu mal conseguia ouvir os atores.

Rousseau interrompeu-se novamente, mas, antes que eu precisasse encorajá-lo, retomou a narrativa:

— Dividi o camarote com um jovem, mais ou menos da idade de André Philidor. Devia ter pouco mais de dezesseis anos, mas já usava a maquiagem esbranquiçada, a pintura vermelha forte nos lábios e a peruca empoadada, então em moda em Veneza, juntamente com o chapéu emplumado. Apresentou-se: seu nome era Giovanni Casanova. Fora educado para se tornar advogado, como você, mas tinha muitos outros talentos. Filho de um casal de artistas teatrais venezianos, itinerantes que se exibiram até em São Petersburgo, ganhava a vida tocando violino em vários teatros da cidade. Ficou encantado ao conhecer um recém-chegado de Paris. Tinha uma vontade enorme de conhecer a capital francesa, famosa pela riqueza e pela decadência, duas características que pareciam combinar bem com seu caráter. Disse admirar a corte de Luís XV, pois o monarca era conhecido pela extravagância, pelas amantes, pela imoralidade e pela dedicação ao ocultismo. Era esta última qualidade a que mais lhe despertava o interesse. Fez-me várias

perguntas sobre as sociedades maçônicas, muito em moda na Paris da época. Quando percebeu que eu pouco sabia daquelas coisas, ofereceu-se para aprofundar meu conhecimento na manhã seguinte, o domingo de Páscoa. Encontramo-nos logo cedo, conforme o combinado, onde uma multidão já se reunira: a Porta delia Carta, o portão que separa a famosa Catedral de São Marcos do vizinho palácio ducal. As pessoas, ao contrário das cores festivas usadas no carnevale, vestiam-se agora de preto, e aguardavam, sussurrando entre si, o início de um evento qualquer. Casanova me disse que presenciaríamos o ritual mais antigo de Veneza. Segundo ele, todo domingo de Páscoa, ao nascer do sol, o doge de Veneza conduzia uma procissão ao redor da Piazzetta e de volta a São Marcos. A "Longa Marcha", como a chamava, era uma cerimônia tão antiga quanto a cidade. Retruquei que Veneza era certamente mais antiga que a Páscoa, mais antiga que o próprio cristianismo. Ele sorriu com ar misterioso, entre a massa que se aglomerava, contida por cordas forradas de veludo, e disse que não se referira a um ritual cristão. Explicou que Veneza fora fundada pelos fenícios, de quem tirara o próprio nome. A civilização fenícia formou-se em ilhas. O povo venerava Car, a deusa Lua. E, como a Lua controla as marés, os fenícios governavam os mares, de onde surgira o maior de todos os mistérios: a vida.

— Tratava-se, então, de um ritual de origem fenícia? — perguntei, retoricamente.

— Exatamente — confirmou o filósofo.

Uma vaga lembrança me veio à mente, mas logo a multidão se fez completamente silenciosa. Um grupo de homens uniformizados surgiu nos degraus do palácio e, com longas cometas, tocou uma estridente fanfarra. O doge de Veneza, com sua coroa coberta de joias e seu manto de cetim roxo, saiu pela Porta delia Carta, cercado por músicos que, com flautas, liras e alaúdes, executavam uma melodia de inspiração divina. Atrás deles vinham emissários da Santa Sé, com batinas brancas engomadas, mitras cobertas de joias e fitas de ouro. Casanova tocou-me as costelas com o cotovelo, chamando minha atenção para o ritual. Os participantes desceram até a Piazzetta, fizeram uma pausa no Pátio da Justiça, em frente de um muro decorado com cenas bíblicas de julgamentos. Ali, onde hereges foram executados durante a Inquisição, ficavam também as monolíticas colunas de Acre, trazidas durante as Cruzadas do litoral da Fenícia. Teria sido apenas coincidência o doge e

seus acompanhantes pararem para meditar justamente naquele ponto? Depois de algum tempo, retomaram a marcha, ainda ao som da música celestial. As cordas forradas que continham a multidão foram baixadas, para que nós também pudéssemos acompanhar a procissão. Casanova deu-me o braço para que não fôssemos separados. Comecei a experimentar algo remoto e estranho... Não sei como explicar. Era o sentimento de que presenciava algo tão antigo quanto o próprio tempo. Sombrio e misterioso, rico em conteúdo histórico e em simbolismo... e perigoso. A procissão seguiu um trajeto sinuoso, atravessou a Piazzetta e voltou às colunas. Tive a sensação de penetrar nas entranhas de um labirinto escuro e sem saída. Estava em completa segurança, à luz do dia e cercado por centenas de pessoas, mas, ainda assim, tive medo. Levei algum tempo para compreender que era a música, o movimento, a própria cerimônia que me assustavam. Cada vez que o doge fazia uma pausa, frente a algum marco ou escultura, meu sangue pulsava com mais força, como se uma mensagem em código tentasse penetrar em minha mente e eu não conseguisse compreendê-la. Percebi que Casanova me olhava fixamente, procurando adivinhar minha reação.

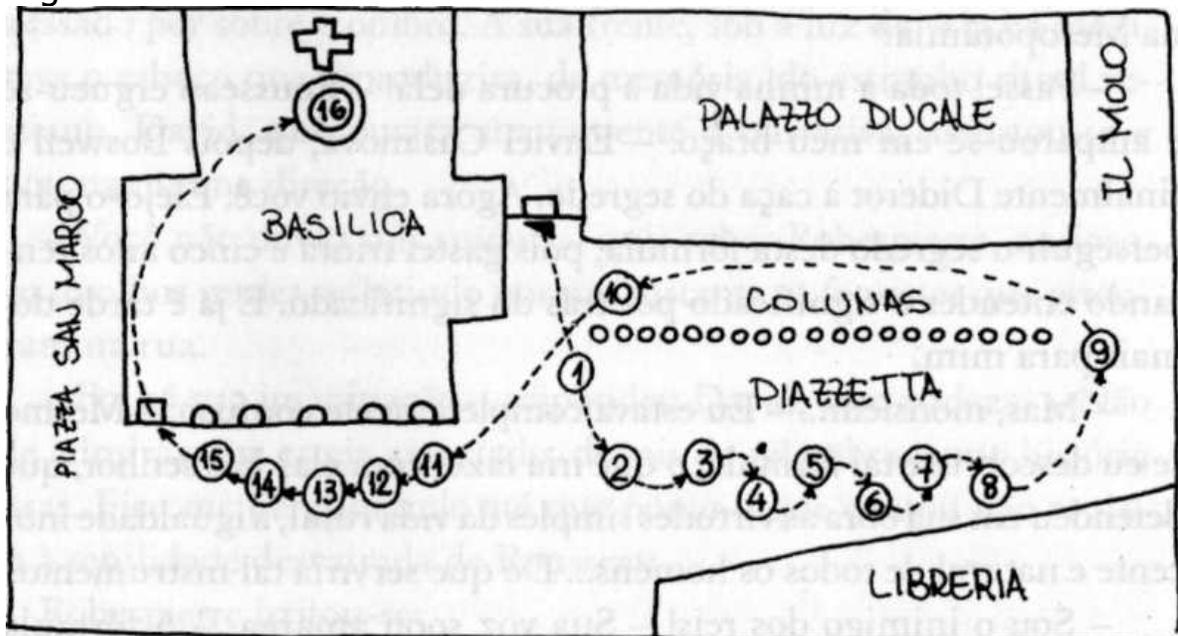
Imerso em suas recordações, Rousseau coloria cada pormenor da narrativa:

— O doge fez mais uma pausa. Casanova disse que a estátua de bronze a nossa frente, de um homem dançando, representava Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Deus ele também, Mercúrio era chamado pelos egípcios de Thoth, "juiz". Os gregos o denominavam Hermes, "guia das almas", pois era ele quem conduzia as almas ao inferno. E, às vezes, chegava a enganar os outros deuses, trazendo uma ou outra de volta. Príncipe dos Trapaceiros, como o curingão dos baralhos, como o Louco do taro, era o senhor dos roubos e das espertezas. Foi ainda Hermes quem inventou a lira de sete cordas e, com ela, a oitava musical. Sua música fazia os outros deuses chorarem de prazer. Fiquei muito tempo parado em frente da estátua. Ali estava, então, o deus rápido e esperto, capaz de libertar os prisioneiros do Hades, o Reino dos Mortos. Com suas sandálias aladas e o caduceu, um bastão em que se enrolavam duas serpentes, formando o algarismo 8, Hermes presidia a terra dos sonhos, os mundos da magia, do acaso e de todos os tipos de jogos. Seria por coincidência que encarava, com um sorriso aberto e debochado, aquela procissão de gente grave, séria? Ou, talvez, na bruma escura do tempo, aquele ritual fosse para ele...

Tentei interromper Rousseau para fazer algumas perguntas, mas o filósofo já dava sinais de profundo cansaço. Seria melhor, portanto, deixá-lo continuar, antes que perdesse o impulso.

— O doge e seus seguidores fizeram muitas paradas durante o trajeto: dezesseis, ao todo. À medida que caminhávamos, o padrão do percurso começou a tomar forma para mim. Na décima parada, a da muralha do castelo, comecei a reconhecê-lo. A muralha tinha quase quatro metros de espessura e era recoberta de pedras multicoloridas. A inscrição, a mais antiga existente na língua veneziana, foi traduzida para mim por Casanova: "Se um homem pudesse dizer e fazer o que pensa, seria capaz de se transformar." Bem no centro da muralha, havia uma simples pedra branca encravada. O doge e sua comitiva contemplaram-na como quem testemunha um milagre. De repente, um arrepio de frio percorreu todo o meu corpo. Foi como se alguém, arrancasse um véu de meus olhos e eu, então, pudesse ver o conjunto das partes como um todo. Aquilo não era um mero ritual, mas sim um processo que se desenvolvia em frente de nossos olhos, com cada pausa simbolizando uma fase na transformação de um estado em outro. Era como se estivéssemos seguindo uma fórmula, mas... uma fórmula de quê? Para quê? E então descobri!

Rousseau tirou da mochila de couro um papel, amarelado pelo tempo, com as dobras já se desfazendo. Desdobrou-o com cuidado e entregou-o a mim.



— Este foi o esboço que fiz da Longa Marcha, mostrando o trajeto e as dezesseis paradas. Dezesseis... O número de peças de cada cor de um jogo de xadrez. Você deve ter notado que a procissão desenha um 8, como as serpentes gêmeas do bastão de Hermes, como as etapas que Buda pregou para atingir o nirvana, como os níveis da Torre de Babel. Oito como eram os mouros que levaram a Carlos Magno o Xadrez de Montglane, com sua fórmula oculta no Oito...

— Fórmula? — repeti, espantado.

— De poder infinito - completou Rousseau. - Uma fórmula cujo significado pode estar esquecido, mas cujo magnetismo é tão forte que agimos de acordo com ela, sem nem mesmo compreendermos o que significava... Como fizemos, Casanova e eu, naquele dia, em Veneza, há trinta e cinco anos.

— Parece um ritual lindo e misterioso — concordei. — Mas por que o senhor o associa com o Xadrez de Montglane? Ninguém, afinal, acredita que tal tesouro passe de uma simples lenda...

— Você não vê? — irritou-se Rousseau. — As ilhas gregas e italiana herdaram da mesma fonte suas tradições, seus cultos labirínticos de adoração a pedras... A fonte que lhes deu a vida!

— A Fenícia, o senhor quer dizer?

— Quero dizer "a ilha escura" - retrucou, com ar misterioso.

— A ilha que os árabes batizaram inicialmente Al-Djezair. A ilha entre dois rios que, como as serpentes do bastão de Hermes, se contorcem para formar um 8. Os rios que banharam o berço da humanidade: o Tigre e o Eufrates.

— O senhor não acha então que o ritual e a fórmula se originaram na Mesopotâmia?

— Passei toda a minha vida à procura dela! — Rousseau ergueu-se e amparou-se em meu braço. — Enviei Casanova, depois Boswell e finalmente Diderot à caça do segredo. Agora envio você. Elejo-o para perseguir o segredo desta fórmula, pois gastei trinta e cinco anos tentando entender o significado por trás do significado. E já é tarde demais para mim.

— Mas, monsieur... — Eu estava completamente confuso.

— Mesmo se eu descobrisse tal fórmula, o que iria fazer com ela? E o senhor, que defendeu em sua obra as virtudes simples da vida rural, a igualdade inocente e natural de todos os homens... De que serviria tal instrumento?

— Sou o inimigo dos reis! — Sua voz soou amarga. — A fórmula contida no Xadrez de Montglane trará o fim de todos os reis, para todo o sempre! Ah! Se pelo menos eu pudesse viver o bastante para tê-la comigo...

Eu tinha cada vez mais perguntas a fazer, mas notei que Rousseau empalidecera, de tão fatigado. Sua testa gotejava de suor. Ele começou a guardar a renda, como que pondo fim à entrevista. Deu-me um olhar estranho, de despedida, e aduziu, em voz macia:

— Uma vez houve um grande rei... O rei mais poderoso da Terra. Diziam que não morreria nunca. Chamaram-no AlIksandr, "rei de chifres", e reproduziram sua efígie em moedas de ouro, ostentando sobre a testa os chifres caprinos da divindade. A História o registra como Alexandre, o Grande, conquistador do mundo todo. Morreu aos trinta e três anos de idade, na Babilônia, Mesopotâmia, em busca da fórmula. Assim morreriam todos os outros, se conseguíssemos nos apossar do segredo...

— Ponho-me à disposição — respondi, enquanto o ajudava a atravessar a pequena ponte. O senhor e eu, juntos, vamos localizar o Xadrez de Montglane, se ele ainda existir, e aprender o significado da fórmula.

— Já é tarde demais para mim — repetiu Rousseau com ar triste. — Quero que você fique com este desenho, que, acredito, é a única pista de que dispomos. A lenda conta que o Xadrez está enterrado no palácio de Carlos Magno, em Aix-la-Chapelle, ou na abadia de Montglane. Sua missão é encontrá-lo.

Robespierre interrompeu-se subitamente, lançando um olhar apressado por sobre o ombro. A sua frente, sob a luz da vela na mesa, estava o esboço que reproduzira, de memória, do estranho ritual veneziano. David, que ouvira atentamente a narrativa, assustou-se e olhou na mesma direção.

— Você não ouviu um ruído? — quis saber Robespierre, ansioso, com os olhos verdes refletindo por um instante os foguetes que estouravam na rua.

— Foi só sua imaginação — respondeu David, com rudeza. — Não é de admirar que esteja assustado, depois de lembrar uma história dessas. Fico me perguntando até que ponto o que contou não se deveu à senilidade desvairada de Rousseau...

Robespierre irritou-se:

— Você ouviu o relato de Philidor e agora também o de Rousseau! Sua pupila Mireille chegou a ter em mãos algumas peças... Foi o que ela própria confessou na prisão de l'Abbaye. Você tem de me acompanhar até a Bastilha. Precisa me ajudar a fazê-la contar tudo. Só então poderei ajudá-lo.

David entendeu a ameaça implícita: sem o auxílio de Robespierre, Mireille estaria irremediavelmente condenada à morte, assim como ele próprio. A poderosa influência de Robespierre tanto podia pender para um lado quanto para o outro, e David já se envolvera demais. Percebeu, pela primeira vez, que Mireille acertara ao alertá-lo para o perigo que aquele "amigo" representava.

— Você estava junto com Marat em tudo isso! — gritou.

— Exatamente como Mireille previu! Aquelas freiras cujas cartas lhe entreguei... o que aconteceu a elas?

— Você ainda não entendeu! — Robespierre se impacientava mais e mais.

— O Jogo é muito maior que nós dois juntos, maior que sua pupila e que aquelas freiras idiotas. A mulher a quem sirvo será muito melhor como aliada que como adversária. É melhor lembrar-se disso, se quiser que sua cabeça continue acima dos ombros. Não sei o que aconteceu às freiras. Só sei que ela quer, desesperadamente, reunir todas as peças do Xadrez de Montglane, da mesma forma que Rousseau, para o benefício da humanidade...

— Ela? — questionou David.

— A Rainha branca — respondeu Robespierre, em pé, pronto para sair e exibindo um sorriso enigmático. - Como uma deusa, ela toma tudo a que tem direito e distribui o que quer. Preste atenção ao que vou dizer: se você fizer o que eu pedir, será recompensado. Posso garantir, em nome dela.

- — Não quero aliados nem recompensas! — David também se levantou, com o rosto carregado de rancor.

Que judas é esse homem, pensou. Não tinha muita escolha, de qualquer forma, mas foi o medo que o levou a decidir.

Conduziu Robespierre até a porta, iluminando o caminho com a lamparina, e ofereceu-se para levá-lo até o portão, já que não havia nenhum criado em casa.

— O que você quer não faz a menor diferença, desde que faça o que tem de fazer - retrucou Robespierre à afirmação anterior de David. -

Quando ela voltar de Londres, farei as apresentações. Não posso ainda revelar seu nome, mas há quem a chame de "a mulher da Índia"...

As vozes dos dois homens foram diminuindo de volume, enquanto caminhavam pelo saguão. Quando a sala ficou em completa escuridão, a porta que dava para o estúdio entreabriu-se. Uma figura sombria, aproveitando os clarões ocasionais dos fogos de artifício, atravessou o aposento e foi até a mesa onde os dois haviam se instalado. O disparo seguinte de um grupo de foguetes lançou luz sobre a silhueta alta e elegante de Charlotte de Corday, debruçada sobre a mesa. Com um braço, ela segurava uma caixa de tintas e uma trouxa de roupas que roubara do ateliê.

Olhou por muito tempo o desenho aberto sobre a mesa. Depois, dobrou-o com cuidado e escondeu-o no corpete. Logo deslizou pelo corredor e desapareceu na escuridão da noite.

17 DE JULHO DE 1793

Uma pequena janela, guarnecida com barras de ferro e alta demais para ser alcançada, deixava entrar um feixe de luz que realçava a escuridão do interior da cela. A água gotejava pela parede coberta de musgo, formava poças que cheiravam a mofo e urina. Era a Bastilha, cuja tomada, quatro anos antes, pusera em chamas a Revolução. A primeira noite que Mireille passara ali dentro fora a de 14 de julho, o Dia da Bastilha — o dia em que matara Marat.

Já passara três dias na cela úmida. Saíra apenas para ouvir a leitura do sumário de culpa e presenciar o julgamento, naquela mesma tarde. O veredicto não demorara: morte. Dentro de duas horas, seria conduzida de novo para fora da cela e nunca mais voltaria.

Sentou-se no catre duro, sem tocar o pedaço de pão e a caneca de água que lhe haviam fornecido como última refeição. Começou a pensar de novo no filho, Charlot, que deixara no deserto. Nunca mais o veria. Tentou imaginar como seria a guilhotina, como se sentiria quando os tambores comesçassem a rufar, sinalizando o momento da descida do cutelo. Em duas horas, descobriria. Seria sua última descoberta. Passou a pensar em Valentine.

A cabeça ainda doía, no lugar onde fora golpeada no momento da captura. A ferida secara, mas sentia o inchaço dolorido na nuca. O julgamento acabara se revelando mais brutal que o ato da prisão. O promotor lhe rasgara o corpete, para exibir a todo o tribunal os papéis de Charlotte de Corday ali escondidos. Agora, para todo os efeitos, ela era Charlotte. Se tentasse corrigir o engano, as vidas de todas as freiras de Montglane correriam mais perigo. Se pelo menos pudesse passar para fora daquela prisão o que sabia, o que aprendera de Marat a respeito da Rainha branca...

Ouviu um ruído arrastado do lado de fora, o som de um ferrolho enferrujado correndo na porta da cela. Quando seus olhos se ajustaram à claridade que penetrava pela porta aberta, avistou dois

vultos, reduzidos a silhuetas pela luz frontal. Um era o carcereiro; o outro usava culotes, meias de seda, sapatilhas *àcfaille* e um casaco largo, encimado por um foulard e um chapéu de palha cujas abas lhe caíam sobre o rosto. Quando o carcereiro entrou na cela, Mireille levantou-se.

— Um pintor foi mandado pelo tribunal para desenhar seu retrato, mademoiselle. Para o registro histórico, diz ele. Diz também que tem sua permissão.

— Tem, sim — disse Mireille, depressa. — Mande-o entrar.

Era aquela a última chance, pensou, excitada. Se conseguisse convencer aquele homem a arriscar a vida, levando uma mensagem para fora da prisão... Esperou que o guarda se afastasse e correu para perto do pintor, que colocou sobre o catre a caixa de tintas e o lampião de luz mortífera e fumaça malcheirosa.

— Monsieur, me dê uma folha de papel e alguma coisa para que eu possa escrever — pediu ela. — Há uma mensagem que tem de chegar a alguém de minha confiança, lá fora, antes que eu morra. O nome dessa pessoa, como o meu, é Corday...

— Não está me reconhecendo, Mireille? — perguntou "o pintor", em voz baixa.

A prisioneira, de olhos arregalados, viu-o tirar o casaco e o chapéu. Os cachos encaracolados de cabelo ruivo desabaram sobre o busto de Charlotte Corday.

— Vamos, não perca tempo! — disse ela. — Há muito a dizer e a fazer. Temos de trocar nossas roupas imediatamente!

— Mas... não entendo! O que é que você está fazendo?

— Estive na casa de David. — Charlotte agarrou o braço de Mireille. — Ele se aliou àquele demônio, Robespierre. Ouvi tudo sem que percebessem. Já estiveram aqui?

— Aqui? — Mireille estava cada vez mais confusa.

— Eles sabem que foi você quem matou Marat, e sabem de muitas outras coisas. Há uma dama por trás de tudo isso, "a mulher da Índia". Ela é a Rainha branca, e está em Londres...

Então fora aquilo que Marat quisera dizer ao afirmar que Mireille chegara tarde demais. Não se tratava de Catarina, a Grande, e sim

de uma mulher que estava em Londres, para onde ela enviara as peças... A "mulher da Índia"!

—Ande depressa! Dispa-se e vista esta roupa de pintor, que roubei da casa de David.

— Você ficou louca? Leve a notícia, junto com as que vou lhe dar, para a abadessa. Não devemos tentar nenhum truque. Não funcionaria nunca. E tenho muito a contar...

— Por favor, ande depressa — contrapôs Charlotte, grave. — Eu tenho muito a lhe contar, e não há muito tempo a perder. Dê uma boa olhada neste desenho e me diga se lhe lembra algo.

Entregou a Mireille o esboço desenhado por Robespierre e sentou-se no catre para tirar as sapatilhas e as meias. Mireille estudou o papel com cuidado.

— Parece o mapa de algum lugar... — Esforçou-se para concentrar a mente no desenho e, de repente exclamou: — Lembrei! Havia uma capa de tecido azul junto ao Xadrez de Montglane! Tinha um desenho... idêntico ao deste mapa!

— Exatamente — confirmou Charlotte. — E há uma história que o explica. Faça o que eu disse, depressa.

— Se você está pensando em trocar de lugar comigo, não vai poder. Dentro de duas horas vão me levar para a guilhotina. Se a encontrarem aqui, você não vai ter a menor chance de escapar.

Tranquila mas apressada, Charlotte desfez com um puxão o nó do foulard.

— A abadessa me mandou aqui para que a protegesse a qualquer custo. Sabíamos quem você é muito antes que eu pusesse minha vida em risco, indo até Montglane. Se não fosse por você, a abadessa não teria desenterrado o Xadrez. Ela não escolheu sua prima Valentine, quando mandou as duas para Paris. Sabia que você jamais viria sem Valentine, mas o objetivo era você. Só você poderia ter sucesso...

Charlotte começou a desatar os cordões que prendiam o vestido de Mireille, mas a jovem a interrompeu, segurando-lhe o braço:

— O que quer dizer? Ela me escolheu para quê? Por que você diz que ela desenterrou as peças por minha causa?

— Não seja cega!

Charlotte irritou-se. Agarrou a mão da outra e forçou-a até perto da lanterna.

— Sua mão tem a marca. Seu aniversário é 4 de abril. Você é a Escolhida, aquela que será capaz de reunir de novo o Xadrez de Montglane!

— Meu Deus! — Mireille arrancou a mão dos dedos de Charlotte. — Você sabe o que está dizendo? Valentine morreu por causa disso! E agora você se dispõe a arriscar a própria vida por uma profecia insensata?

— Não vou arriscar a vida, minha cara... Vou sacrificá-la. Mireille encarou-a, horrorizada. Como poderia aceitar tal oferta?! Pensou de novo no filho, deixado no deserto...

— Não! Não pode haver outro sacrifício por aquelas malditas peças! Não depois de todo o mal que já causaram!

— Você prefere que nós duas morramos juntas?

Voltou a desatar os cadarços da roupa de Mireille, esforçando-se para conter as lágrimas e evitando o olhar da outra.

Mireille ergueu o queixo da freira com uma das mãos, forçando-a a olhá-la de frente. Ficaram assim durante algum tempo, até que Charlotte falou, em voz trêmula:

— Temos de derrotá-los. E só você pode fazer isso. Nem agora você conseguiu entender, Mireille? Você é a Rainha preta!

Duas horas mais tarde, Charlotte ouviu o arrastar do ferrolho enferrujado e soube que eram os guardas que a levariam para a execução. Continuou de joelhos, ao lado do catre, orando.

Mireille levava a lanterna e alguns esboços do rosto de Charlotte, que rabiscara rapidamente, para o caso de alguém querer vê-los, à saída da prisão. Depois da despedida, entre as lágrimas de ambas, Charlotte recolhera-se a um mundo interior de pensamentos e lembranças. Teve um sentimento de paz, de realização. Conseguiu forjar na alma um recanto de tranquilidade e paz interior, que nem a lâmina afiada da guilhotina seria capaz de romper. Sentia-se pronta para o encontro com Deus.

A porta atrás dela abriu-se e tornou a se fechar. A escuridão voltou à cela, mas Charlotte ouviu a respiração de outra pessoa. O que era aquilo? Por que não a levavam logo? Continuou imóvel, em

silêncio. Ouviu o ruído de uma lanterna sendo acesa. A luz encheu todo o cubículo.

— Permita que me apresente — pediu uma voz masculina que lhe causou um arrepio desagradável.

Reconheceu-o logo e ficou onde estava, sem voltar o rosto.

— Meu nome é Maximilien Robespierre.

Charlotte começou a tremer, ainda imóvel. Percebeu, pelas sombras, que o homem da lanterna se aproximava. Ouviu arrastar uma cadeira até bem perto dela. Ouviu também outro som que não soube identificar. Haveria mais alguém na cela?

— Você não precisa se apresentar — continuou Robespierre calmamente. - Acompanhei todo o julgamento. Os documentos que o promotor arrancou de suas vestes não são verdadeiros.

Desta vez, não teve dúvida: havia outra pessoa na cela. Ouviu nitidamente os passos que se aproximavam e retesou o corpo, contendo um grito, quando sentiu um suave toque de mão em seu ombro.

— Mireille, perdoe-me pelo que fiz. — A voz do pintor David era inconfundível. — Precisei trazê-lo aqui. Não havia escolha, minha criança querida...

David mergulhou o rosto entre seus cabelos, abraçando-a de lado. Por cima dos ombros do pintor, Charlotte viu bem o rosto oval, a peruca empoada, os brilhantes olhos verdes de Maximilien Robespierre. O sorriso insinuante do revolucionário transformou-se subitamente em uma expressão de espanto e em seguida de ódio, quando ergueu a lanterna para examinar mais de perto o rosto da moça. Deu, então, um grito esganiçado:

— Seu idiota! — Puxou com brutalidade David, que chorava, de joelhos, ao lado dela. — Eu lhe avisei que podia ser tarde demais! Mas você tinha de esperar o fim do julgamento, supondo que ela pudesse ser absolvida! Mireille fugiu, e a culpa é toda sua!

Jogou a lanterna sobre a mesa, derramando um pouco de óleo. Forçou Charlotte a ficar de pé, empurrou novamente David e esbofeteou a freira com toda a força que tinha.

— Onde está ela? O que foi que você fez com ela? Você vai morrer, será guilhotinada no lugar dela, sejam quais forem as

promessas que Mireille lhe fez! Farei tudo para que você morra, a não ser que confesse!

O sangue escorreu num filete pelo canto dos lábios quando Charlotte perfilou orgulhosamente o corpo para olhá-lo bem dentro dos olhos. Ela sorria quando afirmou:

— É exatamente esta a minha intenção: morrer no lugar dela.

LONDRES

30 DE JULHO DE 1793

Era quase meia-noite quando Talleyrand voltou do teatro. Atirou a capa sobre uma cadeira do saguão de entrada e dirigiu-se ao pequeno estúdio para se servir de uma dose de cherry. Courtiade apressou-se a cortar seu caminho.

— Monsenhor — sussurrou ele. — Há uma visita a sua espera. Instalei-a no estúdio. Parece ser importantíssimo. Ela diz que traz notícias de Mademoiselle Mireille.

— Graças a Deus! Finalmente!

Talleyrand correu para o estúdio, onde uma jovem esguia, envolta por uma capa de veludo preto, aquecia as mãos em frente da lareira. Quando Talleyrand entrou no aposento, ela tirou o capuz, deixando a capa presa apenas nos ombros nus. O cabelo loiríssimo despencou, caindo até a altura dos seios parcialmente expostos por um decote generoso. Contra a luz da lareira, Talleyrand pôde ver bem a pele clara e macia, o perfil que as chamas douravam, o nariz arrebitado, o queixo erguido, o corpo cuja formosura a capa de veludo não conseguia esconder. Sentiu uma dor profunda no coração e teve de parar à porta, como que petrificado.

— Valentine! — sussurrou.

Deus do céu, como podia ser? Teria a jovem voltado da sepultura?

Ela encarou-o, sorrindo. Os olhos azuis brilhavam, o cabelo quase prateado refletia as chamas da lareira. Foi até ele, movendo-se com a graça da água corrente, e ajoelhou-se a seus pés, tomando-lhe a mão e apertando o rosto contra ela. Talleyrand começou a acariciar os cabelos da moça com a outra mão, e teve de fechar os olhos. Sentiu que seu coração sangrava por dentro. Como podia ser?

— Monsieur, estou correndo grande perigo.

Ela falou baixo, mas Talleyrand percebeu que a voz não era a de Valentine. Abriu os olhos e esquadrinhou aquele rosto lindo, muito

parecido com o de Valentine, que se elevava para ele. Percorreu com o olhar os cabelos loiros, a pele lisa, os braços nus, os seios semidescobertos... De repente, retesou o corpo como se tivesse tomado um susto. A moça apertava entre os dedos e exibia para ele um Peão de ouro, cravejado de pedras preciosas. Uma peça do Xadrez de Montglane!

— Estou à mercê de sua caridade, sire — voltou ela a falar, em tom muito baixo. — Preciso de sua ajuda. Meu nome é Catherine Grand, e estou chegando da Índia...

A RAINHA PRETA

A vingança do inferno ferve em meu coração, A morte e o desespero consomem tudo a minha volta! (...) Para sempre desprezada, para sempre abandonada, Todos os laços da natureza estão para sempre rompidos.

- EMANUEL SCHIKANEDER

e WOLFGANG AMADEUS MOZART

"A Rainha da Noite", Em A flauta mágica

ARGÉLIA

JUNHO DE 1973

Então, aquela era Minnie Renselaas: a vidente! Estávamos sentadas no aposento dos vitrais, com a vista do jardim protegida pelas videiras. Uma procissão de mulheres de rostos cobertos por véus entrara, depositara iguarias na mesa baixa de bronze e desaparecera no mais absoluto silêncio. Lily desabara em uma pilha de almofadas, saboreando uma romã. Eu me sentara a seu lado, em uma poltrona funda de couro marroquino, e escolhera a torta de ameixas. A minha frente, reclinada em um sofá de veludo verde, com os pés para cima, Minnie Renselaas nos encarava.

Finalmente eu encontrava a vidente, que, seis meses atrás, me forcara a entrar naquele perigoso Jogo. Mulher de muitos rostos... Para Nim, uma amiga, viúva do cônsul holandês. Era ela quem deveria me proteger, se eu me metesse em encencas. A julgar pelo que dissera Therese, era conhecidíssima na cidade. Para Solarin, um contato profissional. Para Mordecai, aliada e amiga de muito tempo. Mas, segundo El-Marad, ela era a Mokhfi Mokhtar da casbá, a mulher que possuía as peças do Xadrez de Montglane. Muitas coisas diferentes, muitas pessoas diferentes, mas a soma de tudo só podia ser uma:

— Você é a Rainha preta — afirmei.

— Bem-vinda ao Jogo — respondeu ela, sorrindo com ar de mistério.

— Então, aquela maluquice toda sobre a Dama de Espadas significava isso! — disse Lily, sentando-se ereta sobre as almofadas. — Ela sabe jogar, conhece as regras e os movimentos!

— Uma grande jogadora - concordei, sem deixar de estudar o rosto de Minnie. — Ela é a vidente que seu avô me fez conhecer. Se não estou enganada, sabe a respeito do Jogo muito mais do que regras e movimentos.

— Não, você não está enganada — disse Minnie, ainda com o sorriso misterioso.

Era incrível como conseguia mudar de aparência a cada vez que eu a encontrava. Agora, naquele manto de prata quase transparente, contrastando com o verde do sofá e deixando entrever a pele lisa, parecia muito mais jovem que da última vez que eu a vi, no bar noturno a que Solarin me levara. E não tinha nada em comum com a vidente de roupas e óculos ridículos. Menos ainda com a velhinha dos pombos, toda de preto, na praça do edifício da ONU. Parecia ter a qualidade de um camaleão. Quem seria aquela mulher, na realidade?

— Finalmente você apareceu — disseme ela, com uma voz tranquila e macia que me levou a pensar em água corrente e um ligeiro sotaque que eu não conseguia identificar. - Esperei tanto tempo... Mas agora você vai me ajudar.

Eu já estava começando a perder a paciência.

— Ajudar você} Escute aqui, minha senhora, eu não pedi para ser "escolhida" para este Jogo. Mas invoquei sua presença e você está aqui, exatamente como decifrei em seu bilhete. Agora, que tal me anunciar as tais coisas grandes e ocultas que não conheço? Porque estou cheia de mistérios e intrigas! Já atiraram em mim, já fui perseguida pela polícia secreta, já vi duas pessoas morrerem. Lily precisou se esconder do pessoal da imigração e pode acabar em uma cadeia argelina! E tudo isso por causa do tal Jogo!

Quase perdi o fôlego com a veemência do desabafo. Minha voz chegou a ecoar entre as paredes. Carioca pulou para o colo de Minnie, pedindo socorro, sob o olhar furioso de Lily.

— Fico muito feliz por ver que você tem coragem e está disposta a brigar — respondeu Minnie, sem alterar a voz.

Começou a acariciar Carioca e o traidorzinho ronronou em seus braços como um gato angorá.

— No entanto, há um valor mais alto no xadrez, como sua amiga Lily certamente confirmará: a paciência — continuou a mulher. — Tive de ser paciente durante muito, muito tempo, enquanto a esperei. Fui a Nova York e ao bar na praia, correndo grande perigo de vida, para encontrá-la. Foram as únicas vezes que saí da casbá

nos últimos dez anos, desde a revolução argelina. De certa forma, sou uma prisioneira aqui. Mas voce vai me libertar.

— Prisioneira?! — gritamos, ao mesmo tempo, Lily e eu.

— Você me parece ter uma liberdade de movimentos muito grande - acrescentei logo. — Quem a mantém aprisionada?

— Não se trata de quem, mas de o quê. — Esticou o corpo, para se servir de chá, sem desalojar Carioca. — Há dez anos, aconteceu algo... que eu não podia prever e que alterou um delicado equilíbrio de poderes. Meu marido morreu e a revolução começou.

— Os argelinos expulsaram os franceses em 1963 — expliquei a Lily. — Foi um verdadeiro banho de sangue. — Acrescentei para Minnie.

— Com as embaixadas todas fechadas, você deve ter ficado em uma sinuca, sem outro lugar para onde correr além da Holanda. Mas seu governo poderia, com certeza, ter tirado você daqui. Por que ficou? A revolução acabou há dez anos.

Minnie bateu a xícara sobre o pires, com força. Empurrou Carioca para fora do colo e levantou-se, de punhos cerrados.

— Estou imobilizada como um Peão atrasado. O que aconteceu no verão de 1963 foi apenas agravado pela morte de meu marido e os inconvenientes da revolução. Há dez anos, na União Soviética, operários que faziam reparos no Palácio de Inverno encontraram pedaços de um tabuleiro... O tabuleiro do Xadrez de Montglane!

Lily e eu trocamos olhares animados. Finalmente, estávamos chegando a algo.

— Fantástico — disse eu. — Mas como você soube? Não chegou às manchetes dos jornais, que eu me lembre. E o que tem isso a ver com sua "prisão"?

— Escute e vai entender.

Ela passou a andar de um lado para o outro, com Carioca atrás, tentando morder a cauda do manto prateado.

— Se eles conseguiram capturar o tabuleiro, conseguiram também um terço da fórmula!

Arrancou o manto dos dentes de Carioca e parou a nossa frente.

— "Eles" são os soviéticos? — perguntei. — Mas, se eles estão do outro lado, como se explica sua amizade com Solarin?

Minha mente trabalhava com toda a rapidez. Ela dissera um terço —o que significava que sabia quantas partes compunham a tal fórmula.

— Solarin? — Minnie riu. — Como você pensa que fiquei sabendo do achado? Por que, em sua opinião, eu o selecionei? Por que minha vida está em perigo, por que estou presa à Argélia, por que preciso tanto de vocês duas?

— Porque os soviéticos têm um terço da fórmula - respondi.

— Mas eles certamente não são os únicos jogadores da equipe adversária.

— Não. Mas foram eles que descobriram que eu tenho o restante! Minnie deixou a sala para procurar qualquer coisa que queria nos mostrar. Lily e eu quase fervemos de tanta excitação. Carioca começou a pular como uma bola de borracha. Parou quando lhe dei uma pisada. Lily pegou o tabuleiro portátil em minha bolsa e começou a arrumar as peças, sobre a mesa de bronze, enquanto falávamos. Quem são os nossos adversários?, perguntei a mim mesma. Como os soviéticos sabiam que Minnie era uma jogadora? Que segredo a mantivera prisioneira por dez anos?

— Você se lembra do que Mordecai contou? — quis saber Lily. — Ele foi à União Soviética e jogou xadrez com Solarin. Foi há dez anos, não foi?

— Certo. Você acha que nessa ocasião ele recrutou Solarin para o Jogo?

— Mas que peça é ele? - perguntou Lily, movimentando as peças do tabuleiro.

— Um Cavalo! — lembrei, de repente. — Foi com um Cavalo que Solarin assinou o bilhete que deixou em meu apartamento!

— Então, se Minnie é a Rainha preta, estamos todos do lado das pretas: você, eu, Mordecai e Solarin. Os mocinhos são os de roupa preta, os bandidos estão de branco. Se foi Mordecai quem recrutou Solarin, então ele deve ser o Rei preto, o que quer dizer que Solarin é o Cavalo do Rei.

— Você e eu somos Peões. E Saul e Fiske...

— Peões que foram tomados!

Lily retirou dois Peões do tabuleiro. Em seguida, movimentou uma série de peças, enquanto eu me esforçava para entender seu raciocínio.

Mas alguma coisa incomodava as profundezas de minha consciência, desde o instante em que eu descobrira que Minnie era a vidente. Entendi como em um estalo o que era. Não fora Minnie, na verdade, quem me lançara no Jogo. Fora Nim. O tempo todo, fora Nim quem estivera por trás de tudo. Se não fosse por ele, eu nunca me teria dado ao trabalho de desvendar a charada da profecia, nem me preocuparia com a data de meu aniversário, ou acharia que as mortes de outras pessoas tinham algo a ver comigo... Desse modo, não me poria à procura das peças do Xadrez de Montglane. Agora que percebia tudo isso, o resto ficava claro: fora Nim quem me apresentara e recomendara à empresa de Harry, três anos atrás, quando trabalhávamos ambos na 3M! E fora Nim quem me enviara ao encontro de Minnie Renselaas...

Naquele exato instante, ela entrou na sala, carregando uma grande caixa de metal e um livro com capa de couro, fechado por um amarrilho de barbante grosseiro. Colocou tudo sobre a mesa.

— Nim sabia que você era a vidente! Até mesmo quando me "ajudou" a decodificar a mensagem!

— Seu amigo de Nova York? - quis saber Lily. - Que peça ele é?

— Uma Torre — disse Minnie, estudando o tabuleiro à frente de Lily.

— Mas é claro! — gritou Lily. — Tem de ficar em Nova York... Ele e o Rei roçaram!

— Só encontrei Ladislaus Nim uma vez — disse Minnie, olhando para mim. — Foi quando o selecionei para o Jogo, como fiz com você. Apesar de tê-la recomendado com muito entusiasmo, ele não sabia que eu iria a Nova York para conhecê-la pessoalmente. Eu quis ter certeza de que você era a pessoa de que eu precisava, com todas as qualidades necessárias.

— Que qualidades? — perguntou Lily, sem tirar os olhos do tabuleiro. — Nem jogar xadrez ela joga...

— Não. Mas você joga. As duas juntas vão formar uma equipe perfeita.

— Equipe?!

Quase gritei. Estava tão disposta a formar uma equipe com Lily quanto um boi querería formar parélha com um canguru. Claro que ela jogava xadrez melhor do que eu, mas, no terreno da realidade, não passava de uma trapalhona.

— Já temos a Rainha, um Cavalo, uma Torre e um punhado de Peões — disse Lily, voltando os olhos cinzentos para Minnie. — E os adversários? John Hermanold, que deu um tiro em meu carro, ou meu tio Llewellyn, ou seu amigo, o dos tapetes... Como é o nome dele?

— El-Marad! — Desta vez gritei mesmo. Compreendi de imediato o papel que ele devia representar: um sujeito que vivia como eremita, no meio das montanhas, que nunca saía de seu lugar, mas nem por isso deixava de dirigir negócios em todo o mundo, temido e odiado por todos os que o conheciam... E que estava louco para obter as peças. — Ele é o Rei branco!

Minnie ficou pálida como um cadáver e desabou em uma poltrona a meu lado. Sua voz tornou-se um fiapo:

— Você esteve com El-Marad?

— Poucos dias atrás, na Cabília. Ele me deu a impressão de saber muito a seu respeito. Foi ele quem me disse que seu nome é Mokhfi Mokhtar, que você mora na casbá e que possui o Xadrez de Montglane. E acrescentou que você me daria as peças se eu lhe dissesse que meu aniversário é no quarto dia do quarto mês.

— Então, ele sabe muito mais do que eu pensava.

Minnie ficou visivelmente abatida. Pegou uma chave e começou a abrir a caixa de metal que trouxera para a sala.

— Mas há uma coisa que é óbvio que ele não sabe — continuou ela. — Senão, nunca teria permitido que você se encontrasse com ele. Ele não sabe quem você é!

— Quem eu sou? — repeti, completamente confusa. - Sou alguém que não tem nada a ver com esse Jogo. Incontáveis pessoas nasceram no dia 4 de abril, e um número igualmente enorme de pessoas têm linhas esquisitas na palma da mão. Isso é ridículo! Tenho de dar razão a Lily: não sei como ajudá-la.

— Não é bem ajuda o que eu quero - disse ela, com firmeza, abrindo a caixa. — Quero que você tome o meu lugar.

Debruçou-se sobre a mesa, afastou a mão de Lily do tabuleiro e movimentou para frente a Rainha preta. Lily ficou imóvel, olhando para as peças. De repente, agarrou meu joelho.

— É isso! — gritou e começou a pular entre as almofadas. Carioca aproveitou a oportunidade para roubar um pastelzinho de queijo e carregá-lo para debaixo da mesa.

— Você não está vendo? - insistiu Lily. — Nesta posição, a Rainha dá xeque ao Rei e o obriga a sair para o jogo no meio do tabuleiro! Mas só pode fazer isso expondo-se também. E sua única proteção é este Peão avançado...

Tentei compreender. Oito peças pretas do tabuleiro estavam em casas pretas; as demais, em casas brancas. A frente de todas, já no fim do território de defesa das peças brancas, havia um solitário Peão preto, protegido por uma Torre e um Cavalo.

— Eu não disse que vocês fariam uma boa equipe? - Minnie sorriu. — É só uma questão de oportunidade. Isto aí é uma reprodução quase perfeita do Jogo, como ele estará depois que a próxima jogada for feita. — Voltou-se para mim. — Por que você não pergunta à neta de Mordecai Rad qual é a peça mais importante neste momento, aquela da qual todas as outras dependem?

Quando me voltei para Lily, ela já sorria e batia com uma longa unha pintada de vermelho no Peão avançado.

— Uma Rainha só pode ser substituída por outra Rainha. Parece que estamos falando de você.

— O que você está dizendo? Entendi que sou um Peão.

— Exatamente. Mas, se um Peão consegue atravessar as fileiras de Peões adversários e chegar à oitava casa, pode se transformar na peça que quiser. Até mesmo numa Rainha. Quando este Peão chegar à oitava casa, pode substituir a Rainha preta!

— Ou vingá-la — completou Minnie, com os olhos brilhando como brasas. — Um peão penetrou em Argel... na ilha Branca. Da mesma forma que penetrou no terreno das brancas, você vai penetrar no mistério: o segredo do Oito.

Meu ânimo subia e descia, como um barômetro durante as monções. Então eu passava a ser a Rainha preta? E o que significava aquilo? Apesar de Lily ter explicado que podia haver mais de uma Rainha da mesma cor em um jogo, Minnie falara em ser substituída por mim. Será que ela planejava sair do Jogo?

Pior ainda: se precisava de uma substituta, por que não usar Lily? Fora Lily quem arrumara as peças no tabuleiro portátil, de forma que cada uma representasse uma pessoa e cada movimento produzisse um acontecimento real. Eu era fraca em xadrez... Que qualidades minhas teriam levado Minnie a me escolher? E, de qualquer forma, o Peão ainda tinha de avançar um pouco antes de chegar à oitava casa. Já estava fora do alcance dos Peões brancos, mas ainda podia ser eliminado por peças de maior mobilidade. Até eu era capaz de ver tal coisa.

Minnie terminou de abrir a caixa de metal e tirou dela um pano pesado, que começou a desdobrar sobre a mesa de bronze. Era um tecido azul-escuro, quase preto. Espalhados por ele havia pedaços de vidro colorido, alguns redondos, outros ovais, todos do tamanho de moedas. Havia também um bordado elaborado, cheio de desenhos estranhos, feito com linha metálica. Os desenhos lembravam os símbolos do zodíaco, mas pareciam também outra coisa, de que não consegui me lembrar, ainda que me fosse familiar. No centro, havia mais um bordado, grande: duas serpentes entrelaçadas, cada uma mordendo a cauda da outra. Juntas, formavam um 8.

— O que é isso? — perguntei, curiosa.

Lily aproximou-se e esfregou uma ponta do tecido entre os dedos.

— Faz lembrar alguma coisa que não sei bem o que é...

— E a capa original do Xadrez de Montglane — informou Minnie, olhando-nos atentamente, avaliando nossa reação.

— Esteve enterrada com as peças do tabuleiro durante mil anos, até que, quando da Revolução Francesa, as freiras da abadia de Montglane, no Sul da França, os exumaram. Desde aquele dia, passou por muitas mãos. Acredita-se que foi levado para a Rússia

durante o reinado de Catarina, a Grande, juntamente com os pedaços do tabuleiro que foram encontrados recentemente.

— Como é que você sabe de tudo isso? — perguntei, sem conseguir tirar os olhos do veludo azul.

A capa do Xadrez de Montglane... Mais de mil anos e ainda intata, ali, a nossa frente! A luz esverdeada que penetrava por entre as videiras, parecia ter um brilho mortiço.

— E como a capa veio parar em suas mãos? — acrescentei. Toquei com os dedos algumas das pedras, imitando o gesto de

Lily, que disse, sem muita convicção:

— Já vi muitas pedras preciosas não lapidadas com meu avô. E acho que estas são verdadeiras\

— São mesmo. — A voz de Minnie fez-me estremecer um pouco, apesar da suavidade e de meus esforços para manter o controle. — Tudo o que está ligado a este malfadado Xadrez é verdadeiro. Como vocês já sabem, ele contém em si uma fórmula... uma fórmula de extremo poder, uma força do mal para aqueles que conhecem a maneira de usá-la.

— Por que necessariamente do mal?

Ao mesmo tempo que fiz a pergunta, senti que realmente havia algo naquela capa de veludo. Imaginei — ou percebi — que o tecido iluminava de baixo para cima o rosto de Minnie, curvada como nós sobre ele, na sala obscura.

— A pergunta deveria ser: "Por que o mal é necessário?" Mas ele já existia muito antes do Xadrez de Montglane, assim como a fórmula. Examine mais de perto esta capa e você vai ver.

Sorriu com uma expressão amarga e foi se servir de mais chá. Seu rosto bonito pareceu subitamente endurecido e cansado. Pela primeira vez, pude constatar o quanto o Jogo Ihe era penoso.

Senti Carioca espalhando farelos do pastel de queijo em meu pé. Tirei-o de sob a mesa e coloquei-o em minha poltrona. Debrucei-me ainda mais sobre a capa.

Vi bem de perto o 8 formado pelas serpentes. Parecia deslizar pelo veludo azul-escuro como um cometa retorcido pelo céu da meia-noite. Em volta dele, os símbolos: Marte e Vênus, o Sol e a

Lua, Saturno e Mercúrio... De repente, entendi tudo. Vi com clareza o que eram:

— Os elementos!

Minnie sorriu e concordou com a cabeça.

— A Lei das Oitavas.

Tudo começou a fazer sentido. Aqueles aglomerados de pedras preciosas e bordados em fio de ouro formavam símbolos usados tanto por filósofos quanto por cientistas, desde tempos imemoriais, para descrever os componentes mais elementares da natureza. Ali estavam ferro, cobre, prata, ouro, enxofre, mercúrio, chumbo, antimônio, hidrogênio, oxigênio, os sais e os ácidos... Em resumo: tudo o que constituía a matéria, viva ou inanimada. Comecei a andar de um lado para o outro, ruminando tudo aquilo, e fragmentos de ideias e de conhecimentos foram se encaixando.

— A Lei das Oitavas deu origem à Tabela Periódica dos Elementos — expliquei a Lily, que me olhava desconfiada de que eu estivesse ficando maluca. — Por volta de 1860, antes que Mendeleiev organizasse a tabela, o químico inglês John Newlands descobriu que, quando se listavam os elementos em ordem crescente de pesos atômicos, cada um deles era mais ou menos como uma repetição do que ficava oito posições antes, da mesma forma que a oitava nota de uma escala musical. Batizou sua lei em homenagem à teoria de Pitágoras, porque achou que as propriedades dos elementos mantinham entre si a mesma relação que as notas musicais!

— E mantêm mesmo? — quis ela saber.

— Como é que eu vou saber? Só aprendi química até o ponto em que explodi um pedaço do laboratório da escola. Depois disso, fui convidada pela diretoria a estudar outras matérias.

— Mas o que você aprendeu está correto — disse Minnie, rindo. — Não se lembrou de outra coisa, ao examinar a capa?

O que era, meu Deus?! Continuei olhando o veludo e tive fragmentos de lembranças de partículas e ondas... ondas e partículas... Alguma coisa que tinha a ver com valências e elétrons ficou rondando a periferia de minha memória.

— Pode ser que eu consiga refrescar suas lembranças — ofereceu-se Minnie. — Esta fórmula é quase tão antiga quanto a

própria civilização. Manuscritos de 4000 a.C. já se referiam a ela. Vou lhe contar a história.

Afundi outra vez na poltrona e Minnie inclinou o corpo para a frente, acompanhando com os dedos a figura formada pelas serpentes. Pareceu entrar em uma espécie de transe, quando começou a falar:

— Há seis mil anos, já havia civilizações avançadas ao longo dos grandes rios do mundo: o Nilo, o Ganges, o Indo e o Eufrates. Praticavam uma arte secreta que mais tarde daria origem tanto à religião quanto à ciência. Essa arte misteriosa era tão secreta que, para alguém se tornar um iniciado, para ter acesso a seu verdadeiro significado, precisava gastar todo o tempo de sua vida. O rito de iniciação era frequentemente cruel, às vezes até mortal. A tradição desse ritual chegou aos nossos dias. Está presente na missa solene dos católicos, nos ritos cabalísticos, nas cerimônias dos rosa-cruzes e dos maçons. Mas o significado que dá sentido à tradição se perdeu. Os rituais de hoje não passam de remanescentes do processo da fórmula, que era do conhecimento dos homens da Antiguidade: uma encenação que, pela repetição, permitia a passagem do conhecimento de uma pessoa para outra. Era proibido escrever esse conhecimento.

Minnie interrompeu-se. Seus escuros olhos verdes pareceram procurar alguma coisa no fundo de meu ser.

— Os fenícios compreendiam o ritual — continuou ela. — Os gregos também. Pitágoras proibiu que seus discípulos o registrassem por escrito, tamanho era o perigo que lhe atribuía. O grande erro dos mouros foi terem desobedecido a este mandamento. Transcreveram os símbolos da fórmula no Xadrez de Montglane. Apesar de estar codificado, qualquer pessoa que reúna todas as peças, o tabuleiro e a capa poderá, eventualmente, deduzir seu significado, sem passar antes pela iniciação que a force a jurar, sob pena de morte, que nunca o usará para o mal. As terras onde essa ciência oculta se desenvolveu, onde floresceu, eram chamadas pelos árabes por um nome que se referia aos ricos sedimentos escuros que os rios depositavam em suas margens, na primavera, o humo preto que lhes trazia o sustento. Tais terras, onde, justamente na

primavera, eram realizados os ritos, chamava-se Al-Khem, "terras negras". E a ciência secreta passou a ser chamada à Al-Khemie, "arte negra".

— Alquimia? — perguntou Lily. — Você quer dizer... transformar palha em ouro?

— A arte da transmutação, sim — disse Minnie, com um sorriso estranho. — Para eles, era possível transformar metais vis, como o estanho ou o cobre, em nobres, como a prata e o ouro. E muitas, muitas outras coisas eram possíveis...

— Você está brincando — disse Lily. — Quer dizer que viajamos milhares de quilômetros, enfrentamos todos aqueles aborrecimentos, só para descobrirmos que o segredo desse Xadrez é um monte de bobagens pseudomágicas inventadas por um bando de sacerdotes primitivos?

Continuei estudando a capa de veludo. De repente, meu cérebro registrou outro estado. Comecei a me entusiasmar.

— Alquimia não é magia, Lily — disse eu. — Quer dizer, não era, na origem. Passou a ser, de uns tempos para cá. Na verdade, foi a origem da química e da física modernas. Todos os cientistas da Idade Média estudaram-na, e até mesmo outros, bem depois. Galileu auxiliou o duque da Toscana e o papa Urbano VIII em experiências secretas. A mãe de Johannes Kepler quase foi queimada viva, acusada de bruxaria, por ter lhe ensinado segredos místicos...

Minnie concordou outra vez, com um gesto de cabeça, e eu prossegui:

— Dizem que Isaac Newton passou mais tempo misturando coisas em seu laboratório, em Cambridge, do que escrevendo os Principia Mathematica. Paracelso pode ter sido um místico, mas foi também o pai da química moderna. Ainda hoje empregamos, em siderúrgicas e refinarias, os princípios alquímicos que ele descobriu. Você sabe como se produzem plásticos, asfaltos e fibras sintéticas a partir do petróleo? Usa-se o craqueamento... Quebram-se as moléculas, rompem-se as cadeias moleculares por meio do calor e de catalisadores. É a mesma coisa que os alquimistas diziam fazer

para transformar o mercúrio em ouro. Para dizer a verdade, só há uma coisa que não me convence, nesta história.

— Só uma? — perguntou Lily, a Cética.

— Não existiam aceleradores de partículas na Mesopotâmia, há seis mil anos, nem unidades de craqueamento catalítico na Palestina. Não é possível que eles tenham conseguido muito mais do que transformar o cobre e o estanho em bronze.

— Talvez você tenha razão — retrucou Minnie, absolutamente calma. — Mas se aqueles sacerdotes da ciência da Antiguidade não tivessem conseguido chegar ao conhecimento de algum segredo raro e perigoso, por que o teriam envolvido em tamanho véu de mistério? Por que teriam exigido dos iniciados toda uma vida dedicada ao aprendizado, toda uma litania de votos e juramentos, todo um ritual, um culto de perigo e dor, antes de sua admissão à Ordem...

— ... dos "Eleitos Secretos"? - interrompi.

Minnie manteve o rosto fechado. Olhou para mim, depois para a capa de veludo. Ficou muito tempo calada. Quando falou, sua voz me atravessou como uma facada:

— A Ordem do Oito. A Ordem daqueles que são capazes de ouvir a música das esferas.

Clique! A última peça encaixou-se. Agora eu entendia por que Nim me recomendara, por que Mordecai elaborara todo o plano, por que Minnie me "escolhera". A razão não estava em minha brilhante personalidade, nem em meu aniversário, nem na palma de minha mão, embora todos eles parecessem determinados a me fazer acreditar que fosse assim. Não era de misticismo que aquelas pessoas falavam, não era misticismo o que praticavam: era ciência. E a música é ciência, uma ciência mais antiga que a acústica, que Solarin estudara, ou a física, campo de especialização de Nim. Eu me formara em música e sabia música muito bem. Não foi por acidente que Pitágoras ensinou música, junto com a matemática e a astronomia. Ele acreditava que ondas musicais percorriam o Universo, envolvendo e abrangendo tudo o que existe, do infinitamente grande ao infinitesimalmente pequeno. E não estava muito longe da verdade.

— São as ondas — disse eu — que mantêm as moléculas unidas... Ondas que deslocam elétrons de uma órbita para outra, modificando suas valências para que possam entrar em reações químicas com outras moléculas.

— Exatamente! — entusiasmou-se Minnie. — Ondas de luz e de som que compreendem todo o Universo. Eu de fato agi acertadamente quando escolhi você! Em tão pouco tempo, já está no caminho!

Com o rosto todo animado, ela pareceu remoçar outra vez. Tornei a pensar em como devia ter sido bonita, alguns anos atrás.

— Mas nossos inimigos também estão no mesmo caminho — continuou Minnie. — Já lhe disse que a fórmula está dividida em três partes: o tabuleiro, agora em mãos de oponentes; a capa, que temos conosco; e a parte principal, que está nas peças.

— Mas as peças não estão com você! — exclamou Lily.

— De certa forma, estão... O maior grupo jamais reunido, desde que foram tiradas das entranhas da terra de Montglane, ficou sob meu controle. Vinte delas, espalhadas em esconderijos que, imaginei, jamais seriam descobertos por mais mil anos. Mas estava errada. Logo que os soviéticos souberam que as peças estavam em meu poder, as forças brancas começaram a suspeitar de que algumas deviam estar aqui na Argélia. E, para meu desespero, tinham razão. El-Marad vem reunindo suas forças. Acredito que emissários dele já estejam aqui e que logo apertarão o cerco a meu redor, de tal forma que nunca conseguirei tirar as peças do país.

Então foi aquilo que ela quis dizer, quando afirmou que El-Marad não sabia quem eu era! Claro! Ele me escolhera como sua emissária, sem suspeitar de que eu já fora escolhida para atuar como a cor oposta. Mas ainda tinha muito a descobrir.

— Então suas peças estão aqui na Argélia? — perguntei. — E quem tem as outras? El-Marad? Os soviéticos?

— Eles têm algumas... Não sei quantas. Outras se espalharam ou se perderam depois da Revolução Francesa. Podem estar em qualquer lugar... na Europa, no Extremo Oriente, até na América. Talvez nunca mais sejam encontradas. Passei toda a minha vida empenhada em reunir as que tenho hoje. Há muitas das minhas

escondidas em segurança, em outro países. Mas oito delas estão aqui, no deserto, no Tassili. Vocês têm de ir buscá-las e trazê-las para mim, antes que seja tarde demais.

Segurou meu braço, ansiosa, aguardando meu assentimento.

— Calma, devagar! — repliquei. — O Tassili fica muito longe daqui. Lily está em situação ilegal no país, e eu tenho um trabalho urgentíssimo a fazer. Isso não pode esperar até que...

— Nada é mais urgente do que isso que estou lhe pedindo! — gritou Minnie. — Se vocês não pegarem aquelas peças, elas cairão nas mãos dos outros! O mundo poderá se transformar em um lugar impossível até de se imaginar. Você não percebeu as consequências lógicas que podem resultar da fórmula?

Eu percebera, sim. Havia outro processo envolvendo a transmutação de elementos: a criação de elementos transurânicos — elementos com um peso atômico superior ao do urânio.

— Você está querendo dizer que, com a fórmula, alguém seria capaz de reproduzir plutônio?

Compreendi então por que Nim certa vez dissera que a coisa mais importante a estudar, para um físico nuclear, era a ética. E compreendi também o desespero, a urgência de Minnie.

— Vou desenhar um mapa para vocês — disse ela, tomando nossa viagem porfait accompli. — Terão de guardá-lo na memória e destruir o desenho. E há outro documento, valiosíssimo, importantíssimo, que preciso lhes dar.

Entregou-me o volume encadernado em couro, atado com o barbante grosseiro, que trouxera junto com a caixa da capa de veludo.

Era um livro não muito grande, do tamanho de uma brochura comum, e velhíssimo, a julgar pela aparência. O couro das capas era marroquino, macio, gasto pelo tempo e estampado com um padrão de algarismos 8, impressos a fogo, como se alguém tivesse usado um anel de sinete muito aquecido. Tive uma sensação estranha de frio interior, quando o toquei. Desatei o barbante e abri o volume.

Fora encadernado manualmente. O papel era fino, quase transparente, como casca de cebola, mas macio e agradável ao tato. Pela espessura das folhas, percebi que o número de páginas era

muito maior do que imaginara — umas seiscentas ou setecentas, talvez, todas elas manuscritas.

A letra era pequena e floreada, típica de uma época muito remota. A escrita cobria os dois lados de cada folha e a tinta atravessara o papel em alguns pontos, o que dificultava ainda mais a leitura. Mas comecei a ler, de qualquer jeito. A língua era um francês meio arcaico. Algumas palavras me eram desconhecidas, mas logo percebi do que se tratava.

Enquanto Minnie e Lily conversavam em voz baixa, estudando o mapa que ia sendo desenhado, senti gelo no coração. O susto foi enorme: compreendi como Minnie aprendera tudo aquilo que estivera nos contando:

Cette Anno Domini Mille Sept Cent Quatre-Vingt-Treize, au fin de Juin à Tassili riAjjer Saharien, je devient de raconte cette histoire. Mireille ainun, si suis de France...

Comecei a traduzir e Lily ergueu o rosto, para ver do que se tratava. Minnie continuou sentada, em silêncio, como em transe. Parecia estar ouvindo uma voz distante, vinda de um espaço remoto, de um tempo perdido em névoa... Uma voz que atravessava os milênios. Mas, na verdade, o documento fora escrito havia menos de duzentos anos.

— "Neste ano da Graça de 1793" — li alto, adaptando para nossa língua -, "no fim do mês de junho, no Tassili nAjjer, no Saara, começo a contar minha história. Meu nome é Mireille e venho da França. Depois de passar oito anos de minha juventude na abadia de Montglane, nos Pireneus, vi que um mal imenso estava à solta pelo mundo — um mal que só agora começo a compreender. É a história deste mal que quero narrar. Chamam-no de 'Xadrez de Montglane' e tudo começou com Carlos Magno, o grande rei que fez construir nossa abadia..."

O CONTINENTE PERDIDO

A dez dias de jornada, há uma duna salgada, uma fonte e uma extensão de terra desabitada. Ao lado de tudo isso, elevam-se os montes Atlas, em forma de um cone suave, tão altos que dizem não ser possível ver seu cume, pois, seja inverno ou verão, as nuvens nunca deixam de cobri-lo. Os nativos dali são chamados "atlasianos" em função dos montes, que eles chamam de "Pilastras do Céu". Diz-se que esse povo não come nenhuma criatura que tenha vida e também que nunca sonha.

- HERÓDOTO

"Os Povos do Cinturão Desértico", em Histórias (454 a.C.)

O enorme Corniche de Lily engolia quilômetros de ergs, na direção do oásis de Ghardaia. Eu ia fitando a infindável extensão de areia vermelho-escura que se estendia por todos os lados.

Vista em um mapa, a geografia da Argélia é bem simples: o país assemelha-se a uma chaleira inclinada: o bico, no extremo sul do Marrocos, parece estar servindo chá aos vizinhos Saara Ocidental (que, até 1976, era o território espanhol Rio de Oro) e Mauritânia. A parte da alça é formada por duas tiras: uma faixa de terras irrigadas, de uns oitenta quilômetros de largura, ao longo do litoral, e outra, de quase quinhentos quilômetros, logo ao sul, formada por montanhas. O resto - cerca de dois milhões de quilômetros quadrados - é deserto.

Lily dirigia. Já tínhamos passado cinco horas na estrada e coberto quase seiscentos quilômetros de montanhas e desfiladeiros, com curvas fechadíssimas, que levavam Carioca a se esconder, ganindo sob o banco, mas que eu mal notara. Estava concentrada demais na tradução do diário que Minnie nos dera — relato de sombrio mistério, recheado de cenas do Terror na França e atravessado de ponta a ponta pela jornada de Mireille, uma freira francesa em busca

do segredo do Xadrez de Montglane... a mesma busca em que estávamos agora empenhadas.

Ficou logo clara a maneira pela qual Minnie descobrira a história daquelas peças, bem como de seu poder misterioso, da fórmula que continha e do Jogo mortífero por sua posse. Jogo que se prolongava, geração após geração, arrastando em seu ímpeto peças como Lily e eu, como Solarin e Nim, talvez até como a própria Minnie. Um Jogo que se desenrolara principalmente naquele terreno que estávamos atravessando.

— O Saara! — exclamei, quando começamos a descida na direção de Ghardaía, pondo de lado, por um instante, o volume. — Você sabia que ele nem sempre foi o maior deserto do mundo? Há milhões de anos, o Saara já foi o maior mar interior do planeta. Foi assim que se formaram todas as jazidas de petróleo e gás natural: pela decomposição de animais e plantas marinhas. A alquimia da natureza...

— E mesmo? - respondeu Lily, de mau humor. — Ótimo. O ponteiro do combustível está indicando que vamos precisar logo de um bom reabastecimento desses animais e dessas plantinhas. Acho que é melhor reabastecer em Ghardaía. O mapa de Minnie não indicava muitas outras cidades ao longo da estrada.

— Eu não vi mapa nenhum. Minnie o desenhou e logo depois o destruiu. Espero que você tenha boa memória.

— Sou jogadora de xadrez - disse ela, como se aquilo explicasse tudo.

— Essa cidade, Ghardaía, já se chamou Khardaia. Nossa amiga Mireille deu uma parada por aqui, em 1793. Ouça este trecho do diário: "E chegamos ao lugar chamado Khardaia, assim chamado em homenagem à deusa berbere Kar — a Luz —, que os árabes chamavam de Lídia — 'a que goteja, encharcada de chuva'. Foi ela quem governou todo o mar interior, do Nilo até o Atlântico. Seu filho Fênix fundou a Fenícia; seu pai, segundo alguns, era o próprio Poseidon. A deusa teve muitos nomes diferentes, em muitas línguas diferentes: Astarte, Astrateia, Kali, Cibele... Dela, como do mar, tem origem a vida. Nesta terra, chamam-na de 'Raia branca'."

— Meu Deus! — exclamou Lily, olhando-me de lado no momento em que tomava a saída da estrada em direção a Ghardaía. — Você está dizendo que a cidade foi batizada em honra de nossos archinimigos? Então, devemos estar entrando numa casa branca do tabuleiro.

Continuamos tão envolvidas com o diário, à procura de mais informações, que só vim a perceber o Renault cinza-escuro atrás de nós quando ele freou para também entrar no caminho de Ghardaía.

— Já vimos aquele carro em algum lugar, não vimos?

Ela fez que sim com a cabeça, sem tirar os olhos da estrada.

— Já. Em Argel. Estava na terceira vaga depois da nossa, no estacionamento do ministério. E os dois sujeitos que estavam dentro dele são os mesmos. Eles nos ultrapassaram nas montanhas, há coisa de uma hora, e pude ver bem os rostos. Depois, não deixaram de estar atrás de nós. Você acha que nosso amigo Sharrif tem algo a ver com isto?

— Não. — Tornei a olhá-los pelo espelho. — Aquele carro é do ministério.

Eu sabia quem o mandara atrás de nós.

Eu estava aborrecida desde a partida de Argel. Quando nos despedimos de Minnie, na casbá, usei um telefone público na praça para avisar Kamel que passaria alguns dias fora. Ele ficou furioso.

— Você enlouqueceu?! — gritou ele, pela linha que continuava com seus estranhos ruídos de ligação intercontinental. — Seu modelo tornou-se absolutamente crítico para mim, agora! Preciso dos relatórios no máximo até o final da semana! Seu projeto passou a ter o nível máximo de prioridade!

— Escute, eu não vou demorar. E já está tudo pronto. Coletei os dados de todos os países que você determinou e já alimentei com eles os arquivos do computador na Sonatrach. Se você quiser, posso deixar um roteiro de operação do programa...

— Onde você está? — Tive a impressão de que ele sairia do telefone para pular com as mãos em meu pescoço. — Já passa de uma da tarde! Você deveria ter vindo para o trabalho há horas. Encontrei aquele carro ridículo em minha vaga, com seu bilhete. Agora Sharrif está à porta de meu gabinete, procurando por você!

Diz que você está fazendo contrabando de automóveis, dando guarida a imigrantes clandestinos... e ainda uma coisa qualquer que não entendi direito, a respeito de um cão feroz! Quer ter o favor de me explicar o que acontece?

Ótimo! Se eu cruzasse com Sharrif antes de completar a missão, poderia dar adeus às esperanças de êxito. Era vital aplacar Kamel, pelo menos parcialmente. Eu começava a perder meus aliados.

— Uma amiga minha encontra-se em dificuldades. Veio me visitar, mas parece que faltou um carimbo no visto de entrada.

— O passaporte dela está em minha mesa — disse ele, furioso.
— Foi Sharrif quem trouxe. Não falta um carimbo no visto; simplesmente não há nenhum visto!

— Um probleminha técnico... Ela tem nacionalidade dupla. Tem outro passaporte. Talvez você possa normalizar tudo... Sharrif ficaria parecendo o que de fato é: um idiota perfeito.

A voz de Kamel começou a se tornar gelada.

— Não tenho a menor pretensão, mademoiselle, de fazer com que o chefe da polícia secreta fique parecendo um idiota! — De repente, amoleceu um pouco: — No entanto, mesmo contra qualquer vestígio de bom-senso, vou tentar ajudar. Por falar nisso, conheço a moça. Conheci o avô dela. Foi grande amigo de meu pai. Os dois jogaram xadrez na Inglaterra.

Fiz um sinal para Lily, que se espremeu na cabine e encostou o ouvido no meu, a fim de ouvir também.

— Seu pai jogou xadrez com Mordecai? — repeti. — Ele é um jogador, então?

— Todos nós somos, não somos? — A resposta foi meio enviesada. Depois, ele ficou em silêncio por algum tempo. Parecia estar pensando. O que disse a seguir fez com que Lily retesasse o corpo e meu estômago desse uma reviravolta:

— Eu sei o que você está planejando fazer. Vocês estiveram com ela, não foi?

— Ela... quem? — Coloquei o máximo de inocência que consegui na voz.

— Deixe de idiotices! Sou seu amigo. Eu sei o que El-Marad lhe disse. Sei o que você está procurando. Minha cara, você está se

metendo em algo muito perigoso. Aquelas pessoas formam um bando de assassinos... Não é difícil adivinhar para onde você vai... Conheço bem as lendas sobre o que está escondido naquele lugar. Já lhe ocorreu que Sharrif, quando tiver certeza de que você não vem para cá, vai começar a procurá-la por lá?

Lily e eu nos olhamos, com o telefone mudo entre as duas. Que queria dizer aquilo? Que Kamel também estava no Jogo?

— Vou tentar cobrir sua ausência — continuou ele. — Mas quero você de volta até o final da semana. Não apareça em seu escritório nem no meu antes disso. E fique longe dos aeroportos. Se precisar se comunicar comigo, para qualquer coisa ligada a seu... projeto, o melhor é se comunicar por meio da Poste Centrale.

Pelo tom da voz, entendi o que ele estava tentando dizer: Therese intermediária nossos contatos. Eu podia deixar com ela o passaporte de Lily e as instruções para operação do programa da OPEP. Antes de desligar, Kamel me desejou boa sorte e acrescentou:

— Vou fazer tudo o que puder por você. Mas, se estiver realmente enrascada, você é responsável pelo que lhe acontecer.

— Todos nós somos, não somos? — devolvi, rindo. Em seguida, resolvi citar também El-Marad. — Al-safar zafar! A viagem é a vitória!

Torci para que o velho provérbio árabe se revelasse verdadeiro, mas me sentia cheia de dúvidas. Quando desliguei, tive a sensação de estar cortando o último laço que ainda me prendia ao mundo real.

Por tudo aquilo, sabia que o carro do ministério que entrou atrás do nosso na estrada de Ghardaía fora mandado por Kamel. Provavelmente, conduzia guardas, incumbidos de zelar por nossa segurança. Mas não podíamos entrar no deserto com aquela gente atrás de nós. Eu precisava fazer alguma coisa.

Não conhecia aquela região da Argélia, mas sabia que Ghardaía integrava a Pentápolis, "as cinco cidades do M'zab". Lily dirigia devagar, à procura de uma bomba de gasolina, e pude ver as outras cidades ao redor, contra os rochedos roxos, róseos e vermelhos, como formações de rochas cristalinas brotadas na areia. Não havia livro sobre o deserto que não mencionasse aquelas cidades. Le

Corbusier dissera que elas pareciam pulsar com "o ritmo natural da Vida". Frank Lloyd Wright chamara-as de "as cidades mais bonitas do mundo" e descrevera suas estruturas vermelhas, como a areia do deserto, "da cor do sangue, da cor da Criação". Mas o diário da freira francesa Mireille dizia coisas mais interessantes a respeito delas:

Estas cidades foram fundadas há mil anos pelos abádidas — "os possuídos de Deus" —, que acreditavam serem elas possuídas pelo espírito da estranha deusa Lua, em cuja honra receberam os nomes "Luminosa", "Melika", "Rainha"...

— Merda, merda!

Lily parou, aos palavrões, em frente da bomba de combustível. O carro que nos perseguia passara por nós, manobrou e voltou, como se seus ocupantes também tivessem resolvido abastecer.

— Estamos bem no meio do fim do mundo, com dois pistoleiros atrás e um milhão de quilômetros de areia à frente, e não temos a menor ideia do que estamos procurando.

A avaliação era mais realista que pessimista. E as coisas logo piorariam.

— É melhor levar um pouco de gasolina extra — disse ela, descendo do carro.

Tirou um maço de dinheiro da bolsa e saiu, reaparecendo depois com dois latões, de vinte litros cada, de gasolina, e outros dois de água, enquanto o operador do posto enchia o enorme tanque do Rolls Corniche até a borda.

— Não vamos precisar disso — disse eu, enquanto ela guardava os latões na mala do carro. — A estrada para o Tassili passa por dentro do campo petrolífero de Hassi-Messaoud. São torres e mais torres, oleodutos e mais oleodutos, daqui até lá.

— Não na direção em que vamos seguir. Você deveria ter estudado aquele mapa.

Comecei a sentir um tremor desagradável na boca do estômago. A partir de onde estávamos, só havia dois caminhos para o Tassili. Um seguia para o leste, atravessando o campo de petróleo de Ourgla, até virar para o sul e entrar na região que queríamos atingir. Mesmo este caminho exigia um veículo com tração nas quatro rodas,

em sua maior parte. Mas a rota alternativa, que devia ter quase o dobro da extensão, era a planície árida de Tidikelt — uma das partes mais secas e perigosas do deserto, com a estrada demarcada por postes de dez metros de altura para que as autoridades conseguissem encontrá-la e desenterrá-la todas as vezes que desaparecia sob a areia, o que acontecia com frequência. O Corniche podia até parecer um carro de combate, mas não tinha as lagartas necessárias para atravessar aquelas dunas.

— Você deve estar brincando — disse eu a Lily quando ela manobrou para sair do posto de serviços. — Dê uma parada no primeiro restaurante que aparecer. Precisamos conversar um pouco.

— Precisamos é discutir estratégia — retrucou ela, com os olhos no retrovisor. — Esses nossos fãs estão me deixando nervosa.

Encontramos um restaurantezinho na saída de Ghardaía. Descemos do carro, atravessamos o bar de temperatura agradável e passamos para o pátio interno, com mesas protegidas por guardasóis e pelas sombras de tamareiras. Eram seis horas, as mesas estavam todas vazias, mas consegui encontrar um garçom e pedi eruditas e um tadjine, refogado condimento de carneiro com cuscuz.

Lily já atacava as verduras oleosas da bandeja de crudités quando nossos companheiros de viagem entraram e escolheram uma mesa discretamente distante da nossa.

— O que você sugere para nos livrarmos desses palhaços ? — perguntou, passando um pedaço de carneiro para Carioca, sentado em seu colo.

— Primeiro, vamos conversar sobre o roteiro. Acho que são mais de seiscentos quilômetros daqui até o Tassili. Mas, se formos pelo sul, serão mais de mil e duzentos, numa estrada em que comida, gasolina e cidade são poucas e muito afastadas entre si.

— Mil e duzentos quilômetros não são nada. O terreno é todo plano. Como eu estou dirigindo, chegaremos antes do amanhecer.

— Chamou o garçom, estalando os dedos, e pediu seis garrafas grandes de Ben Haroun, a água mineral mais famosa da região. — De qualquer maneira, é o único jeito de chegarmos aonde queremos — aduziu. — Memorizei o roteiro do mapa, você esqueceu?

Antes de dar tempo para responder, percebi o que acontecia na entrada do pátio e soltei um gemido.

— Não olhe agora, mas acho que temos mais convidados.

Dois grandalhões mal-encarados tinham acabado de atravessar a cortina de contas. Sentaram-se a uma mesa próxima e deram-nos apenas uma olhada casual. Mas os dois homens de Kamel entregaram tudo pela maneira de encará-los, fixamente, e de trocarem olhares entre si, logo a seguir. Compreendi logo o significado dos olhares, porque um dos recém-chegados eu vira pela última vez com uma arma à cintura, no aeroporto, e o outro me levava de carro do bar noturno para casa, na primeira noite passada em Argel, por cortesia da polícia secreta.

— Afinal, Sharrif não se esqueceu de nós — comuniquei a Lily, sem parar de beliscar a comida. — Sou boa fisionomista, nunca esqueço um rosto. Ele deve ter escolhido esses dois pela mesma razão. Cada um já me viu pelo menos uma vez.

— Mas eles não podem ter seguido nosso carro por aquela estrada deserta — argumentou ela. — Senão, eu os teria visto, como vi os outros!

— Esse negócio de seguir trilhas com lente, procurando rastros, saiu de moda no tempo de Sherlock Holmes.

— Você quer dizer... que há alguma coisa presa a nosso carro, como um radar?! — Sussurrando, a voz dela ficava ainda mais rouca. — Quer dizer, alguma coisa que lhes permite nos acompanhar a distância?

— Elementar, meu caro Watson! Se você despistá-los durante uns vinte minutos, eu dou sumiço no transmissorzinho. Engenhocas eletrônicas são meu ponto forte.

— Eu também conheço algumas técnicas pouco ortodoxas — replicou ela, piscando um olho. - Se você me dá licença, vou até o toalete.

Levantou-se, sorriu e jogou Carioca em meu colo.

O facínora que se levantou na outra mesa desistiu e sentou-se de novo quando ouviu a pergunta, feita ao garçom, no outro extremo do salão, sobre a localização de les toilettes.

Comecei uma briga com Carioca, que desenvolvera uma preferência especial por tadjine. Quando Lily finalmente reapareceu, pegou-o de volta e enfiou-o em minha bolsa. Pagou a conta, dividiu comigo as garrafas de água mineral e foi diretamente em direção à saída.

— Qual é o truque? — perguntei, num cochicho, de olho em todos os nossos companheiros de jantar, que estavam rapidamente pedindo as respectivas contas.

— Coisa de criança — disse ela, a caminho do carro. — Lixa de unhas de aço e uma pedra. Furei as tubulações de gasolina e os pneus. Só uns furinhos pequenos, para vazarem devagar. Vamos dar umas voltinhas pelo deserto, até eles perceberem o que está acontecendo. E só então começaremos a viagem real.

— Dois coelhos com uma só cajadada... ou limada e pedrada. Bom trabalho!

Entrei, entusiasmada, no Corniche, mas logo notei que havia meia dúzia de carros no estacionamento, possivelmente pertencentes a funcionários do restaurante e dos cafés vizinhos.

— Como você descobriu qual deles é o carro da polícia secreta? — perguntei, admirada com sua argúcia.

— Não descobri — disse ela, com um sorrisinho orgulhoso. Por via das dúvidas, furei todos eles.

Eu me enganara ao calcular mil e duzentos quilômetros pela estrada do sul. A placa à saída de Ghardaía indicava a quilometragem exata de todas as cidades daquela direção, que aliás não eram muitas. Lá estava: 1 637 quilômetros até Djanet, a entrada sul para o Tassili. Mesmo que Lily fosse realmente rápida ao volante, que velocidade conseguiríamos atingir quando acabasse a estrada?

Como Lily predissera, os guarda-costas de Kamel viram-se privados de seu meio de transporte depois de mais ou menos uma hora de perseguição pelo crepúsculo de M'zab. E como eu previra, os rapazes de Sharrif haviam ficado tão para trás que não tivemos o privilégio de vê-los parando no acostamento, desobedecendo às ordens do chefe. Quando nos livramos de todos, paramos à beira da estrada, e mergulhei debaixo do Corniche. Levei uns cinco minutos,

com o auxílio de uma lanterna elétrica, para encontrar o transmissor, atrás do eixo traseiro. Esmaguei-o com a chave do macaco, providenciada por Lily.

Estávamos em uma pequena colina, com vista para o amplo cemitério de Ghardaía, respirando o ar fresco da noitinha. Começamos a dar pulos e tapas nas costas uma da outra, comemorando nossa esperteza. Carioca entrou na dança, saltando para todos os lados e latindo a plenos pulmões.

Voltamos ao carro e... pé na tábua! Eu já mudara de opinião a respeito do roteiro escolhido por Minnie. Embora a estrada do norte fosse mais simples e segura, o que fizemos desnorteou nossos perseguidores. Nenhum árabe em seu juízo perfeito imaginaria que duas mulheres sozinhas pudessem ter escolhido tal rota — aliás, eu mesma achava difícil acreditar. Mas perdemos tanto tempo para nos livrarmos dos sujeitos que, quando saímos do M'zab, já passava das nove da noite e escurecera demais para que eu lesse o diário ou apreciasse a vista. Aproveitei para cochilar enquanto Lily mantinha os olhos pregados na estrada. Assim, eu teria condições de substituí-la na próxima etapa.

Quando atravessamos o Hammada e começamos a enfrentar as dunas Touat, sempre rumo ao sul, amanhecia. Felizmente, fora uma viagem sem incidentes. Talvez até demasiadamente sem incidentes. Passei a sentir um pouco de ansiedade, um palpite de que nossa sorte podia terminar. Foi quando comecei a pensar a sério no deserto.

No meio do dia anterior, quando atravessamos as montanhas, a temperatura estivera confortável: dezoito graus. Em Ghardaía, no fim da tarde, devia ter ficado por volta dos vinte e quatro, e as dunas, à meia-noite, mesmo no começo do verão, apresentavam-se frias e úmidas. Mas estávamos chegando, ao alvorecer, à planície de Tidikelt, à beira do verdadeiro deserto, onde só havia areia e vento no lugar de plantas, palmeiras e água. E ainda tínhamos mais de setecentos quilômetros pela frente. Sem roupas, a não ser as do corpo, nem comida. E a única bebida eram as poucas garrafas de água gasosa. Lily interrompeu meus pensamentos:

— Há um bloqueio no meio da estrada, lá na frente.

Tensa, ela apertava os olhos para ver melhor através do para-brisa coberto de insetos esmagados.

— Está parecendo uma barreira de fronteira... Não sei o que é. Vamos arriscar?

A cabine com a barra única atravessando a estrada na horizontal, pintada em listras, parecia estranha e deslocada naquela imensidão vazia.

— Acho que não temos muita escolha.

A última bifurcação ficara a mais de cento e cinquenta quilômetros para trás. Era aquilo ou nada; a estrada era mesmo a única do lugar.

— Por que alguém poria uma barreira num lugar desses? — A voz de Lily revelou todo o seu nervosismo.

— Talvez seja um posto psiquiátrico — respondi, forçando uma piada. — Só alguém muito ruim da cabeça pode querer passar daqui. Você sabe o que há do outro lado, não sabe?

Parecia não saber, mas arriscou:

— Nada. É isso?

Conseguimos relaxar um pouco com as risadas. O que nos preocupava era uma coisa só: como seriam as prisões ali no deserto? Porque este, claro, seria nosso destino, se descobrissem quem éramos e o que tínhamos feito com veículos de propriedade da OPEP e da polícia secreta.

Quando paramos, tentando aparentar calma, um guarda veio a nosso encontro. Era um sujeitinho de bigode que parecia ter sido esquecido ali desde a retirada da Legião Estrangeira. Depois de muita conversa, atrapalhada pela mediocridade de meu francês, ficou claro que ele queria ver se tínhamos alguma espécie de passe ou permissão especial.

— Passe? — gritou Lily, tão alto que quase cuspiu as palavras. — Precisamos de permissão para entrarmos neste sovaco do mundo, neste buraco esquecido por Deus?

Por sorte, ela se expressou em inglês. Tornei a me dirigir a ele, em francês, da maneira mais educada que consegui:

— E qual é a finalidade, monsieur, deste passe que devemos ter?

— Para entrar no El-Tanzerouft, o "deserto da sede", o carro tem de ser inspecionado pelas autoridades governamentais e receber um certificado.

— Parece que ele está com medo de que o carro não aguente... - traduzi, dirigindo-me a Lily. - Vamos molhar a mão dele e deixar que faça uma inspeção. Logo seguimos.

Quando viu a cor do dinheiro e umas poucas lágrimas que Lily conseguiu verter, o guardinha decidiu que tinha autoridade suficiente para emitir o tal certificado do governo. Examinou nossos galões de gasolina e água, olhou maravilhado o ornamento prateado da frente do capô — uma senhorita alada de peitos avantajados —, estalou a língua com admiração ao ver os adesivos da Suíça e da França, no para-choque. Então, disse que podíamos levantar a capota e seguir viagem.

Lily olhou-me, meio desarvorada.

— O que foi que ele disse?

— Disse que podemos ir embora.

Fui andando de volta para o carro, sem atinar com o que a preocupava.

— O que ele disse da capota? Vamos ter de levantá-la?

— É claro! Vamos entrar no deserto, Lily! Daqui a pouco, vai fazer uns quarenta graus à sombra... só que não existe sombra. Sem contar com o efeito da areia em nossos penteados...

— Mas eu não posso! Não tenho capota!

— Você está querendo dizer que viemos desde Argel até aqui com um carro que não pode entrar no deserto?

Ergui muito a voz, sem querer. O guarda, que já estava com a mão no mecanismo da barreira, parou de repente.

— É claro que o carro pode ir a qualquer lugar! — indignou-se Lily. Tomou o lugar atrás do volante: — Este é o melhor carro que já foi fabricado em todos os tempos! Só não tem capota. Ela se quebrou. Harry ficou de mandar consertar... e acabou esquecendo. Bem... Acho que nosso problema mais urgente é...

— Nosso problema mais urgente é que você vai entrar no maior deserto do mundo sem uma capota! Você quer nos matar?

O guarda podia não entender nada de inglês, mas já percebera que alguma coisa estava errada. Bem naquele momento, uma carreta parou atrás de nós e o motorista buzinou. Lily acenou com a mão esquerda, ligou a ignição e saiu, dando passagem. O guarda foi até o caminhão para pedir os papéis.

— Não sei por que você fica tão nervosa — disse Lily. — O carro tem ar-condicionado.

— Ar-condicionado! — tornei a gritar. — Vai ser uma grande ajuda contra a insolação e tempestades de areia...

Eu ainda tinha muito a dizer sobre o assunto, mas seria exaustivo. O guarda começou a levantar a barreira para a passagem da carreta, cujo motorista tivera o bom-senso de submeter seu veículo à inspeção antes de penetrar no sétimo círculo do inferno. Sem que eu tivesse tempo de entender o que acontecia, Lily enfiou o pé no acelerador. Os pneus jogaram areia para trás e o carro mergulhou de volta na estrada, passando por baixo da barreira, grudado à traseira do caminhão. Abaixei o corpo do jeito que pude, escapando da barra de metal que voltou à posição original e bateu estrondosamente no metal do porta-malas do Corniche. O barulho que fez, deslizando pela lataria polida, foi horrível. Tive tempo de ouvir o guardinha, que saía correndo da cabine, gritando como um possesso, em árabe, mas minha própria voz soou mais alto ainda:

— Você quase me arrancou a cabeça, sua maluca!

Lily nem respondeu, ocupada em avançar com o carro. Meu corpo foi jogado contra a parte interna da porta. Horrorizada, vi que deixáramos a estrada e estávamos em pleno areal vermelho. Entrei em pânico. Não consegui ver mais nada. Os olhos, as narinas e a garganta encheram-se de areia. Havia uma nuvem vermelha a meu redor. Tudo o que podia ouvir eram os latidos engasgados de Carioca, debaixo do banco, e a buzina ensurdecidora da carreta, que me pareceu apavorantemente próxima.

"Quando voltamos à luz do dia, a areia escorria pela lataria do Corniche, as rodas haviam reencontrado o piso firme da estrada e o carro estava, por milagre, uns trinta metros à frente do gigantesco caminhão. Fiquei furiosa com Lily, mas também espantada.

— Como viemos parar aqui? - perguntei, passando as mãos pelos cabelos para tentar me livrar da areia penetrante.

— Nunca descobri por que Harry se deu ao trabalho de me pagar um motorista.

Apesar do tom de voz, que sugeria que nada extraordinário podia ter acontecido, o cabelo, o rosto e o vestido de Lily estavam recobertos por uma fina camada de areia.

— Sempre adorei dirigir — continuou ela. — Aposto que já devo ter quebrado o recorde mundial de velocidade em terra, na categoria jogadores de xadrez...

— Será que lhe passou pela cabeça que aquele sujeitinho lá da cabine deve ter um telefone? E se ele fizer algum relatório? E se avisar o próximo posto?

— Onde fica o próximo posto? — perguntou, desdenhosa. — Este lugar não deve estar cheio de patrulheiros rodoviários...

De fato, ninguém se preocuparia conosco a ponto de mandar algum carro atrás de nós naquela terra de ninguém, só porque tínhamos passado de maneira forçada por um posto rodoviário.

Achei melhor voltar ao diário de Mireille, no ponto em que parará na véspera.

E segui para o leste de Kardhaia, atravessando o árido Chebkha e a planície pedregosa de Hammada, sempre na direção do Tassili nAjjer, à beira do deserto líbio. Quando retomei a viagem, o sol se ergueu por trás das dunas vermelhas, indicando o rumo de meu objetivo...

O leste — a direção em que o sol se levanta, todas as manhãs, do lado das ravinas do Tassili, que eram também nosso objetivo. Mas, se o sol sempre se erguia no leste, por que agora ele subia no céu no que devia ser o norte, enquanto nos afastávamos a toda velocidade da barreira de Ain Salah? Para onde estávamos indo?

Lily já dirigia há horas na estrada de mão dupla que serpenteava e serpenteava entre as dunas, parecendo não ter fim. Eu já me sentia meio tonta com o calor, e ela, que não dormia havia vinte e quatro horas, vinte das quais dirigindo, tornara-se meio esverdeada, a não ser seu nariz, cada vez mais vermelho, em consequência do calor escaldante.

A temperatura não parará de subir, nas quatro horas que se sucederam à passagem pela barreira. Já eram dez da manhã. Os instrumentos do painel registravam a absurda temperatura de quarenta e nove graus e uma altitude de quase cento e cinquenta metros. Não podiam estar certos. Esfreguei os olhos antes de olhar de novo e alertar Lily:

— Alguma coisa está errada. Aquela planície que deixamos para trás devia ficar mais ou menos ao nível do mar, e já saímos de Ain Salah há quatro horas. Deveríamos nos encontrar a uns setecentos metros de altitude, entrando na parte alta do deserto. E o calor também parece anormal...

— Isto não é nada. — A voz dela já estava empastada pela secura da garganta. — Deveríamos ter encontrado uma saída há mais de meia hora, de acordo com o mapa de Minnie. Só que não vi saída alguma.

Associei isso à direção do sol e lembrei de algo mais:

— Por que aquele sujeito resolveu que precisávamos de uma permissão especial? — Minha voz começou a ficar mais aguda, um tanto histérica. — Ele não disse que era porque iríamos entrar no El-Tanze-rouft, "o deserto da sede"? Meu Deus do céu!

Embora todos os sinais de indicação pelos quais havíamos passado estivessem escritos em árabe e eu não tivesse grande familiaridade com os mapas do Saara, uma ideia horrível começou a tomar conta de mim.

— O que houve? — Lily parecia tão preocupada quanto eu.

— Aquela barreira que você atravessou à força não foi Ain Salah!
— Eu mesma só entendi tudo no momento em que falei.

— Fizemos alguma curva errada durante a noite. Estamos indo diretamente para o deserto de sal. Estamos indo na direção de Mali!

Lily parou o carro no meio da estrada. O rosto, que já começara a descascar com o sol, desabou de todo. Ela abaixou-se contra o volante. Toquei seu ombro de leve, num gesto de consolo. As duas sabíamos que eu tinha razão. E agora? O que fazer?

Quando rimos com a piada de Lily sobre não haver nada depois da barreira, não sabíamos do que estávamos rindo. Eu já ouvira histórias a-respeito do deserto da sede. Não havia lugar mais terrível

no planeta. Até mesmo a terra vazia da Arábia podia ser atravessada por camelos, mas aquilo era o fim do mundo: uma região em que nada sobrevivia. Fazia com que eu pensasse no planalto que perdêramos por engano como no paraíso perdido. Nos pontos em que a altitude se tornava negativa em relação ao nível do mar, podia-se fritar um ovo jogando-o sobre a areia.

— Acho que o jeito é voltar — constatei. — Eu dirijo, agora. E vamos ligar o ar-condicionado. Você não me parece bem.

— Só vai servir para esquentar o motor ainda mais. — Sacudiu a cabeça, desanimada. — Não entendo como perdi a saída da estrada! Pode dirigir, se quiser, mas você sabe tão bem quanto eu que, se voltarmos, vai ser o fim de tudo o que queríamos.

Ela tinha razão, mas... que mais podíamos fazer? Olhei-a melhor e vi que seus lábios estavam gretados pelo calor. Saí do carro e abri a mala. Encontrei duas mantas. Enrolei uma delas na cabeça e nos ombros e levei a outra a Lily, para que fizesse o mesmo. Arrastei Carioca de seu refúgio sob o banco; a língua do animal pendia fora da boca, quase seca. Derramei-lhe um pouco de água garganta abaixo. Em seguida, levantei a tampa do motor. Tive de fazer mais de uma viagem com os galões de gasolina e água para o motor. Não queria deprimir Lily ainda mais, mas seu erro, durante a noite, fora terrível. A sede com que o radiador absorveu o primeiro galão indicava que não conseguiríamos fazer a viagem em sentido contrário. E, se era assim... Poderíamos tentar ir em frente, também.

— Há uma carreta atrás de nós, não há? — lembrei no momento em que acelerei, ainda em primeira. — Ela vai ter de aparecer, mais cedo ou mais tarde. Há mais de trezentos quilômetros que não vejo uma só saída a não ser trilhas na areia. Então, podemos nos arriscar a ir em frente...

— Se você quer tentar, eu topo... - retrucou Lily, com um sorrisinho fraco, mas que fez seus lábios estalarem ainda mais. — Se Harry pudesse nos ver agora!

— Ora, ora! Acabamos ficando amigas, finalmente, como ele sempre quis. — Tentei sorrir também, ostentando uma falsa coragem.

— É... Mas que maneira mais idiota de morrermos juntas!

— Não estamos mortas ainda.

Contudo, quando olhei para o sol, cada vez mais alto no céu completamente branco, não resisti à tentação de me perguntar mentalmente quanto tempo ainda duraríamos.

Então, esta é a aparência de milhões de quilômetros quadrados de areia, pensei, levando o Corniche com cuidado, a setenta quilômetros por hora, evitando que a água do radiador fervesse. Parecia um imenso oceano vermelho. Por que não amarelo, branco ou cinza sujo, como outros desertos? A rocha pulverizada brilhava como cristal à luz impiedosa do sol, mais clara que a areia comum e, ao mesmo tempo, mais escura que canela em pó. Sintonizei o ouvido no chiado da água sendo consumida pelo motor, e mantive os olhos no termômetro. O deserto parecia apenas esperar, em um silêncio vermelho.

Eu precisava parar a toda hora, para deixar o carro resfriar um pouco, mas o termômetro externo já indicava quase cinquenta e cinco graus, uma temperatura que me parecia difícil de imaginar do lado de fora de algum forno. Em uma das paradas, notei que a pintura da tampa do motor, ressecada, começava a descascar. Com os sapatos encharcados, tive dificuldade para andar. Achei que era suor, mas, quando me debrucei e os arranquei dos pés, não foi o que encontrei. As bolhas feitas pelo calor haviam estourado — meus pés estavam cobertos de sangue. Senti a náusea subir até a garganta. Tornei a calçar os sapatos, sentei-me ao volante e fui em frente, sem uma palavra.

Já tirara a blusa muito antes, para cobrir com ela o volante, que perdera o revestimento de couro, tão ressecado. O sangue parecia estar fervendo dentro do cérebro. O calor tornava a respiração difícil, os pulmões queimavam. Se conseguíssemos resistir até o pôr do sol, poderíamos sobreviver mais um dia. Talvez alguém aparecesse para nos salvar... Talvez aquela carreta... Mas a memória do caminhão gigantesco começou a parecer produto de uma miragem. Passáramos mesmo por ele, pela manhã?

As duas da tarde, a agulha do termômetro indicava sessenta graus. Foi quando comecei a perceber algo estranho. De início,

pensei que meu cérebro estivesse fervendo de vez e produzisse alucinações: tive a impressão de que a areia se movimentava.

Não havia o mais remoto vestígio de brisa no ar. De que jeito a areia poderia estar em movimento? Mas estava. Diminuí a velocidade, aos poucos, até parar de todo. Lily e Carioca haviam se abrigado na mesma manta. Ela dormia no banco traseiro respirando pesadamente.

Cheirei o ar e procurei aguçar o ouvido. A atmosfera parecia opressiva, parada, como antes de uma tempestade. O silêncio assustador, o vácuo aterrador de sons que precede os tufões, os furacões... Havia alguma coisa a caminho!

Pulei para fora do carro, arranquei o turbante improvisado e forrei com ele o capô escaldante, para poder subir e ver melhor. Quando consegui me equilibrar, esquadrinhei o horizonte. Não havia nada no céu, mas, até onde minha vista alcançava, as areias movimentavam-se, devagar, rastejando como coisa viva. Senti um arrepio, apesar do calor abrasador.

Desci e acordei Lily com um puxão na manta que a cobria. Ela sentou desnorreada, com o rosto já inchado devido às bolhas que o calor formara:

— Acabou a gasolina? — perguntou ela, assustada, com a voz rouca, os lábios e a língua inchados.

— Não. O carro ainda está bem. Mas vem alguma coisa aí. Não sei o que é.

Carioca também saiu das dobras da manta e começou a choramingar e uivar, os olhinhos fixos na areia suspeita que continuava em movimento ao redor de nós. Lily olhou para ele e, em seguida, para mim, mais assustada ainda.

— Tempestade?

— Acho que sim. Seria querer demais torcer por chuva neste lugar. Deve ser tempestade de areia. E pode ser ruim, muito ruim.

Não quis lhe lembrar que, graças a seu carro sem capota, não tínhamos nenhum abrigo. Talvez não fizesse muita diferença, mesmo. Em um lugar como aquele, onde as estradas às vezes ficam enterradas sob dez metros de areia, uma capota não valeria grande

coisa. Achei que não adiantaria nem mesmo rastejar para baixo do carro.

— Acho que o melhor é tentar andar mais depressa que ela — acrescentei, com convicção, como se soubesse o que dizia.

— De que lado está vindo? — quis saber Lily.

— Não consigo ver, cheirar nem sentir — respondi, dando de ombros. Só sei que está vindo.

Podia ver que Carioca também sabia e estava igualmente apavorado. Não podíamos estar ambos errados.

Tornei a ligar o carro e pisei fundo no acelerador. Enquanto a velocidade aumentava, o medo tomou conta de mim. Eu me sentia como Ichabod Crane fugindo do fantasma sem rosto, na história de Washington Irving. Fugia de uma tempestade que não conseguia ver nem ouvir. O ar, cada vez mais opressivo, parecia um cobertor escaldante estendido em frente de nossos rostos. Lily e Carioca passaram para o banco ao lado do meu. De olhos fixos à frente, tentavam ver alguma coisa, através do para-brisa machucado pela areia, em meio à vermelhidão brilhante. Nesse momento, comecei a ouvir um ruído estranho.

Pensei, outra vez, que fosse minha imaginação: uma espécie de zumbido agudo, que podia também ser resultado do roçar da areia contra o aço do Corniche. A pintura do capo e dos para-lamas já se fora: a areia lixara o metal. Mas, aos poucos, o som foi ficando mais e mais alto, como o zumbir de um inseto. Segui em frente, com o medo crescendo sempre. Lily também ouviu e voltou os olhos para mim. Não me dei ao trabalho de parar para tentar descobrir do que se tratava. Tinha um pressentimento horroroso de que já sabia.

O som aumentou tanto que pareceu engolfar tudo. A areia à beira da rodovia começou a invadir a pista em pequenas quantidades, como se desse pequenos pulos. O ruído continuava, mais e mais alto, já quase ensurdecedor. Tirei o pé do acelerador quando Lily agarrou o painel com as mãos, com as unhas cor de sangue brilhando. O som passou violentamente por cima de nossas cabeças e quase fui parar na areia antes de encontrar o pedal do freio.

— Um avião! — gritou Lily.

Gritei também. Descobri que estávamos abraçadas uma à outra, com lágrimas correndo soltas pelo rosto. O avião passara raspando em nosso carro e agora aterrava a menos de cem metros de distância, em uma pista construída em pleno deserto!

— As senhoras tiveram muita sorte de me encontrar aqui — disse o fonctionnaire da pista de Debnane. — Só este voo diário da Air Algérie pousa aqui. Quando não há previsão de vôos de aeronaves particulares, fecho o posto e vou embora. O próximo lugar para comprar gasolina fica a mais de cem quilômetros. Nunca teriam chegado até lá.

Foi enchendo nosso tanque enquanto conversava. O enorme avião de carga que quase nos atropelara estava ali ao lado, sobre o concreto, temporariamente abandonado; os motores soltavam ondas visíveis de calor. Lily, com Carioca no colo, olhava nosso salvador, baixinho e musculoso, como se ele fosse o próprio arcanjo Gabriel. O funcionário era, na verdade, a única pessoa visível, de horizonte a horizonte. O piloto sumira na barraca militar, de metal, para uma soneca reparadora, apesar do calor infernal. A areia fina cobria a pista, a velocidade do vento aumentava. Minha garganta, completamente seca, doía de sede — e de gratidão. Cheguei à conclusão de que acreditava em Deus, afinal.

— Para que serve uma pista aqui, neste fim de mundo? — quis saber Lily.

Traduzi a pergunta para o fonctionnaire.

— Correio e suprimentos para o pessoal de prospecção de gás natural, que está acampado lá para o oeste — disse o homem. — O avião para aqui, na ida para Ahaggar e na volta para Argel.

Percebi que Lily entendera a resposta, mas resolvi acrescentar:

— Ahaggar são montanhas vulcânicas que ficam ao sul daqui. Perto do Tassili, acho...

— Pergunte-lhe quando vão tirar essa engenhoca do chão.

Lily falou já a caminho da barraca metálica. Carioca foi atrás dela, andando com dificuldade, queimando as patinhas no asfalto escaldante.

— Ele vai decolar logo - respondeu o homem quando lhe traduzi a pergunta. — Tem de sair daqui antes que cheguem os demônios

do deserto, que já estão bem perto.

Eu não estivera errada, afinal: havia uma tempestade se aproximando, também.

— Aonde você vai? — gritei para Lily.

— Descobrir quanto custa levar o carro junto conosco!

Às quatro da tarde, o carro desceu a rampa do cargueiro, em Tamanrasset. A brisa tépida agitava as tamareiras, e as montanhas, azuladas e escuras, elevavam-se aos céus em volta de nós.

— Incríveis as coisas que o dinheiro consegue — comentei, depois de Lily pagar ao alegre piloto, ao nos instalarmos no Corniche.

— É bom lembrar sempre disso — retrucou ela, já saindo pelo portão de tela da pista. — E o sujeito até me arrumou uma porcaria de um mapa! De graça! Lá no deserto, eu teria dado mais mil dólares por ele. Agora, pelo menos, saberemos onde estamos, quando nos perdermos de novo.

Eu não sabia dizer quem se encontrava em pior estado: se ela ou o carro. A pele clara do rosto de Lily reduzira-se a frangalhos, e toda a parte dianteira do Corniche, originalmente azul-clara, lixada pela abrasão da areia e queimada pelo sol, reduzira-se à cor cinza-escura do metal. Apesar disso, o motor continuava ronronando como um gatinho.

— Nós vamos para cá — apontou um local no mapa desdobrado sobre o painel. — Me ajude a converter essa trapalhada de milhas em quilômetros.

Só havia um caminho, de setecentos e vinte quilômetros de puro terreno montanhoso.

Na bifurcação da estrada para Djanet, paramos em um moulin à beira da estrada para a primeira refeição em quase vinte e quatro horas. Eu estava morrendo de fome e devorei dois pratos de sopa cremosa de galinha e legumes, que reforcei com pedaços encharcados de pão. Uma garrafa de vinho e uma porção generosa de peixe em lata com batatas ajudaram a aplacar a agonia do estômago. Comprei ainda uma garrafa de café doce e forte, para a viagem.

— Quer saber de uma coisa? — disse eu a Lily, quando ela já conduzia o carro pela sinuosa estradinha de mão dupla que ia para o leste, na direção de Djanet. — Deveríamos ter lido este diário antes. A tal freira, Mireille, acampou em todos os cantos da região. Conheceu isto aqui como a palma da mão. Você sabia que os gregos batizaram estas montanhas de "Atlas" muito antes da cadeia do norte receber o mesmo nome? O povo que vivia por aqui, segundo o historiador Heródoto, era chamado "atlasiano". Estamos atravessando o reino perdido da Atlântida!

— Pensei que a Atlântida tivesse afundado no oceano. A freira por acaso menciona o esconderijo das peças?

— Não. Ela dá a impressão de saber o destino que tiveram, mas está mais interessada no segredo por trás delas. A fórmula!

— Continue lendo, mas antes me diga qual a direção a tomar.

Eu disse, e continuamos viajando durante toda a tarde e boa parte da noite. Chegamos a Djanet à meia-noite, e as pilhas da lanterna já estavam fracas, de tanto que li. Mas, àquela altura, sabíamos exatamente para onde íamos... e por quê.

— Meu Deus! — resmungou Lily, quando guardei o diário.

O carro estava parado à beira da estrada, com o motor desligado. Ficamos um pouco em silêncio, apreciando o céu estrelado e o luar leitoso que banhava os planaltos elevados do Tassili a nossa esquerda.

— Não dá para acreditar! — comentou ela. — A freirinha atravessou este deserto todo em lombo de camelo, enfrentou uma tempestade de areia, escalou os planaltos a pé e teve um filho no meio das montanhas, aos pés da Rainha branca! Que diabo de mulher era ela?

— Nós duas também não tivemos um passeio dos mais agradáveis - respondi, rindo. - Que tal fechamos os olhos por algum tempo, até o dia raiar?

— Escute, é noite de lua cheia. Eu tenho mais pilhas para a lanterna na mala do carro. Vamos seguir a estrada até onde não der mais, atravessar o passo e entrar na trilha a pé. Aquele café todo que você trouxe me deixou acesa, sem sono. Podemos levar as

mantas, para alguma eventualidade. Vamos em frente, antes que apareça alguém!

Uns vinte quilômetros depois de Djanet, demos com uma encruzilhada onde havia uma placa com o nome "Tamrit". Uma seta apontava para um caminho de terra, longo e estreito, que parecia penetrar nas ravinas. Por baixo da seta, havia cinco figuras de camelos e a expressão Piste Chameliere, "Trilha de Camelos". Resolvemos entrar, assim mesmo.

Qual a distância até lá, Lily? Foi você quem se encarregou de memorizar o roteiro...

— Há uma espécie de base de apoio. Acho que é Tamrit, a "aldeias, das tendas". De lá os turistas seguem a pé até as pinturas pré-históricas. Minnie falou em vinte quilômetros.

— Uma caminhada de umas quatro horas... Mas não com estes sapatos.

Não estamos preparadas para os rigores de uma caminhada nas montanhas, pensei, desanimada. Mas já era tarde demais para procurar em algum guia de turismo o endereço da sapataria mais próxima, que aliás não devia existir, como o próprio guia.

Paramos fora da trilha dos camelos, na entrada para Tamrit, e manobramos o Corniche para trás de umas pedras cobertas de vegetação. Lily trocou as pilhas da lanterna e apanhou as mantas. Enfiei Carioca na bolsa e começamos a andar pela nova trilha, muito mais estreita que a outra. A espaços de cinquenta metros, mais ou menos, havia pequenas placas, com palavras rendadas em árabe e tradução em francês.

— Isto aqui tem sinalização melhor que a das estradas — sussurrou Lily.

Embora os únicos ruídos fossem o cricrilar dos grilos e o estalar do piso sob nossos pés, andávamos e falávamos com cuidado, furtivamente, como pessoas prestes a assaltar um banco. O que, aliás, não diferia muito do que pretendíamos fazer.

O luar estava tão intenso e a noite, tão clara, que não precisávamos da lanterna para ler a sinalização. A trilha seguia para o sudeste, tornando-se gradativa mente mais íngreme. Acompanhávamos um regato murmurante, no fundo de uma ravina

estreita, quando vi uma coleção de placas, cada uma apontando uma direção diferente: Sefar, Aounarhet, In Atinen...

— E agora?

Tirei Carioca da bolsa e soltei-o. Ele correu para batizar a árvore mais próxima.

— E isso! — gritou Lily, começando a dar saltos. — Lá estão elas! Apontou as árvores que cresciam do fundo do regato, uma delas ainda sendo cheirada por Carioca. Era um grupo de ciprestes gigantescos, de troncos com uns cinco metros de circunferência, tão altos que quase escondiam o céu claro.

— Primeiro as árvores gigantes; logo em seguida, deve haver uns laguinhos que refletem a luz.

Havia mesmo: a menos de quinhentos metros, encontramos minúsculas lagoas, pouco mais que poças, cuja superfície parada brilhava como a lua. Carioca seguiu na frente e começou a beber, movimentando com a língua milhares de pontos brilhantes.

— É isto que aponta a direção — disse Lily. — Temos de continuar a descer esta ravina até passarmos por uma Floresta de Pedra.

O próximo trecho da trilha era descendente. Seguimos aos tropeções até que vi outra placa indicativa, apontando uma subida estreita: La Forêt de Pierre.

— E por aqui! — gritei, segurando o braço de Lily, e começando a subir.

O piso era de pedrinhas vulcânicas soltas, que se esfrelavam a nossos pés. Ouvei Lily gemendo e reclamando cada vez que uma ou outra, mais dura, lhe machucava os pés através da sola macia do calçado. Carioca caía o tempo todo, incapaz de encontrar arrimo naquele terreno traiçoeiro. Resolvi carregá-lo no colo.

Foi mais de meia hora de subida íngreme e desconfortável. Lá em cima, a ravina alargou-se em um pequeno planalto, como se fosse outro vale, maior, já em um nível elevado da montanha. Por todos os lados, pudemos ver, bem iluminadas pelo luar, as rochas espiraladas que se erguiam do solo, parecendo as costelas de um esqueleto de dinossauro esdruxulamente deitado.

— A Floresta de Pedra — sussurrou Lily. — Bem no lugar em que deveria estar.

Estávamos ofegantes, depois da difícil subida pela trilha de chão movediço. Mas, ainda assim, tudo parecia muito fácil, até ali.

Atravessamos a Floresta de Pedra, com suas lindas formações retorcidas de rochas refletindo o luar em cores e nuances de alucinação. No outro extremo do pequeno planalto, outro grupo de placas apontava para diferentes direções.

— E agora?

— Agora, segundo Minnie, temos de procurar um sinal.

— Há pelo menos meia dúzia deles aí em frente.

Mostrei as pequenas placas com setas desenhadas, cada uma com um nome.

— Não um sinal desses! Um sinal que vai nos dizer onde estão as peças.

— E como ele é?

— Não sei bem. - Lily voltou o olhar para mim. — Só sei que é logo depois da Floresta de Pedra...

— Não sabe bem?

Contive a vontade de estrangulá-la. O dia que passáramos podia ser chamado, com boa vontade, de "difícil".

— Você me disse que tinha tudo gravado em sua memória, como uma partida de xadrez... Um cenário de sonho, foi o que disse! Pensei que você fosse reconhecer de olhos fechados cada palmo do terreno!

— E vou! — Ela também estava com raiva. — Já trouxe você até aqui, não trouxe? Por que você não cala a boca e ajuda a resolver este probleminha?

— Quer dizer que você admite que está perdida?

— Não! Não estou perdida! — gritou tão alto que a voz ecoou entre os monolitos brilhantes, atrás de nós. — Estou procurando algo... uma coisa específica. Um sinal! Ela disse que encontraríamos um sinal, que teria um significado para nós, aqui neste ponto.

— Sinal com significado... — repeti devagar.

Lily me olhou outra vez, ressentida. O luar iluminava a pele descascada do nariz arrebitado.

— Será que é um arco-íris? Um relâmpago? Uma inscrição no muro? MENE, MENE, TEQUEL E PARSIM...

Nós duas nos calamos ao mesmo tempo. Tínhamos entendido, também ao mesmo tempo. Ela ligou a lanterna e apontou o facho para a parede de rocha à frente — e lá estava!

Uma pintura gigantesca cobria todo o paredão. Antílopes selvagens fugiam pela planície, com cores que brilhavam mesmo à luz artificial. No meio da cena, em um carro que parecia mais rápido que os animais, uma caçadora solitária os perseguia — uma mulher vestida completamente de branco.

Ficamos muito tempo examinando a magnífica pintura, analisando todos os detalhes das delicadas figuras. A parede de rocha era alta, larga e um pouco côncava, como o fragmento de um arco de caça. O veículo celestial ocupava o centro da cena, dominando a cavalgada pela planície intemporal. O carro tinha o formato de um crescente. As duas rodas, cada uma com oito aros, pareciam girar a grande velocidade, acompanhando a rapidez dos três cavalos de flancos coloridos de vermelho, preto e branco. Um homem negro, com cabeça de íbis, ia de joelhos à frente, segurando com força as rédeas dos animais, que pareciam voar. Na parte de trás, duas fitas finas se elevavam com o deslocamento do ar, torciam-se, agitavam-se e formavam um 8. Bem no centro, alta como uma torre sobre as figuras do homem e dos animais, representando a própria vingança, ia a deusa. Imóvel em meio a toda aquela movimentação frenética, de costas, com os cabelos flutuando ao vento, tinha o corpo estático como um monumento. Os braços, erguidos, pareciam prontos a golpear. A longa lança que segurava não apontava para nenhum dos antílopes que corriam por todos os lados: erguia-se na direção do céu estrelado. Seu corpo, recortado em linhas duras, angulosas, parecia um 8 feito de dois triângulos opostos, cortados com poucos golpes na rocha.

— É isto! — Lily quase não conseguia respirar, com os olhos presos à pintura. — Você sabe o significado daquela forma, não sabe? Dois triângulos combinados, como uma ampulheta?

Percorreu a figura com o facho da lanterna, outra vez, destacando-a.

— Desde que vi aquele veludo pela primeira vez, com Minnie, venho tentando descobrir o que a figura me lembrou! — continuou.

— Agora já sei. É um machado antiquíssimo, de duas lâminas, chamado labrys. Foi usado em Creta pelos antigos súditos de Minos.

— E o que isso tem a ver com nossa procura?

— Foi num livro de xadrez de Mordecai que o vi pela primeira vez. O jogo de xadrez mais antigo já descoberto foi encontrado no palácio do rei Minos, em Creta, no lugar em que foi construído o famoso Labirinto. O próprio nome "Labirinto" foi tirado do machado sagrado. O jogo foi feito em mais ou menos 2000 a.C, em prata, ouro e pedras preciosas... da mesma forma que o Xadrez de Montglane. E bem no centro estava entalhada a figura de um labrys.

— Como na capa de veludo que Minnie nos mostrou — completei.

— Mas sempre pensei que o xadrez tivesse sido inventado uns seis ou sete séculos depois de Cristo. E todo mundo acredita que ele nasceu na Pérsia ou na Índia. Como é que o jogo de Creta pode ser tão antigo?

— Mordecai já escreveu muito sobre a história do xadrez. — Ela tornou a iluminar com a lanterna a mulher de branco em sua carruagem em forma de crescente, a lança erguida em desafio para o céu. — Ele acredita que o jogo de xadrez de Creta tenha sido criado pelo mesmo sujeito que construiu o Labirinto... o escultor Dédalo

— completou.

As coisas começaram a se encaixar. Tomei a lanterna das mãos de Lily e passei o facho pelo paredão ilustrado. A deusa Lua... O ritual do Labirinto... "Há uma terra chamada Creta que repousa em um berço de mar da cor do vinho, uma terra linda e fértil cercada pela água." Uma ilha que, como outras do Mediterrâneo, fora colonizada pelos fenícios... Ou seja: como a própria Fenícia, uma cultura labiríntica, cercada de água, que adorava a lua. Voltei a olhar para as figuras na rocha.

— Qual a razão de terem gravado o machado no meio do tabuleiro? — perguntei a Lily.

Mas, no fundo do coração, já sabia a resposta antes que ela dissesse qualquer coisa. Tanto que acrescentei, depressa:

— Qual é a ligação entre as duas coisas, para Mordecai?

Eu estava preparada, mas, mesmo assim, o que ela disse me provocou um arrepio igual ao causado por aquela imensa figura branca no paredão de rocha à frente:

— É porque esta é a essência do jogo: matar o Rei — respondeu Lily, em voz baixa.

O machado sagrado servia para matar o Rei. O ritual fora o mesmo desde a origem dos tempos. O jogo de xadrez não passava de uma repetição encenada. Como eu não percebera aquilo antes?

Kamel me mandara ler o Alcorão. E Sharrif, em meus primeiros momentos na Argélia, mencionara a importância do dia de meu aniversário para o calendário islâmico, que, como a maioria dos calendários muito antigos, era lunar — baseava-se nos ciclos da lua. Mas nem mesmo assim eu fora capaz de ligar as coisas.

O ritual sempre fora o mesmo para todas as civilizações cuja sobrevivência dependia do mar e, portanto, da divindade que presidia as marés e as cheias dos rios. Uma deusa que exigia sacrifícios de sangue. Era para ela que se escolhia um homem, seu rei, cujo reinado, no entanto, obedecia a um ritual rígido. Durava um grande ano — oito anos dos nossos. É este o período necessário para que se repita a coincidência dos ciclos lunar e solar, uma vez que cem meses lunares equivalem a oito anos solares.

Ao final do grande ano, o rei era sacrificado para aplacar a deusa, e um novo rei escolhido na lua nova seguinte.

Celebrava-se esse ritual de morte e renascimento sempre na primavera, quando o sol estava bem no meio da distância entre as constelações zodiacais de Áries e Touro. A data, pelos cálculos mais modernos, era o 4 de abril do calendário gregoriano. Quatro de abril, portanto, era o dia de matar o rei.

O ritual homenageava a tríplice deusa Car, cujo nome a Antiguidade homenageou em lugares como Carchemish, Carcassone, Cartago e Cartum. Nos dólmens de Karnak, nas cavernas de Karlsbad e da Carélia, através das montanhas dos Cárpatos, seu nome sagrado ecoa até hoje.

Palavras derivadas de seu nome inundaram-me a mente enquanto eu mantinha iluminada sua figura monolítica, que parecia me dominar pela simples presença no paredão. Por que eu não fizera as associações antes? Lá estava ela em "carmim", "cardeal" e "cardíaco", em "carnal", "carnívoro" e "carma" — o ciclo infinito da encarnação, transformação e crescimento. Era o verbo feito carne, a vibração do destino contida na cundalini dos iogues — o caracol, a força em espiral que constituía o coração da vida e o próprio Universo. Era essa a energia que o Xadrez de Montglane podia liberar.

Voltei-me para Lily, com a lanterna tremendo na mão, e abraçamo-nos à procura de calor. O luar frio banhava-nos como água gelada.

— Eu sei para onde a lança aponta — disse ela, em voz fraca. — Não é para a lua. É para alguma coisa sobre a qual o luar incide, no topo do rochedo.

Parecia com tanto medo quanto eu de subir até lá no meio da noite. A rocha devia ter uns cento e vinte metros, quase na vertical.

— Pode ser - repliquei. - Mas temos um ditado em meu ramo de trabalho: "é melhor usar a inteligência do que a força". Já recebemos a mensagem, já sabemos que as peças estão em algum lugar por aqui. Mas há mais um conteúdo na mensagem, e foi você quem descobriu.

— Eu?! — Ela arregalou os olhos cinzentos. — O que foi que eu disse?

— Olhe bem para a mulher na rocha. Ela como que navega em seu carro sobre um mar de antílopes, mas não lhes presta atenção. Volta a vista para longe de nós e, apesar de apontar a lança para o céu, também não olha para nós.

— Ela olha para dentro da montanha! - gritou Lily. - Será que as peças estão lá dentro? — Perdeu um pouco do entusiasmo quando tornou a olhar para a face da rocha: — E agora? O que vamos fazer? Explodir o rochedo? Esqueci de trazer nitroglicerina.

— Use a cabeça. Estamos em plena Floresta de Pedra. Como é que você acha que aquelas rochas ficaram tão rendadas, espiraladas, ficando parecidas com árvores? A areia não seria capaz

de modelá-las assim, por mais fortes que tivessem sido os ventos. A areia lixa a pedra, tornando-a polida. A única coisa capaz de modelar a rocha em formas tão precisas e definidas é a água. Este planalto inteiro foi formado por rios subterrâneos ou por um oceano. Nada mais seria capaz de lhe dar as formas que tem. A água perfura a pedra... Está começando a perceber?

— Um labirinto! - tornou a gritar. — Você quer dizer que existe um labirinto dentro da rocha! Foi por isso que pintaram a deusa Lua em forma de labrys! E um sinal como as placas da trilha. Mas a lança aponta para cima. A água deve ter formado tudo isto de cima para baixo.

— Pode ser - respondi, sem muita convicção. — Mas dê uma olhada na rocha como um todo, veja seu formato. A curvatura é para dentro, como se tivesse sido raspada com uma colher. Exatamente da maneira que o mar escava a pedra. Todas as grutas marinhas são côncavas. Se você percorrer a costa rochosa de Carmel até Capri, vai encontrar inúmeras vezes o mesmo formato. Acho que a entrada fica aqui embaixo. Pelo menos, devemos experimentar, antes de arriscarmos os pescoços tentando escalar o paredão.

Lily pegou a lanterna e, durante meia hora, tateamos a base do rochedo. Encontramos várias fendas, mas nenhuma grande o bastante para nos dar passagem. Eu já começara a desistir da ideia, quando notei um ponto em que a superfície lisa apresentava uma pequena reentrância. Resolvi senti-la com a mão. Em vez de encontrar logo o fundo, senti uma fenda quase invisível, mas que se alargava cada vez mais, entre a face aparente e o que parecia ser outra parede, oculta pela de fora. A reentrância era larga o suficiente para que uma pessoa passasse por ela.

— Acho que encontrei!

Entrei e desapareci na escuridão; Lily localizou-me pela voz. Quando se juntou a mim, tornei a pegar a lanterna e iluminei o lugar. A fenda parecia descer, por uma curva espiralada, para as profundezas da montanha.

Cada parte da rocha envolvia a outra, como as volutas de uma concha de náutilo. Seguimos aquele caminho, em uma escuridão

tamanha que a lanterna mal conseguia iluminar um ou dois metros à frente.

De repente, ouvimos um barulho forte. Cheguei a saltar de susto, mas logo descobri o que tinha acontecido: Carioca resolvera latir, dentro de minha bolsa. E seu protesto ecoou como um rugido de leão.

— A caverna é mais complicada do que parece - comentei, enquanto me esforçava para livrar o infeliz da bolsa. Este eco veio de muito longe.

— Não o ponha no chão! Pode haver aranhas ou cobras por aqui. —Você está muito enganada se acha que vou deixá-lo fazer xixi dentro de minha bolsa. E, se houver mesmo cobras, antes ele do que eu.

Ignorando seu olhar furioso, pus o animal no chão, onde ele fez imediatamente o que precisava fazer. Olhei-a com um ar de "eu não disse?" e voltei a estudar o lugar com a lanterna. Andamos ao longo de toda a caverna, devagar. A parede não tinha mais de dez metros, mas não achamos nada. Depois de algum tempo, Lily estendeu as mantas, que trouxera consigo, e sentou-se no chão.

— Elas têm de estar aqui dentro, em algum canto — resmungou. — Deu tudo absolutamente certo, até agora. Se bem que o labirinto que eu tinha em mente não fosse bem assim.

De repente, levantou-se de um pulo.

— Onde está Carioca? — perguntou assustada.

Olhei para todos os lados, iluminei a caverna toda: o cachorro desaparecera.

— Ah, meu Deus! — Tentei manter a voz calma. — Só há uma saída: o lugar por onde entramos. Por que não o chama?

Foi o que ela fez. Depois de algumas tentativas preocupadas, ouvimos seus latidos esganiçados. Para nosso alívio, vinham da direção da entrada.

— Eu vou buscá-lo — disse eu, para tranquilizá-la.

— De jeito nenhum! - Seu protesto ecoou pela caverna. — Não vou ficar aqui, sozinha, no escuro.

Começou a me seguir, bem de perto. Tão de perto que caiu por cima de mim, quando despenquei por um buraco abaixo. Tive a

impressão de demorar muito até chegar ao fundo.

Bem perto da entrada em espiral — mas oculta, quando entramos, pela curvatura da parede —, havia uma rampa muito íngreme, de uns dez metros. Depois de tirar o corpo esfolado de sob o peso de Lily, apontei a lanterna para cima. A luz refletiu em todos os cantos da parede e do teto de cristal da maior caverna que já vi. Ficamos paradas, olhando as luzes coloridas, enquanto Carioca — inteiro apesar 504 da queda - brincava a nossos pés.

— Bom trabalho, peludo! — Dei-lhe uns tapinhas carinhosos na cabeça. — De vez em quando, é bom ter um cachorro trapalhão como você.

Fiquei em pé, espanando o pó das roupas, e Lily começou a recolher as mantas e a infinidade de objetos que tinha caído de minha bolsa. Olhamos outra vez a caverna imensa. Para onde quer que dirigíssemos o facho da lanterna, as paredes de rocha pareciam infindáveis.

— Acabou de me ocorrer que a rampa que rolamos é íngreme demais para subirmos sem ajuda de um guindaste — comentou Lily. — E também que podemos nos perder de vez neste lugar, se não deixarmos uma trilha de farelo de pão ou qualquer coisa assim.

Ela estava certa nas duas coisas, mas, àquela altura, meu cérebro já estava fazendo hora extra.

— Sente-se aí e comece a raciocinar — disse a ela, com cansaço na voz. — Tente lembrar de alguma pista dada por Minnie. Vou pensar num modo de sairmos daqui.

Foi então que ouvi um barulho: uma espécie de sussurro indefinido, como o de folhas secas varridas pelo vento em uma ruela deserta. Passei a lanterna pelas paredes, mas percebi que Carioca dava pulos para o alto, latindo histericamente para o teto da caverna. O ruído tornou-se ensurdecedor, como se mil harpias tivessem resolvido grasnar ao mesmo tempo.

— As mantas! — gritei, o mais alto que pude, para que Lily me ouvisse em meio ao barulho infernal. — Pegue as mantas!

Agarrei Carioca, ainda aos saltos, prendi-o debaixo do braço e voei na direção dela. Consegui pegar as mantas no momento exato em que ela começou a gritar também. Atirei-lhe uma sobre a cabeça

e cobri-me com a outra, agachada junto ao chão, um instante antes de os morcegos chegarem até nós.

Deviam ser milhares, pelo farfalhar das asas. Lily e eu ficamos imóveis, coladas no chão, enquanto eles se chocavam contra os cobertores como minúsculos camicases. Entre os ruídos dos choques e das asas agitadas, continuei a ouvir os gritos apavorados de Lily. Carioca tentava de qualquer jeito se livrar do aperto de meu braço - parecia disposto a partir para a briga com todos os morcegos do Saara. Seus latidos agudos, misturados aos berros de Lily, ecoavam entre as paredes altas.

— Eu odeio morcegos! — gritou Lily, cada vez mais histérica, agarrando meu braço quando comecei a correr, abrindo uma fresta mínima na manta para enxergar o caminho. — Odeio! Odeio!

— Eles também não parecem morrer de amores por você! — respondi, também aos gritos, em meio à barulheira infernal.

Eu sabia que os morcegos são inofensivos, a não ser que se prendam a nosso cabelo ou estejam contaminados pela raiva.

Corremos, com os corpos arqueados, na direção do que parecia ser uma fenda na caverna. Carioca conseguiu se livrar de meu abraço e disparou pelo chão. Ainda havia morcegos por todos os lados, voando em todas as direções.

— Meu Deus! — gritei. - Carioca! Venha cá!

Ergui a manta sobre a cabeça e corri atrás dele, sacudindo a lanterna na esperança de que o facho confundisse os morcegos.

— Não me deixe aqui!

Além do grito altíssimo de Lily, ouvi também suas passadas. Ela corria como louca atrás de mim. Apertei ainda mais o passo, mas Carioca fez uma curva e desapareceu. E os morcegos também sumiram. Uma nova caverna estendia-se a nossa frente, comprida como um salão, sem nenhum ruído de morcegos. Voltei a luz para Lily, toda encolhida atrás de mim, tremendo, com a cabeça ainda coberta pela manta.

— Ele morreu! — choramingou, tomando a lanterna e procurando o cachorro por todos os lados. — Foi você quem o soltou, e eles o mataram! O que é que vamos fazer agora? — O medo era tamanho

que a voz se tornou infantil. — Harry sempre diz que você sabe o que faz...

— Estou cagando para o que Harry diz! — explodi.

Comecei a sentir também a onda de pânico, mas lutei contra ela controlando a respiração, aspirando e expirando profundamente. Não havia razão para perder a cabeça.

Huckeberry Finn conseguiu escapar de uma caverna como aquela, não conseguiu? Ou teria sido Tom Sawyer? Comecei a rir.

— Qual é a graça? — Lily continuava histérica. — O que vamos fazer?

— Desligar a lanterna. Não quero ficar sem pilhas nesta porra de...

Foi então, no escuro, que vi. Do outro lado do salão, havia um brilho muito fraco, mas, no negror absoluto em que estávamos, era como se fosse a luz de um farol no meio do oceano.

— O que é aquilo? — Lily também vira. Nossa esperança de salvação, pensei, conduzindo-a pelo braço. Haveria mesmo outra entrada para as cavernas?

Não sei bem por quanto tempo andamos. Na escuridão, perde-se completamente a noção de tempo e de espaço. Continuamos a caminho do brilho, sem ligar a lanterna. O brilho ia aumentando à medida que nos aproximávamos. Finalmente, chegamos a outra caverna, de dimensões monumentais. O teto devia ficar a mais de quinze metros de altura e as paredes pareciam incrustadas de estranhas formas brilhantes. De um buraco no teto jorrava a maravilhosa luz do luar. Lily começou a chorar de novo.

— Nunca pensei que algum dia ficaria tão feliz só de ver o céu! Concordei sem ressalvas. O alívio começou a agir em mim como

um poderoso tranquilizante. E, para completar, quando me perguntei como faríamos para subir os quinze metros até o buraco, ouvi um inconfundível ruído abafado. Liguei de novo a lanterna: em um canto, Carioca escavava o chão como se procurasse um osso enterrado.

Lily fez menção de correr para ele, mas eu a contive. O que estaria fazendo o cãozinho? Ficamos de olhos presos nele, à luz fraca da lanterna.

O cachorro cavava afoitamente um monte de detritos e areia do chão. Só que havia algo estranho naquele monte. Tornei a desligar a lanterna, deixando a caverna iluminada apenas pelo luar, e compreendi o que tinha parecido esquisito: o próprio monte brilhava. Havia alguma coisa luminosa dentro dele. E, bem em cima, na parede, um gigantesco caduceu com o algarismo 8 parecia flutuar na luz.

Lily e eu nos atiramos de joelhos no chão, ajudando na escavação de Carioca. Em poucos minutos, conseguimos desenterrar a primeira peça. Segurei com as duas mãos a reprodução perfeita de um garanhão empinado sobre as patas traseiras. Tinha uns doze centímetros de altura e era muito pesado. Liguei a lanterna e passei-a a Lily, para poder examinar melhor a peça. Tudo era perfeito, esculpido com incrível precisão de entalhes em um metal que parecia puríssima prata. Das narinas dilatadas até as pontas dos cascos, tratava-se do trabalho de um extraordinário artesão. As franjas que ornamentavam os lados da sela mostravam cada fio de tecido. A sela, a base da peça e até os olhos do cavalo eram feitos de pedras polidas, não lapidadas, que refletiam em cores luminosas o fecho da lanterna.

— Incrível! — sussurrou Lily, no silêncio que só não era absoluto porque Carioca continuava empenhado na escavação.

— Vamos desenterrar as outras!

Voltamos a cavar até termos certeza de que tínhamos apanhado todas elas. Oito peças do Xadrez de Montglane estavam entre a sujeira em volta de nós, brilhando fracamente ao luar. Além do Cavalo, estávamos com quatro Peões de prata, cada um com uns oito centímetros de altura. Usavam estranhas togas, com o que parecia uma proteção sobre o peito, e portavam lanças com pontas retorcidas. Tínhamos também um Camelo de ouro, com uma Torre às costas.

Mas as outras duas peças eram as mais extraordinárias de todas. Uma era um homem sentado no dorso de um Elefante de tromba erguida. Toda em ouro, lembrava a reprodução em marfim que Llewellyn me mostrara, meses antes, sem os quatro homens da base. Dava a impressão de ter sido modelada de forma a retratar

uma pessoa de verdade, não era como as figuras estilizadas comuns em peças de xadrez. Tinha um rosto largo, nobre, com um nariz romano, mas as narinas eram dilatadas como as das cabeças negroides encontradas em Ife, na Nigéria. O cabelo longo derramava-se para trás dos ombros, uma parte em tranças decoradas com pequenas pedras preciosas. O Rei.

A última era praticamente da mesma altura, uns quinze centímetros. Era um palanquim fechado, com as cortinas laterais quase cerradas. Dentro dele havia uma pessoa sentada na posição de lótus, olhando para fora com uma expressão de grandeza quase feroz nos olhos amendoados de esmeraldas. Apesar da barba, tinha seios de mulher.

— A Rainha — explicou Lily, com um sussurro. — No Egito e na Pérsia, as rainhas usavam barbas falsas, como símbolo de seu poder. Na Antiguidade, esta peça tinha menos valor que hoje, mas seu poder cresceu com o tempo.

Entreolhamo-nos à luz do luar, cercadas pelas peças do Xadrez de Montglane, e sorrimos.

— Conseguimos — disse Lily. — Agora, só falta descobrirmos um jeito de sair daqui.

Percorri as paredes com o facho da lanterna. Parecia difícil, mas não impossível.

— Acho que sou capaz de escalar estas rochas. Se cortarmos as mantas em tiras, podemos improvisar uma corda. Lá em cima, eu a jogo para cá e você amarra Carioca e as peças, dentro de minha bolsa. Depois, é só puxar.

—E eu?

— Não vou conseguir puxar você. O jeito é você escalar também, sozinha.

Tirei os sapatos enquanto Lily retalhava as mantas, com o auxílio de minha tesourinha de unhas. Logo comecei a ajudá-la. Quando terminamos, o céu já clareava sobre o buraco.

O paredão que escolhi era difícil, e quase vertical, sem muitos lugares onde apoiar os pés. A visão da altura até o chão da caverna também não ajudava muito. Levei quase meia hora para subir com a corda. Quando cheguei finalmente à luz do dia, saí, quase sem

fôlego, no alto do penhasco por cuja base tínhamos entrado. Lily colocou Carioca e as peças na bolsa. Consegui puxá-los sem problemas. Enquanto Lily iniciava sua escalada, comecei a acariciar os pés. As bolhas estavam abertas de novo.

— E se eu cair e quebrar uma perna? - gritou Lily, lá de baixo.

— O jeito vai ser abater você a tiros... Suba! E não olhe para baixo! Seus pés nus procuravam os poucos apoios disponíveis na rocha.

Mais ou menos na metade do caminho, parou.

— Continue! — gritei. — Você não pode se dar ao luxo de ficar paralisada de medo aí onde está.

Ela continuou imóvel, agarrada à pedra como uma aranha. Não moveu um músculo, não disse uma palavra. Comecei a entrar em pânico outra vez.

— Escute — tornei a gritar —, por que você não faz de conta que isto é uma partida de xadrez? Você está imobilizada e não vê saída. Mas tem de haver uma saída, senão você perde o jogo! Não sei como é que se chama essa situação, de ficar com todas as peças presas ao mesmo tempo, sem movimento possível... mas é nela que você vai ficar se não descobrir uma casa onde enfiar o pé!

Notei que ela deslocou um pouco a mão. Logo escorregou alguns centímetros para baixo, mas, em seguida, recomeçou a subir. Dei um imenso suspiro de alívio. Porém não disse nada, para não atrapalhar sua concentração. Depois do que pareceu um século, a mão dela surgiu na borda do buraco. Agarrei com toda a força a corda que ela atara à cintura e ajudei-a a sair.

Lily deitou-se no chão, ofegante, de olhos fechados. Levou muito tempo para falar. Finalmente, olhou para o dia que já ia nascendo, depois para mim, e disse, meio sem fôlego:

— Zugzwang. Aquela situação no xadrez que você descreveu chama-se Zugzwang. Conseguimos, meu Deus! Conseguimos!

Ainda havia muita coisa pela frente.

Calçamos de novo os sapatos e começamos a descer o penhasco, meio aos trambolhões, mas em segurança. Depois, tivemos de atravessar toda a Floresta de Pedra. Levamos duas horas para

chegar até o final da trilha onde deixáramos o carro. Para baixo sempre é mais rápido.

Estávamos tontas de tão exaustas. Comentei com Lily meu desejo de comer um bom par de ovos fritos no café da manhã — coisa pouco provável em um país como aquele. De repente, ela agarrou meu braço.

— Não é possível! — disse, apontando para baixo, para o local onde tínhamos deixado o carro.

Havia dois carros da polícia ao lado do nosso. Quando vi que os capangas de Sharrif revistavam o interior do Corniche, não tive mais dúvida.

— Como eles conseguiram chegar aqui?! — exclamou Lily.

— Nós os tiramos da pista centenas de quilômetros atrás!

— Quantos automóveis Corniche azuis você acha que existem na Argélia? E quantas estradas diferentes através do Tassili?

Passamos mais ou menos um minuto apreciando a cena, até que lhe perguntei:

— Você ainda não gastou todo o dinheirinho da mesada que Harry lhe deu, gastou?

Ela vasculhou a bolsa e fez que não com a cabeça, parecendo incapaz de qualquer outro esforço.

— Então o jeito vai ser ir a pé até Tamrit, aquela aldeia de tendas pela qual passamos. Pode ser que lá consigamos comprar alguns burros para ir até Djanet.

— E deixar o meu carro com aqueles marginais? — perguntou ela.

— Eu deveria ter deixado você pendurada na parede da rocha. Em Zugzwang.

ZUGZWANG

É sempre melhor sacrificar as peças do adversário.
- SAVIELLY TARTAKOVER, Grande Mestre polonês

Passava um pouco do meio-dia quando Lily e eu nos livramos dos planaltos ondulados do Tassili e chegamos à planície de Admer, mais de trezentos metros abaixo, nos arredores de Djanet.

Encontramos bastante água para beber e inúmeros regatos que irrigam o Tassili, e eu trouxe comigo alguns ramos carregados de *dhars*, tâmaras muito doces que se grudam nos dedos e, aparentemente, também nas paredes do estômago. Era tudo o que tínhamos para comer.

Alugamos burros em Tamrit, a aldeia por onde tínhamos entrado, à noite, no Tassili.

É muito menos confortável cavalgar um burro do que um cavalo. Além dos pés em frangalhos, eu acrescentara várias dores à coleção: *derrière* em brasa e coluna empenada, resultados das infindáveis horas de descidas e subidas pelas dunas pedregosas; mãos esfaceladas pela subida forçada na rocha; cabeça latejando, provavelmente por insolação. Mas, apesar de tudo, estava animada. Conseguíramos as peças e estávamos a caminho de Argel...

Deixamos os animais com o tio do proprietário, em Djanet, a quatro horas de jornada. O mesmo tio nos levou de carroça, até o aeroporto.

Embora Kamel me tivesse dito para evitar aeroportos, não tínhamos escolha. Nosso carro fora descoberto e encontrava-se sob guarda; alugar outro, em uma cidade daquele tamanho, estava fora de cogitação. Como voltaríamos, então? Com um aeróstato?

— Não gosto nada da ideia de pousar no aeroporto de Argel — disse enquanto tirávamos de nossas roupas o feno da carroça, para entrar pela porta de vidro do campinho de Djanet. — Você não disse que Sharrif tem um escritório lá?

— Logo atrás do guichê da imigração.

Mas isso deixou de ser motivo de preocupação quando uma funcionária nos informou que não havia mais voos para Argel.

— O último saiu há uma hora. Agora, só amanhã...

O que mais se poderia esperar de uma cidade com dois milhões de palmeiras e duas ruas? Lily levou-me para um canto.

— Não podemos passar a noite nesta aldeola. Se tentarmos algum hotel, vão nos pedir documentos e eu não tenho nenhum. Eles já acharam nosso carro, sabem que estamos aqui. Temos de planejar uma retirada!

Precisávamos mesmo sair dali — e depressa. E ainda devíamos levar as peças para Minnie antes que acontecesse alguma coisa. Voltei ao balcão, com Lily ao lado.

— Há algum outro voo hoje à tarde, para qualquer lugar?

— Só um charter para Orã, com um grupo de estudantes japoneses a caminho de Marrocos. Vai decolar daqui a alguns minutos. Portão Quatro.

Lily mal ouviu e já correu para lá, com Carioca debaixo do braço. Fui atrás. Se há alguém que dê valor ao dinheiro, pensei, são os japoneses. E dinheiro Lily tinha de sobra — o bastante para se comunicar em qualquer língua.

O organizador da excursão, um sujeito elegante, de blazer azul e um crachá que revelava o nome Hiroshi, já estava cuidando do embarque dos barulhentos estudantes quando chegamos até ele, sem fôlego. Lily explicou a situação, em inglês, e fui traduzindo para o francês.

— Quinhentas pratas em dinheiro - disse ela. — Quinhentos dólares americanos diretamente em seu bolso.

— Setecentos e cinquenta — disse ele, sem pestanejar.

— Feito.

Lily contou as notas em frente do nariz dele. E o sujeito, mais rápido que um crupiê de Las Vegas, embolsou-as. Tudo resolvido.

Até aquele voo, eu sempre imaginara os japoneses como um povo de impecável cultura e alta sofisticação, que se dedicava a ouvir música suave e a relaxantes cerimônias de chá. Mas a viagem de três horas sobre o deserto levou-me a mudar de opinião. Os estudantes corriam por todo o interior do avião, contando aos gritos

piadas grosseiras e cantando música dos Beatles em japonês — cacofonia que quase me trouxe saudades dos gritos dos morcegos da caverna do Tassili.

Lily nem percebeu a bagunça. Passou o tempo todo na parte de trás do avião, jogando go com Hiroshi — e dando-lhe uma surra no jogo que é o esporte nacional japonês.

Senti um grande alívio quando avistei pela janela a enorme catedral rosa, o ponto mais alto da montanhosa Orã. O aeroporto internacional da cidade era grande o bastante para servir não apenas às cidades do Mediterrâneo, mas também à costa do Atlântico e aos países africanos ao sul do Saara. Quando desembarcamos, comecei a me preocupar com mais um problema: como passar pelo detector de metais, se trocássemos de avião?

O que fizemos foi ir diretamente ao balcão de aluguel de carros. Eu tinha um pretexto razoável: em Arzen, uma cidade próxima, havia uma refinaria.

— Estou a serviço do Ministério do Petróleo — disse ao rapaz que me atendeu, exibindo a carteirinha oficial. - Preciso de um carro para ir inspecionar a refinaria de Arzen. É uma emergência; o carro do Ministério quebrou-se.

Ele sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, mademoiselle, não tenho nenhum carro disponível até a semana que vem.

— Semana que vem? Mas isso é impossível! Preciso de um automóvel agora! Tenho de inspecionar a produção de qualquer maneira. Sou obrigada a lhe pedir que desaloje alguém. Vi vários carros de sua agência no estacionamento. Para quem estão reservados? Seja quem for, meu trabalho é mais urgente.

— Se pelo menos eu tivesse recebido algum aviso... Todos aqueles carros lá fora foram devolvidos hoje. Tenho clientes que esperaram por eles mais de uma semana, e são todos vips. Como este aqui, por exemplo... — Tirou da gaveta um molho de chaves e mostrou-me: - O consulado soviético telefonou há menos de uma hora. Um especialista em petróleo vai chegar de Argel no próximo voo e...

— Especialista soviético? — Fiz uma careta. - Você só pode estar brincando! Quer que eu telefone para o ministro do Petróleo da Argélia e lhe diga que só posso fazer a inspeção em Arzen na semana que vem porque os soviéticos se apossaram do último carro?

Lily e eu trocamos um olhar indignado. O rapaz, cada vez mais nervoso, arrependeu-se de ter tentado me impressionar com a importância de seus clientes, e mais ainda de ter mencionado o tal soviético.

— A senhorita tem razão! — exclamou, de repente, pegando uma prancheta com vários papéis e formulários e passando-a para mim. — Que direito tem o consulado soviético de querer um carro em prazo tão curto? Por favor, assine aqui... e aqui. Eu mesmo vou lhe trazer o carro.

Quando voltou, com as chaves na mão, pedi para usar o telefone. Garanti que a chamada seria para a telefonista internacional de Argel e não seria cobrada. Ele mesmo ligou para Therese e passou-me o aparelho.

— Menina! — gritou ela, entre os ruídos habituais da linha.

— O que você andou fazendo? Metade de Argel está a sua procura! E eu sei muito bem... Fiquei na linha de todas as ligações! O ministro mandou dizer, se você telefonasse, que ele não poderia atender. E também que você não deve ir para o ministério, em hipótese alguma, na ausência dele.

— É onde ele está?

Dei uma olhada nervosa na direção do rapaz, que estava prestando a máxima atenção, apesar de fingir que não falava inglês.

— Está na conferência — respondeu Therese, com uma voz carregada de sentidos ocultos.

Merda! Então a conferência da OPEP já tinha começado?

— Onde você vai estar, caso ele precise falar com você? — quis saber Therese.

— Estou indo para a inspeção na refinaria de Arzen — respondi, alto, em francês. — Nosso carro quebrou, mas, graças à boa vontade e à eficiência do responsável pelo balcão da agência de

aluguel, aqui no aeroporto de Orã, conseguimos um outro. Diga ao ministro, por favor, que vou me apresentar a ele amanhã.

— Faça o que fizer, não venha para cá por enquanto! Aquele salud, o cafajeste da Pérsia, sabe onde você esteve e quem a mandou para lá. É melhor sair desse aeroporto o mais depressa possível. O pessoal da segurança aí é todo dele!

O "cafajeste persa" era Sharrif, que, evidentemente, sabia onde estiváramos. Mas como Therese também sabia? E, mais incrível ainda, como podia saber quem me mandara? Só então lembrei que fora ela quem me ajudara a localizar Minnie Renselaas. Voltei a falar em inglês, ainda de olho no rapaz do balcão:

— Therese, foi você quem contou ao ministro que me encontrei com uma pessoa na casbá?

— Claro — sussurrou ela. — Soube que você esteve com ela. Deus a ajude agora, minha filha. — Baixou a voz ainda mais. Tive de me esforçar para conseguir ouvir. — Eles adivinharam quem é você.

Houve um longo momento de silêncio. Em seguida, ouvi o sinal de "ocupado". Desliguei também, com o coração aos pulos, e peguei as chaves sobre o balcão.

- O ministro ficará muito satisfeito ao saber que acabamos conseguindo inspecionar a refinaria. — Apertei a mão do rapaz. — Nem sei como agradecer sua ajuda.

Lá fora, Lily pulou para o banco do passageiro do Renault, com Carioca, e eu sentei-me ao volante. Acelerei na direção da estrada do litoral. Meu destino era Argel, contra os conselhos de Therese. Que mais poderia fazer? Pus o cérebro para trabalhar a quilômetros por minuto, enquanto o carro ia engolindo asfalto. Entendera bem o que dissera Therese: minha vida não valia um centavo. Continuei dirigindo como uma desvairada ao pegar a estrada de mão única para Argel.

Eram quatrocentos quilômetros para o leste, passando por cima do promontório. Quando deixei para trás a refinaria de Arzen, comecei a olhar menos para o retrovisor e, finalmente, passei a direção para Lily, a fim de retomar a tradução do diário de Mireille.

Abri o volume encadernado em couro, folheei com cuidado as páginas delicadas até encontrar o ponto onde havia parado. Já

entardecia e o sol começava seu mergulho aparente no mar escuro, formando um arco-íris na névoa que se elevava onde as ondas se quebravam contra os rochedos. Bosques de oliveiras cobriam o lado de dentro da estrada, e suas folhas moviam-se com a brisa e refletiam a luz do fim do dia como se fossem pequenos discos de metal.

Foi estranho tirar os olhos da paisagem que deslizava e ingressar de novo no mundo das palavras escritas. Aquele livro tornara-se mais real, para mim, que os perigos iminentes e bem concretos que continuavam me ameaçando. Mireille, a freira francesa, era uma espécie de companheira de nossas aventuras. Sua história desabrochava a nossa frente, ou dentro de nós, como uma estranha e misteriosa flor.

Lily foi dirigindo em silêncio e recomecei a tradução, sentindo-me como se ouvisse o relato de minha própria busca vindo dos lábios de outra pessoa... de outra mulher, que se incumbira de uma missão que só eu era capaz de compreender. Era como se ouvisse outra voz, que, no entanto, era também a minha. De algum modo, ao longo de tantas aventuras, a busca de Mireille se identificava com a minha:

Saí, trêmula, da prisão. Na caixa de Pintura que carregava, havia uma carta da abadessa, além de considerável quantia que ela destinara a minha missão. Uma carta de crédito, segundo ela, estaria a minha espera em um banco britânico, contra o saldo de minha falecida prima. Mas eu decidira não ir à Inglaterra. Ou melhor: tinha outra tarefa a cumprir, antes de viajar para lá. Meu filho estava ainda no deserto. Meu Charlot, que eu temera, na manhã daquele mesmo dia, nunca mais rever. O menino que nascera aos olhos da deusa, que nascera já dentro do Jogo...

Lily diminuiu a velocidade e eu ergui os olhos do livro. Já escurecera e minha vista se ressentia do esforço. Levei um momento para compreender que ela parará no acostamento e desligara os faróis e as lanternas. Na semiescuridão, vi carros e mais carros, militares e da polícia, a nossa frente, além de vários veículos particulares parados por eles.

— Onde estamos? — perguntei.

Não podia ter certeza de que nos tinham visto.

— A uns oito quilômetros de Sidi-Fredj... de seu apartamento e de meu hotel. A quarenta quilômetros do centro de Argel. Meia hora mais e teríamos conseguido. E agora?

— Bem, aqui não podemos ficar. Seguir em frente, também não. Eles acabariam descobrindo as peças, por mais que as ocultássemos... - Parei um instante para pensar. - Há um ancoradouro logo ali à frente, chamado La Madrague. Não aparece em nenhum mapa, mas já estive lá muitas vezes, para comprar peixe e lagosta. É o único lugar onde podemos sair da estrada, sem fazer cento e oitenta graus e despertar suspeitas. Vamos nos esconder lá até pensarmos em alguma coisa.

Voltamos para a estrada e seguimos devagar pelas curvas sinuosas, até que encontramos a estradinha de terra, antes de cruzarmos com a patrulha. Chegamos no escuro ao ancoradouro e ao aglomerado de casas de um só quarteirão. Paramos à porta da única estalagem do lugar, um recanto de pescadores que, eu sabia, servia uma ótima bouillabaisse. Frestas nas janelas encobertas por cortinas e na porta da entrada, que não passavam de tábuas pregadas de qualquer modo, sustentadas por molas quebradas, deixavam escapar um pouco de luz.

— Este é o único lugar por aqui, num raio de quilômetros, que tem um telefone — expliquei a Lily, ainda no carro. — Sem falar de comida. Estou com a sensação de que não comemos nada há meses. Vamos ver se conseguimos falar com Kamel, e se ele nos tira daqui. Mas, de qualquer modo, acho que estamos em Zugzwang.

— E se não conseguirmos falar com ele? Quanto tempo você acha que aquela patrulha vai levar para chegar aqui? Não podemos ficar a noite inteira...

— Bem... Se você quiser deixar o carro aqui, podemos enfrentar uma caminhada pela praia. São só alguns quilômetros até meu apartamento. E é um jeito de passar pelo bloqueio da estrada. Mas vamos ficar presas em Sidi-Fredj, sem carro.

Acabamos optando pelo plano original. Foi provavelmente a pior sugestão que fiz, desde o início da viagem.

A estalagem de La Madrague não passava de um recanto de marinheiros e pescadores. Mas os homens que se voltaram para

apreciar nossa entrada pareciam recolhidos entre os extras da filmagem de A ilha do tesouro. Carioca tentou enterrar o nariz sob o braço de Lily, ganindo de um modo estranho, como se procurasse se livrar do cheiro pavoroso.

— Acabei de me lembrar — disse eu a Lily, quando estávamos atravessando a porta. — De dia é um reduto de pescadores, mas de noite La Madrague é o lar da máfia argelina.

— Espero que você esteja brincando. — Ergueu o queixo a caminho do bar. — Mas tenho a impressão de que não está.

Bem naquele instante, meu estômago pareceu virar do avesso. Vi um rosto que gostaria que não me parecesse tão familiar. Estava sorridente e levantou a mão para chamar a atenção, no momento em que chegamos ao bar. O homem atrás do balcão inclinou-se em nossa direção.

— Vocês estão sendo convidadas para aquela mesa do canto.

— A voz não tinha bem o tom de um convite. — Digam o que querem beber que eu levo.

— Estamos acostumadas a nos sentar onde queremos e a pagar pelo que bebemos.

Lily começava a ficar grandiloquente, e eu segurei-a pelo braço.

— Estamos atoladas na merda até o pescoço — sussurrei.

— E nosso gentil anfitrião veio de muito longe.

Conduzia através da pequena multidão de marinheiros, que se abriu a nossa passagem como o mar Vermelho diante de Moisés, na direção da mesa do homem que nos esperava: El-Marad, o mercador de tapetes.

Não parei um minuto para pensar no que havia em minha bolsa, e no que significaria para nós, se fosse descoberto.

— O truque do toailete deu certo uma vez — tornei a sussurrar ao ouvido de Lily. - Espero que você conheça algum outro. O sujeito que vou lhe apresentar é o Rei branco, e algo me diz que ele sabe muito bem quem somos e de onde viemos.

Sobre a mesa, à frente de El-Marad, havia um punhado de palitos de fósforos. Ele os tirava da caixa e ajeitava na mesa, em forma de pirâmide. Não se deu ao trabalho de erguer os olhos, quando chegamos.

— Boa-noite, senhorita — disse, naquela voz macia e horrível. — Estava a sua espera. Não quer jogar uma partida de nim comigo?

Não acreditei que o trocadilho fosse intencional. E não era mesmo.

— Trata-se de um antigo jogo britânico. Em inglês, nim é uma expressão de gíria que significa "retirar, aliviar... roubar". Mas, na certa, você sabe disso. — Cravou em mim aqueles olhos negros que pareciam não ter pupilas. — É um jogo muito simples. Cada jogador retira um ou mais palitos de uma fileira da pirâmide. Quantos queira. Só têm de ser da mesma fileira. Quem tira o último palito perde o jogo.

— Obrigada por me ensinar as regras. - Sentei à frente dele, com Lily a meu lado. — Aquela barreira lá na estrada por acaso foi obra sua?

— Não. Mas, já que está lá, resolvi tirar vantagem dela. O único lugar por onde você poderia tentar contornar é este aqui.

Claro! Como fui idiota! Não havia nenhuma outra localidade em um raio de quilômetros em volta de Sidi-Fredj.

— Não foi para jogar com palitinhos de fósforos que você veio para cá — retruquei, olhando com desdém a pirâmide sobre a mesa. — O que é que você quer de nós?

— Mas é verdade! Quis você aqui para disputarmos um jogo!

— Sorriu, um sorrisinho sinistro. — Ou, devo dizer, para disputarmos o

Jogo. E esta moça, se não estou enganado, é a neta de Mordecai Rad, um dos maiores jogadores de todos os tempos, principalmente em jogos que têm a ver com roubos.

A voz ficara cada vez mais agressiva. Olhou para Lily com os olhos pretos cheios de ódio.

— É também sobrinha de seu "sócio", Llewellyn, por meio de quem vim a conhecer você — retruquei. - Qual é o papel dele no Jogo?

El-Marad não se deu ao trabalho de responder.

— Como foi seu encontro com Mokhfi Mokhtar? Foi ela quem a mandou para a missãozinha de que vocês acabam de regressar, se

não estou enganado. — Retirou o palito de cima e fez sinal com a cabeça para que eu jogasse.

— Ela lhe mandou lembranças — respondi, tirando os dois palitos da fileira seguinte.

Meu cérebro estava ocupado com mil coisas, mas uma parte dele ainda conseguia se incumbir da partida de nim. Eram cinco fileiras, começando com um palito, cada uma delas tinha um a mais que a anterior. O que era mesmo que aquilo me lembrava? De repente, descobri.

— Lembranças para mim?— El-Marad me pareceu um pouco menos confiante. — Você deve estar enganada.

— Você é o Rei branco, não é? — Falei com a voz absolutamente tranquila, vendo seu rosto de couro perder a cor. — Você está com os dias contados, bobalhão. Fico até surpresa ao ver que deixou suas montanhas, onde estava protegido, e embarcou numa viagem como essa... Está exposto no meio do tabuleiro, sem ter para onde correr. Foi um lance muito ruim.

Lily arregalou os olhos para mim, enquanto El-Marad engoliu em seco, baixou a cabeça e retirou outro palito. Logo em seguida, ela apertou meu joelho debaixo da mesa; compreendeu o que eu estava fazendo.

— Jogada ruim neste palitinho também! — Tornei a falar macio. — Sou especialista em processamento de dados, e este jogo de nim é um sistema binário. Isto quer dizer que há uma fórmula para ganhar. E eu acabei de ganhar.

— Você quer dizer... que foi tudo uma armadilha? — sussurrou ele, horrorizado. Ficou em pé de um salto, derrubando palitos de fósforos por todos os lados. — Ela a enviou ao deserto só para me atrair? Não! Você está mentindo!

—Acredite se quiser. É só olhar: você ainda está em segurança na primeira casa, protegido de todos os flancos, não está? Não é verdade que você esteja aqui, arrepiado como uma perdiz em frente dos caçadores...

— E bem na frente da nova Rainha preta - interferiu Lily, alegremente.

El-Marad encarou-a, furioso, e voltou a olhar para mim. Fiquei em pé, como se estivesse de saída, mas ele agarrou meu braço, com os olhos negros fuzilando para todas as direções.

— Você?! Então... ela saiu do jogo! Ela me enganou!

Saímos, eu e Lily, andando rapidamente na direção da porta. Mas El-Marad tornou a agarrar meu braço antes de chegarmos a ela.

— As peças estão com você! Tudo isso é um truque para me despistar. Você nunca teria voltado do Tassili sem elas!

— É claro que sim — retruquei. — Só que estão num lugar onde você jamais vai pensar em procurar.

Já nos aproximávamos da porta. Eu tinha de sair dali antes que ele percebesse meu blefe. Mas, justo naquele instante, Carioca saltou dos braços de Lily, derrapou um pouco no linóleo escorregadio, recuperou o equilíbrio e projetou-se para a frente. Olhei para lá e, quando a porta se abriu, Sharrif entrou, cercado por um batalhão de capangas engravatados como cavalheiros e bloqueando a saída.

— Fiquem todos onde...

Antes que ele completasse a frase, Carioca deu o bote em seu tornozelo preferido.

Sharrif teve de recuar, com a dor da mordida. Desequilíbrio-se e tropeçou, caindo para fora e levando alguns dos agentes com ele. Saí correndo, atropelando-o. Ele foi parar no chão. Lily e eu disparamos na direção do carro, com El-Marad e metade dos fregueses do bar atrás de nós.

— A água! — gritei, sem parar de correr. — A água!

Nunca teríamos tempo de chegar ao carro, trancar as portas e dar a partida. Nem olhei para trás. Continuei correndo pelo ancoradouro. Havia barcos balançando em toda a extensão, amarrados com cordas frouxas no píer. Quando cheguei perto do final da superfície de pedras, olhei por cima do ombro.

El-Marad estava quase alcançando Lily. Sharrif conseguira livrar o tornozelo dos dentes de Carioca, que não desistia do ataque. O policial tentava mantê-lo a distância e, ao mesmo tempo, descobrir-me na escuridão. Bem atrás de mim, vinham três dos capangas. Apertei o nariz com dois dedos e saltei.

A última coisa que vi, antes de cair na água, foi o corpinho minúsculo de Carioca cortando o ar sobre minha cabeça, arremessado por Sharrif. Logo senti a água escura e fria do Mediterrâneo fechando-se sobre mim e as pesadas peças do Xadrez de Montglane puxando-me para baixo, para baixo... para o fundo do mar.

O TERRITÓRIO DAS BRANCAS

A terra que hoje os beligerantes bretões possuem,
Onde se ergue seu poderoso império,
Foi na Antigüidade um deserto selvagem,
Sem habitantes, sem plantações, sem batalhas, sem loas...
Nem ao menos fazia jus a um nome,
Até que um aventureiro dos mares
Aprendeu o caminho entre as rochas brancas
Que protegem toda a costa do sul
Com ameaças de naufrágios e desgraças,
E chamou-a de Albion.

- EDMUND SPENSER The Faerie Queene (1590)

Ah, perfide, perfide Albion!

- NAPOLEÃO, citando Jacques Bénigne Bossuet (1692)

LONDRES

NOVEMBRO DE 1793

Eram quatro da manhã quando os soldados de William Pitt bateram com força à porta de Talleyrand, em Kensington. Courtiade vestiu de qualquer maneira um roupão e subiu correndo as escadas. Quando abriu a porta, pôde ver luzes semiocultas nas janelas das casas vizinhas e pessoas afastando ligeiramente as cortinas para apreciar o espetáculo do grupo de soldados em frente da casa. O criado conteve a respiração.

Havia muito tempo que esperavam e temiam aquele momento! E, finalmente, chegara a hora. Talleyrand já descia para o primeiro andar, envolto em xales de seda sobre o longo roupão de noite. Seu rosto parecia uma máscara de gelo quando atravessou o saguão, indo ao encontro dos militares.

— Monsenhor Talleyrand? — indagou o oficial responsável pela missão.

— Como pode ver — respondeu o francês, com um sorriso cortês, mas frio.

— O primeiro-ministro Pitt faz-me portador de seu pedido de desculpas por não lhe trazer estes documentos pessoalmente.

O oficial falava com se tivesse decorado o discurso. Tirou do bolso um maço de papéis e entregou-o a Talleyrand, antes de continuar:

— A República da França, um regime anarquista não reconhecido, declarou guerra ao soberano governo britânico. Todos os emigres que deem apoio ao chamado governo francês ou que comprovadamente o tenham feito no passado deixam de contar, a partir de agora, com o direito ao abrigo e à proteção da Casa de Hanover e de Sua Majestade Jorge III. Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, o senhor é considerado culpado de atos subversivos contra o reino da Grã-Bretanha; de violações à Lei da Traição por Correspondência, de 1793; de conspiração, quando

ocupante do cargo de assessor do ministro das Relações Exteriores do citado país, contra o soberano governo...

— Meu caro rapaz - interrompeu Talleyrand, com uma gargalhada arrogante, tirando os olhos dos documentos que estivera examinando -, isto é um absurdo! A França declarou guerra à Inglaterra há quase um ano! E Pitt sabe muito bem que fiz tudo o que estava a meu alcance para evitar que tal coisa acontecesse. Sou procurado na França, por traição. Será que isto não quer dizer nada?

Mas as palavras não tiveram o menor efeito sobre o oficial.

— O ministro Pitt incumbiu-me de lhe avisar que o senhor tem três dias para deixar a Inglaterra — continuou ele. — Estes documentos são o termo de deportação e o salvo-conduto para a viagem. Desejo-lhe um bom-dia, monsenhor.

Comandou meia-volta para o pelotão e deu as costas ao francês. Talleyrand observou em silêncio a pequena parada atravessar a alameda calçada de pedras que conduzia ao portão. Voltou-se, finalmente, ainda em silêncio, enquanto Courtiade fechava a porta.

—Albusperfide decipare — resmungou. — É uma citação de Bossuet, meu caro Courtiade. Bossuet, um dos maiores oradores que a França conheceu, chamava este país de "Terra Branca que atraiçoa os que nela confiam". Pérfida Albion! Uma nação que nunca foi governada por sua própria raça... Primeiro, esteve sob os saxões; depois, sob os normandos e os escoceses; e, agora, sob os alemães, que eles tanto detestam, mas com quem tanto se parecem... Eles nos amaldiçoam agora, mas têm a memória curta, pois também mataram seu rei, na época de Cromwell. E acabam de expulsar do país o único aliado francês que não sonha dominá-los.

Ficou imóvel, de cabeça baixa, com as pontas dos xales arrastando-se pelo chão. Courtiade pigarreou e dirigiu-se a ele:

— Se já decidiu nosso destino, monsenhor, posso começar imediatamente os preparativos para a viagem...

— Três dias não bastam — disse Talleyrand, como que de volta à realidade. - Vou falar com Pitt e obter uma prorrogação do prazo. Tenho de levantar dinheiro e encontrar um país que me aceite.

— Talvez Madame de Staél... — sugeriu Courtiade, de forma delicada.

— Germaine fez o que pôde para me colocar em Genebra, mas o governo de lá se recusou a me receber. Parece que sou considerado um traidor por todos. Ah, Courtiade, como o rio das possibilidades se congela depressa no inverno da vida!

— O senhor ainda está longe do inverno — objetou o camareiro. Talleyrand encarou-o com um brilho cínico nos olhos azuis.

— Estou com quarenta anos e sou um fracassado. Não é o bastante?

— Não é em tudo que você pode se dizer um fracassado — interrompeu uma voz vinda do andar de cima.

Os dois ergueram os olhos para o topo da escada. Lá estava, recostada ao corrimão com um roupão fino de seda e o cabelo loiro desabando em cascata sobre os ombros nus, Catherine Grand.

— O primeiro-ministro pode ter sua atenção amanhã.

— Sorriu, meiga e sensualmente. — Mas, pelo resto desta noite, você é meu.

Catherine Grand entrara na vida de Talleyrand quatro meses antes, quando chegara a sua casa, no meio da noite, portando um Peão de ouro do xadrez de Montglane. Desde aquele dia, ficara com ele.

Viera em desespero, segundo dissera. Mireille fora mandada para a guilhotina e suas últimas palavras tinham sido um pedido. Queria que Catherine levasse a peça de ouro a Talleyrand, para que ele a guardasse junto com as outras. Fora esta, pelo menos, a história que contara.

Talleyrand lembrava-se bem de como a moça tremera em seus braços, com lágrimas escorrendo por entre os cílios grossos e o corpo quente apertado contra o seu. Como parecera sofrer com a morte de Mireille, como aquele sofrimento servira de consolo ao seu próprio... e como lhe parecera bonita, quando se ajoelhara a seus pés pedindo forças para resistir àquele destino desesperador.

Maurice sempre se mostrara fraco perante a beleza — de objetos de arte, de animais puros-sangues e, muito principalmente, das mulheres. Tudo em Catherine Grand era belo: a pele irretocável; o corpo magnífico, envolto em vestes e joias impecáveis; o aroma de violetas de seu hálito; a cascata de cabelos loiros, quase prateados.

E tudo nela lembrava Valentine. Ou melhor: quase tudo. Havia uma diferença: Catherine mentia.

Mas que linda mentirosa era ela! Como alguém tão linda podia ser tão perigosa, tão traiçoeira, tão diferente dos valores que ele prezava? Um ditado francês considera a cama o melhor lugar para se conhecer de fato um estranho. Maurice não hesitara um só momento em fazer o teste.

Quanto mais conhecia Catherine, mais ela lhe parecia perfeita, certa para ele. Talvez um pouco perfeita demais, até. Adorava os vinhos da ilha da Madeira; amava a música de Haydn e a de Mozart; preferia, como ele, a seda da China à francesa, em contato com a pele. Adorava cães, como ele também; banhava-se duas vezes por dia — costume que ele julgava exclusivamente seu. Era quase como se ela tivesse estudado todos os seus gostos e suas preferências. Na verdade, Maurice tinha certeza de que ela fizera isso mesmo. Conhecia seus hábitos melhor que o próprio Courtiade. Mas, quando falava do passado, de seu relacionamento com Mireille e do Xadrez de Montglane, as palavras soavam falsas. Fora aquela a razão que o levara a querer descobrir o máximo que conseguisse sobre o passado da moça. Escrevera para todas as pessoas da França em que ainda confiava.

A investigação por correspondência não tardara a dar frutos. Catherine nascera quatro anos antes da data em que lhe dissera ter nascido, filha de pais franceses, na colônia holandesa de Tranquebar, na Índia. Chamava-se Catherine Noël Worlée. Aos quinze anos, vira-se forçada a casar-se, por dinheiro, com um inglês muito mais velho, um tal de George Grand. Quando ela estava com dezessete anos, seu amante, ameaçado de morte pelo marido, lhe dera cinquenta mil rúpias para que deixasse definitivamente a Índia. O dinheiro lhe permitira viver uma vida alegre, primeiro em Londres, depois em Paris.

Na capital francesa, tornou-se suspeita de espionagem a favor dos ingleses. Pouco antes do Terror, seu criado aparecera morto a tiros, bem à porta de sua casa, e Catherine desaparecera. Pouco mais de um ano depois, fora procurar em Londres o exilado

Talleyrand — um homem sem dinheiro nem título, um apátrida com remotíssimas chances de mudar seu destino. Por quê?

Quando desatou as fitas de seda do roupão e fez a peça diáfana escorregar pelos ombros da moça, Talleyrand sorriu para si próprio. Afinal, construíra sua própria carreira com base na atração que exercia sobre as mulheres. Foram elas que lhe trouxeram dinheiro, posição e poder. Como podia culpar Catherine Grand por fazer uso, no mesmo campo, dos consideráveis recursos de que dispunha? Mas o que poderia ela querer dele? Talleyrand achava que sabia. Só havia uma coisa em seu poder capaz de despertar tanto interesse: o Xadrez de Montglane.

Mas o que ele queria era ela. Mesmo sabendo que Catherine era experiente demais para posar de inocente, interesseira demais para se entregar com paixão genuína, traiçoeira demais para merecer confiança, Talleyrand a desejava com um ímpeto que não conseguia controlar. Não importava que tudo nela fosse artificial e falso — ansiava por ela de qualquer forma.

Valentine morrera. Se Mireille também fora morta, o Xadrez de Montglane lhe custara as vidas das duas únicas pessoas que mais amara. Por que não poderia servir para lhe dar algum prazer, em troca?

Abraçou-a com uma paixão terrível, desesperada como a sede. Ela seria sua... e que se danassem os demônios que o atormentavam.

JANEIRO DE 1794

Mireille não estava morta, nem longe de Londres. Viajava em um navio mercante que se agitava nas águas escuras do canal da Mancha, prestes a enfrentar a tempestade que se aproximava depressa. Entre as sacudidas violentas da embarcação, já se viam os rochedos brancos de Dover.

Nos seis meses que se passaram desde que deixara Charlotte de Corday em seu lugar, na Bastilha, Mireille viajara muito. Com o dinheiro enviado pela abadesa, alugara um barco de pesca que a conduziu pelo caminho tortuoso do Sena, até encontrar um navio que se destinava a Trípoli. Pagou a passagem e embarcou em segredo. O navio levantou âncora antes que Charlotte fosse levada ao patíbulo.

Enquanto se afastava da costa francesa, Mireille tinha a impressão de ouvir os guinchos das rodas da carroça que levava Charlotte até a guilhotina. Ecoavam, em sua mente, os passos pesados na plataforma, o rufar dos tambores, o assobio da lâmina descendo em seu longo percurso, os gritos da multidão festiva na Place de la Révolution. Chegou a sentir no próprio pescoço o golpe da lâmina iria que separava Charlotte, para sempre, de tudo o que restava da juventude e da inocência, deixando à frente apenas a tarefa fatal, a missão para a qual fora escolhida: destruir a Rainha branca e reunir todas as peças.

Mas, antes, houvera algo mais a fazer. Tivera de voltar ao deserto para buscar seu filho. Nem a persistência de Shahin fora suficiente para convencê-la a deixar o menino entre aquele povo, como kalim.

como profeta. Se ele for realmente um profeta, pensou, que seu destino fique para sempre entrelaçado ao meu.

Mas, agora que o vento do mar do Norte trazia as primeiras rajadas de chuva, Mireille hesitava. Não sabia se agira bem demorando tanto a ir para a Inglaterra, ao encontro de Talleyrand, com quem deixara as peças. Segurou a mãozinha de Charlot,

sentado em seu colo no convés. Em seu longo manto preto, Shahin estava de pé ao lado dos dois: recusara-se a separar-se do pequeno profeta que ajudara a trazer ao mundo. Observando um navio que enfrentava, como o deles, a turbulência do canal da Mancha, ergueu o longo braço na direção dos rochedos brancos, coberto por nuvens pesadas.

— A Terra Branca — disse, em voz baixa. - Território da Rainha branca. Ela está a nossa espera. Mesmo dessa distância posso intuir sua presença.

— Estou rezando para que não seja tarde demais.

— Pressinto adversidade — replicou ele. — Ela sempre vem com as tempestades, como uma dádiva traiçoeira dos deuses... Voltou a olhar para o outro navio, que, de velas enfunadas a favor do vento, desaparecia rapidamente no sentido oposto ao deles, na semiescuridão das águas violentas do canal. O navio que, sem que eles pudessem saber, levava Talleyrand para o Atlântico.

Os pensamentos de Talleyrand, a bordo, não se voltavam para Catherine, mas sim para Mireilie. A idade da ilusão passara e talvez a vida de Mireille também tivesse se extinguido. E ele, aos quarenta anos, precisava recomeçar a sua.

Afinal, pensou ocupado em organizar seus papéis no camarote, chegar aos quarenta não significa chegar ao fim da vida, nem a América representa o fim do mundo. Munido como estava de cartas de apresentação dirigidas ao presidente Washington e ao secretário do Tesouro, Alexander Hamilton, teria pelo menos a garantia de boa companhia na Filadélfia. Além disso, conhecera Jefferson, que acabara de renunciar ao posto de secretário de Estado, durante o período em que o estadista fora o embaixador americano na França.

Embora tivesse pouco com que contar, além da saúde excelente e do dinheiro obtido com a venda de sua biblioteca, consolava-o saber que eram nove, agora, em lugar das oito originais, as peças do Xadrez de Montglane em seu poder. Apesar de todos os argumentos e de toda a sedução empregados por Catherine Grand, ele acabara convencendo a moça de que o esconderijo que conhecia era o local mais seguro para abrigar também o Peão que ela lhe confiara. Começou a rir, ao lembrar das lágrimas de Catherine, ao se

despedirem. Ele procurava convencê-la a ir também para a América, em vez de ficar se lamentando e se preocupando com o destino das peças que ele ocultara tão bem na Inglaterra!

Na verdade, estavam todas elas em seus baús, a bordo do navio, graças ao engenho do sempre alerta Courtiade. Iriam conhecer um novo lar, um novo país.

Perdia-se nessas ideias quando o primeiro golpe atingiu o navio. Apanhado de surpresa sentiu a embarcação oscilar violentamente sob os pés. Resolveu procurar ajuda, mas, antes que fizesse qualquer movimento, Courtiade entrou às pressas no camarote.

— Monsenhor, fomos convidados a comparecer ao convés inferior imediatamente. — A voz do camareiro era calma, como sempre, mas a pressa com que começou a retirar as peças do Xadrez de Montglane dos baús em que estavam escondidas revelava o caráter crítico da situação. — O comandante acredita que o navio colidirá com as rochas. Temos de nos aprontar para os botes salva-vidas. A tripulação vai manter desimpedido o convés superior, para ter liberdade de manejar as velas, mas precisamos ficar prontos para subir de imediato, caso não consigamos evitar um choque...

— Um choque contra o quê? — perguntou Talleyrand, pondo-se em pé, alarmado, quase derrubando penas e tinteiro.

— Contornamos o cabo Barfleur, monsenhor.

Courtiade falava em voz baixa, segurando um paletó, para que o amo vestisse, enquanto o navio continuava tentando atirar os dois para a frente para trás, desequilibrando-os.

— Agora — continuou —, vamos diretamente para o promontório da Normandia.

Voltou à tarefa de acondicionar as peças do Xadrez em uma das malas.

— Meu Deus! — gemeu Talleyrand, recebendo dele a mala. Começou a caminhar, mancando e tropeçando, para a porta

do camarote. Teve de se apoiar no ombro do camareiro com uma das mãos, a outra ocupada em segurar com toda a força a mala que continha as peças. O navio adernou violentamente para estibordo, atirando-os contra a porta. Conseguiram passar por ela, com dificuldade, e seguiram pelo corredor estreito, entre mulheres que

gritavam, histéricas, apressando os filhos. Quando chegaram ao convés inferior, mal puderam se mexer entre tanta gente. Gritos, uivos e gemidos apavorados misturavam-se aos ruídos de passos sobre a madeira e às ordens gritadas à tripulação, no outro convés. E tudo aquilo era quase abafado pela água do canal, que batia furiosamente contra o casco da embarcação.

De repente, sentiram, horrorizados, que o navio lhes fugia sob os pés. Os corpos colidiram como ovos soltos em uma cesta que alguém sacudisse. A embarcação continuou caindo e caindo, como se nunca mais fosse parar. Bateu em algo, de repente, e o que se ouviu foi o ruído pavoroso da madeira esmagada. A água penetrou em um jato fortíssimo pelo rombo irregular, carregando todos eles com a força de um gigante. O imenso navio começou a afundar entre as rochas.

A chuva gelada castigava as ruas pavimentadas de pedras de Kensington. Mireille andava com cuidado para não escorregar, a caminho do portão da casa de Talleyrand. Shahin a seguia com o manto encharcado, segurando nos braços o pequeno Charlot.

Nunca ocorrera a Mireille que Talleyrand podia ter deixado a Inglaterra. Mas, antes mesmo de abrir o portão, percebeu, desanimada, o aspecto abandonado do jardim, o caramanchão descuidado, tábuas vedando as janelas, a tranca de ferro na porta. Entrou, assim mesmo, e dirigiu-se à porta, molhando a barra da saia nas poças.

Bateu e ouviu o ruído ecoar pela casa vazia. A chuva continuava, encharcando-lhe os cabelos. Lembrou-se da voz odiosa de Marat dizendo que ela chegara tarde demais... Encostou-se à porta e deixou que a chuva lhe escorresse livremente pelo corpo, até que sentiu a mão de Shahin em seu braço. Deixou-se conduzir para o abrigo do caramanchão.

Desesperada, atirou-se de bruços sobre o banco de madeira, soluçando, tendo a impressão de que o coração não resistiria. Shahin colocou Charlot no chão, e o menino engatinhou até ela, erguendo-se, apoiado na saia molhada, e tentando equilibrar-se nas perninhas. Agarrou um dedo de Mireille com a minúscula mão e apertou-o com grande força.

— Bah! — gritou.

Mireille olhou-o bem nos olhos azuis. O menino tinha o cenho cerrado e, no rostinho, uma expressão de seriedade e sabedoria. A água escorria do encharcado capuz de sua pequena djellaba. Mireille sorriu.

— Bah! — Retirou o capuz e arrepiou o cabelo ruivo, sedoso, da criança. — Seu pai desapareceu. Você não é um profeta? Por que não previu isto?

— Bah! — repetiu Charlot, com o rosto sério.

Shahin sentou-se também no banco. O rosto de falcão, azulado pela marca da tribo, pareceu ainda mais misterioso à luz difusa que se filtrava do céu de tempestade por entre as ripas e as folhas. Falou com voz macia:

— No deserto, encontramos um homem seguindo o rastro de seu camelo, pois cada animal deixa pegadas tão reconhecíveis quanto um rosto. Aqui pode ser mais difícil. Mas os homens, como os camelos, têm costumes individuais. A educação, a postura, a forma de se conduzir determinam as pegadas que deixam.

Mireille quase riu da ideia de percorrer toda a Londres à procura do rastro coxeante de Talleyrand, mas logo entendeu o que seu amigo queria dizer.

— Um lobo sempre volta a seu local de caça preferido...

— Pelo menos, por um tempo suficiente para que se possa reconhecer seu cheiro.

Mas o lobo cujo rastro esperavam achar fora levado não só de Londres, mas também do navio, que estava firmemente encalhado na mesma rocha que lhe destroçara o casco. Talleyrand e Courtiade, como os demais passageiros, a bordo de um bote, tentavam alcançar, à força de remos, a costa escura de uma das ilhas do canal, à procura de abrigo seguro contra a tempestade.

A segurança que trouxe alívio a Talleyrand, no entanto, foi de outra natureza: aquela cadeia de pequenas ilhas, embora muito próximas da França, eram território inglês desde os tempos de Guilherme I, de Orange.

Os ilhéus ainda falavam uma forma arcaica de francês normando que nem os franceses conseguiam compreender. Embora pagassem

tributos à Inglaterra, em troca de proteção contra pilhagens, mantinham intatas suas leis normandas, antiquíssimas, e o feroz espírito de independência que os tornava úteis e lhes trazia fortuna em épocas de guerra. As ilhas eram famosas pelos naufrágios que ali ocorriam e por seus estaleiros, capazes de reparar qualquer embarcação acidentada, de navios de guerra a barcos de piratas. Seria aquele o destino de Talleyrand, para sua sorte. E, enquanto tivesse de esperar, ainda que em condições pouco confortáveis, estaria a salvo das prisões francesas.

O bote foi encontrando caminho entre os penhascos escuros de granito e grès pourpre. Os marinheiros se esforçavam ao máximo nos remos contra as ondas violentas. Finalmente, avistaram uma pequena praia, entremeada de pedras, e conseguiram chegar até ela. Os exaustos passageiros desembarcaram sob a chuva e, seguindo trilhas enlameadas através de encharcados campos de urzes e cânhamo, chegaram à povoação mais próxima.

Talleyrand e Courtiade, que, por milagre, haviam mantido intata a mala que continha as peças, dirigiram-se a uma estalagem, para aquecer os corpos com um pouco de conhaque e uma boa lareira, antes de procurarem acomodação mais permanente. Ninguém podia prever quantas semanas ou quantos meses teriam de passar ali, à espera do prosseguimento da viagem. Talleyrand quis saber do dono da estalagem quanto tempo levaria o conserto de um navio com quilha e casco tão danificados quanto o seu.

— Pergunte ao gerente do estaleiro - respondeu o homem. - Ele acabou de voltar do lugar do naufrágio. É aquele ali, no canto, tomando cerveja.

Talleyrand atravessou o salão e dirigiu-se a um homem corado, de cinquenta e poucos anos, que mantinha a caneca de cerveja agarrada com as duas mãos. O homem ergueu os olhos para ele e Courtiade, e fez sinal para que sentassem.

— Náufragos, não é? Ovi dizer que o navio seguia para a América. Aquele continente não dá sorte. Foi de lá que vim. Não consigo deixar de me espantar com a quantidade de franceses como vocês que quer ir para lá, como se fosse a Terra Prometida.

A maneira de falar indicava boa educação, bom berço. A própria postura parecia significar que o homem passara mais tempo sobre selas de cavalos de raça do que na administração de um estaleiro. Era visível que estava acostumado a comandar. Tudo nele, entretanto, denotava cansaço e amargura. Talleyrand achou que valia a pena ouvi-lo um pouco mais e provocou:

— A América do Norte realmente parece-me a Terra Prometida. Mas sou um homem a quem restam poucas opções. Se voltar a minha terra, logo me verei na guilhotina: agora, por cortesia do ministro Pitt, fui convidado a deixar também a Inglaterra. Mas estou levando cartas de referência para dois de seus compatriotas mais distintos: o secretário Hamilton e o presidente Washington. Talvez um dos dois encontre algo de útil para um francês que começa a envelhecer...

— Conheço bem os dois. Servi muito tempo sob o comando de George Washington. Foi ele quem me fez general de brigada e, depois, general de divisão. Foi ele quem me incumbiu de comandar as tropas da Filadélfia.

— Mas isso é fantástico! — exclamou Talleyrand.

Se o sujeito tinha ocupado tais cargos, que diabo fazia agora, perdido em uma das ilhas do canal, remendando navios acidentados, prestando serviço a piratas?

— Então talvez o senhor possa escrever também uma carta de recomendação ao presidente! Ouvi dizer que não é fácil ser recebido por ele...

— Infelizmente, uma carta com minha assinatura só serviria para mantê-lo ainda mais afastado da porta do presidente. — O homem sorriu, com tristeza. — Permita-me que me apresente. Sou Benedict Arnold.

O teatro, os cassinos, os salões, os clubes... É em lugares assim, pensou Mireille, que poderei encontrar Talleyrand. Terei de entrar neles para encontrar sua pista, aqui em Londres.

Mas, de volta à hospedaria onde se instalava, avistou, pregado à parede, um folheto que a levou a reformular todos os planos:

MAIOR QUE MESMER! Um inacreditável feito de memória! Enaltecido pelos filósofos franceses! Invicto depois de enfrentar

Frederico, O Grande, Phillip Stamma e o Sire Legal! Esta noite, DE OLHOS VENDADOS, exibição do Grande Mestre francês ANDRÉ PHILIDOR

Parsloe's Coffee House

St. James Street

No Parsloe's, luxuoso café da St. James Street, o xadrez constituía a principal atração. Entre as paredes do local encontrava-se a nata dos enxadristas britânicos e até de toda a Europa. E, segundo o anúncio, a grande atração daquela noite seria André Philidor, grande jogador francês cuja fama se espalhara por todo o continente.

Mireille foi para lá.

Quando atravessou a porta do café, sentiu-se como se estivesse entrando em outro mundo, rico e silencioso. Espantou-se um pouco com o luxo das madeiras enceradas, das sedas em tom pastel de verde, dos grossos tapetes indianos, tudo iluminado por lâmpadas a óleo, cujas campânulas enfumaçadas realçavam o requinte do lugar.

O salão estava quase deserto: só havia uns poucos empregados, arrumando copos atrás do balcão, e um homem sozinho, de seus sessenta anos, sentado em uma luxuosa poltrona, perto da porta. Era grande e pesado, de ventre volumoso, mandíbulas e queixo largos, e uma papada que quase encobria a gravata de renda dourada. Vestia um casaco de veludo de um vermelho-vivo que combinava com os vasos sanguíneos das abas do nariz. Os olhos pequenos, entre pálpebras grossas, olharam Mireille com ar de interesse, mas pareceram ainda mais atraídos pelo gigante de rosto estranhamente azulado que entrou atrás dela, trazendo ao colo uma criança de cabelos ruivos e trajando um manto de seda roxa.

O homem emborcou o resto do que tinha no copo e bateu com ele sobre o tampo da mesa, para pedir mais ao garçom. Em seguida, levantou-se e caminhou na direção de Mireille, com o andar incerto de quem atravessa o convés de um navio a balançar:

— Uma linda moça ruiva, a mais linda que já vi! — A voz estava um pouco empastada. — Cachos de ouro rubro, capazes de partir o coração de um homem! Mulher capaz de dar início a uma guerra, com Deirdre ou Helena de Tróia.

Tirou da cabeça a peruca ridícula, como se fosse um chapéu, e fez com ela uma cortesia zombeteira, aproveitando para examinar-lhe o corpo de alto a baixo. Em seguida, demonstrando um já adiantado grau de bebedeira, enfiou a peruca no bolso, tomou a mão de Mireille e beijou-a, delicadamente.

— Uma mulher de mistério, acompanhada por um factótum exótico! Permita que me apresente: sou James Boswell de Affleck, advogado de profissão, historiador por vocação, descendente da adorada dinastia dos Stuart.

Inclinou de novo a cabeça em cumprimento, disfarçando um soluço e tentando um gesto de saudação com o braço um pouco descoordenado.

Mireille procurou o olhar de Shahin, mas o tuaregue, que não entendia uma só palavra de inglês, mantinha o rosto impassível como uma máscara.

— Será o Monsieur Boswell que escreveu a famosa História da Córsega?

Parecia uma coincidência extraordinária demais. Primeiro, Philidor; agora, Boswell, de quem Letizia Bonaparte tanto falara. Os dois juntos, no mesmo clube! Mas talvez não fosse coincidência.

— Eu mesmo! — respondeu o bêbado, procurando manter o equilíbrio apoiando-se no braço dela. — Presumo, por seu encantador sotaque, que seja francesa. Talvez não concorde com os pontos de vista liberais que eu, na juventude, expressei contra o governo de seu país...

— Ao contrário, monsieur. Acho suas ideias fascinantes. E temos agora na França um novo governo, mais de acordo com as propostas que o senhor e Monsieur Rousseau apresentaram, já faz tanto tempo... O senhor conheceu bem o grande filósofo, não foi?

— Conheci todos eles. Rousseau, Paoli, Garrick, Sheridan, Johnson. Conheci todos os grandes, em todos os ramos do conhecimento. Como uma vivandeira, armo minha barraca na lama da História. — Beliscou o queixo de Mireille. — O que não quer dizer que não esteja pronto a armá-la em lugares mais agradáveis... — completou, com uma risada teatral.

Sentaram-se à mesa, onde o garçom já depositara outra dose da bebida. Boswell tomou mais um gole gigantesco. Mireille manteve os olhos nele, examinando-o abertamente. Podia estar bêbado, mas não tinha nada de tolo. E, com certeza, não se devia a mero acidente dois homens ligados ao Xadrez de Montglane estarem naquele lugar, ao mesmo tempo. Resolveu ficar em alerta permanente. Nada impedia que outros também aparecessem.

— E Monsieur Philidor, que vai se apresentar aqui esta noite? O senhor também o conhece?

Controlava a voz, de forma a fazer a pergunta parecer inocente, mas sentia o coração aos pulos.

— Quem quer que se interesse por xadrez conhece seu famoso conterrâneo — disse Boswell, com o copo outra vez a caminho dos lábios. — Há muito que ele não se apresenta em público. Não tem passado bem. Mas a senhorita provavelmente deve saber disso. Se está aqui, esta noite... Devo presumir que é enxadrista, também?

Apesar de toda a intoxicação do álcool, estava bem consciente do que dizia do duplo sentido das palavras, e seus olhos o demonstraram.

— Foi por isso que vim, monsieur. - Mireille abandonou o ar de charme adolescente e sorriu de maneira sonsa. — Como o senhor o conhece tão bem, poderia, por gentileza, me apresentar, quando ele chegar?

— Com prazer — mentiu Boswell, sem sequer tentar parecer sincero.

— Na verdade, ele já se encontra aqui. Estão arrumando as coisas, no salão dos fundos.

Ergueu-se de novo e ofereceu o braço a Mireille. Conduziu-a pelo salão, sob os candelabros de bronze. Shahin os seguiu em silêncio.

Um grupo numeroso já ocupara o outro salão. Um jovem alto e magro, pouco mais velho que Mireille, pálido e com um nariz que mais parecia um bico, arrumava as peças sobre os tabuleiros, no centro do aposento. Ao lado das mesas, havia um homem baixo e forte, de trinta e tantos anos, com uma farta cabeleira loira, quase prateada, caindo em cachos sobre o rosto. Conversava com um

homem mais velho, de costas arqueadas voltadas para ela. Boswell levou-a até eles:

— Meu caro Philidor! — Deu um forte tapa no ombro do homem mais idoso. — Só me permito interromper porque quero lhe apresentar esta maravilhosa beleza vinda da França, como você.

Continuou o tempo todo ignorando Shahin, que permaneceu junto à porta, observando tudo com olhos de falcão.

O homem voltou-se e olhou fundo nos olhos de Mireille. De aparência digna e porte aristocrático, vestia-se à moda antiga de Luís XV, embora o traje de veludo e as meias longas parecessem um tanto desgastados. Era alto, mas dava a impressão de ser tão frágil quanto uma pétala seca. Tinha a pele semitransparente, de tão pálida, quase da mesma cor da peruca empoada. Fez uma breve cortesia e levou os lábios à mão de Mireille. Quando falou, pareceu bastante sincero:

— É raro encontrar tanta beleza por perto de um tabuleiro de xadrez, madame.

— Mais raro ainda encontrar beleza pelo braço de um velho degenerado como nosso amigo Boswell — interrompeu o homem de cabelos cor de palha, focalizando o olhar sombrio, intenso, também nos olhos dela.

Quando ele se inclinou para lhe beijar a mão, o jovem magro e alto, de nariz aquilino, aproximou-se também, como que entrando na fila.

— Eu não tive o prazer de encontrar Monsieur Boswell antes de entrar no clube — disse Mireille, alto, para que todos ouvissem. — Vim para conhecer Monsieur Philidor, de quem sou grande admiradora.

— Não mais que nós — salientou o homem loiro. — Sou William Blake. Este jovem cabrito a meu lado, escavando o solo com os cascos de tanta impaciência para ser apresentado, chama-se William Wordsworth. Dois William pelo preço de um!

— Uma coleção de escritores — acrescentou Philidor. - O que equivale a dizer: "uma coleção de pobretões". Os William dizem-se poetas.

A mente de Mireille trabalhava a todo vapor, tentando lembrar o que ouvira a respeito dos dois poetas. O mais jovem, Wordsworth, estivera no Clube dos Jacobinos, com David e Robespierre, que conheciam também Philidor. Tudo isto lhe fora contado por David. Lembrou-se também de Blake, cujo nome já era conhecido na França. Ele criara obras de grande conteúdo místico, algumas delas a respeito da Revolução Francesa. Como se inter-relacionariam todos aqueles dados?

— Veio ver a exibição de olhos vendados? — quis saber Blake. — É uma façanha tão memorável que Diderot a imortalizou na Encyclopédie. Não demora a começar. Enquanto aguardamos, no entanto, podemos fazer uma coleta de fundos para lhe oferecer um conhaque...

— Prefiro que me ofereçam algumas informações - retrucou Mireille, disposta a manter o controle da situação.

Era perfeitamente possível imaginar que nunca teria outra chance de encontrar todos aqueles homens reunidos. Tinha de haver uma razão para aquela coincidência.

— Meu interesse principal está em outro xadrez, como Monsieur Boswell já deve ter adivinhado. Eu sei o que ele foi procurar na Córsega, há muitos anos; sei o que Jean-Jacques Rousseau procurava. Sei também o que Monsieur Philidor ouviu na Prússia, dos lábios do grande matemático Euler, e sei o que Monsieur Wordsworth ouviu de David e de Robespierre.

— Não temos a menor ideia sobre esse assunto — replicou rapidamente Boswell.

Philidor empalideceu e procurou um lugar para se sentar.

— Têm, sim, cavalheiros. — Mireille esforçou-se para ampliar a vantagem que já conseguira. Os quatro fitavam-na de olhos arregalados. — Os senhores sabem perfeitamente do que estou falando: o Xadrez de Montglane, motivo de sua reunião aqui, hoje à noite... Não há razão para me olharem tão horrorizados. Por que acham que eu estaria aqui, se não conhecesse suas intenções?

— Ela não sabe de nada! — exclamou Boswell. — As pessoas já estão chegando para o espetáculo. Sugiro que adiemos esta discussão.

Wordsworth trouxera um copo de água para Philidor. O Mestre parecia perto de um desmaio. Manteve os olhos fixos em Mireille, como se visse um fantasma.

— Quem é você?

— Meu nome é Mireille, e venho de Montglane — respondeu a moça, respirando fundo. — Sei que o Xadrez de Montglane existe, pois já tive algumas de suas peças em minhas mãos.

— Você é a pupila de David! — murmurou Philidor, sem fôlego.

— A que desapareceu! - completou Wordsworth. — A que foi procurada...

— Temos de consultar... outra pessoa, antes de prosseguirmos com isto — insistiu Boswell.

— Não há tempo — interrompeu Mireille, com firmeza. - Se os senhores me disserem o que sabem, terão também a minha confiança. Mas tem de ser já! Não posso perder mais um minuto.

— Parece um acordo justo — murmurou Blake, andando de um lado para outro, como em um transe. — Confesso que estou interessado no Xadrez de Montglane por razões muito íntimas. Sejam quais forem os motivos de interesse da legião de que você faz parte, meu caro Boswell, não estou preocupado com eles. O que sei a respeito do Xadrez chegou-me aos ouvidos de forma bem diferente, por uma voz que clamava no deserto...

— Você é um idiota! — gritou Boswell, ainda bêbado, golpeando a mesa com as mãos. — Acha que o fantasma de seu irmão lhe trouxe do túmulo algum direito especial sobre o Xadrez! Mas há outros que compreendem seu valor real, que não estão cegos pelo misticismo...

— Se acredita que minhas intenções são puras demais — respondeu Blake, com rispidez -, não deveria ter me convidado para sua pequena cabala desta noite! - Voltou-se para Mireille, com um sorriso frio: — Meu irmão Robert morreu há alguns anos. Era tudo o que eu amava neste planeta. Quando estava abandonando o corpo, seu espírito sussurrou que eu deveria sair em busca do Xadrez de Montglane, origem e fonte de todos os mistérios, desde o início dos tempos. Se mademoiselle sabe algo a respeito do assunto, estou

disposto a dividir o pouco que eu sei. Da mesma forma que Wordsworth, se não me engano.

Boswell lançou-lhe um olhar horrorizado e saiu quase correndo do salão. Philidor encarou Blake e pôs a mão sobre seu braço, como que recomendando cautela. O jovem não se abalou.

- Talvez, finalmente, eu tenha a oportunidade de dar descanso à alma de meu irmão - afirmou peremptório.

Conduziu Mireille para uma poltrona no fundo do salão e foi buscar um conhaque para ela, enquanto Wordsworth ajudava Philidor a instalar-se na mesa central. O público começava a entrar. Shahin, com Charlot ainda nos braços, veio sentar-se atrás de Mireille e sussurrou:

- O que está bêbado saiu do prédio. Sinto o cheiro do perigo. Al-Kalim também. Temos de sair daqui imediatamente.

- Ainda não. Preciso descobrir algo, antes.

Blake voltou, com a bebida, e sentou-se ao lado dela. Quando os últimos espectadores tomavam seus lugares, Wordsworth juntou-se aos dois. Philidor estava de olhos vendados, em frente do tabuleiro. Um homem dirigiu-se ao público para explicar as regras da competição. Os dois poetas inclinaram a cabeça, bem perto de Mireille, e Blake começou a murmurar:

- Há uma história muito conhecida na Inglaterra, a respeito do famoso filósofo francês François-Marie Arouet, conhecido por Voltaire. Por volta do Natal de 1725, mais de trinta anos antes de eu ter nascido, ele levou a atriz Adrienne Lecouvreur à Comédie-Française, em Paris. Durante o entracte, Voltaire foi insultado em público por Chevalier de Rohan Chabot, que gritou, para que todo o teatro ouvisse: "Monsieur de Voltaire, Monsieur Arouet! Por que não decide de vez qual é seu nome verdadeiro?" Voltaire, que nunca pecou por falta de presença de espírito, gritou uma resposta: "Meu nome começa comigo; o seu terminará com você!" Pouco tempo depois, por vingança, Chabot pagou seis desclassificados para surrarem Voltaire.

- Apesar de os duelos estarem proibidos, Voltaire foi a Versalhes e desafiou o oponente, também em público — acrescentou Wordsworth.

- Por isso, foi atirado à Bastilha. Enquanto amargava a solidão de uma cela, teve uma ideia: propôs às autoridades que, em vez de cumprir mais um período de prisão, fosse deportado para a Inglaterra.

— Dizem — interrompeu Blake, completando — que, durante a primeira reclusão na Bastilha, Voltaire decifrou um manuscrito secreto, relacionado ao Xadrez de Montglane. Quando sugeriu o exílio aqui na Inglaterra, sua intenção teria sido a de apresentá-lo, como uma espécie de charada, a nosso famoso matemático e cientista, Sir Isaac Newton, cuja obra conhecia e admirava. Newton, já muito velho e cansado, perdera o interesse pelo trabalho, que já não representava um desafio. O que Voltaire queria era proporcionar-lhe uma centelha que tornasse a despertar seu interesse: não apenas decifrar o manuscrito, como ele próprio já fizera, mas desvendar também o mistério mais profundo de seu verdadeiro significado. Pois dizem que o manuscrito descrevia um grande segredo oculto no xadrez de Montglane, uma fórmula de enorme poder.

— Eu sei — disse Mireille, soltando os cabelos embaraçados da mãozinha de Charlot.

O resto da plateia tinha os olhos pregados ao tabuleiro, no centro do salão, onde Philidor, de olhos vendados, ouvia os lances feitos por seu adversário e respondia, sempre de costas, com seus próprios movimentos.

— E Sir Isaac conseguiu resolver o problema? — perguntou ela, sentindo a tensão de Shahin, sua ansiedade, mesmo sem se voltar para ele.

Conseguiu — respondeu Blake. — É isso que queremos lhe contar. Foi a última coisa que fez. No ano seguinte, morreu...

O RELATO DOS DOIS POETAS

Voltaire tinha pouco mais de trinta anos; e Newton, oitenta e três, quando se encontraram em Londres, em maio de 1726. Desde que ficara doente, quase trinta anos antes, Newton publicara poucas coisas de importância científica.

De início, o elegante e cínico Voltaire, com seu humor ferino, deve ter se desconcertado com as maneiras lânguidas, quase dóceis, do gordo e rosado Newton, com sua enorme cabeleira branca. Apesar de idolatrado pela sociedade, Newton era na verdade um solitário, que falava pouco e guardava para si, de forma ciumenta, os pensamentos mais profundos. Era bem o oposto de seu jovem admirador francês, que já estivera duas vezes encarcerado na Bastilha, ambas por falta de tato e por comportamento impulsivo.

Mas Newton sempre se sentia tentado por problemas, fossem eles de natureza matemática ou mística. Quando recebeu o manuscrito, tomou-o com avidez e trancou-se em seus aposentos por vários dias, deixando o poeta em suspense. Finalmente, convidou Voltaire a visitá-lo em seu estúdio, um local cheio de instrumentos ópticos e com as paredes forradas de velhos livros.

— Só tornei pública uma parte de meu trabalho — disse Sir Isaac. — E, mesmo assim, por insistência da Royal Society of London for the Improvement of Natural Knowledge. Agora que estou velho e rico, recuso-me a publicar o restante. Seu amigo, o cardeal Richelieu, compreenderia bem tal reserva. Caso contrário, não teria escrito o diário em código.

— Então o senhor o decifrou? — quis saber Voltaire.

— Fiz mais do que isso.

O matemático sorriu e conduziu Voltaire até um canto do estúdio onde havia uma grande caixa de metal, trancada. Tirou do bolso uma chave e examinou o filósofo com o olhar.

— A caixa de Pandora... Devemos abri-la?

Voltaire disse que sim, com avidez, e o velho girou a chave na fechadura. Dentro da caixa havia manuscritos com séculos de idade, alguns já quase se desfazendo, após anos e anos sem nenhuma atenção. Mas vários pareciam bastante manuseados e Voltaire logo suspeitou que pelo próprio Newton. Quando o sábio os retirou da caixa, com grande carinho, Voltaire surpreendeu-se com os títulos que pôde ver: De Occulta Philosophia, Musaeum Hermeticum, Transmutatione Metallorum... Livros heréticos de al-Jabir, Paracelso, Villanova, Agripa, Lully. Livros de magia negra, proibidos por todas as igrejas cristãs. Trabalhos de alquimia, dezenas deles, e, no fundo da caixa, cuidadosamente guardadas em pastas, milhares de páginas cobertas com a letra de Newton, de observações e análises de experiências.

— Mas o senhor é o maior paladino da Razão deste século!

— exclamou Voltaire, sem querer acreditar no que via. — Como pode ter mergulhado neste abismo de misticismo e magia?

— Não é magia — corrigiu Newton. — É ciência. A mais perigosa de todas as ciências, a que tem por objetivo alterar o curso da natureza. A Razão foi inventada pelo homem apenas para que o ajudasse a decifrar as fórmulas criadas por Deus. Em todas as coisas naturais existe um código, e cada código tem sua chave. Recriei muitas experiências dos alquimistas da Antigüidade, mas o documento que você me trouxe afirma que a chave última está contida no Xadrez de Montglane. Se fosse verdade, eu daria tudo o que descobri, tudo o que inventei, em troca de uma única hora com as peças do Xadrez.

— Mas o que poderia esta "última chave" revelar que o senhor não fosse capaz de descobrir com pesquisa e experiência?

— A pedra. A chave de todos os segredos.

Quando os poetas terminaram o relato, Mireille manteve os olhos fixos em Blake. Os murmúrios da plateia, comentando a partida que Philidor disputava de olhos vendados, conseguiram fazer com que ninguém os ouvisse.

— E o que isso quer dizer? — perguntou ela, segurando com força o braço do poeta.

— É claro! — riu Blake. — Vivo esquecendo... Estudei também tais assuntos e, por isso, sempre presumo que as outras pessoas saibam do que estou falando! O objetivo de todas as pesquisas alquímicas era obter um bloco de pó seco, avermelhado. Pelo menos, foi assim que os alquimistas o descreveram. Tive acesso aos trabalhos de Newton. Nunca foram publicados, porque se tornaram causa de grande constrangimento. Ninguém quis admitir que ele tivesse dedicado tanto tempo a tais "bobagens"... Mas, felizmente, os documentos não foram destruídos.

— E o que é o tal bloco de pó seco e avermelhado? - Mireille, de tão ansiosa, quase gritou.

Charlot continuava puxando seus cabelos, mas ela não precisava de um profeta para saber que já se demorara demais naquele lugar.

— O bloco é a pedra — explicou Wordsworth, inclinando o corpo para frente, com os olhos brilhantes de entusiasmo.

— Um fragmento dele é capaz de transformar, pelo simples contato, qualquer metal vil em ouro. Um pouco do pó, dissolvido e ingerido, cura qualquer doença. Os alquimistas chamavam-no de "pedra filosofal"...

A mente de Mireille começou a remoer tudo o que aprendera antes. As pedras sagradas, adoradas pelos fenícios... A pedra branca descrita por Rousseau, incrustada na muralha em Veneza: "Se um homem pudesse dizer e fazer o que pensa, seria capaz de se transformar." Reviu mentalmente a Rainha branca, flutuando na rocha a sua frente, transformando um homem em um deus...

Ficou em pé, de repente. Os dois jovens imitaram-na, surpresos.

— O que foi? — indagou Wordsworth.

Várias pessoas voltaram-se para eles, irritadas com a desatenção ao jogo.

— Tenho de ir — respondeu Mireille, dando-lhe um beijo no rosto, que se fez da cor de beterraba, e apertando a mão de Blake.

— Estou correndo perigo. Não posso ficar aqui. Mas nunca me esquecerei de vocês.

Deu-lhes as costas e caminhou para a saída, seguida por Shahin como por uma sombra.

— Talvez devêssemos ir atrás dela — disse Blake. — Mas tenho a impressão de que voltaremos a ter notícias. Mulher extraordinária, você não acha?

— É verdade — concordou Wordsworth. — Já posso vê-la num poema. - Quando notou a expressão de Blake, riu. — Um de seus poemas, não dos meus!

Mireille e Shahin atravessaram depressa o salão da frente, com os pés se afundando no tapete grosso. Os balconistas mal perceberam sua passagem silenciosa. Já na rua, Shahin puxou-a pelo braço, contra a parede escura. Charlot, no colo dele, fixou o olhar de gato na escuridão silenciosa e molhada.

— O que foi? — sussurrou ela.

Shahin levou um dedo aos lábios. Mireille forçou a vista contra a escuridão e foi então que ouviu o som de passos macios sobre o calçamento molhado da rua. Viu apenas duas formas, em silhueta, contra o nevoeiro.

As duas pessoas, como sombras, deslizaram até a porta do Parsloe's, bem perto do local onde os três se escondiam sem ousarem respirar. Até Charlot manteve silêncio absoluto. Quando a porta do bar se entreabriu, um feixe de luz iluminou os dois vultos. Um era o gordo e ébrio Boswell, abrigado em uma longa capa escura. A outra pessoa... Mireille abriu a boca de espanto quando viu Boswell lhe dar passagem.

Era uma mulher esguia e bonita. Tirou o capuz da capa e a longa cabeleira loira de Valentine cascadeou sobre os ombros! Era Valentine! Mireille deixou escapar um soluço e fez menção de correr na direção dela, mas Shahin a conteve com mão de aço. A jovem voltou-se para ele, furiosa, mas Shahin baixou o rosto junto a seu ouvido e sussurrou:

— A Rainha branca!

Mireille tornou a olhar, horrorizada, mas a porta do bar fechou-se, deixando-os na escuridão.

ILHAS DO CANAL

FEVEREIRO DE 1794

Durante as semanas em que permaneceu à espera dos reparos no navio, Talleyrand teve oportunidade de conhecer bem Benedict Arnold, traidor que dera as costas a seu país e se tornara espião do governo britânico.

Era estranho ver os dois juntos, jogando damas ou xadrez na estalagem. Ambos tiveram carreiras promissoras e ocuparam posições que lhes granjearam o respeito tanto de seus pares quanto de seus superiores. Mas ambos tinham criado inimizades que lhes custaram a perda da reputação e do meio de vida. Arnold, voltando à Inglaterra depois de descobertos seus atos de espionagem, constatara que os militares ingleses não lhe haviam reservado qualquer cargo. Tornara-se objeto do desprezo daqueles a quem servira, abandonado à própria sorte. Era isso, aliás, que explicava a situação em que Talleyrand o encontrara.

No entanto, ainda que não pudesse dar a Talleyrand uma carta de referência destinada a políticos de importância, o americano logo se revelou útil ao francês, fornecendo-lhe informações sobre o Novo Mundo. Talleyrand passara todo aquele tempo fazendo perguntas e, agora, na véspera da partida do navio, não fugia ao costume.

— E como é a vida social? Há saraus, como na Inglaterra e na França?

— Se você sair de Filadélfia e Nova York, que está sempre cheia de imigrantes holandeses, praticamente só encontrará cidadezinhas pioneiras. As pessoas sentam-se ao lado da lareira, à noite, e leem, ou jogam xadrez, como estamos fazendo agora. Não há propriamente vida social fora das cidades da costa leste. Mas o xadrez pode ser chamado de passatempo nacional. Ouvi dizer que até os caçadores de peles costumam levar consigo tabuleiros portáteis.

— É mesmo? — espantou-se Talleyrand. - Não poderia imaginar que o nível intelectual fosse tão alto em lugares que eram, até há pouco tempo, colônias isoladas.

— Não é uma questão de nível intelectual. É de nível de moralidade. É assim que eles veem o assunto, pelo menos. Talvez você já tenha lido um livro de Benjamin Franklin, muito popular na América, chamado A moralidade do xadrez... Ele demonstra como aprender muitas lições de vida pelo estudo profundo do jogo. — Riu de um jeito amargo e ergueu os olhos do tabuleiro para encarar o adversário. — Franklin, como você sabe, vivia ansioso para solucionar o mistério do Xadrez de Montglane.

Talleyrand encarou-o com uma expressão dura.

— Do que você está falando? Quer dizer que aquela lenda ridícula é conhecida até mesmo do outro lado do Atlântico?

— Ridícula ou não — retrucou Arnold, com um meio sorriso que o francês não conseguiu interpretar —, dizem que o velho Ben passou a vida inteira tentando decifrar a charada. Chegou até mesmo a ir a Montglane, durante o período que passou na França como embaixador. É um lugar que fica no sul...

— Eu sei onde é — respondeu Talleyrand, um pouco depressa demais. — O que ele foi procurar lá?

— Ora! O Xadrez de Carlos Magno. Pensei que todos aqui soubessem disso. Dizem que o tabuleiro e as peças foram enterrados em Montglane. Benjamin Franklin era um excelente matemático e enxadrista. Chegou a criar um Pulo do Cavalo que, segundo ele, se relacionava ao segredo do Xadrez de Montglane.

Talleyrand sentiu um frio assustador na espinha, quando percebeu o que o outro sugeria. Nem mesmo na América, a milhares de quilômetros dos horrores da Europa, poderia se sentir em segurança, a salvo do alcance daquele terrível Xadrez, que tanto já afetara sua vida.

— É melhor você procurar Alexander Hamilton, que também é maçom — disse Arnold, fazendo um movimento no tabuleiro. — Ouvei dizer que Franklin decifrou parte da fórmula e passou a informação à Maçonaria, pouco antes de morrer...

A OITAVA CASA

— A Oitava Casa, finalmente! — gritou ela. [...] — Oh! Como estou feliz por estar aqui! E o que é isto em minha cabeça?

— exclamou ela, mal acreditando [...] quando a pegou entre as mãos e a colocou ao colo, tentando descobrir o que era. Era uma coroa de ouro.

LEWIS CARROL Alice no país do espelho

Arrastei-me para a praia de pedras, em forma de crescente, em frente da floresta de pinheiros. Eu quase me sufocara, com toda a água salgada que engolira, mas continuava viva. E o que me salvou foi o Xadrez de Montglane.

O peso das peças em minha bolsa me fez afundar diretamente, antes que pudesse dar uma só braçada, e com isto me pôs fora do alcance daqueles pedaços de chumbo que bateram na água, saídos das armas dos amiguinhos de Sharrif. Como a profundidade era de menos de três metros, consegui me arrastar pelo fundo arenoso, carregando a bolsa o tempo todo, até encontrar um local onde pude pôr o nariz para fora e respirar. Sempre usando os barcos de pesca como cobertura e a bolsa como lastro, consegui me movimentar pela água rasa, no meio da escuridão da noite.

Arregalei os olhos na praia, tentando descobrir, em meio ao desespero, onde eu fora parar. Já eram nove horas, e a noite caía quase de todo. Mesmo assim, identifiquei umas luzinhas que pareciam ser as do píer de Sidi-Fredj, a uns três quilômetros de distância. Dava para ir até lá a pé, mas... e Lily?

Tateei no interior da bolsa encharcada. As peças continuavam em seu lugar. Na certa, eu perdera um bocado de coisas, arrastando a bolsa sobre o fundo submarino irregular, mas, pelo menos, meu manuscrito de duzentos anos devia estar intacto: eu o guardara na bolsa de maquiagem, de plástico impermeável. Só rezei para que fosse mesmo à prova de água.

Parei para planejar o que fazer, quando um ser estranho se arrastou para fora da água, a poucos passos de onde eu estava. No que restava de luz arroxeadada, tive a impressão de que se tratava de um pinto recém-nascido, mas o latido que deu quando saltou em meu colo não deixou lugar para dúvidas — era Carioca, completamente encharcado. Eu não tinha como secá-lo, porque estava tão molhada quanto ele. O que pude fazer foi me levantar, carregá-lo debaixo do braço e começar a caminhada em direção aos pinheiros, com a intenção de cortar caminho para casa.

Um dos sapatos ficara na água. Joguei fora o outro e fui andando descalça pelo chão coberto de agulhas de pinheiros, tentando me orientar por instinto. Já caminhava a uns quinze minutos quando ouvi o ruído de um ramo de pinheiro quebrando, bem perto. Parei, petrificada, e acariciei o trêmulo Carioca, rezando para que ele não repetisse a atuação que tivera frente aos morcegos.

Mas não fazia diferença. Logo em seguida, o facho de uma lanterna iluminou meu rosto. Fiquei parada, apertando os olhos, com o coração disparado. Um soldado de uniforme caqui aproximou-se de mim, com uma metralhadora nas mãos. O pente de balas destacava-se de maneira pouco animadora e o cano apontava para meu estômago.

— Parada! — gritou, de forma perfeitamente desnecessária. — Quem é você? Identifique-se! O que está fazendo aqui?

— Fui levar meu cachorro para um banho de mar. — Ergui Carioca contra a luz da lanterna, como prova. — Meu nome é Catherine Velis. Vou lhe mostrar meus documentos.

Lembrei então que os papéis deviam estar encharcados, mas não queria que ele revistasse minha bolsa. Comecei a falar bem depressa.

— Estava passeando com meu cachorro em Sidi-Fredj, mas ele caiu no píer. Tive de mergulhar para tirá-lo da água e a correnteza acabou nos trazendo para cá... — Só então me ocorreu que não havia correnteza no Mediterrâneo! Continuei, cada vez mais rapidamente: — Trabalho para a OPEP, com o ministro Kader. Ele pode me identificar. Moro logo ali...

Quando levantei o braço, para apontar, o cano da metralhadora também se levantou, na direção de meu nariz. Decidi apelar para outra tática: a da "cidadã-americana-ultrajada".

— Estou lhe dizendo que tenho de ver o ministro Kader com a máxima urgência! — gritei, tentando um ar de dignidade que deve ter parecido ridículo em uma pessoa tão encharcada.

— Você sabe com quem está falando?

O soldado olhou de lado para o colega, para mim invisível por trás da lanterna.

— Você está participando da conferência?

Então, era aquela a razão para haver soldados espalhados, patrulhando o bosque! E também para o bloqueio da estrada. Fora também pelo mesmo motivo que Kamel insistira tanto em me querer de volta antes do final da semana. A conferência da OPEP tinha começado!

— É evidente! — garanti. — Sou uma das convidadas mais importantes. Eles já devem estar preocupados com minha ausência.

O soldado foi até a lanterna e cochichou qualquer coisa em árabe com o colega. Pouco depois, a luz foi apagada. O outro, mais velho, falou em tom de quem pede desculpas:

— Vamos levá-la até seus companheiros, madame. Os participantes estão se reunindo no Restaurant du Port, neste momento. Talvez a senhora queira ir primeiro até o local onde está instalada e mudar de roupa...

Concordei que era uma boa ideia. Depois de mais ou menos meia hora, cheguei, escoltada, ao apartamento. O soldado esperou do lado de fora, enquanto me vesti com toda a rapidez, passei um secador pelos cabelos e sequei também Carioca, tanto quanto possível.

Não podia nem pensar em deixar as peças ali. Achei no fundo do armário uma enorme bolsa de lã, e joguei-as dentro dela, juntamente com Carioca. O livro que Minnie me dera estava úmido, mas, graças à bolsa de plástico, sobrevivera. Folheei-o rapidamente frente ao secador e joguei-o também na bolsa. Em seguida, o soldado e eu caminhamos até o Restaurant du Port.

Tratava-se de um edifício enorme, com teto altíssimo e piso de mármore, onde eu comera muitas vezes quando ainda morava no El Riadh. Atravessamos a longa série de arcos que saía da praça em frente do porto e subimos os degraus largos que pareciam partir da água para as paredes envidraçadas do restaurante iluminado. Havia soldados postados de vinte em vinte metros, de frente para o porto, com as mãos cruzadas às costas, fuzis à bandoleira. Quando chegamos à entrada, procurei localizar Kamel através da parede de vidro.

As mesas, arrumadas de forma que havia cinco longas fileiras, estendiam-se até o extremo oposto do salão, a uns trinta metros de distância. No centro, fora erguido um tablado em forma de U, todo cercado por uma grade de bronze, que dominava o ambiente. Ali estavam os dignitários mais importantes. Mesmo de longe, a demonstração de tanto poder impressionava. Lá haviam se acomodado não apenas os ministros do Petróleo, mas até mesmo os dirigentes máximos de todos os países membros da OPEP. Fardas com galões dourados, mantos bordados, chapéus cilíndricos de pele de leopardo, mantos imaculadamente brancos e ternos escuros, tudo misturado em um grupo colorido.

Outro guarda, à porta, recolheu a arma de meu acompanhante e apontou um terraço lateral, um pouco acima do nível das mesas. O soldado precedeu-me, marchando entre as mesas com toalhas brancas até a escadinha central. Quando atravessamos o salão, pude ver, a mais de vinte metros de distância, a expressão horrorizada de Kamel. Ao chegarmos à mesa, o soldado juntou os calcanhares, com um estalo. Kamel levantou-se.

— Mademoiselle Velis! — Voltou-se para o soldado: — Obrigado por ter trazido nossa convidada oficial. Ela estava perdida?

Ficou me olhando o tempo todo com o canto dos olhos, como se estivesse pronto para ouvir muitas explicações.

— Sim, ministro. Na floresta de pinheiros. Um acidente, aparentemente envolvendo um cachorro... Pelo que pude entender, a senhorita é convidada para sua mesa.

Deu uma olhada para os homens sentados. Não havia nenhum lugar reservado para mim.

— Você fez muito bem, oficial. Pode voltar a seu posto, agora. Sua eficiência não será esquecida.

O militar tornou a estalar os calcanhares e retirou-se. Kamel acenou para um garçom que passava e pediu-lhe que preparasse mais um lugar. Ficou em pé até minha cadeira chegar. Quando nos sentamos, começou as apresentações:

— Ministro Yamini - indicou um saudita gordinho, rosado, com cara de anjo, à direita.

O homem fez um gesto delicado com a cabeça e ergueu um pouco o corpo.

— Mademoiselle Velis — explicou meu chefe — é a especialista americana que criou o brilhante modelo computadorizado e as análises a que me referi na reunião de hoje à tarde.

O ministro Yamini ergueu uma sobancelha para demonstrar admiração.

— O ministro Belaid a senhorita já conhece, acredito — finalizou Kamel.

Fora Abdelsalaam Belaid que acertara o contrato com minha empresa. Ele levantou-se sorridente e apertou minha mão. Tinha pele bronzeada e lisa, cabelo grisalho nas têmporas e uma careca que chegava a brilhar. Fez-me pensar em um elegante capo mafioso.

O ministro Belaid voltou-se para dizer qualquer coisa ao vizinho da mesa à direita, que estava no meio de uma conversa com o comensal seguinte. Os dois homens ergueram os olhos para mim. Senti o sangue fugindo de meu rosto, quando os reconheci.

— Mademoiselle Catherine Velis, nossa especialista em processamento de dados — anunciou Belaid, com voz aveludada.

O rosto triste, comprido, do presidente da Argélia, Huari Bumediene, virou-se para o meu, por um instante, e logo tornou a encarar o de seu principal ministro, como que perguntando que diabo eu fazia ali. Belaid deu de ombros, com um sorriso neutro.

— Enchanté — disse o presidente.

— O rei Faissal, da Arábia Saudita — continuou Belaid, indicando um homem tenso, que me encarou sem sorrir, apenas com um aceno de cabeça, com algo de falcão no rosto semicoberto pelo turbante branco.

Peguei o copo de vinho a minha frente e emborquei um gole saudável. Como eu explicaria a Kamel o que acontecera? E como sair dali para ir à procura de Lily? Com gente como aquela ao redor da mesa, minhas chances de pedir desculpas e sair — mesmo se fosse apenas para ir até o banheiro — mostravam-se mínimas.

Bem naquele instante, começou uma confusão qualquer, logo abaixo da plataforma em que estávamos. Todo mundo olhou para o mesmo lugar ao mesmo tempo. Devia haver pelo menos uns seiscentos homens no salão apinhado. Estavam todos sentados, a não ser os garçons, que corriam como loucos, servindo cestas de pão, saladas, vinho e água mineral. Mas um homem alto e moreno acabara de entrar vestido com um longo manto branco. O rosto bonito parecia uma máscara de fúria. Caminhou depressa entre as fileiras de mesas, sacudindo um rebenque. Os garçons, reunidos instintivamente em pequenos grupos, nada fizeram para detê-lo. Fiquei de olhos arregalados enquanto o homem percorria os corredores entre as mesas, derrubando a golpes de rebenque as garrafas de vinho. Todo o salão ficou em silêncio durante o tempo que ele levou para atravessar os corredores e derrubar todas as garrafas, a maioria das quais estourava estrepitosamente no chão.

Bumediene levantou-se, com um suspiro, e disse algumas palavras rápidas ao chefe do cerimonial, que correra até nossa mesa. O presidente, com o olhar triste de sempre, desceu a pequena escada e ficou à espera de que o recém-chegado viesse até ele, depois de destruir todas as garrafas.

— Quem é aquele sujeito? — consegui sussurrar, ao ouvido de Kamel.

— Muamar Kadafi. Da Líbia. No discurso de hoje, na conferência, ele reiterou que os seguidores do Islã devem se abster de álcool. Tudo indica que parece disposto a ser coerente em palavras e gestos. E louco. Dizem que costuma contratar assassinos profissionais, na Europa, para atacar ministros proeminentes da OPEP.

— Eu sei — sorriu, entre covinhas nas faces, o angelical Yamini.
— Meu nome é um dos primeiros da lista.

Não parecia muito preocupado. Enquanto falava, pegou um talo de aipo, que começou a mastigar displicentemente.

— Mas por quê? — insisti com Kamel. — Só por causa do álcool?

— Porque teimamos em fazer o movimento em termos econômicos, e não políticos. — Baixou a voz e sussurrou, entre os dentes cerrados: — Agora que vamos ter um pouco de tempo para conversar, quer me explicar que diabo está acontecendo? Onde você se enfiou? Sharrif revirou o país a sua procura. Enquanto você estiver aqui, tudo bem, mas depois ele vai criar sérios problemas.

— Eu sei — cochichei, sem deixar de olhar para baixo.

No salão, Bumediene falava também em voz muito baixa com Kadafi, mantendo o rosto voltado para o chão, de maneira que ninguém conseguia ver sua expressão. Os convidados apanhavam, por todos os lados, garrafas e cacos gotejantes, que passavam para os garçons. E estes, discretamente, reabasteciam as mesas com vinho.

— Tenho de falar com você a sós — expliquei a Kamel. — Seu salud persa pegou minha amiga. Há mais de meia hora, eu estava debaixo da água, tentando não me afogar. Há um cachorro encharcado na minha bolsa de lã, além de outras coisas, que devem ser de seu interesse. Eu tenho de sair daqui...

— Você quer dizer que elas estão aqui?! - sussurrou Kamel, surpreso. — Bem aqui?

— Então, você também está no Jogo!

— Por que você acha que eu a trouxe para a Argélia? E por que fiz o diabo para explicar seu desaparecimento, logo antes da conferência!

— Vamos discutir isso depois. Agora, o que tenho de fazer é dar o fora daqui e tentar salvar a pele de Lily.

— Deixe que eu trato disso. Vamos dar um jeito. Onde ela está?

— Em La Madrague.

Kamel arregalou os olhos, mas, bem naquele instante, Huari Bumediene voltou a seu lugar na mesa. Todos sorriram para ele e o rei Faissal disse em inglês, ao presidente argelino:

— Nosso coronel Kadafi não é o tolo que finge ser. Lembra-se do que ele fez, na conferência de nações não alinhadas, quando alguém

reclamou da presença de Fidel Castro? — Voltou-se para Yamini, seu ministro, e completou: — O coronel disse que, se fôssemos proibir a participação de qualquer representante do Terceiro Mundo que recebesse dinheiro de uma das duas superpotências, era melhor todos fazermos as malas e ir embora. Arrematou com a leitura de uma lista de acordos financeiros e de armamentos de metade dos países presentes... E bastante precisa, se me permitem dizê-lo. Eu não o descartaria apenas como um fanático religioso, de forma alguma.

Bumediene olhava para mim. Era um homem misterioso. Ninguém sabia sua idade, seu passado era desconhecido, nem ao menos se sabia onde nascera. Desde o sucesso que obtivera na liderança da revolução, dez anos antes, e do coup militaire que a sucedera e o fizera presidente do país, conseguira colocar a Argélia na linha de frente da OPEP e a transformara na "Suíça do Terceiro Mundo".

— Mademoiselle Velis — falou, dirigindo-se a mim pela primeira vez —, a senhorita teve algum contato com o coronel Kadafi, em seu trabalho para o ministério?

— Nunca, presidente.

— Estranho... Ele a reconheceu, quando conversávamos lá embaixo, e disse uma coisa que parece indicar o contrário.

Senti que Kamel retesou o corpo. Segurou meu braço com força, por baixo da toalha de mesa.

— Foi mesmo, presidente? E o que ele disse? - perguntou, afetando pouco interesse.

— Deve tê-la confundido com outra pessoa — disse o presidente, também sem maior entusiasmo, mas fixando em Kamel os grandes olhos escuros. — Perguntou apenas se foi ela.

— "Foi ela?" — repetiu o ministro Belaid, confuso. - E o que quis dizer com isto?

— Acho que estava se referindo à autoria do modelo de que tanto ouvimos Kamel Kader falar — replicou Bumediene e, em seguida, voltou-se para o outro lado.

Tentei cochichar de novo com Kamel, mas ele fez que não com a cabeça, discretamente, e dirigiu-se a Belaid, seu chefe:

— Catherine e eu gostaríamos de fazer uma última revisão nos dados, antes da apresentação de amanhã. Será que poderíamos ser dispensados do banquete? Senão, teremos de passar toda a noite em claro.

Belaid não acreditou em uma só palavra, como seu rosto deixou claro.

— Antes quero conversar um pouco com você — retrucou.

Levantou-se e levou Kamel para um canto. Fiquei em pé também, brincando bobamente com o guardanapo entre os dedos. Yamini debruçou-se em minha direção.

— Foi um prazer tê-la a nossa mesa, ainda que por tão pouco tempo — afirmou, com mais um sorriso entre as covinhas.

— Belaid ainda estava junto à parede, cochichando com Kamel, desviando-se da rota dos garçons que passavam com bandejas fumegantes. Quando me aproximei, dirigiu-se a mim:

— Mademoiselle, agradecemos muito tudo o que fez por nós. Não deixe que Kamel fique acordado até muito tarde.

Cumprimentou com a cabeça e voltou à mesa.

— Podemos dar o fora? — cochichei.

— Vamos logo! — Tomou meu braço e me conduziu, quase correndo, escada abaixo. — Abdelsalaam foi informado de que a polícia secreta está atrás de você. Dizem que você resistiu à prisão e escapou em La Madrague. Foi só durante o início do banquete que ele ficou sabendo, e preferiu colocá-la sob minha responsabilidade, em lugar de entregá-la. Espero que compreenda a encrenca em que vai me meter, se sumir de novo.

— Pelo amor de Deus! — resmunguei, de dentes cerrados, enquanto abríamos caminho. — Você sabe por que fui ao deserto. E sabe para onde vamos, agora! Eu que deveria fazer as perguntas. Por que não me disse que também esta envolvido no Jogo? Belaid também está? E Therese? E aquele cruzado maluco da Líbia, que disse que me conhece? Que diabo foi aquilo?

— Eu também gostaria de saber.

Kamel parecia abatido. Cumprimentou o guarda com a cabeça, que retribuiu o aceno a sua maneira.

— Vamos para La Madrague em meu carro. E você tem de me dizer tudo o que aconteceu, para podermos ajudar sua amiga.

Entramos no carro, na penumbra do estacionamento. Kamel ;Si&, logo cravou os olhos nos meus e, quando começamos a rodar na escuridão, tudo o que eu podia ver eram suas pupilas amarelas brilhando.

Comecei a contar as desventuras de Lily e, logo que pude, perguntei a respeito de Minnie Renselaas.

— Conheço Mokhfi Mokhtar desde criança — disse ele. — Ela escalou meu pai para uma missão: associar-se a El-Marad e penetrar no Território das Brancas. Foi essa a missão que causou sua morte. Therese trabalhava para meu pai. Agora, além de trabalhar na Poste Centrale, ela serve também a Mokhfi Mokhtar. Ela e seus filhos.

— Filhos?! — Achei difícil imaginar a exuberante telefonista no papel de mãe.

— Valerie e Michel; o garoto, Michel, acho que você já conheceu. Ele gosta de ser chamado de Wahad...

Então Wahad era filho de Therese! A trama era mais intrincada que um novelo emaranhado. Como já deixara, havia muito, de acreditar em coincidências, em toda aquela história, destaquei do fundo da memória a informação de que Valerie era também o nome de uma empregada de Harry Rad. Mas, no momento, tinha peixes maiores com que lidar.

— Não estou entendendo — interrompi. — Se seu pai foi enviado em missão e fracassou, isso quer dizer que as brancas ficaram com as peças que ele tentava obter, certo? Quando o Jogo termina? Quando alguém reunir todas as peças?

— Acho que nunca termina — disse ele, com amargor, dirigindo o carro pela longa estrada que ladeava os penhascos cheios de cactos, na saída de Sidi-Fredj. — Mas a vida de sua amiga pode terminar, se não chegarmos logo a La Madrague.

— Você manda o bastante neste país para chegar lá e simplesmente dar ordem para que eles a soltem?

Vi o sorriso frio refletir as luzes fracas do painel. Tínhamos chegado ao bloqueio que eu e Lily já havíamos encontrado pelo

outro lado. Ele sacudiu suas credenciais pela janela do carro e o guarda nos deu passagem.

Coloquei Carioca no chão e ele disparou aos saltos escada acima, como uma bola de pingue-pongue coberta de pelos. Kamel e eu corremos logo atrás.

Entrava-se por uma varanda que dava para o mar. A alameda que conduzia até ela corria perigosamente junto ao precipício, protegida apenas por uma baixa mureta coberta de flores silvestres. Do outro lado, havia uma estreita faixa plana, antes da queda da encosta. Calculei que aquilo poderia vir a ser útil.

Carioca já começara a arranhar a porta de vidro com as patas quando cheguei e olhei para dentro. Três capangas, encostados à parede da esquerda, de paletós abertos, deixavam ver os coldres nas axilas. O chão era de azulejos lisos, azuis e dourados. Lily, com um hematoma no rosto, estava sentada no centro da sala, com Sharrif em pé a seu lado. Ela levantou-se de um pulo, ao ouvir os grunhidos de Carioca, e Sharrif empurrou-a de volta à poltrona. Sentado em uma pilha de almofadas, no canto mais afastado, El-Marad mexia uma peça de xadrez em um tabuleiro sobre a mesinha baixa de cobre colocada a sua frente.

Sharrif voltou-se rapidamente para a porta da varanda, onde a luz clara da lua nos mostrava. Engoli em seco e encostei o rosto ao vidro para que ele pudesse me reconhecer.

— Cinco do lado deles, três e meio do nosso - sussurrei para Kamel, que se manteve imóvel quando Sharrif veio na direção da porta, gesticulando para seus cães de guarda, mandando-os manter as armas nos coldres. — Você cuida dos capangas que eu me arranjo com El-Marad. Acho que Carioca já escolheu seu alvo.

Sharrif entreabriu a porta. Olhou para baixo, encarando seu minúsculo aqui-inimigo, e gritou:

— Vocês podem entrar. Mas este monstro fica do lado de fora! Empurrei Carioca com o pé, para que Kamel e eu entrássemos.

— Você salvou Carioca! — gritou Lily, com os olhos brilhantes e sorridentes. Logo acrescentou, com uma careta para Sharrif: — Homens que ameaçam animaizinhos indefesos tentam disfarçar a própria impotência!

Sharrif encaminhou-se para ela, parecendo pronto para agredi-la outra vez, quando El-Marad falou em voz mansa, de seu canto, com um sorriso sinistro aberto para mim:

— Mademoiselle Velis! Muito prazer em vê-la de novo, e outra vez com esse acompanhante. Ninguém poderia ter imaginado que Kamel Kader fosse tão pouco inteligente que a trouxesse para mim duas vezes seguidas! Mas, agora, já que nos reunimos...

— Podemos deixar as gentilezas de lado - respondi, atravessando a sala na direção dele.

Quando passei por Lily, apertei as chaves do carro contra a palma de sua mão e cochichei:

— Para a porta. Agora mesmo.

Continuei andando para perto de El-Marad, sem parar de falar:

— Você sabe por que viemos.

— E você sabe o que eu quero - retrucou ele. - Podemos fechar negócio?

Parei ao lado da mesa baixa e olhei para trás, por cima do ombro. Kamel colocara-se à frente dos capangas e pedira fogo a um deles. Acendendo o cigarro, atraía a atenção dos três. Lily postara-se junto à porta de vidro, com Sharrif logo atrás. Ela acorrou-se e começou a tamborilar as longas unhas vermelhas contra o vidro. A linguinha vermelha de Carioca não parava de tentar lambê-la, do lado de fora. Com todos posicionados, era naquele momento ou nunca. Comecei de novo minha arenga dirigida ao mercador de tapetes:

— Meu amigo, o ministro, não acredita em sua honestidade para cumprir acordos. Mas se o que você quer são as peças, elas estão... aqui!

Num movimento só, soltei do ombro a bolsa de lã, levantei-a até onde o braço alcançava e abaixei-a de novo, com toda a força e todo o peso do maciço conteúdo. Acertei-lhe o alto da cabeça. Vi seus olhos arregalarem-se e o corpo começar a cair de lado, antes de dar-lhe as costas para enfrentar o pandemônio em que se transformara a sala.

Lily abriu de repente a porta. Carioca entrara a galope. Corri na direção dos capangas, sacudindo minha bolsa-tacape. O primeiro

que acertei ainda não tirara a arma do coldre. O segundo dobrou-se sobre o estômago que Kamel socara violentamente. Estávamos todos embolados no chão quando o terceiro conseguiu sacar seu revólver e apontá-lo para mim.

— Detenha a outra, seu idiota! — gritou Sharrif, tentando manter Carioca a distância com uma sucessão de pontapés de lado.

Lily já atravessava a porta. O policial ergueu a arma na direção dela, apontou e apertou o gatilho — no justo momento em que Kamel atirava-se sobre ele, espremendo-o contra a parede com todo o peso do corpo.

Sharrif soltou um grito alto e estridente, desequilibrado pelo impacto da bala desviada, com a mão sobre o ombro ferido. Carioca continuou diligentemente tentando mordê-lo, atacando em círculos à medida que ele girava o corpo. Kamel passou por mim e atracou-se com o tira que disparara, tentando tomar-lhe a arma. Um dos outros começava a levantar. Acertei-o em cheio com a bolsa e, desta vez, ele ficou quieto no chão. Por via das dúvidas baixei a bolsa também no que estava atracado com Kamel. Quando ele caiu, Kamel tomou-lhe a arma.

Corremos todos para a porta. Senti a mão de alguém tentando me agarrar, e me liberei dela. Era Sharrif, com uma perna quase imobilizada por dentes caninos, mas ainda capaz de se movimentar. Arrastou-se atrás de mim, com o sangue jorrando do ombro baleado. Quando comecei a correr para valer, ainda tive tempo de ver que dois de seus amiguinhos haviam se levantado. Em vez de me dirigir para a escada, voltei-me para a mureta baixa. Na corrida, avistei Kamel já no meio da escadaria, gesticulando freneticamente para mim. E vi, também, com a ajuda do luar, que Lily já chegara lá embaixo e alcançava o carro. Sem pensar, saltei por cima da mureta e me espremi contra o chão, à beira do penhasco, enquanto Sharrif e sua tropa passavam na direção da lateral da casa e da escadaria. O peso quase insuportável das peças do Xadrez de Montglane ficou pendurado no espaço, com a correia da bolsa machucando dolorosamente minha mão. Quase fui obrigada a largá-la. Olhei para baixo e vi, a uns trinta metros, as ondas batendo violentamente

contra as paredes, tangidas pelo vento cada vez mais forte. Prendi a respiração e puxei a bolsa para cima, com toda a força que tinha.

— O carro! — gritou Sharrif. — Eles estão indo para o carro!

Acompanhei de ouvido os ruídos dos passos descendo a escada bamba de madeira. Logo em seguida, ouvi o som de patinhas sobre o cascalho e ergui o rosto por cima da mureta, apenas para sentir na bochecha a lambida quente de Carioca. Eu me preparava para me levantar quando as nuvens se afastaram outra vez, revelando a lua, e vi o terceiro tira, que pensei ter posto fora de combate, caminhando em minha direção. Tornei a me abaixar, mas foi tarde demais.

Sem pensar, ele atirou-se contra mim, por cima da mureta de pouco mais de meio metro de altura. Apertei de novo o corpo contra o chão e ouvi seu grito. Olhando por entre os dedos, com que cobrira o rosto, vi a perna dele, desequilibrada à beira do abismo, bambejar e logo desaparecer. Saltei a mureta para dentro, agarrei Carioca e corri para a escada.

O vento, agora furioso, anunciava a tempestade iminente. Horrorizada, vi o carro de Kamel partir em disparada, levantando uma nuvem de poeira. Sharrif e seus companheiros abriram fogo, na esperança de atingir os pneus. Em seguida, para minha surpresa, o carro manobrou e lançou-se, com os faróis altos ligados, diretamente sobre os três homens a pé. Os bandidos atiraram-se para fora do caminho do jeito que puderam. Lily e Kamel voltavam para me buscar!

Voei escada abaixo, saltando os degraus de quatro em quatro, agarrando Carioca com uma das mãos e a bolsa de lã com a outra. Cheguei ao pé da escada no mesmo instante em que o carro freava, levantando mais poeira; a porta foi aberta antes que ele parasse de todo, e eu me atirei para dentro. Lily arrancou com a porta ainda esancarada. Kamel, no banco detrás, tinha a arma apontada para fora da janela. O barulho das balas contra a carroceria era de ensurdecer. Enquanto eu lutava para fechar a porta, vi Sharrif e os outros dois correndo na direção de um carro estacionado à beira do píer. Fomos em frente; Kamel acertou uns bons pedaços de chumbo no carro deles.

Em circunstâncias normais, andar em um carro dirigido por Lily já era de dar medo; naquele momento, então, ela parecia convencida de que era a melhor motorista do mundo. Derrapamos e passamos a milímetros de tudo o que havia em volta. Ela continuou acelerando, até atingirmos a estrada. Estávamos todos em silêncio, prendendo a respiração. Kamel ia de costas, de olhos fixos na estrada, e ela continuava apertando o pedal da direita: cento e trinta, cento e quarenta... Quando se aproximava dos cento e sessenta quilômetros por hora, viu à frente o bloqueio da OPEP.

— Aperte o botão vermelho do painel! — gritou Kamel, superando com a voz os gemidos dos pneus.

Inclinei o corpo e obedeci; a sirene começou a funcionar, juntamente com a luz vermelha embutida no botão, que passou a piscar como um farol no interior escuro do carro.

— Bom equipamento, esse! — gritei para Kamel, enquanto os guardas se espalhavam o mais rápido que podiam, a nossa passagem.

Lily ziguezagueou entre os carros, de onde rostos assombrados nos olhavam, de bocas abertas. Em um instante, deixamos tudo aquilo para trás.

— Vantagens do posto de ministro - disse Kamel, com irônica modéstia. — Mas há outra barreira na saída de Sidi-Fredj.

— Preparar torpedos! A frente, a todo vapor! — gritou Lily, tornando a abaixar o pé.

O Citroen saltou para frente, como um cavalo de corridas na reta final. Passamos pela segunda barreira da mesma forma que pela anterior.

— Meu nome é Lily Rad — apresentou-se a própria. — Ouvi dizer que você conhece meu avô.

— Não tire os olhos da estrada! — gritei, quando o carro deslizou para a margem, bem à beira do penhasco.

— Mordecai e meu pai eram muito amigos — comentou Kamel. — Espero poder vê-lo de novo, algum dia. Quando estiver com ele, diga-lhe, por favor, que lhe mando lembranças.

Mal terminara de falar, virou-se para trás. Um par de faróis aproximava-se rapidamente.

— Pise mais, Lily — comandi. — Chegou a hora de nos impressionar com seu talento de motorista.

Kamel resmungou qualquer coisa e tornou a apontar a arma. O outro carro ligou a sirene e os faróis altos. O motorista na certa tentava enxergar através da nuvem de poeira que nós e o vento levantávamos.

— Merda! Deve ser a polícia rodoviária — disse Lily, aliviando um pouco o acelerador.

— Mais depressa! — gritou Kamel, ferozmente.

Ela obedeceu e o Citroen quase derrapou, mas logo firmou-se. O ponteiro chegou aos duzentos. Fosse qual fosse o carro deles, não seria capaz de dar mais que aquilo em tal estrada, principalmente sacudido, como o nosso, por rajadas violentas de vento, que pareciam vir de todos os lados.

— Há uma entrada por cima para a casbá — disse Kamel, sem tirar os olhos do vidro traseiro. — Estamos a uns dez minutos de lá, e vai ser preciso atravessar Argel. Mas eu ando por essas ruas melhor que nosso amigo Sharrif. Vamos chegar à casbá pela parte de cima... Conheço o caminho da casa de Minnie. - Fez uma pausa e depois acrescentou: — Tinha de conhecer: é a casa de meu pai.

— Minnie Renselaas está morando na casa de seu pai?

— estranhei. — Eu tinha entendido que você cresceu nas montanhas.

— Meu pai mantinha uma residência na casbá para suas esposas.

— Esposas?!

— Minnie Renselaas é minha madrasta. Meu pai era o Rei preto.

Mergulhamos com o carro em uma das ruelas que formam o labirinto da parte mais alta de Argel. Eu tinha um milhão de perguntas a fazer, mas não era o momento. Mantive os olhos bem abertos, à procura do carro de Sharrif. Acreditava que ainda não nos livráramos dele, mas aumentáramos a distância o suficiente para não ver mais seus faróis. Saltamos do carro e penetramos a pé no labirinto.

Lily andava grudada em Kamel, segurando-o pela manga, e eu vinha logo atrás. As vielas eram tão estreitas e escuras que cheguei

a tropeçar, machucando um dedão e quase caindo de cara. Mas nem por isso deixei de andar olhando para trás, por cima do ombro.

— Não estou entendendo — disse Lily, com um sussurro rouco.

— Se Minnie é viúva do cônsul holandês, como pode ter sido casada também com seu pai? A monogamia não parece fazer muito sucesso por aqui...

— O cônsul Renselaas morreu durante a Revolução — explicou Kamel. — Minnie precisava ficar em Argel e meu pai ofereceu-lhe proteção. Embora a amizade entre os dois fosse enorme, desconfio de que se tratou de um casamento de conveniência. De qualquer forma, meu pai morreu menos de um ano depois.

Mas, se ele era o Rei preto e morreu, por que o Jogo não terminou? Não é este o objetivo? Shahmat...

— O Jogo continua, como na vida — interrompeu ele. — "O Rei morreu; viva o Rei!"

Olhei para o céu, pelo vão estreito entre os prédios, que pareciam se fechar cada vez mais sobre nós à medida que penetrávamos na casbá. Ouvia os uivos do vento, mas nem ele conseguia circular entre aquelas passagens tortuosas. Uma poeira fina caía sobre nós, e uma espécie de nevoeiro vermelho começou a ocultar a lua. Kamel também ergueu os olhos.

— O siroco. Já está chegando. É melhor andarmos mais depressa. Só espero que isso não atrapalhe demais nossos planos.

Tornei a olhar para cima. O siroco costuma fazer tempestades de areia, as mais famosas do mundo. Torci para que não fôssemos apanhados por ele fora de casa. Kamel parou em um beco sem saída e tirou uma chave do bolso.

— O antro de ópio! — exclamou Lily, lembrando a visita anterior.

— Ou era haxixe?

— Este caminho que fizemos é diferente - disse Kamel. - Só eu tenho a chave desta porta.

Abriu-a no escuro e deu-me passagem. Lily veio logo atrás de mim. Ouvei o ruído da fechadura sendo trancada outra vez por Kamel. Era um corredor escuro e comprido, com uma luzinha fraca no fundo. Senti sob os pés o chão macio, acarpetado e descobri, Tateando as paredes, que eram forradas de tecido adamascado.

Chegamos a um salão grande, de chão forrado com ricos tapetes persas, iluminado apenas por um candelabro grande de ouro sobre uma mesa de mármore em um dos cantos. Mas a iluminação fraca conseguia realçar o luxo do lugar. Mesas baixas de mármore escuro; otomanas forradas de seda amarela, com franjas de ouro; sofás antigos, em cores quase luminosas, como as de licores envelhecidos; esculturas espalhadas por toda a parte, sobre pedestais e mesas... Magnífico, mesmo para uma pessoa desabituada, como eu, a tais objetos. Na luz fluida, dourada, o salão parecia um baú de tesouro antigo, encontrado no fundo do mar. Tive a sensação de atravessar uma atmosfera mais densa que a própria água, quando me dirigi, com Lily atrás, às duas pessoas que nos esperavam, do outro lado do salão.

Lá estava, em um manto brocado de ouro, que refletia a luz das velas em pequenas moedas bordadas, Minnie Renselaas. E a seu lado, com um cálice de bebida nas mãos, olhando-me com seus olhos verdes... Aleksandr Solarin.

O enxadrista sorriu para mim, radiante. Eu não parará de pensar nele desde que ele sumira no bar em forma de tenda, na praia, e sempre tivera a impressão de que nos encontraríamos outra vez. Solarin adiantou-se e deu-me a mão. Em seguida voltou-se para Lily:

— Nunca fomos apresentados — disse.

Lily parecia pronta a desafiá-lo para um duelo, pelo menos sobre um tabuleiro de xadrez.

— Sou Aleksandr Solarin e sei que você é neta de um dos maiores enxadristas vivos. Espero que consiga levá-la de volta até ele em breve.

Ela, desconcertada pela gentileza, apertou-lhe também a mão.

— Chega de formalidades — comandou Minnie, quando Kamel se juntou a nós. — Temos muito pouco tempo. Imagino que vocês conseguiram trazer as peças.

Notei, sobre uma mesa próxima, uma caixa de metal, que reconheci: era a da capa de veludo azul. Mostrei a bolsa de lã e fomos todos até a mesa. Tirei as peças, uma por uma. Com a luz das velas refletindo-se nas pedras preciosas, as peças pareciam emitir o mesmo brilho estranho que eu vira no interior da caverna.

Ficamos todos imóveis por instantes, apenas olhando... O Camelo, o Cavalo empinado, o Rei e a Rainha estonteantes. Solarin fez menção de tocá-las e ergueu os olhos para Minnie. Foi ela quem falou primeiro:

— Finalmente! Depois de tanto tempo, poderão se juntar às outras. E graças a vocês... Com o que fizeram, permitirão que sejam redimidas as mortes de muitas pessoas, o desperdício de muitas vidas, durante anos...

— As outras?

Tentei vê-la melhor naquela luz.

— Estão na América — respondeu Minnie, com um sorriso.

— Solarin vai levar vocês para Marselha hoje à noite. Já providenciamos a viagem de volta.

Kamel tirou do bolso o passaporte de Lily. Ela o recebeu, mas, como eu, manteve os olhos presos em Minnie, sem entender bem.

— Na América? — repeti. — Mas com quem?

— Com Mordecai. — Minnie continuou sorrindo. — Há outras, nove em poder dele. Com a capa, vocês já têm mais da metade da fórmula. Vai ser a primeira vez que se consegue reunir tanto, nos últimos duzentos anos.

Pegou a caixa metálica e passou-a para mim.

— E o que vai acontecer quando reunirmos tudo? — perguntei.

— Isso você vai ter de descobrir. Agora é sua vez...

Minnie parou de sorrir e olhou-me com ar grave. Tornou a fixar o olhar nas peças, ainda brilhando sobre a mesa.

Voltou-se devagar e segurou entre as mãos o rosto de Solarin. Quando falou, percebi que tinha lágrimas nos olhos: — Meu querido Sacha... Cuide-se bem, meu filho. E cuide delas, também...

Deu um beijo carinhoso na testa dele. Para minha surpresa, Solarin envolveu-a com os braços e mergulhou a cabeça em seu ombro. Ficamos todos em silêncio, sem ação, enquanto o jovem Grande Mestre e Mokhfi Mokhtar demoravam-se em um abraço silencioso. Finalmente, separaram-se e ela dirigiu-se a Kamel, apertando sua mão:

— Tome conta deles até chegarem ao porto.

Sem uma só palavra para mim ou para Lily deu-nos as costas e deixou o salão. Solarin e Kamel acompanharam-na com os olhos, em silêncio.

— Vocês têm de ir logo — disse Kamel, finalmente, encarando Solarin. — Eu tomo conta dela. Que Alá os acompanhe, meu amigo.

Começou a recolher as peças e pô-las de volta em minha bolsa. A caixa já estava em minhas mãos. Lily, a meu lado, apertava Carioca contra o peito.

— Não estou entendendo nada — resmungou ela. — Quer dizer que é assim? Vamos embora e pronto? E como chegaremos a Marselha?

— Providenciamos um barco — explicou Kamel. — Vamos, não podemos perder um minuto!

— Mas... e Minnie? — quis saber eu. — Vamos voltar a vê-la? Quem respondeu foi Solarin, como que voltando à realidade:

— Por enquanto, não. Precisamos correr, antes que o siroco nos apanhe. Temos de nos lançar ao mar, e depressa. A travessia não é difícil, depois que nos livrarmos das águas do porto.

Saímos logo em seguida, e eu ainda me sentia meio atordoada quando me vi de novo, com Lily e Solarin, nas ruelas da casbá. Corríamos entre os prédios, que pareciam debruçar-se sobre nós, impedindo a passagem da luz. Percebi, pelo cheiro da maresia, que nos aproximávamos do porto. Saímos na praça ampla onde encontráramos Wahad, poucos dias antes. Tive a impressão de que meses, e não dias, haviam se passado. A areia varria a praça violentamente. Solarin deu-me o braço e fez-me correr. Lily acompanhou-nos bem de perto.

Descemos ao porto pelos Degraus do Pescador. No meio do caminho, uma ideia tirou-me o fôlego.

— Minnie chamou você de "meu filho". Você também é enteado dela? -

— Não — sussurrou, sem deixar de me apressar. — Só espero voltar a vê-la antes que morra. Ela é minha avó.

O SILÊNCIO ANTES DA TEMPESTADE

Pois costumava andar sozinho,
Sob as estrelas silenciosas. E, naquela época,

Senti o quanto de poder há nos sons...

E costumava ficar em pé

Sob a noite enegrecida pela tempestade próxima, Abrigado sob
uma rocha, atento às notas que são A linguagem fantasmagórica da
velha Terra, Ou que fazem nos ventos distantes sua vaga morada.

Assim me embebi do poder visionário.

- WILLIAM WORDSWORTH O prelúdio

VERMONT

MAIO DE 1796

Talleyrand coxeava pela floresta verdejante, entre colunas de luz do sol que atravessavam a catedral de folhas da primavera, ao alto, e exibiam o espetáculo da dança de partículas brilhantes de poeira. Aqui e ali, colibris de um verde metálico pareciam flutuar frente a flores de uma trepadeira, em forma de trombetas, que ofereciam seu néctar em uma teia pendente de um velho carvalho. O solo sob seus pés continuava úmido, a água da chuva recente ainda gotejava das árvores, refletindo a luz como diamantes espalhados entre a exuberante folhagem.

Ele já passara mais de dois anos na América. O Novo Mundo correspondera a todas as suas expectativas, mas não a suas esperanças. O embaixador francês, um burocrata medíocre, compreendera suas ambições políticas, mas não ignorara as acusações de traição que pesavam sobre ele, e sabotara um possível encontro com o presidente Washington. Em resultado, as portas da sociedade da Filadélfia fecharam-se tão rapidamente quanto as de Londres. Somente Alexander Hamilton fizera-se seu amigo e aliado — mas não fora capaz de lhe conseguir um emprego. Depois de algum tempo, já completamente sem reservas financeiras, Talleyrand vira-se obrigado a trabalhar como corretor de imóveis, vendendo terrenos de Vermont para emigres franceses recém-chegados. Aquela ocupação, pelo menos, garantia-lhe um meio de vida.

Agora, apoiando-se com dificuldade na bengala, media o terreno difícil, demarcando os lotes que venderia no dia seguinte. Suspirou, pensando no fracasso que fora sua vida. Aos quarenta e dois anos, O que tinha para mostrar, afinal? Muito pouco, se levasse em conta a tradição de sua família, a educação primorosa que recebera. Com poucas exceções, os americanos eram selvagens e criminosos, rebotalho dos países civilizados da Europa. Até mesmo as classes

superiores da Filadélfia eram menos educadas do que um bárbaro como Marat, que, pelo menos, se formara em medicina, ou que Danton, bacharel em direito.

Mas a maioria daqueles homens que povoavam sua memória já morrera... Homens que, primeiro, formaram a vanguarda da Revolução e, mais tarde, a deturparam e estragaram. Marat fora assassinado; Camile Desmoulins e Georges Danton subiram juntos ao cadafalso; Hébert, Chaumette, Couthon, Saint-Just e Le Bas, que preferiu estourar os miolos à execução. E os irmãos Robespierre — Maximilien e Augustin —, cujas mortes, sob a lâmina da guilhotina, marcaram o final do Terror. Se tivesse ficado na França, Talleyrand talvez tivesse o mesmo destino. Mas o que tinha a fazer agora era tratar das peças e juntar os cacos de sua vida. Acariciou a carta que trazia no bolso e sorriu sozinho. Era à França que pertencia, seu lugar era no salon elegante de Madame de Staél, tecendo brilhantes intrigas políticas. Nada tinha em comum com a América, terra selvagem, esquecida por Deus.

Tomou consciência, de repente, de que, durante muito tempo, o único som que ouvira fora o zumbido das abelhas. Abaixou-se para cravar um marco no chão e tentou enxergar por entre a folhagem densa.

— Courtiade! Você está aí?

Nenhuma resposta. Tornou a chamar, mais alto desta vez. Das profundezas da vegetação saiu a voz lamentosa:

— Estou, monsenhor. Infelizmente, estou aqui.

A folhagem abriu-se e ele apareceu na pequena clareira, com uma pesada bolsa de couro a tiracolo.

Talleyrand passou o braço em volta dos ombros do fiel camareiro, apoiando-se nele para atravessar o mato, a caminho da trilha de pedras onde haviam deixado a carroça.

— Vinte lotes! — disse, para si próprio. — Vamos embora, Courtiade. Se conseguirmos vender tudo isso amanhã, vamos voltar à Filadélfia com dinheiro suficiente para as passagens de volta à França.

— Devo entender que a carta de Madame de Staël permite pensar em regresso, monsenhor?

No rosto normalmente impassível do criado bailou a sombra de um sorriso.

Talleyrand tirou do bolso a carta que vinha carregando consigo durante as últimas semanas. Courtiade fixou os olhos na caligrafia do envelope e nos selos floridos, carimbados com o nome da República da França.

— Como sempre — disse Talleyrand, sacudindo a carta —, Germaine atirou-se à batalha de peito aberto. Logo que voltou à França, instalou o novo amante, um suíço chamado Benjamin Constant, na própria embaixada sueca, bem debaixo dos bigodes do marido. Criou uma confusão tamanha com suas atividades políticas que foi acusada, em pleno recinto da Convenção, de estimular uma conspiração monarquista e trair o marido, ao mesmo tempo. Agora foi condenada a se manter a uma distância de mais de trinta quilômetros de Paris, o que não a impede de continuar fazendo mágicas. Mulher encantadora e poderosa, que sempre incluirei entre meus melhores amigos...

Entregou a carta a Courtiade, que a leu no caminho para a carroça:

Chegou seu dia, moncher ami! Volte logo para colher os frutos que sua paciência plantou. Tenho ainda muitos amigos cujos pescoços continuam inteiros e cujas memórias guardam seu nome e os serviços que você, no passado, prestou à França.

Com afeição, Germaine

Courtiade não conseguiu disfarçar a alegria. Chegaram à carroça, ao cavalo velho e cansado que tentava pastar a grama fresca. Talleyrand acariciou o pescoço do animal e perguntou a Courtiade, com voz macia:

— Trouxe as peças?

— Estão aqui. — O camareiro apontou a bolsa de couro. — E aqui está também o Pulo do Cavalo de Monsieur Benjamin Franklin, que o secretário Hamilton copiou para o senhor.

— Isso pode ficar conosco. Não significa coisa alguma para ninguém, a não ser nós mesmos. Mas levar as peças para a França seria perigoso demais. Foi por isso que decidi trazê-las para cá, para esta terra selvagem onde ninguém jamais poderá imaginar que

estejam. Vermont... A origem do nome é francesa, não é? "Montanhas verdes." — Apontou a bengala na direção dos montes verdes, que pareciam ondas à frente e acima deles. — Lá em cima, perto daqueles picos da cor de esmeraldas, próximos de Deus. Ele que tome conta das peças...

Olhou, sorridente, para Courtiade, mas o camareiro manteve o rosto fechado.

— O que há? — perguntou Talleyrand. — Não gosta da ideia?

— O senhor se arriscou tanto por essas peças, monsenhor... Custaram tantas vidas! Deixá-las para trás faz parecer que...

— Hesitou, à procura de palavras que pudessem expressar o pensamento.

— ... que foi tudo para nada — completou Talleyrand, o rosto amargo.

— Permita-me tomar tal liberdade, monsenhor... Se Mademoiselle Mireille ainda estivesse viva, o senhor moveria céus e terras para manter as peças sob sua guarda, como ela pediu. Nunca as abandonaria neste fim de mundo tão selvagem.

Olhou para o amo com um ar que traía toda a preocupação pelo que iam fazer.

— Quase quatro anos sem uma só palavra, sem um só sinal... — A voz de Talleyrand fraquejou. — Mesmo sem nenhuma razão lógica, eu não perdera de todo a esperança, até agora. Mas Germaine está de volta à França e, com o círculo de informantes que mantém, certamente já teria ouvido algo, se restasse um só traço de Mireille. O silêncio de Germaine sobre o assunto só pode significar o pior. E talvez, se eu plantar as peças neste solo rico, minha esperança crie raízes outra vez.

Três horas depois, quando os dois já haviam colocado a última pedra que encobria a cova no coração das montanhas verdes, Talleyrand ergueu o olhar para Courtiade.

— Talvez agora possamos ter a certeza de que não emergirão de novo durante os próximos mil anos.

O camareiro começou a recobrir a cova com ramos e folhagens. Respondeu, em tom grave:

— Mas, pelo menos, elas sobreviverão.

SÃO PETERSBURGO

NOVEMBRO DE 1796

Seis meses mais tarde, em uma antecâmara do palácio imperial de São Petersburgo, Valerian e seu belo irmão, Plato, favorito da czarina Catarina, a Grande, cochichavam enquanto os membros da corte, em vestes de luto prematuro, atravessavam em fila as portas abertas dos aposentos imperiais.

— Não vamos sobreviver — sussurrou Valerian, vestido, como o irmão, com um traje de veludo negro, o peito coberto de condecorações. - Temos de agir já, ou tudo estará perdido!

— Não posso partir antes que ela morra — protestou Plato, irado, depois que os últimos cortesãos já tinham se afastado. — E se ela se curar, de repente, sem que ninguém espere? Aí, sim, estaria tudo perdido!

— Ela não vai se curar. — Valerian esforçou-se para controlar o nervosismo. — É haémorragie des cervelles. E o doutor disse que ninguém escapa de uma hemorragia cerebral. Assim que ela morrer, Paulo será o czar.

— Esta manhã, ele procurou-me para propor uma trégua — disse Plato, sem muita convicção. — Ofereceu-me um título e uma propriedade. Nada tão esplêndido quanto o palácio de Taurida, claro. Um terreno e um pequeno palácio no campo...

— E você confia nele?

— Não — admitiu. — Mas o que posso fazer? Mesmo se resolvesse fugir, jamais conseguiria chegar até a fronteira...

A abadessa permanecia ao lado do leito da grande czarina de todas as Rússia. Catarina, inconsciente, tinha o rosto completamente branco. A abadessa mantinha entre as suas as mãos da amiga, com os olhos fixos naquela pele sem cor e sem brilho, que se tingia de roxo quando a imperatriz procurava ar para os pulmões, na agonia da morte iminente.

Como era terrível ver assim a amiga que fora tão enérgica, tão cheia de vida... Nem todo o poder do mundo evitara aquele fim terrível, que lhe transformava o corpo em um saco murcho de fluidos, pálido e doentio como fruto apodrecido na própria árvore. Era o fim designado por Deus a todos — nobres ou plebeus, santos ou pecadores. Te absolvo, pensou a abadessa, se é que minha absolvição pode ajudar em alguma coisa. Mas, antes, você tem de acordar, amiga querida. Tem de recobrar a consciência, porque a ajuda de que necessito é muito importante. Se há uma coisa que você pode fazer por mim, antes de morrer, é dizer onde escondeu a peça do Xadrez de Montglane que eu lhe trouxe. Diga-me, por favor, onde está a Rainha preta!

Mas Catarina não melhorou. Sentada em seu próprio quarto frio, com o olhar na lareira, que, cansada demais, triste demais, ela não acendera, a abadessa refletia desesperadamente sobre o que fazer.

Toda a corte estava de luto, todas as portas fechadas: cada pessoa chorava tanto por si própria quanto pela czarina morta. Cada um tremia de medo, em segredo, pelo que aconteceria quando o louco príncipe Paulo fosse coroado czar.

Dizia-se que, no momento em que Catarina dera o último suspiro, ele corra para os aposentos imperiais, esvaziara todas as gavetas da escrivaninha, sem ao menos ler ou mesmo abrir a correspondência, e jogara tudo nas chamas da lareira. Temia que a mãe tivesse feito o que sempre ameaçara: deserdá-lo, para fazer do neto Alexandre, filho dele, o sucessor.

O palácio todo transformara-se em um quartel. Os soldados da guarda pessoal de Paulo, vestidos em uniformes prussianos de botões dourados e polidos, marchavam noite e dia pelos corredores, sob vozes de comando cujo volume superava até mesmo o pisar cadenciado das botas. Maçons e outros liberais, a que Catarina sempre se opusera, estavam saindo em massa das prisões. Tudo o que Catarina fizera em vida, Paulo agora invertera. E somente uma questão de tempo, pensou a abadessa, até que a atenção do novo czar se volte para as pessoas que foram íntimas de sua mãe...

Ouviu o rangido da porta abrindo-se. Ergueu a vista e deu com Paulo, que tinha os olhos aloucados cravados nos dela. O novo czar

ria como um idiota e esfregava as mãos, de satisfação ou para protegê-las do frio intenso que fazia no aposento. Helene sorriu para ele.

— Pavel Petrovich! Eu estava a sua espera.

— Quero que me chame de "Majestade"! E levante-se quando eu entrar!

A voz era quase histérica. Acalmou-se um pouco quando viu que a abadessa se punha lentamente em pé. Foi até perto dela e olhou-a com ódio.

— Da última vez que nos encontramos neste quarto, a situação era um pouco diferente, não, Madame de Roque?

— Claro, claro... — disse ela, calmamente. - Se a memória não me falha, sua mãe explicava-me as razões pelas quais não queria que você herdasse o trono que lhe pertencia... Mas os acontecimentos acabaram sobrepujando a vontade de Catarina.

— Pertencia a ela? — gritou Paulo, carregando as mãos com fúria cada vez maior. — O trono sempre foi meu! Ela roubou-o de mim quando eu tinha apenas oito anos de idade! - A raiva fez com que seu rosto ficasse vermelho. — Eu sei bem o que vocês duas tramavam! Sei o que tinham em mãos! Exijo que me diga onde esconderam o restante!

Tirou do bolso a Rainha preta, e exibiu-a. A abadessa encolheu-se de medo, mas logo recuperou o controle dos nervos:

— Isso me pertence — estendeu para ele a mão espalmada.

— Não! Não! — Havia uma expressão de alegria no rosto de Paulo. — Eu as quero para mim... Todas! Sei o que representam, entende? E serão minhas! Todas elas!

— Não. Não acredito que você venha a tê-las.

A abadessa manteve a mão espalmada na direção dele.

— Pode ser que uma temporada na prisão faça a senhora mudar de ideia.

Tornou a pôr no bolso a peça do Xadrez e deu-lhe as costas.

— Você não está falando sério.

— Depois dos funerais. — Paulo foi até a porta e parou, rindo como um louco. — Não quero que a senhora perca o espetáculo! Dei ordem para exumarem do monastério de Alexandre Nevski os ossos

de meu pai, Pedro III, que foi assassinado. Eles serão trazidos para cá, a fim de serem exibidos ao lado do corpo da mulher que mandou matá-lo. Sobre os dois esquifes, haverá uma faixa com estes dizeres: "Divididos em vida, juntos na morte." Os corpos de meu pai e de minha mãe serão conduzidos pelas ruas cobertas de neve por um cortejo formado pelos ex-amantes dela. Organizei tudo tão bem que vão ser os assassinos de meu pai os encarregados de carregar o caixão com os despojos dele!

Riu mais ainda, de forma tão insana que a abadessa ficou horrorizada.

— Mas Potêmkin já morreu! - objetou ela.

— Eu sei. Tarde demais para o *Serenissimus!* — Tornou a rir como um louco. — Os ossos dele vão ser tirados do mausoléu de Kherson e atirados aos cães! - Voltou um passo para dentro da alcova, para mais um furioso olhar de adeus. — E Plato Zubov, o último queridinho de minha mãe, vai ganhar uma propriedade no campo. Eu estarei lá para entregá-la, com um jantar regado a champanhe e servido em baixela de ouro. Mas ele só terá um dia para apreciar seu novo lar!

— Plato me fará companhia na prisão?

A abadessa tentava obter o máximo de informação.

— Para que vou perder meu tempo com aquele idiota? No dia seguinte vou lhe mandar um convite para uma viagem. Quero ver a cara que fará ao descobrir que perdeu em um só dia tudo o que conseguiu em uma vida inteira de trabalho duro na cama dela!

O cortinado mal se fechara de todo quando a abadessa correu para a escrivaninha. Mireille continuava viva, disso ela tinha certeza. A ordem de crédito que mandara por Charlotte Corday fora resgatada, não de uma vez, mas aos poucos, no banco londrino. Condenado ao exílio, Plato Zubov poderia ser a única pessoa capaz de entrar em contato com Mireille, por meio do banco. Se, pelo menos, Paulo não mudasse repentinamente de ideia, ainda havia uma chance. O que ele conseguira obter fora apenas uma peça do Xadrez de Montglane. A abadessa ainda possuía a capa de veludo e sabia onde estava escondido o tabuleiro.

Redigiu a carta com todo o cuidado, escolhendo bem as palavras, para a eventualidade de ela cair nas mãos de pessoas erradas, e ao mesmo tempo rezou para que chegasse a Mireille antes que fosse tarde demais. Quando terminou, ocultou-a sob as vestes, para poder passá-la a Zubov, durante o funeral.

Sentou-se outra vez na poltrona e começou a costurar a capa de veludo do Xadrez de Montglane no interior de seu hábito, como se fosse um forro. Aquela podia ser a última chance de escondê-la, antes de ir para a prisão.

PARIS

DEZEMBRO DE 1797

A carruagem de Madame de Staël passou em frente da magnífica fileira de colunas dóricas da entrada do Hotel Galliffet, na Rue de Bac. Os seis cavalos brancos pararam, impacientes, arranhando o chão com os cascos, bem diante da entrada principal. O cocheiro saltou, apressado, e desceu a escadinha, para que a furiosa senhora pudesse sair.

Um ano! Um ano antes, tirara Talleyrand da obscuridade e lhe dera condições de se instalar naquele palácio magnífico — e era aquele o agradecimento que recebia!

Os jardins já estavam cheios de folhagens e arbustos plantados em vasos. Courtiade andava de um lado para o outro pelo chão coberto de neve, dando ordens aos jardineiros, determinando a arrumação das plantas. Havia centenas delas, muitas com flores. Tudo aquilo ia aos poucos transformando os gramados nevados em um jardim tropical de conto de fadas, em pleno inverno! O camareiro olhou sem jeito quando a viu chegar, mas logo correu a seu encontro.

— Não tente me acalmar, Courtiade! — gritou ela, antes mesmo que ele tivesse tempo de se aproximar. — Vim aqui para torcer o pescoço daquele cretino ingrato!

Marchou, furiosa, em direção aos degraus, e entrou pela varanda aberta, sem dar tempo a interrupções. Encontrou Talleyrand examinando algumas notas de fornecedores, no estúdio ensolarado que dava para o jardim.

Ele recebeu com um sorriso a entrada intempestiva.

— Germaine! Que prazer inesperado!

— Como ousa oferecer uma soirée àquele corso de baixa estirpe sem me convidar?! Esqueceu quem trouxe você de volta da América? Quem conseguiu dar sumiço nas acusações que pesavam contra você? Quem convenceu Barras de que você daria um ministro

das Relations Extérieures melhor que Delacroix? É este o agradecimento que recebo por ter exercido toda a minha considerável influência a seu favor? Que no futuro eu me lembre sempre da facilidade com que os franceses esquecem seus amigos!

— Minha querida Germaine! — Talleyrand tentou acalmá-la, falando em tom carinhoso e tomando-lhe o braço entre as mãos.

— Foi o próprio Monsieur Delacroix quem convenceu Barras de que eu era melhor para algumas das tarefas do cargo...

— Melhor para algumas tarefas, não para o cargo! — A raiva e o desprezo se misturavam na voz dela. — Paris inteira sabe que a criança que a esposa de Barras está esperando é sua! Na certa você os convidou, também! O homem que lhe passou o cargo e a esposa com quem você o trai!

— Convidei todas as minhas amantes — riu ele. — Inclusive você. Mas eu não ousaria falar de Fidelidade conjugai, se vivesse sob um telhado de vidro como o seu, querida...

Germaine ignorou o que não lhe interessava na resposta:

— Não recebi convite nenhum!

— Claro que não! — Os olhos azuis de Talleyrand brilharam, dóceis e amigáveis. — Para que eu desperdiçaria um convite com minha melhor amiga? Como é que você acha que eu me meteria a organizar tamanha festa, para quinhentos convidados, sem í«a ajuda? Esperava que você tivesse vindo em meu auxílio dias antes... Germaine perdeu um pouco da iniciativa.

— Mas os preparativos já estão sendo feitos! Talleyrand deu de ombros.

— Uns mil e poucos vasos de plantas... Isso não é nada, perto do que tenho em mente. — Conduziu-a pelo braço de volta à varanda e apontou os jardins. - O que é que você acha de dezenas de tendas de seda, ornamentadas com fitas e bandeiras, ocupando quase todo o jardim? Entre elas, soldados fardados, em posição de sentido, servindo de sentinelas...

Levou-a de volta para dentro, mostrou a varanda interna que circundava todo o salão, a que se tinha acesso por uma monumental escadaria de rico mármore italiano, onde operários, de joelhos no chão, colocavam um tapete vermelho.

— E aqui, à entrada dos convidados, músicos executando marchas militares, subindo e descendo as escadas, tocando a Marselhesa para que todos a cantem em coro!

Germaine juntou as mãos, como que aplaudindo.

— Maravilhoso! E as flores têm de ser todas brancas, vermelhas e azuis! Com fitas das mesmas cores decorando as sacadas!

— Está vendo? — Talleyrand sorriu e a abraçou. — O que seria de mim sem seus conselhos?

Como atração especial, Talleyrand providenciara as coisas de tal forma que apenas as senhoras tivessem assentos às mesas do banquete. Cada cavalheiro foi convidado a ficar em pé atrás de uma senhora e a servi-la pessoalmente com pequenas porções das ricas iguarias que não paravam de circular em grandes e elaboradamente enfeitadas bandejas, nas mãos de um exército de garçons em uniformes luxuosos. Daquela maneira, as mulheres sentiam-se lisonjeadas, e os homens podiam conversar entre si.

Napoleão ficara encantado com a reprodução de seu acampamento na Itália, a primeira coisa com que deparara, logo à entrada. Viera vestido com simplicidade, sem as condecorações, a pedido de Talleyrand, e logo notara que tal roupa lhe dava um destaque especial, em meio aos pomposos e emplumados trajes dos homens do governo, desenhados por David. O pintor, aliás, fora alocado em um dos extremos do salão, incumbido de acompanhar e servir uma linda mulher loira, que Napoleão já demonstrara estar ansioso para conhecer.

— Será que já a encontrei antes, em algum lugar? — perguntou o corso ao anfitrião, sorrindo e mantendo nela o olhar, à longa distância do comprimento do aposento.

— E possível. Ela esteve em Londres durante o Terror. Acaba de voltar à França. Chama-se Catherine Grand.

Quando os convidados finalmente deixaram as mesas e espalharam-se pelos vários salões menores, para dançar e ouvir música, Talleyrand conduziu a beldade pelo interior do salão principal. O general já fora previamente imobilizado por Madame de Staël, que não parava de lhe fazer perguntas:

— Diga-me, general Bonaparte, qual é seu tipo favorito de mulher?

— A que for capaz de me dar a maior prole — respondeu ele, um tanto grosseiramente.

Mas logo sorriu, ao ver Catherine Grand aproximar-se pelo braço de Talleyrand.

— Onde nosso anfitrião manteve escondida, durante tanto tempo, tão linda mulher? Sua aparência é francesa, mas seu nome parece inglês. Por acaso é britânica?

— Je suis d'Inde — respondeu Catherine, com um sorriso doce. Germaine conteve o espanto. Napoleão procurou o olhar de

Talleyrand com o cenho franzido. O som daquelas palavras francesas tinha também o significado inconfundível da frase "eu sou uma idiota completa".

— Desconfio que Madame Grand esteja zombando um pouco de nós - disse Talleyrand, com um sorriso forçado na direção de Germaine. — Na verdade, acredito que ela seja uma das mulheres mais brilhantes de toda a Europa.

— Nem sempre uma mulher bonita é inteligente — comentou Napoleão. — Mas as mulheres inteligentes são sempre bonitas!

— O senhor me deixa encabulada ao dizer isso perante Madame de Staël — disse Catherine Grand. — Todos sabem que ela é a mais brilhante mulher da Europa. Até já escreveu um livro!

— Ela pode ter escrito um ou mais livros — disse Napoleão, dando-lhe o braço —, mas muitos livros serão escritos a seu respeito!

David se juntou ao grupo naquele instante, animado, cumprimentando todos efusivamente. Parou, no entanto, sem palavras, frente a Catherine.

Talleyrand não precisou de muito esforço para adivinhar o que passava pela cabeça do pintor.

— A semelhança é espantosa, não é? Foi por isso que mandei que o colocassem a serviço de Madame Grand, durante o banquete. Aliás, onde está aquela tela que o vi pintando, a do rapto das sabinas? Gostaria de comprá-la, por razões sentimentais, se é que você a terminou.

— Terminei-a na prisão — retrucou David, com um sorriso nervoso.

— Foi apresentada à Academia logo em seguida. Você sabe que passei meses no cárcere, logo depois da queda dos Robespierre...

— Também estive na prisão, em Marselha — riu Napoleão.

— E pelas mesmas razões... Augustin Robespierre, irmão de Maximilien, sempre foi meu fiel seguidor. Mas de que quadro vocês estão falando? Se Madame Grand posou para ele, gostaria muito de vê-lo.

— Não... Não foi ela — disse David, com voz trêmula. — Foi durante o Terror. Tive duas pupilas...

— Valentine e Mireille — interrompeu Madame de Staél.

— Duas moças maravilhosas... Costumavam ir conosco a todos os lugares. Uma delas morreu, eu sei. Mas o que aconteceu com a outra, a de cabelos ruivos?

— Acredito que tenha morrido, também — disse Talleyrand.

— Pelo menos, foi o que Madame Grand me assegurou. Você era muito amiga dela, não, querida?

Catherine Grand empalideceu, mas não deixou de exibir um sorriso meigo, enquanto se recompunha. David lançou-lhe um olhar estranho e ia dizer alguma coisa, mas Napoleão interrompeu:

— Mireille? O nome da ruiva era Mireille?

— Sim — confirmou Talleyrand. — Eram ambas noviças de Montglane.

— Montglane! — repetiu Napoleão, com um sussurro, os olhos fixos nos dele.

Em seguida, voltou-se para David:

— Eram suas pupilas, é isso?

Foi Talleyrand quem respondeu, com o olhar penetrante preso ao rosto de Catherine Grand, que desviou o seu:

— Eram... até o momento em que encontraram a morte. — Desviou o olhar para David e segurou o braço do pintor.

— Você não parece estar bem... Algo errado?

— Acho que há algo errado comigo. — Napoleão deu a impressão de escolher as palavras com cuidado. — Sugiro, cavalheiros, que levemos as senhoras para o salão de baile e depois nos reunamos

no estúdio por algum tempo. Gostaria de discutir o assunto em profundidade.

— Por que, general Bonaparte? — questionou Talleyrand.

— O senhor sabe alguma coisa a respeito das mulheres a que nos referimos?

— Sem dúvida. Pelo menos, sei algo a respeito de uma delas.

— Não era possível deixar de perceber a sinceridade da resposta de Napoleão.

— Se é realmente a pessoa que tenho em mente, ela quase deu à luz em minha casa, na Córsega.

— Então está viva... e teve um filho — sussurrou Talleyrand, quando conseguiu absorver tudo o que Napoleão e David haviam contado.

Um filho meu!, pensou. Não conseguia parar de andar de um lado para o outro, enquanto os outros dois bebiam um excelente madeira, instalados em poltronas adamascadas, ao lado do fogo aconchegante.

— Mas onde se encontrará agora? Esteve na Córsega e no Magreb, depois voltou à França, onde cometeu o crime que David contou...

O pintor ainda tremia, apavorado com a imensidão da verdade que acabara de revelar. Fora a primeira vez que a história lhe saíra dos lábios.

— Robespierre já morreu — insistiu Talleyrand. — Ninguém, a não ser você, sabe o que aconteceu. Onde ela pode estar? Por que não voltou?

— Acho que devemos consultar minha mãe — sugeriu Napoleão.

— Como lhes disse, era ela quem conhecia a abadessa que deu início a todo esse Jogo. Se me lembro bem, o nome dela era Madame de Roque.

— Mas... Madame de Roque foi para a Rússia!

Talleyrand parou subitamente e encarou os dois homens, quando compreendeu o significado do que acabara de dizer.

— Catarina, a Grande, morreu no final do ano passado. O que terá acontecido à abadessa, agora que Paulo assumiu o trono?

— E às peças, que somente ela sabe onde estão? — acrescentou Napoleão.

— Eu sei para onde algumas das peças podem ter ido — disse David, voltando a falar pela primeira vez desde que terminara o relato terrível.

Encarou Talleyrand com firmeza e o amigo sentiu-se inseguro. Teria David descoberto onde Mireille passara sua última noite em Paris? Napoleão por acaso não desconfiaria da identidade do verdadeiro dono do excelente cavalo que a moça conduzia, quando ele e a irmã a encontraram na barricada? Se fosse assim, os dois não teriam grandes dificuldades para imaginar a forma que Mireille encontrara para se livrar das peças de ouro e prata do Xadrez de Montglane, antes de deixar a França. Talleyrand cravou os olhos atentos no pintor, ostentando uma máscara de indiferença. David prosseguiu:

— Robespierre me contou o que sabia a respeito do Jogo, da disputa pelas peças. Ele estava a serviço de uma mulher: a Rainha branca, que também utilizava os serviços de Marat. Foi ela quem matou as freiras que vieram a Paris à procura de Mireille, foi ela quem lhes tomou as peças. Nem Deus sabe quantas ela deve possuir agora. Nem Deus sabe se Mireille tem consciência do perigo que essa mulher representa. Mas é bom que os senhores saibam, cavalheiros. Embora ela residisse em Londres durante o Terror, Robespierre costumava se referir a ela por uma alcunha: "a mulher da Índia".

A TEMPESTADE

O anjo de Albion ergueu-se ao lado da pedra da Noite e viu O
terror como um cometa, ou melhor, como o planeta vermelho
Que contivera um dia os terríveis cometas errantes em sua
esfera...

O Espectro iluminou sua horrível extensão que maculava o longo
Templo

Com raios de sangue; e então a Voz se fez ouvir e estremeceu o
Templo.

- WILLIAM BLAKE

América: Uma profecia

Viajei por toda a terra e fui peregrino por toda a minha vida,
solitário, um estranho para todos. Então Vós fizestes crescer em
mim a Vossa arte, ao sopro da tempestade terrível que havia dentro
de mim.

-PARACELSO

Fiquei aturdida com a informação de que Solarin era neto de
Minnie Renselaas. Mas não tive tempo de questionar sua genealogia
enquanto descíamos correndo pelos Degraus do Pescador, na
escuridão da tempestade cada vez mais próxima. Lá embaixo, um
misterioso nevoeiro avermelhado envolvia o mar. Quando olhei para
trás, vi a luz estranha da lua ser coberta pelos dedos vermelhos e
escuros do siroco, que carregava pelo ar toneladas e mais toneladas
de areia, por entre os picos das montanhas, como que nos
perseguido.

Chegamos ao ancoradouro no final do porto, onde ficavam as
embarcações particulares. Mal consegui vê-las direito; pareciam
apenas formas escuras, subindo e descendo na água sob o
bombardeio de vento e areia. Lily e eu pulamos, meio às cegas, para
um barco, logo atrás de Solarin. Descemos até a cabine, para deixar
Carioca e as peças e para fugir da areia, que já queimava nossa pele

e nossos pulmões. Quando fechei a porta, Solarin soltava as amarras.

O motor foi logo ligado, com um ruído suave, e sentimos que o barco se movimentava. Tateei até encontrar um objeto cuja forma, aliada ao cheiro de querosene, não deixava dúvidas. Acendi o lampião e examinamos o interior da cabine, pequena mas luxuosa. Havia madeira escura por toda a parte, um carpete grosso, algumas cadeiras giratórias, um beliche e uma rede de malha com os coletes salva-vidas. Do lado oposto ao do beliche, ficava uma copa minúscula, com pia e fogão. Mas quando abri o armário vi que não havia comida — apenas um bom estoque de bebidas. Abri uma garrafa de conhaque, lavei dois copos e servi uma dose generosa para cada uma de nós.

Percebi, logo ao primeiro e estonteante gole, que muito tempo se passara desde minha última refeição.

— Espero que Solarin saiba velejar com esta coisa — disse Lily, também bebendo com avidez.

— Não diga bobagem. Ninguém veleja um barco a motor. Não está ouvindo o barulho?

— Então, para que servem aqueles mastros lá em cima? Só para enfeitar?

Lembrei que também vira os tais mastros. Mas não era possível! Não iríamos nos meter no meio de uma tempestade a bordo de um veleiro. Nem Solarin seria capaz de tanta confiança em si próprio. Por via das dúvidas, no entanto, resolvi dar uma olhada.

Subi a escadinha que levava à minúscula ponte de comando, toda cercada por bancos acolchoados. Já tínhamos deixado para trás o porto e estávamos um pouco à frente da cortina de areia vermelha que continuava a cobrir Argel. À luz fria, mas clara do luar, examinei com calma a embarcação que se destinava a nos salvar a vida.

Era bem maior do que me parecera à chegada, e o convés de madeira fora encerado. Havia um corrimão de metal polido em toda a volta do casco. Instrumentos e aparelhos também reluzentes lotavam a ponte. Dois enormes mastros erguiam-se na direção do céu. Solarin conservava uma das mãos no timão e, com a outra, puxava de um alçapão uma grande quantidade de pano dobrado.

— Um barco à vela?!

— Uma ketch — retrucou ele, sem parar de trabalhar. — Foi o que deu para roubar, em tão pouco tempo. Mas é um bom barco. Trinta e sete pés, ligeiro e dócil ao leme.

Entendi só o principal.

— Maravilha! Um barco à vela e roubado? Lily e eu não entendemos nada de veleiros. Espero que você, pelo menos, entenda.

— É claro — asseverou ele, com ar superior. — Fui criado no mar Negro.

— E daí? Moro em Manhattan, uma ilha cercada de barcos por todos os lados, e nem por isso sei navegar um veleiro no meio de uma tempestade.

— Se você me ajudar com as velas, em vez de ficar resmungando, talvez consigamos fugir da tempestade. Eu explico o que você deve fazer. Depois que içarmos as velas, eu tomo conta delas. Se conseguirmos ganhar velocidade rapidamente, pode ser que já tenhamos passado de Minorca quando a tempestade chegar aqui.

Comecei a trabalhar, seguindo as instruções de Solarin. Grossos e ásperos, os cabos que ele designava por nomes como escota e adriça, respectivamente para controlar e içar as velas, machucavam minhas mãos, quando eu tinha de puxá-los. As velas, metros e mais metros de algodão egípcio costurado à mão, tinham nomes bonitos: bujarrona, catita. Prendemos duas no mastro de proa e uma no de ré, inteiriça. Puxei com toda a força, aos comandos gritados por ele, torcendo para estar fixando as cordas certas nos cunhos de metal, de amarração, fixos ao convés. Içadas as três velas, espantei-me com a beleza do barco, que saltou para a frente, veloz.

— Você foi ótima - disse Solarin, quando voltei à ponte. - E o barco é muito bom. — Ficou em silêncio por instantes e depois acrescentou: — Por que não desce e vai descansar um pouco? Você está precisando, e o Jogo não terminou...

Era verdade. Eu não dormira, desde o rápido cochilo no voo para Orã, doze horas antes. Doze horas que me pareciam doze dias. E, sem contar o mergulho no mar de La Madrague, também não

tomara banho. Mas, antes de perder a briga contra a fome e a fadiga, precisava descobrir algumas coisas.

— Você disse que vamos para Marselha. Esse não será um dos primeiros lugares em que Sharrif e seu bando nos procurarão, assim que descobrirem que não estamos na Argélia?

— Vamos navegar bem perto de La Camargue.

Ele teve de me empurrar para o assento de um banquinho, pois estávamos mudando de curso e a retranca, a verga da parte inferior do mastro, passou rente a nossas cabeças.

— Kamel conseguiu um avião particular para nós — continuou Solarin. - Está a nossa espera numa pista próxima. Só que não pode nos aguardar a vida toda. Já foi bem difícil para ele providenciar as coisas. Sorte nossa, portanto, que o vento esteja ajudando.

— Por que você não me diz tudo? Por que nunca contou que é neto de Minnie e que já conhecia Kamel? Como foi que você entrou no Jogo? Lily e eu achávamos que Mordecai o tivesse recrutado.

— E foi ele mesmo — respondeu, sem tirar os olhos do mar, cada vez mais escuro. — Antes de eu ir a Nova York. Só tinha encontrado minha avó uma vez, quando ainda era garotinho. Eu devia ter no máximo uns seis anos, mas nunca vou esquecer...

Fez uma longa pausa, perdido em recordações. Achei melhor não interromper. Esperei que ele resolvesse continuar, o que aconteceu um minuto depois:

— Não cheguei a conhecer meu avô, que morreu antes de eu ter nascido. Vovó casou-se com Renselaas depois e, mais tarde, com o pai de Kamel. Só Fiquei conhecendo Kamel quando vim para cá. Mordecai foi até a União Soviética para me incluir no Jogo. Não sei como Minnie o conheceu, só sei que ele é o jogador de xadrez mais impiedoso de todos os tempos, desde Alekhine, o soviético que foi campeão mundial de 1927 a 1935 e de 1937 até sua morte em 1946. E bem mais simpático. Aprendi muito da técnica do jogo com ele, no pouco tempo que tivemos para jogar.

— Mas ele não foi à União Soviética só para jogar xadrez com você!

— Claro que não — riu Solarin. — O que ele queria era o tabuleiro do Xadrez de Montglane, e achou que eu podia ajudá-lo.

— E conseguiu?

— Não. — Fixou os olhos verdes nos meus, com uma expressão que não consegui identificar. — Mas eu os ajudei a obter você. Não foi bastante?

- Eu ainda tinha muitas perguntas a fazer, mas o olhar dele começou a me incomodar — não consegui entender por quê. O vento, agora mais forte ainda, trazia consigo a areia dura, corrosiva. Senti um cansaço imenso, subitamente.

Comecei a me levantar, mas Solarin tornou a me empurrar para o banquinho.

— Cuidado com a retranca! Vamos mudar o curso outra vez. Passou a vela latina para o outro lado, com um movimento rápido, e indicou com a cabeça a porta da cabine.

— Eu chamo, se precisar de alguma ajuda — disse ele, à guisa de despedida.

Desci a escada íngreme e encontrei Lily sentada no beliche de baixo, dando a Carioca biscoitos embebidos em água. Ao lado dela, sobre a cama, havia um vidro aberto de creme de amendoim, que ela encontrara em um canto qualquer, junto com vários pacotes de biscoitos e torradas secas. Percebi, de repente, que Lily estava parecendo bem mais elegante, com o rosto queimado de sol já se tornando bronzeado e com o vestido curto, àquela altura já imundo, revelando o contorno de curvas bonitas, em lugar da gordura gelatinosa de antes.

— É melhor você comer — disse ela. — O balanço do barco me enjoa. Não consegui engolir nada.

Na cabine, realmente, dava para sentir bem o movimento das ondas. Comi algumas bolachas, com uma camada grossa de creme de amendoim, ajudei a descer com o que sobrara da dose de conhaque e me arrastei para o beliche superior.

— Acho melhor dormirmos um pouco. Temos uma longa noite pela frente e um dia mais longo ainda amanhã.

— Já é amanhã — respondeu Lily, olhando para o relógio de pulso.

Apagou o lampião, e logo ouvi as molas gemendo no leito de baixo. Ela e Carioca se ajeitavam para dormir. Caí no sono.

Não sei dizer quando ouvi o primeiro estrondo. Estava sonhando com o fundo do mar. Eu rastejava pela areia macia, com as ondas se agitando em volta de mim. As peças do Xadrez tinham adquirido vida e fugiam de minha bolsa. Por mais que eu tentasse empurrá-las de volta e rastejar na direção da praia, meu corpo ia sendo engolido pela areia. Tinha de respirar, de qualquer maneira. Estava lutando para chegar à tona quando uma onda grande tornou a me afundar.

Abri os olhos e, de início, não consegui reconhecer o lugar onde estava. Bem em frente de meu rosto havia uma escotilha, completamente submersa. Em seguida, o barco adernou para o outro lado e caí do beliche, no estreito corredor da cabine. Consegui ficar em pé, totalmente encharcada. A água me chegava aos joelhos, batendo para cá e para lá. Carioca, sentado no corpo ainda inerte de Lily, esforçava-se para não molhar as patinhas. Alguma coisa estava errada, muito errada.

— Acorde! — berrei, por cima do barulho da água e da madeira do barco, que gemia com a pressão.

Tentando me orientar no escuro, empurrei Lily para a rede. Onde estavam as bombas? Não deveriam funcionar, com toda aquela água?

— Vou vomitar — gemeu Lily.

— Agora não!

Quase tive de arrastá-la até a rede. Segurei seu peso com um dos braços e, com o outro, peguei os coletes salva-vidas. Consegui encaixar Lily na rede e, em seguida, joguei Carioca sobre ela. O estômago de Lily começou a dar avisos de perigo iminente. Peguei um balde que flutuava a meu lado e enfiei-o no rosto dela. Na hora exata. Depois de vomitar, ela me olhou, ainda tonta.

— Que fim levou Solarin? — perguntou.

— Não sei.

Vesti um dos coletes e atirei outro para ela. A água subia cada vez mais.

— Vista isto. Vou lá em cima, ver se descubro o que aconteceu.

A água descia pela escadinha como uma cachoeira. A porta, acima de mim, batia furiosamente. Consegui fechá-la, já do lado de

fora, para evitar que mais água invadisse a cabine. Só então pude olhar em volta... e imediatamente me arrependi de ter olhado.

O barco, muito adernado para a direita, descia, em diagonal, o costado de uma onda gigantesca. A água já cobria o convés e começava a inundar a ponte. A retranca, solta, sacudia de um lado para o outro. Uma das velas dianteiras, rasgada junto ao mastro, pesada de tão encharcada, estava parcialmente dentro da água. Vi Solarin caído a menos de dois metros de mim, com o corpo meio para fora da ponte e os braços inertes pendurados sobre a água. Naquele instante, a massa de água do final da onda levantou o corpo dele e... começou a levá-lo.

Apoiei uma das mãos no timão e saltei sobre Solarin, agarrando-o por um pé descalço e pela bainha da calça. A água continuava puxando o corpo inanimado. De repente, não consegui mais segurá-lo. Ele foi lançado pelo convés estreito, bateu contra a amurada e começou a ser levado para o lado de fora.

Tornei a me atirar, de bruços, sobre o convés escorregadio, firmando o corpo, com as mãos, os dedos dos pés, as pernas, o que fosse, nos cunhos e em qualquer outra saliência que conseguisse encontrar. Rastejando pelo convés inclinado, tentei chegar até Solarin. Estávamos sendo tragados de novo pelo ventre de uma onda. Do outro lado, a próxima, do tamanho de um edifício de quatro andares, logo desabaria sobre nós. Acabei caindo sobre o corpo dele e, com toda a força que tinha, comecei a arrastá-lo para a ponte contra a pressão da água e da gravidade. Só Deus sabe como consegui chegar até lá e atirá-lo para dentro, de cabeça para baixo. Levantei seu rosto para fora da água, sentei em um banquinho e comecei a esbofeteá-lo para reanimá-lo. O sangue jorrava de um ferimento na cabeça e escorria pela orelha. Percebi que eu estava gritando, sobrepujando o barulho, da água e do vento. O barco começou a deslizar para baixo, cada vez mais depressa, no bojo da onda.

Solarin abriu os olhos, sem ver direito, e logo fechou-os de novo, para protegê-los da espuma.

— Estamos navegando em círculos! — berrei. — O que eu faço? Solarin ergueu o corpo, quase de um pulo, agarrou-se à lateral

da ponte e olhou em volta, tentando compreender rapidamente a situação.

— Recolha as velas, imediatamente... - Agarrou minhas mãos e colocou-as sobre o timão. — Vire para estibordo! — gritou, lutando para se manter em pé.

-Estibordo?!

— Direita! — gritou, mais alto ainda que eu, apesar de meu pânico.

Mas logo tornou a desabar sobre o banco, com a cabeça sangrando profusamente. A água nos lavou mais uma vez e eu me agarrei como pude ao timão. Virei-o para a direita, com toda a força, e senti o barco voando para baixo, a uma velocidade de dar náusea. Continuei girando o timão, usando toda a força do corpo, até que tive a sensação de que havíamos adernado completamente. Tive a certeza de que emborcáramos — a única coisa que conseguia sentir era a gravidade nos puxando para baixo, enquanto uma parede gigantesca de água se erguia sobre nós, escurecendo o céu cor de lama do começo da manhã.

— A adriça! — berrou Solarin, conseguindo se agarrar a mim. Olhei-o só por um segundo, antes de atirá-lo contra o timão, que ele abraçou com todo o peso do corpo.

Senti o gosto do medo. Solarin, ainda forçando a proa em direção à base da onda que se aproximava, agarrou um machado e colocou-o em minha mão. Rastejei por cima da cobertura da ponte, tentando alcançar o mastro dianteiro. A onda a nossa frente continuava crescendo, e sua crista branca começou a se inclinar sobre nós. Não consegui enxergar nada, quando a água desabou sobre o barco. O ruído feito por toneladas de água era ensurdecador. Esvaziei de pensamentos a mente e fui, rastejando e escorregando, na direção do mastro.

Agarrei-me a ele com toda a força e golpeei o cabo com o machado, até a corda se romper e se enroscar, formando uma espiral, como uma cascavel. Achatei-me contra o convés enquanto a água passava por mim feito uma locomotiva. As velas espalharam-se por todos os lados e comecei a ouvir o barulho assustador da madeira quebrando-se. O grosso da onda rebentou sobre nós. Meu

nariz encheu-se de areia e pedrinhas. A água chegou ao fundo de minha garganta, enquanto eu lutava para não tossir nem aspirar. Fui arrancada do mastro e atirada para trás, de tal maneira que não sabia mais distinguir onde ficavam os lados de baixo e de cima. Tentei me agarrar a todas as coisas contra as quais meu corpo colidia. A água continuou desabando sobre nós.

A frente do barco subiu e, em seguida, inclinou-se para baixo outra vez. Uma espuma acinzentada e suja ia nos cobrindo, à medida que subíamos e descíamos violentamente os paredões de água. Mas continuamos flutuando. Havia pedaços de velas espalhados por todos os cantos, alguns arrastando-se fora do barco, pela água, outros debatendo-se sobre o convés. Um pedaço grande bateu em minhas pernas. Livrei-me dele e arrastei-me para o mastro da popa, pegando, de passagem, o machado, que fora se cravar em um monte de pano a menos de um metro de mim. Poderia ter sido em minha cabeça, pensei. Continuei tentando chegar ao mastro, usando o corrimão de metal para me apoiar.

Na ponte, Solarin recolhia as velas com uma das mãos, mantendo a outra no timão. O sangue enfeitava os cabelos loiros, como uma condecoração, e escorria na direção do pescoço.

- Dê um jeito de arriar a vela! - gritou. - Use qualquer coisa, mas trate de prendê-la embaixo antes da próxima onda grande!

Continuou puxando enquanto falava. As velas de proa estavam a seus pés, parecendo a pele de um animal gigantesco que tivesse se afogado.

Arranquei o cunho da adriça da vela grande, mas o vento forte obrigou-me a uma verdadeira batalha para arriar a vela. Quanto terminei de baixar tudo o que consegui, corri de gatinhas pelo convés, com os dedos dos pés e das mãos firmando-se como garras na madeira lisa sob a água. Ensopada, comecei a recolher a bujarrona, puxando com desespero. O pano batia contra o mar, era sugado pela água que escorria pelo convés. Solarin mantinha-se no timão e, ao mesmo tempo, lutava para controlar a retranca principal, que se partira e estava pendurada como um braço quebrado.

Pulei para dentro da ponte. O barco ainda subia e descia como uma rolha, no turbilhão escuro e lamacento. Embora o mar

continuasse violento e agitadíssimo, jogando espuma para o alto e arremessando-nos de um lado para o outro, não houve mais nenhuma onda gigantesca como a que quase acabara de nos esmagar. Fora como se um estranho gênio tivesse se libertado de alguma garrafa, no fundo escuro do mar, permitindo a si próprio uma explosão de raiva e, em seguida, desaparecido.

Eu me sentia exausta. E espantada por ainda estar viva. Fiquei sentada na ponte, tremendo de frio e de medo, observando o perfil de Solarin, que não tirava o olhar das ondas que se aproximavam. Sua concentração lembrou-me os momentos em que o vira à frente de um tabuleiro de xadrez. Era como se as duas coisas tivessem o mesmo valor de vida ou morte. Lembrei que ele se dissera um mestre. "Quem está ganhando?", eu lhe perguntara, uma vez, e a resposta fora: "Eu. Eu sempre ganho."

Solarin continuou sua luta silenciosa e concentrada, durante o que me pareceram horas. Fiquei ali o tempo todo, com o corpo frio e insensível, a mente vazia. A força do vento diminuiu, mas as ondas continuaram tão altas que parecíamos estar em uma montanha-russa. Eu já vira tempestades assim no Mediterrâneo — de um instante para outro, as ondas atiravam-se de até quatro metros de altura contra os degraus do porto de Sidi-Fredj e, com igual rapidez, desapareciam, como se sugadas por um vácuo. Rezei para que aquela fosse do mesmo tipo das que já presenciara.

Quando o céu do horizonte começou a mudar de escuro para um castanho sujo, quebrei finalmente o silêncio:

— Você pode aguentar sozinho, um pouco? Vou até lá embaixo, ver se Lily não morreu.

Solarin olhou para mim, com o lado do rosto escorrendo sangue e água salgada, os cabelos encharcados, água pingando pelo nariz e pelo queixo.

— Antes, quero lhe agradecer por ter salvado minha vida.

— Acho que foi você quem salvou a minha — respondi, sorrindo apesar da tremedeira de medo e de frio. — Eu não saberia nem começar a...

Solarin interrompeu-me, debruçando-se sobre mim... Seus lábios, quentes, esmagaram os meus. A água escorreu de seu cabelo para

meu rosto quando outra cortina de espuma levantou-se da proa, lavando-nos mais uma vez com respingos, como chicotes. Ele jogou o corpo contra o timão, carregando-me junto. Suas mãos sobre minha blusa ensopada, colada na pele, transmitiam um calor agradável. Senti um arrepio percorrer todo o corpo, como um choque elétrico, quando ele me beijou de novo, desta vez com mais vagar. As ondas continuavam nos atirando para cima e para baixo. Tentei me convencer de que era aquele movimento o motivo da estranha sensação em meu ventre. Não conseguia me mexer. Fiquei imóvel, sentindo o calor de seu corpo passando para o meu, cada vez mais profundamente. Ele, afinal, afastou-se um pouco, mas manteve os olhos sorridentes presos aos meus.

— Se eu continuar, vamos morrer afogados.

Os lábios ainda estavam muito perto dos meus. Tornou a segurar o timão, relutantemente, e franziu as sobrancelhas quando tornou a encarar o mar.

— É melhor você descer — disse, baixinho, como se estivesse pensando em outra coisa.

Não voltou a olhar para mim.

— Vou procurar alguma coisa para medicar esse ferimento em sua cabeça.

Fiquei com raiva de ouvir minha própria voz, tão fraca. O mar continuava revolto, com os paredões das ondas movendo-se a nosso lado. Mas não foi por isso que me senti de forma tão estranha quando fixei os olhos nos cabelos molhados, nos pontos do corpo dele onde a camisa se rasgara, revelando um tronco musculoso, esguio.

Continuava trêmula quando desci para a cabine. Ele me abraçou para demonstrar gratidão, só isso, pensei. Mas, então, por que aquela sensação esquisita no ventre? Por que continuava a ver, de olhos fechados, "o olhar dele, tão penetrante, no instante em que me beijara?

Tateei pela cabine, à meia-luz que vinha da escotilha. A rede despencara da parede. Lily sentara-se em um canto, tendo Carioca, completamente encharcado, no colo. O cão estava de frente para ela, com as patinhas dianteiras apoiadas em seu peito, tentando

lamber-lhe o rosto. Ela empinou o corpo quando me viu chegar, chapinhando na água escura, meio zonzá, achando o caminho com auxílio do beliche. A medida que caminhava, fui recolhendo as coisas do chão e jogando-as na pia.

— Você está bem? — perguntei.

A cabine fedia a vômito. Fiz o que pude para não olhar muito para a água que me lambia as pernas.

— Nós vamos morrer — gemeu ela. — Depois de tudo o que passamos, agora vamos morrer! Tudo por causa daquelas peças!

— Onde estão?

Entrei em pânico, de repente, ao me lembrar do sonho. Podia ter sido uma espécie de premonição!

— Aqui na bolsa. — Levantou a trouxa de lã ensopada de dentro da água, a seu lado. — Quando o barco deu aquele mergulho maior, saíram voando pela cabine e me acertaram... Foi então que a rede desabou. Estou toda machucada...

Lágrimas e água enlameada lhe cobriam o rosto.

— Deixe que eu tomo conta delas. — Peguei a bolsa e enfiei-a debaixo da pia, fechando com força a porta do armário. - Acho que sobreviveremos. A tempestade está amainando. Mas Solarin levou uma pancada violenta na cabeça. Tenho de achar alguma coisa para limpar a ferida.

— Eu acho que vi uns remédios no toalete. — Tentou se levantar, tonta e fraca.

— Meu Deus! Estou me sentindo muito mal!

— Volte para a cama. Pode ser que o beliche de cima esteja mais seco que o resto. Vou ajudar Solarin.

Quando emergi do minúsculo toalete com a caixa de primeiros socorros, tão encharcada quanto tudo mais, vi que Lily se arrastara para o beliche de cima e se deitara de lado, gemendo. Carioca fazia o possível para encontrar um canto seco embaixo do corpo dela. Dei uns tapinhas nas cabeças ensopadas dos dois e comecei a lutar contra os degraus da escadinha, que gemiam sob meu peso, com os movimentos descoordenados do barco.

O céu já se mostrava mais claro, quase da cor de café com leite. A distância, cheguei a ver algo que parecia uma mancha de luz na

água. Seria possível que o pior já tivesse passado? Senti uma onda de alívio, quando me sentei no banquinho, ao lado de Solarin.

— Ataduras estão em falta. — Mostrei-lhe a caixinha de alumínio, pingando água por todos os cantos. — Mas, pelo menos, achei iodo e uma tesoura...

Ele baixou os olhos para a caixa e apanhou um tubo grosso de pomada. Estendeu-o para mim, sem olhar.

— Será que você pode passar isto na ferida? — Voltou os olhos para a proa e começou a desabotoar a camisa, com uma só mão. — Serve para desinfetar e estancar um pouco o sangue. Se você conseguir rasgar minha camisa em tiras, poderá fazer uma atadura.

Ajudei-o a tirar a camisa, e senti o cheiro cálido de sua pele, a centímetros de meu nariz. Tentei não pensar em nada, e ele continuou falando:

— A tempestade está serenando. Mas ainda temos problemas. A retranca quebrou-se e a bujarrona reduziu-se a tiras. Será impossível chegarmos a Marselha, assim. Para piorar, estamos bem fora da rota.

Vou ter de calcular nossa posição. Assim que der um jeito em minha cabeça, você precisa se encarregar do timão, para eu examinar os mapas.

O rosto dele parecia uma máscara, imóvel na direção da proa. Evitei olhar para seu corpo, nu da cintura para cima e próximo do meu. O que havia de errado comigo, afinal? Era razoável certa confusão depois de todo o terror que enfrentamos, mas eu só conseguia pensar nos lábios de Solarin, tão quentes, e na cor dos olhos que pareceram querer penetrar nos meus...

— Se não chegarmos a Marselha — falei, em um esforço de concentração —, o avião vai partir sem nós?

— Vai — respondeu ele, sorrindo de maneira estranha, sem tirar os olhos do mar. — Sorte cruel! Talvez sejamos obrigados a seguir para uma praia deserta... Pode ser que tenhamos de ficar meses isolados, sem nenhum meio de transporte...

Ajoelhei-me no banco e comecei a untar o ferimento com a pomada, enquanto ele ia falando:

— Que coisa mais terrível! O que você vai fazer numa ilha deserta com um soviético maluco que só sabe jogar xadrez?

— Acho que vou ter de aprender a jogar.

Comecei a enrolar a atadura improvisada e ele fez uma careta de dor.

— Espere um pouco. Acho que a atadura pode ficar para depois. Segurou-me pelos pulsos. Minhas mãos estavam com as tiras da camisa e o tubo de pomada. Forçou-me a ficar em pé no banquinho, abraçou minhas pernas e jogou-me por cima dos ombros, como um saco de batatas. Começou a descer os degraus para o convés. O barco seguiu em frente, deslizando pelas ondas.

— O que é que você está fazendo, seu doido?

Comecei a rir. Meu rosto pressionava as costas dele, o sangue descia todo para a cabeça.

Solarin fez-me deslizar de novo sobre seus ombros, até que fiquei em pé, em frente dele, no convés. A água escorria por nossos pés. Continuamos frente a frente, muito próximos, trabalhando com as pernas para mantermos o equilíbrio no convés oscilante.

— Vou mostrar a você o que um enxadrista soviético sabe fazer, além de movimentar peças no tabuleiro.

Baixou o rosto ao encontro do meu, com uma expressão séria nos olhos. Puxou meu corpo contra o dele, de forma que nossos lábios e nossos peitos se encontraram ao mesmo tempo. A água salgada escorreu de seu rosto para minha boca, quando ele beijou meus olhos, meu rosto todo. Suas mãos mergulharam em meus cabelos encharcados. Apesar das roupas cheias de água, que se agarravam a minha pele, senti o calor vindo de sua pele nua invadir meu corpo, quase me fazendo derreter como uma pedra de gelo sob o sol de verão. Agarrei seus ombros e esfreguei o rosto na pele de seu peito. Solarin murmurava coisas dentro de meu ouvido, enquanto o barco continuava subindo e descendo, embalando nossos movimentos...

— Comecei a querer você naquele primeiro dia, no clube.

— Forçou meu rosto, para me olhar dentro dos olhos. — Tive vontade de tomar você à força, lá mesmo, no salão, na frente de todos aqueles operários. Na noite em que fui a seu apartamento,

para deixar o bilhete, quase fiquei por lá, na esperança de que você voltasse e me encontrasse...

— Para me dar as boas-vindas ao Jogo? — sorri.

— O Jogo que vá para o inferno! — A voz foi amarga, os olhos ficaram escuros de paixão. — Mandaram que eu ficasse longe de você, que não me envolvesse. Desde o primeiro dia, não passei uma só noite sem sonhar com você, sem desejar você. Eu deveria ter feito isto há meses!

Desabotoou minha blusa e, quando suas mãos passearam por meus seios, senti toda a força da paixão absorver-nos, como um poder terrível, tomando conta de mim, esvaziando-me de qualquer pensamento, a não ser um...

Levantou meu corpo com um gesto decidido e colocou-me sobre o pano das velas, encharcado e amarrotado. A espuma caía sobre nós a cada mergulho da proa. Os mastros estalavam, o céu começava a adquirir uma tonalidade amarelada. Solarin abaixou o rosto sobre mim, olhou-me toda e começou a deslizar os lábios por minha pele, acariciando com as mãos os espaços que expusera quando me tirara as roupas. Seu corpo fundiu-se ao meu com o calor e a violência de um catalisador. Agarrei-me em seus ombros e deixei o fogo tomar conta de tudo.

Nossos corpos passaram a se movimentar com uma força tão feroz e primitiva quanto a do mar que se agitava sob nós. Tive a sensação de que estava caindo, caindo... Caía e ouvia os gemidos de Solarin. Senti seus dentes penetrarem em minha carne, seu corpo penetrar no meu.

Solarin estava deitado sobre mim, entre as velas, com uma das mãos enredada em meus cabelos. De sua cabeça escorria água salgada, que descia por meus seios e meu ventre. Como é estranha essa sensação de que sempre o conheci, quando, na verdade, só nos encontramos três ou quatro vezes antes, pensei, acariciando seu cabelo. Tudo o que eu sabia a respeito dele era o que Lily e Hermanold haviam contado, coisas publicadas nos jornais ou cochichadas nos salões de xadrez, e o que Nim conseguira lembrar, também das publicações especializadas. Não tinha a menor idéia de onde ele vivia, que tipo de vida levava, quem eram seus amigos, se

gostava de ovos fritos no café da manhã, se dormia de pijama... Nunca chegara a lhe perguntar como se livrara da KGB ou, o que deveria ter sido a primeira pergunta, por que aqueles agentes o escoltavam. Nem ao menos conseguira perguntar por que vira a própria avó uma única vez, antes de sua saída da União Soviética.

De repente, tive a impressão de que entendia como fora possível pintar seu retrato, na bicicleta, antes de conhecê-lo. Devia tê-lo visto, sim, vigiando meu edifício, pedalando em volta, sem que meu consciente registrasse a imagem. Mas nem mesmo aquilo tinha importância.

Eu não precisava mais de respostas para aquelas perguntas. Eram coisas de relacionamentos superficiais, trivialidades que poderiam ser vitais para a maioria das pessoas, mas não para mim. Eu enxergava em Solarin o que ficava por trás do mistério, da máscara, do verniz frio. Enxergava seu verdadeiro âmago. E o que via era paixão, sede insaciável de viver, vontade de descobrir a verdade sob o véu da realidade aparente. Era uma ânsia que eu reconhecia por ser muito parecida com a minha.

Fora o que Minnie identificara e desejara em mim: aquela paixão que, no caso dela, fora canalizada para a busca das peças. Por isso ela aconselhara o neto a me proteger, mas não me desviar do objetivo, não "se envolver".

Solarin ajeitou-se e apertou os lábios contra meu ventre. Uma sensação deliciosa percorreu-me toda a espinha. Acariciei os cabelos dele. Minnie estava errada, pensei. Havia um ingrediente a menos em sua fórmula alquímica, na mistura que tentava preparar para derrotar definitivamente o mal. Faltava o amor.

Quando nos levantamos, o mar já se acalmara. Sua fúria reduzira-se a ondas suaves de água acastanhada. O céu se fizera branco e luminoso, com um brilho mortiço. Encontramos com dificuldade as roupas encharcadas e nos vestimos, desajeitadamente. Sem uma palavra, Solarin recolheu farrapos do que fora sua camisa e começou a limpar com eles o sangue que derramara em meu corpo.

— Más notícias... — comentou.

Sorriu e passou um braço em volta de meus ombros. Com o outro, apontou, sobre as ondas. Longe, bem longe, em meio aos reflexos brilhantes do mar, aparecia uma forma, como miragem.

— Terra à vista — sussurrou, em meu ouvido. — Há duas horas, eu teria dado qualquer coisa para ver aquilo. Agora, prefiro pensar que seja só um sonho...

Formentera, a ilha a que chegáramos, ficava no sul do arquipélago das Baleares, perto da costa leste da Espanha, o que significava, calculei rapidamente, que a tempestade nos arrastara mais de duzentos quilômetros para fora de nossa rota, deixando-nos em um ponto quase equidistante de Gibraltar e de Marselha. Chegar a tempo ao avião, na pista de La Camargue, era claramente impossível, mesmo se tivéssemos um barco em boas condições. Com a retranca quebrada, as velas em farrapos e a destruição generalizada a bordo... Precisávamos inventariar os estragos e fazer consertos de monta. Quando Solarin conseguiu, com o fiel motor, levar o barco capenga até uma baía deserta, no extremo sul da ilha, achei que convinha descer e convocar Lily para participar da montagem de um plano alternativo qualquer.

— Nunca pensei que ia dar graças a Deus por ter passado a noite naquele caixão inundado — resmungou ela, quando deu a primeira olhada no convés. — Isto aqui parece um campo de batalha. Ainda bem que passei mal demais para testemunhar a catástrofe.

Seu rosto ainda se mostrava abatido, mas ela parecia ter recuperado boa parte da energia habitual. Começou a passear pelo convés, entre os destroços e os fragmentos das velas, respirando fundo o ar fresco.

— Estamos com um problema — disselhe eu. — Não conseguiremos pegar o avião. Agora precisamos achar um meio de chegar a Manhattan com as peças, sem termos de passar pela alfândega. E nem pela imigração...

Lily não entendeu, e Solarin respondeu a seu olhar de dúvida:

— Nós, cidadãos soviéticos, não temos exatamente carta branca para viagens pelo mundo. Além disso, com certeza, Sharrif vai ficar de olho em todos os aeroportos, inclusive os de Ibiza e Maiorca. Já

que prometi a Minnie levar as duas de volta, além das peças, gostaria de fazer uma sugestão.

— Vá em frente. A esta altura, acho que sou capaz de concordar com qualquer coisa — anuiu Lily, começando a puxar tufo de pelos emaranhados do lombo de Carioca, que se esforçava para fugir dela.

— Formentera é uma ilha de pescadores. Eles estão acostumados com visitantes ocasionais, que vêm de Ibiza de barco para passar o dia. Esta enseada onde estamos é bem protegida. Ninguém nos encontrará aqui. O que sugiro é irmos até a aldeia mais próxima, comprarmos roupas e mantimentos, e tentarmos arranjar velas novas e ferramentas para eu consertar nossa chalupa. Pode ser que custe muito dinheiro, mas em uma semana estaremos prontos. Vamos poder sair, com o barco, tão quietinhos como chegamos. Ninguém vai ficar sabendo.

— Parece ótimo — concordou Lily. Ainda tenho bastante dinheiro encharcado. E gosto muito da ideia de comprar umas roupas e tirar uma semana de férias, depois de toda esta histeria. Mas para onde você sugere que a gente vá, quando o barco estiver pronto?

— Para Nova York — respondeu Solarin. — Via Bahamas e, depois, subindo pelo litoral.

— São mais sete mil quilômetros! — objetei, horrorizada. — E este barco que mal aguentou quinhentos em uma tempestade!

— Na verdade, são uns nove mil quilômetros, pela rota que estou propondo — replicou ele, com um sorriso tranquilo. — Mas, se Colombo conseguiu, por que não nós? Esta pode ser a pior época para velejar no Mediterrâneo, mas é a melhor para o Atlântico. Com ventos decentes ajudando, somos capazes de fazer a travessia em menos de um mês. E vocês duas vão chegar lá promovidas a excelentes velejadoras.

Lily e eu estávamos cansadas, sujas e famintas demais para discutir com muita convicção. Além disso, a memória da tempestade já tinha passado para segundo plano, após o que acontecera comigo com Solarin depois dela. Mais um mês igual àquela madrugada não me pareceu uma ideia tão má. Assim, lá fomos nós duas, à procura de alguma aldeia, enquanto Solarin se encarregava da faxina.

Dias e dias de trabalho pesado e tempo maravilhoso serviram para amolecer os corações de todos. A ilha tinha casinhas caiadas e ruas de areia, bosques de oliveiras e fontes murmurantes, velhinhas vestidas de preto e pescadores de camisas listradas. Tudo isso, contra o cenário do mar sem fim, funcionou como colírio para os olhos, bálsamo para a alma. Três dias comendo peixe recém-pescado e frutas maduras frescas, bebendo o vinho bom e forte do Mediterrâneo e respirando o ar salgado e saudável fizeram maravilhas em nosso ânimo. Ganhamos um bronzeado forte. Lily estava bem mais magra e musculosa, devido ao trabalho no barco, que dividíamos entre os três.

Todas as noites, ela jogava xadrez com Solarin. Ele nunca deixava que ela ganhasse, mas explicava, depois de cada partida, os erros que minha amiga cometera. Depois de algum tempo, Lily começou a suportar com naturalidade as derrotas e até mesmo a questioná-lo, quando ele fazia algum lance que ela não conseguia entender. Mais uma vez, envolveu-se tanto no jogo que mal notou quando eu passei a dormir no convés, com Solarin, em vez de descer com ela para a cabine.

— Ela realmente tem talento — comentou Solarin, uma noite, sozinho comigo no convés, com os olhos perdidos no mar de estrelas silenciosas. — Tem todas as qualidades do avô e mais alguma coisa. Vai ser uma grande jogadora, se um dia esquecer que é mulher.

— O que tem uma coisa a ver com a outra?

Ele riu e brincou com uma ponta de meu cabelo.

— Há uma diferença entre meninos e meninas. Quer que eu prove? — Ri também e olhei seus olhos, à luz pálida da lua.

— Acho que já conseguiu...

— Nós, homens, pensamos de maneira diferente — acrescentou, deslizando o corpo para acomodar a cabeça em meu colo.

Pude ver, pela expressão do rosto, que falava sério.

— Por exemplo: para descobrir a fórmula oculta no Xadrez de Montglane, você, provavelmente, agiria de maneira muito diferente da minha - continuou ele.

— E qual é sua maneira? — perguntei, rindo.

— Eu separaria em itens isolados todo o conhecimento de que já disponho. - Esticou o braço e roubou um gole de meu conhaque. - Depois, tentaria ver como tais itens poderiam ser combinados para conduzir a uma solução. Mas sou obrigado a admitir que estou levando algumas vantagens sobre você. Posso ter sido, por exemplo, a única pessoa, nos últimos mil anos, a ter visto a capa, as peças e a ter ainda dado uma olhada no tabuleiro. — Levantou os olhos para mim quando sentiu meu corpo se contraindo com a surpresa. — Na

União Soviética, quando o tabuleiro foi encontrado, não faltou quem se apresentasse como voluntário para a busca das outras peças. Todos do lado das brancas, naturalmente. Acho que Brodski, o sujeito da KGB que me acompanhou a Nova York, é um deles. Eu consegui cair nas graças de altas autoridades do governo, dando a entender, como Mordecai sugerira, que sabia onde estavam as outras peças e que seria capaz de obtê-las. — Fez uma pausa e retomou a linha anterior de pensamento: — Já vi tantos símbolos gravados no Xadrez que acabei acreditando que talvez não haja uma fórmula, mas sim várias. Afinal, como você já descobriu, aqueles símbolos não representam apenas planetas e signos do zodíaco, mas também os elementos da Tabela Periódica. Tenho a impressão de que é preciso uma fórmula particular para converter cada elemento no elemento seguinte. Mas como descobrir que símbolos combinar, e em que sequência? E como saber se alguma das fórmulas vai funcionar?

— Com sua teoria, não vamos saber nunca.

Tomei um gole de conhaque e pus o cérebro para trabalhar.

— Haveria variáveis aleatórias... Permutações demais — continuei. — Posso não saber grande coisa de alquimia, mas de fórmulas eu entendo. Tudo o que já descobrimos, para mim, indica a existência de uma fórmula só. Mas ela pode não ser bem o que estamos pensando...

Ele arregalou os olhos.

— O que é que você está querendo dizer?

Desde a chegada à ilha, não tínhamos feito qualquer menção às peças guardadas no armário da pia. Corno que por acordo tácito, nenhum dos dois quisera perturbar nosso idílio falando da busca que

tantas vezes já pusera nossas vidas em perigo. Mas agora, depois que Solarin trouxera de volta o fantasma, comecei de novo a explorar os pensamentos que, como uma dor de dente, vinham latejando em minha cabeça.

— Acho que há só uma fórmula, e facilmente dedutível. Para que a teriam escondido em um véu tão denso de mistério se ninguém pudesse compreendê-la? É como as pirâmides... Há milhares de anos, todo mundo fica especulando como deve ter sido difícil para os egípcios carregar todos aqueles blocos de granito e calcário de duas toneladas com suas ferramentas primitivas. Mas o fato é que eles estão lá. E se os egípcios não os tiverem carregado? Eles eram alquimistas, não eram? Deviam saber diluir aquelas pedras em ácido, carregá-las em um balde e depois refazê-las, como se fosse massa de cimento.

— Continue — pediu Solarin, erguendo os olhos para mim, ao luar, com um sorriso estranho.

Mesmo vendo-o naquela posição, quase de cabeça para baixo, não deixei de notar, outra vez, como ele era bonito. Mas logo depois minha mente disparou:

— As peças do Xadrez de Montglane brilham no escuro — comentei. — Você sabe o que se obtém quando se faz a fissão nuclear do elemento mercúrio? Dois isótopos radioativos: um que perde a radiatividade em dias ou horas e se transforma em tálio; e outro que se transforma em ouro radioativo.

Ele rolou o corpo e apoiou-se nos cotovelos, para ficar de frente para mim.

— Posso ser o advogado do diabo por um instante? Acho que seu raciocínio vai do efeito para a causa. O que você está dizendo é que, se há peças que sofreram transmutação, tem de haver uma fórmula responsável por isso. Mesmo que seja verdade, por que esta fórmula? E por que uma única, e não cinquenta ou cem?

— Porque na ciência, como na natureza, é sempre a solução mais simples que funciona. Minnie acha que deve haver uma única fórmula, dividida em três partes: o tabuleiro, as peças e a capa. - Parei de repente. Tive uma ideia que nunca me ocorrera antes: — Pode ser como "pedra, tesoura e papel"! — Percebi que Solarin não

entendera nada, e acrescentei: - E uma brincadeira de criança, comum nos Estados Unidos: o papel embrulha a pedra, que quebra a tesoura, que corta o papel... e assim por diante.

— Você parece mesmo uma criança — riu e tornou a me roubar um gole de conhaque. — Mas todos os grandes cientistas sempre foram eternas crianças, em seus corações... Continue.

— As peças cobrem o tabuleiro, a capa cobre as peças... — Fui falando e pensando ao mesmo tempo. — A primeira parte da fórmula pode descrever o que, a segunda como e a terceira... quando\

— Os símbolos do tabuleiro descreveriam quais são as matérias-primas, os elementos que devem ser usados. — Passou a mão pela cabeça enfaixada. — As peças indicariam em que proporções eles devem ser combinados. E a capa daria a sequência das operações...

— Quase isso! - Comecei a ficar realmente entusiasmada.

— Como você mesmo disse, os símbolos representam os elementos. Mas esquecemos da primeira coisa que descobrimos: eles também representam planetas e signos do zodíaco! Assim, podem dizer exatamente quando, em que hora, mês, e ano, cada etapa do processo deve ser realizada! - Mas, logo que acabei a frase, achei que poderia não ser nada daquilo. — Bobagem... Que diferença podem fazer o dia e o mês em que você começa ou termina uma experiência?

Solarin ficou calado por algum tempo. Quando falou, usou aquele inglês formal e lento que, nele, indicava tensão.

— Podem fazer enorme diferença, se você for capaz de compreender o que Pitágoras quis dizer quando falou na "música das esferas". Creio que você descobriu alguma coisa. Vamos pegar aquelas peças lá embaixo.

Quando entrei na cabine, encontrei Lily e Carioca roncando, cada um em seu leito do beliche. Solarin ficara no convés, para acender um lampião e montar as peças no tabuleiro portátil em que ele e Lily jogavam todas as noites.

— O que houve? — resmungou Lily, quando me ouviu mexendo no armário da pia.

— Estamos resolvendo o mistério — respondi, alegre. — Quer ajudar?

— Claro!

Ouvi as molas do colchão gemendo. Ela pulou para fora do beliche.

— Há muito tempo que estou esperando um convite para participar de suas conferências noturnas. O que acontece lá em cima, todas as noites? Ou será que eu não devo ser indiscreta?

Felizmente estava escuro, pois meu rosto ficou em brasa.

— Está bem — riu ela. — Esqueça. Ele é bonito como o diabo, mas não é meu tipo. Um dia desses vou lhe dar uma surra no xadrez.

Lily vestiu uma suéter sobre o pijama e subimos a escadinha. Sentamo-nos no banco acolchoado da ponte, ladeando Solarin. Lily serviu-se de bebida e eu tirei da bolsa de lã as peças e a capa do Xadrez. Arrumei tudo no chão iluminado.

Fiz uma rápida recapitulação da conversa que tivera com Solarin para Lily e deixei o resto por conta dele. O barco jogava um pouco, por causa das ondas mansas que batiam sem pressa. Uma brisa morna chegava até nós, sob o céu coberto de estrelas. Lily começou a acariciar a capa com os dedos, olhando com uma expressão estranha para Solarin.

—E o que Pitágoras quis dizer, exatamente, com esse negócio de "música das esferas"? — perguntou, quando ele terminou sua explanação.

Solarin respondeu sem levantar os olhos das peças:

— Ele acreditava que o universo era feito de números. Achava que, da mesma forma que as notas musicais se repetem, oitava após oitava, todas as coisas da natureza obedecem a um padrão. Deu origem a um campo de pesquisas matemáticas em que só muito recentemente, pelo que sabemos, as descobertas importantes começaram a ser feitas. Chama-se "análise harmônica" e é a base de minha especialidade, a acústica. Além disso, é um fator crucial no estudo da física quântica.

Ficou em pé e começou a andar de um lado para o outro. Lembrei do que me dissera uma vez: tinha de se movimentar para

poder pensar. Fixou o olhar em Lily e continuou:

— A ideia básica é que qualquer fenômeno de natureza periódica, que se repita a intervalos regulares, pode ser medido. Aí se incluem os movimentos de todas as ondas sonoras, térmicas, luminosas... e até as marés. Kepler empregou essa teoria para discutir as leis que regem os movimentos dos planetas. Newton, para formular a lei da gravitação universal e a precessão dos equinócios. Leonhard Euler usou-a para provar que a luz é um tipo de movimento ondulatório, cuja cor depende do comprimento das ondas. Mas foi Fourier, o grande matemático do século XVIII, quem descobriu o método pelo qual os movimentos ondulatórios, inclusive os atômicos, podem ser medidos.

Quando parou de falar, voltou-se para nós, com os olhos brilhando à luz mortiça do lampião.

— Então Pitágoras estava certo — completei. — O universo é mesmo feito de números que se ordenam com precisão matemática e podem ser medidos. Você acha que o segredo do Xadrez de Montglane se relaciona com isso? Análise harmônica das estruturas moleculares? A medição das ondas para a análise da estrutura dos elementos?

— O que pode ser medido pode ser compreendido — disse ele, em tom grave. — O que pode ser compreendido pode ser modificado. Pitágoras estudou com o maior de todos os alquimistas: Hermes Tris-megisto, considerado pelos egípcios a reencarnação do grande deus Thot. Foi ele quem definiu o princípio básico da alquimia: "O que está embaixo é igual ao que está em cima." As ondas do universo funcionam da mesma forma que as ondas dos átomos... e há como provar que elas interagem. — Fez outra pausa e olhou-me nos olhos. — Dois mil anos mais tarde, Fourier demonstrou como a interação se dá. Maxwell e Planck revelaram como a própria energia pode ser descrita em termos de comprimentos de ondas. Einstein deu o último passo, demonstrando o que o instrumento de análise sugerido por Fourier significava, na verdade: que tanto a matéria como a energia são movimento de ondas, e que uma pode se transformar na outra.

Algo começou a se formar em minha mente. Mantive os olhos cravados na capa do Xadrez, Lily acariciava com os dedos as duas serpentes entrelaçadas, que formavam o algarismo 8. No fundo de minha consciência, começou a aparecer uma ligação entre aquele tecido bordado, o labirinto de que falara Lily, e o que Solarin acabara de dizer a respeito das ondas. O que está embaixo é igual ao que está em cima. O microcosmo e o macrocosmo. A matéria e a energia. Qual seria o significado de tudo aquilo?

— O Oito — falei alto, ainda perdida em pensamentos. — Tudo conduz ao Oito. O labrys tem forma de oito, da mesma maneira que a espiral que Newton nos ensinou, formada pela precessão dos equinócios. A procissão mística descrita no diário, de que Rousseau participou, em Veneza... Seu trajeto tinha a forma de um oito, também. E o símbolo de infinito...

— Diário? Que diário? — Solarin espantou-se, pareceu tenso. Olhei para ele, sem poder acreditar. Minnie nos teria mostrado algo que nem mesmo seu neto havia visto?

— Um diário que Minnie nos deu... O diário de uma freira francesa, que viveu há duzentos anos. Ela esteve presente à exumação do Xadrez, na abadia de Montglane. Não tivemos tempo ainda para acabar de ler. Está aqui...

Comecei a tirá-lo da bolsa, mas Solarin deu um salto.

— Então foi isso que ela quis dizer quando comentou que a chave definitiva estava com você! Por que não me contou antes?!

Colocou a mão espalmada sobre a macia capa de couro do volume.

— Tinha tantas coisas diferentes na cabeça, ao mesmo tempo... — justifiquei.

Abri o livro na página em que havia a descrição da Longa Marcha, a cerimônia realizada em Veneza. Nós três nos debruçamos para ver melhor à luz fraca da lamparina. Lily sorriu e voltou os grandes olhos cinzentos para Solarin.

— São movimentos de xadrez, não são? Ele concordou com a cabeça.

— Cada movimento que forma o algarismo oito do diagrama cor-⁵, responde a um símbolo na capa de veludo do Xadrez de

Montglane. 610 Ficam na mesma posição... Provavelmente, eles viam cada um desses

símbolos a cada parada, durante a procissão. E, se não me engano, isso mostra exatamente quais as peças envolvidas e que posições elas ocupariam no tabuleiro. Dezesseis movimentos, cada um composto de três níveis de informação... Talvez sejam os mesmos três que você adivinhou: o quê, como e quando...

— Como os trigramas do I-Ching — completei. — Cada grupo contendo um quantum de informação...

Solarin debruçou-se no banco, rindo, e deu-me um apertão no ombro.

— Vamos lá, enxadristas! Já descobrimos a estrutura do jogo. Agora é só juntar as peças e encontrar o portão do infinito!

Trabalhamos a noite toda no enigma. Então, fui capaz de entender a onda transcendental de energia que toma conta dos matemáticos quando descobrem uma nova fórmula ou quando visualizam um padrão ordenado em algum fenômeno que já presenciaram mil vezes antes. Somente na matemática existe aquela sensação de que a gente está se movendo em outra dimensão, fora do tempo e do espaço; a sensação de cair ou mergulhar em um mistério, de estar fisicamente envolvido por ele.

Nunca fui grande coisa em matemática, mas compreendi o que Pitágoras quis dizer quando igualou matemática e música. Enquanto Lily e Solarin se esforçavam para identificar os movimentos do xadrez no tabuleiro, e eu própria fazia o que podia para registrar tudo com papel e lápis, tive a impressão de poder escutar a fórmula do Xadrez de Montglane. Foi como um elixir percorrendo minhas veias, levando-me em sua linda harmonia, durante todo o tempo que passamos atacadados ao problema de deduzir o padrão dos movimentos das peças.

Não foi fácil. Como disse Solarin, o número de combinações possíveis em uma fórmula que compreendia sessenta e quatro casas, trinta e duas peças e dezesseis posições descritas em um pedaço de veludo bordado era muito maior que o número de estrelas existentes no universo conhecido. Por mais que o desenho parecesse indicar que alguns movimentos eram de Cavalo, e, outros,

de Torres ou de Bispos, nunca poderíamos ter certeza de nada. E o padrão inteiro tinha de caber nas sessenta e quatro casas do Xadrez de Montglane.

Tudo ficava ainda mais complicado porque, mesmo quando conseguíamos descobrir qual o Peão ou o Cavalo que se deslocara para determinada Casa, continuávamos ignorando as posições originais, aquelas com que o Jogo tivera início.

De qualquer forma, existia uma chave para todas aquelas coisas. Fomos em frente, a partir das informações de que dispúnhamos. O primeiro movimento é sempre das brancas, e é quase sempre feito com um Peão. Lily protestou, dizendo que não era de rigueur, historicamente, mas estava claro, para Solarin e para mim, que o primeiro movimento fora de um Peão — a única peça que pode se deslocar para a frente, em linha reta, a partir da posição inicial do jogo.

Os movimentos seriam alternados ou devíamos presumir que, como em um Pulo do Cavalo, a mesma peça saltara seguidamente pelo tabuleiro? Optamos pela primeira hipótese, porque reduzia bastante as alternativas. Decidimos também, já que se tratava de uma fórmula, e não de uma partida de verdade, que cada peça só podia se mover uma vez e que cada casa só podia ser ocupada uma vez. Para Solarin, o padrão a que chegamos não fazia sentido, em termos de um jogo de xadrez, mas ele acabou semelhante ao da capa e ao do diagrama do diário. O único problema é que ficou invertido — como uma imagem especular da procissão realizada em Veneza.

Quando o dia já ia nascendo, chegamos a uma figura que fazia lembrar a imagem do labrys que Lily mencionara. E, se deixássemos em seus lugares as peças não movimentadas, tínhamos outro 8, no sentido vertical: Terminamos com a certeza de que estávamos perto, bem perto:

Vegos de cansaço, olhamos para nossa obra e uns para os outros com um sentimento de camaradagem que transcendia nossos instintos de competição. Lily começou a rir alto e a rolar pelo chão, com Carioca fazendo o que podia para se equilibrar sobre ela. Solarin correu para mim como um maluco, pegou-me nos braços e

rodou-me no ar. O sol começou a se erguer, pintando o mar de um vermelho sanguíneo e o céu de um rosa com brilhos de madrepérola.

— Agora, tudo o que temos de fazer é obter o tabuleiro e o restante das peças. Fácil, fácil!...

Sorri para ele, cansada.

— Mas já sabemos que há mais nove peças em Nova York. — Ele sorriu também, com um jeito que deixou claro que estava pensando em outras coisas, além do xadrez.

— Vamos até lá, dar uma olhada nelas?

— É isso aí, comandante! — gritou Lily. - Içar velas a todo pano! Meu voto é em favor de um passeio pelo Atlântico!

— Levantar âncora, então! - respondeu Solarin, feliz da vida.

— Que a grande deusa Car abençoe nossos esforços marítimos com seu sorriso! — completei.

— Um brinde a nosso futuro! — gritou Lily. Ergueu o conhaque e emborcou-o.

O SEGREDO

Newton não foi o primeiro da Idade da Razão. Foi o último dos mágicos, o último dos babilônios e dos sumários [...], pois via o universo e tudo o que nele está contido como um enigma, um segredo que podia ser desvendado com a aplicação do raciocínio puro a certas pistas, certas indicações místicas que Deus teria espalhado pelo mundo para permitir à irmandade esotérica uma espécie de "caça ao tesouro" filosófica. [...] Encarava o universo como um criptograma elaborado pelo Todo-Poderoso — da mesma forma que comunicou a Leibniz sua descoberta do cálculo diferencial e integral por meio de um criptograma. Pelo puro raciocínio, pela concentração mental, a charada, acreditava Newton, se revelaria aos iniciados.

JOHN MAYNARD KEYNES

Voltamos, afinal, a uma versão da doutrina do velho Pitágoras, fonte de que beberam a matemática e a física. Ele chamou a atenção para o fato de os números caracterizarem a periodicidade

das notas musicais. [...] E agora, no século XX, o que vemos são os físicos amplamente envolvidos com a periodicidade dos átomos.

ALFRED NORTH WHITEHEAD

Os números, portanto, parecem conduzir à verdade.

PLATÃO

SÃO PETERSBURGO

OUTUBRO DE 1798

Paulo I, czar de todas as Rússia, andava de um lado para o outro em seus aposentos, batendo o rebenque contra o culote do uniforme militar verde-escuro. Tinha orgulho daquele fardamento de tecido grosseiro, copiado do que usavam as tropas de Frederico, o Grande, da Prússia. Espanou algo da lapela da jaqueta curta e fixou os olhos nos de Alexandre, seu filho, imóvel, em posição de sentido, à frente dele.

Que decepção foi esse rapaz, pensou Paulo. Pálido, com ar de poeta e feições quase femininas de tão bonitas, tinha sempre algo de místico e de ausente por trás dos olhos azuis acinzentados que herdara da avó. O que não herdara dela fora o cérebro. Não tinha uma só das qualidades que se procura em um líder.

De certa forma, fora uma sorte para Paulo, pois o rapaz, aos vinte e um anos, muito ao contrário de desejar para si o trono que Catarina lhe reservara, já anunciara que pretendia abdicar, caso a responsabilidade viesse a lhe caber. Preferia a vida tranqüila de um homem de letras a conviver com a atraente mas perigosa corte de São Petersburgo, onde o pai o obrigava a permanecer. Naquele momento, fitando os jardins outonais fora das janelas, dava a impressão de que, por trás dos olhos vagos, não havia nada senão sonhos e fantasias.

A verdade, no entanto, era bem diferente. Debaixo dos cachos sedosos havia um cérebro de funcionamento complexo demais para que Paulo o entendesse. O problema a que se dedicava era o de encontrar uma forma de mencionar certo assunto sem despertar as suspeitas do pai — um assunto jamais mencionado na corte, desde a morte de Catarina, pouco menos de dois anos antes. Em síntese: a abadessa de Montglane.

Alexandre tinha uma razão vital para descobrir qual fora o destino da velha senhora, que desaparecera como que no vácuo,

poucos dias após a morte da avó. Mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Paulo se dirigiu a ele. O rapaz tentou prestar atenção.

— Sei que você não se interessa pelos assuntos do Estado — disse Paulo, com desdém. — Mas tem de demonstrar algum interesse. Um dia, afinal, este império vai ser seu. Minhas ações de hoje serão responsabilidades suas, amanhã. Chamei-o, agora, para lhe contar, em confiança absoluta, uma coisa que pode alterar o futuro de toda a Rússia. — Fez uma pausa para dramatizar as palavras. — Decidi assinar um tratado com a Inglaterra.

— Mas, pai, o senhor odeia os britânicos!

— Eu os desprezo. Mas não tive muita escolha. Os franceses, não satisfeitos com a destruição do Império Austríaco, com a expansão de suas fronteiras por territórios dos países vizinhos, e com o massacre de metade de seu populacho, para mantê-lo sob controle, resolveram agora mandar aquele general sedento de sangue, Bonaparte, atravessar o mar para conquistar Malta e o Egito!

Golpeou com o rebenque o tampo da escrivaninha. Tinha o rosto fechado e ameaçador como uma nuvem de tempestade. Alexandre ficou em silêncio.

— Eu sou Grande Mestre dos Cavaleiros de Malta! — gritou Paulo, batendo com o punho fechado na medalha de ouro pendurada ao peito por uma fita escura. — Eu tenho a estrela de oito pontas da Cruz de Malta! Aquela ilha me pertence! Durante séculos, procuramos obter um porto em águas quentes, como Malta... e agora quase o obtive -mos. Só que aquele assassino francês apareceu, com seus quarenta mil homens!

Ficou em silêncio por um instante, como se aguardasse uma resposta de Alexandre. O rapaz viu-se obrigado a dizer qualquer coisa:

— Por que razão um general francês quereria tomar um país que há mais de trezentos anos tem sido um espinho encravado nas costas dos turcos otomanos?

Perguntou a si próprio, mentalmente, que razões teria Paulo para se opor àquilo. Se tivesse êxito, o francês só desviaria as atenções dos turcos muçulmanos, contra os quais sua avó batalhara durante vinte anos pelo controle de Constantinopla e do mar Negro.

— Você não consegue adivinhar o que o tal de Bonaparte está procurando? — sussurrou Paulo, aproximando-se do filho para olhá-lo bem nos olhos.

— O senhor acha que os britânicos serão melhores para nós? Meu tutor, La Harpe, costumava chamar a Inglaterra de "pérfida Albion"...

- Isso não vem ao caso! — gritou Paulo. - Como de hábito, você está misturando poesia com política e servindo mal às duas! Eu sei por que aquele patife, Bonaparte, foi ao Egito! Não interessa o que ele disse aos idiotas do Diretório francês, para que o financiassem! Não quero saber quantas dezenas de milhares de homens ele desembarcou! Teria sido para restaurar o poder do Porte Sublime? Para subjugar os mamelucos? Ora! Tudo isso é camuflagem!

Alexandre ficou em silêncio, muito atento à arenga do pai.

— Preste atenção ao que estou lhe dizendo: ele não vai parar no Egito. Vai continuar pela Síria e depois Assíria, Fenícia, Babilônia! As terras que minha mãe sempre quis. Foi ela quem lhe deu o nome de Alexandre, e o de Constantino a seu irmão, invocando-lhes sorte!

Paulo fez outra longa pausa e passeou os olhos pelo quarto. Fixou-os em uma tapeçaria que mostrava uma cena de caça: um servo ferido, sangrando, o corpo cravado de flechas, arrastando-se pela floresta, os caçadores e os cães em seu encalço. Tornou a encarar Alexandre, com um sorriso frio.

— O tal Bonaparte não quer territórios... Quer poder! Recrutou tantos cientistas quantos são seus soldados: o matemático Monge, o químico Berthollet, o físico Fourier... Acabou com os quadros da École Polytechnique e do Institut National! E por quê? Por que teria feito isso, se seu interesse fosse apenas a conquista de territórios?

- O que o senhor está tentando dizer? - perguntou Alexandre. Uma idéia começou a lhe ocorrer, apenas um palpite mal definido.

— Que naquelas terras está oculto o segredo do Xadrez de Montglane! — O rosto de Paulo tornou-se máscara de medo e ódio. - É isso o que ele procura!

- Mas, pai - Alexandre escolheu as palavras com cuidado extremo —, o senhor certamente não acredita nesse mito antigo... Afinal, a própria abadessa de Montglane...

- É claro que acredito! - interrompeu Paulo com o cenho carregado. Baixou a voz para um sussurro histérico: — Eu mesmo tenho uma das peças.

Cerrou os punhos, como que para uma briga. O rebenque já caíra ao chão.

— Há outras escondidas aqui. Eu sei! Mas nem mesmo dois anos de prisão em Ropsha fizeram aquela mulher soltar a língua! Mas um dia vai ter de falar. E quando isso acontecer...

Alexandre mal ouviu a continuação da arenga de Paulo, a respeito dos franceses, dos britânicos, de seus planos para Malta e do insidioso Bonaparte, que ele pretendia destruir. Sabia que todos aqueles planos tinham pouca probabilidade de dar certo, já que as próprias tropas de Paulo odiavam-no, como crianças odeiam uma governanta despótica.

Terminou cumprimentando o pai pela brilhante estratégia política e pedindo licença para se retirar. Então a abadessa está encarcerada em Ropsha, pensou, enquanto ia atravessando os longos corredores do Palácio de Inverno. E Bonaparte desembarcara no Egito com um navio cheio de cientistas. E Paulo tinha em seu poder uma das peças do Xadrez de Montglane... Fora um dia bastante produtivo! As coisas começavam a se encaixar.

Alexandre levou quase meia hora para chegar ao estábulo interno, que ocupava toda uma ala da extremidade do Palácio de Inverno, uma ala que tinha quase a mesma área do salão de espelhos de Versalhes. O príncipe percorreu os longos corredores, pisando sobre a palha que os-forrava, espantando porcos e galinhas. Servas de rostos corados, saias rodadas e blusas folgadas, calçando botas grosseiras, sorriam a suas costas, umas para as outras. O rosto bonito, o cabelo encaracolado e os olhos brilhantes, de um azul-acinzentado, faziam com que elas se lembrassem da czarina quando jovem, cavalgando seu cavalo castrado pelas ruas cobertas de neve, com roupas de corte militar.

Era aquele rapaz que desejavam ver como czar. Justamente os traços de personalidade que irritavam seu pai — o silêncio, a expressão misteriosa e velada do olhar — eram os que apelavam ao

veio escuro do misticismo tão profundamente entranhado em suas almas eslavas.

Alexandre esperou que o cavaliariço selasse o animal e conduziu-o para fora, montando com elegância. Todos os servos pararam o que faziam para vê-lo. Sempre procuravam vê-lo. Sabiam que a hora estava próxima. Era por ele que esperavam, fora ele o escolhido desde o tempo de Pedro, o Grande. O silencioso e misterioso Alexandre fora o eleito não para conduzi-los à glória, mas para descer com eles às trevas. Para se transformar na própria alma da Rússia.

Alexandre sempre se sentia mal entre os servos e os camponeses. Percebia que o consideravam uma espécie de santo e esperavam que agisse de acordo, o que era um perigo. Paulo guardava com zelo o trono que lhe fora negado por tanto tempo. Agora que o poder era seu, ele o usufruía com volúpia, usava e abusava dele, como de uma amante que se deseja muito, mas que não se pode controlar.

Atravessando o Neva e os mercados da cidade, Alexandre chegou aos pastos abertos e aos campos molhados pelo outono. Permitiu então que o grande cavalo branco começasse a trotar.

Cavalgou horas pela floresta, como se não tivesse destino determinado. As folhas amarelas que cobriam o chão assemelhavam-se a montes de palha de milho. Finalmente, em um recanto deserto da floresta, parou em uma ravina silenciosa. Um labirinto de galhos escuros e folhas úmidas e douradas ocultava uma pequena choupana. Apeou, com ar despreocupado e começou a caminhar, levando pelas rédeas o animal, que deixava no ar o vapor exalado do pelame suado.

Andou devagar, sem esforço, pelo chão atapetado de folhas macias e perfumadas. O corpo esguio e atlético, a jaqueta negra de corte militar, com a gola alta que quase atingia o queixo, a calça branca apertada de montaria e as botas negras, rígidas, faziam com que parecesse um simples soldado passeando pela floresta. Um pouco de água caiu sobre ele, do alto de uma árvore. Secou com os dedos a ombreira dourada e sacou a espada, tocando a lâmina com ar descuidado, como se estivesse apenas confirmando o bom estado

do fio. Olhou de maneira displicente para a choupana, à frente da qual dois cavalos pastavam.

Parou um instante e passeou a vista pela floresta silenciosa. Ouvia um cuco cantar três vezes e, depois, o silêncio foi quebrado apenas pelo ruído da água pingando dos ramos das árvores. Largou as rédeas do animal e caminhou na direção da choupana.

Entreabriu a porta, que rangeu. Lá dentro, a escuridão era quase total. Suas pupilas não tiveram tempo de se ajustar, mas ele teve a impressão de ouvir alguma coisa mexendo-se na escuridão. Seu coração disparou.

— Você está aí? — sussurrou.

Logo viu uma pequena chuva de faíscas e sentiu o cheiro de palha queimada. Alguém acendia uma vela. Quando começou a brilhar, a chama revelou um rosto oval bonito, emoldurado por uma cabeleira ruiva, e brilhantes olhos verdes que procuravam os seus.

— Conseguiu? - perguntou Mireille, com um murmúrio tão baixo que Alexandre precisou forçar os ouvidos.

— Consegui. Ela está na prisão de Ropsha. - A voz dele também saiu num cochicho, embora não tivesse visto ninguém, em um raio de quilômetros ao redor da choupana. — Posso levar você até lá. Mas descobri mais: uma das peças está com ele, como você temia.

— E o restante? — Mireille continuou sussurrando.

— Não consegui descobrir mais nada sem levantar suspeitas. Já foi quase um milagre que ele me tenha dito tanta coisa. Ah, sim! Parece que aquela expedição francesa ao Egito significa mais do que tínhamos pensado. Talvez seja uma forma de despistar. O general Bonaparte levou consigo muitos cientistas.

— Cientistas? — estranhou Mireille, empertigando-se na cadeira.

— Matemáticos, físicos, químicos...

A jovem olhou para trás, para o canto escuro da casinha. De lá, do meio das sombras, emergiu um homem magro e muito alto, com rosto de gavião, completamente vestido de negro. Trazia pela mão um garoto de uns cinco anos, que sorriu amistosamente para Alexandre. O príncipe retribuiu o sorriso.

— Você ouviu? — perguntou Mireille a Shahin, que confirmou com um aceno de cabeça. — Napoleão foi para o Egito, mas não a

meu serviço. O que estará fazendo lá? Quanto saberá? Quero que ele volte à França. Se partir agora, em quanto tempo você pode chegar até ele?

— Talvez esteja em Alexandria, talvez no Cairo — disse Shahin.
— Se atravessar o Império Turco, posso encontrá-lo em qualquer dos dois lugares dentro de duas luas. Tenho de levar al-Kalim comigo. Os otomanos vão reconhecer nele o Profeta, a Porte vai me dar passagem e me conduzir até o filho de Letizia Bonaparte.

Alexandre acompanhou a conversa com espanto.

— Vocês estão falando do general Bonaparte como se o conhecessem pessoalmente.

— Ele é corso — retrucou Mireille, secamente. — Seu francês é muito melhor que o dele. Mas não podemos perder tempo. Leve-me à prisão de Ropsha antes que seja tarde demais.

Alexandre dirigiu-se à porta e ajudou Mireille a vestir a capa.

— Al-Kalim tem algo a lhe dizer, Majestade. — Shahin fez um gesto na direção do menino.

Alexandre encarou-o, sorrindo.

— Você será um grande rei em breve.

A voz da criança era aguda, bem infantil. Alexandre continuou sorrindo, mas o sorriso logo desapareceu quando Charlot prosseguiu:

— O sangue deixará em suas mãos uma mancha menor que a das mãos de sua avó, mas será por um gesto parecido com o dela. Um homem que você admira vai atraí-lo. Estou vendo um inverno frio e um grande fogo. Você ajudou minha mãe. Por causa disso, vai se salvar das mãos desleais dessa pessoa e viver para reinar durante vinte e cinco anos...

— Chega, Charlot! — gritou Mireille, segurando o menino pela mão e dardejando um olhar furioso na direção de Shahin.

Alexandre parecia petrificado, congelado.

— Esta criança tem uma segunda visão! — balbuciou.

— Então, que tal visão seja usada para algo de útil — retrucou Mireille, ainda furiosa. — Não quero que você saia por aí predizendo o destino das pessoas, como uma bruxa velha com um baralho!

Saiu apressadamente, carregando o menino pela mão, deixando para trás o príncipe da Rússia. Quando Alexandre se voltou para os impenetráveis olhos pretos de Shahin, ouviu a vozinha de Charlot:

— Desculpe Maman! Eu esqueci. Prometo que não faço mais.

A prisão de Ropsha fazia com que a Bastilha parecesse um palácio. Fria e úmida, sem uma só janela que deixasse entrar um pouco de luz, era, em todos os sentidos, um calabouço de desesperança. A abadessa sobrevivera dois anos naquele lugar, bebendo água salobra e alimentando-se de uma comida pouco melhor que a geralmente destinada aos porcos. Dois anos durante os quais Mireille passara cada hora, cada minuto, tentando descobrir seu paradeiro.

Entraram com Alexandre na prisão. O rapaz falava com os guardas, que o estimavam muito mais que a Paulo, que fariam qualquer coisa que ele pedisse. Mireille, ainda levando Charlot pela mão, atravessou os corredores escuros, com o auxílio da lanterna carregada por um carcereiro, seguida por Shahin e Alexandre.

A cela da abadessa — um cubículo minúsculo por trás de uma porta pesada de metal — ficava nas entranhas da prisão. Mireille sentiu um medo frio, horrível, quando entrou. A velha senhora, deitada, parecia uma boneca de trapos de que se tivesse tirado todo o recheio. A pele enrugada tornara-se amarela como uma folha morta, à luz pálida do lampião. Mireille ajoelhou-se ao lado do catre e envolveu-a com os braços, forçando-a a erguer o corpo. Ela não tinha peso - parecia prestes a se esfarelar.

Charlot aproximou-se e tomou a mão dela em sua mãozinha.

— Maman, esta senhora está muito doente. Ela gostaria que a tirássemos daqui antes de morrer...

Mireille encarou-o sem dizer nada e, em seguida, voltou os olhos para Alexandre.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu o príncipe, e saiu com o carcereiro.

Shahin aproximou-se do catre. Com um esforço desesperado, a abadessa tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Mireille debruçou-se sobre ela, reclinou a cabeça em seu colo e sentiu as

lágrimas quentes escorrerem pelo rosto. Charlot pôs a mão sobre seu ombro.

— Há algo que ela precisa dizer — disse à mãe em voz baixa.

— Eu estou ouvindo os pensamentos dela... Não quer ser enterrada pelos outros... Maman, há alguma coisa dentro do vestido dela! Alguma coisa que deve ficar conosco.

— Meu Deus! — murmurou Mireille.

Naquele instante, Alexandre tornou a entrar na cela.

— Vamos! Vamos levá-la antes que o carcereiro mude de idéia.

Shahin curvou-se e tirou-a do catre, sem esforço. Os cinco deixaram a prisão às pressas, por uma porta que dava para um longo corredor subterrâneo. Quando emergiram à luz do dia, perto do local onde haviam deixado os cavalos, Shahin segurou a abadessa com um só braço, como quem carrega um bebê, e montou sem dificuldade. Galopou então, à frente dos outros, na direção da floresta.

Logo que chegaram a um lugar isolado e deserto, apearam. Mireille estendeu a capa no chão, para que pudessem deitar a moribunda sobre ela. A abadessa, ainda de olhos cerrados, pareceu estar tentando dizer alguma coisa. O príncipe foi buscar um pouco de água em um regato próximo, mas ela estava fraca demais para beber.

— Eu sabia... — conseguiu finalmente dizer, com uma voz rouca e hesitante.

— A senhora sabia que eu viria — completou Mireille, acariciando lhe a testa febril. — Mas acho que cheguei tarde demais. Em todo o caso, a senhora vai ter um enterro cristão, minha amiga querida. Eu mesma vou lhe ouvir a confissão, já que não há mais ninguém aqui que possa fazê-lo.

Ajoelhou-se, chorando, ao lado da abadessa, e segurou sua mão. Charlot ajoelhou-se também, segurando uma ponta do hábito que parecia enorme para a figura cadavérica da abadessa.

— Está aqui nesta roupa, maman... entre o tecido e o forro. Shahin adiantou-se, com a bousaadi afiada nas mãos, para cortar o tecido. Mireille fez um gesto para impedi-lo, mas, naquele exato instante, a abadessa conseguiu sussurrar, com a voz fraca, rouca:

— Shahin! Um sorriso se esboçou no rosto quase inerte. Tentou erguer uma das mãos para tocá-lo.

— Você encontrou seu profeta, finalmente... Estou indo ao encontro de seu Alá... Vou levar para Ele... o seu amor...

A mão caiu e os olhos tornaram a se fechar. Mireille começou a soluçar, mas os lábios da abadessa ainda se moviam. Charlot debruçou-se para aproximar o ouvido.

— Cuidado para não cortar... a capa... Shahin e Alexandre continuaram em pé, imóveis, sob as árvores gotejantes, quando Mireille se atirou sobre o corpo já sem vida. Depois de alguns minutos, Charlot puxou a mãe pelo braço. Com as mãozinhas minúsculas, levantou o pesado hábito da abadessa, afastando-o do corpo. No forro da parte da frente do hábito, ela desenhara um esboço do tabuleiro de xadrez, com o próprio sangue — àquela altura, já escuro e manchado. Em cada casa havia um símbolo, reproduzido com grande capricho. Charlot ergueu os olhos para Shahin, que lhe passou a faca. O menino cortou com cuidado a linha que atava a veste ao forro. Bem debaixo do tabuleiro desenhado, encontrou a pesada capa de veludo azul-escuro do Xadrez de Montglane, bordada com pedras preciosas.

PARIS

JANEIRO DE 1799

Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord deixou as salas do Diretório e coxeou pela longa escadaria de pedra até o pátio onde sua carruagem o esperava. Fora um dia difícil de acusações e insultos atirados pelos cinco diretores. Acusavam-no de ter aceitado suborno da delegação americana. Talleyrand era orgulhoso demais para apresentar justificativas ou desculpas. Além disso, tinha muito fresca na memória a lembrança da pobreza. Não iria admitir seus pecados e devolver o dinheiro. Passara todo o tempo sentado, imóvel, num silêncio de gelo, enquanto os outros espumavam de ódio. Quando o cansaço os fizera calar, dera-lhes as costas e saíra, sem admitir absolutamente qualquer culpa. Atravessou mancando, cansado, o pátio de pedras. Ia jantar sozinho naquela noite, abrir uma garrafa de madeira envelhecido e tomar um bom banho quente. O cocheiro, ao avistá-lo, correu para o veículo. Talleyrand fez sinal para que subisse logo a seu posto e abriu ele próprio a porta. Ao sentar, ouviu o ruído leve na escuridão. Contraiu o corpo, tenso.

— Não se assuste — disse uma voz suave de mulher, uma voz que lhe provocou um arrepio na espinha.

Quando a carruagem atingiu a rua iluminada, pôde ver a linda pele clara, os cabelos avermelhados.

— Mireille!

Mas ela pôs os dedos enluvados sobre os lábios dele, pedindo silêncio. Antes de entender direito o que acontecia, Talleyrand viu-se de joelhos no veículo em movimento, cobrindo-lhe o rosto de beijos, -embaraçando as mãos nos cabelos dela, murmurando mil coisas em seus ouvidos, enquanto se esforçava para recobrar o autocontrole. Teve a sensação de que enlouquecia.

— Se soubesse quanto eu a procurei! Não só aqui, mas em todos os lugares... Como pôde me deixar por tanto tempo sem uma

palavra, um sinal? Quase perdi o juízo de tanto temer por você.

Mireille calou-o com um beijo. Ele aspirou o perfume de seu corpo e começou a chorar. Chorou os sete anos passados de olhos secos, bebeu as lágrimas que escorriam do rosto dela, agarrados um ao outro como crianças abandonadas no mar.

Foram para casa, protegidos pela noite escura, e entraram pela varanda que dava para o jardim. Sem se dar ao trabalho de fechar as portas ou acender as luzes, ele carregou-a nos braços para o sofá, o cabelo solto derramando-se pelo próprio corpo. Despiu-a sem uma palavra, deitou-se sobre seu corpo e perdeu-se na carne macia e quente, na maciez sedosa dos cabelos.

— Eu a amo — disse, pela primeira vez na vida.

— Seu amor nos deu um filho — respondeu Mireille, erguendo rosto para vê-lo melhor à luz fraca da lua, que penetrava pelas portas e janelas.

Talleyrand teve a impressão de que o coração ia se partir, mas retrucou depressa, com a paixão consumindo seu íntimo como uma tempestade:

— Vamos fazer outro.

— Eu as enterrei — disse Talleyrand, sentado à frente dela, à pequena mesa envernizada, na saleta ao lado do quarto de dormir. — Em Vermont, as montanhas verdes da América... Para dar o devido crédito, devo dizer que Courtiade tentou me convencer a não fazer tal coisa. Teve mais fé que eu... Continuou acreditando que você ainda estava viva.

Sorriu para ela, sentada do outro lado da mesinha, com o cabelo desalinhado e envolta em um roupão que pertencia a ele. Era tão linda que Talleyrand desejou possuí-la outra vez. Mas o respeitoso Courtiade estava entre os dois, dobrando cuidadosamente o guardanapo, atento ao que diziam.

— Courtiade! — continuou falando, para aplacar a violência dos sentimentos que o dominavam. - Parece que tenho um filho! Chama-se Charlot, um diminutivo de meu próprio nome.

— Voltou-se para Mireille: — Quando vou poder ver o pequeno prodígio?

— Não vai demorar — sorriu ela. — Ele foi para o Egito, onde o general Bonaparte está acampado. Até que ponto você se relaciona com Napoleão?

— Foi a conselho meu que ele partiu para lá. Pelo menos, foi o que ele próprio me deu a entender. — Descreveu de forma resumida a conversa que tivera com Bonaparte e David. - Foi assim que fiquei sabendo que você ainda poderia estar viva, e que estivera grávida. David nos contou tudo a respeito de Marat.

Olhou-a com uma expressão grave, mas Mireille desviou os olhos e sacudiu a cabeça, como que procurando afastar aquele pensamento.

— Há algo mais que você precisa saber — continuou ele, falando lentamente e procurando o olhar de Courtiade: — Uma mulher... Chama-se Catherine Grand. Está envolvida, de alguma forma, na busca pelo Xadrez de Montglane. David me contou que Robespierre a chamava de "Rainha branca"...

Mireille empalideceu. A mão que segurava a faca de sobremesa contraiu-se com tal força que deu a impressão de que a partiria em dois. A moça passou alguns momentos sem poder falar. Seus lábios perderam a cor a tal ponto que Courtiade correu a lhe servir champanhe, para reanimá-la. Mireille, afinal, fixou os olhos em Talleyrand e perguntou, com um sussurro:

— Onde está ela?

Talleyrand baixou os olhos para o prato por um instante, mas logo ergueu-os de novo, encarando-a com firmeza.

— Se você não tivesse me encontrado na carruagem, ontem à noite, ela estaria em minha cama.

Os três ficaram em silêncio, Courtiade de olhos baixos, Talleyrand ainda com os olhos azuis cravados nos de Mireille. Ela finalmente largou a faca, afastou a cadeira e caminhou até a janela. Talleyrand seguiu-a e envolveu-a nos braços.

— Tive tantas mulheres... Pensei que você tivesse morrido. E, mesmo depois, eu... Se você a conhecesse, logo entenderia.

— Eu a conheço — retrucou ela, em voz neutra. Afastou o corpo para olhá-lo nos olhos. — Aquela mulher está por trás de tudo isso. Possui oito das peças.

— Sete — corrigiu ele. Mireille arregalou os olhos, espantada. — A oitava está comigo. Nós a enterramos na floresta, junto com as outras. Mas acho que agi certo, querida, para nos livrar dessa maldição pavorosa. Houve época em que também cobicei todo o Xadrez de Montglane. Cheguei a me aproximar de você e de Valentine na esperança de obtê-lo conquistando a confiança das duas. Mas, em vez disso, vocês conquistaram meu amor.

— Agarrou-a outra vez pelos ombros, tentando adivinhar o que lhe passava pela mente. — Repito: eu a amo. Será que temos de ser arrastados por esse turbilhão de ódio? Este Jogo já não custou um preço muito alto?

Ela afastou-se dele, com o rosto transformado em máscara de amargura.

— Um preço alto demais para que possamos perdoar e esquecer. Aquela mulher assassinou a sangue-frio cinco freiras. Foi ela a responsável por Marat e por Robespierre... Pela execução de Valentine! Você parece ter esquecido... Eu vi minha prima morrer abatida como um animal! — Os olhos verdes adquiriram um brilho anormal, como se estivesse sob a ação de alguma droga. — Vi muitas mortes: Valentine, a abadessa, Marat... Charlotte Corday deu a vida pela minha! As traições daquela mulher não podem ficar sem resposta. Eu lhe digo que vou obter as peças, custe o que custar!

Talleyrand, que recuara um pouco, continuou olhando para ela, com lágrimas nos olhos. Não notou que Courtiade deixou também a mesa e se dirigiu a ele, para tocar com delicadeza seu braço.

— Ela tem razão, monsenhor. Por mais que queiramos todos ser felizes, por mais que queiramos fechar os olhos, esse Jogo não terá fim antes que todas as peças sejam reunidas e colocadas em lugar seguro. O senhor sabe disso tão bem quanto eu. Precisamos interromper a ação de Madame Grand.

— Já não foi derramado sangue demais?

— Não é vingança que desejo — disse Mireille, vendo de olhos fechados o rosto horrendo de Marat quando lhe indicara onde cravar a faca. — Quero as peças. O Jogo tem de terminar.

— Ela me deu uma porque quis, apenas. Nem a força bruta seria capaz de convencê-la a entregar as outras.

— Se você se casar com ela... pelas leis francesas, tudo o que pertence a ela passaria a pertencer também a você. Ela própria seria propriedade sua. — Casar?! — Talleyrand chegou a dar um salto, como se algo o tivesse queimado. — Mas é você que eu amo! E, além disso, sou bispo da Igreja Católica! Esteja ou não o país ligado à Santa Sé, é à lei de Roma que tenho de obedecer, não à francesa! — O senhor poderia obter uma dispensa papal — sugeriu Courtiade, respeitosamente. — Acredito que haja precedentes...— Courtiade, faça o favor de não esquecer quem é seu amo! Isso está fora de cogitação! Depois do que foi dito daquela mulher, como é que vocês têm a coragem de sugerir tal coisa? Estão prontos a vender minha alma por sete daquelas malditas peças?

— Para terminar o Jogo de uma vez por todas — disse Mireille, com o fogo verde ainda aceso nos olhos —, eu venderia a minha própria alma!

CAIRO

FEVEREIRO DE 1799

Shahin fez com que o camelo se ajoelhasse perto das pirâmides de Gizé e deixou que Charlot saltasse da sela para o chão. Desde que chegara ao Egito, fizera questão de que o menino conhecesse logo aquele lugar sagrado. Ficou olhando Charlot encaminhar-se pela areia até a base da grande Esfinge e começar a escalar a pata gigantesca. Finalmente, ele próprio apeou e atravessou, com o manto escuro enfunado pela brisa.

— Esta é a esfinge - disse, quando alcançou o menino ruivo. Charlot, já com quase seis anos, falava cabila e árabe tão bem quanto o francês, era fácil para Shahin comunicar-se com ele.

— Uma figura antiquíssima e misteriosa, com o tronco e a cabeça de mulher e o corpo de leão. Ela fica entre a constelação de Leão e a de Virgem, onde o sol descansa durante o equinócio do verão.

Charlot levantou o olhar para a gigantesca figura de pedra que se erguia a sua frente.

— Se é mulher, como é que tem barba?

— Ela é uma grande rainha, a rainha da Noite. Seu planeta é Mercúrio, o deus da cura. A barba representa o tremendo poder que ela possui.

— Minha mãe também é uma grande rainha, como você mesmo disse. Mas não tem barba.

— Pode ser que ela não queira mostrar todo o poder de que dispõe.

Os dois desviaram a vista para a extensão de areia. A distância, viam-se as muitas tendas do acampamento de onde tinham vindo. Em volta delas, erguiam-se as gigantesas pirâmides, contra a luz dourada do céu, espalhadas como se não passassem de brinquedos esquecidos na planície vazia por alguma criança de tamanho descomunal. Charlot tornou a fixar os olhos azuis em Shahin.

— Quem as deixou por aí?

— Muitos reis, durante muitos milhares de anos... Reis que eram também grandes sacerdotes. Em árabe, nós os chamamos de Içahin, "aquele que conhece o futuro". Entre os fenícios, babilônios e os Khabiru, que hoje são chamados de "hebreus", a palavra que significa "sacerdote" é kphen. Na língua cabila, nós os chamamos de kahuna.

— É isto que sou? - quis saber Charlot, enquanto Shahin o ajudava a descer da pata do leão.

Uma longa fila de montarias se deslocava na direção deles, levantando pequenas nuvens de areia que refletiam a luz.

— Não — respondeu Shahin. — Você é muito mais.

Quando os cavalos pararam, um jovem apeou e foi até eles, a pé, pelo terreno irregular, tirando as luvas enquanto caminhava. Seu longo cabelo castanho balançava sobre os ombros a cada passada. Abaixou-se à frente de Charlot, com o corpo apoiado em um dos joelhos, enquanto o restante da comitiva apeava também.

— Então é você... — disse o jovem, vestido com a jaqueta curta e os culotes apertados do Exército francês. — O filho de Mireille! Eu sou o general Bonaparte, meu jovem. Um grande amigo de sua mãe. Por que ela não veio com você? Disseram-me, no acampamento, que você estava a minha procura.

Napoleão brincou com o cabelo avermelhado e brilhante do menino e pôs-se em pé, guardando as luvas na jaqueta. Em seguida, cumprimentou Shahin com um aceno formal de cabeça, sem esperar pela resposta da criança.

— Você deve ser Shahin — afirmou o general. — Minha avó, Angela-Maria di Pietra-Santa, falava muito a seu respeito. Disse que você é um grande homem. Foi ela quem mandou a mãe deste menino a seu encontro, no deserto, não foi? Deve ter sido há uns cinco anos, ou mais...

Shahin retirou com ar grave o véu que lhe cobria a boca e falou em voz baixa:

— Al-Kalim lhe traz uma mensagem de grande urgência. Deve ser ouvida apenas pelo senhor.

— Antes, venham conosco. Estes são meus oficiais principais — apresentou Napoleão, apontando os soldados. — Vamos partir

amanhã para a Síria. Vai ser uma longa marcha. Seja qual for a mensagem, pode esperar até hoje à noite. Vocês são meus convidados para o jantar, no palácio do rei.

Voltou-lhes as costas, para que o seguissem, mas Charlot segurou sua mão.

— Esta campanha está fadada ao fracasso — afirmou. Napoleão encarou-o de novo, espantado, mas o menino tinha mais a dizer:

— Estou vendo fome e sede. Muitos homens morrerão e nada será conquistado. Você deve voltar para a França. É lá que se transformará em um grande líder, com muito poder sobre todo o mundo; um poder que durará quinze anos. Depois disso, terminará...

Bonaparte soltou a mão. Os oficiais desviaram os olhos, encabulados, mas o jovem general inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Já me tinham dito que você costuma ser chamado de "pequeno profeta"! Contaram-me que, no acampamento, você previu coisas as mais diversas para os soldados: quantos filhos vão ter, em que batalha vão encontrar a glória ou a morte... Gostaria de acreditar que tal visão do futuro existisse mesmo! Se os generais fossem profetas, quantos fracassos seriam evitados!

— Houve um general que foi também profeta - retrucou Shahin, mansamente. — Seu nome era Maomé.

— Eu também li o Alcorão, meu amigo — disse Napoleão, ainda sorrindo. — Mas ele lutava pela glória de Alá. Nós, pobres franceses, lutamos apenas pela glória da França.

— São aqueles que lutam apenas por sua própria glória os que devem ter cautela — insistiu Charlot.

Napoleão encarou-o, já sem sorrir. Os oficiais, atrás deles, cochichavam entre si. O rosto do general ficou carregado de uma emoção que ele se esforçou para controlar.

— Não admito que uma criança me insulte — disse baixo e com raiva. Em seguida, tornou a erguer a voz: — Tenho minhas dúvidas quanto a meu futuro trazer tantas glórias quanto você parece prever, meu jovem amigo! Duvido também que a glória seja tão efêmera. Vou partir ao nascer do sol para atravessar o Sinai. Somente uma ordem de meu governo me faria retornar à França.

Deu as costas outra vez para Charlot e montou, ordenando a um dos oficiais que conduzisse Shahin e o menino ao palácio, no Cairo, para o jantar. Esporeou o animal, e galopou pelo deserto. Os homens hesitaram, sem saber bem o que fazer. Shahin disselhes que ele próprio levaria Charlot ao palácio, pois o menino ainda não tivera tempo de ver bem as pirâmides. Quando se foram, ainda relutantes, Charlot tomou a mão do amigo e perguntou pensativo:

— Shahin, por que o general Bonaparte ficou zangado com o que eu disse? Foi tudo verdade.

Shahin demorou um pouco a encontrar a resposta. Mas, depois de uma longa pausa, traçou uma comparação:

— Imagine-se numa floresta escura, onde não pudesse ver nada e tivesse por única companhia uma coruja capaz de enxergar muito melhor na escuridão. A visão que você tem é como a dela: é capaz de ver o que está à frente, enquanto os outros esbarram na escuridão. Se você fosse como eles, não ficaria com medo, também?

— Pode ser — admitiu o menino. — Mas eu nunca ficaria com raiva da coruja se ela me avisasse que eu estava para cair num buraco!

Antes de responder, Shahin olhou-o por instantes com a sombra de um raro sorriso tomando conta de seus lábios:

— Possuir algo que os outros não têm é difícil e, frequentemente, perigoso. As vezes, convém deixá-los no escuro.

— Como o Xadrez de Montglane... Minha mãe me contou que ele passou mil anos enterrado nas trevas.

— Sim. E isso mesmo.

Naquele instante, chegaram a uma das faces da grande pirâmide. Ali, sobre um manto de lã estendido sobre a areia, havia um homem, sentado entre vários papiros abertos no chão. Sua atenção estava concentrada na pirâmide, mas, mesmo assim, voltou-se ao perceber a aproximação de Charlot e Shahin. E seu rosto iluminou-se quando os reconheceu.

— O pequeno profeta!

Pôs-se em pé e sacudiu a areia das vestes, antes de se encaminhar para eles. O rosto redondo, de queixo largo, abriu-se em um sorriso, quando afastou o cabelo de sobre os olhos.

— Venho do acampamento, e vi os soldados apostando que o general Bonaparte não aceitaria seu conselho! Nosso general não é muito dado a acreditar em profecias... Talvez acredite que esta sua nona cruzada consiga êxito onde as outras fracassaram.

— Monsieur Fourier! - gritou Charlot, abandonando a mão de Shahin para correr ao encontro do físico famoso. — O senhor já descobriu o segredo dessas pirâmides? O senhor está aqui há muito tempo e tem trabalhado tanto...

— Infelizmente, ainda não.

Fourier sorriu e acariciou os cabelos do menino. Shahin juntou-se a eles.

— Só os números destes papiros são algarismos arábicos. O restante é um quebra-cabeça que somos totalmente incapazes de entender. Desenhos, figuras, coisas assim... Disseram-me que alguém encontrou uma pedra, em Rosetta, que parece coberta de inscrições em várias línguas. Pode ser que ela nos ajude a traduzir essas coisas. Soube que a estão levando para a França. Só que, quando conseguirem decifrá-la, eu, provavelmente, já estarei morto! — Riu alto e apertou a mão de Shahin. — Se seu amiguinho fosse mesmo o profeta que você diz, talvez pudesse ler estas figuras para nós, e nos poupar de uma trabalheira infernal...

— Shahin compreende alguns dos desenhos — disse Charlot, com orgulho, andando até perto da pirâmide e examinando as estranhas figuras entalhadas e pintadas na pedra. - Este aqui, este homem com cabeça de pássaro, é o grande deus Thot. Foi um médico, que conseguiu curar todas as doenças. Foi ele quem inventou a escrita, também. Sua tarefa era escrever os nomes de todas as pessoas no Livro dos mortos. Shahin diz que todos nós temos um nome secreto, recebido ao nascer, que está escrito numa pedra e só nos é entregue na hora da morte. E cada deus tem um número, em vez de um nome secreto...

— Um número. — Fourier olhou de lado para Shahin. — Você consegue ler estes desenhos?

— Só conheço as histórias antigas — disse o tuaregue. — Meu povo tem grande reverência pelos números, acredita que tenham propriedades divinas. Cremos que o universo se compõe de números

e que é apenas uma questão de vibrarmos com ressonância correta com eles para que nos tornemos unos com Deus.

— Mas é nisso que eu próprio acredito! — gritou o matemático.
— Sou um estudioso da física das vibrações. Estou escrevendo um livro sobre o que chamo de "teoria harmônica", que é a aplicação disso ao calor e à luz! Vocês, os árabes, descobriram todas as verdades a respeito dos números, verdades sobre as quais se erguem nossas teorias...

— Shahin não é árabe - corrigiu Charlot. — É um homem azul, dos tuaregues.

Fourier olhou para o menino, confuso, e voltou a encarar Shahin.

-Ainda assim, você parece estar familiarizado com as coisas que procuro: as obras de al-Khwarizmi, levadas para a Europa pelo grande matemático Leonardo Fibonacci, os algarismos arábicos e a álgebra, que revolucionaram nossa maneira de pensar... Tudo isso não é originário daqui do Egito?

— Não — respondeu Shahin, de olhos presos à face da pirâmide.
— Veio tudo da Mesopotâmia. Números hindus, trazidos das montanhas do Turquestão. Mas quem conhecia o segredo e o escreveu, finalmente, foi al-Jabir al-Hayan, o químico da corte de Harun al-Rashid, na Mesopotâmia, o rei das Mil e Uma Noites. Este al-Jabir foi um místico sufista, membro dos haxaxin. Escreveu o segredo e, em resultado, foi amaldiçoado para todo o sempre. Ele escondeu a fórmula no Xadrez de Montglane.

XADREZ

I

Em seu austero canto, os jogadores
regem as lentas peças. O tabuleiro
prende-os até a alva no severo
espaço em que se odeiam duas cores.

Dentro irradiam mágicos rigores
as formas: torre homérica, ligeiro
cavalo, armada rainha, rei postreiro,
oblíquo bispo e peões agressores.

Quando os jogadores tiverem ido,
quando o tempo os tiver consumido,
certamente não terá cessado o rito.

No oriente acendeu-se essa guerra
cujo anfiteatro é hoje toda a Terra.

Como o outro, esse jogo é infinito.

II

Tênue rei, oblíquo bispo, encarniçada
rainha, peão ladino e torre a prumo
sobre o preto e o branco de seu rumo
buscam e travam sua batalha armada.

Não sabem que a mão assinalada
do jogador governa seu destino,
não sabem que um rigor adamantino
sujeita seu arbítrio e sua jornada.

Também o jogador é prisioneiro
(a máxima é de Ornar) de um tabuleiro
de negras noites e de brancos dias.

Deus move o jogador, e este, a peça. Que deus detrás de Deus o
ardil começa de pó e tempo e sonho e agonias?*

- JORGE LUIS BORGES

* Xadrez. Jorge Luis Borges, in O Fazedor, tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 66-69.

NOVA YORK

SETEMBRO DE 1973

Finalmente, nós nos aproximamos de outra ilha: uma extensão de cento e noventa quilômetros de terra na plataforma continental do Atlântico, Long Island. No mapa, parece uma carpa gigantesca, cuja boca está prestes a se abrir na direção de Jamaica Bay e engolir a Staten Island, enquanto a cauda agita as nadadeiras na direção de New Haven, espalhando pequenas ilhotas como uma esteira de espuma.

Quando nosso ketch deslizou rumo à terra, com metros e mais metros de velas desfraldadas na brisa, aquela longa e branca linha de costa, pontilhada de pequenas baías e enseadas, pareceu o próprio paraíso. Até mesmo os nomes de que me lembrei — Quogue, Patchogue, Peconic e Masapequa — eram tão exóticos quanto Jerico, Babilônia e Kismet. A agulha prateada da Fire Island parecia abraçar a terra toda recortada. E, em algum lugar por ali, atrás de alguma daquelas curvas, a Estátua da Liberdade erguia aos céus sua tocha de cobre, uns cem metros acima do porto de Nova York, atraindo viajantes vitimados pelas tempestades, como nós, para o portão dourado do capitalismo e da livre iniciativa.

Lily e eu, abraçadas no convés, tínhamos os olhos cheios de lágrimas. Tentei adivinhar o que Solarin achava daquela terra de sol, riqueza e liberdade, tão diferente da escuridão e do medo que, eu achava, cobriam todos os cantos da União Soviética. No mês e pouco que durara nossa travessia do Atlântico, gastáramos dias e dias lendo o diário de Mireille e tentando decifrar a fórmula. E cada um de nós dispendera também muitas noites explorando o coração e a mente do outro. Mas nem uma só vez ele fizera qualquer menção a seu passado na União Soviética ou a seus planos para o futuro. Cada momento que passei com ele pareceu uma gota dourada e congelada de tempo, como as joias que bordavam a capa do Xadrez

de Montglane, igualmente vividas e preciosas. Mas, em ambos os casos, a escuridão sob elas mostrava-se impenetrável.

Agora que ele manejava o barco na direção da ilha, perguntei-me, outra vez, o que seria de nós quando o Jogo terminasse. Claro, Minnie dissera que o Jogo era uma batalha sem fim, uma luta eterna. Mas, no fundo do coração, eu sabia que, pelo menos para nós, o momento final logo chegaria.

Havia barcos ao redor de nós, por todos os lados. Quanto mais nos aproximávamos da ilha, mais o tráfego marítimo parecia congestionado. Velas e bandeiras coloridas tremulavam por toda a parte, sobre o mar espumoso, misturadas ao brilho mais escuro dos iates silenciosos e de pequenos barcos a motor que pululavam como insetos aquáticos. Aqui e ali, víamos as manchas cinzentas das embarcações da Guarda Costeira, deslocando-se devagar; e dos grandes navios da Marinha, ancorados perto da ponta. Eram tantas embarcações, na verdade, que comecei a desconfiar de que algo estava acontecendo. Lily matou minha curiosidade:

- Não sei se é sorte ou azar — disse ela -, mas o comitê de recepção não tem nada a ver conosco. Vocês sabem que dia é hoje? O Dia do Trabalho!

Claro! E a data coincidia também com o último dia da estação de iatismo, o que explicava aquela confusão toda.

Logo a massa de embarcações a nosso redor era tamanha que mal havia espaço para navegar. A fila de espera para entrar na baía devia ter uns quarenta barcos. Portanto, decidimos velejar mais uns quinze quilômetros para o sul, até a barra de Moriches, onde a Guarda Costeira, ocupada com o reboque de barcos, tripulações e passageiros embriagados de dentro da água, dificilmente notaria uma pequena embarcação como a nossa — que navegava semiescondida, ao longo da costa, desde as Bahamas, cheia de imigrantes ilegais e de bens contrabandeados, e que estava prestes a entrar no país bem debaixo de seus confiantes narizes.

A fila parecia mais rápida ali. Lily e eu arriamos as velas e Solarin ligou o motor e baixou as boias de proteção em volta do casco, para evitar que fôssemos danificados por algum abalroamento, naquele tráfego pesado. Outro barco, em sentido contrário, passou tão perto

de nós que um passageiro, fantasiado de almirante, conseguiu deixar na mão de Lily um copo plástico de champanhe, com um cartão atado por uma fita — nossa presença passou a ser esperada, às seis da tarde, no coquetel oferecido no Iate Clube Southampton.

Tive a impressão de que passamos horas naquela situação, arrastando-nos vagarosamente na procissão, tão lentos que perdemos toda a energia, enquanto um pessoal festivo se divertia e comemorava ao redor. Como na guerra, pensei, é sempre o último momento, o confronto final, que decide-tudo. Da mesma forma, é o soldado que já tem no bolso os papéis da baixa que acaba atingido pela bala do franco-atirador. Embora o perigo à frente não fosse tão grande, apenas uma multa de uns cinquenta mil dólares, mais uns vinte anos de prisão por admitirmos no país um espião soviético, não consegui parar de pensar que o Jogo ainda não terminara.

Finalmente, conseguimos nos aproximar da praia de Westhampton. Nenhum perigo à vista. Solarin desembarcou Lily e eu no píer, juntamente com Carioca, a bolsa com as peças e as mochilas que continham nossa pouca bagagem. Em seguida, tornou a afastar o barco, lançou âncora e, vestido apenas com uma sunga, nadou a pequena distância até a praia. Caminhamos para um bar das proximidades, a fim de vestirmos roupas secas e traçarmos os próximos planos. Lily foi até o telefone para informar Mordecai sobre nossa chegada. De volta à mesa, resmungou que não conseguira falar com ele.

Eu já providenciara três bloody marys e começamos a tomá-los. Tínhamos de levar aquelas peças a Mordecai, de qualquer jeito. No mínimo, precisávamos sumir dali, até que conseguíssemos contato com ele.

— Meu amigo Nim tem uma casa perto de Montauk Point, a mais ou menos uma hora de distância — disse eu. — A estação de trem fica aqui perto. É só darmos uma caminhada até Quogue. Podemos mandar um recado para Mordecai, avisando que já chegamos, e seguir para Montauk Point. Acho que entrar em Manhattan, sem mais nem menos, é perigoso demais.

Seria fácilimo para qualquer um nos cercar naquele labirinto de ruas de mão única, deixando-nos sem saída. Depois de tudo o que

já passáramos, não poderíamos permitir que nos imobilizassem como a Peões em um tabuleiro de xadrez.

— Tive uma ideia! — exclamou Lily. — Eu posso ir à procura de Mordecai. Ele nunca se afasta muito do pequeno "bairro dos diamantes". Na certa vai estar naquela livraria onde você o conheceu, ou em um restaurante qualquer ali por perto. Nós dois traremos, em um carro, as peças que Minnie disse que estão com ele. Quando chegarmos à ilha, eu telefono para a casa de Nim, em Montauk Point.

— Nim não tem telefone, a não ser o que fica ligado ao computador. Espero que ele se dê ao trabalho de verificar os recados. Caso contrário, corremos o risco de ficar esquecidos na casa.

— Então, vamos marcar uma hora — disse ela. — Que tal nove da noite? Assim, terei tempo de achar Mordecai, contar a ele tudo a respeito de nossas aventuras, do que aprendi de xadrez com Solarin... E meu avô, afinal, e não o vejo há meses...

Tive de concordar que parecia um plano sensato. Liguei para o computador de Nim e deixei o recado: chegaríamos dentro de mais ou menos uma hora, de trem. Engolimos às pressas o resto dos drinques e saímos a pé, na direção da estação — Lily para seguir através de Manhattan, ao encontro de Mordecai; Solarin e eu, no sentido oposto.

Na estação simples, aberta, de Quogue, o trem de Lily chegou antes do nosso, por volta das duas horas. Ao embarcar, com Carioca debaixo do braço, ela voltou-se para nós:

— Se eu tiver algum problema para chegar lá às nove, telefono para o tal computador.

Solarin e eu estudamos os horários dos trens, mas logo desistimos de chegar a qualquer conclusão. A ferrovia de Long Island tem uma antiga tradição de montar seus cronogramas com base nos mesmos cálculos de probabilidades de uma loteria de números. Sentei em um banco de pedra e fiquei apreciando o rebanho de passageiros que passava por nós. Solarin largou a bagagem no chão e sentou-se a meu lado. Suspirou, resignado, com os olhos nos trilhos desertos.

— Isto aqui parece a Sibéria — comentou. — Pensei que os ocidentais fossem organizados, pontuais, que os trens sempre obedecessem a horários rígidos...

Tornou a levantar-se e começou a andar de um lado para o outro, como um animal na coleira, entre a pequena multidão de passageiros. Perdi a paciência com ele e fiquei em pé, também. Joguei sobre o ombro a bolsa com as peças. Bem naquele instante, o sistema de som anunciou nosso trem.

São só uns setenta quilômetros de Quogue a Montauk Point, mas a viagem levou mais de uma hora. Contando a caminhada inicial e mais a espera na estação, já fazia mais de duas horas desde que eu deixara o recado no computador. Mesmo assim, não tinha esperança de que Nim fosse nos buscar na estação. Pelo que conhecia dele, não ficaria surpresa se soubesse que ele checava os recados de mês em mês.

Fiquei feliz, portanto, quando divisei seu vulto esguio andando em nossa direção, com o cabelo acobreado sacudido pelo vento, o cachecol branco esvoaçando a cada passada. Quando me viu, abriu um sorriso enorme e acenou. Então, começou a correr, quase esbarrando nos passageiros, que se encolhiam para evitar colisões. Agarrou-me pelas duas mãos e, em seguida, deu-me um abraço que tirou meu corpo do chão. Quase me sufocou. Rodou meu corpo pelo ar, deixou-me tonta e finalmente pôs-me de volta no chão, afastando-se um pouco para me ver melhor.

— Meu Deus! Meu Deus! - disse ele, sacudindo emocionadamente a cabeça. — Achei que você tinha morrido! Não consigo dormir desde que soube de que maneira você saiu de Argel. Aquela tempestade... Perdemos completamente sua pista! — Não conseguia tirar os olhos de mim. — Foi horrível pensar que eu mandara você para a morte...

— Realmente, ter você como orientador não foi muito saudável... O sorriso dele pareceu ainda mais aberto. Tornou a me agarrar com outro abraço — mas, de repente, senti seu corpo enrijecer-se. Largou-me, devagar, e pude ver bem seu rosto: tinha o olhar fixo, por cima de meu ombro, com uma expressão que misturava

surpresa e incredulidade. Ou talvez houvesse medo, também; não consegui descobrir.

Virei o rosto para trás e vi Solarin descendo a escadinha do trem, carregado com a coleção de mochilas. Ele olhava para nós com a mesma expressão fria que eu vira em seu rosto no clube de xadrez. Cravou em Nim os olhos verdes, que brilhavam à luz do poente. Achei que era hora de explicar a Nim quem ele era, mas notei que os lábios de meu amigo balbuciavam alguma coisa, com os olhos pregados em Solarin como se vissem um fantasma ou um monstro. Tive de me esforçar para ouvir o que ele dizia:

— Sacha? — A voz mais pareceu um soluço. — Sacha... —

Solarin estava em pé, imóvel na escadinha, atrapalhando o desembarque dos outros passageiros. Seus olhos encheram-se de lágrimas, que começaram a escorrer pelo rosto.

— Slava! — gritou, num soluço emocionado.

Largou tudo no chão e correu para nós. Passou por mim e atirou-se nos braços de Nim, trocando com ele um abraço de urso. Tive a impressão de que esmagariam um ao outro. Tratei de pegar a bolsa que continha as peças. Quando voltei, os dois ainda choravam. Os braços de Nim envolviam a cabeça de Solarin, como se tentasse arrancar-lhe o cabelo. Afastaram-se um pouco, olharam-se bem e tornaram a se agarrar. Fiquei só olhando, sem entender nada. Os passageiros passavam por nós como um riacho por um monte de pedras, com uma indiferença que só os nova-iorquinos conseguem ostentar.

— Sacha!

Nim repetiu várias vezes o mesmo nome, agarrado fortemente a Solarin, que afundou a cabeça em seu ombro, de olhos fechados, com lágrimas correndo pelo rosto. Agarrou-se também, com uma das mãos, ao ombro de Nim. Eu não podia acreditar no que via.

— Tenho a impressão de que vocês dois já se conhecem — resmunguei, irritada, porque, mais uma vez, ninguém se dera ao trabalho de me explicar nada.

— Não nos víamos há mais de vinte anos — disse Nim, sorrindo para Solarin.

Voltou para mim aquele olhar estranho, de olhos bicolores, e acrescentou:

— Mal consigo acreditar em toda a alegria que você me trouxe, querida. Sacha é meu irmão.

Não cabíamos muito bem, os três e a bagagem, no minúsculo Morgan de Nim. O jeito foi eu me sentar no colo de Solarin, que, por sua vez, se acomodou sobre a bolsa com as peças. As mochilas foram enfiadas onde descobrimos algum espaço, e lá fomos nós. Nim olhava o tempo todo para o irmão, com um ar de quem não podia acreditar, apesar de toda a alegria.

Foi estranho ver aqueles dois homens, em geral tão frios, tão contidos, desabarem de repente sob o peso das emoções. Eu mesma comecei a me emocionar enquanto o carrinho seguia em frente, com o vento subindo pelas tábuas do chão. Tudo aquilo parecia tão profundo e obscuro quanto a própria alma russa, e pertencia apenas a eles. Não podia ser compartilhado. De repente, Nim inclinou-se e apertou-me o joelho, que eu procurava manter afastado da alavanca de mudança.

— Acho que convém lhe contar tudo... — disse ele. — Eu certamente me sentiria melhor...

— Foi só para proteger você, e a nós próprios, que não contei antes — sorriu Nim. — Aleksandr e eu não nos víamos desde crianças. Ele tinha seis anos, e eu dez, quando nos separamos... — Começou a chorar de novo, e passou a mão pelo cabelo do irmão, como se tivesse medo de que o outro voltasse a sumir.

— Deixe que eu conto - disse Solarin, sorrindo em meio às lágrimas.

— Vamos contar juntos!

Enquanto o Morgan sem capota rodava pela costa, na direção da exótica residência de Nim, os dois começaram a contar uma história que me revelou o quanto o Jogo lhes custara.

O RELATO DOS DOIS FÍSICOS

Nascemos na ilha de Krim, na península do mar Negro descrita por Homero. A Rússia sempre quis conquistá-la, desde os tempos de Pedro, o Grande, e ainda tentava quando aconteceu a Guerra da Crimeia.

Nosso pai foi um marinheiro grego que se apaixonou por uma soviética e acabou se casando com ela - nossa mãe. Com o tempo, tornou-se um negociante próspero, proprietário de uma esquadra de pequenas embarcações.

Com o Final da guerra, as coisas começaram a piorar. O mundo todo transformou-se em uma bagunça, e mais ainda o mar Negro, cercado de países que ainda se consideravam em estado de guerra.

No lugar onde morávamos, a vida era uma beleza. O clima mediterrâneo do litoral sul, abrigado da neve e do vento cruel pelas montanhas que nos cercavam; as oliveiras; os loureiros e ciprestes; as ruínas restauradas de aldeias tártaras e de mesquitas bizantinas; os pomares de cerejeiras... Era um paraíso, distante dos expurgos e dos crimes de Stálin, que, Fiel ao significado de seu próprio nome, ainda governava a União Soviética com pulso de aço.

Mil vezes nosso pai pensou em partir dali. Mas sempre, no final, apesar dos inúmeros contatos que mantinha com outros mercadores, donos de esquadras que singravam o Danúbio e o Bósforo, que nos garantiriam uma passagem segura, acabava lhe faltando a coragem de ir embora. Ir para onde? Ele se perguntava. Certamente não de volta à Grécia, nem para a Europa, que ainda se debatia nos esforços da reconstrução do pós-guerra. Foi então que algo aconteceu, algo que o levou a decidir e que mudou o curso de nossas vidas.

Foi em uma noite do final de dezembro de 1953, na escuridão de uma tempestade que se aproximava. Já nos deitáramos todos, as janelas da dacha estavam fechadas, o fogo das lareiras reduzira-se a brasas. Nós dois, que dormíamos em um quarto do pavimento

térreo, fomos os primeiros a ouvir as batidas na janela — um som diferente dos que faziam os galhos da romãzeira. Eram, com certeza, feitos por uma mão humana golpeando as persianas. Abrimos a janela e vimos, lá fora, em meio à tempestade, uma mulher de cabelos de prata, vestida com um longo manto escuro. Sorriu para nós, entrou pela janela e logo ajoelhou-se no chão a nosso lado. Era linda!

— Sou sua avó, Minerva — disse ela. — Mas vocês podem me chamar de Minnie. Venho de muito longe. Estou cansada, mas não tenho tempo para repouso. Corro grande perigo. Acordem sua mãe e digam-lhe que estou aqui.

Abraçou-nos, com ar digno e majestoso. Corremos para cima, a fim de chamar nossos pais.

— Então ela veio, finalmente, sua famosa avó... — resmungou papai, dirigindo-se a mamãe.

Ficamos surpresos, porque Minnie nos dissera que era nossa avó. Como podia ser, ao mesmo tempo, avó de nossa mãe? Papai passou o braço sobre o ombro de mamãe, que, imóvel e descalça, tremia no quarto escuro. Beijou-lhe os cabelos de cobre, beijou-lhe os olhos.

— Ficamos tanto tempo esperando, tivemos tanto medo — murmurou ele. — Agora, pelo menos, vai acabar logo. Eu vou descer para vê-la, enquanto você se veste.

Nosso pai levou-nos para onde Minnie esperava, ao lado do fogo quase extinto da lareira. Ela voltou para ele os olhos grandes e correu a seu encontro, com um abraço.

— Iosif Pavlovitch! — Falava um russo fluente, como quando se dirigira a nós dois. — Estou sendo seguida. Não há muito tempo. Precisamos fugir, todos nós. Você tem algum barco preparado em Ialta, ou em Sebastopol? Agora mesmo?

— Não estou pronto para isso — disse ele, pondo as mãos sobre nossos ombros. — Não posso sair de repente com minha família, num tempo desses, pelo mar ruim do inverno... Você deveria ter nos avisado antes, para que nos preparássemos. O que me pede é coisa que não posso fazer numa hora dessas, no meio da noite...

— Estou lhe dizendo que temos de ir agora! — gritou ela, agarrando-se ao braço dele e nos afastando. — Você esperou por

este dia durante quinze anos! Pois bem, o momento chegou. Como pode dizer que não foi avisado? Viajei de Leningrado até aqui...

— Então você o encontrou?

Havia nervosismo e avidez na voz de nosso pai.

— Do tabuleiro não achei nem vestígio. Mas estas aqui eu consegui recolher...

Foi até a mesa, abrindo a frente do manto, e colocou sobre o tampo não uma, mas três peças reluzentes de xadrez, de ouro e prata.

— Estavam espalhadas por toda a Rússia — explicou.

Nosso pai ficou como que hipnotizado pelas peças e nós dois nos aproximamos para tocá-las, com cuidado. Um Peão de ouro, um Elefante de prata, ambos cobertos de pedras preciosas, e um Cavalo de prata que parecia renda, empinado sobre as patas traseiras, com as narinas dilatadas.

— Você precisa correr para o porto e providenciar um barco — insistiu Minnie. — Vou atrás de você logo em seguida, assim que as crianças se aprontarem. Mas, pelo amor de Deus, vá depressa! E leve as peças!

— São meus filhos e minha mulher! - ainda protestou ele. - Respondo pela segurança deles.

Mas Minnie começou a nos empurrar de volta ao quarto. Seus olhos brilhavam com incrível intensidade.

— Se essas peças caírem nas mãos dos outros, você não conseguirá proteger ninguém!

Nosso pai encarou-a por um instante e pareceu ter tomado uma decisão.

— Tenho uma escuna de pesca em Sebastopol. Slava sabe onde ela está. Em duas horas, no máximo, estarei pronto para levantar âncora. Apareça lá antes disso. E que Deus nos proteja...

Minnie apertou-lhe o braço e ele correu de volta para o quarto, subindo a escada aos saltos.

Nossa recém-descoberta avó mandou que nos vestíssemos rapidamente. Nossos pais logo desceram. Papai abraçou mamãe outra vez, mergulhou o rosto em seus cabelos, como se quisesse guardar seu perfume na memória. Beijou-a na testa, com carinho, e

voltou-se para Minnie, que lhe entregou as peças. Papai inclinou a cabeça, com ar solene, e atravessou a porta, mergulhando na escuridão da noite.

Mamãe escovava os cabelos e seu olhar parecia ainda sonolento, quando começou a nos ordenar que trouxéssemos do segundo andar as coisas que ela levaria. Da escada, ouvimos sua voz baixa, dirigida a Minnie:

— Então você veio... Que Deus a castigue por começar de novo este maldito Jogo! Pensei que ele tivesse acabado, para sempre!

— Não fui eu quem o começou. Dê graças a Deus por esses quinze anos de paz, quinze anos com um marido que a ama e com crianças que sempre ficaram a seu lado. Quinze anos sem sentir o hálito do medo às costas! Foi mais do que eu jamais pude ter. Fui eu quem a mantive afastada do Jogo...

Foi tudo o que conseguimos ouvir. Logo as vozes se transformaram em sussurros e, naquele mesmo instante, percebemos passadas do lado de fora da casa e batidas violentas à porta. Olhamos um para o outro e corremos para cima. Minnie apareceu de repente na porta do quarto, com o rosto como que iluminado por um brilho sobrenatural. Ouvimos os passos de nossa mãe, subindo velozmente a escada, e logo os ruídos da porta arrombada, lá embaixo. Gritos de homens sobrepuseram-se ao som da tempestade.

— Pela janela! — gritou Minnie.

Ergueu-nos, um de cada vez, até os galhos da figueira que quase se encostava à parede da casa. Já a tínhamos escalado centenas de vezes. Estávamos no meio da descida, pendurados nos galhos como macaquinhos, quando nossa mãe gritou:

— Fugam! Fugam, pelo amor de Deus!

Não ouvimos mais nada. A chuva nos engoliu quando saltamos para o chão macio e escuro do pomar.

O grande portão de ferro abriu-se a nossa frente. Ao longo da alameda comprida que levava à casa de Nim, as copas das árvores inclinavam-se sobre nós, brilhando à luz da tarde. Chegamos ao laguinho que eu vira congelado no inverno, e que agora estava cercado por dalias e zínias. A água batia contra as margens com um

murmúrio suave, acompanhando os movimentos do mar, muito próximo.

Nim parou o carro à porta da casa e voltou-se para mim. Sentada no colo de Solarin, eu sentia seu corpo tenso, enrijecido.

— Foi a última vez que vimos nossa mãe - completou Nim.

— Minnie saltou da janela e juntou-se a nós no pomar. A chuva já formara poças entre as árvores, e saímos correndo pelo meio delas. Mesmo com todo o barulho da chuva, continuamos ouvindo os gritos de mamãe, os gritos dos homens que haviam invadido nossa casa. "Procurem na floresta!", comandou alguém, enquanto Minnie nos conduzia na direção oposta, para os penhascos.

— Meu Deus! — Eu tremia da cabeça aos pés. — Eles pegaram sua mãe! E como vocês escaparam?

— No final do pomar havia rochedos que desciam até a beira do mar. Quando chegamos a eles, Minnie passou por cima da mureta de proteção e nos conduziu para uma pequena gruta, coberta por uma ponta de pedra. Vi que tinha na mão uma espécie de livro, com capa de couro. Com uma faca, cortou algumas folhas, dobrou-as depressa e colocou-as dentro de minha camisa. Em seguida, mandou que eu descesse o restante dos penhascos, corresse até o porto o mais depressa que pudesse e dissesse a meu pai para esperar por ela e por Sacha. Mas para esperar apenas uma hora. Se os dois não chegassem dentro do prazo, meu pai e eu deveríamos fugir e levar as peças para um lugar seguro. De início, eu não quis ir sem meu irmão.

Olhou para Solarin com uma expressão grave.

— Mas eu só tinha seis anos — Solarin dirigiu-se a mim.

— Não seria capaz de descer os penhascos com a mesma rapidez de Ladislaus, quatro anos mais velho e muito mais ágil. Minnie ficou com medo de que fôssemos todos capturados, se tentássemos descer juntos. Quando Slava resolveu obedecer, deu-me um beijo e disse-me para ter coragem... — A recordação encheu-lhe os olhos de lágrimas, outra vez. — Tive a impressão de que Minnie e eu levamos horas para descer, sob a tempestade. Finalmente, conseguimos chegar ao porto, mas o barco de meu pai já partira.

Nim desceu do carro. Seu rosto parecia uma máscara sombria. Veio abrir a porta e oferecer-me a mão, para ajudar-me a sair. Continuou contando:

— Eu mesmo levei mais de dez tombos, nas rochas e na lama, até chegar ao barco. Quando me viu sozinho, papai ficou assustado. Contei-lhe o que acontecera, o que Minnie dissera a respeito das peças. E ele começou a chorar. Sentou-se com a cabeça entre as mãos, soluçando como uma criança. Perguntei-lhe o que aconteceria se voltássemos, para tentar salvar os outros, que aconteceria se as peças fossem mesmo capturadas. Ele olhou-me com o rosto lavado por chuva e lágrimas, e respondeu que jurara a minha mãe que nunca permitiria que tal coisa acontecesse, mesmo que custasse as vidas de todos nós...

— Você quer dizer que zarparam sem esperar por Minnie e Aleksandr?

Solarin estava saindo também do carro, com esforço, e trazendo a bolsa das peças.

— Não foi assim tão simples — disse Nim, com tristeza.

— Esperamos durante horas, até muito depois de terminado o prazo que Minnie considerara seguro. Meu pai passou o tempo todo andando de um lado para o outro no convés. Eu não parava de subir à gávea, na esperança de vê-los chegar, apesar da tempestade. Acabamos concluindo que não viriam mais. Só pudemos pensar que tinham sido capturados. Quando meu pai começou a se afastar do porto, ainda lhe implorei para que esperasse um pouco mais, só um pouco. Foi então que ele me contou que tudo aquilo fora previsto havia muito tempo, até mesmo planejado. Disse-me que não era apenas para o alto-mar que estávamos indo, era para a América. Desde que se casara com minha mãe, ou antes mesmo, ele sempre soubera do Jogo. Soubera que um dia Minnie nos procuraria e nossa família seria forçada àquele sacrifício terrível. O dia finalmente chegara e, em questão de poucas horas, quase toda a família desaparecera. Mas o juramento que fizera a minha mãe fora o de salvar as peças a qualquer custo, mesmo que fosse preciso sacrificar os próprios filhos.

— Meu Deus! - murmurei.

Estávamos em pé, parados à entrada da casa. Não consegui tirar os olhos dos dois. Solarin foi até o laguinho e molhou as pontas dos dedos.

— Não sei como vocês puderam concordar em fazer parte deste Jogo, depois que ele destruiu quase toda a família numa só noite! — comentei.

Nim passou o braço em volta de meus ombros. Solarin estava com o olhar perdido na água, mas percebi que ele reparou na mão do irmão em meu ombro.

— Você também se esforçou e correu perigo. E nem é neta de Minnie... — retrucou Solarin. — Mas deve ter sido Slava quem a seduziu para entrar também, não foi?

Sem sucesso, tentei adivinhar, pela expressão do rosto, o que se passava em sua mente. Acabei desviando os olhos. Nim deu-me um apertão no ombro.

— *Mea culpa* — admitiu, sorrindo.

— O que aconteceu a você e Minnie depois que descobriram que o barco já tinha ido embora?

Solarin arrancava pétalas de uma zínia e atirava-as na superfície do lago.

— Ela levou-me para a floresta e manteve-me escondido até o final da tempestade. Depois, caminhamos três dias pela costa, na direção da Geórgia, como se fôssemos camponeses indo para o mercado. Quando já estávamos a uma distância segura de casa, paramos e ela disse que eu já tinha idade suficiente para entender o que ia me dizer, mas não para ajudá-la em sua missão. "Mas um dia vai poder, e nesse dia eu mando buscá-lo e digo-lhe o que tem de fazer", acrescentou. Mas, de imediato, ela própria teria de tentar salvar minha mãe, e eu só atrapalharia se fosse junto. - Ergueu os olhos para nós, parecendo distante.

— Compreendi perfeitamente a situação.

— Minnie voltou para enfrentar a polícia soviética, para salvar sua mãe?!

— Você fez mais ou menos a mesma coisa por sua amiga Lily, não fez?

Nim interrompeu, abraçando-me mais forte, de lado, e olhando para o irmão.

— Minnie colocou Sacha num orfanato. Nosso pai morreu pouco depois de termos chegado aqui, de forma que fui obrigado a me arranjar sozinho, como Sacha também teve de fazer, na União Soviética. Nunca pude ter certeza, mas sempre soube, de algum jeito, do fundo do coração, que o menino-prodígio Solarin, de quem os jornais falavam no noticiário de xadrez, era na verdade meu irmão. Adotei o sobrenome Nim como uma espécie de brincadeira secreta, porque ganhava a vida com expedientes nem sempre muito legais... Foi Mordecai, que conheci no Clube de Xadrez de Manhattan, quem descobriu quem eu realmente era.

— E o que aconteceu com sua mãe?

— Minnie chegou tarde demais... — respondeu Solarin, baixando os olhos. — Ela própria quase não conseguiu escapar. Muito tempo depois, recebi uma carta, no orfanato. Nem era bem uma carta, só havia um recorte de jornal, acho que do Pravda, no envelope. Apesar de não ter data nem remetente, e de ter sido postado de dentro da União Soviética, eu logo adivinhei quem o mandara. O recorte dizia que o famoso Mestre Mordecai Rad visitaria o país para uma série de conferências a respeito do xadrez no mundo, para partidas de exibição e para procurar crianças talentosas, colhendo material para um livro que escrevia. Por coincidência, um dos lugares que pretendia visitar era meu orfanato. Entendi que Minnie tentava fazer contato comigo.

— E o resto já virou História — completou Nim, ainda abraçado a mim. Passou o outro braço pelos ombros do irmão e conduziu-nos para dentro. Atravessamos várias salas cheias de vasos de flores coloridas e mobília de madeira reluzente. Na cozinha enorme, o sol poente atravessava as janelas e formava poças de luz no chão. Os sofás de forro florido eram ainda mais acolhedores do que tinham me parecido na visita anterior.

Nim finalmente soltou nossos ombros, mas logo voltou a colocar as duas mãos sobre os meus, olhando-me com carinho.

— Você me trouxe o maior de todos os presentes — disse ele.

— É um milagre que Sacha esteja aqui, mas o milagre ainda maior é você estar viva. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa tivesse acontecido com você.

Tornou a me dar um abraço e sumiu na direção da despensa.

Solarin tinha largado a bolsa das peças e, junto a uma janela, olhava para o gramado que ia até o mar. A água ainda estava coalhada de embarcações. Fui me juntar a ele.

— É uma casa linda - disse ele, com os olhos nas fontes do gramado dos fundos, que despencavam em vários níveis e iam formar a piscina. Fez uma longa pausa e acrescentou: — Meu irmão está apaixonado por você.

Tive a sensação de que um punho gelado apertava meu estômago.

— Não diga bobagens!

— Isso tem de ser discutido.

Finalmente, encarou-me com seus olhos verdes, que sempre me faziam sentir as pernas bambas. Fez menção de passar a mão em meus cabelos, mas, naquele justo momento, Nim voltou da despensa, equilibrando uma garrafa de champanhe e copos.

— Temos tanta coisa para discutir, tanta coisa para recordar... - disse a Solarin, enquanto abria o champanhe. — Ainda não consegui acreditar de todo que você esteja mesmo aqui. Acho que nunca mais vou deixar você ir embora outra vez!

— Talvez seja forçado a deixar.

Solarin tomou minha mão e levou-me para um dos sofás. Sentou-se a meu lado. Nim serviu a bebida.

— Agora que Minnie saiu do Jogo, alguém terá de ir à União Soviética para conseguir o tabuleiro.

— Minnie deixou o Jogo?! — Nim parou o braço com a garrafa ainda em pleno ar. — Como? Não é possível!

— Temos uma nova Rainha preta — sorriu Solarin. — E parece que foi você mesmo quem a escolheu.

Nim voltou-se para mim, de olhos arregalados. Aos poucos, seu rosto foi demonstrando o entendimento.

— Que diabo! — Retomou a tarefa de servir champanhe. — Agora ela deve desaparecer de novo, sem deixar rastros, e nós é

que vamos ter de acertar todos os detalhes...

— Não. Não é bem assim. - Tirou de dentro da camisa um envelope.

Ela mandou que eu entregasse isto a Catherine, quando chegássemos aqui. Não abri, é claro, mas deve conter informações importantes para todos nós.

Entregou-me o envelope. Eu ia começar a abri-lo quando um barulho estridente nos surpreendeu. Levei algum tempo para identificá-lo: era o telefone!

— Você não disse que não tinha telefone? — Olhei para Nim com jeito de acusadora.

Ele correu para o lugar onde ficavam os fogões e armários.

— Não tenho, mesmo.

A voz mostrava-se tensa. Remexeu um bolso até encontrar a chave certa e abriu com ela um dos armários. Tirou de lá um objeto muito parecido com um telefone, ainda tocando, estridentemente.

— Isto aqui pertence a outra pessoa. Acho que é o que se costuma chamar de "telefone vermelho", embora seja cinzento.

Tirou o fone do gancho. Solarin e eu ficamos em pé.

— Só pode ser Mordecai - cochichei para Solarin, e fui juntar-me a Nim. — Lily deve ter chegado lá.

Nim olhou-me com ar preocupado e passou-me o fone.

— Alguém quer conversar com você. Olhou para Solarin, de modo estranho.

— Mordecai? Sou eu, Cat. A Lily está aí?

— Querida!

Aquela voz retumbante sempre me fazia afastar o aparelho do ouvido: era Harry Rad.

— Então posso concluir que você fez uma boa viagem no meio daqueles árabes! Que ótimo... Precisamos nos ver para trocarmos algumas fofocas. Mas acho que aconteceu alguma coisa, querida. Estou na casa de Mordecai. Ele me telefonou e disse que Lily avisara que estava a caminho daqui. Ela ligou da Grand Central Station. Claro que vim correndo para cá. Mas ela não chegou até agora...

Fiquei completamente confusa.

— Eu tinha entendido que você e Mordecai não se falavam!

— Bobagem, querida... — respondeu ele, de jeito manso, conciliador. — Mordecai é meu pai, afinal. Claro que nos falamos. Agora mesmo estou falando com ele... Quero dizer, estou falando com você, mas ele está ouvindo.

— Blanche disse que...

— Ah! Mas isso é diferente... Me perdoe por dizer uma coisa dessas, mas minha esposa e meu cunhado... eles não são muito decentes. Sempre temi pela segurança de Mordecai, desde que me casei com Blanche Regine, se é que você me entende... Fui eu que não deixei que meu pai se aproximasse de minha casa.

Blanche Regine. Blanche Regine? Mas era claro! Que idiota eu fora! Como não vira antes o que estava diante de meu nariz? Blanche e Lily, Lily e Blanche... As duas palavras significavam "branco", era óbvio! Dera à filha o nome "Lily" — a branca, pura e imaculada flor-de-lis —, na esperança de que ela lhe seguisse os passos. Blanche Regine, "Rainha branca"!

Minha cabeça começou a rodar, ainda agarrada ao telefone. Solarin e Nim, ainda a meu lado, continuavam mudos e imóveis. Era claro: fora Harry! Fora Harry o tempo todo! Harry, para quem Nim me mandara, recomendada profissionalmente... Harry, que forçara uma impossível amizade entre mim e seus familiares... Harry, que compreendera tão bem quanto o próprio Nim meu domínio das técnicas de processamento de dados... Harry, que me convidara para o encontro com a vidente - que, na verdade, me obrigara a ir a seu encontro na noite de Ano-Novo!

E prendera-me em sua casa, naquela noite do jantar, com todos os pratos requintados e canapés, dando a Solarin tempo de entrar em meu apartamento e deixar o bilhete! E fora ele também quem, "por acaso", em meio a uma discussão boba com a empregada Valerie, revelara que eu estava de partida para a Argélia... Logo Valerie, filha de Therese, a telefonista que trabalhara para o pai de Kamel em Argel...

Valerie, cujo irmãozinho, Wahad, vivia na casbá, cuidando da segurança da Rainha preta!

Fora Harry que Saul traíra, pondo-se a serviço de Blanche e de Llewellyn. E não era improvável que tivesse sido o próprio Harry

quem jogara o corpo de Saul no East River, de forma a que parecesse mais uma simples vítima de assalto — talvez para enganar não apenas a polícia, mas também a esposa e o cunhado!

Harry — e não Mordecai — mandara Lily para a Argélia. Sabia que a filha, depois de envolvida naquele jogo de xadrez, no clube, estava sob ameaça, não só de Hermanold, que não devia passar de mero Peão, mas da própria mãe e do tio!

E, finalmente, Harry se casara com Blanche, a Rainha branca, da mesma forma que Talleyrand se casara com a mulher da Índia, persuadido por Mireille. Mas Talleyrand não passava de um Bispo...

— Harry! — Em estado de choque, eu mal conseguia articular as palavras. — Você é o Rei preto!

— Querida... — disse ele, com voz mansa. Cheguei quase a ver o rosto calmo, as bochechas de cachorro são-Bernardo, arriadas ao lado do queixo, os olhos tristes. — Desculpe ter deixado você no escuro esse tempo todo... Mas agora, pelo menos, você já sabe o motivo. Se Lily não está aí com você...

— Não. Não está. Volto a telefonar para você num instante. Agora tenho de desligar.

Agarrei Nim pela camisa e pude ver claramente o medo em seu rosto.

— Ligue para seu computador! — comandei. — Ela disse que, se alguma coisa não desse certo, deixaria um recado. Espero que ela não tenha feito nada precipitado demais!

Nim discou um número e, quando a ligação se completou, conectou rapidamente o modem. Agarrei-me ao fone e logo ouvi a voz de Lily, reproduzida em sistema digital:

— Estou no bar do hotel Plaza.

Pode ter sido minha imaginação, mas tive a impressão de que a reprodução em sistema binário parecia tão emocionada quanto uma voz de verdade.

— Fui até minha casa, para pegar as chaves do carro, que guardamos normalmente na sala de estar. Mas... Meu Deus!

Houve uma pausa. Tornei a sentir a tensão e o pânico através dos aparelhos.

— Você se lembra daquela pavorosa arca chinesa laqueada de Llewellyn? Aquela com puxadores de metal? Não são puxadores nem são de metal barato! São as peças! São seis, embutidas na arca! O que fica para fora são as bases, mas as peças, a parte que interessa em cada uma, ficam dentro da arca, num fundo falso! As gavetas nunca funcionaram direito, mas eu nem desconfiava... Comecei a forçar uma delas com a espátula de abrir correspondência, e acabei usando um martelo, que encontrei na cozinha, para arreventar o fundo falso. Consegui pegar duas peças, mas então ouvi alguém entrando no apartamento. Sai correndo pelo elevador de serviço... Meu Deus! Vocês têm de vir logo para cá! Não posso entrar lá sozinha de novo!

Logo em seguida ouvi o clique do telefone desligando. Ainda esperei um pouco, para ver se havia outro recado. Nada.

— Temos de ir para lá — disse eu a Solarin e Nim, que permaneciam nos mesmos lugares, imóveis, ansiosos. — No caminho eu explico.

— E Harry? — quis saber Nim, no momento em que enfiei a carta de Minnie no bolso, ainda sem ler, e corri para apanhar a bolsa das peças.

— Vou telefonar para avisar que estamos indo para o Plaza. Ligue o carro! Lily descobriu outro grupo de peças...

A corrida pelas vias expressas, no meio do tráfego de Manhattan, parecia interminável. Mas, afinal, Nim freou barulhentemente o Morgan verde na porta do Plaza, dando um susto nos pombos. Corri para dentro, mas não vi Lily. Harry dissera que esperaria ali por nós, mas não encontrei ninguém. Fui ao toalete, procurando. Saí correndo, agitando os braços, e entrei no carro num pulo.

— Alguma coisa saiu errada — disse aos dois. — Na certa Harry também não encontrou Lily no bar do Plaza. Senão, ele teria esperado por nós.

— Talvez outra pessoa tenha encontrado Harry — resmungou Nim. - Alguém estava entrando no apartamento quando Lily saiu correndo. Essa pessoa deve ter percebido que ela encontrou as peças, e pode ter saído atrás dela. Neste caso, claro que haveria uma comissão de recepção para Harry...

Acelerou desnecessariamente o carro em ponto morto, de pura frustração.

— Para onde teriam ido? - perguntou-se. - Para o apartamento de Harry? Ou foram buscar as nove peças que estão com Mordecai?

— Vamos tentar primeiro o apartamento — respondi. — E mais perto. Além disso, quando telefonei para Harry, descobri que também podíamos providenciar uma comissão de recepção.

Nim encarou-me surpreso.

— Kamel Kader está aqui — expliquei. Solarin deu-me um apertão no ombro.

Todos nós compreendíamos perfeitamente a situação. Nove peças na casa de Mordecai, oito em minha bolsa, mais as seis que Lily encontrou no apartamento. O bastante para obter o controle do Jogo, e talvez também para decifrar a fórmula. Quem ganhasse a próxima batalha teria a guerra toda nas mãos.

Nim parou na entrada do edifício, saltou para fora e atirou as chaves para o porteiro, que não entendeu nada. Nós três corremos para dentro, sem uma palavra. Apertei o botão de chamada do elevador. O porteiro veio atrás de nós, também correndo.

— O senhor Rad já chegou? - perguntei, no momento em que a porta abriu-se a nossa frente.

Ele parou, indeciso, mas acabou dizendo que sim com a cabeça.

— Chegou há uns dez minutos. Com o cunhado.

Foi o bastante. Pulamos para dentro do elevador antes que o porteiro dissesse qualquer outra coisa. As portas já se fechavam quando vi, pelo canto do olho, algo se movimentando. Parei as portas à força, com a mão. Uma bolota de pelos veio a meu encontro a galope. Quando curvei o corpo para pegá-lo, vi as pernas de Lily, correndo pelo saguão do edifício. Puxei-a para dentro, também, e soltei as portas. O elevador começou a subir.

— Então você não foi apanhada! — gritei.

— Não, mas Harry foi. Tive medo de ficar esperando sozinha no Plaza e saí com Carioca, para esperarmos do outro lado da rua, no parque. Harry agiu como um idiota: deixou o carro no apartamento e caminhou até lá, para me encontrar. E foi seguido. Vi Llewellyn e Hermanold, bem atrás dele. Passaram por mim, sem me ver. Tive a

impressão de que não me reconheceram] Carioca estava dentro da bolsa, junto com as duas peças que peguei. Estão aqui.

Exibiu-nos a bolsa. Estávamos indo para a guerra com toda a munição de que dispúnhamos! Ela continuou:

— Eu os segui até aqui e fiquei do outro lado da rua, sem saber o que fazer. Vi quando levaram Harry para dentro. Llewellyn parecia perto demais dele; deve estar armado.

As portas do elevador escancararam-se e saímos para o saguão, com Carioca à frente de todos. Lily começava a procurar a chave na bolsa quando Blanche abriu a porta do apartamento, com um brilhante vestido branco de noite e o sorriso frio de sempre nos lábios. Tinha uma taça de champanhe nas mãos.

— Ora, finalmente! Todos juntos...

Ofereceu-me o rosto gelado para um beijo. Ignorei-a e ela voltou-se para Lily.

— Pegue esse cachorro e tranque-o no estúdio. Acho que já tivemos incidentes demais para um dia só.

— Espere um pouco — interrompi, quando Lily começava a obedecer. — Não viemos aqui para nenhum coquetel. O que você fez com Harry?

Passei diretamente por ela e entrei no apartamento. Nada parecia ter mudado nos seis meses em que não o vi, mas agora eu o olhava de modo diferente: o chão de mármore parecia um grande tabuleiro de xadrez. O cenário final, pensei.

— Ele está bem — respondeu Blanche, indicando-me a escada larga de mármore que levava à sala de estar.

Solarin, Nim e Lily vieram atrás de nós. No outro lado da sala, Llewellyn, de joelhos ao lado da arca chinesa, desmantelava as gavetas, retirando as quatro peças que Lily não tivera tempo de pegar. O chão em volta dele estava coberto de fragmentos de madeira. Levantou os olhos para mim, quando atravessei o amplo aposento.

— Olá, querida! — Levantou-se. — Fiquei muito feliz quando soube que você trouxe as peças que encomendei... Só que você não jogou da maneira esperada. Pelo que entendi, você mudou de lado... Fico triste... Sempre gostei muito de você!

— Nunca estive do seu lado, Llewellyn! - falei, com raiva.

— Quero ver Harry. Ninguém vai sair daqui antes que eu o veja. Sei que Hermanold também está aqui, mas nós ainda temos mais gente que vocês, mesmo assim.

— Não, não. Não é bem assim — disse Blanche, do outro lado da sala, servindo-se de mais champanhe.

Deu uma olhada rápida para Lily, que continuava com Carioca nos braços, e em seguida fixou em mim os olhos azuis gelados.

— Há alguns amigos seus lá nos fundos do apartamento... O senhor Brodski, da KGB, que na verdade trabalha para mim. E também Sharrif, que El-Marad teve a gentileza de enviar, a meu pedido. Faz tanto tempo que estão à espera de sua chegada... Passaram noite e dia aqui dentro. Mas parece que vocês resolveram fazer turismo no caminho.

Olhei de lado para Solarin e Nim. Deveríamos ter contado com alguma coisa como aquela.

— O que você fez com meu pai? — gritou Lily, caminhando para ela, de dentes cerrados.

Carioca, debaixo de seu braço, rosnava forte na direção de Llewellyn.

— Ele está no quarto dos fundos — respondeu Blanche, brincando com as pérolas do colar de que nunca se separava. — Está na mais perfeita segurança, e vai continuar assim se vocês todos resolverem ouvir a voz da razão. Eu quero as peças. Já houve violência demais. Tenho a certeza de que vocês também estão cansados disto... Não vai acontecer mais nada com ninguém, desde que vocês me entreguem as peças.

Llewellyn tirou um revólver do bolso.

— Para mim, a violência ainda não foi suficiente — disse, com voz pausada. Voltou-se para Lily. — Por que você não coloca esse monstinho no chão, para que eu possa fazer o que sempre quis?

Lily olhou-o, horrorizada. Pus a mão sobre o braço dela e procurei os olhos de Nim e de Solarin, que estavam tomando posição ao longo das paredes. Achei que já perdêramos muito tempo. Minhas peças continuavam todas em seus lugares.

— É óbvio que você não prestou atenção suficiente ao Jogo — disse eu para Blanche. — Eu tenho dezenove peças. Com as quatro que você logo vai me dar, são vinte e três... o bastante para decifrar a fórmula e vencer.

Vi, com o canto do olho, que Nim sorriu e acenou com a cabeça em minha direção. Blanche continuou me olhando, sem querer acreditar no que estava ouvindo.

— Você deve ter ficado louca! — disse ela, de repente. — Meu irmão está com uma arma apontada para você. Meu querido marido, o Rei preto, é prisioneiro de três homens no quarto dos fundos. E o objetivo do Jogo é imobilizar o Rei!

— Não o deste Jogo!

Caminhei pela sala na direção do bar, onde estava Solarin.

— E melhor você desistir — continuei. — Você não sabe quais são os objetivos, não conhece os movimentos, nem mesmo as peças! Não foi só você quem plantou um Peão, como Saul, em seu próprio território. Não é só você que tem aliados na União Soviética e na Argélia...

Parei no último degrau, com a mão na garrafa de champanhe, sorrindo para ela. A pele de Blanche, sempre pálida, adquiriu um tom de alvaiade. A arma de Llewellyn apontava para uma região de meu corpo que, desejei com todas as forças, não deixaria de abrigar um coração em movimento. Mas eu tinha a impressão de que ele não puxaria o gatilho sem antes ouvir tudo o que eu tinha para dizer. Solarin conseguiu me dar um apertão no cotovelo, por trás, sem que ninguém notasse.

— O que é que você está tentando dizer? — quis saber Blanche, mordendo os lábios.

— Quando telefonei para Harry e lhe disse para ir ao Plaza, ele não estava sozinho. Estava com Mordecai, com Kamel Kader e com Valerie, sua fiel empregada, que trabalha para nós. Eles não foram para o Plaza com Harry. Vieram para cá e entraram pela porta de serviço. Por que você não vai lá dar uma olhada?

- Foi exatamente então que o pandemônio começou. Lily pôs no chão o sempre alerta Carioca, que disparou na direção de Llewellyn. O antiquário hesitou um segundo entre o cachorro e Nim. Atirei a

garrafa de champanhe através da sala, fazendo pontaria na cabeça de Llewellyn. Quando ele puxou o gatilho e o corpo de Nim dobrou-se sobre si mesmo, eu já chegara até ele, agarrara seus cabelos e jogara-o contra o chão.

Rolei no chão, atracada com Llewellyn, e vi com o canto do olho que Hermanold entrara correndo na sala, mas tropeçara na perna que Solarin, providencialmente, deixara em seu caminho. Cravei os dentes no ombro de Llewellyn, ao mesmo tempo que Carioca lhe mordida a barriga da perna. Ouvei os gemidos de Nim, caído quase junto a nós, e percebi que Llewellyn tentava alcançar o revólver. Consegui pegar a garrafa e quebrei-a com toda a força em sua mão, acertando-lhe, ao mesmo tempo, uma violenta joelhada entre as pernas. Ele soltou um grito e eu me afastei um pouco para recuperar o fôlego. Vi Blanche correndo na direção da escada de mármore, mas vi também Lily agarrá-la por trás, pelo colar de pérolas. Quando ela começou a torcê-lo, Blanche esforçou-se para virar o corpo, mas seu rosto logo ficou arroxeadado.

Solarin agarrou Hermanold pelo colarinho, levantou-o e aplicou-lhe um murro no queixo, com uma violência difícil de se imaginar em um enxadrista. Tudo isso não levou mais do que um segundo. Logo me atirei sobre o revólver, enquanto Llewellyn ainda se contorcia, gemendo no chão, com as mãos entre as pernas.

Levantei-me, de arma em punho, e corri para Nim, ao mesmo tempo que Solarin.

— Eu estou bem — gemeu ele, enquanto Solarin lhe examinava rapidamente uma ferida sangrenta na virilha. - Vão procurar Harry!

— Você fica aqui - disseme Solarin, com a mão em meu ombro. - Eu vou cuidar de Harry.

Deu uma olhada preocupada para o irmão ferido e saiu correndo para a escada.

Hermanold estava caído sobre a escada de mármore, fora de combate, e Llewellyn, bem perto de mim, contorcia-se, aos gritos, com Carioca ainda agarrado pelos dentes na barriga de sua perna. As meias finas já estavam reduzidas a trapos sangrentos. Ajoelhei-me ao lado de Nim, que se esforçava para recobrar o fôlego, apertando com a mão a virilha. A mancha de sangue aumentava.

Lily continuava atracada com Blanche. Havia pérolas espalhadas por sobre todo o tapete. Comecei a ouvir vozes e ruídos secos, vindos do quarto dos fundos.

— E melhor que você sobreviva! - disse, baixinho, para Nim. - Depois de tudo o que você me fez passar, eu detesto a idéia de perdê-lo agora, sem ter uma chance para me vingar.

Vi que o ferimento era pequeno mas profundo, como um túnel estreito aberto na carne, logo acima da coxa. Ele me olhou com um sorriso.

— Você está apaixonada por Sacha?

Ergui os olhos para o teto, com um suspiro.

— Já vi que você está passando bem! — Ajudei-o a sentar-se no chão e dei-lhe o revólver. — É melhor eu ir para os fundos, ver se está tudo bem com ele.

Corri toda a extensão da sala, agarrei Blanche pelo cabelo, tirei-a de cima de Lily e virei seu rosto na direção da arma empunhada por Nim.

— Ele sabe atirar com aquilo — expliquei, com voz calma.

Lily correu comigo para os fundos do apartamento, onde os ruídos haviam terminado e reinava um silêncio suspeito. íamos entrando no quarto na ponta dos pés quando Kamel Kader saiu e quase esbarrou em nós. Quando nos identificou, me apertou a mão.

— Parece que as brancas desistiram — disse, feliz.

Lily e eu entramos correndo, enquanto ele se dirigia à sala de estar. Harry, sentado, esfregava a cabeça. Atrás dele, estavam Mordecai e Valerie, a empregada, que lhes abrira a porta de serviço com a chave. Lily atirou-se nos braços do pai, chorando de alegria. Harry acariciou lhe o cabelo e piscou-me um olho, sorrindo.

Olhei ansiosa, em volta — a tempo de ver Solarin dando o último nó na corda que atava Sharrif. Brodski, o homem da KGB, também estava no chão, enrolado por cordas como um animal caçado vivo. Solarin apertou-lhe a mordaca e voltou-se para mim.

— E meu irmão?

— Tudo bem. Não houve nada de muito sério com ele.

— Cat, querida... — chamou Harry. — Muito obrigado por ter salvado a vida de minha filha.

Voltei-me para ele e dei com o sorriso aberto de Valerie.

— Querria que meu irmonzinho estivesse aqui parra verr isto. Ele adorra uma boa brriga. Vai ficarr muito trriste, quando souberr...

Fui até ela e dei-lhe um abraço.

— Vamos ter muito tempo para conversar, depois - disse Harry.

— Agora, eu gostaria de me despedir de minha esposa.

— Eu tenho ódio dela! — gritou Lily. — Se Cat não tivesse me segurado, ela estaria morta, agora!

— Não, querida. Você não a mataria — disse Harry, beijando os cabelos da filha. — De todo modo, ela continua sendo sua mãe. Você não estaria entre nós se não fosse por ela. Nunca esqueça isso.

— Voltou para mim os olhos de cachorro triste. — E, de certa forma, a culpa é minha, também. Sabia quem ela era, quando me casei com ela. Casei-me por causa do Jogo.

Levantou-se, abatido, e saiu do quarto. Mordecai deu palmadinhas no ombro de Lily, olhando-a através das lentes grossas, com seu jeito de coruja.

— O Jogo ainda não terminou — disse ele. — De certa forma, está começando agora.

Solarin levara-me pelo braço para a enorme cozinha do apartamento de Harry. Enquanto os outros limpavam a bagunça dos cômodos vizinhos, ele apertou-me contra a mesa de cobre que ocupava 660 o centro do lugar. Seus lábios cobriram os meus com tanta paixão

e tanto calor que me senti como uma presa prestes a ser devorada. Suas mãos deslizaram por todo o meu corpo. Não consegui pensar em nada do que se passara no apartamento, nem no que ainda estava por vir. A vertigem do desejo tomou conta de mim. Senti os dentes de Solarin em meu pescoço, as mãos em meus cabelos, e fui ficando cada vez mais tonta e sem ação. Nossas línguas tornaram a se encontrar e eu percebi que estava gemendo. Finalmente, ele se afastou.

— Preciso voltar para a União Soviética — disse, dentro de meu ouvido, descendo os lábios por meu pescoço. — Tenho de pegar o tabuleiro. E a única forma de pôr fim ao Jogo...

— Eu vou com você.

Afastei-me um pouco, para poder olhá-lo nos olhos. Ele tornou a me apertar contra o corpo, beijando meu rosto. Agarrei-me a ele como uma naufraga agarra-se à tábua que flutua.

— Não. É impossível... Mas vou voltar... Prometo. Nem que me custe a última gota de sangue. Nunca vou deixar você.

A porta entreabriu-se e voltamo-nos para ela, ainda abraçados. Kamel apareceu na cozinha. Amparado por ele, vinha Nim, cambaleando, sem nenhuma expressão no rosto.

— Slava... — começou Solarin, ainda prendendo meu corpo com o braço, mas tentando caminhar na direção do irmão.

— A festa terminou — disse Nim, com um sorriso triste, cheio de compreensão e amor.

Kamel arqueou as sobrancelhas para mim, perguntando o que havia.

— Vamos, Sacha — continuou Nim. — Está na hora de acabar com o Jogo.

As peças brancas que havíamos tomado foram amarradas e cuidadosamente empacotadas em lençóis brancos. Carregamos o lote todo, através da cozinha e do elevador de serviço, até a limusine de Harry, que estava na garagem. Jogamos o bando todo — Sharrif e Brodski, Hermanold, Llewellyn e Blanche — na parte de trás, que era enorme. Kamel e Valerie entraram também pela porta traseira, com o revólver. Harry sentou-se ao volante e Nim a seu lado. A noite ainda não tinha caído de todo, mas já estava escuro o bastante para que ninguém de fora pudesse enxergar através dos vidros fumes.

— Vamos levá-los para a casa de Nim — explicou Harry.

— Kamel levará para lá, também, o barco em que vocês vieram.

— E só atravessar meu gramado e jogá-los no bote — riu Nim, ainda comprimindo a virilha com a mão. — Não tenho vizinhos bisbilhoteiros. Nem daria para ninguém ver nada...

— E que diabo vocês vão fazer com eles, depois de embarcados?

— Valerie e eu vamos levá-los para o alto-mar- respondeu Kamel.

- Quando estivermos fora das águas territoriais, vou fazer com que um barco-patrolha argelino os encontre. Meu governo vai capturar, com muita satisfação, os terroristas que conspiraram a

serviço do coronel Kadafi, contra a OPEP, e tramaram assassinar representantes dos países membros. E pode até ser verdade, mesmo! Desde o instante em que o coronel começou a se interessar por você, naquele banquete, fiquei desconfiado de que ele tinha um papel importante no Jogo.

— Que beleza de ideia! - Comecei a rir. - Vai nos dar tempo de sobra para o que temos de fazer, sem que eles tentem nos atrapalhar.

- Voltei-me para Valerie: — Quando chegar a Argel, dê um grande abraço em sua mãe e em seu irmão, por mim.

— Meu irmonzinho diz que você é muito corajosa — disse ela, apertando com força minha mão. — Ele quer que você volte logo para Algérie...

Harry, Kamel e Nim saíram em direção a Long Island com os prisioneiros. Tive a satisfação de pensar que Sharrif e Blanche, a Rainha branca, iriam conhecer por dentro uma daquelas prisões argelinas de que eu e Lily escapáramos por muito pouco.

Solarin, Lily, Mordecai e eu nos encaixamos no Morgan verde de Nim. Com todas as peças, inclusive as quatro que acabáramos de tirar da arca chinesa, fomos para o apartamento de Mordecai, no "bairro dos diamantes", para juntar tudo e começar o trabalho mais importante: decifrar a fórmula que tantos haviam cobiçado, durante tanto tempo. Lily sentou-se ao volante, eu aninhei-me no colo de Solarin e Mordecai foi colocado, como se fosse bagagem, no minúsculo espaço atrás dos bancos. Carioca acomodou-se confortavelmente no colo dele.

— Está bem, cachorrinho. — Mordecai sorriu e acariciou-o.

— Depois de tantas aventuras, você já deve ter aprendido a jogar xadrez!

- Depois, voltando-se para mim, acrescentou: - E, além das oito peças que vocês três trouxeram do deserto, temos as seis que tomamos das brancas! Que dia mais produtivo!

— Com as nove que Minnie disse que estão com você, são vinte e três!

— Vinte e seis! — Mordecai deu uma gargalhada seca. — As três que Minnie recuperou na União Soviética em 1951, e que Ladislaus

Nim e seu pai trouxeram para cá, também estão comigo.

— E mesmo! — gritei. — As nove que você possui são as que Talleyrand enterrou em Vermont! Mas de onde saíram as oito que Lily e eu trouxemos do deserto?

— Ah! Tem razão... Há algo mais que tenho de lhe dar, querida!
— Mordecai parecia mais alegre do que nunca. — Está em meu apartamento, junto com as peças. Nim deve ter contado que, quando se despediu dele nos penhascos, na União Soviética, Minnie entregou-lhe uns papéis muito importantes...

— É verdade — confirmou Solarin. — Papéis cortados de um livro. Eu vi. Lembro-me muito bem, embora fosse uma criança de seis anos, naquele tempo. Era parte do diário que Minnie entregou a Catherine? Desde que vi aquele diário, comecei a achar...

Mordecai interrompeu, sorrindo de modo enigmático:

— Você vai logo deixar de achar isto ou aquilo... Vai passar a saber. Aquelas folhas revelam o mistério final. O segredo do Jogo.

Deixamos o Morgan em um estacionamento próximo e fomos a pé para o apartamento de Mordecai. Solarin carregava a coleção de peças, pesada demais, agora, para qualquer um de nós.

Passava das oito horas da noite, O "bairro dos diamantes" já estava quase completamente escuro. Passamos por lojas e mais lojas, todas com as entradas protegidas por grades de ferro. A brisa arrastava folhas soltas de jornais pela rua. Era ainda o fim de semana do Dia do Trabalho. Tudo estava fechado.

Mordecai parou de repente e abriu com uma chave um portãozinho de ferro. Entramos atrás dele e demos com uma escada longa e estreita, que nos levou até a parte de trás do edifício. Ele destrancou outro portão, e saímos no saguão.

O apartamento era uma cobertura imensa. Candelabros pendiam do teto, a quase dez metros de altura. Todo um lado era ocupado por janelões panorâmicos, que refletiam a luz decomposta pelos prismas de cristal, quando ele acendeu as lâmpadas. Havia tapetes grossos e macios por todos os lados, arbustos viçosos, peças brilhantes de mobília em madeira encerada, peles, mesinhas cobertas de objets d'art e livros. Era mais ou menos o que meu apartamento poderia chegar a parecer, se fosse muito maior, e eu,

muito mais rica. Uma parede inteira era coberta por uma magnífica tapeçaria, que devia ser pelo menos tão antiga quanto o Xadrez de Montglane.

Solarin, Lily e eu afundamos em sofás macios, opulentos. Havia um tabuleiro de xadrez na mesa a nossa frente, com as peças em posição. Lily afastou-as com um safanão e Solarin começou a arrumar nossas peças, tirando-as uma a uma da bolsa.

Mesmo para o enorme tabuleiro de alabastro de Mordecai, as peças do xadrez de Montglane eram grandes demais. Nem por isso deixaram de nos parecer magníficas, refletindo as luzes dos candelabros.

Mordecai foi até a tapeçaria, afastou um dos cantos e abriu um cofre imenso, embutido na parede. Tirou dele a grande caixa que continha doze peças. Solarin correu para ajudá-lo.

Quando estavam todas posicionadas, ficamos os quatro a admirá-las. Lá estavam os Cavalos empinados, os solenes Elefantes, atualmente substituídos pelos Bispos, os Camelos com as Torres sobre os lombos. O Rei de ouro também se apresentava montado e a Rainha deixava-se conduzir em um palanquim... Tudo era recoberto de pedras preciosas e esculpido nos metais nobres com tamanha precisão de detalhes que artesão nenhum, nos últimos mil anos, teria sido capaz de reproduzir. Faltavam apenas seis delas: dois Peões de prata e um de ouro, um Cavalo de ouro, um Bispo de prata e o Rei branco, de prata. Era inacreditável que estivéssemos ali, vendo-as juntas, quase iluminados pelos reflexos que elas emitiam. Que mente extraordinária fora a de quem concebera a ideia de misturar coisas tão maravilhosamente bonitas com propósitos tão fatais!

Trouxemos também a capa e a estendemos na mesa grande, ao lado do tabuleiro. Senti que meus olhos saíram de foco diante das figuras que brilhavam de forma tão estranha, das cores extraordinárias das gemas - esmeraldas e safiras, rubis e diamantes, o amarelo dos topázios, o azul-claro das águas-marinhas, o verde pálido das olivinas, que quase reproduziam os olhos de Solarin... Ele debruçou-se no sofá e segurou minha mão. Continuávamos todos em silêncio.

Lily tirou da bolsa o papel em que fizéramos o diagrama dos movimentos das peças, deduzido ainda a bordo do barco, e colocou-o ao lado do tabuleiro.

— Quero que você veja outra coisa — disse Mordecai, dirigindo-se de novo ao cofre.

Voltou e entregou-me um pequeno pacote. Ergui os olhos para os dele, ampliados pelas lentes grossas dos óculos. O rosto enrugado abriu-se em um sorriso cúmplice. Estendeu a mão para Lily, indicando que a queria em pé.

— Vamos. Quero que você me ajude a preparar alguma coisa para o jantar. Vamos ter de esperar por seu pai e por Nim. Os dois vão chegar aqui famintos. Enquanto isso, sua amiga Cat pode ir lendo o que acabei de lhe dar.

Levou Lily, sob protestos, na direção da cozinha. Solarin aproximou-se de mim quando abri o pacote e tirei dele um maço de papéis dobrados. Como ele já tinha adivinhado, era o mesmo tipo de papel muito antigo que servira à freira Mireille para escrever seu diário. Tirei de minha bolsa o volume encadernado em couro — era fácil ver o lugar de onde as folhas tinham sido cortadas. Sorri para ele.

Solarin passou o braço sobre meus ombros e eu reclinei-me, afundando no ventre macio do sofá. Abri as folhas e comecei a ler. Era o último capítulo do diário de Mireille...

O RELATO DA RAINHA PRETA

As castanheiras estavam floridas, em Paris, quando deixei Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, na primavera de 1799, para retornar à Inglaterra.

A separação doeu-me, sobretudo porque estava grávida de novo. Uma nova vida crescia em mim, mas junto com ela gerava-se também a semente do mesmo objetivo obstinado: terminar com o Jogo de uma vez por todas.

Quatro anos se passariam antes que eu pudesse ver Maurice outra vez. Quatro anos durante os quais o mundo seria sacudido e modificado por muitos acontecimentos... Na França, Napoleão dissolveria o Diretório e assumiria o título de primeiro cônsul e, logo em seguida, o de cônsul vitalício. Na Rússia, Paulo I seria assassinado por um grupo de seus próprios generais, inclusive o amante de sua mãe, Plato Zubov. O misterioso, o místico Alexandre, que esteve a meu lado na floresta enquanto a abadessa morria, finalmente teria acesso à peça do Xadrez de Montglane conhecida por Rainha preta.

O mundo que eu conhecia — Inglaterra, França, Áustria, Prússia e Rússia — seria devastado pela guerra, mais uma vez. E Talleyrand, o pai de meus filhos, conseguiria finalmente a dispensa papal que eu lhe exigira, para se casar com Catherine Noël Worlée Grand — a Rainha branca.

Mas eu estava de posse da capa, do desenho que representava as posições no tabuleiro, e dezessete peças estavam praticamente a meu alcance. Não apenas as nove enterradas em Vermont, cuja localização exata eu já conhecia, mas também outras oito: as sete em poder de Madame Grand e a que pertencia a Alexandre. Sabendo de tudo isso, voltei à Inglaterra, a Cambridge, onde William Blake me assegurara que se encontravam os papéis de Sir Isaac Newton. O próprio Blake, que parecia sofrer de um fascínio mórbido

por coisas como aquelas, conseguira-me permissão para o estudo dos papéis.

Boswell morrera em maio de 1795, e Philidor, o grande mestre enxadrista, vivera apenas três meses mais que ele. A velha-guarda estava desaparecendo. Os relutantes defensores da Rainha branca eram aos poucos derrotados pela morte. Eu tinha de agir depressa, antes que ela tivesse tempo de recrutar seus substitutos.

Pouco antes de Shahin e Charlot voltarem do Egito com Napoleão, deu à luz uma menina, em Londres. Ela nasceu no dia 4 de outubro de 1799, exatamente seis meses após meu aniversário. Chamei-a de Elisa, em homenagem a Elissa, a Vermelha, aquela grande mulher que fundara a cidade de Cartago e que também cedera o nome à irmã de Napoleão. Mas, apesar de batizá-la assim, passei a chamá-la de Charlotte, não apenas por causa do pai, Charles-Maurice, e do irmão, Charlot, mas também em memória de outra Charlotte, que dera a vida pela minha.

Foi quando Shahin e Charlot se juntaram a mim, em Londres, que o trabalho começou. A noite, estudávamos, à luz de velas, os antiquíssimos manuscritos de Newton, suas muitas anotações e experiências. Mas tudo parecia em vão. Depois de meses, comecei a desconfiar de que nem mesmo aquele grande cientista conseguira desvendar o segredo. Foi então que me ocorreu que eu própria não sabia que tipo de segredo procurava.

— O Oito! — gritei, em uma noite em que estávamos em um salão de Cambridge, com vista para a horta, o mesmo lugar onde Newton realizara seus trabalhos, quase um século antes. — O que quer realmente dizer "o Oito"?

- No Egito, acreditava-se que havia oito deuses com precedência sobre os demais — disse Shahin. — Na China, acreditava-se nos Oito Imortais. Os hindus criem que Krishna, o Negro, o oitavo filho, tornou-se um imortal. Um instrumento da salvação humana. Os budistas acreditam em oito caminhos para o nirvana. Há muitos oitos na mitologia de todo o mundo...

- Mas todos significam a mesma coisa — interrompeu Charlot, meu pequeno filho, tão mais velho do que sua pouca idade sugeria. — Os alquimistas procuravam mais do que a transformação de um

metal em outro. Queriam a mesma coisa que os egípcios quando construíram as pirâmides, o mesmo que os babilônios quando sacrificavam crianças em oferenda a seus deuses. Os alquimistas sempre iniciavam seus trabalhos com orações a Hermes, que não era apenas o mensageiro encarregado de levar as almas dos mortos para o Hades, mas também o deus da cura.

- Shahin encheu demais sua cabeça com misticismo. O que estamos procurando é uma fórmula científica.

- Mas é isso, mamãe. Você não entende? Era por isso que invocavam Hermes. Na primeira fase dos experimentos, os primeiros dezesseis passos, eles obtinham um pó vermelho-escuro, um resíduo, que compactavam num bloco e que chamavam de "pedra filosofal". Na segunda fase, usavam o pó como catalisador para transmutar metais. E, na terceira e última, misturavam o pó a uma água especial, colhida num momento especial do ano: quando o Sol estava entre Aries e Touro. Todas as figuras dos livros mostram a mesma coisa. No dia de seu aniversário, quando a água que cai da Lua é pesada, a terceira fase tem início.

- Não estou entendendo — reclamei confusa. - E o que é essa água especial misturada com o pó da pedra filosofal?

- Chama-se al-Iksir — disse Shahin, baixinho. - Traz saúde, vida longa e cura todos os males.

- Mamãe! - Charlot olhou-me com expressão séria. - E o segredo da imortalidade. O elixir da vida.

Levamos quatro anos para chegar àquela situação no Jogo. Agora, embora soubéssemos o propósito da fórmula, desconhecíamos o modo de chegar a ela.

Em agosto de 1803, cheguei, com Shahin e meus dois filhos, ao balneário de Bourbon-l'Archambault, no centro da França — o lugar que cedeu o nome à casa real. E também o local para onde ia Maurice Talleyrand, todos os anos, naquele mês, à procura das águas termais.

Carvalhos velhíssimos e alamedas ladeadas por peônias em plena floração cercavam o balneário. Quando cheguei a uma das alamedas, na primeira manhã, vestida com o longo manto de linho

usado para os banhos, parei entre as flores e as borboletas e esperei até avistar Maurice.

Mudara bastante naqueles quatro anos que passamos sem nos ver. Embora eu ainda não tivesse chegado aos trinta, ele se aproximava dos cinquenta. Finas rugas lhe cobriam o rosto bonito: os cachos dos cabelos desempoados mostravam reflexos de prata ao sol da manhã. Quando me viu, parou onde estava, sem tirar os olhos de meu rosto, aqueles olhos fortemente azuis e brilhantes de que eu nunca deixara de lembrar, desde a primeira manhã, com Valentine, no estúdio de David.

Caminhou para mim como se já me esperasse e pôs a mão em meus cabelos, ainda me olhando intensamente.

— Nunca lhe perdoarei ter me ensinado o que é o amor e me condenado a viver sem ele. Por que não respondeu a minhas cartas? Porque desaparece e só reaparece pelo tempo suficiente para me partir de novo o coração, quando ele já quase se curou? As vezes, me surpreendo pensando em você e desejando que nunca a tivesse conhecido.

Em seguida, contradizendo as próprias palavras, agarrou-me com força em um abraço apaixonado, beijou-me os lábios, o pescoço, os seios. Como sempre, voltei a sentir o corpo todo tomado pela força avassaladora de seu amor. Mas lutei contra meu próprio desejo e afastei-o.

— Vou cobrar a promessa — consegui dizer, em voz fraca.

— Fiz tudo o que lhe prometi. Fiz até mais do que isso — respondeu Maurice com amargor. — Sacrifiquei tudo por você: minha vida, minha liberdade, talvez até minha alma imortal. Aos olhos de Deus, ainda sou um padre. Por você, casei-me com uma mulher que não amo e que nunca poderá me dar os filhos que quero. Enquanto você, que me deu dois, nunca me deixou vê-los.

— Estão aqui, comigo. Mas, antes, diga-me onde estão as peças da Rainha branca.

— As peças! — repetiu ele, com raiva. — Não se preocupe. Estão comigo. Tomei-as à traição de uma mulher que me ama, muito mais do que você jamais amou ou amará. E agora você chantageia-me

com nossos próprios filhos para tê-las! Meu Deus! Não consigo entender como posso querê-la tanto ainda.

Fez uma pausa. A amargura, que não podia ser disfarçada, misturava-se a uma paixão ainda poderosa.

— Parece o maior de todos os absurdos que não possa viver sem você!

Tremia ao peso da emoção. Suas mãos acariciaram meu rosto, meus cabelos.

Beijou-me ali mesmo, na alameda, onde, a qualquer momento, poderia surgir alguém. Como sempre, não fui capaz de resistir à força de seu amor. Retribuí os beijos, acariciei o corpo onde o roupão se abria.

— Desta vez — sussurrou ele — não vamos fazer um filho, mas vou fazer com que você me ame, nem que seja este o último ato de minha vida.

O rosto de Maurice pareceu mais cheio de beatitude do que o do mais sagrado dos santos quando viu pela primeira vez nossos filhos. Encontramo-nos na casa de banhos, à meia-noite, com Shahin de guarda à porta.

Charlot estava com dez anos e já começara a parecer o profeta que Shahin previra, com o farto cabelo ruivo que lhe descia até os ombros e os mesmos olhos azuis brilhantes do pai. Olhos que pareciam ver através do espaço e do tempo. Aos quatro anos, a pequena Charlotte fazia lembrar Valentine, quando criança. Foi ela quem cativou Talleyrand, em meio ao vapor do balneário de Bourbon-l'Archambault.

— Quero levar comigo estas crianças — disse ele, acariciando o cabelo loiro da menina, como se não fosse capaz de ficar sem tocá-la. — A vida que você insiste em levar não é para crianças. Ninguém precisa ficar sabendo de nosso parentesco. Comprei a propriedade de Valençay. Posso lhes dar terras e seus próprios títulos. Que a origem deles permaneça um mistério para todos. Só vou lhe entregar as peças se você concordar.

Ele tinha razão, eu sabia. Que tipo de mãe poderia eu ser para eles, quando o rumo de minha própria vida fora escolhido por poderes sobre os quais eu não tinha controle? Pude ver nos olhos de

Maurice que ele amava os filhos com uma dedicação talvez até mais forte que os laços que os prendiam a mim. Mas havia outro problema.

— Charlot tem de ficar comigo. Ele nasceu aos olhos da deusa. É ele quem vai decifrar o enigma, de acordo com a profecia.

O menino atravessou o vapor até o pai e colocou a mão em seu braço.

— Você será um grande homem, com muitos poderes. Viverá muito tempo, mas não terá outros filhos. Você deve levar minha irmã Charlotte e fazer com que ela se case com alguém de sua família, para que os filhos dela sejam ligados outra vez a nós, pelo sangue. Mas eu tenho de voltar ao deserto. É lá que está meu destino.

Talleyrand espantou-se, mas o menino ainda não concluía:

— Você deve cortar os laços que o ligam a Napoleão, pois ele está fadado ao fracasso. Se você escutar o que lhe digo, seu poder vai resistir a muitas mudanças no mundo. E você ainda tem de fazer outra coisa: tome a Rainha preta de Alexandre da Rússia. Diga-lhe que é para mim. Com as sete que você tem, são oito ao todo.

— Alexandre? — repetiu Talleyrand, procurando meus olhos em meio ao vapor. — Ele também tem uma peça? Mas por que iria entregá-la a mim?

— Porque você lhe dará Napoleão em troca — respondeu Charlot.

Talleyrand encontrou-se com Alexandre na Conferência de Erfurt. Seja qual for o pacto que tenham feito, tudo o que Charlot predissera tornou-se realidade. Napoleão caiu, voltou ao poder e tornou a cair, de uma vez por todas. Já perto do fim, percebeu que Talleyrand o traía.

— Monsieur — disselhe o corso, um dia, ao café da manhã, à frente de toda a corte —, o senhor não passa de um monte de merda num par de meias de seda.

Mas Talleyrand já obtivera a peça que estava na Rússia, a Rainha preta. Junto com ela, recebera dele também outra coisa de valor: um Pulo do Cavalo criado por um americano, Benjamin Franklin, que, acreditava-se, representava a fórmula.

Fui com Shahin e Charlot para Grenoble, levando as oito peças, a capa e o desenho que a abadessa fizera do tabuleiro. Lá no Sul da França, não longe do lugar onde o Jogo começara, encontramos o físico Jean Baptiste Joseph Fourier, que Charlot e Shahin já conheciam. Embora possuíssemos muitas peças, não eram todas.

Levamos trinta anos para decifrar a fórmula. Mas conseguimos.

Uma noite, na escuridão do laboratório de Fourier, nós quatro vimos a pedra filosofal formar-se no cadinho. Depois de incontáveis tentativas fracassadas, finalmente realizamos os dezesseis passos na ordem correta. O casamento do Rei vermelho com a Rainha branca — era este o segredo perdido mil anos antes. Calcinação, oxidação, congelamento, Fixação, solução, digestão, destilação, evaporação, sublimação, separação, extração, maceração, fermentação, putrefação, propagação e... projeção. Vimos os gases voláteis desprenderem-se dos cristais para o tubo, brilhantes como constelações. Os gases formaram cores ao se elevarem: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul e roxo, em gradação contínua — a cauda do pavão, como essa sequência já fora chamada. O espectro das ondas luminosas visíveis. Abaixo delas, havia apenas as ondas que só podem ser ouvidas, e não vistas.

Quando as cores desapareceram, os gases se dissolveram e vimos um resíduo vermelho-escuro depositar-se no fundo do vidro. Raspamos tudo aquilo e envolvemos o pó em cera de abelha, para mergulhá-lo na aqua philosophia — a água pesada.

Agora, só restava um problema: quem deveria beber a mistura?

Completamos o trabalho com a fórmula no ano de 1830. Sabíamos, pelos livros, que aquela bebida tanto podia dar a vida quanto matar, se a preparação não tivesse sido correta. Havia também outro problema: se o líquido a que conseguimos chegar fosse realmente o elixir, tínhamos de esconder imediatamente as peças do Xadrez de Montglane. Para isso, resolvi voltar ao deserto.

Tornei a atravessar o mar, temendo que fosse a última vez. Em Argel, fui com Shahin e Charlot à casbá. Havia lá uma pessoa que achei que poderia ser-me útil. Encontrei-a, depois de muita procura, em um harém, frente a uma grande tela, cercada de mulheres com rostos cobertos por véus, reclinadas em divas. Quando me recebeu,

olhou-me com seus olhos de um azul brilhante e o cabelo desarrumado; fez-me lembrar de David, tantos anos antes, quando Valentine e eu posamos para ele em seu estúdio. Mas o jovem que eu avistava agora se parecia muito mais com Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord. Na verdade, era quase uma reedição do bispo de Autun.

— Seu pai me mandou procurá-lo — disselhe.

Notei que era pouco mais jovem que Charlot.

O pintor olhou-me de maneira estranha.

— A senhora deve ser médium, então — sorriu. - Meu pai, Monsieur Delacroix, morreu há muitos anos.

Começou a torcer o pincel entre os dedos, ansioso para voltar ao trabalho.

— Estou me referindo a seu verdadeiro pai, Talleyrand.

— Tais rumores não têm o menor fundamento — respondeu, de forma seca.

— Eu conheço a verdade. Meu nome é Mireille e vim da França numa missão para a qual necessito de seu auxílio. Este é Charlot, meu filho e seu meio-irmão. E este é Shahin, nosso guia. Quero que você vá comigo ao deserto, onde pretendo devolver algo de imenso valor e poder ao solo a que pertence. Quero encomendar uma pintura sua para marcar o local e para avisar a quem se aproximar dele que é um lugar protegido pelos deuses.

Em seguida contei-lhe toda a história.

Levamos semanas e mais semanas para chegar ao Tassili. Finalmente, encontramos o lugar ideal, em uma caverna, para deixarmos as peças. Eugene Delacroix escalou a face da rocha para pintar o caduceu exatamente onde Charlot indicou. Lá fora, na face externa, repetiu a operação para reproduzir a Rainha branca, estilizando a forma de um labrys, sobre a pintura, já existente, da cena de caçada.

Quando terminamos o trabalho, Shahin trouxe o recipiente de aqua philosophia e um pequeno volume do pó — envolto em cera, para se dissolver lentamente, conforme a prescrição. Ergui o recipiente, sob os olhares atentos de Shahin e dos dois Filhos de Talleyrand.

Lembrei-me das palavras de Paracelso, o grande alquimista que chegou a pensar que descobrira a fórmula: "Seremos como os deuses." Levei o recipiente aos lábios e bebi o líquido.

Quando terminei a leitura do relato da Rainha preta, tremia da cabeça aos pés. Solarin apertou minha mão com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. O elixir da vida... Seria aquela a fórmula? Algo como aquilo poderia realmente existir?

Minha mente disparou. É verdade, pensei, que a engenharia genética descobriu, há pouco, a estrutura do ADN, o ácido desoxirribonucleico, a unidade da vida, a matéria-prima que, como o caduceu de Hermes, forma uma hélice dupla, lembrando um 8. Mas nada nos tratados científicos antigos jamais sugerira que aquele segredo fora descoberto antes. E de que forma uma substância capaz de transmutar metais poderia alterar também a própria vida?

Tornei a pensar nas peças e no local onde as encontrara. E fiquei mais confusa ainda. Minnie não dissera que ela própria as escondera no Tassili, sob o caduceu, no ventre profundo da rocha? Como poderia ela saber com exatidão o local onde se encontravam, se Mireille as colocara lá quase duzentos anos antes?

Foi então que me lembrei da carta que Solarin trouxera da Argélia e me dera na casa de Nim — a carta de Minnie. Com as mãos ainda trêmulas, tirei-a do bolso e abri o envelope, com Solarin sentado em silêncio a meu lado, bebericando o conhaque que nos servira há pouco. Sem olhar para ele, senti o peso de seus olhos Fixos em mim o tempo todo.

Desdobrei a carta e, antes mesmo de começar a ler, senti um arrepio gelado na espinha. A letra de quem escrevera a carta era idêntica à de quem escrevera o diário! Não fazia diferença que um texto estivesse em inglês moderno e o outro em francês arcaico. Ninguém seria capaz de reproduzir, com tamanha exatidão, aquela letra floreada, que saíra de moda havia séculos.

Voltei os olhos para Solarin. Ele também olhava para a carta, horrorizado e incrédulo. Nossos olhares se encontraram por um instante, mas logo voltaram ao papel, aberto sobre meu colo.

Minha cara Catherine,

Você agora conhece um segredo que poucas pessoas chegaram a aprender. Nem mesmo Aleksandr e Ladislaus desconfiam de que não são meus netos; na verdade, doze gerações se passaram desde que dei à luz seu ancestral, Charlot. O pai de Kamel, que se casou comigo apenas um ano antes de morrer, descendia de meu velho amigo Shahin, cujos ossos repousam sob a terra há mais de cento e cinquenta anos.

E claro que você pode preferir pensar que não passo de uma velha louca. Acredite no que quiser - você agora é a Rainha preta. Possui frações de um segredo tão poderoso quanto perigoso. Tem peças suficientes para decifrar a charada, como eu mesma fiz, há muitos anos. Mas está disposta a isto? A escolha é sua, e somente sua.

Se quer um conselho, sugiro que você destrua as peças para que nunca mais venham a ser causa de tanta dor e sofrimento quanto os que tive de suportar durante toda a minha longa vida. O que serve para fazer um enorme bem à humanidade pode servir também para a destruição e a maldição, como a História já demonstrou tantas vezes. Siga seu caminho — faça o que julgar melhor. Eu a abençoo.

Sua irmã em Cristo, Mireille

Fiquei imóvel, de olhos fechados, com a mão presa à de Solarin. Quando finalmente reabri os olhos, vi Mordecai a minha frente, com um braço protetor em volta dos ombros de Lily. Nim e Harry, que eu nem percebera que haviam chegado, estavam logo atrás deles. Todos se aproximaram e sentaram à volta da mesa que eu e Solarin havíamos escolhido. Sobre ela, as peças do Xadrez de Montglane.

— O que você acha de tudo isso? — quis saber Mordecai. Harry debruçou-se e acariciou minha mão, que ainda tremia.

— E se for tudo verdade?

— Se for verdade, é a coisa mais perigosa que alguém já ousou imaginar. — Eu não quis admitir, mas acreditava em tudo.

— Acho que ela tem razão. Deveríamos destruir as peças.

— Mas a Rainha preta agora é você — disse Lily. — Não precisa mais seguir as instruções de Minnie.

— Tanto Slava quanto eu estudamos física — acrescentou Solarin. — Temos três vezes mais peças do que Mireille tinha quando

decifrou a fórmula. Mesmo sem a informação contida no tabuleiro, seremos capazes de decifrá-la, também. E sempre posso tentar trazer o tabuleiro...

— Sem contar — interrompeu Nim, com o sorriso largo, ainda apertando a virilha — que eu gostaria muito de um pouco do tal elixir, agora, para curar todos os ferimentos...

Comecei a imaginar como seria o sentimento de me saber capaz de viver duzentos anos, ou mais... de ter a consciência de que, apesar de qualquer coisa que viesse a ocorrer, com exceção, talvez, de ser atirada de um avião em pleno voo, todas as feridas seriam cicatrizadas, todas as doenças seriam curadas.

Mas estaria eu disposta a dedicar trinta anos de minha vida a decifrar a fórmula? Talvez não levasse tanto tempo, mas, como eu pudera verificar pela experiência de Minnie, certamente aquilo se tornaria uma obsessão permanente. No caso dela, transformara-se em algo que destruía não só sua própria vida, mas também as vidas de todos os que ela conheceria. Valeria a pena levar uma vida como aquela, em vez de procurar ser feliz? Segundo suas próprias palavras, Mireille vivera duzentos anos de terror e perigo, mesmo depois de descobrir a fórmula. Não era de se admirar que estivesse abandonando o Jogo.

A decisão agora era só minha. Tornei a olhar as peças sobre a mesa. Seria fácil — Minnie não escolhera Mordecai apenas porque era enxadrista; ele era também joalheiro. Sem dúvida tinha todo o equipamento necessário, ali mesmo no apartamento, para analisar os metais das peças e rapidamente transformá-los em joias dignas de uma rainha. Mas, quando fixei a vista nelas, senti que jamais seria capaz de tomar tal decisão. Elas pareciam ter vida própria, uma vida interior. Parecia haver um laço entre nós — entre as peças do Xadrez de Montglane e mim. Um laço que eu não era capaz de cortar. Olhei em volta, para os rostos ansiosos.

— Eu vou enterrar as peças. Lily, quero que você me ajude. Trabalhamos bem em equipe. Vamos levá-las para algum lugar... Um deserto ou uma montanha. E Solarin voltará à União Soviética para obter o tabuleiro. Este Jogo tem de terminar. Vamos esconder o

Xadrez de Montglane de tal modo que, nos próximos mil anos, ninguém será capaz de encontrá-lo.

— Mas alguém fatalmente o encontrará um dia — disse Solarin, com voz suave.

Voltei-me para ele e alguma coisa mais profunda foi transmitida de um para o outro. Ele sabia o que deveria ser feito, e eu sabia que não nos veríamos por muito tempo, se minha decisão fosse levada a cabo.

— Pode ser que, daqui a mil anos — disse eu —, haja um tipo melhor de seres humanos povoando este planeta. Uma humanidade capaz de utilizar um instrumento como este para o bem de todos, e não como uma arma para obter o poder. Ou talvez, antes disso, os cientistas redescubram a fórmula de outra maneira qualquer. Se as informações contidas no Xadrez de Montglane deixarem de ser um segredo, passarem ao conhecimento comum, estas peças valerão menos que uma passagem de metrô.

— Então, por que não decifrar a fórmula já? — insistiu Nim.

— Vamos transformá-la em conhecimento comum.

Ele fora ao fundo do problema. Mas... a quantas das pessoas que eu conhecia eu desejava conceder a vida eterna? Não pensava apenas em vilões como Blanche ou El-Marad, mas também em patifes normais, como aqueles com quem eu trabalhava — Jock Uphan e Jean Philippe Petard. Seria uma boa coisa se gente como aquela vivesse para todo o sempre? E será que eu queria a responsabilidade de decidir?

Entendi finalmente o que Paracelso quis dizer quando escreveu que seremos como os deuses. Havia decisões que estariam sempre fora do alcance dos mortais, fosse qual fosse a nossa crença — nos deuses, nos espíritos totêmicos ou na seleção natural. Se nós adquiríssemos o poder de dar ou negar algo tão imenso, estaríamos brincando com fogo. Não fazia diferença o grau de responsabilidade de que nos julgássemos dotados. Se não mantivéssemos tal poder no mais absoluto segredo, para todo o sempre, como haviam feito os sacerdotes da Antiguidade, estaríamos o tempo todo na mesma posição dos cientistas que inventaram o primeiro "artefato nuclear".

— Não — respondi a Nim.

Fiquei em pé, olhando as peças que brilhavam sobre a mesa... as peças pelas quais eu arriscara a vida tantas vezes, sem hesitar. Vendo-as ali, perguntei a mim mesma se seria realmente capaz de enterrá-las e nunca mais, nunca, ser tentada a persegui-las. Harry sorriu e, como se tivesse adivinhado meus pensamentos, ficou em pé e veio até mim.

— Se existe alguém capaz disso, esse alguém é você. — Deu-me um de seus abraços de urso. — Foi por isso que, dentre todos, Minnie escolheu você. Ela achou que você tinha a força que nem ela própria possuía: a força necessária para resistir à tentação do poder que acompanha o conhecimento...

— Meu Deus! Você está conseguindo me fazer sentir como Savonarola ao queimar livros! Tudo o que quero é pôr as peças longe da possibilidade do mal, por algum tempo!

Mordecai voltou à sala com uma bandeja grande, cheia de petiscos com um aroma delicioso. Deixou Carioca sair da cozinha, onde, pela aparência da bandeja, ele estivera "ajudando" no preparo dos canapés.

Havíamos ficado todos em pé, de repente, esticando os músculos, andando pela sala enorme — as vozes elevadas, com aquela alacridade que sempre se segue a um longo período de pressões insuportáveis. Eu estava entre Solarin e Nim, beliscando as coisas da bandeja, quando Nim tornou a passar o braço sobre meus ombros. Seu irmão não pareceu se importar, daquela vez.

— Sacha e eu tivemos uma conversa. Você pode não estar apaixonada por meu irmão, mas ele a ama. Cuidado com as paixões russas! Elas são muitas vezes devastadoras.

Sorriu para Solarin, com uma expressão sincera de amor fraterno.

— Não é muito fácil me devastar — respondi. — E, além disso, sinto por ele o mesmo que ele por mim.

Solarin olhou-me, surpreso — não sei por quê. Com o braço de Nim ainda me envolvendo, ele agarrou-me pelos ombros e deu-me um demorado beijo na boca.

— Não vou roubá-lo de você por muito tempo — disse Nim, arrepiando meus cabelos. — Vou com ele para a União Soviética,

atrás do tabuleiro. Perder o único irmão uma vez já é o suficiente para a vida inteira. Desta vez, vamos juntos, seja lá para onde for.

Mordecai tornou a aparecer, fornecendo uma taça de champanhe para cada um de nós. Quando terminou a roda, apanhou Carioca do chão e ergueu um brinde.

—Ao Xadrez de Montglane — sorriu, com uma expressão de sabedoria antiga. — Que ele descanse em paz pelos próximos mil anos.

Bebemos todos, em resposta.

— A Cat e a Lily! — foi a vez de Harry erguer a taça. — Elas enfrentaram muitos perigos. Que vivam para sempre, com amizade e felicidade. Se não puderem viver para sempre, que pelo menos todos os seus dias sejam cheios de alegria. — Abriu um sorriso largo para mim.

Era a minha vez. Ergui a taça e olhei para cada um deles — o rosto de coruja de Mordecai; Harry, com seus olhos de são-Bernardo; Lily, bronzeada e bonita; Nim, com o cabelo ruivo de profeta e com os estranhos olhos bicolores, que pareciam capazes de ler meus pensamentos. E, finalmente, Solarin, cheio de energia e concentração, como se estivesse à frente de um tabuleiro de xadrez.

Eram meus melhores amigos, gente que eu amava de verdade. Mas eram mortais, como eu, e feneceriam, com o tempo. Nossos relógios biológicos continuariam seu movimento inexorável; nada seria capaz de retardar os ponteiros dos anos. Tudo de que fôssemos capazes teria de ser realizado em menos de cem anos, dentro do período que cabe aos seres humanos. Nem sempre fora assim... Houve gigantes na Terra, antes de nós, conta a Bíblia — homens de poder imenso, que viveram setecentos, oitocentos anos. O que saíra errado? Onde perdemos a capacidade de ser como eles? Sacudi a cabeça, mantive erguida a taça e sorri.

— Ao Jogo! - brindei. - Ao Jogo dos reis... O Jogo mais perigoso; o Jogo eterno. A partida que acabamos de vencer. E a Minnie, que lutou a vida inteira para evitar que essas peças caíssem nas mãos daqueles que as usariam de maneira errada, para seus propósitos de domínio sobre seus irmãos humanos. Que ela viva em paz, onde quer que esteja, e com nossas bênçãos...

— Apoiado! Apoiado! - trovejou outra vez Harry. Mas eu ainda não tinha terminado.

— E, agora que o Jogo terminou e que decidimos enterrar as peças, que tenhamos a força necessária para resistir a todas as tentações de tornar a trazê-las à luz!

Todos aplaudiram, entusiasmados. As taças foram esvaziadas entre tapinhas nas costas e abraços. Quase pareceu que estávamos tentando convencer a nós próprios.

Levei a taça aos lábios e virei-a para cima. Senti as bolhas deslizando pela garganta — secas, ardidas, até um pouco amargas. Quando a última gota passou da taça para minha língua, perguntei a mim mesma, durante um breve momento, algo que nunca teria resposta: qual seria o gosto, qual seria a sensação, se aquele líquido que escorregava garganta abaixo não fosse champanhe... e sim o elixir da vida?